



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE

*A pulsão de morte: genealogia de um conceito fundamental da
psicanálise*

Ana Augusta Brito Jaques

Rio de Janeiro

2015

Ana Augusta Brito Jaques

A pulsão de morte: genealogia de um conceito fundamental da psicanálise

Proposta de defesa de tese apresentada como requisito ao título de Doutora, ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: psicanálise.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge

Rio de Janeiro

2015

Para Sebastião e Zeida, meus pais, por todos os esforços de que foram capazes para assegurarem meus estudos. Obrigada por me mostrarem que essa seria a ferramenta principal de qualquer coisa que eu viesse a conquistar nessa vida.

Agradecimentos

À Profa. Dra. Doris Rinaldi pela transmissão primorosa da psicanálise, por sua ética e por seus incentivos.

À Profa. Dra. Nadiá Ferreira pela paixão pela psicanálise e pelos temperos literários com os quais nos apresenta a obra de Freud e Lacan.

À Profa. Dra. Denise Maurano por suas publicações inspiradoras, por seu sorriso constante e carinho.

À Profa. Dra. Betty Fuks por continuar presente no meu percurso, na minha vida, por tudo que me ensina, sem saber que ensina, pela amizade, pelos laços que outrora firmamos.

Aos Professores Doutores do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) pelas aulas maravilhosas.

Aos funcionários do Programa, pela atenção a mim dispensada.

À Raimundo Brito, Valquíria, Christiane, Cláudio e Marcelo pelo acolhimento na minha juventude.

À Vaner Lucchezi e Magnólia, pela dignidade, pelos incentivos e apoio.

Ao povo do Crato (CE), minha terra pátria, em reconhecimento às minhas raízes e aos meus valores.

Ao povo de casa, Fábio, Lucas e Enzo, minha gratidão por terem me ajudado, por terem me incentivado, por terem entendido. *“Nunca se esqueçam, nem um segundo, que eu tenho o amor maior do mundo. Como é grande o meu amor por vocês”*.

Agradecimento especial à Marco Antonio Coutinho Jorge,
por ter me dado um lugar no bonde, minha gratidão eterna, meu respeito,
minha admiração, minha amizade.

*Aos que me dão lugar no bonde [...]
Inda se escrevo o que não preste, [...]
- eu agradeço humildemente
Gesto assim vário e divergente,
Graças ao qual, em dois minutos,
Tal como o fumo dos charutos,
Já subo aos céus, já volvo ao chão,
Pois tudo e nada nada são.*

(Carlos Drummond de Andrade)

A pulsão de morte não é uma exigência de meu coração, considero-a apenas como uma concepção inevitável, tanto em termos biológicos, como lógico-psicológicos. O resto é consequência disso.

(Sigmund Freud, 1930)

Toda pulsão é virtualmente pulsão de morte.

(Jacques Lacan, 1960)

RESUMO

Diante do questionamento sobre as razões que levaram Sigmund Freud a formular o conceito de pulsão de morte rastreamos os passos do criador da psicanálise na construção desse conceito. Que lugar na teoria psicanalítica deve ser reservado à pulsão de morte enquanto conceito fundamental? É correto pensar na pulsão como o elemento que leva Freud a pensar metapsicologicamente? A psicanálise é criada como método de abordagem para os problemas psíquicos inconscientes. Segundo Freud, tais problemas tem sua origem em questões sexuais. A pulsão é o conceito criado para abordar a sexualidade humana. Essa pesquisa mostra que a ideia de pulsão antecede os demais conceitos freudianos, apesar de não estar nomeada nos textos anteriores a sua conceituação em 1905. Verificamos que Freud segue o rastro apontado pela bissexualidade denunciada pela histérica. A histeria desperta o interesse e a genialidade de Freud, arrastando-o para um campo 'além', numa aposta teórica sem precedentes. Tais enigmas doravante instigam Jacques Lacan levando-o a afirmar que toda pulsão é virtualmente pulsão de morte.

Palavras-chave: Inconsciente. Neurose. Sexualidade. Pulsão de vida. Pulsão de morte.

ABSTRACT

Before the question about the reasons that led Sigmund Freud to formulate the concept of the death drive traced the creator of psychoanalysis steps in building this concept. What place in psychoanalytic theory should be reserved to the death instinct as a key concept? Is it correct to think of the drive as the element that leads Freud to think metapsychologically? Psychoanalysis is created as a method of approach to the unconscious psychic problems. According to Freud, these problems have their origin in sexual matters. The drive is the concept created to address human sexuality. This research shows that the idea of instinct precedes the other Freudian concepts, although not named in previous texts to its concept in 1905. We found that Freud follows the trail appointed by bisexuality denounced by hysterical. The hysteria arouses the interest and the genius of Freud, dragging it to a 'beyond' field on an unprecedented theoretical bet. Such puzzles now instigate Jacques Lacan leading him to state that every drive is virtually death drive.

Keywords: Unconscious. Neurosis. Sexuality. Life drive. Death drive.

RÉSUMÉ

Avant la question sur les raisons qui ont conduit Sigmund Freud à formuler le concept de la pulsion de mort tracé le créateur d'étapes de la psychanalyse dans la construction de ce concept. Quelle place dans la théorie psychanalytique doit être réservée à l'instinct de mort comme un concept clé? Est-il exact de penser au lecteur que l'élément qui conduit Freud à penser métapsychologiquement? La psychanalyse est créée comme une méthode d'approche des problèmes psychiques inconscients. Selon Freud, ces problèmes ont leur origine dans les questions sexuelles. Le lecteur est le concept créé pour aborder la sexualité humaine. Cette recherche montre que l'idée de l'instinct précède les autres concepts freudiens, mais ne sont pas citées dans les textes antérieurs à son concept en 1905. Nous avons constaté que Freud suit la piste nommée par la bisexualité dénoncée par hystérique. La hystéria suscite l'intérêt et le génie de Freud, le faisant glisser vers un «au-delà de» champ sur un pari théorique sans précédent. Ces énigmes fomentent désormais Jacques Lacan l'a amené à dire que chaque lecteur est pratiquement pulsion de mort.

Mots-clés: Inconscient. Névrose. La sexualité. Pulsion de vie. Pulsion de mort.

RESUMEN

Ante la pregunta sobre las razones que llevaron a Sigmund Freud para formular el concepto de la pulsión de muerte recorrimos a través de los pasos del creador del psicoanálisis la construcción de este concepto. ¿Qué lugar en la teoría psicoanalítica debería reservarse a la pulsión de muerte como un concepto clave? ¿Está correcto pensar en la unidad como el elemento que da Freud a pensar metapsicológicamente? El psicoanálisis se crea como un método de acercamiento a los problemas psíquicos inconscientes. Según Freud, dichos problemas tienen su origen en cuestiones sexuales. La unidad es el concepto creado para hacer frente a la sexualidad humana. Esta investigación muestra que la idea del instinto precede a los demás conceptos freudianos, aunque no nombrados en los textos anteriores a su concepto en 1905. Encontramos que Freud sigue la estela designado por la bisexualidad denunciado por histérica. La histeria despierta el interés y el genio de Freud, arrastrándola a un campo "más allá" en una apuesta teórica sin precedentes. Tales rompecabezas ahora instigan Jacques Lacan analista líder francés al afirmar que cada unidad es prácticamente pulsión de muerte.

Palabras clave: Inconsciente. Neurosis. La sexualidad. La pulsión de vida. La pulsión de muerte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Circuito pulsional	302
-------------------------------------	-----

LISTA DE ABREVIATURAS

Q = Quantidade (em geral, ou da ordem de magnitude no mundo externo)	90
Qn = Quantidade (da ordem da magnitude celular)	91
N = Neurônio	91
\square = sistema de neurônios permeáveis.....	90
Ψ = sistema de neurônios impermeáveis.....	90
Ω = sistema de neurônios perceptuais.....	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

CAPÍTULO 1 – O MODO FREUDIANO DE ESPECULAÇÃO FILOSÓFICA

- 1.1. Freud e a filosofia 23
- 1.2. Freud e o consciencialismo filosófico 27
- 1.3. Por que a metapsicologia? 40
- 1.4. Pré-história do conceito de pulsão: e no caminho havia uma histérica 49
- 1.5. De volta à Viena: primórdios clínicos 52
- 1.6. Cartas, rascunhos e neuropsicoses de defesa 75
- 1.7. A exigência teórica: *O projeto para uma psicologia científica* 88
 - 1.7.1. A natureza de *Q* 99
 - 1.7.2. O engavetamento do ingavetável 104
- 1.8. A hereditariedade e a etiologia das neuroses 106

CAPÍTULO 2 – O PRIMEIRO DUALISMO PULSIONAL

- 2.1. O conceito de pulsão 115
- 2.2. O período Fliess e a bissexualidade denunciada na histeria 135
- 2.3. Bissexualidade e seu estatuto na teoria psicanalítica 141
- 2.4. Variantes evolucionistas do conceito de pulsão 144
- 2.5. O recalque orgânico 160
- 2.6. Sobre o narcisismo: algumas considerações 165

CAPÍTULO 3 – O SEGUNDO DUALISMO PULSIONAL

- 3.1. Sabina Spielrein e a pulsão de morte 175
 - 3.1.1. Era uma vez... 176
 - 3.1.2. Historiadores, autores contemporâneos e Sabina Spielrein 184
 - 3.1.3. Bastidores históricos 191

3.1.4. <i>A destruição como causa do devir</i>	195
3.2. Influências filosóficas na elaboração do conceito de pulsão de morte	
3.2.1. Freud e Schelling	212
3.2.2. Freud e Platão	214
3.2.3. Freud e Empédocles	217
3.2.4. Freud e Kant	219
3.2.5. Freud e Schopenhauer	224
3.3. Sobre as neuroses traumáticas e a estranheza da repetição	234
3.3.1. Breves considerações clínicas	245
3.4. O conceito de pulsão de morte	253
3.5. Derivações do conceito de pulsão de morte	260
3.5.1. A face cruel da pulsão de morte	260
3.5.2. Freud, Einstein e Derrida: da crueldade desde sempre	277

CAPÍTULO 4 – LACAN E A PULSÃO DE MORTE

4.1. Considerações lacanianas sobre a produção de <i>Além do princípio de prazer</i>	287
4.2. A teoria lacaniana da pulsão	295
4.3. Sobre <i>das Ding</i>	310
4.4. A Lei fundamental e sua relação com <i>das Ding</i>	321
4.5. Lei e desejo	324
4.6. O problema da sublimação	326
4.6.1. O amor cortês	340
4.6.2. Da imprescindível vicissitude pulsional	345
4.7. Breves considerações sobre o gozo	348
4.7.1. Sobre o Bem	356
4.7.2. Sobre o Belo	357

CONSIDERAÇÕES FINAIS 362

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 378

INTRODUÇÃO

No momento em que submeto a presente tese à banca examinadora é curioso pensar donde provém meu interesse pessoal pela questão abordada nessa pesquisa de doutorado: a pulsão de morte.

Em 1984, iniciei a graduação em Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e na grade curricular daquela época não constava nenhuma disciplina de psicanálise. Paradoxalmente, uma professora da área cognitivo-comportamental me apresentou a psicanálise ao solicitar um candidato para expor em sala de aula o texto *Fetichismo* (1927), de Freud, tarefa para a qual eu me voluntariei. O fascínio tomou conta de mim durante a leitura do texto freudiano e passei a querer saber daquela teoria. Ao final da graduação em psicologia, procurei um grupo de estudos em psicanálise, uma vez que eu não havia tido a oportunidade de estudá-la na universidade. Após muito insistir fui aceita a frequentar o grupo de estudos, cujos encontros eram semanais. Na primeira reunião que frequentei estava sendo abordado um tema absolutamente desconhecido por mim e nunca antes eu havia ouvido falar daquele termo: pulsão. Silenciosa, pois nada sabia, nem nada entendia, frequentei assiduamente aquele grupo durante alguns meses, quando, em 1989, decidi mudar-me para o Rio de Janeiro para estudar psicanálise. Assim nasceu o meu interesse pela psicanálise. Na verdade, assim nasceu meu interesse em querer saber o que vem a ser a pulsão.

Residente em terras cariocas, em 1997 ingressei no Exército Brasileiro e, dentre outras funções, passei a trabalhar no processo seletivo de militares voluntários para a missão de paz no Timor Leste, gerenciada pelas Nações Unidas. Minha equipe de trabalho era composta por psicólogos não psicanalistas. Nessa época eu já tinha concluído o Curso de Especialização em Psicanálise da Universidade Santa Úrsula (USU-RJ). Nas dinâmicas grupais de trabalho com a tropa eram veiculadas palavras que me interrogavam, que me faziam questão, cujo sentido eu passei a buscar na psicanálise. Os discursos neurotizados de muitos militares egressos da missão no Timor Leste evidenciavam o horror, a violência, o choque cultural, a deparação com a miséria e fome do povo timorense, com a destruição provocada pela guerra. Hoje eu diria que era um discurso que carregava os efeitos da pulsão de morte.

Em 2003, o Exército Brasileiro me enviou ao Timor Leste para observar *in loco* a tropa brasileira, de modo a rever o trabalho psicológico que estava sendo desenvolvido no Brasil. Nunca antes uma militar brasileira havia ido a esse tipo de missão pelas Nações Unidas. Em terras timorenses me deparei com um cenário de destruição, pobreza, muita tensão e iminência de conflitos armados a qualquer momento. Apesar disso, ouvi individualmente os 52 militares que lá estavam, além de efetuar reuniões com a tropa que chegava em substituição a outra. Eram relatos desgastados, atravessados pela experiência da guerra. De fato, a angústia é o afeto que não engana. Inclusive a minha própria. Mas a profissão militar impõe alguns quesitos que são abraçados por quem se identifica com essa carreira: apesar do medo e dos pesares, o militar segue em sua missão. O fato do militar nunca agir sozinho e sem planejamento, e de nunca ser abandonado ou deixado para trás, alivia o sentimento de desamparo inerente a tais situações. Muito embora tais injunções não eliminem as consequências dos excessos inassimiláveis pelo sujeito, seja na guerra, seja na paz. Quem nunca foi pra guerra, quem nunca esteve num cenário adverso, não sabe como é que é. A atmosfera é diferente, o cheiro é diferente, a fotografia é diferente. É o cenário da ausência de garantias. É o lugar do desaparecimento das fronteiras. É o lugar sem limite. Paradoxalmente é também um lugar de esperança, porque no meio do caos há vida que quer viver, porque é preciso que Eros vença Tântatos. No decorrer do texto o leitor poderá ler alguns breves fragmentos clínicos derivados de minha experiência clínica com militares egressos do Timor Leste, Haiti, Sudão do Sul, alguns em atendimento ainda.

Em 2005, passei a frequentar o Curso de Especialização em Psicologia Clínica da PUC-RJ, coordenado pela Professora Doutora Maria Anita Carneiro Ribeiro, e iniciei academicamente pesquisas sobre o mal estar na contemporaneidade, supervisionada pela Professora Doutora Glória Sadala, a partir da experiência derivada do Timor Leste.

Ao término da pós-graduação na PUC-RJ ingressei na primeira turma do Mestrado Profissional em Psicanálise da Universidade Veiga de Almeida (UVA). Passei a dialogar sobre algo que me inquietava, oriundo do trabalho que eu ainda desenvolvia com os contingentes do Timor Leste e os novos que seguiam para a missão de estabilização da paz no Haiti, também sob a égide na ONU. Havia algo na fala dos militares egressos do Haiti que eu não sabia qualificar; algo de ordem obscura e

enigmática. No mestrado, de mãos dadas à Professora Doutora Betty Fuks, rastreamos o conceito de crueldade na obra de Freud e localizamos na *Traumdeutung* (1900), no “Sonho do besouro de maio” o emprego da expressão “pulsão de crueldade”, como uma das faces da pulsão de morte.

No atual Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) passamos a pesquisar mais especificamente a construção do conceito de pulsão de morte e sua importância teórica na psicanálise. Certa vez, durante uma orientação de doutorado, meu mestre, Professor Doutor Marco Antonio Coutinho Jorge, me endereçou a seguinte questão: “o que levou Freud para a pulsão?”. Pontuação que me arremessou de volta às minhas próprias questões: o que me levou para a psicanálise? Segurando na mão de Freud digo que foi por querer saber onde ia dar. Esse foi o espírito investigativo freudiano ao longo da elaboração do conceito de pulsão, e que será mostrado no decorrer dessa tese.

A pesquisa de doutorado se encaminha no sentido de mapear os passos freudianos na construção do conceito de pulsão de morte. Freud segue a trilha deixada pela histérica e descobre as implicações da sexualidade perversa e polimorfa na composição neurótica. Na verdade a histérica revela muito mais que a sexualidade: revela a composição humana bissexual – assunto dialogado por dezessete anos com Fliess, seu principal interlocutor.

Nessa perspectiva, o texto a seguir historiciza os passos freudianos em torno da construção do conceito de pulsão de morte desde 1886, evidenciando o bastidor acadêmico vivido por Freud, trazendo à tona as facilidades e dificuldades solitariamente enfrentadas pelo criador da psicanálise. Temos por objetivo apontar como a noção de pulsão está presente desde o início no pensamento freudiano, muito embora não nomeada, e por essa via buscar elementos que deem sustentação ao que propomos nessa tese: discorrer sobre a história da construção do conceito de pulsão de morte, justificando o seu lugar enquanto conceito fundamental. Tentaremos mostrar que é a pulsão que leva Freud a pensar metapsicologicamente, possibilitando, dessa forma, a inauguração de um novo método de tratamento psíquico. E é por pensar em termos metapsicológicos que Freud cria a psicanálise.

No primeiro capítulo, apresentamos a pré-história do conceito de pulsão, emoldurada pelo modo freudiano de especulação filosófica. O recurso à filosofia cumpre uma função legitimadora e antecipadora do conceito de pulsão de morte. Relatamos a necessidade de Freud em rebater o consciencialismo filosófico por estar em oposição a sua concepção acerca do inconsciente, e assim dar lugar à sua obra. Nesse contexto, Freud especula em termos metapsicológicos descrevendo os processos psíquicos em termos econômicos, dinâmicos e tópicos. A metapsicologia significa a demarcação da fronteira definitiva entre a psicanálise e a filosofia, na medida em que ela é invocada para conferir linguagem aos processos inconscientes. Ao longo dessa primeira parte da tese é possível perceber o tempo vivido por Freud, as resistências a seu pensamento, a importância de Charcot, as dificuldades pessoais e financeiras, a clínica e as percepções iniciais, e a tentativa de uma resposta científica frente aos ditames acadêmicos da época, materializados no *Projeto para uma psicologia científica*. A análise do texto de 1895 é reveladora por conter em estado embrionário a noção do que Freud designará por pulsão de morte.

Os textos iniciais da psicanálise atestam quão criterioso é Freud em suas investigações. A clínica com a histérica desperta o interesse de Freud por aludir a algo enigmático, da ordem do exagero e de alterações na distribuição normal das quantidades estáveis de excitação. Observações que levam Freud a concluir que os histéricos funcionam com um excesso de excitação no sistema nervoso. A hipnose serve de instrumento de aproximação dos processos psíquicos, diante e a partir dos quais enigmas batem à porta de Freud. Com uma ética singular, o criador da psicanálise salienta o descaso de Charcot para com os fatores psíquicos, os quais resultaram em desorientação para o grande observador parisiense, levando-o à criação artificial de um tipo clínico.

Na primeira parte dessa pesquisa de doutorado, é possível observar Freud posicionado diante dos enigmas iniciais em torno da histeria. Ao invés de ceder aos embates teóricos da época e dos recursos à propriedade intelectual dos autores, revelamos Freud atento ao que considera essencial para o entendimento da neurose, ou seja, à existência de fatores psíquicos e à excitação dos processos nervosos. Ao longo de todos os textos anteriores a 1905, Freud alude a “algo” que só pode ser descrito como “soma de excitação”. Mostraremos ao leitor que, desde 1893, Freud opera uma distinção

entre o psíquico e o somático, e que será na delimitação dessa fronteira que será instalado o conceito de pulsão. Por exemplo, a noção de pulsão como força constante remete a 1894, quando Freud conclui haver uma excitação permanente nos processos psíquicos. Nesse momento, a pulsão como tal ainda não está definida, mas os elementos que a determinarão já estão presentes no pensamento freudiano, tais como a representação e o *quantum* de afeto. Nesse mesmo ano, Freud passa a usar o termo *Trieb* num sentido aproximado do conceito que será formulado em 1905. É também em 1894 que usa pela primeira vez o termo libido. A partir de 1896, o despertar para a fantasia abre as portas para a descoberta da sexualidade infantil e para o complexo de Édipo, os quais, junto com a percepção das moções pulsionais inconscientes, contribuem decisivamente para a conceituação da pulsão, que advirá em breve.

No segundo capítulo, abordamos o primeiro dualismo pulsional. As considerações em torno da libido, agora tomada como psíquica, permite a Freud entender o desejo como sexual e objetivando a satisfação através de objetos. Freud abandona a teoria da sedução e muda suas considerações sobre a etiologia neurótica. De acordo com os novos entendimentos, as causas da neurose devem ser buscadas em fatores emergentes da vida sexual. A pulsão é elevada à categoria de conceito para abordar a sexualidade humana.

Em 1905, Freud define a pulsão, conceito básico que permanece sem modificações ao longo de toda a obra. Introduce necessariamente a noção de parcialidade da pulsão, consideração que será muito importante para a concepção do conceito de pulsão de morte posteriormente. Em 1914, apresenta o narcisismo, cuja distinção entre libido do eu e libido do objeto serve de base para a antítese entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais. Em 1915, situa em definitivo o conceito de pulsão na fronteira entre o somático e o psíquico. As linhas iniciais do texto de 1915 indicam o que irá perdurar, ou seja, que a pulsão é movimento de força constante. É nesse momento teórico que o autor nos apresenta os quatro elementos pulsionais: *Drang*, *Ziel*, *Objekt* e *Quelle*. Fundamentalmente Freud nos diz que todo o corpo é pulsional e que o objetivo final da pulsão é a satisfação, noção que estará imbricada na definição de pulsão de morte.

Ainda no segundo capítulo, discorreremos sobre o período de interlocução com Fliess, notadamente a questão da bissexualidade explicitada pela histérica. Fliess representava a plateia de um homem só, absolutamente necessária para Freud, apesar

dos predicados racionais adjetivarem tal relação de estranha. A correspondência entre esses dois homens lança luzes em muitos pontos da teoria psicanalítica, desde a personalidade de Freud até as tentativas, muitas vezes frustradas, de esclarecimento das leis e processos atuantes nas profundezas da mente humana. A troca de cartas entre Freud e Fliess compreende os anos de 1887 a 1904. O tema principal dessa correspondência era a bissexualidade, noção que dá sustentação à teoria da sexualidade freudiana. E, como indicou Marco Antonio Coutinho Jorge (2008), não por acaso, em 1905, Freud conceitua a pulsão.

Ainda no segundo capítulo, abordamos a importância de Charles Darwin para Freud, citado por ele vinte vezes em sua obra. Apesar das vidas de Freud e Darwin terem coincidido por mais de um quarto de século, os dois jamais se encontraram. Do biólogo provêm as influências quanto ao rigor necessário a um pesquisador. Para Freud, Darwin era o ‘grande Darwin’ e, aos setenta e um anos ainda arrolava o estudo da evolução como uma disciplina necessária à formação dos analistas.

E, para finalizar as considerações em torno do primeiro dualismo pulsional, seguindo as formulações desenvolvidas por Coutinho Jorge, tecemos algumas considerações sobre o recalque orgânico, uma vez que a compreensão do homem como ser pulsional, e não instintual, está no cerne da teoria psicanalítica. O capítulo é finalizado com a análise mais pormenorizada sobre o narcisismo, momento em que introduzimos as considerações lacanianas dispostas em *O Seminário, Livro 1* (1953-1954).

No terceiro capítulo, apresentamos o segundo e último dualismo pulsional elaborado por Freud. O texto é iniciado com a história de Sabina Spielrein, segunda mulher a se filiar no círculo psicanalítico da época. Alguns autores discutem sobre a quem deve ser atribuída a paternidade do conceito de pulsão de morte, tendo em vista que Spielrein utiliza antes de Freud a expressão ‘pulsão de morte’, no texto *A destruição como causa do devir*, publicado em 1912. Em *Além do princípio de prazer* (1920), Freud faz uma referência a seu texto. Na nota, Freud esclarece que a autora discorre sobre os componentes destrutivos da pulsão sexual. A querela em torno de Spielrein a torna conhecida em razão de seu esquecimento nos anais e discussões psicanalíticas desde então. Buscamos esclarecer que a autoria do conceito de pulsão de morte é obra intelectual freudiana, fruto de anos de pesquisas, sobre as quais a jovem e exemplar

estudante russa, se debruçou antes de escrever o texto em questão. É muito importante o fato de Spielrein antecipar algumas ideias que serão desenvolvidas por Freud. Da mesma maneira, a atenção dada pela autora à fala antecipa a importância que Lacan irá conceder à linguagem. Spielrein foi amante de Jung e aluna de Freud, fato que torna essa história mais fascinante e, junto com os aspectos teóricos relativos à pulsão de morte, julgamos importante expô-la ao leitor nesse trabalho.

Em seguida, trazemos algumas considerações sobre as influências filosóficas na elaboração do conceito de pulsão de morte. Essa parte se justifica porque *Além do princípio de prazer* (1920) significa o ápice da especulação freudiana. Tudo que se segue no texto é especulação, conforme nos escreve o próprio autor.

Avaliamos necessário tecer comentários sobre as neuroses traumáticas e a repetição por serem elementos teóricos que estão na base da elaboração do conceito de pulsão de morte. Em 1919, Freud escreve *O estranho*, texto escrito de forma concomitante a *Além do princípio de prazer*, publicado em 1920, muito embora o próprio autor forneça evidências de sua conclusão um ano antes. De acordo com Freud, a repetição do mesmo carrega algo de estranho, que comparece a cada repetição. Isso significa que no inconsciente existe algo que se repete compulsivamente, algo relacionado à natureza das pulsões.

Discorrer sobre o elemento mais importante e mais obscuro da pesquisa freudiana é tarefa audaz. Na tentativa de enriquecer esse trabalho de pesquisa, apresentamos breves extratos clínicos, derivados de minha experiência com militares brasileiros. Seguimos então, com a análise do conceito de pulsão de morte, a partir do texto de 1920, momento em que o leitor atento perceberá as pistas teóricas deixadas em todos os textos freudianos anteriores. Em seguida, agregamos a nossa pesquisa considerações sobre a face cruel da pulsão de morte porque relacionadas com a prática clínica que deu suporte e elementos para esse trabalho.

Propomos, como capítulo final, a abordagem que Lacan confere à pulsão enquanto conceito fundamental. Lacan restitui aos conceitos fundamentais da psicanálise a importância que lhes é devida. Ou seja, o lugar que eles tinham ao serem criados por Freud, razão pela qual se justifica a particularização de suas considerações nesta pesquisa. Nosso recorte leva em consideração o disposto no *Seminário 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954) e no *Seminário 5, As formações do*

inconsciente (1957-1958) para trazer as considerações lacanianas acerca da escrita de do texto de 1920. Para Lacan restava algo incompreendido por Freud, algo que retornava. É para reencontrar o sentido de sua experiência que Freud escreve *Além do princípio de prazer* (1920). Então, com Lacan, mostramos que Freud parte da concepção do sistema nervoso como aquele que tende a retornar à homeostase para daí proceder à formulação do conceito de pulsão de morte. O texto de 1920 representa a defesa do dualismo pulsional.

O Seminário da Ética (1959) juntamente com *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), dão o relevo necessário para entender o que Lacan postula acerca da pulsão de morte, sobre *das Ding*, sobre a sublimação e sobre o gozo. Contribuições que lançam luzes na compreensão de que *além* revela um ponto de obscuridade indicativa daquilo que se nomeia por pulsão de morte. *Além* é a morada daquilo que governa o conjunto das relações do sujeito com o mundo.

O retorno aos fundamentos psicanalíticos promovido por Lacan restitui a Freud o campo próprio em que a ação humana se desenrola. Lacan nos mostra a dimensão histórica da pulsão, cujo alcance e sentido faz parte do trabalho analítico. Dimensão que se caracteriza por algo que insiste, pois referida a algo memorizado. Dimensão articulável na cadeia significante. Dimensão que permite circunscrever a pulsão em um campo para além da tendência ao retorno ao inanimado, na medida em que tudo pode ser posto em causa a partir da função significante.

Esta pesquisa de doutorado é parcial, tal qual a pulsão. Ela dá continuidade aos estudos iniciados na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), continuados na Universidade Veiga de Almeida (UVA) e não pretende se encerrar no atual Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), dadas as manifestações ensurdecedoras da pulsão de morte na contemporaneidade.

CAPÍTULO I

O MODO FREUDIANO DE ESPECULAÇÃO FILOSÓFICA

1.1. Freud e a filosofia

A psicanálise encontra no precedente filosófico um eco legitimador e antecipador. Ao longo de toda a obra de Freud a filosofia se faz presente. As críticas e referências à filosofia parecem ratificar uma contradição, mas, para Freud, “essas funções são disjuntivas, sem contradição”¹. O texto freudiano está repleto de referências filosóficas. Mesmo no período de ávidas críticas ao consciencialismo e especulação filosófica sem cunho científico, o recurso à filosofia cumpre uma função. *Além do princípio de prazer*, escrito em 1920, inaugura o período de especulação freudiana, função retomada com o necessário rigor que requer o momento de elaboração teórica em torno do conceito de pulsão de morte. Como veremos a seguir, Platão é a referência central em *Além do princípio de prazer*. A análise mais detalhada do texto de 1920 revela que a função especulativa esteve em ação desde o início de sua obra – todavia, nos moldes freudianos.

Para avaliar a importância da filosofia para Freud é necessário considerar o que era a filosofia e quem eram os filósofos para o criador da psicanálise, assim como analisar o posicionamento de Freud perante a filosofia, na medida em que ele com ela dialoga.

Assoun no livro *Freud, a filosofia e os filósofos* (1978) aborda a relação paradoxal de Freud com a filosofia uma vez que, de um lado, Freud não desautorizava a filosofia de suas pretensões em relação a tudo o que acontecia na esfera acadêmica de seu tempo; por outro lado, Freud, em cada passo de sua construção psicanalítica, reconhece o lugar inerente à filosofia como fundamentalmente uma atividade de pensamento humano. “Por um lado, lança aos filósofos sarcasmos que se aproximam da caricatura e do lugar comum; por outro, constata-se o retorno constante de referências a certos sistemas que parecem desempenhar uma função necessária na argumentação freudiana, em seus pontos decisivos” (Assoun, 1978, p.10).

¹ Op. Cit. Assoun, 1978, p.133.

Trata-se, pois, de avaliar o sentido teórico da filosofia para Freud e seu lugar na construção psicanalítica. É notória a sistematicidade estabelecida por Freud nas análises filosóficas, e também em todos os estudos e pesquisas que empreendeu. O objetivo é identificar a posição adotada por Freud frente ao discurso filosófico e o destino que tais posicionamentos tomaram na psicanálise.

Freud afirma ter lido muito pouco sobre a filosofia propriamente dita e que dela se afastou corajosamente fascinado pela especulação filosófica (Assoun, idem, p. 11). O fascínio a que se refere Freud tomou partida no encontro com a obra de Goethe sobre *A natureza*, texto que o fez optar pela carreira médica, profissão que poucos atrativos lhe despertavam. A medicina esteve na vida de Freud como um meio e nunca como um fim em si mesmo. O contato com Goethe ocorreu no ano de 1873 quando era aluno do curso de anatomia ministrado por Carl Brühl. Segundo o próprio Freud, o ensaio lhe causou “uma espécie de intuição totalizadora, que exprimia sua busca de uma compreensão do universo” (Assoun, 1978, p.11).

É a partir do encontro com Brentano que Freud trata a filosofia de modo sistemático. Já inscrito na Faculdade de Viena em 1873, cursava física, fisiologia, anatomia, química, zoologia, incluindo a partir de 1874 os cursos de psicologia e filosofia ministrados por Brentano. Jones (1989, p. 50) assinala que “toda semana, observa, ele se dirige às reuniões de leitura mantidas por Brentano a fim de adquirir certas noções de filosofia”. É interessante observar que é no decorrer dos estudos de medicina que Freud se depara com a metafísica. Desde 1804 era obrigatório aos estudantes de medicina o estudo da filosofia. Tal obrigatoriedade foi suspensa no ano em que Freud ingressa na universidade.

Extraordinária ironia do destino que simboliza, de certa forma, a *ambiguidade ordinária das relações de Freud com a filosofia*. Integrada de pleno direito no ensino científico, nos três primeiros quartos de século, passa apenas a ser tolerada no limiar do quarto. Tributário da instituição e de suas normas culturais, Freud vai herdar essa proibição, cujos estigmas iremos encontrar nas intermináveis precauções tomadas por ele relativamente à especulação (ASSOUN, 1978, p. 12)².

² Grifos do autor.

Brentano gozava de prestígio intelectual na academia da época e uma imensa plateia compunha suas conferências em Viena. Sua tese sobre *As múltiplas significações do ser em Aristóteles*, escrita em 1862 tornara-o ilustre e respeitado. O ano de encontro com Freud, 1873, é também o período de reviravolta em Brentano, pois abandona o sacerdócio e passa a ser contestado pela elite eclesiástica e pelo governo, sendo demitido da universidade. Igual reviravolta deu-se na obra de Brentano, fato observado na publicação de 1874, nos dois volumes sobre *Psicologia do ponto de vista empírico*. A iniciação filosófica de Freud por Brentano promove a aliança entre a especulação e a observação, fatores importantes no percurso freudiano.

O que percebemos é o estabelecimento de um vínculo pessoal de Freud com a filosofia, subitamente posta à margem das cátedras universitárias. Freud é assíduo nos encontros promovidos por Brentano, reuniões essas de cunho facultativo.

Enquanto o estudante Freud navega, inclui e exclui os cursos postos à prova pelo curso de medicina, mantém os seminários de Brentano em regime semanal. Assoun (1978) - assinala que “os seminários de Brentano continuam a desempenhar uma função necessária, como uma espécie de denominador comum dos esforços variados que o impulsionaram nas diversas direções científicas” (Idem, p.13).

Em 1875, além desses seminários, Freud se especializa em história da filosofia e começa a estudar Aristóteles com Brentano. Em 1876, frequenta três outros cursos sobre Aristóteles, também ministrados por Brentano.

O percurso com Brentano resultou na indicação de Freud, pelo próprio Brentano, para tradução das obras de Stuart Mill. Assim, foi segurando a mão de Brentano que Freud travou contato com Aristóteles, Stuart Mill e Platão. “Foi neste círculo que Freud cultivou essa tendência à especulação, da qual teve que separar-se, em seguida, conforme suas próprias palavras, corajosamente” (Assoun, idem).

Freud preserva o gosto pela leitura filosófica por toda a vida. Chegou a escrever um *ABC filosófico* para sua futura esposa Martha, atestando que, paralelamente a formação e carreira médica mantinha gosto pessoal pela filosofia.

O desejo especulativo é ratificado na correspondência com Fliess, em plena gênese da psicanálise. Em 1896, declara ao amigo que “em meus anos de juventude, só aspirei aos conhecimentos filosóficos e, agora, estou prestes a realizar este desejo, passando da medicina à psicologia”³. Em 1897 refere-se à vontade especulativa como “alimento, na profundidade de mim mesmo, a esperança de atingir, pelo mesmo caminho, meu primeiro objetivo: a filosofia”⁴.

A partir de 1914, nos textos oficiais da psicanálise, encontramos frases de Freud que podem conduzir o leitor desavisado ao equívoco de pensar em Freud como antifilósofo ou avesso à filosofia. Assoun (1978, p.16) destaca a passagem da *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (1914), na qual Freud justifica seu não conhecimento de um texto de Schopenhauer “à falta do gosto pela leitura em sua juventude”, quando, na verdade, os enunciados anteriores atestam o contrário disso que Freud diz em 1914⁵. Em 1925, Freud afirma ter “evitado cuidadosamente aproximar-se da filosofia propriamente dita”, devido a “uma incapacidade constitucional”. Freud faz um apelo a uma limitação constitucional para justificar sua incultura filosófica, pois não se trata de pouca inclinação para assuntos filosóficos, muito pelo contrário, e desde muito cedo na vida de Freud. Em 1930, Freud afirma que os problemas filosóficos e suas formulações lhe eram tão estranho que o impediam de pronunciar-se a respeito. Vemos Freud apresentar-se como um estrangeiro aos temas filosóficos, significando, talvez o corajoso afastamento da especulação filosófica que verificamos no percurso adotado pelo criador da psicanálise.

Assoun (1978) afirma que a contradição de posicionamentos filosóficos em Freud é somente aparente e que existe uma lógica subjacente e diferentes níveis filosóficos da abordagem freudiana. O autor coaduna com o posicionamento de Lou Andreas-Salomé disposto no *Journal d'une année* (1912-1913), onde consta: “falamos de sua defesa diante da filosofia pura; do sentimento por ele sentido de que, no fundo, seria preciso lutar contra a necessidade racional de uma unidade definitiva das coisas, pois ela provém de uma raiz e de hábitos altamente antropomórficos; em segundo lugar,

³ Freud, 1897 apud Masson, 1986, Carta 2-04-1896.

⁴ Freud, 1897 apud Masson, 1986, Carta 1/01/1897.

⁵ Op. Cit. Assoun, 1978, p. 16.

porque ela pode ser incômoda ou perturbadora na pesquisa científica positiva individual”⁶.

1.2. Freud e o consciencialismo filosófico

Freud recusa o consciencialismo da filosofia dominante por estar em oposição com sua concepção acerca do inconsciente. O consciencialismo punha o inconsciente fora do estado de pensar e isso tornou o diálogo com a filosofia impossível. A recusa freudiana pode ser interpretada como a recusa em tornar-se um sujeito de um discurso filosófico e veicular a psicanálise na formulação filosófica. Diante de um diálogo impossível Freud procede em silêncio, uma vez que não há *nada para dizer nessa linguagem* (Assoun, 1978, p.24).

Percebemos Freud tomar posição de recusa à pungente demonstratividade filosófica, na medida em que as relações entre o universo físico e o universo psíquico constituíam o objeto filosófico. Freud não via problema em admitir a existência de um universo físico ao lado do universo psíquico; suas considerações priorizavam o universo psíquico; o universo físico só possui caráter psíquico porque é tomado, percebido pelo psíquico; e, por fim, a tomada de consciência psíquica está atrelada à necessidade de admissão de uma realidade física por trás de toda atividade mental. Essas são as vias de entendimento da recusa freudiana em pôr a psicanálise nos trilhos estabelecidos pela filosofia. Tais proposições servem, segundo Assoun (Idem, p.25), “para eliminar, em poucas palavras, o problema da realidade exterior e o das relações da alma com o corpo que, fontes inesgotáveis da literatura filosófica, operaram inúmeras clivagens doutrinárias”. O sentido da recusa freudiana é oriundo de um elemento estranho ao discurso filosófico: o inconsciente. Novamente cito Assoun: “o que opera toda a defasagem lógica e terminológica entre filosofia e psicanálise, criando entre elas um “diálogo de surdos”, é o objeto novo que a segunda se deu por tarefa compreender e que a primeira oculta: o inconsciente” (Idem, p. 26).

⁶ Op. Cit. Assoun, 1978, p. 18.

Até agora, vimos fazendo psicologia por nossa própria conta. Já é tempo de considerarmos os pontos de vista teóricos que dominam a psicologia atual e examinarmos sua relação com nossas hipóteses. O problema do inconsciente na psicologia é, nas vigorosas palavras de Lipps (1897), menos um problema psicológico do que o problema da psicologia. Enquanto a psicologia lidou com esse problema através de uma explicação verbal no sentido de que o “psíquico” *significava* “consciente”, e de que falar em “processos psíquicos inconscientes” era de um contrassenso palpável, qualquer avaliação psicológica das observações feitas pelos médicos sobre os estados psíquicos anormais estava fora de cogitação. Médico e filósofo só podem unir-se quando ambos reconhecerem que a expressão “processos psíquicos inconscientes” é “a expressão apropriada e justificada de um fato solidamente estabelecido”. Só resta ao médico encolher os ombros quando lhe asseguram que “a consciência é uma característica indispensável do psíquico”, e talvez, se ainda sentir respeito suficiente pelos enunciados dos filósofos, ele possa presumir que eles não estavam tratando na mesma ciência. É que até mesmo uma única observação criteriosa da vida anímica de um neurótico, ou uma única análise de um sonho, terá que deixá-lo com a inabalável convicção de que os processos de pensamento mais complexos e mais racionais, aos quais decerto não se pode negar o nome de processos psíquicos, podem ocorrer sem excitar a consciência do sujeito” (FREUD, *ESB*, 1900, v. II, p.552; *AE*, v. V, p.599).

A *Traumdeutung* (1900) explicita em seu último capítulo o diálogo impossível entre a concepção analítica e a concepção consciencialista da filosofia e psicologia dominantes. Os processos psíquicos estavam reduzidos à paridade do psíquico e do consciente. A ideia psicanalítica de processos psíquicos inconscientes reside para além de tal consciencialismo, e, sobremaneira, trata-se de um processo dinâmico o qual não se reduz à demonstrabilidade intencionada pelo filósofo.

A obra inaugural da psicanálise vem revelar a necessidade de rompimento da supervalorização da propriedade da consciência, de modo a permitir o entendimento correto da origem do psíquico, afirma Freud (1900). O próprio Lipps dissera que “o inconsciente é a base geral da vida psíquica” (Idem). Para Freud, o inconsciente é a esfera mais ampla que inclui uma esfera menor – a consciência, esta dotada sempre de um estágio inconsciente preliminar. Nesse contexto, o conceito de recalçamento explica que aquilo que é inconsciente pode permanecer como tal, sem a imposição de ascender

à consciência. “O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; *em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelo dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais*” (Idem).

Sem diminuir seu respeito pelos filósofos, considera legítimo assinalar que a filosofia e a psicanálise não tratam do mesmo objeto, não se preocupam com a mesma coisa e, nesse cenário, o psicanalista tomado pela concepção irrecusável da existência dos processos inconscientes, estabelece o diálogo impossível com a filosofia.

Não é sem intenção que falo de “nosso” inconsciente, pois o que assim descrevo não é a mesma coisa que o inconsciente dos filósofos ou mesmo o inconsciente de Lipps. Neles, esse termo é usado simplesmente para indicar um contraste com o consciente: a tese que eles contestam com tanto ardor e defendem com tanta energia é a tese de que, à parte os processos conscientes, há também processos psíquicos inconscientes. Lipps leva as coisas mais adiante, ao afirmar que a totalidade do psíquico existe inconscientemente e que parte dele existe conscientemente” (FREUD, *ESB*, 1900, v.5, p.555; *AE*, v.5, p.602).

Freud levantou lanças ante a ideia de que o inconsciente dos filósofos constituía tão somente o oposto do consciente, por condenar a noção do inconsciente à arbitrariedade da luta dos sistemas. Fundamentalmente, Freud combatia a equivalência entre psíquico e consciente promovida pelo movimento consciencialista.

A nova descoberta que nos foi ensinada pela análise das formações psicopatológicas e do primeiro membro dessa classe – o sonho – reside no fato de que o inconsciente (isto é, o psíquico) é encontrado como uma função de dois sistemas separados, e de que isso acontece tanto na vida normal quanto na patológica. Portanto, há dois tipos de inconsciente, que ainda não foram distinguidos pelos psicólogos. Ambos são inconscientes no sentido empregado pela psicologia, mas, em nosso sentido, um deles, que denominamos de *Ics.*, é também *inadmissível à consciência*, enquanto ao outro chamamos *Pcs.*, porque suas excitações – depois de se observarem certas regras, é verdade, e talvez apenas depois de passarem por uma nova censura, embora

mesmo assim, sem consideração pelo *Ics.* – conseguem alcançar a consciência (FREUD, 1900, *ESB*, v.5, p.556; *AE*, v.5, p.602).

Freud esclarece a função precípua do *Pcs.* como “tela” (Idem) situada entre o *Ics.* e a consciência, cabendo-lhe não apenas barrar o acesso à consciência, mas também o controle da motilidade voluntária.

Os filósofos consciencialistas não sabiam o que fazer com o inconsciente, bem como os filósofos do inconsciente não sabia que papel atribuir à consciência. Ou seja, os filósofos que se deram conta da possibilidade da não participação da consciência nas formações racionais complexas, tiveram dificuldades em atribuir função à consciência. Freud afirma que eles se deram conta de que a consciência não passava de “uma imagem supérflua do processo psíquico consumado” (1900, vol. 5, p. 557). Não sendo objeto de estudo da filosofia, tudo ficava reduzido à mera aparência. Nesse contexto, a pesquisa freudiana toma os processos psíquicos como objeto principal de estudo e parte em busca do entendimento e locação das funções para tais processos conscientes e inconscientes. “Por conseguinte, a consciência, longe de ser surpresa, recebe a função precisa e indispensável de órgão de percepção psíquica, que orienta os investimentos em função de finalidades inconscientes” (Assoun, Idem, p.28). Nas palavras de Freud (1900) o papel que resta à consciência é “*apenas o de um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas*” e que “a realidade psíquica é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade material”⁷ (Freud, 1900, *ESB*, v.5, p.560).

Aos doze de dezembro de 1904, Freud apresenta uma conferência no Colégio Vienense dos Médicos intitulada *Sobre a psicoterapia*, cujo material é publicado no ano seguinte. Diante de uma plateia horripilada com o alto teor especulativo em torno do conceito de inconsciente, Freud tranquiliza seu público ao abordar em que consiste o seu tratamento. Esclarece para seus ouvintes que a terapia psicanalítica baseia-se no fato de que as representações inconscientes são a causa dos sintomas patológicos. Freud toma de empréstimo termos significativos para estabelecer publicamente a distinção de seus postulados teóricos com relação à filosofia: “Mas não temam os senhores que isso

⁷ *AE*, v.5, p.603.

nos precipite nas profundezas da mais obscura filosofia. Nosso inconsciente não é de modo algum idêntico ao dos filósofos e, além disso, a maioria destes nada quer saber sobre algo *psíquico inconsciente*” (Freud, 1904, *ESB*, v.7, p.249; *AE*, v.7, p.255).

Percebemos no livro *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905), uma digressão da parte do autor, uma tomada de um atalho, um desvio dos obstáculos consciencialistas nocivos ao que se fazia necessário compreender de sua teoria. A filosofia funcionava como o carreador do modo de pensar consciencialista dominante, o qual era preciso combater. Freud tinha as armas empiricamente necessárias para derrubar os argumentos filosóficos, tendo em vista que os sonhos, as neuroses, etc. constituíam a fonte de suas informações. Ao remeter seus contestadores a tais fontes de informação Freud revela a necessidade de adesão às suas conclusões. O livro do *Chiste* mostra a necessidade de pensar o inconsciente de uma forma antes não pensada ou, dito de outro modo, pensar o inconsciente livre dos ditames consciencialistas.

Em 1907, no ensaio *Delírio e sonho na “Gradiva” de Jensen*, Freud aproveita para justificar a existência do inconsciente a partir da análise de um detalhe de infância e uma percepção atual do personagem do romance, Norbert Hanold. Freud reivindica o termo inconsciente para dar sentido a representação que permanece ativa e capaz de manifestar seus efeitos no exterior, sem, no entanto acender a consciência. Ele destaca a inevitabilidade do uso do termo inconsciente e recusa, ao mesmo tempo, o embate com os filósofos, uma vez que eles não lidam com fenômenos psíquicos dessa ordem, tratando-se de campos distintos.

Nesse contexto, uma ideia se introduz, defende Assoun:

Por falta desse conhecimento experimental, a filosofia teve que consagrar, revestindo-o de uma indumentária teórica, o *consciencialismo ingênuo*, no qual consiste a ilusão do senso comum. Por conseguinte, os filósofos permaneceram “sob o jugo da experiência corrente, segundo a qual todo fenômeno psíquico, na medida em que se torna ativo e intensivo, deve, por isso mesmo, tornar-se consciente”. É essa aliança do senso comum e da especulação filosófica que constitui a força do consciencialismo dominante (ASSOUN, 1978, p.31).

Freud, na contramão dessa rota, defende que há processos psíquicos que permanecem inconscientes, por mais intensivos e ativos que sejam, longe da consciência.

Em 1909, ao discorrer sobre *O homem dos ratos*, em *Observações sobre um caso de neurose obsessiva*, Freud recomenda que os filósofos se abasteçam de observações conclusivas das manifestações inconscientes, porque, em seu julgamento, a ignorância factual condena a filosofia ao senso comum e artificialismo doutrinário. Necessariamente salienta que os postulados psicanalíticos são derivados da observação do funcionamento dos processos inconscientes na patologia mental; portanto, as derivações da teoria freudiana são o resultado de seu objeto de estudo, longe de especulações alhures.

Em 1913, Freud publica um artigo na revista *Scientia*, intitulado *O interesse da psicanálise*, no qual afirma a necessidade da filosofia rever o fundamento psicológico tradicional no qual estão assentados seus postulados (Assoun, 1978, p. 32). A filosofia apoia suas considerações a partir de elementos fornecidos pela psicologia, uma vez que toma o homem enquanto psique. A psicologia, por sua vez, igualmente recorre a filosofia para encontrar o anteparo necessário a justificação de seus postulados consciencialistas. A interseção que qualifica a composição formada pela filosofia e psicologia é o consciencialismo. De modo que a revolução psicanalítica, uma vez que afeta a psicologia, afeta igualmente a filosofia. “A formulação freudiana se assemelha, pois, a um ultimato: invoca a teoria psicanalítica do inconsciente como devendo colocar necessariamente a filosofia na obrigação de declarar-se pró ou contra” (Idem).

A psicanálise propõe à filosofia uma reformulação da problemática da união da alma e do corpo, e tal refundição está necessariamente atrelada às descobertas freudianas. Freud salienta que não se trata do estabelecimento de uma nova concepção filosófica, mas de reconhecer que a problemática inserida pela psicanálise acerca do inconsciente possui efeitos modificadores e irrecusáveis sobre o que deve ser entendido por psiquismo humano.

[...] a teoria analítica tem por efeito filosófico original o de recusar simultaneamente duas teses filosóficas opostas e complementares: de um lado, o consciencialismo,

que exclui o inconsciente da vida psíquica; do outro, o transcendentalismo do Inconsciente (aqui, a maiúscula tem um sentido) que hipostasia o Inconsciente como entidade metafísica. Portanto, esse duplo efeito revelador ataca uma tese única: *o divórcio do inconsciente e do psíquico*. Tal divórcio se manifesta em duas saídas solidárias: ou realizar o inconsciente que, de estrutura predicativa do psiquismo, torna-se Sujeito, ou ater-se ao psiquismo, com a condição de excluir dele o inconsciente, como estrutura extrapsíquica, o que significa excluí-lo da psicologia, cuja aplicação imanente versa sobre os fenômenos intrapsíquicos. Eis nos olhos de Freud, dois modos de se viver uma única e mesma contradição (ASSOUN, 1978, p. 33).

Freud insiste no erro dos filósofos em pronunciarem-se sobre o inconsciente sem conhecerem os fenômenos os quais a psicanálise tomava como objeto central de pesquisa. Por conseguinte, os filósofos permanecem no senso comum, sem condições de argumentação. A psicanálise revela ao mundo que o inconsciente só é dado a conhecer por seus efeitos. Postulação freudiana indispensável que remete o inconsciente ao campo que lhe é devido: objeto da psicologia, não da filosofia.

Em 1925, no texto *As resistências à psicanálise*, Freud volta a mencionar os obstáculos gerados pela filosofia consciencialista, afirmando que a maioria dos filósofos denomina por “psíquico” somente o que está abarcado pela consciência. Nesse cenário, tudo que ultrapassa os estreitos limites impostos pela filosofia são atribuídos a causas orgânicas. Os argumentos freudianos são incisivos em apontar que a consciência não é o princípio fundamental do psiquismo.

No *Esboço da psicanálise* (1938), considerado última exposição global da psicanálise, ainda encontramos a querela consciencialista. Os termos usados por Freud evidenciam a velha realidade: “A maioria dos filósofos, como muitos outros, proclama como um absurdo a existência de algo psíquico inconsciente” (Freud, 1940 [1938], *ESB*, v.23, p.183; *AE*, v.23, p.155-156). É surpreendente a posição filosófica a que se refere Freud, mesmo depois dos postulados psicanalíticos, mantendo, como insistência o pensamento de que “a consciência constitui, por si só, o psíquico” (Assoun, 1978, p.40).

A esse respeito, Freud precisa sua argumentação pela seguinte via:

Na opinião corrente, esses processos conscientes não formam séries sem lacunas e em si acabadas, de tal forma que não reste nenhuma saída senão admitir, além, processos físicos ou somáticos que acompanham o psíquico, e aos quais devemos conferir uma completude superior às séries psíquicas, pois alguns possuem processos conscientes paralelos, outros não (FREUD, 1940[1938], *ESB*, v.17, cap. 4, p.182; *AE*, v.23, p.156).

Freud reconhece o aspecto lacunar naquilo que se toma por consciente, apontando a conveniência de completar tais lacunas com processos de ordem somática. O criador da psicanálise distingue, além dos processos somáticos simples, processos mistos, os quais comportam a qualidade consciente. Resultado: aquilo (consciência) que era tomado por principal passa a condição de auxiliar; e o que era considerado auxiliar deveria ser considerado o psíquico propriamente dito. É contra isso que se insurgem os filósofos.

Além do embate em torno do inconsciente outra temática caracteriza a oposição entre filosofia e psicanálise, a qual se exprime pela distinção da filosofia como concepção de mundo e da psicanálise como ciência da natureza.

Em 1923, no verbete *Psicanálise*, originalmente escrito para compor o *Dictionnaire des sciences de la sexualité*, de Max Marcuse, Freud manifesta tal oposição ao veicular as características essenciais da psicanálise em seu ensaio. O autor reconhece a filosofia como um sistema cuja ambição é a concepção da totalidade do mundo, portanto um sistema acabado, distinto da psicanálise. Vejamos o que escreve Freud:

A psicanálise não é, como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias. Não há incongruência (não mais que no caso da física ou da química) se a seus conceitos mais gerais falta clareza e seus postulados são

provisórios; ela deixa a definição mais precisa deles aos resultados do trabalho futuro (FREUD, 1923, *ESB*, v.18, p.307; *AE*, v.18, p.249).

O que a psicanálise recusa é a absolutização de ideias e a perfeição lógica, estando conectada ao empirismo científico, à particularidade de seu objeto de estudo e à abertura experimental. Enquanto tal liga-se a família das *Naturwissenschaften*.

A leitura dos textos freudianos é precisa em denunciar a falta de legitimidade de qualquer tentativa de anexação da psicanálise a um sistema especulativo. Intentos de alguns autores não faltaram na história do movimento psicanalítico. Esse foi o caso de Putnam, médico, pioneiro da psicanálise nos Estados Unidos. Influenciado por William James – primeiro americano a ler os *Estudos sobre a histeria* (1895) – voltou-se para o freudismo, fundando uma escola de psicoterapia em Boston. Hegeliano convicto, o moralista Putnam não partilhava do materialismo freudiano e recusava o biologismo em prol da teoria da vontade criadora. Em 1906 publicou um ensaio sobre a psicanálise em seu país e em 1911 participou do Congresso Internacional de Psicanálise de Weimar, intitulado *A importância da filosofia no desenvolvimento futuro da psicanálise*. A tentativa de Putnam em anexar a psicanálise a um sistema filosófico não encontrou acolhida. Freud não compartilhava suas opiniões filosóficas e tampouco coadunava com a moral sexual americana da época, a qual, dentre outras coisas, procuravam limitar o ato sexual à procriação⁸. Sobre Putnam, Assoun (1978, p.50) escreve: “Putnam é censurado por ter cedido à necessidade ética e filosófica de sua natureza e por ter atribuído à psicanálise uma exigência que ela não podia cumprir: colocar-se a serviço de uma concepção do mundo ético-filosófica determinada”.

Em 1913, ocorre o episódio Janet na famosa sessão de 8 de agosto do Congresso de Medicina de Londres. Janet afirma que a psicanálise é um sistema filosófico. Resultado: consumação da ruptura definitiva entre a psicanálise e Janet. Em seguida, Janet nega o caráter clínico da psicanálise, sugerindo que ela deveria ficar circunscrita aos congressos de filosofia, tendo em vista que o leito dos doentes e demais áreas hospitalares de nada serviriam para a psicanálise. A partir desse momento, a demarcação de território entre filosofia e psicanálise passa a ser radicalmente definida.

⁸ Op Cit. Roudinesco, 1998, p.633.

A querela promovida por Janet serve de modelo para Freud pensar o estatuto da psicanálise.

Inibição, sintoma e angústia (1926) é um dos textos que compõem a segunda parte da gênese do pensamento freudiano. No parágrafo final do capítulo II, após considerações sobre a formação de sintomas, Freud transpõe para o papel sua rejeição a certo tipo de especulação. Em função de suas considerações teóricas sobre as desvantagens do racional Eu em relação do demoníaco Isso, Freud percebe que estava sendo germinada uma tendência a fazer de seus postulados uma visão de mundo (*Weltanschauung*) psicanalítica. A recusa da filosofia como ideologia é exemplar.

Devo confessar que não sou de modo algum parcial quanto à construção de *Weltanschauungen*. Tais atividades podem ser deixadas aos filósofos, que confessadamente acham impossível empreender uma viagem pela vida sem um *Baedeker*⁹ dessa espécie para proporcionar-lhes informações sobre todos os assuntos. Aceitemos humildemente o desprezo com que nos olham, soranceiros, do ponto de observação de suas necessidades superiores. Mas visto que *nós* não podemos também abrir mão de nosso orgulho narcísico, ficaremos reconfortados com o pensamento de que tais ‘Manuais para a Vida’ ficam logo desatualizados, de que é precisamente nosso trabalho míope, tacaño e insignificante que os obriga a aparecer em novas edições, e de que até mesmo os mais atualizados deles nada mais são do que tentativas para encontrar um substituto para o antigo, útil e todo suficiente catecismo da Igreja. Somente uma pesquisa paciente e perseverante, na qual tudo esteja subordinado à única exigência da certeza, poderá gradativamente ocasionar uma transformação. O viajante surpreendido pela noite pode cantar alto no escuro para negar seus próprios temores; mas apesar de tudo isso, não enxergará mais que um palmo adiante do nariz (FREUD, 1926[1925], *ESB*, v.20, p.117-8; *AE*, v.20, p.91).

Por conseguinte, em oposição ao panorama filosófico da *Weltanschauung*, opõe-se o fazer do analista com o objetivo de lançar luz sobre os enigmas pessoais, num trabalho empreendido com paciência e de forma singular.

⁹ Guia de viagem usado na Europa.

Em 1932, na Conferência XXXV, intitulada *A questão de uma Weltanschauung*, Freud pergunta se “a psicanálise conduz a uma determinada *Weltanschauung* e, em caso afirmativo, a qual?”.

Em minha opinião, a *Weltanschauung* é uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo (FREUD, 1933[1932], *ESB*, v.22, p.193; *AE*, v.22, p.146).

Freud salienta que a posse de uma ideologia desse tipo, cujas pretensões são totalizantes, constitui um dos ideais do homem. Em seguida antecipa como resposta à pergunta em pauta, que, no caso da psicanálise é muito difícil o estabelecimento de uma *Weltanschauung* desse tipo. Caso a psicanálise tivesse que adotar uma ideologia esta teria que ser a *Weltanschauung* da ciência, e mesmo assim divergiria muito do que vem a ser psicanálise. A uniformização também é um dos objetivos da ciência, ainda que, para isso, valha-se da pesquisa, estando inocentada de elaborações baseadas em intuições, adivinhações e senso comum. A psicanálise se atreve a dizer que a *Weltanschauung* é insuficiente para dar conta das reivindicações do humano e de suas necessidades.

Recordemos a conclusão oferecida por Freud ao texto de 1928, *Breves escritos de psicanálise*, onde lança a advertência de que se é verdade que a psicanálise aprofunda o entendimento das coisas do mundo, isso não quer dizer que ela forneça uma imagem do mundo totalizada. Na Conferência XXXV Freud lembra a natureza essencial da psicanálise enquanto uma ciência especializada e pertencente ao ramo da psicologia. Os termos de Freud defendem que o intelecto e a mente também são objeto de pesquisa tais quais os objetos não humanos. Desse modo a contribuição da psicanálise reside no fato de ter estendido à pesquisa aquilo que é mental.

Assoun (1978, p.57) afirma que é por metáfora que Freud fala de *wissenschaftliche Weltanschauung*¹⁰ a propósito da psicanálise: “visão de mundo” se opõe a “ciência da natureza”, categoria na qual seu criador enquadrou a psicanálise. Tal prerrogativa exclui a ideia de que a ciência, a religião e a filosofia possuem iguais direitos sobre a verdade. Também exclui a ideia de que o homem estabelece livremente suas convicções. “Freud se vê forçado a formular um verdadeiro princípio de intolerância científica: na medida em que “a verdade não pode ser tolerante”, “a ciência considera como seus todos os domínios onde pode exercer-se a atividade humana”; não há lugar para se escolher entre a ciência, a religião e a filosofia” – escreve Assoun (Idem).

Nesse contexto, a psicanálise tornar-se intolerantemente crítica à religião, a qual luta de maneira incansável com a ciência pela posse de seus direitos e domínios. Freud recusa a *Weltanschauung* pela exigência totalizante que se propõe. Para ilustrar a ilusão de totalização filosófica Freud lança mão da imagem do filósofo Heine que “com suas toucas de dormir e com os trapos de seu roupão de noite ele remenda as falhas do edifício do universo” (Freud, 1932, *ESB*, v.22, p.196; *AE*, v.22, p.146).

O esboço de psicanálise (1940[1938]), conclusão teórica da obra freudiana, retrospectivamente dá sentido aos passos de seu criador, bem como o entendimento dos caminhos tomados por Freud. A tomada do inconsciente como objeto de pesquisa e designação do que vem a ser o psíquico aos olhos de Freud, permite situar a psicanálise como uma ciência da natureza. A conquista do objeto fundador da psicanálise – o inconsciente - possibilitou a psicanálise ser chamada de *Naturwissenschaft*; ou seja, a tomada do inconsciente como uma unidade fenomenal permitiu a autonomia epistêmica. O capítulo IV do *Esboço* (1940[1938]) dispensa maiores esclarecimentos:

Pode parecer que essa disputa entre psicanálise e filosofia fosse apenas uma frívola questão de definição – se o nome “psíquico” deve ser aplicado a uma ou outra sequência de fenômenos. Na realidade, porém, esse passo tornou-se da mais alta significação. Enquanto a psicologia da consciência nunca foi além das sequências rompidas que eram obviamente dependentes de algo mais, a outra visão, que

¹⁰ Visão de mundo científica.

sustenta que o psíquico é inconsciente em si mesmo, capacitou a psicologia a assumir seu lugar entre as ciências naturais como uma ciência. Os processos em que está interessada são, em si próprios tão incognoscíveis quanto aqueles de que tratam as outras ciências, a química ou a física, por exemplo; mas é possível estabelecer as leis a que obedecem e seguir suas relações mútuas e interdependentes ininterruptas através de longos trechos – em resumo, chegar ao que é descrito como uma “compreensão” do campo dos fenômenos naturais em apreço (FREUD, 1940[1938], *ESB*, v.23, p.184; *AE*, v.23, p.156).

Freud compreendeu que era no sonho que deveria buscar o respaldo teórico para o que a experiência clínica com a histérica lhe apresentava. Com uma audácia sem precedente, combateu o consciencialismo filosófico e postulou o conceito de inconsciente. Em *O seminário, Livro II* (1964), Lacan assinala que Freud afirma o inconsciente como constituído, fundamentalmente, não pelo que a consciência pode revelar, “mas pelo que lhe é em essência, recusado” (p.46). *Gedanken*, pensamentos – esse é o nome atribuído por Freud para o que há além da consciência, ou seja, linguagem. E dessa maneira o criador da psicanálise aborda o sujeito numa perspectiva distinta do pensamento filosófico, cartesiano, para assim introduzir algo novo e revolucionário: *Wo es War, Soll Ich Werden* – ou seja, no campo do sonho, o sujeito reside. Nesse campo o sujeito está ali para ser reencontrado.

Não se trata do eu nesse ‘*Soll Ich Werden*’, trata-se daquilo que o *Ich* é na pensa de Freud, do começo até o fim – quando se sabe, é claro, reconhecer seu lugar, - o lugar completo, total, da rede de significantes, quer dizer, o sujeito lá onde estava, desde sempre, o sonho (LACAN, 1964, p. 47).

A psicanálise atua, por sua investigação, com o objetivo de reduzir progressivamente lacunas incognoscíveis, a partir de deduções plausíveis traduzidas em material consciente. Ainda no *Esboço* (1940[1938]) Freud afirma que “não há necessidade de caracterizar o que chamamos de “consciente”: é o mesmo que a consciência dos filósofos e do senso comum. Tudo o mais que é psíquico é, em nosso ponto de vista, “o inconsciente” (Freud, idem).

1.3. Por que a metapsicologia?

O problema da especulação filosófica estava excluído da ciência psicanalítica, mas restava outra questão importante: o empirismo derivado da observação e diretrizes de tratamento, que constituem, de certa maneira, sua parte especulativa. Essa parte especulativa da ciência psicanalítica Freud irá denominá-la de “metapsicologia”. Essa é a forma que o debate filosófico reintroduz-se na psicanálise, tornado possível pela demarcação metapsicológica promovida pela teoria freudiana.

Em 1915 Freud define a metapsicologia a como a descrição dos processos psíquicos em termos dinâmicos, tópicos e econômicos. A grande questão será o estatuto da psicanálise enquanto *Naturwissenschaft*¹¹.

O que lhe confere essa qualidade não poderá ser procurado do lado do caráter natural do objeto, posto que ela versa sobre a esfera psíquica, mas do lado do modo de tratamento epistêmico do objeto. É como objetos de conhecimento que os processos inconscientes são susceptíveis de um modo de tratamento homólogo ao modelo físico-químico. Ao mesmo tempo, porém, que postula essa assimilação, Freud convida-nos a pensar uma especificidade da racionalidade epistêmica própria à psicanálise. Podemos atingi-la através do problema-chave da epistemologia freudiana: o estatuto dos conceitos fundamentais (*Grundbegriffe*) que toda ciência natural é levada a postular para tornar possível sua investigação dos fatos (ASSOUN, 1978, p.64).

Os textos metapsicológicos estabelecem a fronteira definitiva entre a psicanálise e a filosofia.

Em 1925, Freud escreve o texto *As resistências à psicanálise* e nele expressa a oposição da medicina e da filosofia à ciência psicanalítica, muito embora ambas as áreas

¹¹ Ciência da natureza.

do conhecimento tenham objetos de estudo e pesquisa distintos da psicanálise. A psicanálise, principalmente após as contribuições de Charcot junto às histéricas, apoderou-se do problema da natureza dos processos psíquicos. O rumo tomado pela pesquisa freudiana não encontrou assento junto à academia contemporânea de Freud. Os médicos haviam sido adestrados a situar o entendimento e a resolução dos problemas que lhe eram apresentados nas esferas química, física, anatômica e somática. Qualquer possibilidade de atribuição de alguma enfermidade ao psíquico era tomada como uma blasfêmia, impropriedade e antipatia. Isso porque havia muita resistência quanto a resoluções exatas para qualquer tipo de tratamento psicanalítico apresentado. O regente das ciências médicas daquela época trazia nas mãos a batuta da filosofia da natureza. Assim era. Tudo o mais era visto como nebuloso, fantástico, místico. Nem mesmo a psiquiatria atrevia-se a dar passos além das pregações engessadas e dominantes daquele tempo. Os diagnósticos limitavam-se à classificação sintomática e vinculação etiológica a fatores químicos, anatômicos ou somáticos. “Durante esse período materialista, ou melhor, mecanicista, a medicina realizou avanços formidáveis, embora também mostrasse uma compreensão míope dos mais importantes e difíceis problemas da vida” - afirma Freud (1925[1924], *ESB*. V.19, p.268; *AE*, v.19, p.229).

É fácil compreender porque os médicos, com uma atitude desse tipo para com a mente, não teriam simpatia pela psicanálise e levantariam dúvidas quanto à sua exigência de aprender muitas coisas novamente e vê-las a uma luz diferente. Em compensação, poder-se-ia supor que a nova teoria teria muito mais probabilidade de encontrar uma boa acolhida dos filósofos, de vez que estes estavam habituados a situar conceitos abstratos [...] no primeiro plano de suas explicações do universo, e seria impossível que objetassem à extensão da esfera da psicologia, para a qual a psicanálise havia preparado o caminho. No entanto aqui se ergueu um novo obstáculo (FREUD, 1925[1924], *ESB*, v.19, p.268; *AE*, v.19, p.229-230).

Na definição do campo psicanalítico Freud recusa a circunscrição de sua teoria à medicina e também à filosofia. Suas hipóteses teóricas estavam para além das vinculações materialistas e mecanicistas, portanto distintas das abstrações apriorísticas

dos filósofos. O criador da psicanálise delimita seu campo como metapsicológico: lugar que possibilita a especulação.

O texto de 1925 inscreve a psicanálise no cruzamento das ciências da natureza e da filosofia especulativa. A medicina a considera um sistema especulativo sem exatidão; a filosofia julga que a psicanálise procede de proposições impossíveis e a critica pela falta de clareza. A oposição médica à psicanálise tem suas bases fundadas em requisitos materialistas, mecanicistas. A estreita concepção médica justifica seu apelo da dimensão especulativa, tarefa endereçada pela medicina à filosofia. Mas por que deveria a filosofia completar o estatuto epistêmico das ciências da natureza? Freud não perde a oportunidade de discriminar com precisão o estatuto filosófico do estatuto psicanalítico, introduzindo uma diferença fundamental no tocante aos seus *Grundbegriffe*¹². Os conceitos fundamentais da filosofia são tomados *a priori*, exprimindo o projeto de dedução universal a partir de pressupostos (*Voraussetzungen*). A essa definição prévia a psicanálise opõe sua recusa. Contra a estreiteza da medicina, enclausurada na esfera dos fatos e das percepções, a psicanálise constata a necessidade de recorrer a conceitos globalizantes para explicar os próprios fatos. Tal exigência deu origem “a essa realidade epistêmica original e específica que é o conceito metapsicológico”, escreve Assoun (1978, p. 66).

[...] a psicanálise permanece fundamentalmente uma ciência da natureza; portanto, recusa, uma vez por toda, a deformação especulativa; e ao evocar os “conceitos abstratos” dos filósofos, Freud acrescenta entre parênteses: “As más línguas preferem dizer: palavras indeterminadas”. Porque a abstração filosófica contém incessantemente, aos olhos de Freud, por sua tentação de emancipação dos fatos, esse perigo retórico inerente à “má abstração”. Enxertada na experiência que lhe serve de referente constante, a abstração psicanalítica (a do conceito metapsicológico) possui uma função inteiramente oposta: constitui a “boa abstração”, sempre revisável, posto que só obtenha sua validade de sua função heurística o que a opõe ao *Grundbedriff* filosófico, dotado de uma objetividade intangível; porque imanente à sua própria racionalidade (e é nisso que consiste o apriorismo). O erro médico é o de confundir essas duas funções. Donde a acusação que se faz a Freud de sua especulatividade. Assim, é simultaneamente que Freud

¹² Conceitos fundamentais.

define sua especificidade por recusa da especulação e rejeição da falsa analogia com a especulação filosófica (ASSOUN, 1978, p.66-7).

A metapsicologia nasceu em meio à fundação freudiana, sendo Wilhelm Fliess o interlocutor de Freud. O termo metapsicologia foi usado pela primeira vez numa carta à Fliess datada de 13 de fevereiro de 1896: “Tenho-me ocupado continuamente com a psicologia – na verdade, com a metapsicologia” (Masson, 1986, p.172). Em 2 de abril do mesmo ano, dois meses depois, dirige a Fliess as primeiras considerações relativas à questões por ele enquadradas como “metapsicológicas”, posto que lhe pareciam ligadas em um “nível superior” em relação à “psicologia das neuroses” (Roudinesco & Plon, 1998, p.511). As declarações constantes nessa carta fornecem dados para supor que, em sua origem, a metapsicologia está identificada com o projeto de filosófico de Freud, para o qual a medicina serviu de trampolim. “Quando jovem, eu não conhecia nenhum outro anseio senão o de conhecimentos filosóficos, e agora estou prestes a realizá-lo, à medida que vou passando da medicina para a psicologia” (Masson, 1986, p.181). A metapsicologia se inscreve no espaço entre o desejo especulativo e da prática científica. Em 17 de dezembro de 1896 se refere à sua disciplina como: “meu filho ideal, meu filho-problema: a metapsicologia” (Masson, 1986, p.217), deixando transparecer, dessa forma, seu investimento teórico. Na carta de 23 de maio de 1897 confessa a Fliess duas ambições: desvendar a forma de funcionamento mental, quando nela se introduz a noção de quantidade, do jogo de economia de forças e, em segundo lugar, verificar em que o conhecimento da psicopatologia contribui para o entendimento da psicologia mental. Ao que parece é a noção de quantificação da energia nervosa que servirá de chave para a vinculação dos processos psicopatológicos às leis de funcionamento normal do aparelho psíquico. Futuramente, tal noção de quantidade virá a se designar por pulsão.

Na carta de 10 de março de 1898, escrita em meio aos trabalhos sobre a interpretação dos sonhos, Freud escreve: “Parece-me que a teoria da realização de desejos trouxe apenas a solução psicológica, e não a biológica – ou melhor, metapsicológica. A propósito, vou perguntar-lhe a sério se posso usar o nome metapsicologia para minha psicologia que se estende para além da consciência” (Masson, 1986, p.302). A metapsicologia é invocada para conferir sua linguagem aos

processos inconscientes. Nesse sentido, a metapsicologia parece atender ao desejo especulativo do Freud enquanto jovem, cuja satisfação é possibilitada pela metapsicologia.

No ensaio *A psicopatologia da vida cotidiana* Freud põe em questão a metafísica e a metapsicologia. No capítulo XII, ao tentar esclarecer o sentido do recurso às mitologias e às religiões, esclarece que “o conhecimento obscuro dos fatores e fatos psíquicos do inconsciente [...] reflete-se [...] na construção de uma realidade suprassensível que a ciência retransforma numa psicologia do inconsciente. Poderíamos atribuir-nos a tarefa de decompor, colocando-nos nesse ponto de vista, os mitos relativos ao paraíso e ao pecado original, ao mal e ao bem, à imortalidade etc., e de traduzir metafísica em metapsicologia” (Freud, 1901, p.224). Há que se compreender que, com relação ao dado psíquico inconsciente, o sujeito é o lugar desse dado que, categoricamente, ele desconhece; o conhecimento obscuro projeta-se na realidade exterior e dá corpo a realidade supra sensível, donde advém as concepções míticas do mundo; por fim, a psicanálise propõe retransformar essa realidade em psicologia do inconsciente. Assoun resume essa questão da seguinte forma:

O que é notável, é que a psicanálise, enquanto metapsicologia, só é possível como trabalho de retransformação em relação ao trabalho prévio de transformação efetuado pelo próprio psiquismo em seu elemento próprio. Portanto, o que a torna possível é a tendência a objetivação imanente ao trabalho do psiquismo, que tende a materializar o conflito psíquico ao representá-lo a si obscuramente (primeiro tempo), em seguida, tornando-o manifesto em suas objetivações (segundo tempo), portanto, acessível a uma investigação objetiva que se denomina metapsicologia (terceiro tempo) (ASSOUN, 1978, p.72).

A metapsicologia não é o prolongamento da metafísica. Constitui antes, uma forma de apreensão desse tipo de objetivação que é própria do funcionamento psíquico. Enquanto linguagem mediadora, retraduz a mensagem possibilitando aproximações da verdade do sujeito. “A metafísica torna possível a metapsicologia, no sentido em que possibilita revelar, numa formação estruturada e numa linguagem determinada, o

programa psíquico que passa a existir através dela enquanto objetividade” (Assoun, Idem). O trabalho do analista é o de retraduzir o significado psíquico expresso no significante lógico-metafísico. Assim, a objetivação metafísica torna possível a objetivação do dado psíquico. Essa objetivação apesar de ligada à metafísica não se propõe a ser uma psicologia pura e aplicada, mas, na proposta psicanalítica, uma metapsicologia. A metapsicologia, portanto, fornece a verdade do dado psicológico e o sentido da linguagem metafísica ao mesmo tempo. A metapsicologia esclarece a realidade psicológica ao mesmo tempo falsificadora e reveladora” – afirma Assoun (Idem, p.73). A metapsicologia passa pela metafísica, mas não importa a pretensa absolutização da verdade. É pelo “atalho” da transcendência implicada no significante “meta” que a metapsicologia se diferencia da metafísica ao revelar, na resolução da transcendência, a ilusão e o despiste característico das questões inconscientes.

Não por acaso, *As pulsões e o destino das pulsões* (1915) constitui o primeiro ensaio do projeto freudiano. Texto introdutório de seu trabalho apresenta a natureza e a função da metapsicologia e a maneira como ela se articula com as exigências da filosofia, donde se origina, com as exigências científicas que precisa atender. Vimos na Carta de 23 de maio de 1897, escrita à Fliess, que Freud ambiciona o conhecimento do funcionamento mental e naquele momento já percebia o jogo de economia de forças, a pulsão, muito embora não nomeada, como o motor do funcionamento dos processos psíquicos.

O aparato metapsicológico de Freud recusa o formalismo axiomático e defende o primado da descrição dos fenômenos. A especificação dos conceitos dá corpo à metapsicologia propriamente dita. Nessa empreitada, Freud dá passos com impecável rigor teórico, cujos conceitos são cuidadosamente definidos. Partidário da ideia de que a verdadeira ciência começa, antes, pela descrição minuciosa e paciente dos fenômenos, combate a urgência imposta pelo cientificismo quanto à apresentação de resultados. Freud é influenciado por Darwin, o qual dizia que um pesquisador jamais deve postular o que quer que seja sem a exaustiva observação e descrição dos fenômenos a que se propõe investigar (Ritvo, 1992). Assim influenciado, Freud somente postula seus conceitos fundamentais após o exaustivo e aprofundado exame dos fenômenos por ele considerados.

As definições metapsicológicas se opõem às definições filosóficas pelo fato das formulações conceituais virem ao final do processo de investigação, derivados do processo de conhecimento. Por isso mesmo os conceitos metapsicológicos estão isentos de rigidez nas definições. “Segundo Freud, a psicanálise vai encontrar na física contemporânea um modelo importante: esta “ensina de modo surpreendente” que “até mesmo os conceitos fundamentais que foram fixados nas definições, veem seu conteúdo constantemente modificado” (Assoun, 1978).

No artigo dedicado ao *Inconsciente* (1915), Freud define o termo metapsicologia: “proponho falar de apresentação metapsicológica quando logramos descrever um processo psíquico em suas relações dinâmicas, tópica e econômica. É de se prever que, no atual estado de nossos conhecimentos, só consigamos fazê-lo com respeito a pontos isolados” (1915, Freud APUD Roudinesco, 1998, p.511). Em 1920, no texto *Além do princípio de prazer*, encontramos a mesma definição, todavia de forma mais veemente:

Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer. Levando esse curso em conta na consideração dos processos mentais [...] introduzimos um ponto de vista econômico em nosso trabalho, e se, ao descrever esses processos, tentarmos calcular esse fator econômico além dos topográficos e dinâmicos, estaremos, penso eu, fornecendo deles a mais completa descrição que podemos atualmente conceber, uma descrição que merece ser distinguida pelo nome de metapsicológica (FREUD, 1920, ESB, v.18, cap. I, p. 17; *AE*, v.18, p.7).

Roudinesco (1998, p.511) afirma que, a partir da concepção de Freud sobre o que vem a ser metapsicologia, grande parte de sua obra deve ser englobada sob esse rótulo. Todavia, Freud intenciona que seja agrupado sob a designação metapsicológica um grupo de cinco textos escritos entre 1915 e 1917: *As pulsões e suas vicissitudes*,

Recalque, O inconsciente, Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos e Luto e melancolia. Originalmente eram doze textos a serem publicados naquilo que constituiu o projeto de Freud de escrever seus *Elementos para uma metapsicologia*, afirma Roudinesco (Idem). A historiadora e psicanalista francesa assinala que sete dos doze textos teriam que ser profundamente reformulados, conforme se deduz da leitura da correspondência com Lou Andreas-Salomé, entre 1915 e 1916. Para Roudinesco essa foi uma época em que Freud passava em revista alguns de seus postulados e que daria origem, nos anos pós-guerra, a “grande reformulação” mediante a introdução do dualismo pulsional final e de uma nova tópica, que marcaram o rompimento com as ideias iniciais do então projeto metapsicológico.

As pulsões e suas vicissitudes (1915) inaugura os artigos metapsicológicos dispostos no volume quatorze das obras completas de Freud. A pena de Freud revela o tom a que se propõe a metapsicologia:

Ouvimos com frequência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas ideias abstratas ao material manipulado, ideias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais ideias – que depois se tornarão conceitos básicos da ciência – são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de conteúdo (FREUD, 1915, *ESB*, v.14, p.137; *AE*, v.14, p.113).

Em seguida Freud faz recomendações quanto à formulação de conceitos:

Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área. Então, na realidade, talvez tenha chegado o momento de confiná-

los em definições. O avanço do conhecimento não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições. A física proporciona excelente ilustração da forma pela qual ‘conceitos básicos’, que tenham sido estabelecidos sob a forma de definições, estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo (FREUD, 1915, *ESB*, v.14, p.137; *AE*, v.14, p.113).

Esse primeiro ensaio é o lugar onde Freud apresenta a natureza e a função da metapsicologia e onde o autor dispõe a maneira pela qual a metapsicologia se articula com a necessidade filosófica de onde se origina, bem como com as exigências científicas a que permite satisfazer (Assoun, 1978, p.73). Percebemos que a proposta freudiana recusa o formalismo axiomático em favor do primado da descrição dos fenômenos. Vimos na citação acima que até as ciências mais exatas não encarnam a exceção, de forma que a exatidão positiva imposta pelo cientificismo de forma alguma é proporcional à sua retidão formal. Fundamentalmente, a recusa do formalismo axiomático permite que os famosos *Grundbegriffe* sejam encontrados ao final do processo de conhecimento, como produtos, sendo esse o estatuto e desafio primordial dos conceitos metapsicológicos.

Assim, foi por não ter uma compreensão míope a respeito das manifestações clínicas de seu tempo que Freud insiste em suas “passadas metapsicológicas”¹³, para ver onde ia dar. Foi preciso que Freud se entregasse à metapsicologia para que a psicanálise nascesse e mantivesse assegurado seu campo em qualquer tempo.

1.4. Pré-história do conceito de pulsão: e no caminho havia uma histérica...

“Não se deve jamais ler Freud sem ter as orelhas levantadas”

¹³ O grifo é meu.

(Jacques Lacan, 1964)

Em 1888, Freud escreve um artigo intitulado *Histeria* em contribuição à enciclopédia *Villaret*, obra composta de dois volumes. Masson (1986)¹⁴, assinala que os artigos da *Villaret* não são assinados e, desse modo, não se tem certeza absoluta de quais artigos são de autoria de Freud. Vogel¹⁵ é convicto em sustentar que os artigos *Hysterie* e *Hysteroepilepsie* devem ser atribuídos à Freud, por causa do estilo e conteúdo¹⁶.

Em carta à Fliess, datada de 28 de maio de 1888, Freud faz referências às horas destinadas a diversos artigos escritos para a *Villaret*. Essa foi uma fase difícil, pois Freud trabalhava além da clínica, a qual, nesse momento, decrescia. “E a vida, como é do conhecimento geral, é muito difícil e complicada e, como dizemos em Viena, há muitos caminhos para o Cemitério Central” – escreve Freud a seu amigo correspondente (Masson, 1986, Carta de 28/05/1888, p. 22).

O texto freudiano discorre sobre o verbete *Hysterie*, onde são apresentados dados sobre a origem do termo, definição, caracterização somática, quadro evolutivo, tratamento e, ao final, um pequeno resumo.

A importância do artigo *Hysterie* para o estudo da pulsão deve-se ao fato de nele constar alusões ao que, mais tarde, Freud nomeará como princípio de constância. Em 1842, o físico Robert Meyer formula a noção de conservação ou estabilidade da energia, noção que será retomada e desenvolvida a partir de 1845 por Hermann von Helmholtz, fisiologista e físico alemão. A obra de Helmholtz tem lugar na história da descoberta do inconsciente, mas é preciso compreendê-la à luz dos percalços da fisiologia moderna, cuja sedimentação teórica ocorreu somente no final do século XIX. Helmholtz soube aliar o sentido filosófico às exigências de mensuração e quantificação em suas criações. Em 1847, o fisiologista e físico alemão publica a monografia *Sobre a conservação da força*, onde apresenta ao conjunto do universo físico uma lei que se tornaria um

¹⁴ Cf. nota 2, p. 22.

¹⁵ Op. Cit. Masson, 1986, p. 22.

¹⁶ Op. Cit. Masson, 1986, nota 2, p. 22.

princípio fundamental da termodinâmica. Helmholtz foi aluno de Johannes Peter Müller, embriologista, o qual incentivava seus alunos a travar batalha contra o vitalismo, doutrina médica criada por Paul Joseph Barthez da Escola de Montpellier, “segundo a qual existe em cada indivíduo um princípio vital, distinto tanto da alma quanto do pensamento e das propriedades físico-químicas dos organismos vivos” (Roudinesco, 1998, p.777). Helmholtz, junto com Emil Du Bois-Reymond, Carl Ludwig e Ernst Wilhelm von Brücke, futuro professor de Freud, passam a combater o vitalismo defendendo a ideia de que “só as forças físicas e químicas, com exclusão de qualquer outra, agem no organismo” (Roudinesco, 1998, p.330). Dessa forma impuseram uma corrente mecanicista e organicista à neurologia e à psicologia, isolando a influência da filosofia.

Freud foi apresentado aos trabalhos de Helmholtz por Brücke e torna-se seu admirador, importando para a primeira tópica a concepção dinâmica da fisiologia daquela época (Roudinesco, Idem). Em 1873, Gustav Theodor Fechner, médico e filósofo alemão, teoriza sobre o princípio de conservação da energia. Em 1920, Freud retoma as concepções de Fechner em suas teorizações sobre o princípio de prazer e defende que o aparelho psíquico objetiva manter no nível mais baixo, e de forma constante, a quantidade de excitação nele presente. Dessa maneira elabora a dimensão econômica inicial de sua metapsicologia. Sabemos que as elaborações freudianas em torno da pulsão de morte levarão Freud a abandonar tal concepção em prol da discussão sobre os limites de dominação do princípio de prazer (Roudinesco, 1986, p.485).

Após essa digressão necessária para a contextualização científica em que se deram os primeiros passos freudianos, voltemos ao texto de 1888. Na caracterização geral da histeria, Freud alude a algo da ordem do exagero, seja no sentido de um desenvolvimento no mais alto grau, seja numa limitação exacerbada, enfatizando a mutabilidade do sintoma (Freud, 1888).

Juntamente com os sintomas físicos da histeria, pode-se observar toda uma série de distúrbios psíquicos nos quais, futuramente, serão sem dúvida encontradas as modificações características da histeria, mas cuja análise, até o momento, mal começou. Esses distúrbios psíquicos são alterações no curso e na associação de ideias, inibições na atividade da vontade, exagero e repressão dos sentimentos, etc. –

que podem ser resumidos como *alterações na distribuição normal, no sistema nervoso, das quantidades estáveis de excitação*” (FREUD, 1888, *ESB*, v.1, p.95; *AE*, v.1, p.54).

Nesse momento Freud conclui que “os pacientes histéricos funcionam com um excesso de excitação no sistema nervoso – excesso que se manifesta ora como inibidor, ora como irritante, deslocando-se com grande mobilidade dentro do sistema nervoso” (Ibidem). Ou seja, a histeria é encarada como uma anomalia do sistema nervoso fundamentada na “distribuição diferente de excitações” (Idem), e que o tratamento eficiente será aquele que conseguir atuar na distribuição das excitações provenientes das zonas histerógenas do sistema nervoso.

Nessa época era comum a internação de pacientes em sanatórios de modo a remover o indivíduo de seu contexto social, de tudo e de todos. O isolamento e a figura do médico protagonizavam os agentes curativos principais, associados a massagens, hidroterapia, eletroterapia, atividades físicas, além do repouso terapêutico. No texto de 1888, Freud recomenda o método de Breuer, o qual consiste em levar a paciente, sob hipnose, ao resgate de sua história pregressa à doença. Anderson¹⁷ assinala que a referência à técnica de Breuer diz respeito apenas a eficiência da sugestão em pacientes hipnotizados, sem abranger a elaboração teórica maior em torno da descoberta da ab-reação.

1.5. De volta à Viena: primórdios clínicos

¹⁷ Op.Cit. Editor das Obras Completas, *ESB*, vol. 1, p.105.

1888-1892. Freud passa uma temporada na França, sob a recomendação de Brücke, graças a qual conseguiu uma bolsa para estudar com Charcot, em 1885. De volta à Viena no ano seguinte, dedica-se ao estudo do hipnotismo e da sugestão. A partir de abril de 1886, retoma as atividades médicas em consultório privado na 7, Rathausstrasse, e passa a chefiar o Departamento de Neurologia da primeira instituição pública com atendimento infantil, dirigida por Max Kassowitz¹⁸. Freud esteve nessa função por dez anos, de 1886 a 1896, e alguns de seus casos clínicos datam desse período. Nesse departamento teve a oportunidade de desenvolver pesquisas científicas com crianças que sofriam de paralisia cerebral. De 1886 a 1892 Freud coletou duzentos e setenta e cinco dados neuropatológicos junto a crianças com diplegia¹⁹, cujas observações serviram de base para a publicação de monografias escritas entre 1888 e 1900. Freud era considerado uma autoridade em assuntos inerentes a paralisia cerebral infantil. Em 1896 encerra suas contribuições na instituição comandada por Kassowitz e passa o cargo à Emil Redlich. Em 1938 o Instituto de Kassowitz foi desfeito após a anexação da Áustria pelo Terceiro Reich²⁰.

A experiência de Freud com a hipnose pode ser detalhadamente rastreada nas Obras Completas e ratificada no *Estudo Autobiográfico* (1925[1924]). Ainda estudante presencia uma exibição feita por Hansen, conhecido como o magnetizador, diante da qual fica impressionado²¹. Aos vinte anos tem conhecimento que Joseph Breuer, futuro colaborador, aplica a hipnose para fins terapêuticos. Aos trinta anos, em Paris, na clínica de Charcot lhe é mostrado que a sugestão hipnótica com finalidade terapêutica há muito gozava de reconhecimento e uso corrente. Freud registra quão maravilhado ficou diante dos feitos de Charcot.

¹⁸ Kassowitz nasceu em 1842 e faleceu em 1913. Foi professor de pediatria na Universidade de Viena e especialista em fisiologia e patologia da formação do osso. Em 1883, descobriu um método para tratamento do raquitismo, utilizando fósforo no óleo de fígado de bacalhau.

¹⁹ Paralisia que afeta ambos os lados do corpo

²⁰(fonte: <https://answers.com/topic/institut-max-kassowitz>).

²¹ Op. Cit. Editor inglês Obras Completas de Sigmund Freud, *ESB*, 1888, vol. 1, p.112.

(...) não perdi a ocasião de adquirir um conhecimento pessoal dos fenômenos do hipnotismo, que são tão surpreendentes e aos quais se dá tão pouco crédito, e, em especial, do “*grand hypnotisme*” descrito por Charcot. Com surpresa, verifiquei que nessa área determinadas coisas aconteciam abertamente diante de nossos olhos e que era quase impossível duvidar delas; assim mesmo, eram tão estranhas que não se podia acreditar nelas, a menos que delas se tivesse uma experiência pessoal (FREUD, 1956[1886], v.1, p.50; *AE*, v.1, p.13).

Em *Um estudo autobiográfico* (1925[1924], *ESB*, p.31) Freud assinala que, desde o princípio usou a sugestão hipnótica de “uma outra” maneira. Certamente a referência a estranheza do método de Charcot, grafado em seu *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim* (1956[1886], p.50), deve-se à influência de Breuer quanto ao uso do hipnotismo na determinação da etiologia sintomática.

Roudinesco (1994, p.153) assinala que em 14 de setembro de 1886 Freud casa-se com Martha Bernays, de modo que era preciso estabelecer-se como médico. Dado o novo imperativo pessoal, Freud experimentou diversos métodos para tratamento da neurose, dentre eles, eletroterapia, hidroterapia, repouso, para depois retomar o uso da hipnose. Em termos históricos, Freud procurava um novo método de tratamento para a neurose.

Há evidências histórico-teóricas quanto ao início de utilização do método catártico de Breuer. No verão de 1889, viaja para Nancy por algumas semanas com a finalidade de aperfeiçoar sua técnica hipnótica. Na autobiografia escrita em 1924, Freud registra que solicita que uma de suas pacientes, a qual era difícil de hipnotizar, o encontrasse em Nancy. Lá, Bernheim, conhecido por seus assombrosos experimentos com a hipnose, também não consegue hipnotizar Frau Emmy von N, codinome atribuído por Freud para Fanny Moser.

Essa paciente era uma histérica altamente dotada, uma mulher bem nascida, que me fora confiada porque ninguém sabia o que fazer com ela. Pela influência hipnótica eu lhe tornara possível levar uma existência tolerável, e sempre fui capaz de tirá-la da miséria de sua condição. Mas ela sempre recaía após breve tempo, e em minha ignorância eu atribuía isso ao fato de que sua hipnose jamais alcançara a fase de

sonambulismo com amnésia. Bernheim tentou então várias vezes provocar isso, mas ele também fracassou (FREUD, 1925[1924], *ESB*, v.20, p.29; *AE*, v.20, p.17).

Roudinesco (1994) afirma que foi com Frau Emmy von N. que Freud empregou, pela primeira vez, o método catártico. No livro *Gènealogie* (1994), a psicanalista francesa assinala que Freud atribui a Fanny Moser as seguintes palavras: “*Ne bougez pas! Ne dites rien! Ne me touchez pas!*”²² O tratamento de Frau Emmy von N. gerou em seu analista a dúvida frente à hipnose e quanto à postulação de Bernheim de que “*tout est dans la suggestion!*”²³.

Freud não abandona totalmente a hipnose, posto que o método catártico de Breuer exija previamente a hipnose da paciente. Mas o uso da hipnose não tarda a desapontá-lo. Em *Cinco lições de psicanálise* (1910 [1909], p.24) escreve: “Tornou-se-me logo enfadonho o hipnotismo, como recurso incerto e algo místico; e quando verifiquei que apesar de todos os esforços não conseguia hipnotizar senão parte de meus doentes, decidi abandoná-lo, tornando o procedimento catártico independente dele”. Apesar disso, Freud ainda utiliza a hipnose como parte integrante do método de Breuer.

No final de 1892 suspende o uso da hipnose na sua terapêutica, substituindo o sono hipnótico por algo que denominou de estado de concentração. Roudinesco (1994, p.157) assinala que em novembro desse ano Freud trata os casos de Fraülein Elisabeth von R., Frau Katharina e Miss Lucy. Estava em elaboração o método da associação livre.

A hipnose tem o seu lugar na história psicanalítica enquanto peça fundamental, pois com a técnica hipnótica Freud pode aproximar-se da histérica, que tanto presenteou a psicanálise. Há resquícios da técnica abandonada na prática analítica. Afinal, a posição e o dispositivo em que se efetua o tratamento analítico são remanescentes do método hipnótico, e que Freud fez questão de manter. Em *Sobre o início do tratamento – novas recomendações sobre a técnica da psicanálise* (1913), Freud escreve:

²² Não se mexa! Não diga nada! Não me toque!

²³ Op.Cit. Freud, *ESB*, v.1, p.117.

[...] tenho de dizer uma palavra sobre um certo cerimonial que concerne à posição na qual o tratamento é realizado. Atenho-me ao plano de fazer com que o paciente se deite num divã, enquanto me sento atrás dele, fora de sua vista. Esta disposição possui uma base histórica: é o remanescente do método hipnótico, a partir do qual a psicanálise se desenvolveu. Mas ele merece ser mantido por muitas razões (FREUD, 1913, *ESB*, v.12, p.176; *AE*, v.12, p.135).

As razões que Freud apresenta são de ordem pessoal, dada a atenção flutuante que a geografia do dispositivo analítico favorece, e por aquilo que Lacan irá se referir quanto às interferências imaginárias desnecessárias durante a sessão de análise.

Estima-se que Freud usou a hipnose por dez anos, no período situado entre 1886 e 1896. Em *Recordar, repetir e elaborar* (1914) grafa em definitivo o lugar devido à hipnose na história do movimento psicanalítico: “Ainda devemos ser gratos à velha técnica hipnótica por ter-nos apresentados processos únicos de análise sob forma isolada ou esquemática. Somente isto poder-nos-ia ter dado a coragem para criar situações mais complicadas no tratamento analítico e mantê-las claras diante de nós” (Freud, 1989/1914, p.194). Na Conferência XXVIII, intitulada *Terapia analítica* (1916-17, *ESB*, p.538) expressa sentimento de gratidão ao método hipnótico: “Nós, psicanalistas, podemos declarar-nos seus legítimos herdeiros, e não esquecemos quanto encorajamento e esclarecimento teórico lhe devemos”.

A hipnose serviu de instrumento de aproximação dos processos psíquicos, diante e a partir dos quais enigmas psíquicos bateram à porta de Freud, o qual se dispôs a investigá-los, para ver onde ia dar. Nessa longa estrada Freud fareja o enigma maior – a pulsão -, apontado pela sexualidade denunciada pela histérica.

1888. Freud traduz para o alemão *De la suggestion et de ses applications à la thérapeutique*, de Bernheim. No prefácio à referida tradução escreve que o trabalho de Bernheim “proporciona uma admirável introdução ao estudo do hipnotismo” (Freud, *ESB*, 1888, p.123). Para o tradutor alemão o valor de *De la suggestion* reside na desmistificação da hipnose, esclarecendo e correlacionando os fenômenos da vigília e do sono.

É interessante notar o valor principal atribuído por Freud ao texto de Bernheim, na medida em que é revelada a vinculação entre os fenômenos hipnóticos aos processos que ocorrem na vigília e no sono, “e no fato de trazer à luz as leis psicológicas que se aplicam a ambos os tipos de eventos” (Idem). A hipnose sai da esfera médica e é transposta para a alçada psicológica, constituindo a sugestão o seu núcleo e chave para a sua compreensão.

Freud destaca a importância terapêutica do método hipnótico, nesse momento encarado como o ideal de tratamento para os distúrbios nervosos. Assinala que o livro de Bernheim esclarece a inofensibilidade da terapêutica, sendo a hipnose um método “inócuo” (Freud, 1888, *ESB*, p.125), além de indicar duas correntes dentre os adeptos do hipnotismo. Uma vertente, a alemã, sustenta que os fenômenos hipnóticos têm a mesma origem, surgem de uma sugestão, de uma ideia consciente introduzida por um agente externo e aceita pelo hipnotizado como se tivesse surgido espontaneamente. A outra vertente, francesa, defendida por Charcot, sustenta que as manifestações hipnóticas são derivadas de modificações fisiológicas, referindo-se aos deslocamentos de excitações nervosas, sem a participação da ideia consciente. Destacam-se nessa segunda vertente, os fenômenos físicos ou fisiológicos, provenientes da hipnose, os quais darão corpo ao que se designa por *grand hypnotisme*. Tal expressão é aplicada aos fenômenos observados a partir da hipnotização de pacientes histéricos, teatralizado magistralmente por Charcot. Diferentemente das pessoas normais hipnotizadas, os pacientes histéricos evidenciam três fases, cada momento distinto em razão dos sinais físicos apresentados.

Se têm razão os adeptos da teoria da sugestão, todas as observações feitas no Salpêtrière ficam invalidadas; tonam-se erros de observação. A hipnose de pacientes histéricos não teria nenhuma característica própria; mas todo médico teria a possibilidade de produzir, nos pacientes que hipnotizasse, qualquer sintomatologia que desejasse. Com o estudo do grande hipnotismo não aprenderíamos que modificações sucessivas se efetuam na excitabilidade do sistema nervoso, decorrentes de determinadas formas de intervenção; iríamos apenas aprender quais as intenções que Charcot sugeriu (de uma forma da qual nem ele tinha consciência) às pessoas submetidas a essas experiências – coisa inteiramente irrelevante para nossa compreensão da hipnose e da histeria (FREUD, 1888, *ESB*, v.1, p.126-127; *AE*, v.1, p.84).

A leitura que freudiana diante das duas vertentes é no sentido do alerta frente a possibilidade de falsificação do fenômeno histérico, além do risco de comprometimento na observação comportamental e da pretensa atribuição fisiológica para tais sintomas. Na verdade Freud assinala o descaso para com os fatores psíquicos presentes na histeria, tendo em vista estar convencido das leis que regem os fenômenos históricos.

[...] devemos assinalar um excelente exemplo de como o descaso pelo fator psíquico da sugestão desorientou um grande observador e o levou à criação artificial e falsa de um tipo clínico, em decorrência da natureza cheia de caprichos e maleabilidades de uma neurose (FREUD, 1888, *ESB*, v.1, p.127; *AE*, v.1, p.84).

Freud acredita na objetividade da sintomatologia histórica e afirma serem justificadas as críticas de Bernheim. Escreve que “essas críticas revelar-se-ão importantes porque, em toda investigação futura da histeria e do hipnotismo, a necessidade de excluir o elemento sugestão será lembrada de modo mais consciente” (Freud, 1888, p.127). O texto freudiano se encaminha no sentido de salientar que a sugestão não tem o poder de produzir algo que não esteja presente na consciência. Nesse sentido, assinala que os pontos chaves da sintomatologia histórica estão livres da sugestão feita pelo médico, uma vez que os sintomas históricos sugerem um mecanismo psíquico, mas não necessariamente o mecanismo da sugestão.

Do exposto, observamos Freud posicionado diante dos enigmas iniciais em torno da histeria. Ao invés de ceder aos embates teóricos da época e dos recursos à propriedade intelectual dos autores, Freud atém-se ao que considera essencial para o entendimento da neurose, ou seja, à existência de fatores psíquicos – muito embora não conhecidos, e à excitação dos processos nervosos. Tais aspectos serão vitais na construção teórica referente à pulsão.

1889. Freud faz uma resenha do livro de August Forel, intitulado *Der Hypnotismus, seine Bedeutung und seine Handhabung*. No texto elaborado por Freud aparece o termo ‘pulsão’. Ao comentar a segunda parte do livro de Forel, Freud destaca a passagem segundo a qual “por meio da sugestão sob hipnose é possível produzir,

influenciar, impedir (inibir, modificar, paralisar ou estimular) todos os fenômenos subjetivos conhecidos da mente humana e uma grande parte das funções objetivamente conhecidas do sistema nervoso” (Freud, 1889, ESB, vol. 1, p.152). Da citação de Forel, Freud depreende que a sugestão sob hipnose é capaz de atingir funções motoras e sensitivas do corpo, bem como funções psíquicas, influenciando sentimentos, “pulsões”, memória, vontade e outros aspectos. Ao que parece, o emprego do termo ‘pulsão’ integra algo de ordem subjetiva, mas é usado em oposição às funções corporais objetivas. Suelena Werneck, em dissertação de mestrado intitulada *Pulsão e origens da pulsão: a pré-história de um conceito*, defendida em 1992, assinala que, nesse momento, Freud já consagra à pulsão um lugar desvencilhado do domínio exclusivamente orgânico.

Em 1890, Freud escreve um artigo sobre hipnose para um manual médico, intitulado *Tratamento psíquico*. O texto faz uma referência rápida ao método catártico, mas sua importância reside no fato de marcar um momento de mudança nos caminhos a serem seguidos por Freud.

Vimos Freud travar contato com a obra de Bernheim, em 1885. O autor de *De la suggestion et de ses applications à la thérapeutique* sustenta, a seu modo, que a sugestão age pela palavra, conferindo à palavra o eixo motor do tratamento. Freud coaduna com tal ideia, mas dá um novo tom: é pela palavra que se dá o tratamento psíquico.

Tratamento psíquico quer dizer, antes, tratamento que parte da alma, tratamento – seja de perturbações anímicas ou físicas – por meios que atuam em primeiro lugar e de maneira direta, sobre o que é anímico no ser humano. Um desses meios é sobretudo a palavra, e as palavras são também a ferramenta essencial do tratamento psíquico (FREUD, 1890, ESB, v.7, p.267; *AE*, v.1, p.115).

Tratamento psíquico (1890) foi escrito para *Die Gesundheit*, obra popular de medicina, e Freud considera que o leigo terá dificuldades para compreender como uma perturbação patológica do corpo e da alma se esvai por “meras palavras” (Freud, 1890, *ESB*, p.267).

As palavras de nossa fala cotidiana não passam de magia mais atenuada. Será preciso tomar um caminho indireto para tornar compreensível o modo como a ciência é empregada para restituir às palavras pelo menos parte de seu antigo poder mágico (FREUD, 1890, *ESB*, v.7, p.267; *AE*, v.1, p.115).

A palavra passa a ser tomada como o elo entre o dualismo corpo/alma. O texto traz à baila questões que estarão presentes ao longo de toda a obra de Freud, ou seja, a articulação corpo/representação, presente desde 1888.

Freud afirma que a medicina se manteve durante longo tempo infrutiferamente na dependência da filosofia da natureza. Segundo afirma, o advento das ciências naturais proporcionou avanços teóricos importantes e necessários, na medida em que foi possível compreender, a partir da química e da física, os processos vitais em sua funcionalidade, tornando-se possível identificar as origens patológicas a partir das modificações visivelmente constatadas nas partes do corpo.

Freud afirma que a medicina dispunha de razões para investigar as relações incontestáveis entre o físico e o mental, “mas nunca deixou de representar o anímico como determinado pelo físico ou dependente deste” (Freud, 1890, *ESB*, p.268). O criador da psicanálise defende a reciprocidade dos vínculos entre corpo e mente, e reconhece que a medicina fez ouvidos moucos a tais relações. “Eles pareciam temerosos de conceder certa autonomia à vida anímica, como se com isso fosse abandonar o terreno da cientificidade” (Idem).

Ao balizar seu caminho pela teoria e pela clínica, da neurologia à psicologia, e desta à psicanálise, influenciado pelo positivismo, Freud subverte a objetividade do saber psiquiátrico dos séculos XIX e XX. E mais, subverte o reducionismo médico e revela, originalmente, que a fonte de algumas patologias não se encontra em sinais visíveis e palpáveis. A partir de seu trabalho na clínica, relata vários exemplos de enfermos com patologias supostamente físicas, afirmando que, em todos os casos os sintomas estavam associados a excitações e preocupações, as quais, quando desapareciam, davam lugar à saúde, inclusive sem deixar vestígios. “Tem-se conferido a esse estado o nome de nervosismo (neurastenia, histeria), qualificando-o como uma doença meramente “funcional” do sistema nervoso” (Freud, *ESB*, p.269).

Freud salienta que, “pelo menos numa parcela desses enfermos, os sinais da doença não provinham de outra coisa senão uma influência modificada da vida anímica sobre seu corpo, devendo-se buscar no anímico a causa imediata da perturbação” (Ibidem, p.270). Dessa forma passa à condição de evidência inquestionável à relação recíproca entre corpo e alma – o que define o dualismo paralelístico de Freud. Nesse cenário, os afetos ilustram, com excelência, a coparticipação do corpo, verificados nas expressões faciais, alterações na circulação sanguínea e batimentos cardíacos, contrações musculares, vômitos, diarreias, enxaquecas, dentre outros quadros clínicos.

Os afetos, num sentido mais estrito, distinguem-se por um vínculo muito especial com os processos físicos, mas, a rigor, todos os estados anímicos, inclusive aqueles que estamos acostumados a considerar como “processos de pensamento”, são “afetivos” numa certa medida, e nenhum deles carecem de manifestações físicas e da capacidade de modificar os processos corporais. Mesmo enquanto se está tranquilamente pensando por meio de “representações”, correspondem ao conteúdo dessas representações várias excitações constantes, desviados para os músculos lisos e estriados (FREUD, 1890, *ESB*, v.7, p.272; *AE*, v.1, p.119).

Restava esclarecer o nexa incontestável entre corpo e mente. Até então, o órgão anímico incorporava o sistema nervoso. Em *Um estudo autobiográfico* (1925[1924]), Freud deixa claro que é a investigação fisiológica que define o passo de seu arcabouço teórico, na medida em que a observação da estrutura fornece as bases para a compreensão de sua funcionalidade. “A anatomia permanece a base topológica sobre a qual ele funda suas pesquisas”, afirma Werneck (1992, p.101). Será a clínica, ou mais precisamente, a histórica, que revelará as leis de regulação anátomo-fisiológicas, aspectos que passaram despercebidos por Charcot.

O conceito de pulsão dará conta do nexa patente entre as relações corpo e mente. No *Tratamento psíquico* (1890) o termo pulsão é usado em sentido comum, designando moções, forças que impelem o homem, em sentido amplo. O importante a destacar é que a ideia de pulsão (*Triebkräfte*) comparece como algo inerente a quantidade capaz de impulsionar o sujeito.

Mas não há nenhuma necessidade de recorrer a outra coisa senão os poderes anímicos para esclarecer as curas milagrosas. Nem mesmo nessas condições manifestam-se efeitos que possamos considerar inconcebíveis para nossa cognição. Tudo se passa naturalmente; de fato, o poder da fé religiosa recebe aí um reforço de muitas forças pulsionais tipicamente humanas (FREUD, 1890, v.7, p.274; *AE*, v.1, p.122).

Na sequência do texto, encontramos:

Tampouco os que não têm crença religiosa precisam renunciar às curas milagrosas. Para eles, o prestígio e o efeito das massas substituem completamente a crença religiosa. Há em todas as épocas tratamentos da moda e os médicos da moda, que exercem um domínio especial na alta sociedade, onde as forças pulsionais anímicas mais poderosas são representadas pelo esforço de exceder uns aos outros e imitar os aristocráticos (FREUD, 1890, *ESB*, v.7, p.274; *AE*, v.1, p.122).

Outro aspecto está presente no texto freudiano: o referente à problemática energética e o referente à teoria do sentido – que, na verdade, corresponde a questão da oposição corpo-mente. Aqui não há uma oposição entre o naturalismo e o pensamento de Freud. O que se percebe é que a pulsão, muito embora não elevada à categoria de conceito fundamental da psicanálise, tece o intertexto escrito por Freud. A noção de pulsão abre espaço para a produção de sentido, ascendendo, posteriormente, a algo distinto da ordem naturalística, ou seja, diferente de instinto.

O poder da sugestão confronta-se aqui com a força que criou e mantém os fenômenos patológicos, e a experiência mostra que esta é de uma ordem de grandeza muito diferente da que caracteriza a influência hipnótica. O mesmo doente que se resigna com perfeita docilidade em qualquer situação onírica que lhe seja sugerida, desde que não seja francamente escandalosa, pode ficar completamente rebelde a uma sugestão que o prive, digamos, de sua paralisia imaginária. Acresce ainda que, na clínica, justamente os pacientes neuróticos, em sua maioria, é que são difíceis de hipnotizar, de modo que a luta contra as forças poderosas com que a doença se

consolidou na vida anímica tem de ser travada, não com a totalidade da influência hipnótica, mas apenas com um fragmento dela (FREUD, 1890, *ESB*, v.7, p.284; *AE*, v.1, p.131).

Entre 1892 e 1893 Freud escreve *Um caso de cura pelo hipnotismo*. O texto veio à luz na mesma época da *Comunicação preliminar* (1893) e algumas das ideias nele contidas aparecem na obra posterior de Freud. O artigo constitui uma espécie de migração do hipnotismo para a histeria, tema que Freud começara a se interessar. *Um caso de cura pelo hipnotismo* é considerado o primeiro texto freudiano que versa sobre psicopatologia e já aborda aspectos da dinâmica da vida psíquica. Freud discorre sobre o caso de uma mãe incapaz de amamentar seu filho, até a intervenção da sugestão hipnótica. Freud a classifica como *hystérique d'occasion*, em consonância com a terminologia charcotiana, categoria que combina aspectos “normais”, derivados de saúde isenta de comprometimentos, com sintomas histéricos. Após o nascimento do primeiro filho havia baixa produção de leite, dores ao amamentar, perda de apetite da mãe, noites insones, motivos pelos quais se lançou mão de uma ama de leite, de modo a não por em risco mãe e filho. Três anos mais tarde, com o nascimento do segundo filho, fatores externos somaram-se ao fato de ser desejável evitar a ama de leite. Todavia, a mãe novamente fracassa em sua tentativa de amamentar o segundo filho, e os sintomas de outrora são potencializados na situação presente: vomitava qualquer alimento ingerido, não conseguia dormir e, por fim, deprimiu-se. Sob tais circunstâncias Freud dá início ao tratamento por meio da sugestão hipnótica. A paciente consegue dormir, alimentar-se e amamentar seu bebê por um período de “meio dia” (Freud, 1892-93, *ESB*, p.180). A paciente é submetida à segunda hipnose, mediante a qual entra rapidamente em sonambulismo. No terceiro dia, a paciente recusa o tratamento alegando a inexistência de problemas: o apetite retornara e dispunha de farto leite para alimentar seu filho. Com o nascimento do terceiro filho, as velhas questões retornaram, tal como nas gestações anteriores. Freud é convocado e a encontra com os mesmos sintomas: aversão aos alimentos e incapacidade de amamentar o filho recém-nascido. Freud a hipnotiza duas vezes, desaparecendo os sintomas. A mãe amamenta o terceiro filho sem qualquer problema, relata o analista (*Ibidem*, p.181).

Freud passa a discorrer sobre as possíveis hipóteses dos distúrbios psíquicos da paciente, cujos sintomas foram removidos pela sugestão.

Existem determinadas ideias que têm um afeto de expectativa que lhes está vinculado. São de dois tipos: ideias de eu fazer isto ou aquilo – o que denominamos *intenções* – e ideias de isto ou aquilo me acontecer – são as *expectativas* propriamente ditas (FREUD, 1892-1893, *ESB*, v.1, p. 182; *AE*, v.1, p.155).

Freud explica que o afeto vinculado a tais ideias depende do grau de importância que o resultado tem para o sujeito e do grau de incerteza inerente ao resultado esperado. Assinala que a incerteza está relacionada ao conjunto de ideias por ele denominado de “ideias antitéticas aflitivas”, e que as expectativas contrárias estão relacionadas a tudo o que possa acometer o paciente diferentemente daquilo que ele deseja. “Como é que uma pessoa, com vida ideativa sadia, lida com as ideias antitéticas que se opõem a uma intenção?” – questiona Freud (Idem). Se tiver saúde psíquica, exclui tais ideias de seus pensamentos e associações, afirma o autor. Se tiver “*status nervosus* em geral” (Idem), existe a possibilidade de diminuição da autoconfiança e tendência à depressão, responde Freud.

Nas neuroses, pois, uma grande atenção é dedicada [pelo paciente] às ideias antitéticas que se opõem às intenções, talvez porque o tema de tais ideias se coadune com o estado de ânimo da neurose, ou talvez porque as ideias antitéticas, que de outro modo estariam ausentes, vicejem no terreno da neurose (FREUD, 1892-1893, *ESB*, v.1, p.183; *AE*, v.1, p.155).

Quando as ideias antitéticas se relacionam com *expectativas*, no caso de um sujeito neurótico, o quadro mental se apresenta acentuadamente pessimista, podendo gerar fobias e descrença pessoal. No caso da histeria, Freud afirma que quando um sujeito tenta por em prática uma intenção, a ideia antitética inibida consegue objetivar-se através de inervações somáticas, da mesma forma como o faz, em circunstâncias normais, uma ideia volitiva. A ideia antitética estabelece-se como uma “contravontade”.

Do resultado do jogo de forças entre uma intenção e uma “contravontade” (ideia antitética), a histérica conduz-se de modo diverso. No caso da mãe que se viu impedida de amamentar seu filho, Freud escreve a respeito o seguinte:

Pode não estar consciente de seu receio, estar bastante decidida a levar a cabo sua intenção e passar a executá-la sem hesitação. Aí, porém, comporta-se como se fosse sua vontade não amamentar a criança em absoluto. Ademais essa vontade desperta nela todos os sintomas subjetivos que uma simuladora apresentaria como desculpa para não amamentar seu filho: perda do apetite, aversão à comida, dores quando a criança é posta a mamar. E, como a contravontade exerce sobre o corpo um controle maior do que a simulação consciente, também produz no aparelho digestivo uma série de sinais objetivos que a simulação seria incapaz de engendrar. Aqui, em contraste com a *fraqueza* da vontade mostrada na neurastenia, temos uma *perversão* da vontade; e, em contraste com a resignada irresolução mostrada no primeiro caso, aqui encontramos surpresa e exasperação ante uma dissensão que é incompreensível para a paciente (FREUD, 1892-1893, ESB, v.1, p.184; *AE*, v.1, p.157).

Vimos que Freud qualifica o caso em questão como uma *hystérique d'occasion*, derivado de uma consequência fortuita, a qual, segundo o analista era presumivelmente “o estado de excitação da paciente antes do primeiro parto ou sua exaustão após o mesmo” (Idem). Nessa época Freud considerava comum o fato de primíparas desencadear sintomas neuróticos após o primeiro parto. Para compreender esse processo, Freud julga importante entender como uma ideia antitética adquire a supremacia em consequência da exaustão geral, e que torna contundente a disposição do processo. Segundo o autor, “o que está exausto são os elementos do sistema nervoso que formam o fundamento material das ideias associadas com a consciência primária; as ideias que estão excluídas dessa cadeia associativa [...], as ideias inibidas e suprimidas, *não* estão exaustas e, por conseguinte, predominam no momento da predisposição para a histeria” (Idem, p.188). Ou seja, as ideias rechaçadas da consciência normal tomam a frente no momento da disposição para a histeria, inervando-se somaticamente, caracterizando o ataque histérico.

São grupos de ideias recalçadas – laboriosamente recalçadas – que entram em ação nesses casos, pela operação de uma espécie de contravontade, quando a pessoa cai vítima de exaustão histérica. Talvez, na realidade, a conexão possa ser mais íntima, pois o estado histérico é possivelmente *produzido* pela repressão laboriosa (FREUD, 1892-1893, *ESB*, v.1, p.188; *AE*, v.1, p.160).

Fred assinala que a emergência da “contravontade” explica a dificuldade ou incapacidade de alguns paciente histéricos procederem a realização de algumas tarefas, ou de agirem de modo contrário, o que os tornam vítimas de tais ideias antitéticas, uma vez fixados a tal ideia.

Com relação às ideias suprimidas, o estudo da histeria revela que elas “levam a vida insuspeitada numa espécie de reino das sombras, até emergirem como maus espíritos e assumirem o controle do corpo, que, geralmente, está sob as ordens da predominante consciência do eu” (Idem, p.189). Em 1920, em *Além do princípio de prazer*, ao lançar as bases teóricas em torno do conceito de pulsão de morte, Freud irá dizer que a pulsão aproveita todas as oportunidades para atuar. A vertente final com a qual Freud encerra *Um caso de cura pelo hipnotismo* esclarece uma das possibilidades de atuação pulsional, muito embora nesse momento ainda não esteja conceituada a pulsão. A coprolalia - tendência involuntária de proferir palavras obscenas ou fazer comentários geralmente considerados socialmente depreciativos e, portanto, inadequados, particularmente referidos a excrementos, aos genitais e aos atos sexuais -, justifica a manutenção de segredos conhecidos, “cujo conhecimento sempre procuramos ocultar” (Idem, p.191).

1892. Freud explicitamente discorda das posições de Charcot, sobretudo naquilo que se refere à etiologia hereditária da neurose e às anormalidades da vida sexual. Diante da afirmação de Charcot de que a hereditariedade era a causa verdadeira dos ataques histéricos, Freud se posiciona: “Com maior frequência, a causa da agorafobia, assim como de outras fobias, está não na hereditariedade, mas nas anormalidades da vida sexual” (Freud, 1892, p. 208). Em nota de rodapé referente ao posicionamento de Charcot sobre o excesso de trabalho como causa da neurastenia cerebral, Freud contrapõe-se com os seguintes termos:

Todas essas discussões etiológicas referentes à neurastenia são incompletas na medida em que não são consideradas as influências nocivas sexuais, as quais, em minha experiência, constituem o fator mais importante, o único fator etiológico indispensável (FREUD, 1892, *ESB*, v.1, p.209; *AE*, v.1, p.176).

No início da década de 90, Freud reconhece a importância das perturbações sexuais nas chamadas neuroses atuais – a neurastenia e a neurose de angústia. Dessa forma, o fator primordial presente na histeria – o excesso de excitação no sistema nervoso – não mais deveria ser procurado em componentes hereditários, mas nas peculiaridades da vida sexual. Sabemos que em Charcot o quadro etiológico da histeria é pouco preciso: a sintomatologia é o resultado de uma deterioração hereditária a nível cerebral. Os chamados *agents provocateurs* de Charcot ocupam uma posição secundária. Com Freud, tais *agents* protagonizam a cena principal, galgando importância etiológica respaldada pela clínica freudiana. Dentre esses fatores desencadeantes da neurose destaca-se a noção de trauma psíquico, “capaz de provocar a irrupção da histeria” – afirma Freud (1892, *ESB*, p.203).

O ponto central de um ataque histérico, qualquer que seja a forma em que este apareça, é uma *lembrança*, a revivescência alucinatória de uma cena que é significativa para o desencadeamento da doença. É esse evento que se manifesta de forma perceptível na fase das “*attitudes passionales*”; mas também está presente quando o ataque parece consistir somente em fenômenos motores. O *conteúdo da lembrança* geralmente é ou um *trauma psíquico*, que, por sua intensidade, é capaz de provocar a irrupção da histeria no paciente, ou é um evento que, devido à sua ocorrência em um momento particular, tornou-se um trauma (FREUD, 1892, *ESB*, v.1, p. 203; *AE*, v.1, p.171).

Em seguida, lê-se a definição do que vem a ser um trauma:

Nos casos conhecidos como histeria “traumática”, esse mecanismo é evidente até à observação mais superficial; [...] constatamos traumas menores, repetidos, ou, quando predomina o fator da disposição, lembranças em si mesmas indiferentes, mas que assumem a intensidade de traumas. Um trauma teria de ser definido como um *acréscimo da excitação* no sistema nervoso, *que esse é incapaz de fazer dissipar-se adequadamente pela reação motora*. Um ataque histérico talvez deva ser considerado como uma tentativa de completar a reação do trauma (FREUD, *ESB*, 1892, v.1, p.204; *AE*, v.1, p.171).

O “acréscimo da excitação” referido na nota de rodapé freudiana é uma alusão ao que em breve será definido como princípio da constância – noção fundamental na formulação da teoria pulsional.

Diante da abordagem dos sintomas preponderantemente fisiológica da medicina alemã, a abordagem clínica dos franceses ganha em autonomia. Todavia, para Freud era imperioso ressaltar a questão do trauma, e não apenas descrever a formação dos sintomas histéricos. As reminiscências por Freud aludidas constituem traumas porque na época de sua vivência não foi viável uma descarga emocional apropriada. Freud logo dirá que, se tal descarga foi-lhes negada, é porque seu conteúdo era sexual.

Percebemos como se estabelece dois eixos principais do pensamento freudiano: a magnitude das excitações e as determinações da vida sexual. “A sexualidade, como será mais tarde conceituada, e a vida infantil não aparecem ainda, mas surge a ideia de que cada representação corresponde a uma intensidade afetiva” (Werneck, 1992, p.113). A clínica, de vento em polpa, constituirá a nascente de dados, percepções e dúvidas que comporão as pesquisas freudianas. Começa a se esboçar a *Comunicação Preliminar*.

As obras completas trazem três apontamentos publicados postumamente, elaborados em preparação para a *Comunicação preliminar – sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*, publicado em janeiro de 1893. Uma curiosidade torna importante os *Esboços*: o “princípio da constância” – de tão grande importância para o estudo das pulsões – está enunciado claramente na Seção 5 dos *Esboços*, mas ausente na *Comunicação preliminar*.

O princípio de constância está relacionado com a mais fundamental de todas as noções freudianas: “nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade [...] passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga [...]”²⁴. A noção de quantidade de energia deslocável está subjacente nas discussões anteriores e constitui a base de entendimento do princípio da constância.

Em 29 de junho de 1892, em carta escrita a Josef Breuer, Freud faz a primeira menção ao princípio da constância, referido à constância da soma de excitação. Nos *Esboços para a comunicação preliminar* ao abordar a teoria dos ataques histéricos define com clareza o princípio da constância.

O sistema nervoso procura manter constante, nas suas relações funcionais, *algo* que podemos descrever como a ‘soma da excitação’. Ele executa essa condição da saúde eliminando associativamente todo acúmulo significativo de excitação, ou, então, descarregando-o mediante uma reação motora apropriada (FREUD, 1940- [1892], ESB, v.1, p.221; *AE*, v.1, p.190).

As implicações de tal enunciado são de longo alcance. A palavra *algo* a ser mantido constante relaciona-se ao que, futuramente, será enquadrado pelo conceito de pulsão.

Em 1893 [1888-1893], em *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*, encontramos uma passagem alusiva ao princípio da constância enquanto fator importante no tratamento da histeria.

[...] a lesão, nas paralisias histéricas, não consiste senão na incapacidade do órgão ou função em exame de ter acesso às associações do eu consciente; que essa modificação puramente funcional [...] é causada pela fixação dessa concepção numa associação subconsciente com a lembrança do trauma; e que essa concepção não fica

²⁴ Cf. Obras Completas de S. Freud, vol. 3, 1990/1893-1899, Apêndice, p. 68.

liberada e acessível enquanto a carga de afeto do trauma psíquico não é eliminada por uma reação motora adequada ou pela atividade psíquica consciente (FREUD, 1893 [1888-1893], *ESB*, v.1, p.244; *AE*, v.1, p.210).

Nos *Estudos sobre a histeria* (1895), escrito a quatro mãos, encontramos a seguinte passagem:

[...] os elementos cerebrais, depois de serem restaurados por completo, liberam certa quantidade de energia mesmo quando estão em repouso; e quando essa energia não é empregada funcionalmente, ela aumenta a excitação intracerebral normal. O resultado é uma sensação de desprazer. Tais sensações são sempre geradas quando uma das necessidades do organismo deixa de encontrar satisfação. Visto que essas sensações desaparecem quando a quantidade excedente de energia que foi liberada é empregada funcionalmente, podemos concluir que a eliminação dessa excitação excedente é uma necessidade do organismo. E aqui deparamos pela primeira vez com o fato de que existe no organismo uma tendência a manter constante a excitação intracerebral (FREUD, 1895, *ESB*, v.2, p.205; *AE*, v.2, p.208).

No *Projeto* (1895), escrito alguns meses após a publicação dos *Estudos*, a noção de catexia é integralmente discutida por Freud, muito embora ele considere os processos de catexização como eventos materiais. O texto de 1895 explicita duas proposições básicas: (1) o sistema nervoso consiste em cadeias de neurônios – proposição recém descoberta; (2) a quantidade de excitação neuronal está sujeita às leis gerais do movimento. Dessa forma, Freud propõe a ideia de um neurônio catexizado – que significa dizer com uma quantidade de catexia, apesar de poder estar esvaziado em outras ocasiões. Nesse momento, a noção de catexia é tomada como um evento neurológico. Essa é também uma fase de migração do criador da psicanálise do interesse neurológico para o psicológico. *O projeto* (1895) é, em certo sentido, uma tentativa de conciliação das esferas neurológica e psicológica. Freud acreditava ser possível postular assuntos psicológicos em termos neurológicos, de modo que seus esforços culminaram na produção do texto de 1895, posteriormente abandonado. Grande parte do material teórico do *Projeto* é aplicável a fenômenos mentais, não neurológicos. Nos escritos

posteriores de Freud, como, por exemplo, no capítulo sétimo da *Traumdeutung* (1900), o conceito de catexia apresenta um sentido não físico. Também a noção de princípio de constância – que utiliza o conceito de catexia reflete tal aplicação de conhecimentos oriundos do *Projeto* (1895). A Parte I, em sua primeira seção, que se refere ao *primeiro teorema principal*, contém a definição do princípio de constância enquanto princípio de inércia neuronal, tal qual citamos a seguir:

Deriva diretamente das observações clínicas patológicas, especialmente no que diz respeito a ideias excessivamente intensas – na histeria e nas obsessões, nas quais, como veremos, a característica quantitativa emerge com mais clareza do que seria normal. Processos, como estímulos, substituição, conversão e descarga que tiveram que ser ali descritos [...], sugeriram diretamente a concepção da excitação neuronal como uma quantidade em estado de fluxo. [...] Partindo dessa consideração, pôde-se estabelecer um princípio básico de atividade neuronal em relação a Q , [...]. Esse é o princípio de inércia neuronal: os neurônios tendem a se livrar de Q . A estrutura e o desenvolvimento, bem como as funções [dos neurônios], devem ser compreendidos com base nisso (FREUD, 1895, *ESB*, v.1, p.403-4; *AE*, v.1, p.339).

Em 1915, no texto *As pulsões e suas vicissitudes*, Freud se refere ao princípio da constância, ladeado pelo princípio de prazer, como o postulado mais importante, referindo-se à finalidade da pulsão. Assim escreve:

Para nossa orientação, ao lidarmos com o campo dos fenômenos psicológicos não nos limitamos a aplicar ao nosso material empírico certas convenções à guisa de *conceitos* básicos; também empregamos um bom número de *postulados* complicados. Já fizemos alusão ao mais importante destes, bastando-nos agora enunciá-lo expressamente. Esse postulado é de natureza biológica e utiliza o conceito de ‘finalidade’, podendo ser enunciado da seguinte maneira: o sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se dos estímulos que lhe chegam, ou reduzi-los ao nível mais baixo possível; ou que, caso isso fosse viável, se manteria numa condição inteiramente não estimulada (FREUD, 1915, *ESB*, v.14, p.140; *AE*, v.14, p.115).

O princípio de prazer, não menos importante que o princípio da constância está presente nos *Esboços* apenas implicitamente. No *Projeto de 1895*, Freud equivale os dois princípios fundamentais, presumindo-os como intimamente correlacionados e mesmo idênticos. Posteriormente em 1924, quando da publicação de *O problema econômico do masoquismo*, distingue-os, conforme assinalaremos a seguir. Assim, na Seção 8 da Parte I do *Projeto*, dedicada a análise da consciência, lê-se:

Já que temos um certo conhecimento de uma tendência da vida psíquica a *evitar o desprazer*, ficamos tentados a identificá-la com a tendência primária à inércia. Nesse caso, o *desprazer* teria que ser encarado como coincidente com um aumento do nível de *Qn'* [...]. O prazer corresponderia à sensação de descarga. (FREUD, 1895, *ESB*, v.1. P.424; *AE*, v.1, p.356).

Vinte e cinco anos depois da escrita do *Projeto de 1895*, em *Além do princípio de prazer* (1920), encontramos a seguinte formulação sobre o princípio da constância: “o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante” (Freud, 1920, p.19). Para esse princípio, o de constância, Freud adota a expressão “princípio do Nirvana” – expressão sugerida por Barbara Low²⁵. No mesmo texto refere que o curso dos fatos mentais é automaticamente regulado pelo princípio de prazer, e que o curso assumido toma “uma direção tal, que seu resultado final coincide com [...] a fuga do desprazer ou uma produção de prazer” (Ibidem, vol. 18, p. 17).

Em 1924, no texto *O problema econômico do masoquismo*, Freud argumenta que os dois princípios não podem ser idênticos, tendo em vista a existência de estados de tensão vivenciados como agradáveis e desejados, como é o caso da excitação sexual. Dessa forma, assinala que o princípio de prazer é uma modificação do princípio do Nirvana. Este princípio, sustenta Freud, deve ser atribuído à pulsão de morte, onde inexistiria tensões, cuja transformação em princípio de prazer decorre das influências das pulsões de vida – da libido, portanto.

²⁵ Cf. Freud, 1924, p.199.

[...] não se pode duvidar que há tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos. O estado de excitação sexual constitui o exemplo mais notável de um aumento prazeroso de estímulo desse tipo, mas certamente não é o único.

O prazer e o desprazer, portanto, não podem ser referidos a um aumento ou diminuição de uma quantidade [...], embora obviamente muito tenham a ver com esse fator. Parece que eles dependem não só desse fator quantitativo, mas de alguma característica dele que só podemos descrever como qualitativa.

[...] Seja como for, temos de perceber que o princípio do Nirvana, pertencendo, como pertence, à pulsão de morte, experimentou nos organismos vivos uma modificação através da qual se tornou o princípio de prazer, e doravante evitaremos encarar os dois princípios como um só (FREUD, 1924, *ESB*, v.19, p.200-1).

Após essa digressão necessária para o entendimento do lugar do princípio da constância na teoria freudiana, passemos às paralisias histéricas, tema trabalho por Freud em 1893.

Após cinco meses em Paris escreve um texto sobre as paralisias histéricas e orgânicas, cuja importância marca a ruptura com a neurologia. Há indícios de que o tema do artigo tenha sido sugerido a Freud por Charcot, conforme faz constar o autor logo no primeiro parágrafo escrito. Contudo, no *Estudo autobiográfico* (1925) Freud registra que a ideia se originou dele próprio, e duas cartas endereçadas a Martha parecem confirmar o fato²⁶. As três partes iniciais versam sobre neurologia. A parte final reflete os estudos em parceria com Breuer e os temas por eles trabalhados, tais como ab-reação, recalque e princípio de constância, nomeados implícita ou explicitamente.

Charcot dizia que a histeria é uma doença de manifestações excessivas, capaz de produzir sintomas de grande magnitude e intensidade, caricaturada naquela época, principalmente, por paralisias, contraturas e anestésias. A esse respeito, Freud grafa no seu texto os seguintes termos:

²⁶ Cf. Jones, 1953, p.257.

A paralisia histérica se caracteriza, pois, pela *delimitação* precisa e pela *intensidade excessiva*; possui essas duas qualidades ao mesmo tempo, e é nisso que manifesta o maior contraste em relação à paralisia cerebral orgânica, na qual regularmente se constata que *essas duas características não se associam entre si* (FREUD, 1893[1888-1893], *ESB*, v.1. p.235; *AE*, v.1, p.201).

“*Delimitação precisa e intensidade excessiva*” em contraste com o dado orgânico, no qual tais características não se associam. Freud indaga como poderia ser essa “lesão” que gera a paralisia histérica, tendo em vista que “nas suas paralisias e outras manifestações, a histeria se comporta como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento desta” (Ibid., p. 240). Em seu percurso investigativo, o aluno de Charcot opta pela expressão “lesão funcional ou dinâmica”, por se tratar de uma modificação da propriedade funcional afetada. “Mas, objetiva-se, a modificação funcional não é uma coisa diferente da modificação da modificação orgânica, é simplesmente o outro lado desta” – salienta Freud (Ibid., p.241).

Tentarei mostrar que *pode* haver modificação funcional sem lesão orgânica concomitante – ou, ao menos, sem lesão nitidamente perceptível até a mais minuciosa análise. Em outras palavras, darei um exemplo adequado de modificação de uma função primitiva; e, com essa finalidade, somente peço permissão para passar à área da psicologia – que dificilmente se pode evitar, em se tratando de histeria (FREUD, 1893[1888-1893], *ESB*, v.1. p.241; *AE*, v.1, p.207).

Freud afirma, então, que o que está em jogo na paralisia histérica é a representação da parte do corpo em questão. Toma como exemplo a paralisia de braço, onde a modificação da ideia de braço explica a lesão. Segundo as considerações psicológicas feitas por Freud, a concepção do braço deixa de entrar em associação com as outras representações constituintes do eu, das quais o corpo faz parte. “A lesão, portanto, seria a *abolição da acessibilidade associativa da concepção do braço*. O braço comporta-se como se não existisse para as operações das associações” (Freud,

Ibid., p.242). Estamos diante da primeira compreensão psicológica da histeria, passo dado por Freud, significando a ruptura com a abordagem neurológica dos fenômenos psíquicos.

A noção de quantidade é um aspecto importante nas considerações freudianas, na medida em que a “quantidade de afeto” investido na primeira associação de um objeto torna-o inacessível a outras associações. A quantidade a que se refere Freud nesse momento é algo de ordem afetiva, parte do registro psíquico, distinta da carga de excitação puramente física. A referência ao psíquico ainda está atrelada ao dado consciente, muito embora Freud esteja aludindo para aspecto fora do registro consciente – fato comprovado pelo uso da palavra “subconsciente”, conforme citado a seguir:

[...] em todos os casos de paralisia histérica verificamos que *o órgão paralisado ou a função abolida estão envolvidos numa associação subconsciente que é revestida de grande carga de afeto, e pode ser demonstrado que o braço tem seus movimentos liberados tão logo essa quantidade de afeto seja eliminada* (FREUD, 1893[1888-1893], *ESB*, v.1, p.243; *AE*, v.1, p.208-209).

Em seguida encontramos a seguinte passagem:

Todo evento, toda impressão psíquica é revestida de uma determinada carga de afeto (*Affektbetrag*) da qual o eu se desfaz, seja por meio de uma reação motora, seja pela atividade psíquica associativa. Se uma pessoa é incapaz de eliminar esse afeto excedente ou se mostra relutante em fazê-lo, a lembrança da impressão passa a ter a importância de um trauma e se torna causa de sintomas histéricos permanentes. A impossibilidade de eliminação torna-se evidente quando a impressão permanece no subconsciente (FREUD, 1893[1888-1893], *ESB*, v.1. p.243-244; *AE*, v.1, p.209).

Observa-se que desde 1893 Freud opera uma distinção entre o psíquico e o somático, e lança luzes nas formas que assume o eu em suas reações motoras ou pela associação de ideias. Será nessa fronteira que se Freud instalará o conceito de pulsão. A noção do trauma resulta do excesso afetivo não tramitado, retornando patogenicamente

pela recordação. “Denominamos essa teoria de *Das Abreagieren der Reizzuwächse*²⁷” (Idem).

1.6. Cartas, rascunhos e psiconeuroses de defesa

É provável que as cartas de Sigmund Freud a seu amigo mais íntimo, Wilhelm Fliess, constituam, isoladamente, o grupo de documentos mais importantes da história da psicanálise (MASSON, 1986).

A correspondência entre Freud e Fliess vai de 1887 a 1904, período em que se deu o nascimento e desenvolvimento da psicanálise. Coutinho Jorge (2008) assinala que o tema da comunicação entre tão importantes autores era a bissexualidade – noção introduzida por Fliess, presente ao longo de toda a obra freudiana, e que dá a sustentação necessária à concepção da sexualidade em Freud. Durante o período de relacionamento com Fliess, Freud produziu alguns de seus textos mais revolucionários, tais como *Estudos sobre histeria* (1893-1895), *A interpretação dos sonhos* (1900), *A etiologia da histeria* (1896) e *o caso Dora* (1905). Nenhum dos textos posteriores tem o imediatismo e o impacto dessas primeiras cartas e tampouco revela tão dramaticamente os pensamentos mais íntimos de Freud no decorrer do próprio ato de criação, assinala Masson (1986).

No *Rascunho A*, que possui tema semelhante ao *Rascunho B*, a sexualidade como causa da neurose constitui o objeto de interlocução com Fliess. A tese de que “não existe nenhuma neurastenia ou neurose análoga sem distúrbio da função sexual”²⁸ está grafada no *Rascunho A*, ratificada pelas observações freudianas que o permitem

²⁷ Freud emprega a expressão *Erregungszuwach* (aumentos de excitação) em uma nota das *Leçons du mardi* (1892-4), de Charcot e no *Manuscrito E* (1894) da correspondência com Fliess. A expressão *Reizzuwächse* (aumentos de estímulos) aparece em *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos* (1893) e no artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911). *Erregung* significa excitação, enquanto que *Reiz* se refere a estímulo, algo que provoca um afluxo de excitação e, nesse sentido, se aproxima mais do conceito de pulsão.

²⁸ Freud, 1990/1950[1892-1899], vol.1, p.254.

afirmar que “a neurastenia é sempre *apenas* uma neurose sexual (Freud, *Rascunho B*, *Idem*). O interesse de Freud pelas perturbações na vida sexual data do início de sua carreira clínica, tendo em vista a sexualidade possuir aspectos físicos e psíquicos – noção que foi sendo construída ao longo de seus estudos. O abandono da hipnose e das técnicas paliativas, como a pressão na testa, por exemplo, abriu caminho para a palavra, para a livre associação de ideias. E o que predominava no discurso de seus pacientes, particularmente nas histéricas, eram questões de natureza sexual, às quais Freud fez questão de ouvir. “Ao invés de menosprezar as divagações das pacientes como sendo acidentais, sem nexos e desprovidas de sentido, Freud começa a perceber que devia haver uma instância indefinida, mesmo que não evidente, guiando e determinando o curso dos pensamentos”, afirma Werneck (1992, p.121). A clínica com as histéricas lhe permite ver a existência de uma quantidade de excitação não descarregada adequadamente, tendo em vista a incompatibilidade entre as ideias e o eu do sujeito. Tal incompatibilidade revela-se a Freud como inequivocamente sexual.

Firma-se no pensamento freudiano o gérmen daquilo que constituirá a base de suas concepções próprias, ou seja, a importância do fator sexual na causação da neurose. Ainda no *Rascunho A*, afirma que o fator sexual “tem sempre um efeito causal imediato, ou então age como uma predisposição a outros fatores, mas sempre de tal modo que, sem ele, os outros fatores não podem acarretar a neurastenia”²⁹. Nessa época Charcot ainda era vivo e, de certo modo, Freud ainda se sentia em débito com o “grande homem”. Entretanto, substitui a hereditariedade charcotiana pelo fator sexual na etiologia da neurastenia, neurose de angústia e histeria.

Com relação à neurose de angústia, no *Rascunho A* escreve que a ocorrência de tal quadro “é, em parte, consequência da inibição da função sexual” (Masson, 1986, p.38). No *Rascunho B* afirma que na neurastenia ocorre uma queda da autoconfiança, devido expectativas pessimistas, e indaga se a emergência do sintoma ‘angústia’ não deveria ser o suficiente para elevar a categoria de ‘neurose de angústia’. Freud questiona até que ponto, na neurose de angústia, “esse estado emerge nos casos hereditários *sem* que haja nenhum fator sexual nocivo; se ele é liberado, nos casos hereditários, por

²⁹ Termo introduzido em 1879 pelo neurologista norte-americano George Beard (1839-1883), para designar um estado de fadiga psicológica e física acompanhada de diversos distúrbios funcionais e própria da sociedade industrial do Novo Mundo (Roudinesco & Plon, 1998, p. 534).

fatores sexuais nocivos ao acaso; e se sobrevém como uma intensificação da neurastenia comum” (Idem, p. 42). Para Freud, não resta dúvida de que a predisposição à neurose de angústia é adquirida, por homens e mulheres com questões na vida sexual, não sendo a neurastenia a causa precedente necessária para tal desencadeamento neurótico (Idem, p.42-43). Todavia Freud não descarta a possibilidade de alterações nervosas serem o resultado da combinação de fatores sexuais e hereditários.

Nos *Rascunhos A e B* Freud faz uma alusão ao trauma sexual, apesar de ainda estar imerso no cenário neurológico, e ainda se sentir ligado a Charcot. Freud se debate com a questão dos fatores adquiridos (pelo viés sexual) *versus* fatores hereditários, defendidos por Charcot.

Por fatores sexuais nocivos Freud entende as práticas sexuais anormais, de modo que as questões sexuais derivam da atividade sexual propriamente dita. O trauma, nesse momento, é atribuído a fatores externos, isto é, práticas capazes de gerar modificações funcionais no sistema nervoso.

Em maio de 1893, no momento em que envia o texto sobre as paralisias histéricas para Fliess, endereça a seu interlocutor os seguintes termos:

Vejo uma boa possibilidade de preencher mais uma lacuna na etiologia sexual das neuroses. Creio compreender as neuroses de angústia das pessoas jovens, presumivelmente virgens, que não foram submetidas a abusos. Analisei dois casos desse tipo; havia um *pavor presciente* da sexualidade e, por trás dele, coisas que as pessoas tinham visto ou ouvido e entendido mal – portanto, a etiologia é puramente emocional, mas, mesmo assim, de natureza sexual (FREUD, Carta de 30 de maio de 1893 APUD Masson, 1986, p.49).

Freud dialoga com Fliess suas questões e espera muito de seu amigo.

Em primeiro lugar, espero que você explique o mecanismo fisiológico de minhas descobertas clínicas, através de sua abordagem; em segundo, quero preservar o direito de lhe mostrar todas as minhas teorias e descobertas sobre as neuroses; em

terceiro, continuo a encará-lo como o messias que, através de um aperfeiçoamento da técnica, irá solucionar o problema que assinalei (FREUD, Carta de 10 de julho de 1893 APUD Masson, 1986, p.51).

Delineia-se a questão sexual para Freud, agora mais livre de contradições e incertezas. Breve escreverá sobre *As psiconeuroses de defesa* (1894), onde sustentará a noção de uma histeria de defesa adquirida, contrariando a noção de Breuer relativa ao estado hipnóide como fator responsável pela cisão na consciência e pela consequente sintomatologia histérica. A evolução do pensamento freudiano fornece o solo capaz de discordar de seu mestre, Charcot, relativo à hereditariedade como causa principal da neurose. Nas *psiconeuroses* escreve que “predisposição patológica” não é necessariamente idêntica à “degeneração individual ou hereditária” (Freud, 1894, *ESB*, p.55).

Aos poucos a noção de defesa assume importância teórica. “A divisão do conteúdo da consciência resulta de um ato voluntário do paciente” (Ibidem, p.54), o qual tenta repelir a ideia antitética da consciência. “Com isso, é claro, não pretendo dizer que o paciente tencione provocar uma divisão da sua consciência. A intenção dele é outra, mas, em vez de alcançar seu objetivo, produz uma divisão da consciência” (Idem). Freud situa o conflito no campo das ideias e na intencionalidade defensiva, diminuindo a ênfase dos fatores externos enquanto agentes traumáticos, apontando a formação de sintomas a partir do que ocorre no aparelho psíquico, até o momento não definido. Com relação à forma como se processa a defesa, Freud escreve o seguinte: “[...] o eu *transforma essa representação poderosa numa representação fraca*, retirando-lhe o afeto – a soma de excitação” (Ibid., p.56). Uma vez que cada representação é acompanhada de uma carga de afeto particular, quando surge uma ideia incompatível, o sujeito pode recusá-la. “Na histeria, a representação incompatível é tornada inócua pela *transformação de sua soma de excitação em alguma coisa somática*” (Idem). Freud atribui o nome de ‘conversão’ à transposição da soma de excitação para o corpo.

A conversão pode ser total ou parcial. Ela opera ao longo da linha de inervação motora ou sensorial relacionada – intimamente ou mais frouxamente – com a experiência traumática. Desse modo o eu consegue libertar-se da contradição com a qual é confrontado; em contrapartida, porém, sobrecarrega-se com um símbolo mnêmico que se aloja na consciência como uma espécie de parasita, quer sob a forma de uma inervação motora insolúvel, quer como uma sensação alucinatória constantemente recorrente, que persiste até que ocorra uma conversão na direção oposta. Consequentemente, o traço mnêmico da ideia recalçada não é, afinal, dissolvido; daí por diante, forma o núcleo de um segundo grupo psíquico (FREUD, 1894, *ESB*, v3, p.56; *AE*, v.3, p.51).

Uma vez que o afeto não pode ser erradicado do psiquismo, a quantidade de excitação é escoada em outra direção, a somática. A histeria é a estrutura psíquica que encontra no corpo a solução para seus conflitos psíquicos.

A excitação, forçada a escoar-se por um canal impróprio (pela inervação somática), vez por outra reencontra o caminho de volta para a representação da qual se destacou, e compele então o sujeito a elaborar a representação associativamente ou a livrar-se dela em ataques histéricos (FREUD, 1894, *ESB*, v.3, p.57; *AE*, v.3, p.51).

No texto *As psiconeuroses de defesa* (1894) Freud salienta que a intenção defensiva é consciente, mas os processos ligados à defesa não são conscientes. “A separação da representação sexual de seu afeto e a ligação deste com outra representação – adequada, mas não incompatível – são processos que ocorrem fora da consciência” (Freud, 1990/1894, *ESB*, p.59). Freud aponta para a existência de processos inconscientes, os quais são acessíveis mediante análise. Essa situação ainda não teorizada em profundidade gera certo desconforto em Freud, o qual tem a preocupação em dar provas, via clínica, de seus achados teóricos. Existem suposições e lacunas teóricas e, por isso mesmo, a articulação dos conceitos de defesa e de recalque urge pela lógica sexual, em germinação na mente freudiana.

O texto freudiano de 1894 inaugura ideias que serão fundamentais na formulação do conceito de pulsão, como, por exemplo, a ideia de uma excitação

permanente, noção que definirá a pulsão como força constante que demanda um trabalho permanente com a finalidade de regular a soma de excitação. “[...] o que ocorre é que uma defesa perpétua vai-se erigindo contra representações sexuais que reemergem continuamente – ou seja, um trabalho que ainda não chegou a sua conclusão” (Ibid., p.60). Freud se refere ao esforço defensivo do eu frente às representações, no sentido de desalojar tais representações.

Ainda no texto *As neuropsicoses de defesa* (1894), Freud trabalha a hipótese de um *quantum* de afeto habitar o aparelho psíquico. A representação é dotada de soma de excitação, consideração que Freud unificará com o termo investimento (*Besetzung*). A noção de defesa está baseada na noção de investimento, muito embora Freud ainda esteja considerando os processos de investimentos psíquicos como acontecimentos materiais. A pulsão, tal como será definida, ainda não é nomeada, mas os elementos que a determinarão já estão presentes no pensamento e elaborações freudianos, tais como a representação e o *quantum* de afeto.

[...] nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meio de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo (FREUD, 1894, *ESB*, v.3, p. 65; *AE*, v.3, p.61).

No ano de 1894, além do artigo que versa sobre as paralisias histéricas e orgânicas, já examinado, Freud escreve *Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia* (1895[1894]). No texto, escrito em francês, Freud usa a expressão *état émotif* em tradução ao equivalente alemão *Affekt*. As palavras iniciais servem para estabelecer uma diferença entre as obsessões e as fobias. O autor afirma que nas obsessões há “uma representação que se impõe ao paciente e “um estado emocional associado”, o qual pode ser “dúvida, o remorso ou a raiva”, bem como a angústia (Freud, 1894). Com relação às fobias, defende que o afeto é sempre o mesmo: a angústia (Idem). É pela via do afeto que Freud passa a abordar as relações entre o corpo

e a mente. A questão do afeto, a transformação da energia que escoia do aparelho psíquico sob a forma de representações, a substituição de uma representação por outra, são os pontos constituintes do interesse de Freud. Tais temas surgirão aprofundados nos artigos metapsicológicos futuros. Os textos metapsicológicos representam a compilação das ideias de Freud anteriormente trabalhadas.

No *Rascunho D* (1894) vemos esboçadas as diretrizes de pesquisa relativa aos pontos de contato com a teoria da constância; aos processos sexuais à luz da teoria da constância; ao mecanismo neurótico; ao paralelo existente entre as neuroses da sexualidade e a fome – prenúncio da dualidade pulsional; e, por fim, ao intento de compilação da teoria da constância, da teoria da sexualidade e das neuroses. Os pacientes de Freud esclarecem que a angústia era um afeto relacionado com as questões sexuais. Para Freud, os processos de conversão, deslocamento ou transformação em angústia devem-se ao papel que desempenham os afetos sexuais na vida de cada sujeito³⁰.

No *Rascunho E* (1894), intitulado *Como se origina a angústia* prossegue o questionamento acerca da transformação da tensão acumulada em angústia. Ao longo do rascunho irá responder que isso ocorre porque fracassa a descarga da tensão acumulada.

Mas por que ocorre essa transformação em angústia quando há uma acumulação? Nesse ponto devemos examinar o mecanismo normal para lidar com a tensão acumulada. O que nos interessa aqui é [...] o caso da excitação endógena. As coisas são mais simples no caso da excitação exógena. A fonte da excitação situa-se externamente e envia para dentro da psique um acréscimo de excitação que é manejado de acordo com a sua quantidade. Para esse propósito, basta qualquer reação que reduza em igual quantidade a excitação psíquica (FREUD, *ESB*, 1894, v.1. p.272; *AE*, v.1, p.231).

Freud refere que as coisas se passam de modo diverso no caso da excitação endógena, ocasião em que faz uso do termo *Trieb* num sentido aproximado do conceito que será formulado em 1905: a pulsão sexual está situada em fontes endógenas

³⁰ Cf. Freud, Carta 18, de 21/05/1894, vol. 1. P.267-268.

equiparada às necessidades vitais, como fome e sede. A partir desse momento o termo o termo pulsão integrará definitivamente a teoria psicanalítica.

[...] as coisas se passam de modo diverso no caso da tensão endógena, cuja fonte se situa dentro do corpo do indivíduo (fome, sede, pulsão sexual). Nesse caso, só têm utilidade as reações *específicas* – reações que evitem novo surgimento de excitação nos órgãos terminais em questão, sejam essas reações exequíveis com maior ou menor gasto de energia. Aqui podemos supor que a tensão endógena cresce contínua ou descontinuamente, mas, de qualquer modo, só é percebida quando atinge um determinado *limiar*. É somente acima desse limiar que a tensão passa a ter significação *psíquica*, que entra em contato com determinados grupos de ideias que, com isso, passam a buscar soluções. Assim, a tensão sexual física acima de certo nível desperta a libido psíquica, que leva ao coito, e assim por diante (FREUD, 1894, *ESB*, v.1. p.273; *AE*, v.1, p.231).

A citação traz declaradamente noções importantes para o conceito de pulsão, tais como: fonte endógena da excitação - constante e dinâmica. Também encontramos na passagem destacada o primeiro emprego do termo ‘libido’: a tensão sexual física acima de determinada quantidade despertará psiquicamente a libido, que resultará no investimento de outras representações.

Quando a reação específica deixa de se realizar, a tensão físico-psíquica (o afeto sexual) aumenta desmedidamente. Torna-se uma perturbação, mas ainda não há base para sua transformação. Contudo, na neurose de angústia, essa transformação de fato ocorre, o que sugere a ideia de que, nessa neurose, as coisas se desvirtuam da seguinte maneira: a tensão física aumenta atinge o nível do limiar em que consegue despertar afeto psíquico, mas, por algum motivo, a conexão psíquica que lhe é oferecida permanece insuficiente: um *afeto sexual* não pode ser formado, porque falta algo nos fatores psíquicos. Por conseguinte, a tensão física, não sendo psiquicamente ligada, é transformada em – angústia (FREUD, 1894, *ESB*, v.1. p.273; *AE*, v.3, p.232).

Percebemos Freud conferir ao afeto a função de relacionamento com as representações, na medida em que estas se incumbem das soluções específicas. Os elementos teóricos em torno do conceito de pulsão já se fazem presentes no *Rascunho E*, a tensão física representando a fonte somática, e o afeto psíquico o representante psíquico da fonte, donde se impõe a tarefa de ligação psíquica da tensão física, escoando tal tensão via representações. O que Freud designa por ‘afeto sexual’ nesse texto refere-se à pulsão, enquanto conceito que será situado na fronteira entre o psíquico e o somático.

No *Rascunho G*, provavelmente escrito em 1895, Freud emprega o termo ‘pulsão’. Intitulado *Melancolia*, o tema do rascunho gira em torno do empobrecimento da vida pulsional, onde o autor procura situar os vínculos entre o estado melancólico e o estado de anestesia sexual. No início da segunda parte do texto, Freud refere que “o afeto correspondente à melancolia é o luto”, devido a uma perda – “uma perda na vida pulsional” (Freud, 1895, vol. 1, p.283). Na anorexia, a perda do apetite significa, em termos sexuais, “perda de libido” (Idem). Freud aposta na melancolia como luto por perda da libido e encaminha suas explicações em consonância com o esquema da sexualidade. Passa a examinar duas condições em que um grupo sexual psíquico sofre uma perda na quantidade de sua excitação. Mas, atenção: é preciso não reduzir tensão sexual à excitação sexual. A excitação produz uma tensão sexual que aponta para algo além do somático, por que se confronta com algo que vai além do corporal unicamente, ou seja, abarca o campo da representação. “A tensão se estabelece pela alteridade radical entre os dois domínios” (Werneck, 1992, p.136).

No primeiro caso analisado por Freud, aquele em que cessa a produção de excitação sexual somática, é, segundo o autor, o caso da melancolia grave comum propriamente dita, cíclica, que reaparece periodicamente. No segundo caso, onde a tensão sexual é desviada do grupo sexual psíquico sem que haja diminuição de sua produção, Freud pressupõe que a excitação sexual somática é utilizada em outro lugar – “na fronteira entre o somático e o psíquico” (Freud, 1895). Segundo Freud, esse é o fator determinante da angústia. Os termos usados pelo autor nesse momento serão verificados letra a letra na definição da pulsão constante nos *Três ensaios* (1905).

Sendo a tensão fronteira a responsável pelo desencadeamento da angústia, Freud passa a fornecer elementos de compreensão do funcionamento do aparelho psíquico. Cabe à representação ligar a tensão para que não se produza angústia. Na parte final do *Rascunho E* Freud indaga sobre os efeitos da melancolia. A resposta pode ser lida nos seguintes termos: “inibição psíquica, com empobrecimento pulsional e o respectivo sofrimento” (Freud, 1895).

Com isso, instala-se um empobrecimento da excitação (no seu depósito livre) – uma *hemorragia interna*, por assim dizer – que se manifesta nas outras pulsões e funções. Essa retração para dentro atua de forma inibidora, como uma ferida, num modo análogo ao da dor (FREUD, 1895, *ESB*, v.1, p.288; *AE*, v.1, p.245).

Em 1894 escreve *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”*, publicado em 1895. Parte das ideias contidas no texto estão presentes nos *Rascunhos B* (1893), *Rascunho E* e *G*, ambos sem data definida, mas provavelmente oriundos de 1894. É importante destacar que Freud estava empenhado em estabelecer uma psicologia neurológica e ainda não considera a existência de processos mentais inconscientes atuando na base da neurose. Muito embora não compareça uma distinção clara entre psíquico e consciente, no texto a libido é tomada como algo da ordem do psíquico. Freud fala de ‘excitação sexual somática’ e de ‘libido sexual’ como coisas distintas. Dois anos depois, a partir de 1896, sustentará em definitivo a libido como algo eminentemente inconsciente, na medida em que reconhece que a angústia neurótica é a libido sexual transformada.

Como o título do artigo indica, o autor parte para a caracterização da neurose de angústia definindo o quadro clínico geral. Desde as linhas iniciais se refere a “um acúmulo de excitação ou uma incapacidade de tolerar tal acúmulo” (Freud, 1895[1894], *ESB*, v.1, p. 92). Nomeia por “expectativa angustiada” o sintoma nuclear da neurose, referindo que existe um “*quantum* de angústia em estado de livre flutuação”, o qual está pronto a se ligar a representações (Idem, p. 94). Afirma que um ataque de angústia pode ser desencadeado subitamente sem ter sido despertado por representações, referindo-se

que a angústia está “constantemente à espreita no fundo – e tem outros meios de se expressar” (Idem).

Ao dispor sobre a etiologia da neurose de angústia afirma que “um conjunto de perturbações e influências da vida sexual são os fatores etiológicos atuantes” (Idem, p.98) e que devido à incidência de casos por ele verificados, desconsidera situações em que a etiologia neurótica é duvidosa ou diferente.

[...] em grandes grupos de casos, a neurose de angústia é acompanhada por um decréscimo extremamente acentuado da libido sexual, ou *desejo psíquico*, de modo que, quando se diz aos pacientes que suas queixas decorrem de “satisfação insuficiente”, eles respondem regularmente que isso é impossível, pois justamente agora toda a sua necessidade sexual se extinguiu. Todas essas indicações – de que estamos diante de um acúmulo de excitação; de que a angústia, provavelmente correspondente a essa excitação acumulada, é de origem somática, de modo que o que está se acumulando é excitação *somática*; e ainda, de que essa excitação somática é de natureza sexual e é acompanhada por um decréscimo da participação *psíquica* nos processos sexuais -, todas essas indicações, dizia eu, levam-nos a esperar que *o mecanismo da neurose de angústia deva ser buscado numa deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica e no conseqüente emprego anormal dessa excitação* (FREUD, 1895[1894], *ESB*, v.3, p.105-106; *AE*, v.3, p.107-108).

Freud assinala nesse artigo que a excitação sexual somática nutre as representações sexuais psíquicas de energia e que é preciso uma “ação adequada” (Idem) capaz de eliminar a tensão (libido) acumulada. “A neurose de angústia é produto dos fatores que impedem a excitação sexual somática de ser psiquicamente elaborada” (Idem, p.107).

Na sequência do texto Freud indaga por que motivo, na incapacidade de manejo da excitação sexual, o sistema nervoso é invadido pela angústia. A resposta antecipa aquilo que será tratado vinte anos depois, em *As pulsões e suas vicissitudes* (1915), onde substituirá “excitação exógena” por “estímulo”, e “excitação endógena” por “pulsão”.

A psique é invadida pelo afeto de angústia quando se sente incapaz de lidar, por meio de uma reação apropriada, com uma tarefa (um perigo) vinda de fora; e fica presa de uma neurose de angústia quando se percebe incapaz de equilibrar a excitação (sexual) vinda de dentro – em outras palavras, ela se comporta como se estivesse projetando tal excitação para fora. O afeto e a neurose a ele correspondente estão firmemente inter-relacionados. O primeiro é uma reação a uma excitação exógena, e a segunda, uma reação à excitação endógena análoga. O afeto é um estado que se passa rapidamente, enquanto a neurose é um estado crônico, porque, enquanto a excitação exógena age num único impacto, a excitação endógena atua como uma força constante. Na neurose, o sistema nervoso reage a uma fonte de excitação que é interna, enquanto no afeto correspondente, ele reage contra uma fonte análoga de excitação que é externa (FREUD, 1895[1894], *ESB*, v.3, p.109; *AE*, v.3, p.112).

No ano seguinte, publica no *Neurologisches Zentralblatt* o artigo *Resposta às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia* (1895), texto que responde às críticas elaboradas pelo psiquiatra Leopold Loewenfeld. No texto ratifica seu pensamento sobre neurose de angústia e afirma que ela “é criada por tudo aquilo que mantém a tensão sexual somática afastada da esfera psíquica, por tudo o que interfere em sua elaboração psíquica” (Freud, 1895, *ESB*, v.3, p.119). Palavras que vêm a significar que os fatores sexuais constituem os fatores etiológicos específicos naquilo que Freud chama de neurose de angústia. A importância do artigo reside naquilo que Freud designa por “equação etiológica”, que futuramente constará nos *Três ensaios* (1905) como “série complementar”. Em 1895, “equação etiológica” está relacionada com as relações entre as diferentes espécies de causas envolvidas na geração de uma neurose.

Loewenfeld defende que a etiologia dos estados de angústia deve ser buscada na hereditariedade. Freud se opõe a isso e afirma que “a hereditariedade é imune a alterações”; e “se a neurose de angústia é curável pelo tratamento, [...] sua etiologia não pode residir na hereditariedade” (Freud, 1895, *ESB*, v.3, p.125).

Sustento que existe um fator etiológico específico na neurose de angústia que pode ser substituído em sua atuação por uma perturbação banal, em sentido quantitativo, mas não em sentido qualitativo; sustento ainda que esse fato específico determina primordialmente a forma da neurose; a ocorrência ou não da doença neurótica depende da carga total sobre o sistema nervoso (proporcionalmente à sua capacidade de suportar tal carga). Em geral, as neuroses são sobredeterminadas, isto é, vários fatores operaram conjuntamente em sua etiologia (FREUD, 1990/1895, *ESB*, v.3, p.125-126; *AE*, v.3, p.130-131).

Freud presume que o sistema nervoso é capaz de manejo de determinado *quantum* de excitação sexual somática e que os problemas aparecem quando esse *quantum* é subitamente acrescido.

Por sua vez, Loewenfeld presume que os estados de angústia só aparecem em determinadas condições e deixam de aparecer quando tais condições desaparecem. Freud entende que tal postulado é aplicável às fobias, mas pouco diz sobre a angústia nas outras afecções neuróticas.

Ao se referir à “equação etiológica”, Freud ratifica a afirmação de que as neuroses são sobredeterminadas, na medida em que estão imbricadas as precondições, as causas específicas, as causas concorrentes e a causa desencadeante da neurose.

A descoberta do fator hereditário, por conseguinte, não nos isenta da busca de um fator específico. De sua descoberta, aliás, depende também todo o nosso interesse terapêutico, pois o que podemos fazer terapeuticamente a respeito da hereditariedade enquanto elemento etiológico? Ela sempre esteve no paciente e lá permanecerá até o fim de sua vida. Tomada isoladamente, não pode ajudar-nos a compreender nem o desencadeamento episódico de uma neurose, nem a cessação dessa neurose em consequência de tratamento. Ela nada mais é do que uma precondição da neurose – uma precondição de indizível importância, é verdade, mas que tem sido superestimada em detrimento da terapia e da compreensão teórica (FREUD, 1895, *ESB*, v.3, p.131; *AE*, v.3, p.137).

Freud finaliza o texto fazendo alusão ao princípio de constância, afirmando que a ocorrência (ou não) de uma neurose depende do fator quantitativo “da carga total sobre o sistema nervoso” (Idem). “Tudo o que consegue manter esse fator quantitativo abaixo de certo valor limítrofe ou restituí-lo a esse nível tem um efeito terapêutico, já que, assim fazendo, mantém a equação etiológica insatisfeita” (Idem).

1.7. A exigência teórica: *O Projeto para uma psicologia científica*

O *Projeto para uma psicologia científica* tem importância única não só na genealogia do conceito de pulsão, mas na genealogia da psicanálise. Escrito em 1895, só veio a público meio século depois, quando seu autor já estava morto. O texto é derivado da genialidade de Sigmund Freud e das interlocuções com seu amigo mais pessoal, Wilhelm Fliess. Durante anos o *Projeto* existiu apenas como um segredo entre dois amigos. Num tempo onde uma teoria para ser aceita dependia da resposta da comunidade científica, Fliess era o único público do solitário Freud³¹.

Quando a obra inaugural da psicanálise foi escrita o *Projeto* já existia. Esse é um dado de valiosa importância para essa pesquisa, uma vez que é possível ler a teoria da pulsão no *Projeto*, portanto, antes da escrita sobre o inconsciente. Se considerarmos que os principais aspectos teóricos relativos à teoria da pulsão estão grafados no texto de 1895, podemos presumir que a pulsão é o que permitiu Freud pensar o inconsciente. A pulsão é o elemento que faz Freud pensar metapsicologicamente. Nesse sentido, o *Projeto* é o texto que marca a renúncia freudiana à anatomia e permite a seu autor a formulação de uma metapsicologia. No *Projeto* o termo *Trieb* aparece como termo e não como conceito. Intencionamos evidenciar nessa tese de doutorado como o termo pulsão ascende à categoria de conceito.

Em 1895 havia o intento freudiano em conceber uma teoria que juntasse psicologia e fisiologia – tarefa que se incumbirá o *Projeto*. Na época em que Freud

³¹ Não é intenção dessa pesquisa discorrer sobre as razões da não publicação do *Projeto* e dos motivos para a manutenção do texto como um segredo de alcova.

começou a escrever o *Projeto* havia uma exigência positiva de uma psicologia quantitativa. Apesar disso, Freud inaugura uma preocupação com o sentido e, na verdade, sabedor ou não, mantém aberto o campo investigativo das situações geradoras de traumas, neuroses. Já havia a clareza de que não era qualquer situação capaz de ocasionar a neurose, interpondo-se a noção econômica inerente ao campo pulsional, muito embora não teorizada nesse momento. A trama de representações mantém o interesse de Freud, o qual, desde o início de 1895, procura descrever os fatos sob esse novo prisma.

Com Breuer, Freud conclui que toda histeria é de defesa, a qual age sobre as representações sexuais. Freud queria explicar a defesa com postulados sólidos e palpáveis, mediante uma teoria que elucidasse o jogo de forças com o jogo de quantidade de energia. Em 16 de agosto de 1895 escreve a Fliess: “tudo o que eu estava tentando fazer era explicar a defesa, mas experimente só explicar algo que vem do âmago da natureza” (Masson, 1986, p.136-137).

Numa época em que triunfava o materialismo, Freud procura naturalizar sua psicologia, tendo em vista que apenas a matéria adquiria o estatuto de científica naquela época. Para os aspectos que não consegue explicar empiricamente, lança mão de dados e hipóteses biológicas. Afinal, Freud quer uma teoria. Mas *O projeto* (1895) não é apenas uma obra mecanicista. Não deve ser esquecido que a articulação das teses freudianas são derivadas de suas elaborações clínicas junto aos pacientes histéricos. Nessa medida, *O projeto* (1895) é uma tentativa de dar uma resposta teórica à prática clínica por Freud. O cientificismo que marca a redação do texto deve ser entendido como uma exigência positivista da época. Freud pretende oferecer leis e princípios para o funcionamento do aparelho psíquico, cujo modelo elementar é o arco reflexo, de modo a esclarecer as estruturas psicológicas a partir de bases neurológicas. O objetivo principal é explicar as conexões entre as excitações internas, os estímulos externos e as leis que regulam o fluxo ou a retenção daquilo que o autor designa por quantidade (Q) que atravessa o sistema neuronal, composto pelos neurônios (Ψ , ϕ , ω).

Freud estabelece a ideia de passagem e distribuição de energia através de barreiras de contato. A tópica do aparelho neurológico concebido por Freud no *Projeto* (1895) é feita em termos importados da anatomia. Em 1895 ainda prevaleciam

explicações neurológicas em Freud, mas ele já estava em processo de adoção das explicações psicológicas, como veremos a seguir, a partir de 1896, notadamente no texto *A etiologia da histeria*.

O projeto (1895) articula o modo de funcionamento do aparelho psíquico a um sistema neuronal e trata os processos inerentes a tal aparelho como modificações quantitativas. Na verdade *O projeto* não é uma obra neurológica, desde que visto por outro prisma. Freud queria uma teoria científica, tendo em vista o viés acadêmico de sua época. Mas, desde *Salpêtrière*, as evidências clínicas tocavam sensivelmente a escuta freudiana. Foi tal sensibilidade que lhe garantiu força em seus rompimentos e caminhos que adotou.

A tônica da quantidade já estava presente nos textos que Freud escreveu antes de 1895. A intenção de dar solução para a determinação das forças em ação é o fator impulsionador da escrita do *Projeto*. Freud queria dar uma base psicofisiológica para a teoria das neuroses, a qual, nessa época, era orbitada pela hipótese da sedução. Nesse contexto o autor cria um aparato que faz uma mediação entre o corpo e as coisas do mundo, cuja ênfase gira em torno da relação organismo *versus* meio. A leitura do *Projeto* revela a influência da teoria do trauma por um agente externo: Freud mostra-se vinculado à concepção do trauma enquanto acontecimento real, vindo de fora, consoante com a etiologia da neurose. O curso de seu desenvolvimento teórico irá ser determinado pelo conhecimento do fluxo das excitações internas, ligadas às exigências vitais.

O modelo que Freud utiliza para a construção de seu aparelho neuronal é o do arco reflexo. No *Projeto* duas ideias centrais são desenvolvidas: a hipótese do neurônio – fundamento do ponto de vista tópico – e a noção da quantidade – fundamento do ponto de vista econômico. Na verdade *O projeto* corresponde a um modelo clínico, pois a obra se alimenta da experiência clínica freudiana. A noção de neurônio corresponde à noção de representação, enquanto a noção de quantidade equivale ao afeto. A noção da pulsão, ainda não definida no *Projeto*, abarcará o que Freud pensa de neurônio e de quantidade.

Do *Projeto* até a adoção da pulsão de vida como integrante do dualismo pulsional final, a biologia comparece de forma maciça nos textos freudianos. E até o fim

da vida Freud levanta a possibilidade dos avanços no campo biológico virem dar conta das lacunas de uma teoria puramente psicológica. A biologia é a marca de Fliess, principal interlocutor de Freud, e considerado “padrinho” da ideia de reunir numa síntese única, os campos psicológico e neurológico. “Se a noção de Q , a quantidade de energia submetida às leis do movimento, é a principal ponte do *Projeto* com as questões da física, os neurônios, partículas materiais, estruturas nervosas do aparelho, são sua ligação com a biologia, via fisiologia do cérebro” (Werneck, 1992, p.145). É Fliess quem fornece o subsídio teórico à base fisiológica das teses freudianas dispostas no *Projeto de 1895*. Vimos que as teses constantes no *Projeto* decorrem de uma prática clínica com as histéricas. É essa prática que confere a especificidade que se mantem no texto freudiano.

A intenção do texto é clara: “prover uma psicologia que seja ciência natural”, e dessa forma, “representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis”, o que deixa mais claro ainda a noção de uma economia regente do funcionamento dos processos psíquicos, muito embora seus elementos não estejam teorizados em sua totalidade no *Projeto*. Neurônio (N) e Quantidade (Q e Qn) serão os elementos dos quais Freud irá tratar.

Freud passa a discorrer sobre a concepção quantitativa, apresentada como primeiro teorema principal. Desde o início, a clínica freudiana revela algo relativo à intensidade, à excitabilidade determinante dos estados neuróticos com os quais tratava. A isso designou por princípio de constância, destinado a neutralizar a intensidade de excitação através da descarga, disposto no *Projeto* nos seguintes termos:

[...] pôde-se estabelecer um princípio básico da atividade neuronal em relação a Q ... Esse princípio é o princípio da inércia neuronal: os neurônios tendem a se livrar de Q . A estrutura e o desenvolvimento, bem como as funções [dos neurônios], devem ser compreendidos com base nisso (FREUD, 1895, *ESB*, v.1, p.404; *AE*, v.1, p.340).

O princípio de inércia atua em parceria com o princípio de constância, ou seja, não atua sozinho. Se pelo princípio de inércia toda energia fosse descarregada não haveria energia para atender às exigências internas. Por isso no aparelho psíquico resta

certa quota de energia para essa finalidade. A redução da tensão a nível zero não é possível, somente intencionada, na medida em que existe outro princípio, o de constância, que assegura uma quota de energia. No *Projeto* a lei de constância aparece de forma secundária. Somente em 1920, em *Além do princípio do prazer*, Freud explicita, letra a letra, o princípio de constância como princípio independente. Em 1895, os princípios de inércia e de constância estão articulados a uma noção de suma importância para a psicanálise: a distinção entre processo primário e processo secundário.

No sentido tópico, Freud relaciona o processo primário ao sistema inconsciente e o processo secundário ao sistema pré-consciente. Em termos econômicos, a energia livre está ligada ao processo primário, enquanto a energia ligada encontra-se vinculada ao processo secundário. A análise que procede Freud acerca do sonho é o exemplo privilegiado de processo primário, tendo em vista a diminuição das necessidades orgânicas e também devido à redução da censura. O pensamento em vigília corresponde ao modo de funcionamento do processo secundário.

Do ponto de vista genético-temporal o processo secundário é o resultado de uma transformação sofrida pelo processo primário. Para Freud, o processo secundário é uma versão atenuada, camuflada do processo primário. A esse respeito escreve que:

Não pode haver dúvida de que o aparelho psíquico só atingiu sua perfeição atual após longo período de desenvolvimento. [...] a fim de chegar a um dispêndio mais eficaz da força psíquica, é necessário dar um alto à regressão antes que ela se torne completa, de maneira que não avance além da imagem mnemônica e seja capaz de buscar outros caminhos que finalmente a conduzam à desejada identidade perceptiva que está sendo estabelecida a partir do mundo externo (FREUD, 1895).

A citação dá a entender que originalmente ambos os processos primário e secundário eram indiferenciados. E também nos permite ler em suas entrelinhas o germen do que será nomeado por pulsão de morte, na medida em que a satisfação almejada é o nível zero de tensões, a satisfação plena. Nesse sentido parece que os

processos secundários cumprem uma função de retardo e de estabelecimento de vias mais longas e desviadas da satisfação direta.

Ainda na primeira parte do *Projeto* (1895) encontramos uma alusão à pulsão quando Freud fala de circunstâncias que alteram o princípio da inércia, tendo em vista o aumento de estímulos que acometem o sistema nervoso. Freud se refere aos “estímulos endógenos”, que se originam a partir daquilo que considera “grandes necessidades”: fome, respiração e sexualidade (Ibidem, p.405). Tais “estímulos endógenos” são os precursores das pulsões.

Esses estímulos se originam nas células do corpo e criam as grandes necessidades [...]. Deles, ao contrário do que faz os estímulos externos, o organismo não pode esquivar-se; não pode empregar a Q deles para a fuga do estímulo. Eles cessam apenas mediante certas condições, que devem ser realizadas no mundo externo. Para efetuar essa ação (que merece ser qualificada de específica), requer um esforço que seja independente da Q_n endógena e, em geral, maior, já que o indivíduo se acha sujeito a condições que podem ser descritas como as exigências da vida. Em consequência, o sistema nervoso é obrigado a abandonar sua tendência original à inércia (isto é, a reduzir o nível [da Q_n] a zero). Precisa tolerar [a manutenção de] um acúmulo de Q_n suficiente para satisfazer as exigências de uma ação específica. Mesmo assim, a maneira como realiza isso demonstra que a mesma tendência persiste, modificada pelo empenho de manter a Q_n no mais baixo nível possível e de se resguardar contra qualquer aumento da mesma – ou seja, mantê-la constante. Todas as funções do sistema nervoso podem ser compreendidas sob o aspecto das funções primária ou secundária impostas pelas exigências da vida (FREUD, 1990/1895, *ESB*, v.1, p.405-406; *AE*, v.1, p.341).

A citação traz elementos relativos à pulsão que serão definidos a partir de 1905, tais como a exigência de satisfação pulsional, força constante da pulsão, fonte endógena e alusão à repetição.

Em seguida, Freud apresenta o segundo teorema principal, aquele relativo a teoria do neurônio. O neurônio é concebido como suporte material do aparelho psíquico. Freud afirma que o sistema nervoso é constituído por unidades separadas, constituídos de forma semelhante, porém independente anatomicamente, mas ligados

por contiguidade, formando uma complexa rede de conexões. A quantidade (Q) é a energia que circula entre os neurônios, capaz de deslocamento e descarga. “A estrutura dos neurônios torna provável a localização de todas as resistências nos contatos [entre os neurônios], que desse modo funcionam como barreiras” (Freud, 1895, vol. 1, p. 407). A hipótese das barreiras de contato permite elucidar sobre a função da memória, no sentido da capacidade do sistema nervoso ser alterado permanentemente, contrariando a possibilidade de passagem da energia e retorno ao estado anterior. Então Freud distingue neurônios permeáveis (ϕ) e neurônios impermeáveis (Ψ). Os primeiros conduzem Qn , mas não a retém; os segundos são retentores de Qn . A permeabilidade e a impermeabilidade decorrem das resistências nas barreiras de contato. De modo que quanto maior a resistência nas barreiras de contato, maior a presença de neurônios retentores de energia, ou seja, de neurônios impermeáveis (Ψ). Os neurônios impermeáveis servem à memória e os neurônios permeáveis servem à percepção.

Esses neurônios (Ψ) ficam permanentemente alterados pela passagem de uma excitação. Se introduzirmos a teoria das barreiras de contato: as barreiras de contato deles ficam em estado permanentemente alterado. E como o conhecimento psicológico demonstra a existência de algo assim como um reaprender baseado na memória, essa alteração deve consistir em tornar as barreiras de contato mais capazes de condução, menos impermeáveis e, assim, mais semelhantes ao sistema ϕ (FREUD, 1990/1895, *ESB*, v.1, p.409; *AE*, v.1, p.344).

Significa que para que a percepção ocorra na fluidez que lhe é própria é necessário que o sistema neuronal permaneça inalterado a cada nova percepção, de modo que o sistema perceptivo se mantenha diferente do sistema de memória. Com isso Freud se refere à noção de *Bahnung*³²: “a memória está representada pelas facilitações existentes entre os neurônios Ψ ” (Idem).

O sistema ϕ (permeável) é destinado à recepção dos estímulos externos; o sistema Ψ (impermeável), às excitações endógenas. Mas o que faz com que um sistema seja retentor de Q e o outro não? Ambos os sistemas Ψ e ϕ possuem barreiras de

³² Significa “facilitação”.

contato, de modo que não se pode atribuir às barreiras de contato a função da memória. Freud dá a solução para essa questão ao apontar para a estrutura e função do sistema nervoso, e não para a natureza dos sistemas permeável e impermeável. O principal a observar é que as barreiras de contato do sistema ϕ (permeável) permanecem inalteradas após a passagem de Qn . Por sua vez, as barreiras de contato do sistema Ψ (impermeável) são alteradas permanentemente após a passagem de Qn . As barreiras de ϕ não oferecem resistência à Qn , enquanto que as barreiras de Ψ oferecem resistência.

Para melhor conhecimento nosso, o sistema Ψ está fora de contato com o mundo externo; recebe apenas Q , por um lado, dos próprios neurônios ϕ e, por outro, dos elementos celulares no interior do corpo, tratando-se agora de determinar a probabilidade de que essas quantidades de estímulo sejam de ordem de magnitude comparativamente baixa. À primeira vista talvez pareça perturbador que devamos atribuir aos neurônios Ψ duas fontes de estímulo tão diversas como ϕ e as células do interior do corpo; mas é justamente aqui que recebemos o apoio decisivo da recente histologia do sistema nervoso. Isso mostra que a terminação de um neurônio e a conexão entre os neurônios são constituídas da mesma forma e que os neurônios terminam uns nos outros do mesmo modo que os elementos somáticos; provavelmente, o caráter funcional de ambos os processos também é do mesmo tipo. É provável que as extremidades nervosas e no caso da condução intercelular sejam manejadas quantidades semelhantes. Também se pode esperar que os estímulos *endógenos* pertençam a essa mesma ordem de magnitude *intercelular* (FREUD, 1990/1895, *ESB*, v.1, p.415; *AE*, v.1, p.349).

Vinte e cinco anos depois, em *Além do princípio de prazer* (1920), Freud retoma a ideia de tela protetora referida na citação acima. O mundo externo é fonte de energia. O sistema ϕ (permeável) está mais suscetível a acometimento de Q , porque voltado para o mundo externo. Pela citação vimos que um neurônio termina em outro neurônio, protegido do contato direto com o mundo externo pelos órgãos dos sentidos, cuja função é a recepção dos estímulos oriundos do mundo externo, funcionando como tela protetora. Assim, o sistema ϕ está de certa forma mais protegido de invasões de Q . O mesmo não ocorre com o sistema Ψ (impermeável), o qual está em contato direto com a estimulação endógena, além das conexões com as Q exógenas de ϕ . No texto de 1920, Freud irá se referir a isso como a mola pulsional do mecanismo psíquico.

Esse córtex sensitivo, contudo, que posteriormente deve tornar-se o sistema *Cs.*, também recebe excitações desde o *interior*. A situação do sistema, entre o exterior e o interior, e a diferença entre as condições que regem a recepção de excitações nos dois casos, têm um efeito decisivo sobre o funcionamento do sistema e de todo o aparelho mental. No sentido do exterior, acha-se resguardado contra os estímulos e as quantidades de excitação que sobre ele incidem possuem apenas efeito reduzido. No sentido do interior, não pode haver esse escudo; as excitações das camadas mais profundas estendem-se para o sistema diretamente e em quantidade não reduzida, até onde algumas de suas características dão origem a sentimentos da série prazer-desprazer. As excitações que provêm de dentro, entretanto, em sua intensidade e em outros aspectos qualitativos – em sua amplitude, talvez -, são mais comensuradas com o método de funcionamento do sistema do que os estímulos que afluem desde o mundo externo (FREUD, 1920, *ESB*, v.18, p.44; *AE*, v.18, p.28-29).

A excitação decorrente dos estímulos endógenos atua de forma constante, contrariamente às estimulações oriundas do mundo externo. A primeira consequência do acréscimo de *Qn* é um impulso (*Drang*) para a descarga. A excitação (*Reiz*) investe o sistema Ψ , impondo-lhe uma exigência de trabalho. Esse parece ser o sentido de “mola pulsional” a que Freud se refere no *Projeto para uma psicologia científica*.

Aqui, além disso, vislumbra-se uma tendência que bem poderia reger a construção do sistema nervoso a partir de diversos sistemas: uma tendência cada vez maior a manter a *Qn* afastada dos neurônios. Desse modo, a estrutura do sistema nervoso serviria à finalidade de afastar a *Qn* dos neurônios e sua função seria a de descarregá-la (FREUD, 1895, *ESB*, v.1, p.417; *AE*, v.1, p.350).

Freud assinala que os dispositivos de natureza biológica tendem a falhar quanto o limite de suportabilidade é ultrapassado. É o caso da dor, que consiste na irrupção de grandes *Qn*. Segundo o autor, a dor aciona ambos os sistemas Ψ e ϕ , constituindo o mais imperativo de todos os processos a serem descarregados.

Um terceiro sistema de neurônios (ω) é apresentado por Freud no *Projeto*: os perceptuais, os quais estão encarregados das sensações conscientes (Ibidem, p. 420). São encarregados da percepção e neles não há registro mnêmico. O autor presume que os neurônios ω sejam movidos por quantidades reduzidas de Q_n , estando a sensação consciente ligada aos aspectos qualitativos, quando “as quantidades são tão excluídas quanto possível” – afirma (Idem). Os neurônios perceptuais também devem ser concebidos como catexizados e também requerem descarga, tais quais Ψ e ϕ . Os processos ω implicam em consciência; enquanto os processos Ψ são inconscientes, adquirindo uma espécie de consciência secundária após se ligarem a processos de descarga e percepção. É importante lembrar que nesse período “consciente” e “inconsciente” são termos usados adjetivamente por Freud, diferentemente do que será, num futuro próximo, enquadrado em sistema consciente e sistema inconsciente.

Ao longo do texto Freud ratifica o pressuposto inicial que alude a uma via direta entre os estímulos endógenos e os neurônios Ψ . Assim sendo, o sistema Ψ está exposto, desprotegido quanto às Q provenientes do interior do corpo, “e nesse fato se assenta a mola mestra do mecanismo psíquico” (Ibidem, p. 428). Vimos que, em 1920, o tema da falta de um escudo protetor voltado para o interior terá pauta privilegiada em *Além do princípio de prazer*. Aqui no *Projeto*, de forma precisa, Freud antecipa suas formulações acerca da pulsão, uma vez que, conforme já citado, os estímulos endógenos são os precursores daquilo que será categorizado como pulsão.

O que sabemos a respeito dos estímulos endógenos se pode expressar no pressuposto de que eles são de natureza intercelular, que se produzem de forma contínua e que só periodicamente se transformam em estados psíquicos. A ideia de sua acumulação é inevitável; e o caráter intermitente de seu efeito psíquico exige a ideia de que, em sua via de condução até Ψ , eles enfrentam resistências só superadas quando há um aumento da quantidade (FREUD, 1895, *ESB*, v.1, p.429; *AE*, v.1, p.360-361).

Freud salienta que após a passagem de uma corrente as barreiras de contato restauram sua resistência. Nesse sentido, os neurônios Ψ são influenciados pela quantidade de Q que passa pelas barreiras de contato. Supõe, desse modo, que a

facilitação (*Bahnung*) consiste não na supressão da resistência, mas na sua redução a um mínimo necessário. Enquanto a Q passa, a resistência fica suspensa para depois se reestabelecer em proporção às Q que por ali passou; de modo que, num outro momento, uma Q de menor intensidade conseguirá passar pela barreira de contato. Ou seja, a facilitação consiste na diminuição da resistência conforme passa a energia. Freud afirma que sempre restará alguma resistência e que isso é igual para todas as barreiras de contato, e que essa resistência é constante.

As barreiras de contato Ψ são, em geral, mais altas do que as vias [endógenas] de condução, de modo que nos neurônios nucleares possa produzir-se uma nova acumulação de Qn . No momento em que a via de condução é reajustada, nenhum limite adicional é fixado para essa soma. Aqui, Ψ está à mercê de Q , e é assim que surge no interior do sistema o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos essa força como *vontade* – o derivado das *pulsões* (FREUD, 1895, ESB, v.1, p.430; AE, v.1, p.362).

A citação traz um dos raros empregos do termo *Trieb* antes de sua formulação em 1905. “[...] o impulso que sustenta toda a atividade psíquica” coaduna com a conceituação final de Freud sobre a pulsão.

No texto, Freud retoma a noção de investimento e assinala que no sistema psíquico neurônios investidos em determinadas situações podem estar vazios em outras circunstâncias. A ideia de investimento revela o fato da quantidade de energia de um neurônio estar ligada (ou não), cuja ligação tende a limitar o livre escoamento da energia e a ligar representações entre si. A noção de investimento de 1895 será importante na definição da representação enquanto representante pulsional, na medida em que a representação é o traço mnêmico quando investido pela pulsão.

1.7.1. A natureza de Q

O aspecto preponderante do texto é o relativo à economia. A noção de quantidade é representada por Freud ora com Q , ora com a abreviatura Qn . Ao longo do texto Freud não usa a expressão “energia psíquica”, referindo-se com frequência a “excitação” representada por Q . No final do texto declara o intento de tratar de uma Q que possui uma relação especial com o sistema nervoso.

Lembremos que Freud queria dar concretude a algo sujeito às leis gerais do movimento. Então imagina uma Q em fluxo – cuja energia passa de neurônio a neurônio, em movimento; e uma Q estática, representativa de um neurônio catexizado, carregado de energia. Com isso Freud se refere a energia livre e a energia ligada, aspectos detalhadamente discutidos na parte III do *Projeto*. A Q é analisada pelo nível de catexia de um neurônio e pela quantidade em fluxo, compondo aquilo que Freud designa por “movimento neuronal”, algo por ainda desvendar, salienta o autor (Freud, 1895, ESB, vol. 1, p. 498). É evidente que a pulsão será a sucessora da Q endógena. Tal qual a Q , as indefinições relativas à pulsão são registradas em 1920, em *Além do princípio de prazer* (p.46), onde se refere ao fato de “nada sabermos da natureza do processo excitatório que ocorre nos elementos dos sistemas psíquicos”.

Muito embora a natureza de Q permaneça indefinida, Freud lança luzes sobre a questão desde 1894, no texto *As psiconeuroses de defesa* (ESB, p.73), onde afirma que essa entidade “possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) capaz de aumento, diminuição, deslocamento e descarga”.

Em 15 de outubro de 1895 Freud escreve a Fliess:

Será que já lhe revelei o grande segredo, clínico, verbalmente ou por escrito? A histeria é uma consequência de um choque sexual pré-sexual. A neurose obsessiva é consequência de um prazer sexual pré-sexual, que se transforma, posteriormente, em auto recriminação. Pré-sexual significa, a rigor, anterior à puberdade, anterior à liberação de substâncias sexuais (MASSON, 1986, p.145).

Cinco dias depois anuncia a seu interlocutor a resolução do *Projeto*. A ideia esboçada no trecho da carta citada reflete a tentativa freudiana em elucidar

mecanicamente a neurose. No *Projeto* tenta explicar o desencadeamento neurótico em termos de investimento neurônico e quantitativo. O histérico é acometido por representações superintensas que se deriva em compulsão histérica incompreensível. Tais representações não são exclusivas da neurose, podendo ocorrer em estados normais. E a cada compulsão corresponde um recalçamento e para cada acontecimento da ordem do excesso corresponde uma amnésia, afirma Freud no *Projeto* (Ibidem, p. 470).

A expressão excessivamente intensa aponta para características quantitativas. É plausível supor que o recalçamento tenha o sentido de um despojamento de Q . [...] Algo foi acrescentado a A , que foi subtraído de B . O processo patológico é um processo de deslocamento, tal como vimos a conhecer nos sonhos – ou seja, um processo primário (FREUD, 1895, *ESB*, v.1, p.471; *AE*, v.1, p.397).

Em seguida, Freud questiona em que condições ocorrem essas formas patológicas e em que estado se acham os neurônios da representação superintensa e os da representação recalçada. A clínica lhe aponta duas evidências: o recalçamento desperta no eu sentimentos de desprazer e tais representações dizem respeito à vida sexual. O recalque é, então, acionado pelo afeto desprazeroso. O excesso quantitativo é característico do modo de funcionamento dos processos primários, os quais têm livres deslocamentos de energia; e as representações oriundas dos processos primários são sexuais. Nesse momento, entretanto, não há como supor que os afetos sexuais sejam mais geradores de desprazer que outras representações. Até aqui, presume-se que a representação sexual deve possuir características especiais capazes de perturbar o funcionamento do sistema de neurônios.

É impossível supor que os afetos sexuais penosos superem tanto em intensidade a todos os demais afetos desprazerosos. Deve haver alguma outra característica das representações sexuais capaz de explicar como é que elas ficam sujeitas ao recalçamento (FREUD, 1895, *ESB*, v.1, p.473; *AE*, v.1, p.399).

Em seguida, acrescenta que “o enigma reside apenas no mecanismo desse deslocamento e que não há nada a explicar sobre o próprio recalçamento”, uma vez que “o processo de recalçamento continua sendo o cerne do enigma” (Idem).

O que explicará o que é capaz de perturbar o funcionamento do sistema neuronal e promover o recalçamento é o advento tardio da puberdade. A clínica oferece a Freud evidências nesse sentido quando uma lembrança desperta um afeto que não pode ser suscitado no momento em que a experiência ocorreu e com o advento (tardio) da puberdade – com as mudanças que ela traz –, uma compreensão diferente do que era lembrado tornar-se possível. Essa hipótese orienta os trabalhos de Freud em torno da etiologia da histeria. Mas após a descoberta da sexualidade infantil essa hipótese perde sua validade, notadamente quando do reconhecimento da constância das moções pulsionais. No *Projeto*, Freud escreve:

Constatamos invariavelmente que se recalcam lembranças que só se tornaram traumáticas por ação retardada. A causa desse estado de coisas é o retardamento da puberdade em comparação com o resto do desenvolvimento do indivíduo (FREUD, *ESB*, 1895, v.1, p.478; *AE*, v.1, p.403).

Werneck (1992) afirma que os passos freudianos pareciam dar uma solução quantitativa para a teoria do trauma. A sexualidade ainda era tomada enquanto ligada a genitalidade e o afeto sexual era tido como mais intenso por razões de prematuridade biológica. A clínica, novamente, facilita entendimentos:

Embora, em geral, não se dê na vida psíquica a situação de uma lembrança despertar um afeto que não existiu por ocasião da experiência, tal é, no entanto, uma ocorrência muito comum no caso das representações sexuais, precisamente porque o retardamento da puberdade constitui uma característica geral da organização. Cada indivíduo adolescente porta traços de memória que só podem ser compreendidos com a manifestação de suas próprias sensações sexuais; [...] a análise indica que o que há de perturbador num trauma sexual é, sem dúvida, a liberação do afeto; e a experiência nos ensina que os histéricos são pessoas das quais se sabe que, em parte, tornaram-se prematuramente excitáveis em sua sexualidade devido à estimulação

mecânica e emocional (masturbação), e das quais, em parte, podemos supor que uma liberação sexual prematura está presente na sua disposição inata. Mas o início prematuro da liberação sexual ou a intensificação prematura da liberação sexual evidentemente se equivalem, de modo que essa condição fica reduzida a um fator quantitativo (FREUD, 1895, *ESB*, v.1, p.479; *AE*, v.1, p.404).

Freud assinala que a geração do afeto inibe de várias maneiras o curso normal do pensamento. Nesse sentido, as atividades do eu são influenciadas pela *Qn* de alta intensidade, pelo afeto, impondo ao eu urgência e seleção de vias tal qual o processo primário. “O processo afetivo se aproxima do processo primário não inibido” – escreve Freud (Ibidem, *ESB*, p.480).

Originalmente, uma catexia perceptual, em sua qualidade de herdeira de uma experiência dolorosa, gerou desprazer; ela [a catexia] foi intensificada pela *Qn* liberada, prosseguindo então até a descarga por vias de passagem que já se encontravam parcialmente pré-facilitadas. Uma vez formado o eu catexizado, a “atenção” para as novas catexias perceptuais desenvolveu-se da forma que conhecemos e ela [a atenção] seguiu, com catexias colaterais, o curso [da quantidade] proveniente da percepção. Desse modo, a liberação de desprazer ficou quantitativamente restrita e seu início serviu, precisamente, de sinal para o eu pôr em ação a defesa normal; assim se evitou o desenvolvimento muito fácil de novas experiências de dor, com todas as suas facilitações. Todavia, quanto mais intensa é a liberação de desprazer, tanto mais penosa é a tarefa para o eu, que, com suas catexias colaterais, afinal só consegue contrabalançar as *Qn*'s até determinado limite, estando portanto fadado a permitir a ocorrência de uma passagem primária [de quantidade] (FREUD, 1895, *ESB*, v.1, p.480-481; *AE*, v.1, p.405).

Assim, devido a *Qn* excessiva, a fonte dos distúrbios encontraria sua explicação na inadequação do processo primário, ou no fracasso do eu em processo secundário. Posteriormente, ao falar da pulsão, Freud dirá que é a força da pulsão e a sua urgência em satisfação os responsáveis diretos pelas perturbações na vida do sujeito. Mas, nesse momento, a explicação é outra:

Embora, em geral, não se dê na vida psíquica uma lembrança despertar um afeto que não existiu por ocasião da experiência, tal é, no entanto, uma ocorrência muito comum no caso das ideias sexuais, precisamente porque o retardamento da puberdade constitui uma característica geral da organização. Cada indivíduo adolescente porta traços de memória que só podem ser compreendidos com a manifestação de suas próprias sensações sexuais (FREUD, 1895, *ESB*, v.1, p.479; *AE*, v.1, p.404).

Freud encerra a segunda parte do *Projeto* ratificando a importância da intensidade da representação traumática, confirmada pela clínica, na medida em que, defende o autor, “o retardamento da puberdade possibilita os processos primários póstumos” (Ibidem, p.482) – ou seja, processos já ultrapassados por atividades secundárias capitaneadas pelo eu.

1.7.2. O Engavetamento do ingavetável

Quando Freud escreveu o *Projeto para uma psicologia científica* (1895) recorreu ao modelo neurológico por ser esse o referencial que ele tinha naquela época. A linguagem adotada na redação do *Projeto* fez com que ele fosse visto e criticado mais como um texto de base neurológica do que psicológica. Freud queria e precisava de uma teoria que atendesse o ideal científico de seu tempo, preocupado, todavia, em não parecer especulativo demais, nem tampouco excessivamente fenomenológico, devido suas observações clínicas. Na verdade o que foi escrito em linguagem neurológica corresponde a fenômenos psíquicos, os quais foram devidamente aproveitados e desenvolvidos por Freud em outros termos. No *Projeto* estão lançados inúmeros conceitos que são retomados por Freud nos momentos seguintes de sua obra.

O tema da “economia da força nervosa” e suas implicações abre um espaço para pensar o que será conceituado como pulsão. Esta, para ser nomeada no *Projeto*, basta apenas ser destacada do trauma sexual e adquirir o estatuto de algo interior ao organismo, pertencente à sexualidade humana, constituinte do humano. Isso ocorre com

a postulação da sexualidade infantil e com o abandono da teoria da sedução. A pulsão deixa de ser usada como um termo e ascende a categoria de conceito. Fundamentalmente, o texto de 1895 cria a possibilidade inexaurível de pensar sobre algo que se origina no corpo. Isso significa que a pulsão deixa de ser um termo e passa a ser um conceito com o reconhecimento da sexualidade infantil.

Estímulos incidem sobre o aparato nervoso a partir de uma Q de excitação, pondo-o em movimento; esse movimento requer uma ação específica, ação essa exigida pelos estímulos internos, os quais insistem em constância de fluxo. Tais são os estímulos que estão na origem da pulsão.

Q é o resultado da ação sobre o aparato, composto de massa e energia. A natureza de Q é obscura e não designa exatamente a energia, mas sim a quantidade de energia movimentada pelo estímulo. Q representa a força protagonizada pelo estímulo, sempre constante. A pulsão abrange o estímulo e sua fonte – a Q –, assim como o esforço (*Drang*) dispendido na redução de sua tensão.

Freud sugere que o sistema Ψ é decorrente do acúmulo das Qn endógenas e representa propriamente o aparelho psíquico. Ao acumulá-la o neurônio se torna permeável, marcado por sua passagem, resultando em memória, tida por Freud como constitutiva do psiquismo, muito além de uma simples propriedade dele.

Os motivos defensivos estão atrelados à sexualidade. A noção do excesso quantitativo frente ao qual surge a defesa contra impulsos sexuais se sustenta ao ser introduzido por Freud a questão da possibilidade de representar um incremento de excitação, tendo em vista que, antes da puberdade, não há possibilidade de inscrição de experiências sexuais. Vemos Freud recorrer a uma perspectiva evolutiva, darwiniana, para elucidar o descompasso entre sexualidade e maturação do indivíduo, mantendo, ainda, a concepção de que a neurose é causada por um acontecimento traumático.

Ao abandonar *O projeto* Freud retoma o tema da causação da neurose e em seu pensamento ainda vigora a teoria da sedução: suposição da inocência infantil e da presença de um perverso sedutor. O evento traumático é localizado na infância pelos pacientes de Freud, de acordo com as associações de seus pacientes, invariavelmente de caráter sexual. Essa era a situação teórica no final do ano de 1895, atrelada ao completo

emudecimento quanto à sexualidade infantil. A explicação quantitativa para a teoria da sedução sucumbe porque a exigência da recordação patogênica requer que se conserve a *Q*, ou mesmo que ela seja aumentada, quando a teoria freudiana caminha no sentido oposto, o da descarga por ações específicas. Mas *O projeto* deixa claro o funcionamento de uma força que movimenta o aparato anímico, força abstrata, reconhecida como oriunda de estímulos endógenos.

Na década seguinte Freud escreve sobre os sonhos, os chistes, atos falhos, sintomas – todos ligados à pulsão. Abandona a teoria da sedução, reconhece a fantasia, migra em definitivo para as explicações psicológicas, abandonando a neurologia, tecendo fios novos de sua teoria psicopatológica. Do mesmo modo abandona a hipnose, não vendo mais necessidade em procurar a cena traumática esquecida. A linguagem passa a carrear o necessário à cura, tendo como protagonista o desejo.

1.8. A hereditariedade e a etiologia das neuroses

Em 1896, Freud compila suas concepções etiológicas sobre histeria e neurose obsessiva, neurastenia e neurose de angústia, estas posteriormente designadas pela expressão “neuroses atuais”. Em sua primeira parte, o artigo ratifica o disposto no texto de 1895 sobre neurose de angústia, e em sua segunda parte, sanciona o disposto no texto que discorre sobre as neuropsicoses de defesa, escrito em 1896.

Ainda em 1896, Freud escreve *Observações adicionais sobre as psiconeuroses de defesa*. O artigo retoma as discussões do ponto deixado no texto de 1894, *As psiconeuroses de defesa*, e divide-se em três seções reservadas para a histeria, neurose obsessiva e psicose. Dois anos antes Freud trabalhou em torno da noção de defesa ou recalçamento; no texto atual conclui que a defesa é posta em ação devido uma experiência sexual de caráter traumático, da ordem do excesso. Entra em cena a teoria da sedução provocada por um adulto, posição posteriormente abandonada em favor da noção de fantasia. O despertar de Freud para a fantasia abre em definitivo as portas para

a descoberta da sexualidade infantil e do complexo de Édipo, os quais, junto com a percepção freudiana dos movimentos pulsionais inconscientes contribuem para a conceituação da pulsão, que virá em breve.

Freud inicia o texto nomeando de “psicanálise”, pela primeira vez, o seu método terapêutico – método capaz “de tornar consciente o que era até então inconsciente” (Freud, 1896, *ESB*, p.155). É interessante observar que é no momento do reconhecimento da fantasia e da percepção dos movimentos pulsionais que Freud nomeia seu método. Na seção reservada à etiologia ‘específica da histeria, relembra o escrito em 1894 acerca dessa neurose, onde “os sintomas emergiam por meio do mecanismo psíquico de defesa (inconsciente) – isto é, emergiam como uma tentativa de recalcar uma representação incompatível que se opunha afluivamente ao eu do paciente” (Ibidem, p. 154). O espaço de trabalho entre 1894 e 1896 permitiu Freud conceber a defesa como ponto nuclear da neurose. Defesa frente aos traumas psíquicos oriundos da vida sexual do sujeito. O diferencial introduzido pelo texto refere-se à *natureza* e *época* de tais acontecimentos traumáticos. Nesse sentido, Freud grafou o seguinte: “[...] tais traumas sexuais devem ter ocorrido na tenra infância, antes da puberdade, e seu conteúdo deve consistir numa irritação real dos órgãos genitais (por processos semelhantes à copulação)” (Ibidem, p. 155).

Freud conclui que o determinante específico da histeria é “a passividade sexual durante o período pré-sexual” (Idem) e, dessa forma, ficam diminuídas as alegações em prol da hereditariedade como fator preponderante na histeria. Afirma que “não são as experiências em si que agem de modo traumático, mas antes sua revivescência como lembrança depois que o sujeito ingressa na maturidade sexual” (Ibidem, p. 156). Posteriormente, as experiências sexuais na puberdade precipitam a eclosão da histeria, por despertar o traço mnêmico dos traumas infantis.

A histeria não poderia ser inteiramente explicada a partir do efeito do trauma: era preciso reconhecer que a suscetibilidade a uma reação histérica já preexistiria ao trauma. O lugar dessa predisposição histérica indefinida pode agora ser tomado inteiramente ou em parte, pela ação póstuma de um trauma sexual na infância. O “recalcamento” da lembrança de uma experiência sexual afluiva que ocorre em idade mais madura, só é possível para aqueles em quem essa experiência consegue

ativar o traço mnêmico de um trauma da infância (FREUD, 1896, *ESB*, v.3. p.157-158; *AE*, v.3, p.167).

Em nota de rodapé, Freud esclarece que as representações sexuais são recalçadas porque produzem excitação nos órgãos genitais semelhantes à experiência sexual propriamente dita. A excitação somática é transportada para a esfera psíquica e “quando a experiência sexual ocorre durante o período de imaturidade sexual e sua lembrança é despertada durante ou após a maturidade, a lembrança passa a ter um efeito excitatório muito mais forte do que o da experiência na época em que ocorreu”³³. Fundamentalmente Freud assinala que “os traumas da infância atuam de modo adiado, como se fossem experiências novas, mas o fazem inconscientemente” (Idem).

No ano de 1896 produz mais um artigo: *A etiologia da histeria*. O texto amplia as concepções em torno das neuropsicoses de defesa, fornece detalhes mais pormenorizados acerca das causas da histeria e revela as dificuldades do criador da psicanálise em seu empreendimento teórico. De forma crescente Freud reconhece as experiências sexuais infantis, muito embora ainda vigore a teoria da sedução por parte de um adulto, ou seja, experiências infantis encaradas como sendo uma iniciativa de um adulto sedutor. O texto alude ao caráter perverso-polimorfo da sexualidade infantil, bem como faz referências ao problema da escolha da neurose, tema que será recorrente na obra freudiana. Fundamentalmente o leitor percebe a assunção das explicações psicológicas em detrimento das explicações neurológicas.

Freud parte na defesa de que é possível saber da histeria, de suas causas, a partir dos sintomas (Freud, 1990/1896, p. 179). Algo como “[...] começando dos resíduos visíveis, descobrir o que está enterrado” (Ibidem, p. 180). “*Saxa loquuntur!*³⁴” - com isso, Freud convoca os analistas a ouvirem os sintomas, uma vez que eles testemunham a história da origem da doença. (É possível presumir que, talvez, a histérica buscasse um ouvinte atento, que falasse pouco, que até não falasse, que a escutasse incontestavelmente, que cavasse em suas profundezas para desvendar seus mistérios

³³ Cf. Freud, 1896, vol.3, nota de rodapé 1, p.158.

³⁴ “As pedras falam!” – expressão usada por Freud na primeira parte da *Etiologia da histeria* (1896, *AE*, v.3, p.192).

para, no final, se surpreender. Ninguém empreendeu essa tarefa como Sigmund Freud). Nessa época Freud ainda estava vinculado ao método de ab-reação descoberto por Josef Breuer, mediante o qual o médico tentava retroagir a atenção do paciente até a cena donde se originam os sintomas. Uma vez localizada a cena, o sintoma era removido pela ab-reação da cena traumática, mediante sua reprodução, com a conseqüente correção do curso psíquico dos eventos traumáticos que ocorreram. Freud diz que parte da terapêutica proposta por Breuer porque ela abre o caminho para as causas da histeria. (Ibidem, p.180).

A atribuição de um sintoma histérico à cena traumática só auxilia nossa compreensão quando a cena atende a duas condições: quando possui a pertinente adequação para funcionar como determinante e quando tem, reconhecidamente, a necessária força traumática (FREUD, 1896, *ESB*, v.3, p.181; *AE*, v.3, p.193).

O método de Breuer passa a revelar limitações uma vez que a lembrança da cena traumática pelo paciente pode não dar sustentação ao quadro neurótico, por não funcionar como determinante da neurose, nem apresentar força traumática suficiente. Freud refere que por trás da primeira cena alcançada podem existir outras cenas que justifiquem a neurose, e que cenas inoperantes poderão ser interpostas como medida transitiva até a causa real do sintoma histérico; ou seja, no caminho até a cena efetivamente traumática e responsável pelo sintoma histérico, cenas inoperantes ou de menor força podem ser interpostas como elo na cadeia de associações.

Quando a cena inicialmente descoberta é insatisfatória, dizemos a nosso paciente que essa experiência nada explica, mas que por trás dela deve ocultar-se uma experiência anterior mais significativa; e dirigimos sua atenção pela mesma técnica, para o fio associativo que liga as duas lembranças – a que foi descoberta e a que ainda está por se revelar (FREUD, 1896, *ESB*, v.3, p.182-183; *AE*, v.3, p.195).

Freud conclui que nenhum sintoma histérico emerge de uma única experiência e, entende que o recordar de experiências mais antigas em associação com a experiência

real constituem a base causal do sintoma neurótico. Nesse contexto, a análise tem por tarefa refazer o trajeto do sintoma e, dessa forma, se aproximar da cadeia atuante por trás do sintoma e da primeira cena traumática revelada. Freud indaga a que ponto se chega ao refazer o caminho do sintoma? Sobre isso, responde:

Ao considerarmos um caso que apresenta vários sintomas, chegamos, através da análise, partindo de cada sintoma a uma série de experiências cujas lembranças se ligam em associação. A princípio as cadeias de lembranças percorrem cursos regressivos independentes, mas, como já disse, ramificam-se. A partir de uma mesma cena, duas ou mais lembranças são atingidas ao mesmo tempo e destas, por sua vez, procedem cadeias laterais cujos elos individuais podem mais uma vez estar associativamente ligados a elos pertencentes à cadeia principal (FREUD, 1896, *ESB*, v.3, p.184; *AE*, v.3, p.197).

Como numa árvore genealógica, os sintomas se interpenetram, fato atestado quando a análise vai mais além (Ibidem, *ESB*, 185). Freud é categórico ao afirmar que independente do caso e qualquer que seja o sintoma, “no fim chegamos infalivelmente ao campo da experiência sexual” (Idem), ratificando em definitivo a etiologia da histeria.

Freud faz uma alusão à pulsão como “outro motivo [...] de valor meramente subjetivo” (Ibidem, p.186), nesse momento, pelo qual se sente influenciado. “Na única tentativa que pude fazer de explicar o mecanismo fisiológico e psíquico da histeria, para correlacionar minhas observações, passei a encarar a participação das *forças motivadoras sexuais*³⁵ como uma premissa indispensável” (Idem). A condição indispensável a que se refere o autor tomará corpo em 1905, nos *3 Ensaios*.

Freud percebe quão ingênuo consiste em supor que as experiências determinantes da histeria residam no período compreendido pela puberdade. Tais experiências têm a característica de serem sexuais, mas em outros aspectos diferem muito entre si, quanto ao tipo e importância. Isso significa que um acontecimento trivial

³⁵ O grifo é meu.

pode constituir o núcleo traumático para determinados sujeitos, e não necessariamente acontecimentos de grande monta.

Se tanto os acontecimentos graves quanto os banais, e não apenas as experiências que afetam o próprio corpo do sujeito, mas também as impressões visuais e as informações obtidas pela audição devem ser reconhecidas como traumas últimos da histeria, podemos ser tentados a arriscar a explicação de que os histéricos são criaturas peculiarmente constituídas – provavelmente em virtude de alguma predisposição hereditária ou atrofia degenerativa -, nas quais um retraimento da sexualidade, que normalmente ocorre na puberdade, é elevado a um grau patológico e é permanentemente mantido; (FREUD, 1896, *ESB*, v.3, p.187; *AE*, v.3, p.200).

Freud afirma que tal concepção não explica a histeria masculina, e que o conhecimento adquirido até o momento impele a procura dos determinantes sintomáticos da histeria em experiências mais profundas, mais retrocedentes – até a infância, mediante uso do mesmo método terapêutico.

Ao fazer isso, é claro, chegamos ao período da primeira infância, a um período anterior ao desenvolvimento da vida sexual; e isso pareceria envolver o abandono de uma etiologia sexual. Mas será que não temos o direito de presumir que nem mesmo a infância é desprovida de leves excitações sexuais, e que o futuro desenvolvimento sexual talvez seja decisivamente influenciado pelas experiências infantis? (FREUD, *ESB*, 1896, v.3, p.188; *AE*, v.3, p.201).

Em ato contínuo, escreve:

Talvez a reação anormal às impressões sexuais, que nos surpreende nos sujeitos histéricos na fase da puberdade, baseie-se, muito genericamente, nesse tipo de experiências sexuais na infância, caso em que tais experiências deverão ser de natureza uniforme e importante. Se assim for, estará aberta a perspectiva de que o que até agora se atribuiu a uma predisposição hereditária ainda inexplicada possa ser

compreendido como algo adquirido em tenra idade. E já que, afinal, as experiências infantis de conteúdo sexual só poderiam exercer efeito psíquico através de seus traços mnêmicos, não seria essa concepção uma ampliação bem-vinda da descoberta da psicanálise que nos diz que os sintomas histéricos só podem emergir com a cooperação de lembranças? (FREUD, 1990/1896, *ESB*, v.3, p.188; *AE*, v.3, p.201).

Pelo que se depreende das citações, Freud destaca a existência de experiências sexuais infantis e põe por terra a predisposição hereditária anteriormente defendida, na medida em que sugere como assentados na infância os fatores determinantes da histeria. A tese freudiana é a de que na base da histeria há “ocorrências de experiências sexuais prematuras”, situadas do período da primeira infância. A partir dessa perspectiva cresce a tendência das explicações psicológicas em substituição às neurológicas. Freud explica que junto com as experiências sexuais uma condição psicológica entra em jogo na composição da histeria. A defesa cumpre a tarefa de manter a representação incompatível fora da consciência quando há cenas sexuais infantis na vida do sujeito. Freud salienta que é porque tais cenas estão presentes como lembranças inconscientes que elas podem criar e dar sustentação ao sintoma histérico. “Os sintomas histéricos são derivados de lembranças que agem inconscientemente” – escreve Freud (*Ibidem*, p. 195).

Após falar do mecanismo da formação dos sintomas histéricos, Freud passa a discorrer sobre a causação desses sintomas. Para isso recorre ao papel desempenhado pelas polimorfias das cenas sexuais praticadas por adultos ou entre crianças. Prevalece ainda a teoria da sedução no discurso freudiano. “Quando a relação se dá entre duas crianças, o caráter das cenas sexuais não é de espécie menos repulsiva, já que todo relacionamento dessa natureza entre crianças pressupõe a sedução prévia de uma delas por um adulto” (*Ibidem*, p. 198). Freud salienta que as consequências psíquicas de tais relações num sujeito prematuro psiquicamente são extraordinariamente abrangentes. Já nessa época Freud salienta a ligação e o sentido dos sintomas da cena posterior, na medida em que reacende a cena original; ou seja, os sintomas estão na concordância entre as cenas posterior e original. Tais cenas infantis têm um poder, na maioria das vezes, pouco analisado, afirma Freud.

Se fosse minha tarefa apresentar-lhes as normas que regem a formação de sintomas histéricos, eu teria que incluir como uma delas a de que a representação escolhida para a produção de um sintoma é uma representação evocada pela combinação de vários fatores, e despertada por várias fontes simultaneamente. [...] os sintomas histéricos são sobredeterminados (FREUD, 1896, *ESB*, v.3, p.199; *AE*, v.3, p.214).

Na parte final do artigo Freud assume em definitivo a preponderante explicação psicológica para os fenômenos histéricos, em detrimento da explicação fisiológica. Ao escrever sobre a discrepância entre os estímulos psiquicamente excitantes e as reações histéricas, encontra-se a seguinte passagem no texto:

Tentamos dar conta dela [da discrepância] admitindo, nos histéricos, a presença de uma sensibilidade anormal generalizada aos estímulos, e muitas vezes, nos esforçamos por explicá-la em termos fisiológicos, como se, nesses pacientes, certos órgãos do cérebro que servem para transmitir estímulos se encontrassem num estado químico peculiar [...], ou como se esses órgãos cerebrais tivessem escapado da influência dos centros inibidores superiores. Ocasionalmente um ou outro desses conceitos pode ser perfeitamente válido como explicação dos fenômenos histéricos; não questiono isso. Mas a parte principal dos fenômenos – da reação histérica anormal e exagerada aos estímulos psíquicos – admite outra explicação [...]: a reação dos histéricos só é aparentemente exagerada; está fadada a nos parecer exagerada porque só conhecemos uma pequena parte dos motivos dos quais decorre (FREUD, 1896, *ESB*, v.3, p.199-200; *AE*, v.3, p.214-215).

O diferencial introduzido pela abordagem freudiana é a compreensão dos motivos não conscientes, os quais somados aos motivos manifestos e conscientes dão corpo ao quadro histérico. Vimos que, em 1894, Freud assinala a possibilidade de “falsas ligações” entre as causas das quais o paciente tem consciência, e o efeito, que depende das ligações entre os elos intermediários, dos quais não se tem consciência. Nesse momento teórico Freud afirma que a explicação dos fenômenos histéricos está na dependência da junção dos motivos conscientes e inconscientes. Mas, indaga Freud, por que é que impressões do passado têm a força determinante no presente? É quando o criador da psicanálise faz uma primeira alusão à atemporalidade do inconsciente, tema

que será abordado em 1915, no artigo metapsicológico *O inconsciente*. Em 1896, a esse respeito Freud escreve:

[...] nas pessoas histéricas, quando há uma causa precipitante atual, entram em ação as antigas experiências sob a forma de lembranças inconscientes. É como se a dificuldade de se desfazer de uma impressão atual, a impossibilidade de transformá-la numa lembrança inofensiva, estivesse ligada precisamente ao caráter do inconsciente psíquico (FREUD, 1896, *ESB*, v.3, p.201; *AE*, v.3, p.216).

Em suas palavras finais, Freud defende que a base etiológica para a neurose obsessiva e paranoia repousa também na experiência sexual infantil, não sendo exclusividade da histeria. Então pensa no que suscita a escolha da histeria, neurose obsessiva ou paranoia. Sobre o assunto Freud faz uma referência ao caráter das cenas infantis – “se foram experimentadas com prazer ou apenas passivamente” (Ibidem, *ESB*, p.202) – como influência determinante do quadro sintomático posterior.

CAPÍTULO II

O PRIMEIRO DUALISMO PULSIONAL

2.1. O conceito de pulsão

Sabe-se que o termo pulsão, *Trieb*, usado para designar o ato de impulsionar já se achava presente nas concepções acerca das doenças mentais desenvolvidas por psiquiatras alemães do século XIX. Autores como Karl Wilhelm Ideler (1795-1860) e Heinrich Wilhelm Neumann (1814-1884) defendiam a existência de impulsos protagonistas das questões sexuais, revelando que a angústia era derivada da insatisfação pulsional. Entretanto, Freud recorre ao termo pulsão, pela primeira vez, em *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905) quando passa a designá-la a carga energética presente na base da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem.

O conceito de pulsão está ligado ao de libido e ao de narcisismo e compõem os pilares centrais da teoria da sexualidade em Freud. A ideia de uma libido psíquica está presente desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), onde seu criador a define como uma forma de energia situada na origem da atividade humana. Ele estabelece uma diferença entre os impulsos originados internamente – considerados irrefreáveis pelo sujeito –, e aqueles derivados do meio externo, aos quais a esquiva ou

fuga se apresenta como uma possibilidade. A libido é o termo empregado por Freud para designar a energia própria da pulsão sexual, remetida em sua origem à sexualidade infantil, donde brotam as causas da neurose. A introdução do conceito de libido permitiu Freud enveredar na construção da teoria da sexualidade com concepções enunciadas com profundidade em 1905 nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, disposto adiante neste texto. “A iniciativa de Freud consistiu, em primeiro lugar, em retirar a libido desse jardim das delícias, a um tempo, genital, normativo e literário, no qual o haviam enterrado os sexólogos, para dela fazer um componente essencial da sexualidade como fonte do conflito psíquico, para integrá-la na definição da pulsão”. (Roudinesco, 1998, p. 472).

Percebemos que a adoção do termo libido deu-se em meio a um cenário acadêmico interessadíssimo na descrição e classificação das manifestações sexuais do ser humano. Assim sendo, Freud inicia seus passos identificando a libido como o que virá a designar como pulsão sexual (Eros), em contraste à pulsão de morte (Tanatos). Roudinesco nos indica ainda que “[...] ao retirar a ‘libido sexualis’ do jardim dos sexólogos, Freud fez dela o principal determinante da psique humana.” (Idem)

Em 1894, Freud adjetiva a libido de ‘psíquica’, época em que vigora a teoria da sedução por parte de um adulto como causa da histeria. Essa é uma das influências derivadas de Charcot, o qual concebia a existência de uma região corporal, denominada de zona histerógena, a qual era investida pela libido e cuja excitação acompanhada de prazer sexual representava o motivo do ataque histérico. O abandono da teoria da sedução, materializado pela afirmação das reminiscências sofridas pelos histéricos, agregado às descobertas funcionais do sonho e da fantasia, remete Freud às primeiras experiências sexuais, ou seja, as da infância. Nesse percurso, parece-nos que a pesquisa freudiana, em seus avanços e subversões, somada aos dados que lhe forneciam suas históricas, indicaram-lhe a estrada rumo à elucidação da sexualidade humana, aspectos coroados e compilados em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. A partir de então, a libido passa a ser entendida enquanto energia, ou seja, como “a manifestação dinâmica, na vida psíquica, da pulsão sexual” (Ibid, p. 473). Freud redefine a libido não mais como *sexualis*, mas como desejo sexual que objetiva satisfação através de objetos, muito além da mera atividade somática. Podemos observar os primórdios de futuras definições como, por exemplo, dos elementos pulsionais que

serão fartamente desenvolvidos em 1914, no texto *As pulsões e suas vicissitudes*, que também será abordado neste capítulo.

Em 1898, com a publicação de *A sexualidade na etiologia das neuroses*, concluído em fevereiro, Freud torna explícita a ideia da sexualidade infantil, impactando a sociedade vienense da época. Era objetivo do criador da psicanálise refutar a ideia de uma predisposição neuropática específica como etiologia neurótica. O texto traz críticas dirigidas à negligente atitude médica com relação à sexualidade humana, notadamente quanto às convenções sociais, circunstâncias que serão retomadas em textos posteriores, a saber, *Moral sexual civilizada* (1908) e *O mal estar na cultura* (1930). As palavras iniciais do texto *A sexualidade na etiologia das neuroses* atestam que “[...] as causas mais importantes da doença neurótica são encontradas em fatores emergentes da vida sexual” (1898, *ESB*, p. 236). Nessa época já aportava a existência da sexualidade infantil como parte determinantemente ativa no sujeito. Esse dado é muito importante na elaboração daquilo que Freud considerou como sua mitologia: as pulsões.

A etiologia das neuropsicoses reside também no campo da sexualidade. Por um singular percurso tortuoso de que falarei mais adiante, é possível chegar a um conhecimento dessa etiologia e compreender por que o paciente era incapaz de nos dizer qualquer coisa a esse respeito. Pois os acontecimentos e influências que estão na raiz de toda psicose pertencem, não ao momento atual, mas a uma época da vida há muito passada, que é, por assim dizer, pré-histórica – a época da primeira infância; e eis que o paciente também nada sabe deles. Ele os esqueceu – embora apenas em determinado sentido (FREUD, 1896, *ESB*, v.3, p. 240; *AE*, v.3. p.261).

A importância do presente escrito para o estudo da pulsão reside na ênfase que Freud atribui à sexualidade, cuja energia é a libido. A leitura desses escritos freudianos iniciais nos permitem observar o prenúncio de elaborações futuras. Numa dessas passagens, a pena de Freud grafa que “[...] a angústia é sempre a libido que foi desviada de seu emprego [...]” e que “[...] tudo o que impede a ocorrência de satisfação é nocivo.” (Ibid., *ESB*, p. 247).

Nesse texto de 1898, Freud ratifica certezas quanto à verdadeira etiologia da neurose, escrevendo que:

Erramos ao ignorar inteiramente a vida sexual das crianças; segundo minha experiência, as crianças são capazes de todas as atividades sexuais psíquicas, e também de muitas atividades somáticas. Assim como a totalidade do aparelho sexual humano não está compreendida nos órgãos genitais externos e nas duas glândulas reprodutoras, também a vida sexual humana não começa apenas na puberdade, como poderia aparecer a um exame superficial. Contudo, é verdade que a organização e a evolução da espécie humana se esforçam por evitar uma ampla atividade sexual durante a infância. Aparentemente, no homem, as forças pulsionais sexuais destinam-se a ser armazenadas, de modo que, com sua liberação na puberdade, possam servir a grandes fins culturais (FREUD, 1898, *ESB*, v.3, p.250; *AE*, v.3. p.272-273).

Nessa passagem Freud conclui que as experiências sexuais infantis produzem “um efeito em grau muito reduzido”, sendo o seu efeito retardado mais importante, na medida em que “esse efeito retardado se origina [...] nos traços psíquicos deixados pelas experiências sexuais infantis” (Idem). Isso aponta para o período de latência indicado por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), onde ambos os aparelhos somático e psíquico sofrem considerável desenvolvimento. A citação também revela o que Freud desenvolve em textos posteriores, como, por exemplo, em *Moral sexual civilizada* (1908) e no *O mal estar na cultura* (1930), nos quais são abordados os entraves culturais que sofre a pulsão, todos com finalidade restritiva, retardadora e até impeditiva da sexualidade.

O texto de 1898 nos possibilita antever quão longe iria o criador da psicanálise. Já nesse início de sua obra ele prega, ou, poderíamos dizer “pragueja” que as manifestações neuróticas provêm do efeito retardado de traços inconscientes originados na infância, acessíveis à psicoterapia. Sobre tal psicoterapia, escreve que ela deve seguir caminhos diferentes do método sugestivo, e diz: “baseando-me no método catártico, introduzido por Josef Breuer, elaborei quase completamente, nos últimos anos, um processo terapêutico que proponho descrever como ‘psicanalítico’” (Ibid., *ESB*, p. 251). Dessa maneira, nasceu a “peste”.

Após a publicação de *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1898) e dada a experiência que a clínica proporcionava a Freud, ele conclui não haver uma estrada linear para o surgimento das manifestações sexuais. Ou seja, a sexualidade está para além do sonho e da fantasia – disfarces que necessitam de deciframento por parte do analista. Assim sendo, passa a escrever sobre a sexualidade infantil no tocante as origens, aberrações e perversões desta. Segundo Roudinesco (1998), esse foi o propósito dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

O conceito de pulsão aparece na obra freudiana em 1905, após o longo período de correspondência com Fliess, o qual se estendeu por dezessete anos, entre 1887 e 1904. A temática da correspondência era a bissexualidade, lembra Coutinho Jorge (2008, p. 25), ressaltando que “não é à toa que, em 1905, exatamente um ano após a ruptura entre os dois [...], Freud introduz o conceito de pulsão.” O desvencilhar da noção de bissexualidade biológica e a introdução da bissexualidade psicológica é o elemento que faltava para a introdução do conceito de pulsão. “Toda, absolutamente toda a teoria da sexualidade de Freud vai girar em torno desse conceito” – assinala Coutinho Jorge (Idem). A pulsão é o conceito criado por Freud para abordar a sexualidade humana.

O texto de 1905 consta como uma das mais importantes e originais contribuições de Freud acerca da sexualidade humana, particularmente por ser a obra que introduz a palavra pulsão (*Trieb*). O texto foi alvo de debates acalorados e de críticas medonhas pela sociedade vienense e acadêmica da época, tal foi o seu impacto. O seu autor fez retificações nas sucessivas edições do texto mais que em qualquer outro escrito. Muitas das ideias defendidas nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* já ocupavam a mente de criador entre os anos de 1896-98. A sexualidade infantil até 1897 era compreendida como um fator latente e que poderia eclodir [desastrosamente] mediante a intervenção de um adulto. Após o abandono da teoria da sedução, Freud proclama a descoberta do Complexo de Édipo constitutivo do núcleo neurótico. A sexualidade infantil adquire a justa cidadania nos primórdios da existência humana, livre de concepções alusivas a fatores externos desencadeantes da mesma. Nas discussões em torno do Édipo, Freud ratifica a existência de desejos sexuais nas crianças. Nesse contexto, surge “Dora”, que presenteia o pai da psicanálise com sua fala neurótica,

permitindo Freud prosseguir em suas elaborações principais sobre a teoria da sexualidade.

Ainda nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905, *ESB*, p. 157), Freud apresenta uma definição das pulsões a qual, apesar dos acréscimos e retificações nas edições posteriores do texto, permanece sem nenhuma modificação: “[...] por pulsão, antes de mais nada, não podemos designar outra coisa senão a representação psíquica de uma fonte endossomática de estimulações que fluem continuamente, em contraste com a estimulação produzida por excitações esporádicas e externas. A pulsão, portanto, é um dos conceitos da demarcação entre o psíquico e o somático.”

O texto de 1905 trata fundamentalmente da pulsão sexual, conceito distinto de *Instinkt*, na medida em que se singulariza enquanto categoria não redutível ao puro ato sexual. Freud inicia o texto escrevendo que é a libido que constitui a energia da pulsão e refere-se à quão imprecisa e vulgar é a opinião popular sobre a sexualidade humana. A moral sexual de sua época supunha a ausência de sexualidade na infância, ocorrendo o seu despertar somente por ocasião da puberdade. Também era senso comum que as manifestações sexuais teriam como objetivo a união sexual com o sexo oposto, constituindo o caminho normal a ser percorrido. Fora desse percurso a sexualidade seria concebida como aberrante. Nesse cenário engessado pela moral reinante, a teoria freudiana da sexualidade sacode a sociedade vienense leiga e douta, na medida em que é revelado o elemento diferenciador do humano: a pulsão. “A teoria popular sobre a pulsão sexual tem seu mais belo equivalente na fábula poética da divisão do ser humano em duas metades – que aspiram unir-se de novo no amor. Por isso causa grande surpresa tomar conhecimento de que há homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e as mulheres para quem não o homem, e sim a mulher, representa o objeto sexual” (Ibid., *ESB*, p. 128). Essa passagem revela o diabólico da pulsão, na medida em que é somente por ela e através dela que passa a existir a força do desejo enquanto qualquer possibilidade de realização. Com isso, Freud passa a escrever sobre os desvios da sexualidade tida como normal. Tais desvios são designados como perversos e constitutivos do humano. Esse talvez tenha sido o maior abalo provocado pelos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), juntamente com a afirmação da predisposição bissexual originária do homem (Ibid., *ESB*, p.133).

A psicanálise considera antes, que a independência da escolha objetal em relação ao sexo do objeto, a liberdade de dispor igualmente de objetos masculinos e femininos, tal como observada na infância, nas condições primitivas e nas épocas pré-históricas, é a base originária da qual, mediante a restrição num sentido ou no outro, desenvolve-se tanto o tipo normal como o invertido. No sentido psicanalítico, portanto, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também um problema que exige esclarecimento, e não uma evidência indiscutível que se possa atribuir a uma atração de base química. A conduta sexual definitiva só se decide depois da puberdade e resulta de uma série de fatores inabarcáveis, de natureza em parte constitutiva e em parte acidental (FREUD, 1905, *ESB*, v.7, nota agregada em 1915, p.136-7; *AE*, v.7, nota agregada em 1915, p.132).

O “inabarcável” da citação refere-se ao que há de incontrolável na pulsão, fato que surge como uma revolução na psicanálise e fora dela. Freud passa a afirmar que a investigação psicanalítica apresenta-se como uma possibilidade de “conhecimento da pulsão sexual” (Ibid., p.153), asseverando expressamente que é a energia da pulsão sexual que sustenta o sintoma, sendo essa energia “a única fonte energética constante da neurose e a mais importante de todas, de tal sorte que a vida sexual [...] se expressa de maneira exclusiva, ou predominante, ou apenas parcial, nesses sintomas.” Em seguida, acrescenta que “os sintomas são a atividade sexual dos doentes.” Nesse momento dos *Três ensaios sobre a sexualidade* Freud introduz o conceito de pulsão parcial. Numa nota acrescentada em 1920, esclarece que “os sintomas neuróticos baseiam-se, de um lado, nas exigências das pulsões libidinosas e, de outro, nos protestos do eu em reação a elas.” (Idem) O conceito de pulsão parcial está ligado ao de zona erógena, estando a caracterização conceitual freudiana circunscrita pelo período que vai da infância até a puberdade. Para Freud, nessa fase a pulsão sexual não existe como tal, senão sob a forma de um conjunto de pulsões parciais, cuja soma constitui a base da sexualidade infantil e tem seu funcionamento apoiado em zonas erógenas. “Além de uma pulsão que não é sexual em si mesma e tem sua fonte em impulsos motores, podemos distinguir nas pulsões parciais a contribuição de um órgão receptor de estímulos (pele, mucosa, órgão sensorial). Tal órgão deve ser designado de ‘zona erógena’: o órgão cuja excitação confere à pulsão um caráter sexual” (Ibid., p.157).

A natureza da pulsão em si mesma não tem qualificativos, devendo ser apenas considerada como exigência a ser satisfeita. A fonte dessa exigência reside no processo excitatório de um órgão e seu alvo consiste na supressão do estímulo. Freud escreve que os órgãos do corpo são capazes de fornecerem excitação sexual, constituindo-se tal órgão uma zona erógena da pulsão parcial que se origina nele.

Na parte II dos *Três ensaios sobre a sexualidade*, intitulada *A sexualidade infantil*, Freud afirma que “a pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é auto-erótica” (Ibid., p. 169). Num primeiro momento, a zona erógena vigora como ponto de origem da pulsão parcial. Num segundo momento, escreve que “[...] essa pulsão parcial [...] separa-se de seu objeto de apoio para se tornar autônoma.” Ou seja, torna-se auto-erótica, constituindo-se, então, na base do narcisismo primário, “resultante da convergência das pulsões parciais para o eu inteiro, e não mais apenas para uma zona corporal específica” (Freud, 1905, p. 169).

A atividade sexual apoia-se numa das funções que servem à preservação da vida e só depois torna-se independente delas. Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste como norma de expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida. A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento – uma separação que se torna inevitável [...] (FREUD, 1905, *ESB*, v.7, p.170; *AE*, v.7. p.165).

Freud escreve então que as manifestações sexuais infantis nascem apoiando-se em funções somáticas vitais, gerando o entendimento que a pulsão sexual apoia-se na pulsão de auto conservação; não conhecem objeto sexual – apesar dessa característica não qualificá-las como anobjetais -, pois são auto-eróticas; e são súditas de uma zona erógena, isto é, têm o alvo sexual sob a regência de uma zona erógena. Na verdade, Freud concebe qualquer parte do corpo como capaz de constituir-se numa zona erógena, apesar de existirem algumas predestinadas.

Cinco anos após a publicação dos *Três ensaios sobre a sexualidade*, em 1910, no texto *A concepção psicanalítica da perturbação da visão*, Freud apresenta a noção de pulsão do eu em oposição à pulsão sexual. Nesse momento afirma que, com relação aos

fenômenos psíquicos, existe uma inegável oposição entre as pulsões que favorecem a sexualidade e as pulsões que tem por função a autoconservação do indivíduo. Estava constituído o seu primeiro dualismo pulsional. A diferença reside no fato dessas pulsões estarem sob a regência de princípios diferentes. As pulsões do eu ou de autoconservação tem seu funcionamento regido pelo princípio de realidade, enquanto que as pulsões sexuais são regidas pelo princípio de prazer. As pulsões do eu se desenvolvem a partir das pulsões sexuais, e o princípio de realidade é posto como princípio regulador do aparelho psíquico, o que desvela a correlação entre o primeiro dualismo pulsional e os dois princípios do funcionamento psíquico.

Nossa atenção foi atraída para a importância das pulsões na vida representativa. Descobrimos que cada pulsão procura tornar-se efetiva por meio de ideias ativantes que estejam em harmonia com seus objetivos. Estas pulsões nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as ideias é apenas uma expressão das lutas entre várias pulsões. Do ponto de vista de nossa explicação uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição as pulsões que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e as demais pulsões que tem por objetivo a autopreservação do indivíduo – as pulsões do eu (FREUD, 1910, *ESB*, v.11, p.199; *AE*, v.11, p.211).

Aqui Freud faz uma breve alusão sobre as renúncias pulsionais necessárias à civilização, estando sua evolução condicionada à restrição ou transformação das pulsões sexuais. De forma sutil Freud alude à sublimação ao se referir à destinação das pulsões sexuais para objetivos mais elevados. Em seguida faz uma referência ao resultado de suas pesquisas, para cujo resultado a comunidade científica ainda não estava pronta para aceitar de bom grado.

Conseguimos reconhecer como um resultado valioso dessas pesquisas algo que nossos colegas ainda não estão prontos para aceitar, isto é, que os padecimentos humanos conhecidos como ‘neuroses’ se derivam das maneiras muito diversas em que esses processos de transformação das pulsões sexuais parciais podem malograr. O ‘eu’ sente-se ameaçado pelas exigências das pulsões sexuais e se defende delas mediante repressões, que nem sempre

alcançam o êxito desejado, mas tem como consequência ameaçadoras formações substitutivas do reprimido e dolorosas formações reativas por parte do eu. O que chamamos de sintomas neuróticos são derivados dessa classe de fenômenos (FREUD, 1910, *ESB*, v.11, p.201; *AE*, v.11, p.213).

Ainda no texto de 1910 encontramos a seguinte passagem relativa à distinção pulsional efetuada por Freud:

Tanto as pulsões sexuais como as pulsões do eu, têm em geral, os mesmos órgãos e sistemas à sua disposição. O prazer sexual não está apenas ligado à função dos genitais. A boca serve tanto para beijar como para comer e falar; os olhos percebem não só alterações no mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os fazem ser escolhidos como objetos de amor – seus encantos. Confirma-se, assim, o adágio segundo o qual não é fácil para alguém servir a dois senhores ao mesmo tempo (FREUD, 1910, *ESB*, v.11, p.201; *AE*, v.11, p.213).

No mesmo ano, no texto *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, Freud apresenta uma descrição do que designou por zonas erógenas, concebendo que, se a libido é energia dinâmica, ela pode deslocar-se quanto ao objeto e quanto ao objetivo, assim como podem ser diversas as suas fontes excitatórias, correspondendo a cada fonte uma atividade erótica. Dessa descrição originou-se a teoria dos estádios oral, anal, fálico e genital. “De fato, se é preciso retornar à infância para compreender a gênese da sexualidade adulta, é porque a libido se organiza de maneira diferenciada com respeito a cada zona, conforme as etapas da vida. A cada idade, a cada estágio corresponde uma modalidade de relação de objeto.” (Roudinesco, 1998, p. 473).

Uma vez que a libido é a manifestação da pulsão sexual e dada a variabilidade das zonas erógenas, a pulsão é concebida como parcial e disposta da seguinte forma: uma ligada a zona oral (pulsão oral), outra à zona anal (pulsão anal) e as demais, definidas por seu alvo. Lembremos que as concepções de 1905 preconizam que a satisfação libidinal (objetal) recai no próprio corpo, o que leva Freud a concebê-la como parcial e auto-erótica.

Em 1914 é publicado *Sobre o narcisismo: uma introdução*, constituindo-se num dos mais importantes escritos freudianos devido à importância do conceito de narcisismo na teoria da sexualidade. A relevância desse texto no estudo da pulsão reside na distinção traçada por Freud entre a libido do eu e a libido do objeto e, conseqüentemente, na antítese entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais. Obviamente a pesquisa freudiana sobre o narcisismo não se encerra nessa distinção libidinal. O texto é de extrema densidade teórica, verificada, por exemplo, na introdução dos conceitos de narcisismo primário e secundário, além da apresentação da noção de ideal do eu. Limitar-nos-emos nesse momento do texto, em abordar o que preconiza Freud sobre libido do eu e libido do objeto.

Freud (1914, *ESB*, p. 89) observa que o narcisismo é uma evidência presente em larga extensão no ser humano, estando para além de quaisquer patologias, de modo que “[...] uma localização da libido que merecesse ser descrita como narcisismo [...]” reivindica terreno no desenvolvimento sexual humano. Essa passagem é indicativa da importância do conceito de narcisismo, dada a vinculação com o conceito de libido, já estabelecida teoricamente como energia pulsional.

A partir de dificuldades no tratamento psicanalítico com neuróticos, Freud observa que o narcisismo se acopla libidinalmente à pulsão de autopreservação, característica essa que ele estende “a toda criatura viva” (*Ibid.*, *ESB*, p. 90), o que leva o criador da psicanálise a supor a existência do narcisismo primário. Da tentativa de incluir as parafrenias (demência precoce e esquizofrenia) na hipótese da teoria da libido, percebe que os pacientes parafrênicos mantêm-se afastados do mundo externo. Percebe, então, que o mesmo ocorre na histeria e neurose obsessiva, havendo uma substituição da libido desviada para a fantasia. A respeito do parafrênico, escreve: “ele parece realmente ter retirado sua libido de pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando realmente as substitui, o processo parece ser secundário e constituir parte de uma tentativa de recuperação, destinada a conduzir a libido de volta a objetos.” (*Idem*).

Para Freud (*Ibid.*, *ESB*, p. 91), a libido que é retirada do mundo externo (libido objetual) é canalizada para o eu, caracterizando o estado narcísico. Contudo, ele defende a ideia de que o narcisismo derivado da libido objetual que retorna para o eu do sujeito é secundário a um narcisismo original, primário “[...] que é obscurecido por diversas

influências diferentes.” “Assim, formamos a ideia de que há uma catexia libidinal original do eu, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz.” (Ibid., *ESB*, p.92).

Para a psicanálise, tudo deriva dessa libido primária, constituindo-se as catexias objetais emanações dessa mesma libido. Entre os dois tipos de libido – do eu e do objeto – Freud indica uma antítese assentada em bases econômicas, uma vez que “quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia.” (Idem). Ele conclui que durante o estado narcísico ambas as libidos existem em conjunto, e que a libido do objeto é distinta da libido do eu.

Sobre a distinção entre narcisismo e auto-erotismo, responde não haver um eu constituído no início da vida. “O eu tem de ser desenvolvido” (Ibid., *ESB*, p.93) – assevera Freud, agregando que as pulsões auto-eróticas estão presentes nos primórdios da libido, sendo necessária “uma nova ação psíquica” (Idem), de modo a impulsionar o narcisismo. Quando o eu começa a catexizar objetos, a libido narcísica transforma-se em libido objetal. O narcisismo perdura até esse momento de passagem de investimento da libido.

A partir da análise das neuroses de transferência, Freud estabelece uma diferenciação entre libido do eu e libido do objeto. Essa diferenciação está ligada à distinção entre as pulsões sexuais e pulsões do eu. “Existem vários pontos a favor da hipótese de ter havido desde o início uma separação entre as pulsões sexuais e as outras, as pulsões do eu [...]” (Ibid., *ESB*, p.94).

Freud se refere a uma “energia psíquica indiferente” que através da catexização do objeto se torna libido. Diz também que todo indivíduo possui duas finalidades: uma de atender as próprias necessidades, e a outra “como um elo numa corrente.” (Idem). Nesse sentido, a sexualidade é uma finalidade a ser exercida em atendimento ao que ele considera inalienável: a pulsão. “Ele é o veículo mortal de uma substância (possivelmente) imortal – como o herdeiro de uma propriedade inalienável, que é o único dono temporário de um patrimônio que lhe sobrevive.” (Ibid., *ESB*, p.95).

Assim sendo, o imortal no ser humano é a pulsão. Diante disso, a separação entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu é reveladora da dúplici função do sujeito

dadas as finalidades do eu e às ligadas aos objetos. Percebemos a subjacência do aparato biológico nessas concepções, juntamente com o fator psicológico. Num primeiro momento, Freud se refere às substâncias químicas responsáveis pelo desencadear sexual para, em seguida, dizer que se trata, na verdade, de forças psíquicas especiais – a pulsão – e não, químicas.

O texto que se segue ao do narcisismo é *As pulsões e seus destinos* (tradução do título nossa), publicado em 1915, no qual Freud define a pulsão como “um conceito situado na fronteira entre o mental e o psíquico [...], o representante psíquico dos estímulos que se originam de dentro do organismo e alcançam à mente” (*ESB*, p. 141-2). Esse texto representa o relato mais claro do pensamento freudiano sobre as pulsões. Freud inicia o texto dando o alerta de que se trata de um conceito obscuro e enigmático. Em seguida, adverte que a pulsão não é um simples impulso aplicado à mente como supõe a fisiologia, pois a pulsão corresponde a um estímulo originado de dentro do próprio organismo, e não do meio externo. Do mesmo modo, refere que a pulsão diferencia-se de um impacto único que normalmente caracteriza um estímulo advindo do mundo externo.

As linhas iniciais de *As pulsões e seus destinos* (1915) indicam o que irá se perdurar mesmo após a morte de Freud: que a pulsão é movimento de força constante.

A pulsão, por um lado, jamais atua como uma força que imprime um impacto momentâneo, mas sempre como um impacto constante. Além disso, visto que ela não incide a partir de fora, mas de dentro do organismo, não há como fugir dela. O melhor termo para caracterizar uma pulsão seria necessidade. O que elimina uma necessidade é a satisfação (FREUD, 1915, *ESB*, v.14, p.138-139; *AE*, v.14, p.114).

Freud atesta a existência de necessidades pulsionais ao afirmar que, diante de estímulos internos, a ação muscular não logra êxito, persistindo a estimulação até atingir satisfação. Por conseguinte, postula como características primordiais das pulsões a “sua origem em fontes de estimulação dentro do organismo e seu aparecimento como força constante” (Idem), donde se deduz a inviabilidade de fuga da pulsão. No texto, escreve que a finalidade do aparelho psíquico é a manutenção do princípio de constância, tendo

em vista os estímulos que perturbam o equilíbrio de tensões. “O sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se dos estímulos que lhe chegam, ou reduzi-los ao nível mais baixo possível; ou que, caso isso fosse viável, se manteria numa condição inteiramente não estimulada.” (Ibid., p. 140).

Diz Freud que as pulsões impelidas ao sistema nervoso requerem complexas e interligadas ações a fim de proporcionar satisfação à fonte endógena de estimulação. Conclui, portanto “[...] que as pulsões, e não os estímulos externos constituem as verdadeiras forças motrizes por detrás dos progressos que conduziriam o sistema nervoso, com sua capacidade ilimitada, a seu alto nível de desenvolvimento atual.” (Idem). Observamos o autor anunciar o princípio de constância como coadjuvante do funcionamento pulsional, na medida em que toda atividade psíquica está atrelada a sentimentos integrantes da série prazer-desprazer. Ele esclarece que “os sentimentos desagradáveis estão ligados a um aumento e os sentimentos agradáveis a uma diminuição do estímulo.” (Idem).

A respeito do princípio de constância, em nota de rodapé desse texto de 1915, é importada uma transcrição do texto *Além do princípio de prazer*³⁶, o qual será abordado adiante, que diz o seguinte: “o aparelho mental esforça-se por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou pelo menos mantê-la constante”. Essa é a enunciação do entendimento de Freud sobre princípio de constância. Na mesma nota de rodapé apresenta o princípio de prazer, derivado do mesmo texto de 1920, da seguinte forma: “o curso seguido pelos fatos mentais é automaticamente regulado pelo princípio de prazer. [Esse curso] assume uma direção tal, que seu resultado final coincide com [...] a fuga de desprazer ou uma produção de prazer.” (Idem).

Vimos que desde 1895, no *Projeto para uma psicologia científica*, Freud reconhece uma tendência na vida psíquica no sentido de evitar o desprazer e buscar o prazer, identificando essa tendência como um movimento primário rumo ao nirvana. Se acompanharmos, num primeiro momento, os passos freudianos em sua empreitada teórica, observamos a distinção entre o princípio de constância e o princípio de prazer. Em 1920³⁷, ele ratifica essa diferenciação e escreve que “[...] o princípio de prazer é

³⁶ Cf. Freud, *ESB*, 1920, nota 1, p. 141.

³⁷ Cf. Freud, *ESB*, 1920, nota 1, p. 56.

uma modificação do princípio de Nirvana. O princípio de Nirvana deve ser atribuído à pulsão de morte, sustenta ele, e sua transformação em princípio de prazer se deve à influência da pulsão de vida ou libido.” Em 1915 encontramos a subsequente definição de pulsão: “[...] uma pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.”³⁸

Nesse momento introduz os quatro elementos pulsionais: pressão, finalidade, objeto e fonte. O elemento *Drang* representa a essência da pulsão e diz respeito à quantidade de força motora. Essa força é constante. “Toda pulsão é uma parcela de atividade” (1915, p. 142) – escreve Freud, apontando para a força constante que caracteriza a pulsão. Com *Drang* Freud circunscreve o que é da ordem da pressão, do fator motor, da quantidade de força ou da exigência de trabalho que a pulsão representa. *Drang* representa a dimensão ativa da pulsão. Desde o *Projeto* (1895) Freud se refere à pulsão como “uma exigência de trabalho” que marca o funcionamento do aparelho psíquico. *Drang* é o elemento da pulsão que impele o organismo para a ação específica que requer a pulsão.

Com relação à finalidade, *Ziel*, o objetivo da pulsão é sempre a satisfação. Esse objetivo é alcançado quando é eliminada a estimulação na fonte da pulsão. Podem ocorrer satisfações parciais, escreve Freud, porque “uma pulsão possui várias finalidades mais próximas ou intermediárias, que são combinadas ou intercambiadas umas com as outras.” (Ibid., *ESB*, p. 143). Na medida em que Freud compreende que as pulsões são parciais, *Ziel* passa a depender da fonte (*Quelle*) e do objeto (*Objekt*).

O que viabiliza a satisfação pulsional é o objeto da pulsão, adjetivado por Freud como o que de mais variado há na pulsão. O legado do objeto é tornar possível a satisfação. Nesse intento, qualquer coisa pode ser tomada como *Objekt*. As teorizações em torno do objeto da pulsão levarão Freud a conceber a noção de objeto como aplicável à pessoas, à própria pessoa, partes do corpo, coisas, etc. O objeto pode ser real ou fantasístico.

³⁸ Cf. Freud, *ESB*, 1915, p. 142.

Sobre a fonte, *Quelle*, Freud entende um processo somático que se dá no corpo, donde o estímulo proveniente é representado na vida mental como uma pulsão. Ele escreve que “embora as pulsões sejam inteiramente determinadas por sua origem numa fonte somática, na vida mental nós as conhecemos apenas por suas finalidades” (Idem). A fonte da pulsão é invariavelmente corporal.

Freud se questiona se as pulsões variam quanto à qualidade e, a esse respeito, responde que qualitativamente elas são semelhantes, variando somente no aspecto quantitativo. Isso significa dizer que o efeito que uma pulsão causa é determinado economicamente.

Sobre os tipos de pulsões, propõe duas categorias pulsionais primordiais – as pulsões do eu, também denominadas de autopreservativas, e as pulsões sexuais. Essa hipótese é decorrente dos estudos em torno da histeria e da neurose obsessiva, os quais revelam, em sua etiologia, a existência de um conflito entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais, assunto já referenciado no corpo deste texto, por ocasião da análise do texto de 1914. É muito interessante observar a frase freudiana sobre o dualismo pulsional proposto quando escreve que é uma hipótese “[...] a ser conservada enquanto se mostrar útil.” (1915, *ESB*, p. 144). O rastreamento dos passos do mestre nos mostrará que um novo dualismo pulsional será postulado. Nesse momento ele acredita que a análise do material psicológico fornece os subsídios necessários para essa diferenciação e classificação das pulsões. “[...] a contribuição da biologia não vai de encontro à distinção entre as pulsões sexuais e as do eu. A biologia ensina que a sexualidade não deve ser colocada em pé de igualdade com outras funções do indivíduo, pois suas finalidades ultrapassam o indivíduo e têm como seu conteúdo a produção de novos indivíduos – isto é, a preservação da espécie.” (Ibidem, p. 145). Em seguida, escreve: “de um ponto de vista, o indivíduo é a coisa principal, sendo a sexualidade uma das suas atividades e a satisfação sexual uma de suas necessidades; ao passo que, de outro ponto de vista, o indivíduo é um apêndice temporário e passageiro do idioplasma quase imortal, que é confiado a ele pelo processo de geração.” (Idem).

Entendemos que Freud está se referindo ao fato de que a função sexual difere da função biológica em virtude da pulsão. Ele se vale da neurose como uma possibilidade de estudo e caracterização das pulsões sexuais. Sobre elas, assinala que:

São numerosas, emanam de grande variedade de fontes orgânicas, atuam em princípio independentemente umas das outras e só alcançam síntese mais ou menos completa numa etapa posterior. A finalidade pela qual lutam é a consecução do prazer do órgão; somente quando a síntese é alcançada é que elas entram a serviço da função reprodutora, tornando-se identificáveis, de modo geral, como pulsões sexuais. Logo que surgem, estão ligadas às pulsões de autoconservação, das quais só gradativamente se separam; também na sua escolha objetual, seguem os caminhos indicados pelas pulsões do eu. Parte delas permanece associada às pulsões pela vida inteira, fornecendo-lhes componentes libidinais que, no funcionamento normal, escapam à observação com facilidade, só sendo revelados de maneira clara no início da doença. Distinguem-se por possuírem em ampla medida a capacidade de agir vicariamente umas pelas outras, e por serem capazes de mudar prontamente de objetos. [...] são capazes de funções que se acham muito distantes de suas ações intencionais originais (FREUD, 1915, *ESB*, v.14, p. 146-7; *AE*, v.14, p. 121).

A longa citação é densa de concepções em torno do entendimento de pulsão sexual. Nela, Freud ratifica que o corpo todo é fonte pulsional e que o objetivo final da pulsão é a satisfação. Indica também, os sinais de ligação das pulsões sexuais às pulsões do eu, das quais só se separam gradativamente, apesar de parte dessas pulsões permanecer para sempre vinculada às pulsões de autoconservação. Fundamentalmente, Freud nos diz sobre a capacidade sublimatória da pulsão, sendo esse um destino possível e facilmente observado na arte.

Além da capacidade de sublimação, as pulsões podem ter outros destinos: reversão a seu oposto, retorno em direção ao próprio eu, recalque e, juntamente com a sublimação, compõem os quatro destinos pulsionais atribuídos por Freud. O texto de 1915 aborda dois desses destinos pulsionais proclamados, sendo reservadas publicações à parte para o recalque e para a sublimação, este, nunca publicado. “Tendo em mente a existência de forças motoras que impedem que uma pulsão seja levada até o fim de forma não modificada, também podemos considerar essas vicissitudes como modalidades de defesa contra as pulsões.” (1915, *ESB*, v.14, p.147).

Segundo o autor, a reversão de uma pulsão a seu oposto comporta dois processos: a transformação da atividade em passividade e, segundo, reversão a seu oposto. Vale-se, então, dos pares de opostos sadismo-masochismo e escopofilia-

exibicionismo para tratar da mudança que envolve atividade e passividade. Inicia suas concepções escrevendo que a reversão de uma pulsão a seu oposto afeta somente as finalidades pulsionais, ou seja, as modalidades de satisfação que envolve a pulsão. Dessa forma, “[...] a finalidade ativa (torturar, olhar) é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado).” (Ibidem, p. 150).

Diferentemente da reversão, o retorno de uma pulsão em direção ao próprio eu do sujeito mantém-se inalterado em sua finalidade, havendo, entretanto, uma mudança de objeto. Lembremos que o objeto é o que de mais variável há na pulsão. Assim sendo, o masoquismo é o resultado da pulsão sádica que retorna ao próprio eu do sujeito. No caso do sadismo-masoquismo há uma substituição do objeto a quem é infligido dor para o eu do sujeito, que passa a sofrer a dor. Com o retorno em direção ao eu efetua-se também a mudança de uma finalidade pulsional ativa para uma passiva, diz Freud. Isso significa que o desejo de torturar muda para o desejo de ser torturado.

No caso do par escopofilia-exibicionismo ocorre processo similar: o olhar (ativo) para um objeto, seguido da desistência desse objeto e eleição de parte do próprio corpo. A introdução de um novo personagem possibilita o ser olhado pelo eleito, para quem deve se exhibir. Freud escreve que “o olhar precede o ser olhado.” Futuramente irá postular que o masoquismo é primário. No caso da escopofilia, inicialmente essa pulsão é auto-erótica porque o objeto eleito é parte do próprio corpo do sujeito. Só a maturação psíquica é que possibilitará a troca dessa parte do próprio corpo por outro objeto.

No tocante a ambas as pulsões que acabamos de tomar como exemplo, deve-se observar que sua transformação por uma reversão da atividade para a passividade e por um retorno em direção ao sujeito nunca implica, de fato, toda a quota pulsional. A direção ativa anterior da pulsão persiste em certa medida, lado a lado com sua direção passiva ulterior, mesmo quando o processo de sua transformação tenha sido muito extenso (FREUD, ESB, 1915, v, 14, p.151; *AE*, v.14, p.125).

Observamos Freud abordar questões relativas à relação entre autoerotismo e narcisismo através de considerações ligadas aos pares sadismo-masoquismo e escopofilia-exibicionismo: “[...] em ambos os casos, isto é, na escopofilia passiva e no masoquismo o sujeito narcisista é, através da identificação, substituído por outro eu.”

(Ibidem, p. 153). Com isso, Freud retrata que os destinos pulsionais estão em estreita ligação com a organização narcisista do eu e levam consigo essa herança original. Outrossim, nesta obra e em textos futuros, Freud alude ao fenômeno da ambivalência característica da pulsão, no sentido de que atividade e passividade caminham juntas.

Com relação à mudança de conteúdo de uma pulsão - segundo aspecto da reversão de uma pulsão a seu oposto – analisa o par amor-ódio, conferindo-lhe o emblema de melhor exemplo do que vem a ser ambivalência.

É impossível duvidar de que exista a mais íntima das relações entre esses dois sentimentos opostos e a vida sexual, mas naturalmente relutamos em pensar no amor como sendo uma espécie de pulsão componente específica da sexualidade [...]. Preferiríamos considerar o amor como sendo a expressão de toda a corrente sexual de sentimento, mas essa ideia não elucida nossas dificuldades e não podemos ver que significado poderia ser atribuído a um conteúdo oposto dessa corrente (FREUD, 1915, *ESB*, v.14, p.154; *AE*, v.14. p.128).

Em seguida, admite que o amor comporta três opostos: amar-odiar, amar-ser amado e, considerando o par amar-odiar, o oposto desinteresse ou indiferença. Essas são as três antíteses que circundam o amor e o ódio. Acerca do par amar-ser amado, diz tratar-se de uma passagem da atividade para a passividade. Nessa situação subjaz a questão de amar-se a si próprio, condição essa ramificada narcisicamente. A pena de Freud escreve que “[...] conforme o objeto ou o sujeito seja substituído por um estranho, o que resulta é a finalidade ativa de amar ou a passiva de ser amado, ficando a segunda perto do narcisismo.” (1915, *ESB*, p.155).

Ainda no texto de 1915, Freud faz referência as três antíteses fundamentais que regem o funcionamento mental do homem. Sobre a oposição sujeito-objeto, mantém sua ideia inicial de que o sujeito “é inerme contra as pulsões.” (Idem). Mantém igualmente suas concepções sobre a segunda antítese por ele considerada – o prazer-desprazer. Com relação à atividade-passividade diz que “o eu é passivo no tocante aos estímulos externos, mas ativo através de suas pulsões.” (Idem). O autor salienta que as três antíteses possuem ligações fundamentais entre si. Nesse sentido é abordada a questão do eu, que é catexizado inicialmente com pulsões que se satisfazem no próprio corpo; ou

seja, são pulsões auto-eróticas, e a essa condição nomeia-se por narcisismo. As pulsões auto-eróticas são o caminho para o desenvolvimento do eu da realidade para o eu do prazer. As pulsões sexuais exigem um objeto e as pulsões do eu, “que jamais são capazes de satisfação auto-erótica” (Ibidem, p. 156), perturbam o estado narcísico primordial. “[...] O estado narcisista primordial não seria capaz de seguir o desenvolvimento, se não fosse pelo fato de que todo indivíduo passa por um período durante o qual é inerte, necessitando de cuidados, e durante o qual suas necessidades prementes são satisfeitas por um agente externo”³⁹.

A argumentação freudiana aponta a existência de um eu da realidade original, o qual, sob a influência do princípio de prazer, é substituído por um eu do prazer. Assim sendo, percebemos que são as pulsões auto-eróticas que conduzem o eu da realidade original para o eu do prazer. Durante o estado auto-erótico, o sujeito do eu coincide com o que é prazeroso, e o meio externo, com o que é indiferente. O eu auto-erótico não necessita do mundo externo, mas, devido à autopreservação, acaba por experimentar objetos do exterior, os quais são tomados como desagradáveis. Na medida em que os objetos importados do exterior passam a serem sentidos como agradáveis, ocorre uma introjeção dos mesmos, assim como a expulsão daquilo que em si mesmo é vivido como desprazeroso. Dessa forma, o eu da realidade passa a fazer uma distinção entre o prazer e o desprazer, ascendendo à condição de priorização e busca do prazer. Daqui deriva os sentimentos hostis quanto ao que é experimentado como desprazer.

Freud diz que é durante o narcisismo primário que o odiar entra em cena, preconizando que o odiado coincide com o mundo externo, com o que causa desprazer. Assim, a antítese amor-ódio reproduz a relação prazer-desprazer, ilustrando o tipo de relação entre o eu e o objeto.

Se o objeto se torna uma fonte de sensações agradáveis, estabelece-se uma ânsia motora que procura trazer o objeto para mais perto do eu e incorporá-lo ao eu. Falamos da ‘atração’ exercida pelo objeto proporcionador de prazer, e dizemos que ‘amamos’ esse objeto. Inversamente, se o objeto for uma fonte de sensações desagradáveis, há uma ânsia que se esforça por aumentar a distância entre o objeto e o eu, e a repetir em relação ao objeto a

³⁹ Cf. Freud, 1915, *ESB*, v.14, nota 2, p. 156; *AE*, v.14, nota 30, p.129.

tentativa original de fuga do mundo externo com sua emissão de estímulos. Sentimos a ‘repulsão’ do objeto, e o odiamos; esse ódio pode depois intensificar-se ao ponto de uma inclinação agressiva contra o objeto – uma intenção destrutiva (FREUD, 1915, ESB, v.14, p. 158; *AE*, v.14, p.131).

Freud diz que o desprazer é o que é decisivo no ódio e que o eu abomina e persegue, com intenção de destruir, tudo o que constitui fonte de desprazer. Escreve ele que “os verdadeiros protótipos da relação do ódio se originam não da vida sexual, mas da luta do eu para preservar-se e manter-se” (1915, p. 160). O ódio, portanto, é mais antigo que o amor. Ele é a expressão da reação do eu narcísico frente aos objetos externos, numa relação íntima com as pulsões autopreservativas – as quais se configuram em sua fonte. Daí a antítese estabelecida com as pulsões sexuais, e repetida no par amor/ódio.

Sobre a antítese amar-ser amado, Freud remete o leitor à análise da escopofilia e do sadismo, onde as questões da atividade e passividade estão envolvidas. O autor finaliza o texto dizendo que os destinos das pulsões estão ligados às polaridades que dominam a vida mental: a atividade-passividade ligada à biologia; a polaridade eu-mundo externo ligado ao real; e a polaridade prazer-desprazer regido por fatores econômicos.

2.2. O período Fliess e a bissexualidade denunciada na histeria

A passagem de Wilhelm Fliess⁴⁰ na vida de Freud não significou um acontecimento qualquer e o relacionamento entre eles constitui a grande experiência de Freud. Durante os dezessete anos de troca íntima de cartas e encontros Freud gestou a psicanálise. “Para um homem já quase e meia idade, bem casado e com seis filhos,

⁴⁰ Wilhem Fliess (1858-1928), amigo de Freud e teórico da bissexualidade, formado em medicina e especialista em otorrinolaringologia desenvolveu pesquisas sobre as relações entre o nariz e os órgãos genitais. Organicista, suas teses eram consideradas extravagantes e sem adequação à realidade. Todavia, já observava a natureza polimorfa da sexualidade infantil. As divergências teóricas entre a teoria da sedução, defendida por Fliess, e a noção de fantasia, abraçada por Freud foram o ápice de uma violenta ruptura entre ambos, tendo sido Freud acusado de plágio da teoria da bissexualidade, onde Swoboda e Weininger estavam envolvidos (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 239-40).

nutrir uma amizade apaixonada por alguém intelectualmente inferior e durante anos subordinar seu juízo e opiniões aos desse outro homem – isso também é incomum, embora não inteiramente estranho” – afirma Jones (1989). O extraordinário da história desses dois homens é a quebra das amarras freudianas e a escolha de uma trilha jamais ousada por um pesquisador, ou seja, seu próprio inconsciente a partir da auto-análise empreendida.

Sabe-se que Freud destruiu as cartas de Fliess, mas este preservou as de Freud, as quais foram vendidas pela Sra. Fliess após a morte do marido em 1928 a um livreiro de Berlim, Reinhold Sthal. No total foram vendidas 284 cartas pessoais, além de notas e manuscritos que Freud enviava a seu interlocutor periodicamente. Na opinião de Freud esse foi o último golpe da Sra. Fliess que tanto empreendeu para afastá-los por ciúmes e em parceria com Breuer. Freud a definiu como uma mulher ciumenta e má.

Por sua vez, Marie Bonaparte comprou por 100 libras os documentos em poder de Sthal e informou a compra a Freud, que insistiu na destruição das cartas. Para o deleite de nós, analistas, a princesa desafiou seu analista depositando as cartas e manuscritos no Banco Rothschild de Viena, até 1938. A invasão nazista à Áustria punha em risco qualquer estabelecimento judeu e, assim sendo, valendo-se da condição de princesa da Grécia e da Dinamarca, foi autorizada, na presença da Gestapo, retirar seus pertences do banco em que havia depositado as relíquias compradas. O material foi depositado na Legião Dinamarquesa, que foi poupada por Hitler. Todavia as cartas de Freud a Fliess enfrentou um último perigo, o das minas no Canal da Mancha. Perspicaz e sabedora da importância histórica de tal correspondência, Marie Bonaparte envolveu o material à prova d'água e flutuante, caso o navio fosse acometido por algum acidente marítimo. Em Londres as cartas foram transcritas por Anna Freud e Ernst Kris, os quais fizeram uma seleção para publicação.

A correspondência lança importantes luzes na personalidade de Freud ao longo desses anos, seus gostos e desgostos, suas ambições e decepções científicas, suas lutas e dificuldades e sua necessidade do apoio de um amigo durante essas situações. Acima de tudo esclarece os esforços intelectuais de Freud e o desenvolvimento empírico – com frequência tortuoso - de suas ideias. Permite-nos não apenas observar a ordem desse desenvolvimento e

datas, suas várias fases, mas acompanhar em detalhe suas contínuas tentativas, com frequência frustradas e erroneamente dirigidas, para obter uma clara percepção das leis relativas aos misteriosos processos que atuam nas profundezas da mente (JONES, 1989, vol. 1, p.294).

Dois anos mais jovem que Freud, o otorrinolaringologista Fliess era conversador brilhante e versava sobre vários assuntos. Isso o tornava fascinante para Freud, principalmente pela capacidade especulativa e autoconfiante de Fliess. Todavia a incapacidade em tolerar críticas aos seus juízos conduziu ao término da amizade entre os dois.

Os interesses de Fliess iam além da medicina e da biologia e isso interessava Freud. Seus interesses principais circundavam duas hipóteses fundamentais: a periodicidade menstrual (1) e a relação entre a mucosa nasal e as atividades genitais (2). Em sua primeira publicação (1897) consta a expressão “neurose reflexa nasal”, cujos sintomas podiam ser aliviados pelo uso da cocaína no nariz. A causa para a hipótese fliessiana assentava-se em prováveis distúrbios vasomotores de origem sexual. Aqui encontramos um elo com as investigações freudianas relativas às neuroses atuais, dada a semelhança com a neurastenia defendida por Fliess, muito embora não tenha especificado a sua “neurose reflexa nasal”. A mensalidade menstrual era para Fliess a expressão de um processo maior para ambos os sexos, significando uma tendência para a periodicidade em todas as atividades vitais. “Ele pensava que tinha encontrado a chave para essa periodicidade por meio do uso de dois números, 28 e 23; o primeiro provinha evidentemente da menstruação, o segundo provavelmente de um intervalo entre o fim do período menstrual e o início do seguinte” (Jones, 1989, p.295). A importância conferida à bissexualidade, outro aspecto presente na teoria de Fliess está relacionada ao número 28 – componente feminino -, e ao número 23 – componente masculino. Tais períodos sexuais eram os responsáveis pelos estágios de crescimento, datas de doenças e até mesmo a data da morte.

Por recomendação de Breuer, Fliess foi aluno de Freud em 1887 nos cursos de anatomia e funcionamento do sistema nervoso. Assim foi travado o primeiro contato entre o otorrinolaringologista e o analista, causando-lhe Fliess uma “profunda impressão”, afirma Freud na primeira carta iniciada em 24 de novembro de 1887. A

regularidade da correspondência deu-se a partir de 1893, escrevendo-lhe Freud semanalmente.

Vimos que Fliess gostava de especular e, digamos, dava asas à sua imaginação. Freud tinha uma imensa paixão pelo conhecimento. Em 12 de dezembro de 1896 escreve: “Muito além dessas considerações (sobre psicopatologia) esconde-se minha criança problema e ideal, a metapsicologia”. Os caminhos a que se aventurou Freud envolviam necessariamente a especulação filosófica. No início escolheu a disciplina científica como método para conter seu potencial especulativo até que pudesse se apropriar dela. Jones (1989) nos dá a entender que, ao que parece, Freud atribuiu a Fliess aspectos que ele julgava se sentir incapaz para enfrentar sozinho. “Assim, tinha de dotar Fliess de todas as espécies de qualidades imaginárias – aguçado juízo e comedimento, pujante vigor intelectual -, que eram essenciais para um mentor e protetor” (Jones, 1989, p.300). Como se ele conferisse a Fliess um direito que negava a si mesmo, até que estivesse pronto. Por ocasião da escrita do caso Dora escreve Freud: “Não fico orgulhoso de ter evitado a especulação, mas o material para minhas hipóteses foi coletado pela extensa e laboriosa série de observações” (Jones, 1989, p.302). Veremos que o Freud posterior é liberto em seus poderes imaginativos e especulativos. Mas nesse momento de relacionamento com Fliess e gestão da psicanálise, endereça a seu interlocutor duas exigências: a primeira delas, que atentasse para os seus relatos e emitisse um criterioso julgamento sobre eles; a segunda, face aos conhecimentos de Fliess em medicina e biologia, que fornecesse as informações orgânicas necessárias ao entendimento da neurose.

Ao contrário de Breuer, Fliess fez dos problemas sexuais o centro de suas pesquisas, o que constituía uma vantagem para Freud, permitindo o diálogo entre eles. Os dois se encontravam frequentemente em Viena. Freud chamava esses encontros de “congressos”, onde Fliess era o seu único público. Tais encontros desempenhavam uma função central na vida intelectual e solitária de Freud. “Ao que tudo indica, um e outro, o psicanalista e o otorrino estavam em busca do aval do colega leitor, de algum modo içado ao lugar de suposto saber”, afirma Vera Pollo (2013). A exploração do inconsciente e a amizade com Fliess constituíram, por muito tempo, as coisas mais importantes para Freud. A auto-análise empreendida a partir de julho de 1897 trouxe a revelação do cerne da neurose: o complexo de Édipo.

A ruptura de uma amizade tão íntima veio de uma diferença científica, que pode assim ser resumida:

Se todas as alterações das manifestações neuróticas – seu início e término, suas melhoras e exacerbações – eram estritamente determinadas, como Fliess sustentava, pelas datas críticas da vida reveladas por suas leis periódicas, todas as descobertas dinâmicas e etiológicas de Freud eram de fato irrelevantes e sem sentido, ainda que corretas (JONES, 1989, vol. 1, p.315).

Quanto mais seguro se tornava Freud acerca de suas descobertas, sustentadas pelas laboriosas observações clínicas e por sua auto-análise, menos importância e atenção era devotada às questões aritméticas. Ora, o que ambos pesquisadores esperavam um do outro era admiração mútua. O choque inevitável deu-se no verão de 1900.

Um aspecto derivado da troca intelectual entre Freud e Fliess requer uma atenção especial: o relativo à bissexualidade. Vimos que Coutinho Jorge (2010) assinala que o tema da correspondência entre os dois autores era o da bissexualidade. O autor defende que foi somente após se desvencilhar da noção da bissexualidade biológica defendida por Fliess que Freud pode postular o conceito de pulsão, conceito “francamente tributário dessa discussão sobre a noção novecentista de bissexualidade” (Ibidem, p.119).

Na opinião de Porge (1998) a noção de bissexualidade é importante entre Freud e Fliess, fato reconhecido por Freud na *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901):

Um dia, no verão de 1901, observei a um amigo com quem, na época, eu tinha um animado intercâmbio de ideias científicas: “Esses problemas neuróticos só poderão ser resolvidos quando nos basearmos integralmente na hipótese da bissexualidade originária do indivíduo”. Ao que ele respondeu: “Isso foi o que eu lhe disse há dois anos e meio em Breslau, quando dávamos aquele passeio à tardinha. Só que, na época, você não queria ouvir falar nisso” (FREUD, 1901, *ESB*, v.6, p.134; *AE*, v.6, p.143).

Ainda de acordo com Porge (1998), Fliess expôs a Freud sua concepção da bissexualidade na Páscoa de 1897, em Nuremberg. Em 14 de novembro de 1897 Freud supõe que o recalque põe em jogo o fator orgânico envolvido, e afirma que a escolha da neurose ou da perversão depende da maneira como se efetuou o abandono das zonas sexuais, se tal abandono ocorre sobre os fatores masculinos ou femininos, e se de fato ocorre. Em 4 de janeiro de 1898, Freud escreve empolgado a Fliess: “Estou realmente subjogado pela insistência da bissexualidade e considero esta sua ideia incidente como a mais importante em meu tema, depois da de defesa”. Em 7 de agosto de 1901, assinala a seu interlocutor: “Você se recorda de eu ter lhe dito, anos atrás, quando você ainda era especialista e cirurgião nasal, que a solução estava na sexualidade. Muitos anos depois, você me corrigiu, dizendo que estava na bissexualidade – e vejo que tinha razão”.

Entretanto, a análise mais precisa revela que a noção de bissexualidade de Freud não é a mesma que a de Fliess. A diferença se deve ao objeto de pesquisa de cada um. A essência da doutrina de Fliess aponta para a natureza bissexual de cada célula viva. Coutinho Jorge (2013) afirma que Fliess abordava a bissexualidade de forma semelhante aos sexólogos da época, com ênfase na bissexualidade biológica. Segundo Fliess, as características do sexo oposto ao do sujeito operam de forma latente por toda a vida. Fliess estava ocupado com as diferenças anatômicas entre o lado esquerdo e o direito do corpo humano e, em sua concepção, a bissexualidade está associada à bilateralidade e à biperiodicidade – a “*bi-bi*” (Porge 1998, p. 41) – como Freud ceticamente a designava. Por bilateralidade, no sentido de Fliess, entenda-se a predominância na parte esquerda do corpo de caracteres sexuais opostos ao sexo do sujeito. Por biperiodicidade, Pollo (2013) assinala: “21 dias para os homens e 28 para as mulheres, período que implica a ideia das relações entre o nariz e os órgãos genitais femininos”.

Por sua vez, Freud sustenta a noção de uma bissexualidade psicológica, ou seja, referida à escolha de objeto. Naquela época estava em jogo a distinção entre a histeria, neurose obsessiva e paranoia, a etiologia das mesmas e compreensão do mecanismo formador dos sintomas, consideradas neuroses de defesa. Lembremos que Freud buscava a chave para a compreensão das manifestações sexuais observadas em homens

e mulheres e, nesse sentido, considera a bissexualidade como fator decisivo para o entendimento do quadro neurótico.

A ruptura entre os dois homens veio em virtude de uma diferença científica muito bem resumida por Jones (1989):

Se todas as alterações das manifestações neuróticas – seu início e seu término, suas melhoras e exacerbações – eram estritamente determinadas, como Fliess sustentava, pelas datas críticas da vida reveladas por suas leis periódicas, todas as descobertas dinâmicas e etiológicas de Freud eram de fato irrelevantes e sem sentido, ainda que corretas. Isso é tão óbvio que é realmente assombroso como os dois fizeram para por dez anos trocarem amplamente ideias nessa aparente harmonia (JONES, vol. 1. P.315).

As concepções de Fliess eram carregadas de uma base patológica estranha às de Freud. Fliess sempre insistiu para que Freud enfatizasse as leis periódicas em suas explicações, ao passo que Freud argumentava a multiplicidade dos fatores envolvidos e a variabilidade de sua força.

Ao lado de libido e pulsão, a bissexualidade é considerada um ponto central da doutrina psicanalítica da sexualidade, conforme afirmam Roudinesco e Plon (1998), uma vez que designa a disposição psíquica inconsciente na subjetividade humana, porque fundamentada na diferença sexual, isto é baseia-se na necessidade de o sujeito fazer uma escolha sexual, seja pelo recalque de um dos dois componentes da sexualidade, seja pela aceitação desses dois componentes, ou, ainda, através de uma renegação da realidade da diferença sexual (p. 71).

2.3. Bissexualidade e seu estatuto na teoria psicanalítica

As reflexões sobre bissexualidade remetem a figura de Andrógino disposto no discurso de Aristófanes no *Banquete* de Platão.

Outrora a nossa natureza era diferente da que é hoje. Havia três sexos humanos e não apenas, como hoje, dois: o masculino e o feminino – mas acrescentava-se mais um, que era composto ao mesmo tempo dos dois primeiros, e que mais tarde veio a desaparecer, deixando apenas o nome: *andrógino*. Além disso, os homens possuíam formas arredondadas, tinham costas e flancos a seu redor, quatro mãos e quatro pernas, duas faces semelhantes sobre um pescoço redondo, uma só cabeça para esses dois rostos opostamente colocados, quatro orelhas, dois órgãos de procriação, e tudo o mais na mesma proporção. Zeus os cortou em dois (...). Ordenou em seguida a Apolo que curasse as feridas e que virmos o rosto dos cortados e o pescoço para o lado em que a separação havia sido feita a fim de que o homem, pela contemplação do corte, se tornasse mais humilde, e que se curasse do seu orgulho. Assim seccionada a natureza humana, cada uma das metades pôs-se a procurar a outra. Quando se encontraram, abraçaram-se e se entrelaçaram num insopitável desejo de novamente se unirem para sempre (PLATÃO, *O Banquete*, p.120-121).

Coutinho Jorge (2013) assinala que os sexólogos do final o século XIX difundiam há muito discussões sobre o assunto, de modo que a noção de bissexualidade não foi introduzida por Fliess, como se costuma duvidar. Os termos bissexualidade, homossexualidade, hermafroditismo e travestismo eram misturados e confundidos e estão na base do que se designava por andrógino (bissexual), invertido (homossexual) e hermafrodita psicosexual (transexual)⁴¹. Com a publicação de *A descendência do homem* (1871), efetuou-se a passagem do mito platônico da androginia para a abordagem da bissexualidade assentava em bases biológicas. Nesse contexto a embriologia e o microscópio aceleraram as conclusivas observações das potencialidades masculinas e femininas do embrião humano. De mito, a bissexualidade passa a condição de realidade da natureza. Aluno de Carl Claus e influenciado por Fliess, Freud adota a ideia de bissexualidade por volta de 1890.

⁴¹ Cf. Roudinesco e Plon, 1989, p. 72.

Fliess expôs sua concepção dupla da bissexualidade e da periodicidade, estabelecendo um vínculo entre as dores da menstruação e as do parto, todas remetidas a localizações genitais situadas no nariz. Daí decorria a tese da periodicidade, segundo a qual as neuroses nasais, os acessos de enxaqueca e outros sintomas do ciclo feminino obedeciam a um ritmo de 28 dias, como a menstruação. A esse primeiro ciclo Fliess acrescentava um segundo, de 23 dias, qualificado de masculino e concluía que os dois se manifestavam em ambos os sexos. [...] Em dezembro de 1897, durante um encontro em Breslau, Fliess desenvolveu uma nova ideia, afirmando que a bissexualidade biológica prolongava-se, no ser humano, numa bissexualidade psíquica, que era paralela à bilateralidade característica do organismo humano, com a direita e a esquerda traduzindo, de certo modo, a organização corporal e espacial da diferença entre os sexos (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.72).

Em 1897 Freud diverge da concepção de Fliess e passa a pensá-la como uma categoria de organização psíquica, estabelecendo uma diferenciação entre o psíquico e o biológico. Mais tarde, o conceito de pulsão será situado por Freud nessa fronteira. Essa diferenciação revela a Freud a não continuidade entre os dois campos. Freud passou a ver na bissexualidade um motor do recalque, mas, contrariamente a Fliess – que se interessava pelo conflito entre a tendência masculina e feminina –, Freud passou a se interessar pela questão da escolha envolvida, ou seja, “pela maneira como cada ser sexuado recalca ou não os caracteres do outro sexo” (Roudinesco e Plon, 1998, p. 73).

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) logo na abertura Freud lista uma série de autores que tratam do assunto, desde Richard von Krafft-Ebing até Magnus Hirschfeld, incluindo em suas referências Wilhelm Fliess. Em 1905 Freud prioriza a questão da escolha sexual feita pelo sujeito homossexual, derivada da existência de uma bissexualidade originária, tomada como fundamento para a compreensão da inversão. Para o criador da psicanálise a homossexualidade era derivada da existência de uma condição universal da sexualidade humana: a bissexualidade.

A bissexualidade ocupa lugar privilegiado na teoria da sexualidade freudiana. Nas palavras de Coutinho Jorge:

É altamente significativo que Freud tenha produzido seus *Três ensaios*, no qual introduz, pela primeira vez, seu conceito de pulsão, precisamente um ano após ter rompido seu relacionamento com Fliess. Tudo faz supor que o conceito de pulsão é a resposta teórica dada por Freud ao diálogo travado entre ele e Fliess sobre a bissexualidade (COUTINHO JORGE, 2013, p.210).

A pulsão é o conceito que dá a consistência final a teoria da sexualidade humana e, na medida em que possibilita a compreensão da sexualidade em sua inexorável polimorfia.

Desde que me familiarizei com a noção de bissexualidade, passei a considerá-la como o fator decisivo e penso que, sem levá-la em conta, dificilmente se poderá chegar a uma compreensão das manifestações sexuais efetivamente no homem e na mulher (FREUD, 1905, *ESB*, v.7, p.207 *AE*, v.7, p.201).

Nos *Três ensaios* (1905), texto em que surge, pela primeira vez, o conceito de pulsão, Freud se refere insistentemente à bissexualidade. Pollo (2013, p.177) afirma que Freud versa sobre a disposição bissexual psíquica e a disposição bissexual orgânica enquanto coexistentes no “sujeito encarnado que lhes empresta o corpo”. Freud esclarece que a escolha unissexual deixa vestígios da origem bissexual.

2.4. Variantes evolucionistas do conceito de pulsão

“Muita luz será lançada sobre a origem do homem e sua história”

(Charles Darwin, 1859)

A influência da teoria de Darwin sobre Freud tem início antes mesmo de sua profissionalização. Movido por um espírito investigativo, tal qual Darwin, Freud

ansiava pelo conhecimento da natureza humana. Freud deixa registrado que as teorias de Darwin atraíram-no fortemente, “pois ofereciam esperanças de extraordinário progresso em nossa compreensão do mundo” (Freud, 1990/1924, p. 20). Darwin consta dentre as influências nomeadas por Freud. Tais influências iniciaram no *Gymnasium*, entre os anos de 1865 e 1873. Em 1927, Freud considera o estudo da evolução essencial para a formação dos analistas. Desde a juventude Freud percebeu o segredo para se tornar um grande homem, bem como o árduo caminho que teria que percorrer. “Poder, prestígio, riqueza chegariam a ele apenas como decorrência do fato de ele ser um grande cientista” (Jones, 1989, vol. 1, p. 43). Na vida que escolheu a força de nada lhe serviu para obter poder, mas a compreensão aplicada ao comportamento humano serviu de ferramenta para suas intenções. Mas, para isso, pensava Freud, era preciso “aprender algo sobre a natureza, a posição do homem na natureza e a constituição física do homem”, ratificando que foi Darwin quem lhe apontou o caminho (Jones, idem).

Entre os anos de 1870 a 1880, o interesse pela obra de Darwin estava em alta por toda a Europa. O grande diferencial a ser destacado é a forma como Freud se comporta como cientista. Investigador rigoroso, a despeito de uma controvérsia ou perturbação, tal qual Darwin, responde às críticas em todos os momentos de sua edificação teórica com a inabalável continuidade de suas pesquisas. Ao longo de toda a vida dificilmente Freud se dispôs ou dedicou seu tempo às controvérsias. “Não tinha muito desejo de influenciar seus semelhantes. Oferecia-lhes algo de valor, mas sem qualquer desejo de impor-lhes isso. Não lhe agradavam os debates, nem mesmo as discussões científicas públicas” (Jones, Ibidem, p. 44).

Darwin revolucionou a biologia de seu tempo. Originalmente a biologia era o campo de interesse de Freud. Depois a abandonou, mas continuou a basear seu trabalho nela. Em 1937, em *Análise terminável e interminável*, Freud chama a atenção para os fatores de natureza fisiológica e biológica, insuscetíveis às influências psíquicas, fazendo uma analogia com a força constituinte da pulsão em contraste com a fraqueza do eu. Darwin simbolizava a dimensão biológica, concedendo-a o papel de agente capaz de atuar sem reserva ou sujeição temporal.

A principal influência de Darwin no pensamento freudiano pode ser discernida quanto à abordagem histórica do desenvolvimento e da evolução. Em seus textos, Freud

se refere a Darwin cerca de vinte vezes (Ritvo, 1992), desde sua correspondência com Silberstein, que durou de 1871 a 1881, até *Moisés e o monoteísmo*, escrito em 1939.

As referências a Darwin são sempre positivas. Para o criador da psicanálise, Darwin era “o grande Darwin”. Em 9 de setembro de 1875, após visita a parentes em Manchester, Inglaterra, escreve a seu amigo Silberstein:

Quanto a livros, trago poucos comigo; mas as relações que travei com livros científicos ingleses vão me levar, nos meus estudos, a ficar sempre do lado dos ingleses, que agora passam a gozar, de minha parte, um preconceito extremamente favorável: Tyndall, Huxley, Lyell, Darwin, Thompson, Lockyer, entre outros (FREUD, 1875/1995, Carta, 54, p. 148).

Ainda na Carta 54 escrita a Silberstein, deixa registrado o desejo de ter “um laboratório e tempo livre, ou um navio no oceano com todos os instrumentos de que precisa o pesquisador” (idem). Certamente essa fantasia do jovem Freud traz reminiscências de seu admirado Darwin, que passara fecundos anos no *Beagle*. As referências à Darwin têm essa natureza idealizada e livre de ambivalência.

Ao longo da segunda metade do século XIX, desenvolvimento e evolução eram palavras em voga, e ambas eram expressas em alemão pelo mesmo termo – *Entwicklungsgeschichte*. Em 1862, Heinrich Haeckel defende a teoria da evolução das espécies de Darwin, colocada pela primeira vez no fórum de ciência alemã. Biólogo e filósofo na Universidade de Iena entre 1862 e 1909, Haeckel torna-se um cuidadoso divulgador da teoria de Darwin, defendendo que a abordagem darwiniana da origem das espécies era a chave para a solução dos problemas do mundo. Afirma que é preciso conhecer os processos de evolução e transformação para poder dizer algo da espécie. Freud se vale da abordagem histórica como a chave para a solução da neurose, constituindo uma premissa básica para a teoria psicanalítica, fornecendo, por essa via, um dos quatro grandes pontos de vista metapsicológicos – o genético ou darwiniano. Desde essa época, o passado histórico é tratado como condição *sine qua non* para a compreensão do presente.

Após o retorno de Manchester, Inglaterra, em 1875, já citado, Freud inicia trabalho no laboratório de Carl Claus, chefe do Instituto de Anatomia Comparada na Universidade de Viena. Claus era um divulgador da teoria de Darwin e concede a Freud a oportunidade de realizar pesquisas no laboratório sob sua responsabilidade. Em Trieste, cidade situada a nordeste da Itália, inicia a tarefa determinada por seu professor: verificar a recente afirmação de um pesquisador polonês, Simone de Syrski, sobre gônadas em enguias. “Era uma descoberta assombrosa – se pudesse ser comprovada”, registra Freud em seu relatório (Gay, 1989, p. 46), pois mostraria como infundada a ideia tradicional da enguia como um animal hermafrodita. O estudo com as enguias ensinou a Freud que o empreendimento de uma pesquisa requer observação paciente e rigorosa, “o tipo de atenção concentrada que mais tarde julgaria indispensável ao ouvir seus pacientes (Gay, Idem).

Ernest Brücke será o próximo mentor de Freud. Trabalhando no laboratório de fisiologia de Brücke afirma ter encontrado sossego e satisfação. Brücke era o mais iminente representante do positivismo em Viena e proporcionou a Freud o ideal de autodisciplina profissional. Foi graças a uma recomendação de Brücke que Freud conseguiu uma bolsa para estudar com Charcot, em Paris, de outubro de 1885 a fevereiro de 1886.

A França não adotou a obra de Darwin da mesma forma que a Alemanha. Os cientistas franceses se revelavam indiferentes às teorias darwinianas. Como pondera Peter Gay,

No início dos anos 1870, embora tivesse granjeado muitos adeptos importantes, a teoria da seleção natural se mantinha controversa; o perfume inebriante de uma inovação sensacional e perigosa ainda se apegava a ela. Darwin se encarrega de situar solidamente o homem no reino animal e arriscara-se a explicar seu surgimento, sobrevivência e desenvolvimento diferenciado a partir de razões totalmente seculares; as causas que operavam para efetuar transformações na ordem natural dos seres vivos, que Darwin difundira perante um mundo estupefato, não precisavam se remeter a uma divindade, por mais remota que fosse. Tudo era obra do entrechoque de forças cegas e profanas (GAY, 1989, p.49).

Em 1859, Darwin escreve *A origem das espécies*, que, no futuro distante, outras pesquisas tomarão rumo a partir da sua, e a psicanálise se baseará no fundamento da gradativa aquisição das faculdades mentais, tal como se verifica na teoria da neurose.

Em 1872, em seu último livro *A expressão das emoções no homem e nos animais*, Darwin publica detalhadas observações que terão posteriormente influência sobre Freud. No livro, Darwin postula princípios capazes de explicar a expressão das emoções: hábito associado útil, antítese e o transbordamento de excitação excessiva. Freud usa de forma mais clara tais princípios darwinianos nos *Estudos sobre histeria* (1893-95), quando se refere ao amplo uso de simbolização que acomete a histeria. Os significantes presentes na fala da histérica, tais como ‘golpe no coração’, ‘tapa no rosto’, ‘engolir um insulto’ são termos associados e que tem um significado e servem a um propósito. A representação figurativa algum dia teve um significado literal, agora usada para expressar uma emoção por associações que as palavras carregam. Na *Conferência XXV* (1917 [1916-1917]), intitulada *A angústia*, Freud sugere que os afetos são formados com base no mesmo padrão, combinando a ideia de que a ontogênese repete a filogênese, mediante a explicação fornecida por Darwin, ou seja, dos resquícios de ações que originalmente tinham um significado.

Um estado afetivo seria formado do mesmo modo que um ataque histérico e, como ele, seria o precipitado de uma reminiscência. Um ataque histérico pode assim ser comparado a um afeto individual recentemente formado, e um afeto normal com a expressão de uma histeria geral que se tornou uma herança (FREUD, 1917 [1916-1917], ESB, vol.16, p.462; AE, v.16, p.360).

Em 1926, em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud repete essa concepção, mantendo-a para todos os afetos:

A angústia não é criada novamente no recalque; é reproduzida como um estado afetivo de conformidade com uma imagem mnêmica já existente. [...] Os estados afetivos têm-se incorporados na mente como precipitados de experiências

traumáticas primevas, e quando ocorre uma situação semelhante são revividos como símbolos mnêmicos. Não penso haver laborado em erro ao aproximá-los do ataque histórico mais recente e individualmente adquirido e em considerá-los como seus protótipos normais (FREUD, 1926, *ESB*, v.20, p.114; *AE*, v.20, p.89).

Em 1894, Haeckel - propagador da teoria de Darwin -, chama a atenção para o golpe dado por Darwin nas concepções antropocêntricas e geocêntricas do mundo. Em 1543, Copérnico dá um golpe mortal no dogma geocêntrico ao retirar a Terra do centro do universo. Em 1859, Darwin o fez em relação ao dogma antropocêntrico ao postular a ascendência animal da espécie humana. Em 1917, no texto *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, Freud fala do golpe dado pela psicanálise no narcisismo humano, ao afirmar que “o eu não é senhor em sua própria casa”. Freud considera que Darwin e seus precursores deram cabo à pretensão de superioridade humana.

A adesão inicial de Freud à teoria evolucionista, presente desde suas pesquisas como neurologista, tal como assinala Gay (1989), marcará sua presença no desenvolvimento das suas hipóteses propriamente psicanalíticas. Jones (1997) descreve as contribuições de Freud à teoria da evolução no decorrer da sua obra, mesmo reconhecendo que seus aportes ao campo da biologia foram mais acidentais que deliberados. Com efeito, as ideias expostas no *Projeto para uma psicologia científica* (1895), obra póstuma de Freud e marco propriamente teórico da introdução do termo *Trieb*, revelam que o recurso às hipóteses do campo da biologia constitui um poderoso ingrediente no processo de elaboração de seus princípios teóricos que encontravam na teoria da evolução uma base comum, assim como no que de original se deduz do desenvolvimento da noção de aparelho psíquico, a qual culmina com o estabelecimento da hipótese estrutural acerca da sexualidade. Tais considerações sublinham a importância do *Projeto* (1895) em relação ao conjunto de sua obra, mesmo considerando-se que as ideias expostas nesse trabalho somente assumiriam um estatuto metapsicológico quando a tópica dos processos psíquicos evoca outra modalidade discursiva dotada de uma concepção peculiar de realidade e de temporalidade em relação à da consciência e da biologia. Nesse sentido, é o entendimento acerca da natureza sexual da representação recalçada, vinculando sexualidade, inconsciente e recalque que tornará possível o desenvolvimento de uma reflexão psicanalítica sobre o

encontro subjetivo do organismo com o outro da ação específica, sem aspectos reducionistas.

Dos *Três ensaios* (1905), marco da conceituação freudiana sobre a pulsão, depreendem-se duas linhas de forças relativas a este conceito, inseridas numa teoria genético-evolucionista que, paradoxalmente, coexistem não somente no decorrer das sucessivas edições que compõem esta obra, a saber, nos anos de 1905, 1910, 1915, 1920, 1922 e 1925, mas no seu pensamento como um todo. O texto demonstra as vicissitudes da adesão de Freud às hipóteses evolucionistas, assim como as consequências que decorrem dessa adesão, a saber, as variantes evolucionistas ontogenéticas e as variantes evolucionistas filogenéticas.

Ao recusar a dimensão instintual em favor de sua formulação sobre a pulsão, e sustentar a hipótese sobre a contingência do objeto da pulsão, torna-se evidente a introdução da dimensão biológica nas suas características genético-evolucionistas.

As variantes evolucionistas ontogenéticas são variantes que abordam a gênese ontogenética e a evolução da pulsão, decomposta nos seus componentes pré-genitais e em relação dialética de derivação com o instinto (Laplanche, 1973), embora a pulsão seja descrita em termos de realidade biológica, ou seja, endógena. As pulsões também se inserem numa temporalidade que, mesmo se perfilando segundo os mesmos termos da biologia (linear, cronológica, abarcando tanto um sentido progressivo como regressivo), apresentam uma meta, a satisfação, que aponta para uma concepção dinâmica da sexualidade.

Na primeira edição dos *Três ensaios* (1905), Freud concebe a sexualidade infantil como um estado de anarquia e poliformismo pulsional. As pulsões parciais autoeróticas apresentam modos de satisfação independentes que predominam em determinadas etapas do desenvolvimento psicofisiológico do sujeito, e que atuam em tal ou qual parte do corpo, propícias também ao engendramento da excitação, as chamadas zonas erógenas. Com a chegada da puberdade, o funcionamento anárquico das pulsões gradualmente se organiza; as pulsões parciais dispersas se submetem a um único modo de satisfação: as zonas erógenas ficam subordinadas à primazia da genitalidade (Freud, 1905).

Depreende-se, assim, uma concepção de evolução nos termos de progressão do mais simples (as pulsões parciais da sexualidade infantil) ao mais complexo (a pulsão sexual da organização genital adulta). Concepção que também inclui a hipótese sobre uma reversão desta evolução no caso das enfermidades mentais. No pensamento freudiano, essa reversão é tratada como uma fixação nos termos de inibição do desenvolvimento que dissocia a organização e que prepara as posições em que opera a regressão da libido, tal como assinalam Laplanche e Pontalis no *Vocabulário da Psicanálise* (1983).

Com os avanços da teoria da libido, em particular com a introdução do conceito de narcisismo, Freud outorga o valor de organização à sexualidade infantil. Nota-se, então, seu interesse em aprofundar sua reflexão sobre a teoria da libido a partir do estudo das neuroses de transferência e da psicose. Tal teoria surge a partir da importância atribuída ao erotismo anal em *Caráter e erotismo anal* (1908), para, em *A disposição à neurose obsessiva* (1913), introduzir a hipótese de um estágio anal. Dentro desta mesma ordem de considerações, na terceira edição dos *Três ensaios*, ocorrida em 1915, Freud introduz a hipótese de um estágio oral e, finalmente, em *A organização genital infantil* (1923), a de um estágio fálico no desenvolvimento da libido. O estabelecimento de estádios no desenvolvimento libidinal indica que não se trata mais de uma concepção de evolução de unidades mais simples em direção a unidades mais complexas, mas da coexistência de duas organizações, a infantil e a adulta, que separadas entre si pelo período de latência buscam abarcar os avatares da sexualidade humana. Assim, o advento da sexualidade adulta, com a primazia da zona genital não se inscreve no sentido de que este último estágio, no tempo cronológico, exclua os anteriores, ou seja, os modos pré-genitais de satisfação da libido, mas somente se sustenta desde que mantendo uma relação dialética com aqueles.

Laplanche e Pontalis (1983) consideram que essa mudança de perspectiva conduziu a uma nova extensão da noção de fixação. Mais do que fases do desenvolvimento da libido, a fixação engloba também a estrutura da atividade característica de cada etapa, que inclui não somente a atividade sexual e a escolha de objeto, mas também o modo como o sujeito concebe suas experiências.

Convém sublinhar que foi mediante este proceder que Freud pôde ampliar a teoria da sexualidade humana em relação às doutrinas clássicas. Com a concepção evolutiva da sexualidade humana foi possível aproximar a sexualidade infantil da sexualidade perversa, introduzindo a hipótese sobre a fixação e regressão da libido, sem mencionar o pressuposto de um estágio fálico no desenvolvimento da libido, assim como o reconhecimento no adulto de um funcionamento sexual caracterizado por modos orais e anais de satisfação. O que desvela uma concepção de evolução derivativa, na qual a genitalidade não aparece vinculada estritamente à reprodução. Ocorre, entretanto, que a concepção de uma sexualidade endógena converte a dimensão fantasística – uma das mais significativas descontinuidades do pensamento freudiano – numa "expressão secundária" desta realidade, tal como advertem Laplanche e Pontalis (1988, p. 40-41).

Dentro da concepção de sexualidade depreende-se outra representação de temporalidade, a saber, a instauração bifásica da sexualidade interposta pelo período de latência. Essa concepção já estava presente nos anos anteriores ao abandono da teoria da sedução para explicar a etiologia da histeria a propósito do caso Emma, no *Projeto* (1895). A ressignificação *a posteriori* de um evento incompreendido e excluído no interior do sujeito que, separado de um segundo tempo por uma série temporal, é retomado na elaboração desse segundo tempo. Entretanto, é transposta em um tempo pré-histórico, sugerindo uma fixação que plasmaria seus efeitos na história ontogenética do sujeito, seja na predisposição à neurose, seja nas conquistas sociais e culturais da humanidade. É precisamente dessa adesão de Freud a teorias que enfatizam a filogênese em detrimento do desenvolvimento ontogenético que se deduz uma segunda linha de força relativa à dimensão biológica do conceito de pulsão, a saber, as variantes evolucionistas filogenéticas. Tais variantes dizem respeito às teorizações de Freud nas quais, baseando-se em determinadas teorias da biologia, nesse caso, na lei bioenergética de Haeckel, segundo a qual a filogênese determina a ontogênese, postula-se o vínculo entre pulsão e filogênese. Tais teorizações atribuem à pulsão uma realidade endógena e hereditária, e desembocam na especulação acerca de uma temporalidade pré-histórica, mítica, ou seja, em teorizações sobre a origem das instituições e das neuroses em que a filogênese aparece como cenário.

Em *Totem e tabu* (Freud, 1913) Freud recorre a Darwin ao discorrer sobre a horda primitiva. Darwin intuía que a humanidade primitiva se agrupava em pequenas hordas compostas de um macho poderoso e várias mulheres, para demonstrar que as instituições humanas, incluindo as religiosas, derivam de instituições primitivas.

As especulações sobre a origem das instituições humanas e a relação de correspondência entre as neuroses e a filogênese da espécie, não devem ser entendidas como uma adesão cabal às hipóteses de Darwin. Delouya (1992) adverte que foi na hipótese de Spencer, segundo a qual existe um resumo na mente do indivíduo dos estágios da história da humanidade, que Freud se baseou. Partindo dessa hipótese, Freud desenvolveu uma teorização peculiar baseada na transmissão filogenética das lembranças.

A introdução do conceito de fantasias primordiais em *Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença* (1915) reflete esse estado de coisas. Definidas como estruturas que modelam e dão historicidade ao complexo de Édipo, apresentam sua origem numa realidade definida como pré-histórica, que busca enquadrar as singularidades pessoais. São as fantasias de sedução, de castração, de observação da cena primária (coito parental), de retorno à vida intrauterina. A novela familiar pode ser considerada como outra das fantasias primordiais.

O interesse de Freud pelas origens, presente na relação entre ontogênese e filogênese, reflete sua inquietude naquilo que da ciência se aproxima ao mito. De todo modo, o reconhecimento da tênue fronteira existente entre mito e ciência o conduz a se distanciar quando havia “alguma dúvida interna acerca de que estava penetrando demasiado em território alheio”, segundo as palavras de Jones (1997, p. 332). Freud lida com prudência em relação às hipóteses da biologia, não sem reconhecer o caráter de mito científico de suas hipóteses. Dentro dessa mesma ordem de considerações, na 23^a das *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, intitulada *Os caminhos da formação dos sintomas* (Freud, 1916-1917), postula o recurso às fantasias primordiais, quando o vivenciar aparece como rudimentar.

O evolucionismo de Freud esboçado na variante evolucionista-filogenética trata das relações entre o homem e a cultura com todos os matizes com que se supõe pensar

sobre a passagem do natural ao humano. Freud não se atém a uma ideia positivista de progresso, mas à noção de uma seleção das teorias do mundo testadas pela seleção natural. Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (Freud, 1911) a adesão às hipóteses evolucionistas efetua-se a partir de outra perspectiva. O estabelecimento de uma psicologia genética (Freud, 1911) demonstra o reflexo da influência que a Escola de Zurique exerceu sobre o pensamento freudiano, em particular Jung. Trata da origem da sexualidade humana e dos seus avatares na adaptação do indivíduo à realidade, a partir da paulatina diferenciação das duas classes de pulsões que compõem o primeiro dualismo pulsional, as pulsões sexuais e as pulsões do eu, incorporadas às pulsões de auto conservação, dualismo exposto inicialmente em *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (Freud, 1910).

Nesse esquema, as pulsões do eu se desenvolvem a partir das pulsões sexuais, estas últimas reguladas pelo princípio de prazer. Esse processo é correlato ao estabelecimento do princípio de realidade como princípio regulador do aparelho psíquico, o que desvela a correlação entre o primeiro dualismo pulsional e os dois princípios do funcionamento psíquico. Depreende-se dessa singular teorização no seio propriamente dito da psicanálise, uma terceira linha de força vinculada com a teoria da evolução, as variantes evolucionistas-ontogénicas-constitutivas do conceito de pulsão.

As variantes evolucionistas ontogénicas referem-se ao modo de pensar a origem e a evolução do aparelho psíquico nos termos de adaptação do organismo-sujeito à realidade e em relação de conflito com a sexualidade. A gênese e a evolução das pulsões sexuais e das pulsões do eu estão inseridas numa concepção de progresso constitutiva e situada dentro de um esquema único em que a adaptação aparece como finalidade. Apresentam uma concepção de realidade endógena e de temporalidade linear e cronológica.

Caberia interrogar nesse ponto sobre uma possível equivalência entre as variantes evolucionistas onto e filogenéticas. Por certo, ambas variantes estão incluídas numa concepção de realidade endógena e biológica, assim como de temporalidade linear e cronológica. Por um lado, a ênfase dada à noção de progresso no sentido de aperfeiçoamento de unidades mais simples (as pulsões sexuais) em direção às unidades mais complexas (as pulsões do eu), apresenta similitude com a concepção sobre a

gênese e a evolução da sexualidade humana esboçada na primeira edição dos *Três ensaios* (1905). Por outro lado, a equivalência entre as duas variantes se mantém ao cotejarmos as modificações efetuadas por Freud na versão de 1915 dos *Três ensaios* (1905). Nessa versão, Freud atribui um estatuto de organização à sexualidade infantil (do mesmo modo que, antes, havia outorgado à sexualidade adulta), em lugar de um conjunto relativamente caótico e disperso de pulsões, o que se aproximaria do fundamental que se deduz de *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911), a saber, que tanto o modo de funcionamento das pulsões sexuais como o da pulsão do eu são considerados organizações com leis de funcionamento distintas entre si. Nesse sentido, ambas as variantes apontam para uma concepção globalista.

Contudo, a introdução de outro termo na equação não somente no mesmo nível hierárquico que ocupa a sexualidade dentro de uma reflexão propriamente psicanalítica, mas também em oposição a ela, a saber, a adaptação, desemboca num ofuscamento da noção de sexualidade, ou seja, a adaptação viria a substituir a sexualidade, quando a sexualidade na psicanálise é insubstituível.

Por certo, a tela de fundo da teorização presente nesses anos é a concepção profana da sexualidade que viria contaminar os interesses do eu. Auge do primeiro dualismo pulsional, mas também seu ocaso; porque cada descobrimento da teoria da libido, que deveria validá-lo heurísticamente, colocava-o em questão. A introdução do conceito de narcisismo revelará que o eu está impregnado de sexualidade em todos os momentos de sua constituição e desenvolvimento, o que levaria a questionar o valor heurístico de uma pulsão do eu e de uma pulsão de autoconservação.

Em *Além do princípio de prazer* (1920), o discurso biológico adquire uma singular especificidade em relação às teorizações anteriores nas quais Freud recorre à biologia. Caracterizado pela especulação sobre a gênese da vida, sobre a relação de oposição entre soma e germe, e sobre a evolução dos seres vivos, o discurso biológico apresenta como pano de fundo a reformulação da teoria das pulsões. Primeiramente concebida como fator que se esforça no sentido da mudança e do desenvolvimento, a pulsão passa a ser entendida como *expressão da natureza conservadora da substância viva* (1920).

É a partir dessas especulações que se depreende uma linha de força que, mesmo esboçada na primeira edição dos *Três ensaios* (1905), revela-se em *Além do princípio de prazer* (1920) com toda a sua amplitude e complexidade, a saber, as variantes evolucionistas filogenéticas.

No caso de *Além do princípio de prazer* (1920), delinea o vínculo entre pulsão e filogênese, especialmente na introdução do dualismo entre pulsões de vida e pulsão de morte, com hipóteses tomadas da biologia, de modo a oferecer certa relação de equivalência entre as leis que regulam a matéria orgânica e as leis que regulam o aparelho psíquico. Referindo-se à falta da proteção contra estímulos das excitações que provêm do interior do corpo e que podem chegar a perturbações similares às das neuroses traumáticas, Freud introduz o conceito de pulsão como as fontes mais eficazes que emanam do interior do corpo e se transferem ao aparato psíquico, “desde logo o elemento mais importante e obscuro da pesquisa psicológica” (Freud, 1920). Obscuridade que, além de ser motivo de um singular e complexo desenvolvimento, é incrementada pela definição de pulsão propriamente dita que Freud oferece neste tão emblemático texto. Indagando-se sobre a relação entre o pulsional e a compulsão à repetição, Freud define a pulsão como uma *Drang* inerente ao organismo, que tende a restaurar um estado de coisas precedente (Freud, 1920, *ESB*, p.47).

Para postular este condicionamento histórico das pulsões, Freud recorre a determinados fenômenos da vida animal, tais como a migração dos peixes e das aves ao seu ambiente de origem. Segundo Jones (1997), este é o único caso em que Freud recorre às formas de conduta instintiva no campo das ciências naturais. Outro recurso utilizado por Freud para justificar o condicionamento histórico das pulsões são os fenômenos da hereditariedade delineados no lamarckismo de Darwin e a lei bioenergética de Haeckel, segundo a qual a filogênese determina a ontogênese. Freud assinala que o germe de um animal vivo, em lugar de lograr pelo caminho mais curto a sua forma final, está obrigado a repetir (recapitular filogeneticamente) as estruturas de todas as formas das quais se originou e se desenvolveu. Nesse sentido, as características originárias do passado, incluindo-se as modificações posteriores produzidas pelo encontro do organismo com o ambiente, são transmitidas hereditariamente (Freud, 1920).

O biológico atravessa, assim, a essência propriamente dita da pulsão não como metáfora ou analogia, mas como seu suposto fundamento. O poder conservador da vida se revela na repetição filogenética do adquirido e do constitutivo; recapitulação na qual está implícito o movimento mediante o qual se logra alcançar a finalidade da evolução dos organismos. Freud assinala que, desde o princípio da evolução dos organismos, as pulsões orgânicas conservadoras aceitam e preservam para ulterior repetição as modificações impostas às mesmas, armazenando-as como marcas que cada vez mais se distanciam da finalidade última da evolução dos organismos. Daí a aparente impressão de que as pulsões trabalham no sentido da mudança e do progresso. Mediante vias longas ou curtas, a regressão, forma exterior de repetição, terminará por conduzir o organismo a um fim inscrito em um tempo anterior a sua constituição, a saber, ao estado inorgânico. É assim que se esboça o conceito de pulsão de morte. Freud assinala que, se todo vivo morre por razões internas, *o objetivo de toda vida é a morte, as coisas inanimadas existiram antes das vivas* (Freud, 1920, *ESB*, p. 49).

É dentro dessa ordem de considerações, nas quais a reflexão freudiana aparece totalmente do lado de uma especulação biológica, que Freud postula a origem da primeira pulsão, a de regressar ao inanimado. Como primeiro estado de tensão proveniente da passagem do estado inanimado ao animado, essa primeira pulsão surgiria como tentativa de nivelar o excesso de energia. Contudo, não explicita se a pulsão aparece como resultado do processo ou se é equivalente ao estado de tensão.

O que se depreende do assinalado anteriormente não é somente a ausência de qualquer referência ao objeto da pulsão – objeto que, desde os *Três ensaios* (1905), aparece como contingente – mas a ausência de bases metapsicológicas, já que não é possível classificar esse conceito segundo os seus termos, a saber: fonte, objeto, alvo e força. Esboça-se também uma reflexão sobre a origem da pulsão que não encontra referência nem no processo regressivo, nem na dimensão fantasística como fonte da pulsão. Cabe assinalar também a advertência de Jones (1997) de que o objetivo da pulsão de regressar ao estado anterior tampouco encontra apoio na biologia. O resultado é a transformação da pulsão em um conceito abstrato.

Para especular sobre a natureza das pulsões, Freud recorre à teoria morfológica de Weismann sobre a duração da vida e da morte dos organismos, segundo a qual a

substância viva se constitui de uma parte imortal, o plasma germinal, e uma parte mortal, que é o corpo ou o soma. O plasma germinal favoreceria a copulação entre as células germinativas, dando origem a um novo soma, a um novo indivíduo. Weismann também sustenta a hipótese sobre a imortalidade dos organismos unicelulares, tema muito polêmico na passagem do século XIX ao século XX. Por sua vez, os organismos multicelulares, que produzem a diferenciação entre soma e germe, determinam a duração limitada da vida. O experimento de Woodruff, um biólogo americano, viria a confirmar esta hipótese de Weismann, com a condição de colocar, em cada geração de animálculos, um fluido nutriente novo. Maupas e Calkins, ao contrário, demonstraram a nível experimental a mortalidade dos protozoários. Contudo, a diferença de Woodruff, esses pesquisadores não colocavam fluido novo no animáculo e nos seus descendentes. O que levou Woodruff a concluir que é o próprio produto do metabolismo dos protozoários que os conduzia à morte (Freud, 1920).

Tais especulações revelam certo paradoxo, visto que a psicanálise não se edifica como teoria sobre a origem da vida, mas como teoria sobre o inconsciente psíquico. Dentro dessa mesma ordem de considerações, situando em um mesmo nível a origem da vida e a origem das pulsões, Freud reescreve suas hipóteses referentes às características da pulsão e altera as categorias fundamentais que sustentam a hipótese sobre a sexualidade inconsciente, em detrimento de categorias que pertencem ao campo da biologia. Se todos os organismos buscam assegurar o caminho até a morte, Freud estabelece uma relação de equivalência entre pulsões sexuais e células germinais que, ao se fundirem entre si, *trabalham contra a morte da substância viva* (Freud, 1920). A união das células germinativas supõe uma fixação de objeto que parece adequar-se mais ao campo da necessidade do que da pulsão. Nesse sentido, a dimensão pulsional ficaria subsumida ao campo da necessidade, quando é a partir da psicanálise que se tem entendido que a sexualidade não se reduz à função sexual. Tendo, então, se convencido de que todas as pulsões buscam, mediante a compulsão à repetição, restabelecer o estado anterior, no caso da pulsão de morte, esse estado anterior corresponde ao retorno à matéria inanimada. Freud então interroga qual é a natureza desse retorno ao estado originário no que se refere às pulsões de vida. Vimos que Freud recorre ao mito do andrógino, de Platão, para postular como característica da pulsão a necessidade de restabelecer um estado anterior ou seu caráter regressivo. Tal como adverte Laplanche

(1993), a ideia que se depreende é a de uma sexualidade pré-formada, e de uma busca, da parte do sujeito, por alcançar o que desde o princípio já estava presente; concepção muito diferente da natureza transformadora das pulsões assinalada antes dessa mudança radical de perspectiva, ocorrida a partir de 1920.

Uma reflexão mais detida sobre o estatuto do conceito de sexualidade nesses anos remete, pelo menos, a dois aspectos. Por um lado, com as mudanças ocorridas a partir da introdução propriamente psicanalítica do conceito de narcisismo, a sexualidade não será mais concebida como alheia aos desígnios do eu, mas como um princípio necessário para a sua constituição e desenvolvimento. Dito em outros termos, com a concepção de um eu investido de libido, a sexualidade não será mais assimilada ao corpo estranho que atenta contra o bem-estar do eu. Por outro lado, a introdução do conceito de pulsões de vida, universal, que busca restaurar a unidade perdida, modifica substancialmente a natureza da sexualidade no pensamento de Freud: a noção de sexualidade é ampliada ao ultrapassar o amor sexual, o que conduz a uma concepção humanizada de sexualidade. Essa nova concepção revela um deslizamento semântico entre pulsões sexuais e pulsões de vida ou Eros. Deslizamento que levará Freud a nomear como função sexual as pulsões sexuais, que por sua vez, não devem ser confundidas com Eros, dado que se trata do meio no qual é possível aceder a ele.

No que se refere à categoria de temporalidade, *Além do princípio de prazer* (1920) revela os meandros de uma reflexão baseada na crítica que Freud tece a respeito da tese de Kant, segundo a qual tempo e espaço são formas necessárias de pensamento⁴². O que se deduz dessas considerações não é uma recusa da temporalidade linear e cronológica, mas a ênfase na atemporalidade dos processos psíquicos inconscientes, que não se ordenam cronologicamente, são inalteráveis com o passar do tempo e dotados de uma temporalidade própria que se expressa na repetição.

Entretanto, muito embora Freud, em *Além do princípio de prazer* (Freud, 1920), destaque a atemporalidade dos processos inconscientes, é possível detectar inúmeras contradições e um modo de abordar determinados enunciados que vão alterando sucessivamente as teorizações anteriores. Como assinala Bercheret (1996), cada

⁴² KANT Op.Cit FREUD, 1920, p. 39.

proposição considerada isoladamente pode parecer em si justificável, mas quando essas proposições se encontram juntas, não somente se excluem entre si, como chegam inclusive a excluir a representação do objeto de partida. O recurso a teorias biológicas, que pareciam a Freud de caráter científico, tais como as de Weismann, Woodruff e Hering, com a finalidade de dar fundamento orgânico à sua teoria das pulsões, não sem deparar-se com a filosofia de Schopenhauer e importar modelos míticos (mito do andrógino, de Platão) para especular sobre a origem das pulsões de vida, insere-se nessa ordem de considerações.

Assim, Freud recorre a determinadas teorias da ciência natural a fim de dar fundamento orgânico às pulsões de vida e à pulsão de morte. Ocorre, entretanto que, como a concepção mecanicista, em particular, a físico-fisiologista da pulsão, explica apenas parcialmente este desenvolvimento teórico, Freud introduz a dimensão da história (Freud, 1920). O registro biológico se converte, em *Além do princípio de prazer* (1920), em um registro único para Freud, irreduzível ao campo físico-químico e caracterizado pela dimensão da história. E nada mais útil do que recorrer ao darwinismo, pois nele se conjugam história e biologia. Freud termina por criar uma dimensão teórica própria. De modo que a teoria das pulsões, integrando uma especificidade subjetiva, converte o conflito psíquico em um jogo de forças abismais que se entregam a um combate mítico, eterno e encarniçado.

2.5. O recalque orgânico

O homem é um ser pulsional e diferente das outras espécies animais dotadas de instinto. Tal consideração é de suma importância para a pesquisa psicanalítica, na medida em que a pulsão torna a sexualidade humana radicalmente diferenciada da atividade sexual das outras espécies.

As considerações freudianas sobre o recalque orgânico estabelecem as bases para a compreensão do homem como um ser pulsional, e não instintual. Em 1930, ao longo do *Mal estar na civilização*, nas extensas notas de rodapé, Freud discorre sobre o

assunto considerando-o “sua conjectura mais profunda” (1930, p. 109). Coutinho Jorge (2009, p.104) destaca a reflexão freudiana sobre a passagem do instinto à pulsão, como um aspecto exclusivo da espécie humana, cujo contexto origina a civilização e abarca os componentes criativos e destrutivos que a compõe.

Em 1927, em *O futuro de uma ilusão*, Freud escreve a propósito da civilização:

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais – e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização –, apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível (FREUD, 1927, *ESB*, v.21, p.16; *AE*, v.21, p.5-6).

Em 1930, encontramos a seguinte passagem: “a civilização é construída sobre uma renúncia” (p. 118), o que nos leva a pensar a que influências o desenvolvimento da civilização deve sua origem, como ela surgiu e o que determina o seu curso.

Em 14 de novembro de 1897, Freud escreve a Fliess “por ter dado à luz um novo conhecimento” (Masson, 1986, p.280). “Não totalmente novo, para dizer a verdade já havia aparecido e tornado a ser retrair repetidamente” (Idem) – completa Freud. Na carta Freud assinala que “algo de orgânico desempenha um papel no recalque” (Idem), atribuindo tal noção à perda de sensações olfativas, decorrentes da adoção da postura ereta pelo homem. Freud assinala a seu interlocutor que a adoção do andar ereto transformou sensações outrora interessantes em sensações repulsivas.

O advento da verticalidade promove a bipedia e abre a mais radical de todas as portas no processo de hominização. Tem-se notícia de que há sete milhões de anos evoluiu a primeira espécie humana. Coutinho Jorge (2008, p.162) assinala que “o advento do *Homo Erectus* representou uma grande reviravolta na pré-história humana”.

Bípede, o *Homo Erectus* usa o fogo, caça de forma intensa, corre, fabrica instrumentos de pedra e migra para outras fronteiras. A posição vertical libera as mãos para outros fins, cuja função anterior estava atrelada à locomoção. O *Homo Erectus* enxerga além de seus limites outrora definidos.

A bipedia é o patamar que antecede a faculdade reflexiva do homem e representa a fase decisiva no processo de hominização. Coutinho Jorge (Ibidem, p. 163) destaca que “a capacidade de reflexão está intimamente associada à ocorrência da linguagem humana”, e marca a descontinuidade inerente à evolução da matéria viva. Mas, o que resulta da bipedia para a sexualidade humana? Com a psicanálise, Freud responde precisamente nos *Três Ensaios* (1905), que a sexualidade humana não se reduz à reprodução. A verticalidade diminui a prevalência do olfato nas trocas sexuais. A importância de antigos odores derivados do estro da fêmea, os quais excitavam o macho, dá lugar a estímulos visuais. Tais estímulos são permanentes e não mais cíclicos como os olfativos. Coutinho Jorge (Ibidem, p. 167) defende que os estímulos visuais acarretam “uma profunda modificação na sexualidade humana, diferenciando-a radicalmente da atividade sexual animal”. Fundamentalmente a bipedia altera a imagem corporal. É o que diz Coutinho Jorge:

As consequências da bipedia sobre a sexualidade foram inúmeras, quando se pensa nos efeitos que o deslocamento da importância dos estímulos olfativos para os visuais parece ter produzido sobre sua própria evolução da anatomia humana e da imagem corporal” (COUTINHO JORGE, 2008, p.167).

Estímulos visuais adquirem um valor outrora inexistente. Os lábios, os seios, a musculatura e a pele, ou seja, o corpo passa a ser fonte de estimulação visual. São elementos que Freud usa para edificar sua teoria da sexualidade humana.

A adoção da postura ereta definitiva produziu um recalque (orgânico) da sexualidade. Inúmeras foram as transformações decorrentes do distanciamento do órgão olfativo dos órgãos sexuais. O olfato perde sua ação prevalente e mediadora das trocas sexuais. Nos mamíferos, a fêmea no cio exala um odor que atrai o macho para a cópula

e, conseqüentemente, à reprodução. Assim, supõe Freud, dado o afastamento do órgão olfativo dos órgãos sexuais, e devido o longo processo de evolução, o olfato perde a primazia nas trocas sexuais, cedendo lugar para a visão. Coutinho Jorge (2004, p. 106) defende a hipótese de que “na passagem do predomínio do olfato ao predomínio da visão, deu-se a passagem do instintual para o pulsional”. Isso significa a mudança da periodicidade instintual para a constância pulsional, conforme nos respalda Freud a partir de 1905. Em 1930, Freud assinala a propósito do recalque orgânico:

A periodicidade orgânica do processo sexual persistiu, é verdade, mas seu efeito sobre a excitação sexual psíquica foi invertido. Parece mais provável que essa modificação se tenha vinculado à diminuição dos estímulos olfativos, através dos quais o processo menstrual produzia um efeito sobre a psique masculina. Seu papel foi assumido pelas excitações visuais, que, em contraste com os estímulos olfativos intermitentes, conseguiram manter um efeito permanente. O tabu da menstruação deriva-se desse ‘recalque orgânico’, como defesa contra uma fase que foi superada.

[...] A própria diminuição dos estímulos olfativos parece ser consequência de o homem ter-se erguido do chão, de sua adoção de uma postura ereta; isso tornou seus órgãos genitais, anteriormente ocultos, visíveis e necessitados de proteção, provocando desse modo sentimentos de vergonha nele. (FREUD, 1930, *ESB*, v 21, nota 1, p.119; *AE*, v.21, nota 1, p.97).

Ereto, todo o corpo pulsional é transformado em corpo erógeno. As bordas orificiais do corpo são privilegiadamente as mediadoras das trocas entre o sujeito e o Outro. “Tudo se passou como se, após a perda do olfato, todos os orifícios corporais tivessem sido acionados na produção da excitação sexual e o corpo, outrora regido pelo sentido unívoco do olfato, tivesse passado a explorar a complexa pluralidade que lhe é inerente” (Coutinho Jorge, 2004, p.106).

No texto *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (1912), Freud novamente aborda a perda do olfato como elemento originalmente sexual. Para o criador da psicanálise, o recalque orgânico mantém ativa sua determinação na sexualidade. No texto de 1912, Freud ainda estabelece uma ligação entre o sexual e o

excrementício, afinal, a posição dos órgãos sexuais – “*inter urinas et faeces*” – permanece imutável (Idem). As pulsões coprofílicas sofrem vicissitudes em razão da incompatibilidade com os padrões estéticos civilizados, os quais são derivações da adoção da postura ereta, onde “erguemos do chão nosso órgão do olfato” (Freud, 1912, p.172).

Os processos fundamentais que produzem excitação erótica permanecem inalterados. O excrementício está todo, muito íntima e inseparavelmente, ligado ao sexual; a posição dos órgãos genitais – *inter urinas et faeces* – permanece sendo o fator decisivo e imutável. Poder-se-ia dizer neste ponto, modificando o dito muito conhecido do grande Napoleão: ‘a anatomia é o destino’ (FREUD, 1912, *ESB*, v.11, p.172; *AE*, v.1, p.182-183).

Reportando-nos novamente a 1930, observamos Freud reunir considerações e lançar reflexões acerca do que é instinto e o que é pulsão. A adoção da verticalidade postural e a excitação sexual contínua convoca o objeto sexual de forma constante, não mais cíclica. Tal elemento está na base da constituição da família humana que, junto com o trabalho e o amor origina a civilização. Nos termos do próprio Freud, lê-se:

O processo fatídico da civilização ter-se-ia assim estabelecido com a adoção pelo homem de uma postura ereta. A partir desse ponto, a cadeia de acontecimentos teria prosseguido, passando pela desvalorização dos estímulos olfativos e o isolamento do período menstrual até a época em que os estímulos visuais se tornaram predominantes e os órgãos genitais ficaram visíveis, e, daí, para a continuidade da excitação sexual, a fundação da família e, assim, para o limiar da civilização humana (FREUD, 1930, *ESB*, v. 21, nota 1, p.119; *AE*, v.21, nota 1, p.97).

A bipedia, portanto, está na base do processo de hominização e tem crucial importância na formação da imagem corporal, conforme assinala Coutinho Jorge (2004, p.110), na medida em que o desenvolvimento dos órgãos e o incremento dos estímulos visuais geraram consequências sobre a imagem do corpo. Tema que nos conduz às

considerações lacanianas sobre o estágio do espelho, à imagem corporal, ao ponto de partida do eu. “Se a postura ereta está no ponto de partida do eu, o recalque pulsional produzido pelo eu é como seu homólogo orgânico” – defende Coutinho Jorge (Idem), ponto de vista com o qual concordamos.

2.6. Sobre o narcisismo: algumas considerações

Sobre o narcisismo: uma introdução (1914) é um dos mais importantes textos escritos por Freud e compõe um dos pilares teóricos para o entendimento do conceito de pulsão. O texto define o lugar do narcisismo no desenvolvimento sexual, na medida em que aprofunda o conhecimento das relações entre o eu e o objeto. O texto representa o momento de substituição do dualismo pulsional inicial, na medida em que Freud passa a distinguir a libido do eu da libido do objeto. As elaborações teóricas em torno do assunto marcam a oposição em relação ao objeto de investimento. A libido do eu designa a libido investida no eu e a libido objetual designa os investimentos sobre objetos externos. Assim, autoconservação representa o amor a si mesmo, eliminando o dualismo entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu. A partir de agora, a pulsão é tomada como sexual. Em 1920 Freud introduz um segundo dualismo pulsional – pulsão de vida e pulsão de morte – mantendo-se dualista até o fim da vida. Nesse novo dualismo, as pulsões de vida abarcam as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, enquanto a pulsão de morte representa a tendência de retorno ao estado inorgânico.

No bastidor teórico, a escrita do texto intenciona demonstrar o quanto o conceito de narcisismo oferece uma resposta à querela orquestrada por Jung, que defende a existência de uma libido não sexualizada, e por Adler, com seu protesto masculino.

Logo na primeira página Freud reserva para o narcisismo “um lugar no curso regular do desenvolvimento sexual humano” (Freud, 1914, *ESB*, p.89). O criador da psicanálise não situa o narcisismo como uma perversão, “mas como o complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autoconservação” (Ibidem, p. 90). Mas, o que vem a ser esse auto-erotismo primordial que Freud supõe existir? Trata-se de uma libido que

constitui os objetos de interesse, mas que, tal qual pseudópodes, se prolonga, se reparte. Tais investimentos libidinais dão o passo do progresso pulsional e das elaborações do sujeito em torno do mundo. Tal concepção é bipolar, na medida em que, de um lado temos o sujeito libidinal e, do outro, o mundo. Até esse momento da elaboração teórica Freud deixa de fora tudo aquilo relacionado a outro registro, que não o registro do desejo do sujeito.

Em *O seminário, livro 1* (1953-1954), Lacan refere que tal concepção falha, uma vez que, ao generalizar tanto a libido, ela é neutralizada – coisa que Freud não queria. A esse respeito, Lacan assinala:

A libido ganha seu sentido, ao contrário, por se distinguir das relações reais realizantes, de todas as funções que nada tem a ver com a função do desejo, de tudo que toca as relações do eu e do mundo exterior. Ela nada tem a ver com outros registros instintivos que não o registro sexual, com o que toca, por exemplo, o domínio da nutrição, da assimilação, da fome, na medida em que serve à conservação do indivíduo. Se a libido não é isolada do conjunto das funções de conservação do indivíduo, perde todo o sentido (LACAN, 1953-1954, p.135).

Da tentativa de compreender o que acontece com a libido nas parafrenias – demência precoce e esquizofrenia -, Freud se depara com uma questão: “que acontece à libido que foi afastada dos objetos externos na esquizofrenia?” (Freud, 1914, *ESB*, p.91). O desenrolar da pesquisa freudiana o conduz à conceituação do narcisismo como um processo secundário. Torna-se necessário saber se a libido não vai além daquilo que foi estabelecido como núcleo central no registro sexual. Será a megalomania característica dos estados esquizofrênicos que apontará o caminho. Freud afirma que essa megalomania “surge às expensas da libido objetal” (Ibidem, p. 91). Afastada do mundo externo e dirigida para o eu, a libido assim estabelecida chancela o narcisismo. “Mas a própria megalomania não constitui uma criação nova”, assinala Freud (Ibidem). A megalomania é uma manifestação de uma condição existente previamente, conclui o autor, e o possibilita afirmar o narcisismo como um processo secundário, superposto ao narcisismo primário – esse obscurecido por processos primários.

A partir disso, e dada à necessidade de estabelecer bases conceituais distintas das proposições junguianas relativas à neutralidade da libido, Freud marcha firme para a distinção entre libido do eu e libido do objeto. Em *O Seminário, Livro I*, Lacan (1953-1954, p.136) assinala a questão da equivalência entre a libido do eu e libido do objeto, apesar da distinção estabelecida por Freud: “Como podem esses dois termos serem rigorosamente distinguidos se se conserva a noção da sua equivalência energética, que permite dizer que é na medida em que a libido é desinvestida do objeto que ela volta a se reportar no eu?”. Para o analista francês, essa é a questão que possibilita Freud afirmar o narcisismo como um processo secundário. O eu tem de se desenvolver e a esse respeito Lacan assinala que “uma unidade comparável ao eu não existe na origem, resta reconhecer que, lá no início, o que há são pulsões auto-eróticas” (Idem). O eu se constitui num determinado momento de sua história, momento esse fundado na relação imaginária.

No texto de 1914, Freud deixa clara a intenção de justificar o conceito de narcisismo, de modo que o recurso à esquizofrenia cumpre a função de lançar luzes sobre o investimento libidinal na psicose, e assim esclarecer a libido do eu e a libido do objeto.

Freud faz um paralelo entre os povos primitivos e as crianças, e com o que ocorre na megalomania, destacando a onipotência de pensamentos, a função taumátúrgica das palavras e a forma mágica de lidar com o mundo externo. Lacan (1954, p. 138) afirma que “o de que se trata, para Freud, é de apreender a diferença de estrutura que existe entre a retração da realidade que constatamos nas neuroses e a que constatamos nas psicoses”.

A esse respeito Freud escreve:

Assim, formamos a ideia de que há uma catexia libidinal original do eu, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz (FREUD, 1914, *ESB*, v.14, p.91-92; *AE*, v.14, p.73).

Freud registra que esse aspecto da libido era fator desconhecido em suas pesquisas iniciais com neuróticos, razão da importância desse estudo para o estudo da pulsão. Na primeira parte do texto, Freud estabelece pela primeira vez a distinção entre libido do eu e libido do objeto.

[...] no tocante à diferenciação das energias psíquicas, somos levados à conclusão de que, para começar, durante o estado de narcisismo, elas existem em conjunto, sendo nossa análise demasiadamente tosca para estabelecer uma distinção entre elas. Somente quando há catexia objetal é que é possível discriminar uma energia sexual – a libido – de uma energia das pulsões do eu (FREUD, 1914, *ESB*, v.14, p. 92; *AE*, v.14, p.74).

A citação freudiana fundamenta o narcisismo como sendo um processo secundário a um estado primevo.

No prosseguimento do texto, Freud se questiona se há uma relação entre o narcisismo e o estado libidinal inicial, denominado de auto-erotismo. Com relação a essa questão, escreve:

[...] uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o eu tem de ser desenvolvido. As pulsões auto eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (FREUD, 1914, *ESB*, v.14, p.93; *AE*, v.14, p.74).

Freud é acometido por um segundo questionamento: por que distinguir uma libido sexual de uma libido não sexual? Então deriva os conceitos de libido do eu e libido do objeto do estudo aprofundado da neurose (histeria e neurose obsessiva) e da psicose. Mais uma vez a clínica é o solo firme onde Freud assenta seus postulados teóricos. “A diferenciação da libido numa espécie que é adequada ao eu e numa outra que está ligada a objetos, é o corolário inevitável de uma hipótese original que

estabelecia distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu” – escreve Freud (Ibidem, *ESB*, p.94).

Ainda na primeira parte do texto de 1914, Freud ratifica a hipótese de que, desde o princípio, o que há é a pulsão em seu estado inorgânico puro, bruto, imortal. Freud, movido por um espírito investigativo único, afirma que na ausência de dados teóricos relativos à pulsão, cabe-lhe dar novos passos no sentido de uma hipótese que possibilite uma conclusão lógica – “até que ela se desintegre ou seja confirmada” (Ibidem, p. 94). Então explicita três pontos a favor da dualidade constituída desde o início entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais. Primeiro, afirma que tal separação corresponde à distinção popular estabelecida entre fome e amor. Segundo, aponta razões biológicas a favor da dualidade pulsional, declarando a existência dúplice do sujeito, destacando a via voluntária no atendimento das próprias finalidades, e a outra, “como um elo numa corrente” (Idem), involuntária.

O indivíduo considera a sexualidade como um dos seus próprios fins, ao passo que, do outro ponto de vista, ele é um apêndice de seu germoplasma, a cuja disposição põe suas energias em troca de uma restituição de prazer. Ele é o veículo mortal de uma substância (possivelmente) imortal – como o herdeiro de uma propriedade inalienável, que é o único dono temporário de um patrimônio que lhe sobrevive (FREUD, 1914, *ESB*, v.14, p.94-95; *AE*, v.14, p.76).

A dualidade pulsional reflete aquilo que Freud indica como função dúplice do sujeito. A citação também deixa claro que o que há de imortal no homem, o que é conservado, o que é veiculado, que não tem fim, é a pulsão. Desse modo, é a pulsão que confere humanidade ao sujeito. A esse respeito, Lacan sublinha que “um indivíduo não é nada perto da substância imortal escondida no seu seio”⁴³. Segundo o analista francês, tal substância imortal é o que se perpetua e o que representa o que existe enquanto vida. O homem é, assim, o suporte filogenético dessa substância imortal.

⁴³ Cf. LACAN (1953-54), *O seminário, livro 1*, p. 143.

O terceiro ponto abordado por Freud relativo à distinção das pulsões do eu das pulsões sexuais, é o biológico. A então leitura biológica das substâncias químicas como responsáveis pelas operações sexuais é substituída pela ação de uma força psíquica especial. Ou seja, Freud define a função da pulsão no desenvolvimento e atuação sexual do ser humano.

Na segunda parte de *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), Freud assinala que é o estudo das parafrenias o melhor acesso para a compreensão do narcisismo, muito embora não seja esse o ponto primordial no qual se deterá. As linhas iniciais dessa segunda parte tratam da repartição da libido quando o sujeito é acometido por afecções orgânicas. Em suas palavras, “o enfermo retira suas catexias libidinais de volta para seu próprio eu, e as põe para fora novamente quando se recupera” (Freud, 1914, p.98). Na fase de desinvestimento libidinal dos objetos, a libido e o interesse do eu têm o mesmo destino, sendo impossível a sua distinção.

Freud observa que o adoecimento e a formação dos sintomas na neurose está vinculado ao represamento da libido objetal. O que não inviabiliza o represamento da libido do eu nos estados de adoecimento. Lacan (1953-54, p. 154) faz uma referência a essa passagem do texto freudiano, assinalando que “é quase indiferente que uma elaboração da libido se produza sobre objetos reais ou imaginários”. A diferença irá aparecer posteriormente como decorrência do represamento libidinal. Freud indaga por que tal represamento é experimentado como desagradável (Freud, 1914, *ESB*, p.101). A barragem da libido se assemelha à construção de um dique, que gera uma elevação da carga libidinal necessariamente. “O desprazer é sempre uma expressão de um grau mais elevado de tensão”, afirma Freud (Idem). O fator decisivo na geração do desprazer não está relacionado à magnitude absoluta do acontecimento material, mas à função dessa magnitude. Se o homem sai do narcisismo, o que o leva a ultrapassar os muros narcísicos e ligar a libido a objetos? – questão da qual se encarrega Freud, cuja resposta encontra fundamento em Heine:

Krankheit ist wohl der letzte Grund

Des ganzen Schöpferrangs gewesen;

Erschaffend Konnte ich genesen,

*Erschaffend wurde ich gesund*⁴⁴.

(Heine, *Neve Gedichte, Schöpfungslieder VII*)

Quando a catexia do eu com a libido excede em quantidade, “num último recurso” – escreve Freud (Idem), é preciso voltar a amar a fim de evitar o adoecimento, ou seja, voltar a ligar a libido a objetos amorosos.

Freud toma a vida erótica do homem e da mulher como outra maneira de abordar o narcisismo. Assinala que nas crianças de tenra idade, os objetos sexuais derivam das experiências de satisfação vinculadas às funções vitais que servem às finalidades autopreservativas. Sobre o assunto, escreve:

As pulsões sexuais estão, de início, ligadas à satisfação das pulsões do eu; somente depois é que elas se tornam independentes destas, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua. Lado a lado, contudo, com esse tipo e fonte de escolha objetal, que pode ser denominado de ‘anacrítico’ ou de ‘ligação’, a pesquisa da psicanálise revelou um segundo tipo, que não estávamos preparados para encontrar. Descobrimos, de modo especialmente claro em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, tais como pervertidos e homossexuais, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos elas adotaram como modelo não sua mãe, mas seus próprios eus. Procuram inequivocamente a *si mesmas* como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetal que deve ser denominada ‘narcisista’ (FREUD, 1914, *ESB*, v.14, p.103-4; *AE*, v.14, p.73).

⁴⁴ “Imagina-se Deus dizendo: a doença foi sem dúvida a causa final de todo anseio de criação. Criando, pude recuperar-me; criando, tornei-me saudável”.

Freud (1914) escreve, letra a letra, que “um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais primitivos – ele próprio e a mulher que cuida dele” (p.104). Lacan (1954) afirma que “ele próprio” quer dizer “sua imagem”.

Ao esmiuçar a gênese dos tipos de escolha objetal, Freud afirma a existência de um narcisismo primário em todos os sujeitos. Vimos que as primeiras satisfações sexuais são auto-eróticas e cujas finalidades são a conservação de si. Vimos também que as pulsões do eu só adquirem autonomia numa etapa posterior. A criança ama primeiramente quem satisfaz suas pulsões do eu, devido às circunstâncias que a livram da morte – tipo de escolha anaclítica. O tipo de escolha narcísica ocorre nos sujeitos cujo desenvolvimento libidinal foi perturbado.

Freud promove considerações a favor da existência do narcisismo primário, notadamente verificado na reedição do próprio narcisismo no modo como os pais tratam seus filhos. Sobre o assunto Freud diz que “o amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renovado, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior” (Freud, 1914, p.108). Lacan (1954) corrobora que isso acontece pelo efeito de sedução e fascínio provocado pelo tipo narcísico de escolha objetal.

Na parte final do texto de 1914, Freud introduz uma nova questão: o que acontece com a libido do eu no adulto normal? O autor rejeita a hipótese de que a libido no adulto se confunde nos investimentos objetais, tendo em vista o recalque. Freud lembra que as pulsões são recalçadas quando entram em conflito com as exigências culturais. Em *O seminário, livro 1* (1953-1954), Lacan grafa que “o recalque emana do eu nas suas exigências éticas e culturais” (p. 156). No texto freudiano lê-se:

O recalque [...] provém do eu; poderíamos dizer com maior exatidão que provém do amor do próprio eu. As mesmas impressões, experiências, impulsos e desejos aos quais um homem se entrega, ou que pelo menos elabora conscientemente, serão rejeitados com a maior indignação por outro, ou mesmo abafados antes que entrem na consciência. A diferença entre os dois, que encerra o fator condicionante do recalque, pode ser facilmente expressa em termos que permitem seja ela explicada pela teoria da libido. Podemos dizer que o primeiro homem fixou um ideal de si mesmo, pelo qual

mede seu eu real, ao passo que o outro não formou qualquer ideal desse tipo. Para o eu, a formação de um ideal seria o fator condicionante do recalque (FREUD, 1914, *ESB*, v.14, p.110-111; *AE*, v.14, p.90).

Isso significa as impressões, impulsos, excitações, enfim, os ideais erigidos para si, os quais poderão ser objeto de rejeição para outra pessoa. Estamos diante da diferença de ideais que existe entre os sujeitos. O ideal absorve o amor outrora dirigido ao eu. Nos termo de Freud (1914), “esse eu ideal é agora o alvo do amor de si mesmo desfrutado na infância pelo eu real” (p. 111). Lacan afirma que “o narcisismo desviado para seu novo eu ideal que se encontra em posse de todas as preciosas perfeições do eu, como o eu infantil” (Ibidem, p. 156). Circunstâncias que ratificam a incapacidade de renunciar a uma satisfação libidinal obtida. Daí a justificativa para o deslocamento do narcisismo para esse novo eu ideal, que tal qual o eu infantil, é possuidor da perfeição narcísica. No texto freudiano está disposto que “ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância” (Freud, 1914, *ESB*, p. 111). Então procura resgatá-la na forma de seu eu ideal. “O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” – afirma Freud (Idem).

Freud assinala que a formação de um ideal do eu é confundida com um dos destinos da pulsão – a sublimação. Freud escreve que “a idealização é possível tanto na esfera da libido do eu quanto na esfera da libido do objeto” (Ibidem, p.111). Lacan (1954) assinala que Freud, ao escrever isso, volta a colocar as duas libidos no mesmo plano. “A sublimação continua a ser um processo especial que pode ser estimulado pelo ideal, mas cuja execução é inteiramente independente de tal estímulo”, afirma Freud (Ibidem, p.112). Na medida em que a idealização aumenta as exigências do eu, no mesmo passo são aumentadas as possibilidades de recalque. Nesse contexto, a sublimação, enquanto um dos destinos pulsionais, oferece uma possibilidade de satisfação de tais exigências idealizadas, sem que haja recalque. Nas palavras de Freud, “a sublimação é uma saída” (Idem).

Ao longo do texto Freud faz uma alusão a uma instância psíquica especial que assegure a satisfação narcísica oriunda do ideal do eu. Hipótese que conduz a ideia do supereu. Sobre essa instância psíquica vigilante o autor assinala que não se trata de uma

descoberta, pois “[...] podemos tão-somente reconhecê-lo, pois podemos supor que aquilo que chamamos de nossa ‘consciência’ possui as características exigidas” (Ibidem, p. 122). Ou seja, a consciência cumpre essa função. Freud identifica a finalidade dessa instância psíquica com a censura, e que tal vigilância atua perpetuamente no sonho, sendo o seu guardião. Lacan (1954) afirma que aquilo que Freud refere por essa instância abarcada pela censura é uma instância que fala; portanto, simbólica.

O ideal do eu impõe severas condições à satisfação libidinal por meio de objetos, tendo em vista a vigilância do supereu, que proíbe a satisfação com determinados objetos. Freud assinala o afastamento do eu do narcisismo primário rumo a uma forma ideal, destacando que é para o ideal do eu que retorna o amor de si mesmo. “Tornar a ser seu próprio ideal, como na infância, no que diz respeito às tendências sexuais não menos do que às outras – isso é o que as pessoas se esforçam por atingir como sendo sua felicidade” – afirma Freud (1914, ESB, p.118). Esse é o ponto onde Freud alude ao eu ideal para dizer que é para ele (eu ideal) que se dirige o amor de si. Nesse contexto o ideal sexual pode estar imbricado no tipo de investimento relacionado com o ideal do eu. O ideal sexual pode figurar como satisfação substitutiva onde as satisfações narcísicas estão proibidas. Nesse caso, prevalece o tipo narcísico de escolha objetal e tudo que falta ao eu é idealizado, afirma Freud (Idem). Nas palavras de Freud,

Esse expediente é de especial importância para o neurótico, que, por causa de suas excessivas catexias objetais, é empobrecido em seu eu, sendo incapaz de realizar seu ideal de eu. Ele procura então retornar, de seu prodígio dispendio da libido em objetos, ao narcisismo, escolhendo um ideal sexual segundo o tipo narcísico que possui as excelências que ele não pode atingir. (FREUD, 1914, *ESB*, v.14, p.118; *AE*, v.14, p.97).

CAPÍTULO 3

O SEGUNDO DUALISMO PULSIONAL

3.1. Sabina Spielrein e a pulsão de morte

Existe uma discussão no meio acadêmico sobre a quem deve ser atribuída a paternidade do conceito de pulsão de morte, tendo em vista que Sabina Spielrein, uma jovem russa, utiliza antes de Freud a expressão ‘pulsão de morte’ no texto *A destruição como cauda do devir*, publicado nos anais psicanalíticos em 1912.

O conceito de pulsão de morte é derivado de um longo processo investigativo empreendido por Sigmund Freud, do qual derivou a psicanálise. Desde os primórdios teóricos da doutrina freudiana é possível entrever as noções iniciais do conceito de pulsão de morte, ou a pulsão de morte propriamente teorizada, muito embora não nomeada, como é o caso do *Projeto para uma psicologia científica* (1895). O *Projeto* é a prova desgavetada do que aqui afirmamos. E mister salientar que, estudiosa, a jovem estudante de medicina deve ter lido todos os escritos de Freud de 1888 até 1910-1911, época suposta da escrita de seu texto.

O texto *A destruição como causa do devir* (1912) reflete mais a vida pessoal de Spielrein do que apresenta a conceituação da pulsão de morte. Não existe pulsão de morte ali. A autora tenta elucidar a questão da repressão sexual descrevendo a sexualidade como prioritariamente ambivalente em relação ao eu. O próprio Freud, em nota acrescentada ao texto de 1920, afirma que Spielrein, num texto confuso, destaca apenas os componentes destrutivos da sexualidade.

O conceito de pulsão de morte está circunscrito por fundamentos metapsicológicos desenvolvidos pelo criador da psicanálise, razão suficiente para que todos os créditos conceituais devam estar ligados ao nome e à genialidade de Freud.

Sabina Spielrein foi a segunda mulher a se filiar à sociedade psicanalítica da época e foi testemunha privilegiada do rompimento entre Freud e Jung - um foi seu amante e analista, o outro seu mestre. Que discussões teóricas presenciou Spielrein entre Freud e aquele considerado como o príncipe herdeiro da psicanálise?

O texto a seguir narra a história da analista russa, seu adoecimento, a sua relação amorosa com Jung, seu lugar na psicanálise e seu esquecimento. Procederemos também

a análise do texto *A destruição como causa do devir* (1912), tendo em vista a contenda acadêmica em torno da paternidade do conceito da pulsão de morte.

3.1.1. Era uma vez ...

1885. Nasce em Rostov sobre o Don Sabina Nikolajevna Spielrein, filha de Nikolai Arkadjevitch Spielrein e de Eva Marcona Lujublinkaya. Filha de judeus, o pai de Sabina era comerciante de grãos e dono de terras, e sua mãe uma das primeiras mulheres russas a se formar em odontologia, cuja profissão exerceu até 1903. Conta a história que Eva costumava viajar para Paris e ter muitos amantes.

Sabina possui quatro irmãos: Isaak, Jean, Emil e Emilia, esta mais nova que ela, a qual morreu de febre tifóide aos seis anos de idade, em 1901. Nessa ocasião, Sabina contava quinze anos. Isaak e Jean se tornaram psicólogo e físico-engenheiro, respectivamente. Os genitores da família Spielrein conferiam valor e incentivos consideráveis à educação de seus filhos. Havia um tutor privado que preparava os Spielrein para o ginásio e, desde cedo, o ensino de idiomas era dos mais variados: latim, inglês, francês, alemão, polonês, além da língua nativa. O estudo da música era outra atividade proporcionada pelos pais de Sabina.

Em 1890, Sabina foi enviada para Varsóvia com a finalidade de estudar em regime de internato numa escola focada no desenvolvimento de atitudes saudáveis nas crianças. Em 1896, aos onze anos, Sabina já cursava o ginásio em sua cidade natal. Em 1904, ela é condecorada com a mais alta honra de sua escola por ter alcançado o primeiro lugar por término do ginásio. Nessa época, Sabina evidenciava a vontade de estudar medicina, recebendo a bênção de seu avô materno para realizar tal curso. Porém, judia e mulher, não conseguiu lograr êxito na realização de seu desejo na Rússia. Aos dezoito anos, desencadeia grave estado psicológico e não sabe qual rumo dar à sua vida. Em 17 de agosto de 1904, quanto estava com 19 anos, Eva Lujublinkaya, acompanhada de Lublinsky, tio materno da Sabina, a interna para tratamento no Burghölzli Hospital de Zurique, instituto psiquiátrico dirigido por Eugene Bleuler⁴⁵. Ela

⁴⁵ Eugen Bleuler (1857-1939), psiquiatra suíço, inventor dos termos esquizofrenia e autismo, foi diretor do Burghölzli durante trinta anos e é considerado o grande pioneiro da psiquiatria do século XX. Rompeu com a tradição repressora da loucura de Kraepelin, promovendo uma clínica fundada na escuta do paciente. Foi o primeiro a propor uma integração entre o pensamento freudiano e o saber psiquiátrico (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 78-80).

foi colocada na enfermaria E-11 com uma enfermeira particular e indicada para tratamento com Carl Gustav Jung.

O diagnóstico de Jung para o caso de Sabina foi de histeria psicótica, muito embora houvesse a suspeita de um breve episódio psicótico, levando a crer que se tratava de um caso de esquizofrenia.

Sabina tinha um tio alquimista a quem admirava e ela frequentemente se punha a ser também uma alquimista. Ela gostava de misturar restos de comidas e bebida sob a mesa com o objetivo de ver o que iria acontecer. Dessas experiências sentia felicidade e angústia diante dos “líquidos secretos”, “pedras mágicas”, e outros derivados que surgiam diante de seus olhos (Carotenuto, 1984).

Em 23 de outubro de 1906, Jung escreve a Freud e assinala o uso do método psicanalítico numa jovem histérica: “É um caso difícil, uma estudante russa de vinte anos, doente há seis anos” (Macguirre, 1993, p.46). Em 27 de outubro de 1906, Freud responde a Jung nos seguintes termos:

É algo positivo que sua paciente russa seja uma estudante; as pessoas não cultas são para nós, no momento, muito impenetráveis. A história da defecação referida na análise não é mesmo privada de numerosas analogias. Talvez o senhor se recorde da afirmação contida na minha *Teoria sexual*, ou seja, de que a retenção das fezes é utilizada pela criança lactente como um meio na busca do prazer. O terceiro ou quarto ano é o período mais importante para as atividades sexuais patógenas que virão depois (...). Não é raro que as crianças pequenas sujem a mão de quem as carrega. Por que também com ela não poderia ter sido assim? Desse modo, portanto, desperta a sua lembrança das ternuras do pai na primeira infância. A fixação infantil da libido no pai, ou seja, o caso típico do autoerotismo anal como escolha do objeto. A posição que ela escolheu em seguida deve se fundir num todo único, mesmo que pareça composta de diversos momentos. Quais? A excitação anal, portanto, deve estar presente nos sintomas como força pulsional, inclusive no caráter. Pessoas deste tipo mostram frequentemente combinações típicas de certos traços do caráter. São muito ordenadas, avaras e teimosas: estas qualidades são, por assim dizer, sublimações do erotismo anal. Casos como este, que se funda em uma perversão recalcada, são particularmente belos de pesquisar (MACGUIRRE, 1993. p.46).

Em setembro de 1907, Jung pronuncia uma conferência no I Congresso Internacional de Psiquiatria e Neurologia, em Amsterdã, intitulada “A teoria freudiana da histeria”. É nessa conferência que ele relata o caso clínico de Sabina - a primeira vez que um caso psicanalítico é apresentado num congresso médico. Kerr (1997) afirma que Sabina leu a comunicação de Jung, bem como fez correções em seu próprio caso. O relato jungiano tinha o objetivo de elucidar o sentido da teoria freudiana. Assim procedeu o analista suíço:

Trata-se de um caso de histeria psicótica, uma jovem senhora de vinte anos, intelectualmente bem dotada. Os sintomas mais remotos recaíam entre os três e quatro anos de idade. Nesta época, a paciente começou a reter as fezes até ser forçada, pela dor, a evacuar. Pouco a pouco começou a usar o seguinte procedimento auxiliar: acorava-se, apoiada em um dos calcanhares e nesta posição procurava defecar, pressionando o calcanhar contra o ânus. A paciente continuou com essa prática perversa até os sete anos de idade. Freud chamou esta perversão infantil de erotismo anal.

Aos sete anos, cessou a perversão que foi substituída pelo onanismo. Nesta idade, ao ser espancada, certo dia, pelo pai, sobre as nádegas desnudas, sentiu nítida excitação sexual. Posteriormente, experimentou também excitação sexual ao presenciar seu irmão mais novo ser castigado pelo pai da mesma maneira. Pouco a pouco, se desenvolveu nela um comportamento de visível repulsa contra o pai.

Aos treze anos, começou a fase da puberdade. Mas a partir daí, surgiram fantasias de natureza altamente perversa, que a perseguiram obsessivamente. Tais fantasias tinham caráter obsessivo: ela não podia sentar-se à mesa e comer, sem pensar, ao mesmo tempo, no ato de defecar. Também não podia ver ninguém comendo, sobretudo o pai, sem pensar nesse ato. Já não podia ver as mãos do pai sem sentir-se sexualmente excitada. Por igual motivo, não podia tocar na mão direita do pai. E assim, pouco a pouco, chegou a ponto de não poder mais comer na presença de outras pessoas, sem entregar-se a risos convulsivos ou manifestações de repulsa, pois as fantasias de defecação haviam se estendido a todas as pessoas ao seu redor. Se recebesse pequeno castigo ou ligeira repreensão, reagia com riso convulsivo, mostrando a língua, ou com gestos de aversão ou indecorosos, porque tinha a visão plástica da mão do pai castigando-a das nádegas, imagem esta ligada a uma excitação sexual que logo se transformava em masturbação mal dissimulada. Aos quinze anos, sentiu o impulso, em si normal, de se unir amorosamente a outra pessoa. Mas as tentativas nesse sentido falharam, porque todas às vezes

se interpunham fantasias mórbidas, justamente quando se tratava daquelas pessoas às quais ela mais gostaria de amar. Nesta época, já se tornara impossível qualquer manifestação de ternura ao pai, porque o sentimento de asco sempre interferia inibidoramente. O pai era o objeto de transferência de sua libido infantil, e por isso as resistências se voltaram, sobretudo, contra ele, ao passo que a mãe não era atingida pelas resistências. Nesta época manifestou-se também uma inclinação pelo seu professor que, por sua vez, foi vítima de asco que se interpunha. Para esta jovem extremamente carente de amor, este isolamento afetivo deveria naturalmente acarretar as mais sérias consequências que, de fato, não se fizeram esperar.

Com cerca de dezoito anos, seu estado piorou de tal modo, que a paciente praticamente só alternava períodos de depressão profunda com risos, choros e gritos convulsivos. Já não conseguia encarar ninguém de frente, mantinha a cabeça escondida e mostrava a língua a cada contato com os outros, em meio a sinais de extrema repugnância, etc. (JUNG, 2011, p.30-31).

Jung estava no começo de sua carreira e empregava, pela primeira vez, as concepções de Freud. Todavia não conseguiu ficar atento às manifestações de transferência erótica de sua paciente russa ao longo de sua internação no Burghölzli. Tampouco o analista suíço observou a sua própria transferência emergente.

Sob a direção de Bleuler, o Burghölzli tornou-se um hospital modelo. O paciente era o centro de todo o processo de tratamento. O assistente em serviço tinha como responsabilidade principal passar em visita duas vezes todos os pacientes que estivessem sob seus cuidados. As rondas matinais eram feitas com toda a equipe de profissionais e ocorriam três vezes por semana. Havia o cuidado devotado para os pacientes. Os assistentes eram obrigados a residir no hospital e a ingestão de qualquer bebida alcoólica era proibida. O método de tratamento usado era a psicologia experimental. Em 1900, Bleuler envia Riklin⁴⁶, seu assistente, para estudar no laboratório experimental de Kraepelin⁴⁷. Este, embora sendo psiquiatra em sua

⁴⁶ Franz Riklin (1878-1938), psiquiatra suíço. Depois de ter sido secretário da IPA e redator da *Korrespondanzblatt*, acompanhou Jung na sua ruptura com Freud em 1913 (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 661).

⁴⁷ Emil Kraepelin (1856-1926), psiquiatra alemão. Fundador da nosografia psiquiátrica do século XX e criador dos termos “demência precoce” e “psicose maníaco depressiva”. Acreditava que a ignorância da língua e da fala do paciente garantia, na medicina mental, a melhor observação do paciente. ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 440).

formação, havia travado contato com Wundt⁴⁸ e era partidário da adequabilidade do emprego das técnicas experimentais em ambientes psiquiátricos. Bleuler era da mesma opinião.

Na clínica de Kraepelin, Riklin tomou conhecimento de um novo processo denominado de associação livre, “no qual uma pessoa dizia alto uma lista de palavras, a cada uma das quais o paciente, por seu turno, devia responder com a palavra ou expressão que primeiro lhe viesse à mente” (Kerr, 1997, p.47). O tempo de resposta era medido por um cronômetro. Posteriormente, pedia-se ao paciente para passar de novo pela lista e lembrar suas respostas iniciais.

Tal processo, sem o cronômetro, havia sido inventado trinta anos antes pelo eclético gênio inglês, Sir Francis Galton⁴⁹. Usando a si mesmo como paciente, ele havia feito três descobertas básicas: a primeira, que algumas das associações evocadas dessa forma eram bastante surpreendentes, envolvendo lembranças e sentimentos nos quais não se estava pensando até então; a segunda, que muitas dessas associações inesperadas se originavam na infância; e a terceira, que com a aplicação continuada do teste, muitas das associações se mostravam recorrentes (KERR, 1997, p. 47).

A partir de Galton Theodor Ziehen⁵⁰, Riklin estabelece a noção de que as ideias eram marcadas por sentimentos. Riklin, ao retornar para Zurique em 1901, toma conhecimento por Bleuler da chegada de um novo integrante ao Burghölzli: um aristocrata intelectual dotado de qualidades físicas e mentais - Carl Gustav Jung, futuro analista de Sabina Spielrein. Naquela noite, a conversa entre os três intelectuais durou até tarde, cujo tema principal foi a novidade da associação livre.

⁴⁸ Wilhelm Wundt (1832-1920), médico alemão, fisiologista, professor na Universidade de Leipzig, fundou o primeiro laboratório de psicologia experimental e é considerado o pai da psicologia.

⁴⁹ Francis Galton (1822-1911), antropólogo, meteorologista, matemático e estatístico inglês, primo de Darwin. Ele foi o primeiro a aplicar métodos estatísticos para o estudo das diferenças e herança humanas de inteligência, e introduziu a utilização de questionários e pesquisas para coletar dados sobre as comunidades humanas, o que ele precisava para obras genealógicas e biográficas e para os seus estudos antropométricos. Como um pesquisador da mente humana, ele fundou a psicometria (a ciência da medição faculdades mentais) e a psicologia diferencial.

⁵⁰ Theodor Ziehen (1862-1950), alemão, neurologista e psiquiatra, foi assistente de Binswanger na Clínica Psiquiátrica de Jena. Foi analista de Nietzsche. Era profissional de psicologia associativa e do ponto de vista filosófico pregava o monismo.

Voltemos à atenção para a vida de Sabina Spielrein.

Jung a analisou por dez meses, de agosto de 1904 a junho de 1905. Após receber alta em 1 de junho de 1905, Sabina iniciou no mesmo ano os estudos de medicina, com a recomendação de Bleuler, retomando um antigo desejo.

Em 1906, a relação de Sabina com Jung começa a assumir novas cores, tornando-se amiga dele. De 1908 até 1910, torna-se sua amante. Finaliza a faculdade de medicina em 1911 e apresenta como trabalho de conclusão de curso *O conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia (dementia praecox)* - um dos primeiros trabalhos a utilizar o termo “esquizofrenia” - cujo uso foi cunhado por Bleuler. Essa foi a primeira publicação de Sabina Spielrein no *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische*⁵¹.

Médica, Sabina é convidada por Bleuler a integrar o corpo de assistentes da instituição na qual fora paciente. Nesse mesmo ano, 1911, abruptamente interrompe a relação com Jung, viaja para Viena e encontra-se com Freud. Em outubro, é aceita como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena e em novembro torna-se a segunda psicanalista pertencente ao círculo freudiano. É nessa época que Sabina apresenta oralmente parte de seu segundo trabalho, *A destruição como causa do devir*, que será publicado no ano seguinte, como veremos mais à frente.

Em 1912, retorna para Rostov sobre o Don e casa-se com Pawl Naumowitsch Scheftel, vinte anos mais velho que ela e pertencente à aristocracia judaica. Passou a morar em Berlim. No ano seguinte, nasce Irma Renata, sua primogênita.

Entre 1913 e 1918, atua como cirurgiã e decide estudar composição musical para ministrar aulas de música. Seu marido havia sido convocado para servir como médico na guerra, deixando-a vagar sozinha com a filha pela Europa, fugindo da violência antissemita.

A pedido de Freud, em 1919, funda em Lausane o “Círculo Interno”, grupo de estudos psicanalíticos e passa a praticar psicanálise outra vez. Em 1920, se junta a Piaget⁵² e Claparède⁵³. Este a convida a dar um curso em seu instituto e ser sua

⁵¹ Anais de pesquisas psicanalíticas e psicopatológicas criado em 1909 por Freud e Bleuler, o *Jahrbuch* foi a primeira revista oficial do movimento psicanalítico. Deixou de existir em 1913, após o rompimento de Freud com Jung (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.407).

⁵² Jean William Fritz Piaget (1896-1980), suíço, formado inicialmente em Biologia, migrou seu interesse para a Psicologia, Epistemologia e Educação. Entre 1915 e 1917, Piaget busca uma formação em psicologia e vai para Zurique. Lá, conhece Bleuler e seu assistente Jung. A perspectiva psicanalítica não o entusiasma e,

assistente. Piaget, em 1921, durante oito meses, todos os dias, exceto domingo, analisou-se com Spielrein.

Ainda em 1920, ela está presente no VI Congresso Internacional de Psicanálise em Haia e apresenta outro trabalho de grande importância intitulado *A gênese das palavras infantis mamãe e papai*, publicado dois anos mais tarde. Em 1922, participa do VII Congresso Internacional em Berlim, no qual Piaget lê o seu trabalho *O pensamento simbólico e o pensamento da criança*. Esta seria sua segunda e última participação em congresso psicanalítico.

Em 1923, Sabina parte de Berlim e retorna à Rússia atendendo as pressões de seu esposo Scheftel. Foi recebida como personalidade importante pelas autoridades locais e convidada por Vera Schmidt, fundadora de uma clínica de psicanálise para crianças, para o cargo de direção. Junto com Dimitrievitch Ermakov⁵⁴ e Moshe Wulff⁵⁵ funda a Sociedade Psicanalítica da Rússia, e tornou-se analista didata nessa sociedade. Trabalhou com Vigotsky⁵⁶ nas pesquisas sobre o pensamento e a linguagem.

O retorno de Spielrein para a Rússia fez com que ela deixasse de constar nos anais do movimento psicanalítico. Deslocada, caiu no imerecido esquecimento até a

em 1919 viaja para Paris e passa a trabalhar com Pierre Janet e Léon Brunschvicg. A estadia em Paris (1919-1921) se revela importante especialmente pelo encontro com Théodore Simon, que lhe possibilita investigar o pensamento infantil, e descobre na criança pequena uma forma própria de raciocínio.

⁵³ Édouard Claparède (1873-1940), pedagogo e psicólogo suíço, favorável às ideias de Freud, contribuiu para a introdução da psicanálise na Suíça (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.119).

⁵⁴ Ivan Dimitrievitch Ermankov (1875-1942), psiquiatra e psicanalista russo dedicou seus trabalhos iniciais em torno da neurose de Guerra. Trabalhou com hipnose e depois se voltou para a psicanálise. Seus textos sobre arte e literatura desempenharam importante papel na introdução da psicanálise na Rússia. Traduziu textos de Freud para o russo, dentre eles, *O futuro de uma ilusão* (1927) (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.179).

⁵⁵ Moshe Wulff (1878-1971), psiquiatra e psicanalista israelense foi o primeiro médico a praticar psicanálise na Rússia, traduziu obras de Freud para o russo, foi analisando de Abraham, participou da criação da Sociedade Psicanalítica da Rússia. Em 1934, junto com Eitingon, criou em Jerusalém a primeira sociedade psicanalítica do futuro estado de Israel e foi o responsável pela tradução das obras de Freud para o hebraico (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.789).

⁵⁶ Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), psicólogo bielo-russo, formado em Direito. É o grande fundador da escola soviética a de psicologia histórico-cultural. Trabalhou na clínica psicanalítica para crianças fundada por Sabina Spielrein. Suas proposições para análise da obra de arte fazem um contraponto com a teoria psicanalítica e estudos da mitologia (fábulas), linguística e poética dos formalistas russos.

publicação da correspondência entre Freud e Jung, em 1974. Em seu destino, ela viria a constar numa controversa nota de rodapé assinada por Freud, quando da publicação de *Além do princípio de prazer* (1920), a qual citaremos adiante.

Em 1924, nasce sua segunda filha, Eva, cujo nome foi atribuído em homenagem a sua mãe. Em 1926, a Sociedade Psicanalítica da Rússia é destituída pelo regime de Stalin. Em 1929, a KGB confisca seu passaporte e, dessa forma, não consegue mais sair da Rússia. Em 1930, Sabina retorna à Rostov sobre o Don, sua terra natal. 1936 é o ano onde aparece, pela última vez, o nome de Sabina Spielrein em sua lista de associados da Sociedade Russa. Em 1937, os irmãos de Sabina sucumbem aos campos de concentração, juntamente com outros familiares. Ela torna-se professora de música e dá aulas para crianças.

No dia 27 de julho de 1942, as tropas de Adolf Hitler ocupam Rostov sobre o Don. Roudinesco e Plon (1998, p. 726) escrevem que “em 27 de julho de 1942, Sabina Spielrein foi massacrada com duas filhas na ravina de Viga da Serpente, em meio a cadáveres cobertos de sangue”.

Renata Cromberg (2008), em pesquisa sobre Sabina Spielrein, traz novas revelações importantes, dentre elas:

Em um artigo aparentemente do ano de 2000, que discute a psicanálise na Rússia, aparece um testemunho interessante de Nina Snetkova. Ela é hispanista e filha de Olga Snetkova, médica e amiga íntima de Sabina Spielrein. Nasceu no ano em que Spielrein retornou à Rússia, filha de Paul Scheftel, que era, então o marido de Sabina [...]. Olga e Sabina se reencontravam com frequência para falar de psicanálise na presença de suas crianças e Nina se recorda do qualificativo “discípula de Freud” que aparecia nas suas conversas. Ela também se recorda da vida difícil de Sabina que só tinha para viver o que recebia pelo trabalho em tempo parcial como médica numa escola e se lembra de que as únicas discussões que tinham concerniam à psicanálise e à extrema precariedade de sua situação: na adversidade dos acontecimentos da Segunda Guerra, elas decidiram mutuamente tomar conta dos filhos da outra em caso de prisão arbitrária, como houve durante a primeira invasão de Rostov pela tropas nazistas. Mas Olga e sua filha deixaram Rostov antes de sua libertação, em 1943, e só retornaram no ano seguinte, quando souberam, por uma vizinha, do fim trágico de Sabina e de suas filhas, presas em uma emboscada durante a ocupação de julho de 1942 a

fevereiro de 1943, sendo precedida pela emboscada em que seus dois irmãos sucumbiram sob o terror stalinista (CROMBERG, 2008, p.34).

3.1.2. Historiadores, autores contemporâneos e Sabina Spielrein

O esquecimento de Sabina Spielrein na história do movimento psicanalítico até 1922 suscita indagações e provoca o interesse em saber por que ela esteve ausente e não citada em obras consideradas fundamentais para a psicanálise. O interesse por Spielrein encontra amparo na nota de rodapé que Freud lhe reserva em *Além do princípio de prazer* (1920), na qual reconhece o empreendimento de Spielrein na investigação de componentes destrutivos da pulsão sexual. Os grandes biógrafos de Freud, como Jones, Roazen e Schur não fazem nenhuma referência a Spielrein; apenas Gay reserva uma breve menção a autora russa.

[...] “Por que nós próprios”, indagou-se mais tarde, ao olhar para esses anos, “precisamos de tanto tempo antes de decidirmos reconhecer uma pulsão agressiva?”. Um pouco pesaroso, ele evocou sua própria recusa defensiva de tal pulsão, quando a ideia surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e “o quanto demorou até que eu me tornasse receptivo a ela”. Freud estava pensando numa apresentação da brilhante analista russa Sabina Spielrein, nos dias pioneiros de 1911, numa das reuniões das quartas feiras à noite, na Bergasse 19, e também no artigo pioneiro dela, do ano seguinte, intitulado “A destruição como causa do devir”. Naqueles anos, Freud simplesmente não estava preparado (GAY, 1989, p. 364).

Obras de grande envergadura, como a de Grinstein, igualmente mantêm Spielrein ausente. Em Lacan, não encontramos nenhuma referência a ela. Roudinesco, em *Généalogies* (1994), nas referências que faz à psicanálise ano a ano, de 1856 a 1991, incorpora os fatos que envolvem Spielrein no movimento psicanalítico, a partir das informações que foram surgindo com Carotenuto, analista jungiano. Spielrein também aparece no *Dicionário de psicanálise* (1998), de autoria de Roudinesco e Plon. Os autores afirmam que Sabina Spielrein “tornou-se a testemunha privilegiada da ruptura entre Freud e Jung. Um foi seu amante e analista, outro seria seu mestre. Mais tarde,

inventou a noção de pulsão destrutiva e sádica, da qual nasceria a pulsão de morte” (Roudinesco e Plon, 1998, p.725).

Em 1974, Aldo Carotenuto havia organizado um seminário para profissionais filiados à Associação Italiana para o Estudo da Psicologia Analítica. A partir da leitura da correspondência entre Freud e Jung, Carotenuto sente-se instigado pelo “caso clínico” citado por Jung na quarta carta à Freud. “Tratava-se de Sabina Spielrein, com quem Jung teria tido a experiência fundamental do fenômeno transferência/contratransferência” (Carotenuto, 1984, p.10). Decorrente do seminário, Carotenuto publica um livro em 1977, o qual foi lido por Carlos Trombeta, professor universitário de psicopedagogia, o qual já havia se deparado com o nome de Spielrein em pesquisas históricas sobre Claparède. Trombeta endereça o livro ao Professor George De Morsier, de Genebra, o qual o informa de que haviam sido encontrados documentos nos porões do Palais Wilson⁵⁷, aparentemente relacionados a Jung, Freud e Spielrein. O achado arqueológico foi enviado para Carotenuto.

Com efeito, os documentos continham a correspondência autógrafo entre Sabina Spielrein e Jung, 46 cartas de Jung e 12 de Sabina; a correspondência entre Sabina e Freud, 21 cartas de Freud e 2 de Sabina; o diário de Sabina Spielrein entre 1909 a 1912; e, além disso, cartas de Bleuler, Rank, Stekel e pessoas menos conhecidas (CAROTENUTO, 1984, p. 11).

As pesquisas para compor uma biografia de Sabina Spielrein é um trabalho que ainda se faz. Após o trabalho de Carotenuto (1977), registros hospitalares de Spielrein no Burghölzli, estão dispostos no livro organizado por Covington e Wharton, em cujo livro estão publicados trechos não editados do diário de Sabina, as cartas de Jung a ela, além de artigos de vários comentadores.

O título do texto freudiano de 1920, *Além do princípio de prazer*, contém uma implicação filosófica irônica, uma vez que o uso literário da palavra *Jenseits*⁵⁸ é usado

⁵⁷ Antigo hotel na Suíça, Genebra, construído entre 1873-75, originalmente denominado de Hotel Nacional. Em 1924, recebe o nome de Palácio Wilson em homenagem ao presidente americano Woodrow Wilson que teve um papel preponderante na criação, depois da II Guerra Mundial, da Liga das Nações (LDN) durante a Conferência de Paz de Paris em 1919. Atualmente é a sede do *United Nations High Commissioner for Human Rights* em Genebra

⁵⁸ *Jenseits* significa “além”.

na língua alemã para indicar algo de natureza espiritual, além da existência comum, frequentemente empregado para designar algo de outra ordem, “um outro mundo”. Kerr (1977, p.532) assinala que “a filosofia idealista alemã costumava sustentar que exatamente esse anseio – o de voltar ao Paraíso, antes da expulsão de Adão e Eva – impelia o homem para cima e para frente de forma inexorável – ao novo Paraíso do espírito perfeito”. Na verdade, a leitura minuciosa do texto freudiano nos permite afirmar que não é disso que se trata, pois o que o criador da psicanálise afirma é o movimento do sujeito dirigido a estados anteriores, movimento esse que revela que esse “além” coincide com o “antes” e, portanto, ambos estão relacionados com a morte.

Freud nunca abandona essa teoria e aferra-se de forma inflexível a ela. *Além do princípio de prazer* (1920) passa em revista o pensamento freudiano acerca das pulsões e promulga uma concepção teórica da libido. O autor toma todos os aspectos inerentes às questões da sexualidade – a natureza conservadora, a tendência à fixação, a regressão – e vai além delas, ao levantar a bandeira de que a verdade mais profunda da vida psíquica é a pulsão de morte, de modo que qualquer sucesso ou insucesso terapêutico está relacionado com essa categoria conceitual.

Mas, onde entra Sabina Spielrein na construção da teoria pulsional de Freud? Em 1912, é publicado o texto *A destruição como causa do devir* e nele a autora usa a expressão “pulsão de morte” antes de sua utilização por Freud. *Além do princípio de prazer* (1920) traz a seguinte referência a Spielrein:

Em um trabalho muito rico de ideias, ainda que para mim não todo transparente, empreende Sabina Spielrein (1912) uma parte desta investigação e qualifica de destruidores os componentes sádicos da pulsão sexual. De um modo distinto tentou A. Starcke (1914) identificar o conceito de libido com o que teoricamente há de supor de um impulso à morte. Todos estes esforços mostram o impulso em direção a um esclarecimento ainda não alcançado da teoria das pulsões (FREUD, 1920, *ESB*, v.18, nota 2, p. 75; *AE*, v.18, nota 22, p.53).

De acordo com Kerr (1977), a citação freudiana camufla ironias dirigidas a Jung e aos suíços. Em sua opinião, Spielrein “não havia defendido nenhum tipo de masoquismo primário; [...] e muito menos havia “antecipado” de forma alguma a ideia de uma pulsão de morte” (Ibidem). Para o autor, ela apenas destacou que a sexualidade

tinha aspectos destrutivos, o que está bem distante da concepção freudiana sobre a pulsão de morte.

Por coisas do destino, a citação de Freud se tornou a base da reputação de Spielrein, a tal ponto dela ser reconhecida por alguns autores como a antecipadora do conceito de pulsão de morte – o que constitui um erro, segundo o ponto de vista de Kerr (1977).

A filiação de Spielrein e Stürcke⁵⁹ junto à Sociedade Psicanalítica de Viena ocorreu na mesma noite. As teorias de ambos os autores possuem muitos pontos de vista semelhantes. Stürcke, assim como Spielrein, identificou um componente destrutivo na sexualidade. Para o psiquiatra holandês, “as pulsões do eu eram de natureza centrípeta – procuravam preservar e prolongar a vida. Em oposição a eles, havia as pulsões de procriação, de natureza centrífuga, levando em última análise à renúncia e à morte” (Kerr, 1977, p.533). Os dois autores identificaram um componente destrutivo na sexualidade, mas isso não abarca e tampouco encerra a teoria da pulsão de morte construída por Freud.

Kerr (1977) afirma que *A destruição como causa do devir* “procura resolver o problema da repressão sexual recorrendo à descrição da sexualidade como inerentemente ambivalente com relação ao eu. De acordo com o autor, não existe “pulsão de morte” ali, nem a expressão, nem a ideia – no sentido que Freud lhe empresta – são mencionadas ali” (Ibidem, p.534). A avaliação de Kerr é que o texto reflete a vida pessoal de Sabina, desde seus personagens parentais da infância até seu caso amoroso com Jung. Embora Kerr proceda a tais afirmações, a análise que procedemos do texto *A destruição como causa do devir* (1912) revela um equívoco por parte do autor, pois, nos parágrafos finais de seu texto, Spielrein faz uso da expressão ‘pulsão de morte’, conforme será mostrado adiante.

Marthe Robert (1991) ressalta que a psicanálise revelou ao mundo o fenômeno da ambivalência no qual amor e ódio andam em parceria. Desse fenômeno, Adler⁶⁰

⁵⁹ August Starcke (1888-1954), psiquiatra holandês, se filiou à Sociedade de Viena na mesma noite que Spielrein. Traduziu a obra de Freud para o neerlandês. Usou amplamente as ideias de Ferenczi para desenvolver suas ideias sobre o eu e sobre a repetição. Ao longo de sua correspondência com Freud, expressou sua discordância sobre a concepção da pulsão de morte. Nunca foi analisado (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.727).

⁶⁰ Alfred Adler (1870-1937), Médico e psicólogo austríaco, primeiro grande dissidente do movimento psicanalítico, fundou a Escola de Psicologia Individual, frequentou as reuniões das quartas feiras, mas

(1907) extrai sua teoria da agressividade e Stekel⁶¹ (1909) lança mão de um termo nunca antes utilizado, *Thanatos*, para designar os desejos de morte que comparecem nos sonhos. Robert defende que Spielrein⁶², em 1912, antecipa a concepção da pulsão de morte “quase ponto por ponto” (Robert, 1991, p. 273). Para a autora, a ideia que Freud refutou por ocasião da apresentação de Spielrein em 1911 foi por ele adotada em 1920. Afirma, ainda, que aquilo que Freud duvidara se torna uma certeza confessada no *Mal estar na civilização* (1930), conforme consta em seu texto:

A hipótese da pulsão de morte ou de destruição encontrou resistência até entre os melhores psicanalistas. Sei como está espalhada a tendência para atribuir preferencialmente tudo o que se descobre de perigoso e de odioso no amor a uma bipolaridade original que seria à sua própria natureza. A princípio, não defendi senão a título de ensaio as concepções aqui desenvolvidas; mas com o tempo impuseram-se-me com tanta força que já não posso pensar de outra forma. Pretendo dizer que, do ponto de vista teórico, são incomparavelmente mais frutíferas que quaisquer outras. Sem desprezar ou forçar os fatos, vêm assegurar a simplificação para que tendemos no nosso trabalho científico. Reconheço que vimos sempre no sadismo e no masoquismo manifestações, fortemente impregnadas de erotismo, de uma pulsão de destruição voltada para o exterior ou para o interior; mas já não posso compreender que tenhamos sido cegos à

nunca aderiu às teses freudianas. O rompimento entre Adler e Freud foi violento e devido a divergências teóricas insustentáveis para Freud (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 6-8).

⁶¹ Wilhelm Stekel (1868-1940), médico e psicanalista austríaco, foi o quarto membro fundador da Sociedade Psicológica das Quartas feiras e, depois de Adler, o segundo dissidente do movimento psicanalítico. Em 1895 publicou um trabalho que chamou a atenção de Freud, no qual abordava experiências sexuais precoces de crianças. Em 1902, após ler *A interpretação dos Sonhos* (1900), torna-se discípulo de Freud. Em 1908, seu trabalho *Os estados de angústia nervosa e seu tratamento* foi prefaciado por Freud. Stekel produzia muitas obras e foi o primeiro a usar o termo *Thanatos*. Foi acusado pelos discípulos de Freud de inventar casos para justificar suas hipóteses. Afasta-se da Sociedade Psicanalítica de Viena em 1912, ano da publicação do texto de Spielrein. Acusou Freud de ter roubado suas ideias a respeito da pulsão de morte. Tenta retornar posteriormente à Sociedade, mas Freud lhe recusa a entrada. Em 1923, solidariza-se a Freud por ocasião da descoberta do câncer. Apesar de sua exclusão, continuou adepto da psicanálise até o fim de sua vida (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 728-9).

⁶² Sabina Spielrein apresentou *A destruição como causa do devir*, oralmente, numa reunião das quartas feiras, cujo texto fora intitulado “Sobre a transformação”. A publicação do texto que faz alusão à pulsão de morte se deu somente em 1912, conforme decidido por Jung, o qual tinha interesse que a segunda parte de seu *Símbolos e transformação da libido* fosse publicado antes do texto de Spielrein.

ubiquidade da agressão e da destruição não eróticas e deixado de lhes conceber o lugar que merecem na nossa interpretação da vida (é certo que a sede de destruição voltada para dentro escapa em grande parte à nossa percepção sempre que não é imbuída de erotismo)” (FREUD, 1930, APUD ROBERT, 1964, p.274).

Robert (1991) reconhece Sabina Spielrein como antecipadora da concepção de pulsão de morte e assinala que Freud ratifica essa ideia ao escrever no *Mal estar na civilização* (1930) a seguinte passagem:

Recordo-me de minha própria resistência à concepção de uma pulsão de destruição quando ela apareceu na literatura psicanalítica e de que a ela me mantive muito tempo inacessível. Por isso me surpreende pouco que os outros tenham manifestado e manifestem ainda idêntica repugnância. É claro que os que preferem contos de fadas fazem-se surdos sempre que lhes falam da tendência inata do homem para a malvadeza, para a agressão, para a destruição e portanto para a crueldade (FREUD, 1930, APUD ROBERT, 1964, p. 274).

Robert (1991) sustenta a ideia de que Freud se manteve resistente e inacessível à ideia apresentada por Spielrein (1912) para depois reconhecer a impossibilidade de permanecer cego ao mal que habita o homem.

Roudinesco (1998, p.725), psicanalista e historiadora, destaca que Sabina Nicolaievna Spielrein adquiriu posto semelhante na história da psicanálise ao de Bertha Pappenheim⁶³ e de Ida Bauer⁶⁴ devido à singularidade de sua história e por ter sido testemunha privilegiada do rompimento entre Freud e Jung. Em sua opinião, as ideias de Spielrein sobre a pulsão de destruição iriam apenas inspirar Freud na escrita de *Além do princípio de prazer* (1920).

⁶³ Bertha Pappenheim (1860-1936), nascida em Viena, foi analisada por Breuer entre julho de 1880 e junho de 1882 e o relato do seu caso consta nos *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), como “O caso Anna O”. Ela compõe um dos mitos fundadores da psicanálise e é a partir de seu tratamento que surgiu a expressão *talking cure* (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 568-572).

⁶⁴ Ida Bauer constitui o primeiro grande caso analisado por Freud e consta nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) como o famoso “caso Dora”. Através da análise de Dora Freud validou suas concepções acerca da neurose (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.50-54).

René Kaës (2000) afirma que Sabina Spielrein introduz o conceito de pulsão de morte, na medida em que ela revela o componente da morte presente na pulsão sexual como indispensável ao processo do devir.

Chambrier (2002) afirma que as afirmações de Robert (1991) são precipitadas na medida em que não levam em conta e não fazem justiça nem ao gênio, nem ao rigor de Sigmund Freud.

Como vimos, Freud faz somente uma referência nomeada a Sabina Spielrein, disposta na nota de rodapé de *Além do princípio de prazer* (1920), e outras três alusões ao trabalho da autora russa: duas referências no *Mal estar na civilização* (1930), já citadas, e outra em 1940 [1938], no *Esboço de Psicanálise*, capítulo II, intitulado “A teoria das pulsões”, onde registra:

Depois de muito hesitar e vacilar, decidimos presumir a existência de apenas duas pulsões básicas, *Eros* e a pulsão de destruição. (O contraste entre as pulsões de autopreservação e a preservação da espécie, assim como o contraste entre o amor do eu e o amor objetal, incidem dentro de *Eros*). O objetivo da primeira dessas pulsões básicas é estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las – em resumo, unir; o objetivo do segundo, pelo contrário, é desfazer conexões e, assim, destruir coisas. No caso da pulsão de destruição, podemos supor que seu objetivo final é levar o que é vivo a um estado inorgânico. Por essa razão, chamamo-la também de pulsão de morte (FREUD, 1940[1938], v.23, p. 173; *AE*, v.23, p.146).

Cromberg (2008) defende a hipótese de que Freud reconhece a precedência e importância das concepções de Spielrein e que, a partir disso, é dado início ao processo de esquecimento da precursora do conceito de pulsão de morte. Em sua opinião, a nota de rodapé de *Além do princípio de prazer* (1920) ratifica a precedência de Spielrein, mas também aponta para as resistências e incompreensões em torno de sua produção.

Um dos principais aspectos apontados por Spielrein em seu texto é o fato de que a morte é necessária para a criação da nova vida, que a afirmação causa negação e que a transformação é o resultado da destruição. A posição de Spielrein sugere um dinamismo ativo em jogo no tema que questiona a própria perspectiva de Freud, do psiquismo impelido pelo desejo de tranquilidade e inércia. O que impulsiona a transformação e a construção

(criação), diz Spielrein, é a pulsão de destruição (CROMBERG, 2008, p.213).

3.1.3. Bastidores históricos

Die Destruktion Als Des Erdens (1912) integra um dos três principais textos produzidos por Sabina Spielrein. Nele, a autora faz uso da expressão “pulsão de morte” antes do emprego por Sigmund Freud. De acordo com Carotenuto (1984) e Cromberg (2008), a autora o escreve em 1911, mas de acordo com Covington e Wharton (2003) o texto foi escrito entre 1906 e 1907, quando contava com apenas 22-23 anos, afirmação sustentada pela publicação de extratos inéditos do diário em alemão de Spielrein.

Antes de sua publicação em 1912 no *Jahrbuch*, ela o envia a Jung, seu principal interlocutor, o qual retarda a publicação de seu texto por seis meses, provavelmente para que a segunda parte de *Metamorfose e símbolos da libido* (1912), de sua autoria de, fosse publicada. Cromberg (2008) é partidária da ideia de que Jung retarda intencionalmente a publicação do texto de Spielrein na tentativa de controlá-lo e corrigi-lo. Aquela era uma época de edificação da psicanálise, cujas discussões teóricas eram ferrenhas entre Freud e seus discípulos. As diferenças conceituais entre Freud e Jung começavam a ficar mais evidentes e iriam desaguar na ruptura definitiva. Autores como Cromberg (2008) são da opinião de que o exemplar de número três do *Jahrbuch für Psychopathologische und Psychoanalytische Forschungen* é um documento histórico. Nele, Freud publica suas *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides [1911])*, conhecido como “o caso Schereber” e Rank lança seu texto sobre o narcisismo, além da publicação da segunda parte do texto de Jung, já citada.

Em setembro de 1910, no dia seguinte ao nascimento da filha de Jung, Spielrein tem um encontro com ele e escreve em seu diário:

Devíamos começar o trabalho e, em vez disso, falamos da pulsão sexual/pulsão de morte, da representação do duplo pensamento na forma da morte, das teorias da *Dementia Praecox*, do mundo dos antepassados. [...] Encorajou-me a escrever o novo trabalho sobre a pulsão de morte, mas disse-lhe que devia antes terminar o meu último trabalho. Amanhã estarei de novo com ele e nos propusemos permanecer no trabalho. O meu único desejo é, no

momento, permaneceremos ‘amigos’ também amanhã (CAROTENUTO, 1984, p.208).

Em 19 de outubro de 1910, Spielrein escreve:

Em segredo, esboça-se dentro de mim o trabalho sobre “a pulsão de morte”, que, nos primeiros momentos de desespero, queria abandonar e, depois, a ideia de quanto é justificado o processo de destruição que está na base da *Dementia Praecox* (CAROTENUTO, 1984, p. 216).

A destruição como causa do devir (1912) é escrito em meio a intensa relação amorosa com Jung. Em 24 de outubro de 1910, Spielrein escreve em seu diário:

Devo por algo na cabeça para que a paixão que sinto por ele não me torne febril! Oh, meu Deus, pelo menos à noite quero ter paz para poder finalmente reunir a força necessária para eu iniciar o meu novo trabalho ‘sobre a pulsão de morte’! (CAROTENUTO, 1984, p.219).

Em 26 de novembro de 1910, Spielrein registra em seu diário o medo de ser plagiada por Jung. Ela escreve em seu diário:

Dentro em breve, também eu estarei na vigília do grande acontecimento, e penso nas palavras que meu amigo escreveu com a maior seriedade: “Hoje é um dia particularmente solene: a véspera do meu exame final. Espero com calma, mas minha alma está muito tensa”. Sim, era um momento belíssimo. E eu? Também para mim o exame é um momento tão solene? Devo admitir que não sei o que sinto realmente. Para mim, o exame é um mal necessário. Os meus pensamentos devem estar alhures, longe... e me oprime o difícil ‘depois’. Sim, a primeira meta que quero conseguir é um lugar na associação psicanalítica, graças ao trabalho que estou fazendo agora [a tese de psiquiatria sobre esquizofrenia], e que espero esteja à altura. Mas, para mim, é mais importante o segundo trabalho: “sobre a pulsão de morte”. Devo admitir que tenho muito medo de que o meu amigo, que queria se referir a esta minha ideia em seu trabalho de julho, mencionando a minha prioridade a respeito, tenha agora, ao contrário, se apropriado do desenvolvimento do meu pensamento, já que tem a intenção de lhe fazer referência em seu trabalho de janeiro [As metamorfoses da libido]. Por que sinto em mim esta desconfiança

sem motivo? Gostaria muito que fosse infundada, porque meu segundo trabalho será dedicado ao meu estimadíssimo professor, etc. Como poderia estimar uma pessoa que mente, que rouba minhas ideias, que não é amigo, mas somente um mesquinho rival sem escrúpulos? Amá-lo? Mas o amo! O meu trabalho está cheio de amor! Amo-o e o odeio, porque não me pertence. Não posso ficar em sua frente como uma tolinha estúpida! Não, lá no alto, orgulhosa e estimada por todos! Devo ser digna dele e o pensamento que criei deve estar ligado a meu nome [...] (CAROTENUTO, 1984, p 221-222).

Em 29 de novembro de 1911, Sabina Spielrein apresenta na Bergasse 19 *A destruição como causa do devir* para a plateia presente naquela quarta-feira. Na verdade, o material apresentado foi intitulado “Sobre a transformação”. Freud o comenta numa carta a Jung. Jung responde que o texto da jovem russa é uma produção autônoma e que o material precisava de uma revisão para que pudesse ser publicado no *Jarbuch*. (Op. Cit. Carotenuto, 1984). No início de 1912 o texto segue para publicação.

Spielrein temia o plágio de Jung. Em 14 de junho de 1912, Freud lhe escreve:

[...] Tudo que me escreve sobre si mesma me interessa bastante, mesmo que não seja novo. Depois de nossa conversa sobre o problema, eu faço minha sem reservas vossa concepção da prioridade em questão. O germe desta ideia se encontra certamente nos nossos primeiros trabalhos; e se quiséssemos ser rigorosos, se deveria encontrar uma clara apreensão dessa ideia no *Trauma e mito*, de Abraham. Jung deve ter esquecido esta passagem quando você lhe ditou as frases da conferência, e eu também quando escrevi estas notas na *Imago*⁶⁵. No conjunto, essa questão de prioridade não é importante. No mês de outubro, eu esperarei uma decisão sua quanto à sua vinda a Viena bem como à revisão de sua dependência de Jung. Eu vos agradeço muito por aquilo que dissestes inteligentemente a Jung; à parte isso, ele não poupa esforços em agravar (...) [palavra ilegível] até a ruptura (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 211-212).

⁶⁵ Imago: Revista criada por Sigmund Freud em 1912 e dirigida por ele, juntamente com Hanns Sachs e Otto Rank. O título foi tomado de empréstimo ao romance publicado em 1906 pelo escritor suíço Carl Spittler (1845-1924), Prêmio Nobel de literatura de 1919 (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 372).

Em 20 de janeiro de 1913, Freud escreve a Spielrein e lhe informa sobre uma resenha de seu texto elaborada por Federn⁶⁶. Nessa mesma carta, lhe comunica o rompimento definitivo com Jung.

Meu relacionamento pessoal com seu herói germânico rompeu-se em definitivo. Ele se comportou muito mal. Desde que você me enviou aquela primeira carta, minha opinião a respeito dele mudou muito. A cooperação científica, no entanto, presumivelmente será mantida. [...]. O primeiro número do *Zeitschrift*⁶⁷, uma prova do qual está diante de mim agora, traz uma resenha de sua última colaboração mais extensa. Tomamos a liberdade de criticá-la com franqueza, conforme o pessoal de Zurique nos pediu expressamente. Não fique zangada e encare-a com indulgência (KERR, 1997, p.478).

A resenha elaborada por Federn não leva em conta as ideias prevalentes do texto de Spielrein. A autora redefine o desejo sexual como problemático para o eu, salienta a presença de representações de morte e destruição na neurose e na psicose, elucida a questão da regressão na esquizofrenia e, fundamentalmente, ela faz protagonizar a questão da repressão no desejo sexual. Esses são os aspectos principais defendidos por Spielrein, os quais não aparecem na resenha de Federn. Por isso mesmo, Kerr (1997) afirma que se trata de uma encomenda depreciativa e equivocada do texto de Sabina. O discípulo freudiano dá a entender que Spielrein se limitava a provar que a destrutividade era componente indispensável à sexualidade e, na rota de sua resenha, Federn avalia o trabalho como um tratado esquisito do sadomasoquismo.

No final da resenha Federn, muda de opinião, passando da crítica depreciativa para elogios que não se encaixam com seu pensamento inicial. Há suspeitas de que as palavras finais tenham sido introduzidas por outra pessoa, não nomeada, defende Kerr (1997): “sem considerar sua verdade objetiva, o artigo, graças à sensibilidade da autora quanto aos relacionamentos emocionais, me parece também uma contribuição para a

⁶⁶ Paul Federn (1871-1950), psiquiatra e psicanalista americano, analisado por Freud, foi o quinta membro a se filiar à Sociedade Psicanalítica de Viena. Teve papel muito importante nas reuniões das quartas feiras, considerado como um de seus pilares, atuando como formador de alunos. É considerado um freudiano ortodoxo e assim se manteve até o final de seus dias (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 228-230).

⁶⁷ *Zeitschrift* significa “revista”.

análise da modalidade mística de pensamento que é tão importante para a humanidade” (Ibidem). Kerr afirma que alguém em Viena havia percebido como se harmonizavam o texto de Spielrein com a segunda parte de *Transformações e símbolos da libido*, de Jung. O artigo de Spielrein era fortemente influenciado por Jung. Na medida em que as divergências entre Freud e Jung foram se acentuando é plausível prever o destino de Sabina. Em 9 de fevereiro de 1913, Freud lhe responde: “você já fez um bom trabalho sério e importante e tem todo o direito de parar por um tempo e recompor seus pensamentos” (Kerr, 1997, p.480). Cromberg (2008, p.209) escreve que Sabina não viveu a rejeição de seu trabalho a partir da resenha de Federn, na medida em que ela nada registra a esse respeito em seu diário.

3.1.4. A destruição como causa do devir

Sabina Spielrein inicia *Die Destruktion als Ursache Des Werdens* (1912) definindo a sexualidade como o seu campo, e nele, a questão de que o exercício da sexualidade adulta implica a superação de obstáculos.

Como acontece que uma pulsão assim imperiosa como a pulsão de procriação possa suscitar, paralelamente aos afetos positivos, os quais se esperam, numa primeira abordagem, também afetos negativos tais como angústia e aversão, que constituem de fato, igualmente obstáculos, que um indivíduo deve suplantar antes de poder aceder a um comportamento adequado? (SPIELREIN, 1912).

Apesar da psicanalista russa não nomear o que designa por “afetos positivos”, se refere à angústia e à aversão como afetos negativos contrários. Onde é possível inferir que os afetos positivos citados por Spielrein se refiram ao prazer, à excitação, ao desejo, em consonância com a primeira teoria pulsional de Freud.

A autora estabelece uma ligação entre a atitude negativa no exercício da sexualidade e os neuróticos e ressalta que os limites educacionais impostos à satisfação do desejo sexual, notadamente pelos costumes e fatores sociais, funcionam como fatores de resistência. Ao assinalar os limites impostos à pulsão, Spielrein afirma que “ensinam

a cada criança que ela deve considerar a satisfação do desejo sexual como qualquer coisa de mal, de interdito” (Spielrein, 1912).

Spielrein faz referência a autores cujo tema de morte e destruição eram por eles trabalhados. Ela cita Stekel, para quem o desejo de morrer existe paralelo ao desejo de viver, e que desenvolve suas pesquisas a partir da linguagem das representações nos sonhos e defende a ideia de que a morte é símbolo de pecado moral. No livro *A linguagem dos sonhos* (1911) afirma que onde comparece a morte, manifesta-se também a pulsão de vida.

Sabina faz referência a Herman Swoboda⁶⁸, famoso paciente de Freud, o qual, junto com Weininger⁶⁹ e Fliess, se envolveu na disputa da prioridade conceitual sobre a bissexualidade. Swoboda estabeleceu a ideia de uma lei de conservação da vida, na qual o ato gerador provoca uma diminuição momentânea da atividade em certa medida.

Spielrein importa de Gross⁷⁰ as concepções sobre a origem do sentimento de aversão a partir das secreções sexuais e as implicações decorrentes da vizinhança com os excrementos corporais (fezes e urina). Em Freud, particulariza os fenômenos de resistência e angústia que o recalçamento do desejo sexual provoca. A psicanalista russa dialoga também com Bleuler, o qual vê na defesa contra a representação ligada ao afeto positivo a causa da angústia e da aversão.

⁶⁸ Hermann Swoboda (1873-1963), “jurista austríaco, doutor em Direito e Filosofia, professor de psicologia na Faculdade de Viena, [...] era amigo de Otto Weininger e analisando de Freud em 1900. [...] Freud lhe expôs sua teoria da bissexualidade [...]. Swoboda transmitiu essas ideias a Weininger, que com elas fez um livro célebre, *Sexo e caráter*, publicado em 1903. Depois do suicídio de Weininger, Swoboda, que o acusara de ter roubado as suas hipóteses, redigiu, por sua vez, uma obra que provocou em 1904 um incrível caso de plágios em série. [...] Fliess acusou Freud de ter “roubados suas ideias” sobre a bissexualidade por intermédio de Swoboda e Weininger (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 747).

⁶⁹ Otto Weininger (1880-1903), escritor austríaco, judeu, antissemita, violento, cultuava a pureza racial. Converteu-se ao protestantismo por repulsa à judeidade. Autor de um único livro, *Sexo e caráter* (1903), considerado um manifesto da bissexualidade e do ódio aos judeus e às mulheres. Seu nome está ligado à construção da teoria da bissexualidade por Freud. Suicidou-se na antiga casa de Ludwig van Beethoven com um tiro no coração (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 778-9).

⁷⁰ Otto Gross (1877-1920), psiquiatra austríaco, foi professor de psicopatologia, assistente de Kraepelin em Munique e, após conhecer Freud, orientou-se para a psicanálise. Foi internado duas vezes no Burghölzli para tratamento de desintoxicação por uso de drogas. Pregava o imoralismo sexual. Tentou estabelecer uma associação entre o conceito freudiano de clivagem com o conceito de dissociação de Kraepelin, através de sua obra *A ideogenidade freudiana e sua significação na alienação maniaco-depressiva* (1907). Jung o analisou, a pedido de Freud. Após outras várias internações terminou sua vida de forma errante, morrendo de frio e fome nas ruas de Berlim (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 319-20).

Jung foi o maior influenciador de Sabina Spielrein. O analista suíço afirmava que o desejo passional carrega a possibilidade de tornar tudo belo, mas também é capaz de causar danos, destruição. Essa ideia comparece no ensaio *Metamorfose e símbolos da libido* (1912), no qual Jung se refere ao fato de uma potência geradora se revelar uma potência destrutiva, ao fato de que a fecundidade é condenatória no sentido de que o advir de uma nova geração condena à destruição a geração precedente, e ao fato do desejo erótico causar angústia. Spielrein, a partir da experiência com jovens mulheres, e certamente de sua própria experiência amorosa, afirma, como regra geral, o fato do desejo sexual gerar angústia e suscitar o recalçamento. Ela questiona “no que o próprio ato sexual induz no indivíduo tal atitude?” (Ibidem).

Jung recebe friamente o texto de Spielrein e retarda a publicação de *A destruição como causa do devir* em seis meses.

Spielrein corrobora o pensamento de Jung acerca da angústia neurótica em relação à sexualidade, mas circunscreve seu próprio campo de pesquisa. Se o pensamento de ambos os autores coincide quanto às armadilhas psíquicas subjacentes à atividade erótica, Spielrein discorda de seu interlocutor quanto ao fato das representações sexuais e as representações de morte serem antitéticas. O seu pensamento se encaminha no sentido de estabelecer uma ligação entre morte e sexualidade, circunscrevendo o campo teórico da angústia ao feminino e ao gozo sexual. Para a autora, é a própria pulsão que carrega a fonte da angústia. O instante soberano do gozo sexual conduz o sujeito a ter contato com a evanescência e a finitude, donde advém a angústia, concebida por Spielrein como potência destrutiva.

Apesar de Freud e Jung terem desejado que dados biológicos não constassem em seu texto, Spielrein reserva uma parte do trabalho para a apresentação de tais dados. No futuro, o próprio Freud lançará mão de dados biológicos para anunciar a sua concepção da pulsão de morte em 1920. No século XIX, era comum dentre as especulações biológicas a consideração de que processos orgânicos diferentes pudessem se equilibrar, um construtivo, outro destrutivo. Influenciado por tais ideias, Freud liga as tendências destrutivas ao desejo de morte. A inovação freudiana está em criar uma teoria distinta de qualquer aceção espiritual.

Spielrein defende que o psiquismo não está isento daquilo que ocorre com o corpo biológico. Afirma que a unidade celular é destruída para que surja uma vida nova.

Desde a concepção, uma célula macho une-se a uma célula fêmea: cada célula, do fato desta união, é destruída enquanto unidade e é dessa destruição que surge em seguida uma vida nova. Certos animais inferiores, como, por exemplo, os efêmeros, só podem se reproduzir às custas de sua existência e eles morrem tão cedo e depressa assim que a nova geração aparece. Para tais seres, criação é sinônimo de desaparecimento, e enquanto tal é o que o ser vivente mais teme (SPIELREIN, 1912).

A autora pesquisa sobre os animais superiores com o intuito de fazer uma aproximação com o ser humano. Ao afirmar que “a fecundidade destrói os elementos essenciais do indivíduo” indica que é a pulsão sexual a responsável por tal destruição.

A fecundação destrói os elementos essenciais do indivíduo. O ato de geração, ao mesmo tempo em que conduz à união das células sexuais, une dois indivíduos da maneira mais estreita, um penetrando no outro. A diferença só é quantitativa: só uma parte e não a totalidade do indivíduo se encontra aqui absorvido, parte que neste instante vale por todo o organismo. O elemento macho se converte no elemento fêmea que, de sua parte, se encontra afetada, modificada por este corpo estrangeiro. A reviravolta toca o conjunto do organismo: os processos de destruição e reconstrução que, mesmo em tempo normal se realizam sem cessar, se precipitam (SPIELREIN, 1912).

Spielrein passa a falar das descargas das secreções sexuais equiparando-as à descarga dos excrementos. Freud, em 1920, também irá se referir ao assunto, afirmando que o organismo celular sucumbe ao efeito nocivo de seus próprios excrementos.

O organismo se descarrega de suas secreções sexuais como ele se descarrega de seus excrementos. Será verdadeiro dizer improvável que tais processos restam sem efeitos sobre o psiquismo do indivíduo, não despertando aí ao menos sentimentos particulares? E, com efeito, sendo que é na própria pulsão de procriação que se enraízam os sentimentos de felicidade que inspiram a todo o ser vivente o devir, ao mesmo tempo os sentimentos de defesa tais como a angústia e a repulsa, que suscita esta mesma pulsão, não sem o resultado de colocar-se em relação aberrante com as matérias excrementícias vizinhas, nem a expressão negativa de uma renúncia à sexualidade: são sentimentos que correspondem aos componentes destrutivos da própria pulsão sexual (SPIELREIN, 1912).

Depreendemos desse trecho que existe a preocupação da autora em afirmar quão improvável é a possibilidade de que tais processos biológicos fiquem sem efeitos no psiquismo. Para Spielrein, a angústia e a repulsa são derivadas da mesma pulsão que inspira o devir, e isso é devido ao componente destrutivo da pulsão sexual.

Os efeitos dos fatores biológicos no psiquismo são abordados na segunda parte do texto, onde ela faz suas considerações sobre o que intitula “psicologia individual”. A autora apresenta o que concebe por temporalidade psíquica. Afirma que “nós não ligamos afeto a um acontecimento a não ser na medida em que ele revele em nós acontecimentos vividos anteriormente, aos quais o afeto já está ligado e que permanecem desaparecidos no inconsciente” (Spielrein, 1912). Recorre à segunda parte de *Fausto*⁷¹ para afirmar que a transitoriedade se refere a alguma coisa da qual nada se sabe. Spielrein estabelece uma relação significativa entre linguagem consciente e inconsciente. Ela defende que o ser humano é movido por algum acontecimento original do qual nada se sabe. Nesse texto, Sabina Spielrein manifesta o interesse sobre o papel da linguagem nos processos conscientes e inconscientes, tema esse que ela retomará em escrito posterior⁷².

Spielrein, que tem conhecimento de filosofia, toma de empréstimo de Kant a noção de coisa no sentido de essência, de imutável, daquilo a que não se tem acesso direto. A jovem russa assinala que as representações psíquicas originam-se a partir daquilo que ela designou por “mãe primordial”. Seu posicionamento teórico caminha no sentido de afirmar que tais representações tendem a retornar ao ponto de origem, à “mãe primordial”. Essas concepções foram estabelecidas a partir de sua experiência clínica no Burghölzli, onde lhe é possibilitada a apresentação de exemplos clínicos ilustrativos da tendência de retorno ao estado de indiferenciação original. “Cada representação, obtida por diferenciação a partir desta mãe original (o inconsciente) tende a retornar a ela, quer

⁷¹ Fausto é o protagonista de uma popular lenda alemã de um pacto com o demônio, baseada no médico, mágico e alquimista alemão Dr. Johannes Georg Faust (1480-1540). O nome Fausto tem sido usado como base de diversos romances de ficção, o mais famoso deles do autor Goethe, produzido em duas partes, tendo sido escrito e reescrito ao longo de quase sessenta anos. A primeira parte - mais famosa - foi publicada em 1806 e a segunda, em 1832 - às vésperas da morte do autor.

⁷² *As origens das palavras infantis Papai e Mamãe* (1922), lido por Piaget no VI Congresso Internacional de Psicanálise (1920).

dizer, a voltar ao estado de indiferenciação, processo a partir do qual surge o devir”, escreve Spielrein (p.520).

Quando o texto *A destruição como causa do devir* (1912) foi publicado, Freud já havia escrito *A interpretação dos sonhos* (1900) e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Sabina Spielrein apresenta uma espécie de resumos dos *Três ensaios* e suas colocações evidenciam a transformação da pulsão de autoconservação e da pulsão de conservação da espécie em uma única pulsão. Isso explica porque ela foi criticada como monista pelos psicanalistas da época.

Na medida onde é bem a causa motriz de nosso eu consciente e inconsciente que nós desejamos determinar, parece que Freud tem razão de fazer do princípio de prazer e da repressão do desprazer o fundamento de toda vida psíquica. Nesta ótica se dirá que o prazer reenvia às fontes infantis. Mas a questão é saber se toda nossa vida psíquica pode se limitar a esta via do eu: será que não escondemos forças pulsionais capazes de mover nosso psiquismo independente de todo sentimento de prazer ou sofrimento que o eu possa aí encontrar? (SPIELREIN, 1912).

Com relação ao “eu inconsciente” lembremos que será somente em 1923, no texto *O eu e o isso* que Freud irá se referir à porção inconsciente do eu, responsável pelas defesas inconscientes. A citação contém formulada a questão principal de Spielrein, a qual, para Cromberg (2008), é similar a questão formulada por Freud em 1920. Ela alude à existência de forças pulsionais capazes de mover o aparelho psíquico à revelia do princípio de prazer.

As pulsões de conservação fundamentais clássicas, a pulsão de autoconservação e a pulsão de conservação da espécie desempenham o mesmo papel para o conjunto da vida psíquica que para a única vida do Eu, quer dizer são elas absolutamente a origem de todo o prazer e de todo o desprazer? Minha convicção é que a psique do Eu compreendida inconscientemente, se encontra submetida aos movimentos em que a causa é bem mais profunda e que se inquietam tão pouco do mundo como da maneira com que reagimos a suas injunções. Só há verdadeiramente prazer ao Eu em obedecer estas injunções profundas e é assim que nós podemos obter prazer imediatamente a uma desgraça ou sofrimento que, neles mesmos, só comportam um violento desprazer; todo o sofrimento é, com efeito, um

atentado feito ao indivíduo, e o papel da pulsão de autoconservação é justamente o de proteger o indivíduo contra tais atentados. Assim, há qualquer coisa no fundo do indivíduo que, por mais paradoxal que possa parecer numa primeira abordagem, impulsiona a fazer dano em si mesmo, que o faz aí ter prazer. Um tal desejo de sofrimento e de dor permanece rigorosamente incompreensível ao considerar-se que o Eu só persegue, com efeito, seu prazer (SPIELREIN, 1912).

O texto de Spielrein representa contribuições importantes para a psicanálise, na medida em que tais aportes constituirão os temas que Freud irá desenvolver, notadamente entre os anos de 1920 e 1930.

Cromberg (2008) afirma que Sabina Spielrein teoriza sobre o sofrimento masoquista, muito embora essa nomeação só compareça nas linhas finais de seu texto, bem como desenvolve reflexões sobre a natureza dividida do eu.

Convém-me admitir que a característica principal do indivíduo é o fato dele ser um “dividido”. Quanto mais nos dirigimos ao pensamento consciente, mais nossas representações são diferenciadas e, inversamente, quanto mais mexemos no inconsciente, mais nossas representações se fazem gerais, típicas. O mais profundo de nossa psique não conhece mais o “Eu”, só conhece a somação, o “Nós”, ou o Eu atual se torna, considerado como um objeto, subordinado a outros objetos semelhantes (SPIELREIN, 1912).

Sabina pensa no “eu consciente” ligado à pulsão de autoconservação, cujas representações são diferenciadas, e o “eu inconsciente” ligado a injunções mais profundas. De acordo com seu texto, nas profundezas da psique as representações são indiferenciadas e gerais.

Spielrein faz uma aproximação entre histeria e esquizofrenia. Vimos que o seu próprio diagnóstico oscilou entre esquizofrenia e a histeria psicótica.

A histeria, que é um caso de hipertrofia do Eu, desenvolve no doente uma sensibilidade ainda maior. Será nada menos rigorosamente falso atribuir uma via psíquica mais rica aos histéricos que aos doentes sofrendo de demência precoce: é, com efeito, nestes últimos casos que se encontram os pensamentos mais significativos. A única consequência da atividade restritiva

do Eu, característica desta doença, é que o pensamento só se exerce no seu modo arcaico, analógico (SPIELREIN, 1912).

A autora russa afirma que “Freud sustenta que a demência precoce recobre um fenômeno de retração da libido, depois de seu retorno, e enfim, do conflito entre investimento e retração da libido” (Spielrein, 1912). Cromberg (2008) assinala que Katz (1994) supõe que Sabina estivesse presente nas discussões teóricas desenvolvidas por Freud e Jung sobre a esquizofrenia. “Pois onde Freud havia escrito isto, nessa data, a não ser na correspondência riquíssima que troca com Jung por volta dos anos 1908?” (Katz, 1994, Apud Cromberg, 2008).

Spielrein apresenta uma concepção contrária a de Freud, pois, em sua opinião “se trata de um conflito entre as duas correntes opostas da psique do eu e da psique da espécie” (Spielrein, 1912). Para a autora, a psique da espécie é regida pela pulsão de conservação da espécie e intenciona reduzir as representações do eu a representações típicas, indiferenciadas. A psique do eu, regida pela pulsão de autoconservação reage a tal movimento agarrando-se ao afeto que está em vias de desaparecer. “No entanto, os doentes se apercebem eles mesmos de que o valor afetivo não concorda mais com a representação sobre a qual ele foi relatado, que eles só imitam o afeto passado. Compreendem-se assim que, bem frequentemente, eles zombam, ao mesmo tempo, de seu próprio sofrimento e não veem na sua doença mais do que uma comédia que eles atuam”, afirma Spielrein (1912).

Sabina passa a descrever como se dá a transformação de uma representação consciente em outra típica, indiferenciada. Num primeiro momento, o eu consciente reage e tenta desligar o afeto da representação aflitiva, ligando-o a outra representação secundária. Nesse estágio, o afeto é vivido como inadequado para depois se transformar em angústia.

A angústia persiste enquanto afeto; não tendo ainda desaparecido, impõe-se ao doente, que prova, então ainda, tendo necessidade de uma relação individual às coisas, o sentimento de ruína (potência estrangeira) de seu Eu; esta angústia, com o progresso da doença dará lugar à indiferença que se sabe: os doentes não se sentem pessoalmente concernidos ao que quer que seja, e mesmo que eles continuam a dizer “eu” eles só se consideram como

simples objetos, não havendo nenhum Eu a significar, nenhuma vontade individual (SPIELREIN, 1912).

Sabina Spielrein propõe a ideia de que a despersonalização decorre de algo que vem das profundezas, daquilo que ela nomeia como “nós”, ou seja, de algo que não mais se designa como “eu”. E, segundo o seu pensamento, o indivíduo não mais consegue estabelecer uma relação individual com as coisas.

A autora afirma que a debilitação dos sentimentos de prazer e desprazer não acaba com a vida psíquica. Segundo ela, a capacidade de diferenciação e a realização de desejos diminuem, e que, em represália, as representações individuais diferenciadas são assimiladas às representações arcaicas, típicas, comuns à espécie como um todo. “Tais representações, das quais povos inteiros se formaram, e que não possuem mais nenhum valor afetivo, nos informam sobre o conteúdo exato de nossos movimentos pulsionais”, assinala Spielrein (1912). Ela vê na resistência da psique do eu à psique da espécie a força da inércia.

A psique da espécie que assim se coloca como a negação do Eu atual, ao mesmo tempo em que o renega por esta negação mesma, porque a parcela do eu que foi absorvida, aparecerá sob novas representações, mais ricamente adornada do que nunca (SPIELREIN, 1912).

Spielrein parece dar pistas da ideia que defende, ou seja, da destruição como causa do devir, na medida em que o eu que se destrói, ou se deixa ser destruído, ressurgue modificado.

Podemos dizer que a regressão nela mesma consiste em sempre querer reviver os acontecimentos de sua infância, aos quais se liga um sentimento de prazer, mas resta agora se perguntar por que se liga um tal prazer aos acontecimentos da infância? Por que esta “alegria do reconhecimento do conhecido”? [...] Por que nós não vivemos, não reproduzimos sempre os mesmos acontecimentos? Há em nós, portanto, paralelamente ao desejo de permanência, um desejo de transformação, que dissolve os conteúdos de representações individuais em um material similar, tomado de tempos antigos, um desejo típico, quer dizer, próprio da espécie que, projetado em direção ao exterior, aparece sob a forma de uma obra de arte. O que significa esta desapareção para o Eu senão a morte?

Certo, ele reaparece sob uma forma nova, talvez mais bela, no entanto, ele não será mais o mesmo Eu, mas um Outro, criado às custas do primeiro, exatamente da mesma maneira que o grão e a árvore que dele provém podem ser idênticos do ponto de vista da espécie, mas são outros do ponto de vista do indivíduo; dependerá, portanto, do ponto de vista adotado, que se veja no novo produto antes de tudo a continuação da existência antiga, ou bem o seu fim, e que se note positivamente ou negativamente a desapareição do complexo do Eu. Encontram-se assim, exemplos de neuropatas aos quais as relações sexuais inspiram angústia, pela razão de que eles veem na ejaculação uma morte parcial do indivíduo. (SPIELREIN, 1912).

A partir da análise da criação artística Spielrein passa a tomar a palavra como mediação entre o individual e o coletivo, enquanto representação e símbolo. Ela sustenta a ideia de que o pensamento por meio de palavras visa a generalização, no sentido de acessibilidade aos outros, mas mantém uma singularidade justificada pela existência no indivíduo de um núcleo arcaico, incomunicável por si mesmo. Nesse ponto do texto, ela toma Nietzsche pela mão e afirma o engano promovido pela linguagem e que, por meio desse engano, e independente da forma de expressão – seja artística ou não – a linguagem traz o alívio do processo sublimatório, trazendo à tona o típico, mais que o individual.

Em seguida, Spielrein introduz o campo amoroso em suas investigações. Ela defende a tendência do Eu em se abandonar sem reservas na paixão amorosa, entrega essa que promove o aniquilamento do Eu, mas também alegria e felicidade.

Todas nossas representações procuram, por assim dizer, um material não idêntico, mas similar a elas mesmas, no qual se aniquilar e se metamorfosear. Um tal material nos é fornecido pela compreensão, fundada sobre a comunidade dos conteúdos de representação, que elas despertam no seu destinatário; esta compreensão, em retorno, provoca em nós um sentimento de simpatia, que não é outro que o desejo que nós experimentamos de dar ainda mais de nós mesmos, em direção àquele que se pende, particularmente quando se trate de uma pessoa de sexo oposto; intensifica-se a tal ponto, que se deseja abandonar sem a menor reserva (o Eu todo inteiro). Esta fase da pulsão de procriação (de transformação), extremamente temível para o Eu, apela, portanto, em nós, aos sentimentos de felicidade, na medida em que é no ser amado (no amor), semelhante a si, que alguém se aniquila (SPIELREIN, 1912).

Spielrein passa a tratar da relação amorosa e essa perspectiva se torna o ponto central de suas concepções sobre a pulsão de morte, onde é percebida forte influência do pensamento de Jung. Ela afirma que “são seus próprios pais que se ama através da pessoa querida” (Idem) e, segundo o seu pensamento, a relação amorosa atualiza a relação amorosa dos pais, assunto que será nomeado por Freud como fantasia da cena primária. O encontro com o objeto amado pode atualizar a experiência primária, promovendo um reencontro com ela, ou não. Cromberg (2008, p. 249-50), após detida análise do texto de Spielrein, conclui que “quando o acaso do encontro amoroso com o objeto se dá, o complexo de representações da nossa experiência sexual que subsiste em nós se satisfaz. Quando ele não se dá, esse complexo de representações perdura e instala uma tensão sexual que busca se liberar por complexos representacionais similares, as fantasias sexuais, diríamos, que se renovarão continuamente”. O ato sexual relaxa a psique e as representações originárias são temporariamente aniquiladas. O texto de Spielrein enfatiza que quanto mais se tende a concretização do ato sexual, mais viva é a representação originária, mas ela tende a desaparecer no momento do orgasmo, destruída pela ab-reação promovida pela experiência sexual. Em certa medida, Spielrein explica sobre os afetos negativos que a possibilidade da experiência sexual desperta. Para a psicanalista russa, os neuróticos optam pela manutenção fantasística, mantendo a virtualidade da experiência sexual, dado o temor da morte momentânea do psiquismo pelo desaparecimento de tensões que a realização orgástica promove.

A partir da obra *Contribuições à linguagem dos sonhos*, de Stekel (1909), Spielrein lança mão da ideia da assimilação pelo inconsciente da morte enquanto símbolo sexual, tal como ela comparece nos sonhos. A autora destaca a seguinte passagem do texto de Stekel:

O sonho não conhece a negação da vida, da mesma forma que ele não conhece qualquer forma de negação. No sonho, a morte só significa a vida mesma, e bem frequentemente, é a alegria de viver a mais intensa que se exprime sob a forma de um desejo de morte. O suicídio também pode ser explicado de maneira análoga, e a escolha do procedimento decorre, notadamente, de certas fantasias eróticas. Estas ideias foram expressas pelos poetas de maneiras repetidas e os filósofos também iluminaram estes laços que unem Eros e Thanatos. A morte, ela mesma, no sonho como bem

frequente na realidade, é, antes de mais nada, uma morte sexual e só representa um ato sexual de caráter sádico, fortemente marcado. (SPIELREIN, 1912).

No entanto, Sabina Spielrein discorda da interpretação que Stekel sugere para sonhos típicos relatados em geral pelas moças. Ela não concorda com a associação da perda da virgindade com a perda da virtude, nem com a afirmação de que a mulher acede à existência pela experiência sexual.

É frequente que as jovens façam o seguinte sonho, típico: a pessoa em questão se encontra nua, em plena rua, e ela se vê agredida por um homem vigoroso, que lhe enfia uma faca no ventre. Aqui, a morte serve para ilustrar a defloração violenta, a perda irremediável da virtude: a virgindade é exposta à morte, mas é por esta morte que a mulher acede à existência (STEKEL, 1909).

A análise de Spielrein para sonhos típicos de defloração, como o exemplificado por Stekel, reflete não o assassinato moral, como defende aquele autor, mas a angústia que produz a sensação física de ter o corpo transpassado realmente pelo pênis no ato sexual.

Subitamente Spielrein passa a falar da guerra:

Explica-se, assim, que as experiências de guerra se revelem tão propícias à eclosão das neuroses, já que a causa delas, nelas mesmas, reside apenas numa perturbação da vida sexual. A guerra, por excelência, provoca as representações de destruição. Daí que, uma imagem apelando uma outra similar, a via das devastações da guerra suscitará representações ligadas ao componente destrutivo da pulsão de procriação. Um ser normal pode repugnar-se da própria existência de tais representações, que lhe parece em seguida como qualquer coisa de vã e fútil: com razão mais forte um neuropata, em quem as representações de morte sobrepujam de todas as maneiras as representações de vida e que só se espera dispor de símbolos apropriados para dar livre curso a suas fantasias de destruição. É frequente em pessoas jovens, particularmente nas moças, de se ver em sonho imóvel no seu caixão. Freud nos ensina que a estada no caixão simboliza a estada da criança no ventre de sua mãe (caixão = ventre materno), o que Stekel

completa muito pertinentemente, dizendo que esta também é a significação da tumba, “em relação à qual ‘escavar’ toma todo seu sentido ao mesmo tempo de ‘penetrar’ e de ‘nascer’ (cavar e enterrar). É assim que o túmulo representa também o céu, o que coincide com aquela crença que os homens têm numa passagem, pela morte, da tumba ao céu” (SPIELREIN, 1912).

Dessa passagem, depreendemos que a autora considera a guerra como propícia a eclosão da neurose pela perturbação que traz à vida sexual. Igualmente a devastação provocada pela guerra desencadeia representações do componente destrutivo da pulsão sexual. Aqui, uma vez mais, Spielrein ratifica a ideia de que a pulsão sexual possui um componente destrutivo. É interessante a abordagem da autora nesse momento da história do movimento psicanalítico, tendo em vista que Freud o fará a partir de 1920, após sua teoria pulsional final, quando passa a tecer considerações sobre os fenômenos culturais, como é o caso da guerra.

Spielrein relata situações clínicas e mitológicas através das quais apresenta símbolos que unem a morte à vida e à sexualidade. Afirma que “[...] a morte de Jesus Cristo, que confunde a fé cristã, é a condição de seu renascimento a uma nova vida” e, nesse sentido, “[...] a vida só pode ser obtida ao preço da morte” (Idem). Igualmente defende que na entrega sexual há o desaparecimento do ser no outro amado, o que traz representações de angústia e destruição ligadas à sexualidade.

Das fantasias angustiantes femininas, Sabina Spielrein passa para a análise das representações de morte ligadas à sexualidade masculina e toma Nietzsche como interlocutor. Incentivada por Bleuler, ela conhece a obra de Freud, Nietzsche e Schopenhauer entre 1904 e 1905.

É muito instrutivo estudar as representações de morte que acompanham diversas formas de autosatisfação. Nietzsche, assim, nos oferece um caso exemplar de autoerotismo psíquico: tendo estado solitário toda sua vida, toda sua libido se encontra concentrada sobre sua própria pessoa. Como Nietzsche desde então concebeu o amor, ou mais que tudo, como o sentiu? O poeta foi tão torturado pela solidão que ele se deu um amigo ideal, Zaratustra, ao qual ele se identifica. A necessidade que ele experimentava de encontrar um objeto para seu amor fez com que ele cindisse a si em homem e mulher e se tornasse Zaratustra no qual se reúnem estas duas personalidades (SPIELREIN, 1912).

A autora dedica oito parágrafos de seu texto a Nietzsche, os quais não se destinam à análise da obra nitzscheana, mas apenas a uma tentativa de compreender na obra a solidão do filósofo, por supor que conflitos sexuais se fazem aí subjacentes. Sabina evidencia a criação auto-erótica de Nietzsche, reflete sobre seu processo criativo e mostra a substituição do amor sexual pelo conhecimento, pela criação. Ela revela que Nietzsche, enquanto criador, teria em comum com o esquizofrênico o recolhimento auto-erótico.

A partir de suas considerações sobre Nietzsche, Spielrein dá ênfase ao homossexualidade e autoerotismo na mulher, mantendo a discussão em torno da atividade e passividade, masculino e feminino. Atribui papel ativo ao homem e passividade à mulher. Em seguida, defende a bissexualidade e a existência de tendências ativas, masculinas e sádicas, assim como tendências passivas, femininas e masoquistas em ambos os sexos. É a primeira vez no texto que o masoquismo aparece ligado ao feminino e à passividade. Então, ela lança o alerta do risco das representações passivas e função da identificação com o objeto amado, que pode conduzir a diversas formas de autodestruição.

O homem, estando mais disposto ao papel ativo, possui também, do fato do componente destrutivo da pulsão sexual, mais desejos sádicos: ele quer destruir a mulher que ama, e a mulher, que se considera mais objeto desse amor, quer ser destruída. Bem entendido, a delimitação não é jamais assim nítida, já pelo fato de que todo ser humano é de fato bissexual e que também se encontra representações ativas nas mulheres, bem como representações passivas no homem; assim, a mulher encerra também as tendências sádicas da mesma forma que o homem, as tendências masoquistas. Se as representações passivas, do fato da identificação à pessoa amada, se intensificam fora de medida, então, o amor que se tem a si mesmo pode conduzir a formas de autodestruição tais como a mortificação, o martírio e até a destruição total da própria sexualidade, à castração. Estas não são, com efeito, senão diversos graus e diversas manifestações de um mesmo processo de autodestruição (SPIEIREIN, 1912).

Nos parágrafos finais do texto *A destruição como causa do devir*, Spielrein trata do ato sexual como forma de autodestruição e, para isso, lança mão uma vez mais de

Nietzsche, e também de Shakespeare, de uma paciente de Jung, de uma paciente sua, além de outros exemplos. Apresenta a morte enquanto um novo nascimento. Apoiada no personagem *Zarathustra*, de Nietzsche, assinala que a afirmação da vida é pareada por sua negação. E que esse componente negativo vem acompanhado da morte da sexualidade. O filósofo escreve que o mais desejável e o mais detestável compõem-se dentre as possibilidades de satisfação do homem.

De Bleuler, importa o conceito de ambivalência entre amor e raiva. Recorre, então, a *Romeu e Julieta*⁷³, de Shakespeare, para mostrar como amor e raiva “são fenômenos equivalentes, e podem todos os dois impulsionar qualquer um aos mesmos atos” (Idem).

Se uma libido normalmente dominada só comporta fracas representações de destruição, se exprimindo sob a forma de implicâncias, de pequenos golpes (justificando o provérbio: “quem ama, implica”), a violenta paixão de um sádico, ao contrário, se exprimirá em cenas assustadoras, podendo mesmo levar até a morte sexual. Da mesma maneira, se a supressão dos obstáculos que bloqueiam as representações libidinais positivas pode transformar uma ligeira antipatia em uma não menos inclinação, a liberação de representações onde uma raiva violenta impedia então a realização pode desembocar em uma ardente paixão. Uma tal paixão é necessariamente destrutiva, porque, muito potente, ela deixa o indivíduo indiferente à própria existência. Este é o objeto da peça de Shakespeare: seus heróis são possuídos de um tal amor, que eles não podem ter uma satisfação parcial de sua libido, como requereria uma união amorosa normal. Eles acumulam as dificuldades, a fim de extravasar sua sede de destruição, mas nenhum obstáculo é suficiente à sua paixão, que só pode ser apaziguada pela destruição total, pela morte do indivíduo (SPIELREIN, 1912).

Nos momentos finais de seu texto, Spielrein discorre sobre as fantasias incestuosas, onde afirma que a intensa fixação no amor aos pais pode impedir uma transferência libidinal inadequada para o mundo exterior. “[...] a necessidade de destruição inerente à pulsão sexual, não estando satisfeita, se intensifica e dá, ela também, lugar às fantasias de morte, mais ou menos concretas, mais ou menos sublimadas” (Idem). Ela atribui uma representação de morte ao desejo incestuoso, onde

⁷³ Tragédia escrita entre 1591 e 1595, nos primórdios da carreira literária de William Shakespeare.

“[...] o caráter muito fortemente marcado do desejo de destruição só faz refletir a potência do desejo da vida” (Idem). A autora defende a ideia de que as fantasias de morte ligadas às representações incestuosas se dão na medida das consequências do desejo de retorno. Sobre o assunto Spielrein escreve: “Eu retorno, assim como o desejei, em meu criador, eu me abismo nele” (Idem).

Sabina Spielrein recorre a Freud, Bleuler, Stekel e Jung, e toma de empréstimo as concepções desses autores acerca da ambivalência, bipolaridade e do pareamento compensatório entre impulsos positivos e negativos, para concluir que um impulso positivo é duplicado por outro negativo. Afirma que se o sujeito não sente exatamente nenhum dos dois impulsos, é que os dois se compensam. E quando um impulso sobrepuja o outro se tem a impressão de que é apenas o impulso mais forte que está sendo experimentado no presente. Essa é a explicação que Spielrein fornece para a ocultação da pulsão de morte pela pulsão sexual.

Esta teoria nos oferece uma explicação notável da ocultação da pulsão de morte pela pulsão sexual: em tempos normais, as representações de vida são ligeiramente predominantes pelo simples fato de que a vida é o resultado da morte, que ela é condicionada por esta, e que é mais fácil de se satisfazer dos efeitos, felizes, do que ir buscar as causas. No entanto, precisa de pouco, particularmente nas crianças e nas pessoas emotivas, para que as representações de destruição tomem vantagem. Nos casos da neurose, é assim que o componente destrutivo que vence e que se exprime por todos os sintomas de resistência à vida e ao destino natural (SPIELREIN, 1912).

Esse é o único momento do texto *A destruição como causa do devir* em que a autora usa a expressão “pulsão de morte”, onde aborda a predominância das representações de vida em tempos normais e da predominância de representações de morte na neurose.

Um ano depois da apresentação da versão original do texto na Sociedade Psicanalítica de Viena, em 1911, Sabina Spielrein o revisa e faz acréscimos para publicação. O trecho abaixo é derivado da reformulação empreendida pela autora:

[...] A tendência à diferenciação, à qual se junta a força de inércia pela qual as partículas diferenciadas do Eu, ou bem o Eu inteiro, tendem a persistir neste estado de cristalização, depende da pulsão de autoconservação. A pulsão de

conservação da espécie, por sua parte, sendo uma pulsão de procriação, é a ela que reenvia a tendência psíquica à dissolução e à assimilação (transformação do Eu em Nós) do novo processo de diferenciação que nascerá deste retorno à “matéria originária”. Assim que reina o amor, o Eu, este obscuro tirano, perece. Para a pessoa que ama, a dissolução do Eu no ser amado representa ao mesmo tempo a suprema afirmação de si, uma nova vida do Eu na pessoa do outro. Mas na ausência do amor, a modificação psíquica e física do indivíduo sob a ação de uma potência exterior, tal como a que comporta o ato sexual, só pode engendrar representações de destruição e morte. A pulsão de autoconservação é uma pulsão simples, consistindo de um elemento positivo, enquanto a pulsão de conservação da espécie, a qual deve destruir o ser antigo antes de criar o novo, consiste, ao mesmo tempo, em um elemento positivo e um elemento negativo, ela é essencialmente ambivalente; razão pela qual é impossível fazer intervir seu componente positivo sem, ao mesmo tempo, também colocar em jogo seu componente negativo e inversamente. A pulsão de autoconservação é uma pulsão “estática”, na medida em que seu papel consiste em proteger o indivíduo, no seu estado atual, contra toda influência exterior, enquanto a pulsão de conservação da espécie é uma pulsão “dinâmica”, que tem por fim a modificação do indivíduo, sua “ressurreição” sob uma nova forma. Ora, nenhuma modificação pode ter lugar sem a destruição do estado anterior (SPIELREIN, 1912).

A citação contém ideias relativas à pulsão de morte, que inspiram Freud posteriormente, mas, em nossa opinião, não conceitua a pulsão de morte, como estabelecida por Freud em 1920. A autora se refere ao “retorno à matéria originária” – referência que coaduna com o retorno ao estado inorgânico postulado por Freud. Spielrein não fala da compulsão à repetição, aspecto imprescindível ao conceito de pulsão de morte. A repetição e o caráter conservador das pulsões foram os aspectos que mais atraíram a atenção de Freud na formulação do conceito de pulsão de morte. Mas, há que se reconhecer que a autora é perspicaz em suas afirmações como, por exemplo, quando ela estabelece uma relação significativa entre a linguagem consciente e inconsciente e se refere a algo do qual nada se sabe, temas que serão teorizados por Lacan.

3.2. Influências filosóficas na elaboração do conceito de pulsão de morte: Schelling, Platão, Empédocles, Kant e Schopenhauer.

Além do princípio do prazer é o texto onde Freud põe em prática o desejo de fazer filosofia. Platão, Kant, Schelling, Empédocles, Schopenhauer são influências detectadas ao longo do texto, nomeadas ou não. Em razão disso, e objetivando ampliar o espectro dessa pesquisa avaliamos importante tecer alguns comentários sobre tais influências.

3.2.1 Freud e Schelling⁷⁴

No artigo *O estranho*, publicado em 1919, Freud faz uma referência a Schelling. Inicia seu texto efetuando uma análise filológica do termo *unheimlich*, construindo o campo semântico do construto em suas diversas acepções linguísticas. Escreve o autor que “a palavra alemã ‘*unheimlich*’ é obviamente o oposto de ‘*heimlich*’ [doméstico], ‘*heimisch*’ [nativo] – o oposto do que é familiar; e somos tentados a concluir que aquilo que é ‘estranho’ é assustador precisamente porque não é conhecido e familiar (Freud, 1919, vol. p.277). Freud pressupõe estar incompleta essa definição e se propõe ir além dela.

Do estudo linguístico, o psicanalista se depara com o curioso fato de que o termo ‘*heimlich*’, em seus numerosos matizes, revela um sentido que coincide com ‘*unheimlich*’. Freud cita duas passagens da definição que apresenta Daniel Sanders acerca do verbete ‘*heimlich*’, no *Worterbuch des Deutschen Sprache* (1860), dicionário voltado para a análise prática e contemporânea dos termos. A primeira referência de Sanders é: “I. *Heimlich*, adj., subst. *Heimlichkeit* (pl. *Heimlichkeiten*): também *heimelich*, *heimelig*, pertencente a casa, não estranho, familiar, doméstico, íntimo, amistoso, etc” (Freud, 1919, p. 278-9). A segunda referência ao verbete em questão

⁷⁴ Friedrich Wilhelm Josep von Schelling (1775-1854), filósofo alemão, um dos representantes do idealismo alemão, junto com Ficht e Hegel. Foi professor na Universidade de Berlim em 1841 até 1847, em sucessão a Hegel.

coincide com o seu oposto: “II. Escondido, oculto da vista, de modo que os outros não consigam saber, sonogado pelos outros. Fazer alguma coisa *heimlich*, isto é, por trás das costas de alguém” (Idem, p. 280). Para Freud, interessa descobrir que a palavra *heimlich* possui um significado idêntico a seu oposto, *unheimlich*. “Por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista” – escreve Freud (Idem, p. 282).

Freud isola a definição filosófica para seguir o rastro de Schelling, o qual dá um novo esclarecimento ao conceito de *unheimlich*, “para o qual não estávamos preparados” (Freud, 1919, p.282). Para Schelling, “*unheimlich* é tudo o que deveria ter permanecido secreto, mas que veio à luz (Idem). A referência heurística de Freud à Schelling é confirmada no texto freudiano: “a definição filosófica faz ver algo de inatingível por outra via”⁷⁵. Fundamentalmente, a metafísica, enquanto evidência imediata serve de trampolim para a verdade metapsicológica. Uma vez invertida a realidade imediata, está aberto o caminho para o surgimento da verdade pulsional.

[...] *heimlich* é uma palavra cujo significado se desenvolve na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com o seu oposto, *unheimlich*. *Unheimlich* é, de um modo ou de outro, uma subespécie de *heimlich*. Tenhamos em mente essa descoberta, embora não possamos ainda compreendê-la corretamente, lado a lado com a definição de Schelling do *unheimlich* (FREUD, 1919, *ESB*, vol. 17, p.283-4; *AE*, v.17, p.226).

Freud toma o rumo ontológico para nele investigar as particularidades da questão: o estranho inquietante, a manifestação do não manifestável para particularizar a aliança do mistério e do revelado. Relação paradoxal, cuja presença se dá na ausência, e na simultânea necessidade de velar-se. O que se oculta não deve ser entendido como resto, mas como alteridade constitutiva da identidade.

O discurso metafísico de Schelling dá a Freud a intuição ontológica do duplo já constante no nível do significante. Ambivalência linguística que servirá de ponte para o

⁷⁵ Op. Cit. Assoun, 1978, p.128.

entendimento da ambivalência pulsional. A metafísica serve de ponto de partida do nível filológico para o discurso psicanalítico, na medida em que lança luzes na compreensão das pulsões. “Com efeito, esta tem por característica não poder ser atingida diretamente pelos fatos, pois a pulsão outra coisa não é senão aquilo que se mascara manifestando-se” – salienta Assoun (1978, p.130).

3.2.2. Freud e Platão

Platão é o filósofo grego que soube aproveitar a atração que a alma humana sente pela verdade, pela beleza e pelo bem. A obra de Platão está baseada em sua fé na autoridade da razão, concebida como a chave para a transposição das fronteiras da necessidade. Conhecimento, criação e práxis são os meios que a consciência dispõe para advir ao mundo real.

Platão constitui a primeira grande referência filosófica no discurso freudiano. A referência central está presente no capítulo sexto de *Além do princípio de prazer* (1920), que representa um ponto de ancoragem para a compreensão do sentido das referências freudianas a Platão.

Em *Além* Platão é evocado no cerne da dimensão especulativa imprescindível para a abordagem da pulsão de morte. Freud recorre ao filósofo ateniense no momento em que esbarra em dois pontos centrais: pulsão de vida e pulsão de morte. Diante de algumas questões, o criador da psicanálise importa o mito da caverna disposto no *Banquete* de Platão, por concluir que alguns ensinamentos científicos não são capazes de lançar luzes sobre determinadas trevas. Em tais circunstâncias, defende Freud, para poder continuar a dizer algo sobre aquilo que carece de saber é preciso oscilar do elemento científico ao elemento mítico.

Quando a ciência se cala diante da importância desafiadora da fala a qualquer preço, a palavra mitológica deve ser requisitada. Isso significa um risco, muito embora legítimo, de se passar do extremo autonímico ao científico. O dizer mitológico Freud toma de empréstimo o discurso de Aristófanes, constante do *Banquete*, de Platão. Freud

alude à teoria que Platão veicula pela boca de Aristófanes, segundo a qual a separação dos sexos é posterior a uma unidade primitiva. O que Freud retém da fala de Aristófanes e como que fim a emprega? Diz assim Aristófanes:

Outrora a nossa natureza era diferente da que é hoje. Havia três sexos humanos e não apenas, como hoje, dois: o masculino e o feminino – mas acrescentava-se mais um, que era composto ao mesmo tempo dos dois primeiros, e que mais tarde veio a desaparecer, deixando apenas o nome: *andrógino* (PLATÃO, 2006 [380 a. C.], p. 120).

Freud destaca o inscrito na temporalidade mítica: “Outrora a nossa natureza era diferente da que é hoje” (Assoun, 1978). O recorte é feito no que o mito enuncia em sua função primordial, ou seja, o estado revoluto da realidade humana, uma condição anterior, que lança luz sobre os mecanismos que atuam em seu estado atual. A psicanálise toma esse “antes” para dar entendimento ao modo simbólico de progressão da realidade presente. Trata-se do fundamento arqueológico da sexualidade humana, cuja história será o desenvolvimento filogenético.

Do mito, Freud destaca que “havia três sexos humanos, e não apenas, como hoje, dois: o masculino e o feminino – mas acrescentava-se mais um, que era composto ao mesmo tempo dos dois primeiros, e que mais tarde veio a desaparecer, deixando apenas o nome: andrógino” (Platão, p. 120). Assoun (1978, p.139) afirma que a referência mitológica revela uma estrutura tríplice à estrutura bipolar da sexualidade. A androginia é o elemento que marca a diferença entre a estrutura bipolar e tripolar, e também constitui a revelação da distância entre o passado mítico e o estado atual.

[...] havia o homem e a mulher, e a união dos dois [...]. Tudo nesses homens primevos era duplo: tinham quatro mãos e quatro pés, dois rostos, duas partes pudendas, e assim por diante. Finalmente, Zeus decidiu cortá-los em dois, ‘como uma sorva que é dividida em duas metades para fazer conserva’. Depois de feita a divisão, ‘as duas partes do homem, cada uma desejando sua outra metade, reuniram-se e lançaram os

braços uma em torno da outra, ansiosas por fundir-se (FREUD, 1920, *ESB*, v.18, p.78; *AE*, v.18, p.56).

O mito platônico explica a passagem do estado arcaico, invisível, ao estado presente, visível, engendrado pela gênese que o mito encarna. Ao que parece, a citação destacada por Freud materializa a realidade da androginia como núcleo de sentido do mito: a dualidade da unidade que irá convergir para a duplicidade genital. A unidade dupla bifurca em duas unidades opostas: macho e fêmea. No mito, Zeus é o agente etiológico de tal operação, que decidiu cortá-los em dois.

No caminho de desconstrução do mito Freud não trabalha alguns aspectos detalhados por Aristófanes, como, por exemplo, a deliberação dos deuses e alguns aspectos somáticos. Freud encerra suas deliberações sobre o mito após a segregação no duplo, que tende a reconstituir-se, antes do surgimento das individualidades. Devemos, segundo a sugestão do filósofo poeta, ousar emitir a hipótese segundo a qual a substância viva seria, animando-se, dividida numa multidão de pequenas partículas que, depois, aspiram à reunificação, sob o impulso de tendências sexuais (Freud, 1920, p.79). A temática é a substância viva, e não as individualidades sexuadas. Hipótese ancorada no princípio da vida. Ao que parece, a questão para Freud já está resolvida desde o nascimento do desejo de reconstituição da substância viva – tensão cega que define a vida e a sexualidade.

Seguiremos a sugestão que nos foi oferecida pelo poeta-filósofo e aventurar-nos-emos pela hipótese de que a substância viva, por ocasião de sua animação, foi dividida em pequenas partículas, que desde então se esforçaram por reunir-se através das pulsões sexuais? De que essas pulsões, nas quais a afinidade química da matéria inanimada persistiu, gradualmente conseguiram, à medida que evoluíram pelo reino dos protistas sobrepujar as dificuldades colocadas no caminho desse esforço por um ambiente carregado de estímulos perigosos, estímulos que o compeliram a formar uma camada cortical protetora? De que esses fragmentos estilhaçados de substância viva atingiram dessa maneira uma condição multicelular e finalmente transferiram a pulsão de reunião sob a forma mais altamente concentrada para as células germinais? – Mas aqui, acho eu, chegou o momento de interromper-nos (FREUD, 1920, *ESB*, v.18, p.79; *AE*, v.18, p.57).

Além do princípio de prazer (1920) constitui o referencial mais importante ao mito platônico, texto em que aprofunda e desenvolve a fábula platônica. *Além* revela a forma de tratamento que Freud empresta à filosofia, na medida em que dela se serve para exprimir seus conceitos, mediante sucessivas retomadas dos textos filosóficos.

No prefácio da quarta edição dos *Três ensaios* (1905), obra em que define a pulsão, Freud assinala:

No que diz respeito à extensão que nos impunha a psicanálise das crianças e daqueles que chamamos de os perversos, responderemos àqueles que, de sua altura, lançam um olhar de desprezo sobre a psicanálise, que deveriam lembrar-se de como a ideia de uma sexualidade mais ampla coincide com o Eros do divino Platão (FREUD, 1905).

Em 1921, em *Psicologia das massas e a análise do eu*, ao ampliar o conceito de libido, estende, na mesma mirada, a noção de amor sexual. É pelo conceito ampliado de libido que a psicanálise introduz outras formas de pensar o amor. A noção poético-filosófica de Eros contém, sob a forma de unidade mítica, a antecipação simbólica da unidade de uma classe de fenômenos. O Eros platônico coincide a libido psicanalítica em sua origem, manifestações e relação com o amor sexual – afirma Assoun (Ibidem, p. 144).

3.2.3. Freud e Empédocles

Nascido por volta de 490^a.C., em Agrigento, colônia dórica da Sicília, Empédocles defendia que todas as coisas surgiam a partir da reunião e separação dos elementos fundamentais: água, ar, terra e fogo, os quais, mediante suas combinações, renascem alternadamente a partir de sua morte recíproca. Segundo o filósofo, tais elementos fundamentais compõem e se decompõem obedecendo a duas forças, ao mesmo tempo contraditórias e complementares: uma força de união (amor) e outra de

divisão (ódio). Segundo o filósofo, nunca o tempo infinito estará vazio desse par (Huisman, 2001).

Em Empédocles, a verdade do mundo surge da metamorfose provocada pelas duas forças complementares, das combinações dos elementos, das associações e, fundamentalmente, do Uno e do múltiplo, uma vez que Uno se transforma em múltiplo, e múltiplo em Uno.

Em 1920, Freud empreende sua última concepção acerca da teoria pulsional e confronta-se com a origem do ser psíquico. Essa é a fase em que Freud mais põe em prática sua capacidade especulativa no desenvolvimento de seu trabalho. Suas reflexões dirigem-se para os pré-socráticos e, nesse cenário, Empédocles é privilegiado nas considerações freudianas. “O que mais parece fascinar Freud em Empédocles são as “mais agudas contradições” que “seu espírito parece reunir” – afirma Assoun (1978, p. 147).

Chama a atenção de Freud um aspecto particular no pensamento de Empédocles, segundo o qual há dois princípios do devir na vida do mundo, bem como na do espírito, e que tais princípios encontram-se em constante luta: *philia* – amor *versus neikos* – combate. Para o criador da psicanálise os princípios empedoclianos são equivalentes a Eros e Tanatos.

Assoun (1978) assinala que a psicanálise encontra no pensamento de Empédocles o reflexo de sua descoberta. Ao que parece, Freud toma o fio de pensamento deixado pelo dizer filosófico em sua origem para fundamentar sua descoberta das pulsões. Todavia Freud mantém bem definida a sua recusa quanto a sua teoria ser considerada equivalente à filosofia: a teoria freudiana comparece com uma pretensão biológica; a filosofia, com uma pretensão cósmica.

3.2.4. Freud e Kant

Kant constitui a segunda grande referência filosófica de Freud. As ideias do filósofo alemão chegaram a Freud por uma via indireta, pelo eco derivado da Escola Fisicalista, da qual integravam os mestres de Freud, os quais admiravam Kant, cujo pensamento influencia fortemente Freud.

Freud pouco se interessa pela filosofia da moral e se apropria do imperativo⁷⁶ categórico de Kant a seu modo. Se não há nada de filosofia moral na psicanálise é porque a moralidade constitui, na verdade, seu objeto de estudo na medida em que a considera um sintoma.

Além do princípio de prazer (1920) traz um pequeno parágrafo alusivo ao pensamento de Kant. São linhas fugidias e, por isso mesmo, deve deter o pesquisador sobre os motivos que conduziram o autor de tão importante texto a lançar mão do filósofo em questão. As linhas iniciais do capítulo IV dão o tom do que intenciona Freud:

O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma ideia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará (FREUD, 1920, *ESB*, v.18, p.39; *AE*, v.18, p.24).

Freud posiciona-se frente à especulação filosófica, tendo em vista um diferencial que está associado à especulação a qual se propõe: a metapsicologia.

A especulação psicanalítica toma como ponto de partida a impressão, derivada do exame dos processos inconscientes, de que a consciência pode ser não o atributo mais universal dos processos mentais, mas apenas uma função especial deles. Falando em termos metapsicológicos, assevera que a consciência constitui função de um sistema específico que descreve como Cs. O que a consciência produz, consiste

⁷⁶ O imperativo kantiano é categórico porque ordena incondicionalmente, exprimindo dessa maneira uma universalidade absoluta: “Age de tal modo que a máxima de tua vontade possa sempre valer ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal” (Kant, 2002, p.51).

essencialmente em percepções de excitações provindas do mundo externo e de sentimentos de prazer e desprazer que só podem surgir do interior do aparelho psíquico; assim, é possível atribuir ao sistema Pcpt.-Cs uma posição no espaço. Ele deve ficar na linha fronteira entre o exterior e o interior; tem de achar-se voltado para o mundo externo e tem de envolver os outros sistemas psíquicos. Ver-se-á que não existe nada de ousadamente novo nessas suposições; adotamos simplesmente as concepções sustentadas pela anatomia cerebral, que localiza a 'sede' da consciência no córtex cerebral, a camada mais externa, envolvente do órgão central (FREUD, 1920, *ESB*, v.18, p.39; *AE*, v.18, p.24).

Freud ratifica a crítica ao consciencialismo e assinala que a consciência é um dos sistemas da tópica psíquica, reduzindo a soberana consciência a uma função integrante de um sistema maior. Simultaneamente, a consciência é associada a um sistema perceptivo e adquire funcionalidade orgânica, representando a porção do aparelho psíquico que mantém relações com o exterior.

Essas partes são os órgãos dos sentidos, que consistem essencialmente em aparelhos para a recepção de certos efeitos específicos de estimulação, mas que também incluem disposições especiais para maior proteção contra quantidades excessivas de estimulação e para a exclusão de tipos inapropriados de estímulos. É característico deles tratarem apenas com quantidades muito pequenas de estimulação externa e apenas apanharem *amostras* do mundo externo. Podem ser talvez comparados a tentáculos que estão sempre efetuando avanços experimentais no sentido do mundo externo e, então, retirando-se dele (FREUD, 1920, *ESB*, v.18, p.43; *AE*, v.18, p.27).

É nesse momento do texto de 1920 que se realiza o encontro com Kant, legitimado pela entrada em cena da sensibilidade que dá sentido a referência ao filósofo.

Em consequência de certas descobertas psicanalíticas, encontramos hoje em posição de empenhar-nos num estudo do teorema kantiano segundo o qual tempo e espaço são formas necessárias de pensamento. Aprendemos que os processos mentais inconscientes são em si mesmos, 'intemporais'. Isso significa, em primeiro lugar, que não são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera

e que a ideia de tempo não lhes pode ser aplicada. Trata-se de características negativas que só podem ser claramente entendidas se se fizer uma comparação com os processos mentais *conscientes*. Por outro lado, nossa ideia abstrata de tempo parece ser integralmente derivada do método de funcionamento do sistema Pcpt.-Cs. e corresponder a uma percepção de sua própria parte nesse método de funcionamento, o qual pode talvez constituir outra maneira de fornecer um escudo contra os estímulos (FREUD, 1920, *ESB*, v.18, p.43-44; *AE*, v.18, p.28).

Freud põe em dúvida a proposição kantiana, segundo a qual o tempo e o espaço são formas necessárias do pensamento. Kant é evocado como o pai da teoria que concebe o espaço e o tempo como regentes universais da sensibilidade. A recusa freudiana limita-se ao aspecto formulado pelo filósofo acerca do tempo e do espaço serem tomados como formas necessárias e universais do pensamento. É contra o caráter ontogenético que é dirigida a crítica freudiana.

Freud apoia sua argumentação na atemporalidade dos processos inconscientes, introduzindo uma exceção e ousando pôr dúvida a pretensão à universalidade proposta por Kant. A psicanálise revela que pelo menos um dos processos do aparato psíquico foge a tal enquadramento, posto que atemporal. Dessa forma, a proposição kantiana não pode pretender à universalidade tendo em vista que uma dimensão do psiquismo humano está fora da ordem do tempo. Freud traz à baila a existência de processos inconscientes que não se submetem à ordenação temporal, nem à sucessão do antes e do depois. Nessa perspectiva, Assoun (1978) afirma que significa “dizer que o tempo não os faz sofrer nenhuma modificação” e, dessa maneira, podemos dizer “que eles são de certa forma, eternos, se por eternidade entendemos não uma infinidade de tempo, [...] mas uma dimensão fora do tempo” (Ibidem, p. 158-159).

A tese kantiana é dominada pelo consciencialismo; a freudiana vincula-se ao sistema Pcpt.-Cs., constituindo um modo particular de trabalho do aparelho psíquico.

Esse córtex sensitivo, contudo, que posteriormente deve tornar-se o sistema Cs., também recebe excitações desde o *interior*. A situação do sistema, entre o interior e o exterior, e a diferença entre as condições que regem a recepção de excitações nos dois casos, têm um efeito decisivo sobre o funcionamento do sistema e de todo o

aparelho mental. No sentido do exterior, acha-se resguardado contra os estímulos e as quantidades de excitação que sobre ele incidem possuem apenas um efeito reduzido. No sentido do interior, não pode haver esse escudo; as excitações das camadas mais profundas estendem-se para o sistema diretamente e em quantidade não reduzida, até onde algumas de suas características dão origem a sentimentos da série prazer-desprazer. As excitações que provêm de dentro, entretanto, em sua intensidade e em outros aspectos qualitativos – em sua amplitude, talvez -, são mais comensuradas com o método de funcionamento do sistema do que os estímulos que afluem desde o mundo externo. Esse estado de coisas produz dois resultados definidos. Primeiramente, os sentimentos de prazer e desprazer (que constituem um índice do que está acontecendo no interior do aparelho) predominam sobre todos os estímulos externos. Em segundo lugar, é adotada uma maneira específica de lidar com quaisquer excitações internas que produzam um aumento demasiado grande de desprazer; há uma tendência a tratá-las como se atuassem, não de dentro, mas de fora, de maneira que seja possível colocar o escudo contra estímulos em operação, como meio de defesa contra elas (FREUD, 1920, *ESB*, v.18, p.44-45; *AE*, v.18, p.28).

Assoun (1978, p.159-160) salienta que não é porque há inconsciente que é refutado o consciencialismo; é porque os processos inconscientes revelam um regime diferente do psiquismo que é possível negar a universalidade do espaço e do tempo.

Kant define o espaço como uma representação necessária que serve de fundamento às intuições externas, e o tempo como uma representação necessária a todas as intuições. A *estética transcendental* contém esses dois elementos – espaço e tempo -, tornando-os formas únicas e necessárias à sensibilidade. Essa universalidade defendida por Kant aponta para a finitude dos processos. Tal caráter finito impõe a todo ser pensante o espaço e o tempo como formas necessárias atreladas à percepção. Ao deparar-se com a afirmação kantiana da *necessidade*, Freud coloca entre parênteses a questão da subjetividade. “A subjetividade parece ter mudado de sentido na interpretação da natureza do espaço-tempo kantiana”, afirma Assoun (Idem).

A leitura freudiana reflete os deslocamentos induzidos pela interpretação que confere Schopenhauer a Kant. Ou seja, tempo e espaço – formas estéticas da subjetividade – são postos em continuidade com a causalidade – forma lógica. A

acepção freudiana revela que o intelecto modela as impressões que o acometem por meio do tempo, espaço e causalidade.

As impressões emanando do interior do organismo, a partir do sistema nervoso simpático, não exercem mais que uma influência inconsciente sobre nossa sensibilidade, durante o dia. Durante a noite, porém quando cessou a ação atordoante das sensações diurnas, essas impressões que se impõem de dentro chamam nossa atenção (FREUD Apud ASSOUN, 1978, p.166).

Essa concepção é derivada da concepção orgânica de Schopenhauer levando Freud, nos primórdios da psicanálise, a se indagar sobre as formas não conscientes de percepção.

Freud esclarece que o sonho é formado a partir da transformação das excitações subjetivas – espaço e tempo -, pelo veio da causalidade em sua logicidade. Nesse contexto, a causalidade passa a ser o elo entre o espaço e o tempo. Assim, todos os fenômenos na vida de vigília e no sonho são submetidos ao encadeamento das representações pela lei da causalidade.

É simbólico o fato de que, no final da vida, Freud traga à cena psicanalítica a concepção kantiana da subjetividade. Tal concepção é abordada através do fenômeno e da coisa em si. Kant postula a coisa em si por detrás do fenômeno. Freud, por sua vez, sustenta que por trás do consciente reside o inconsciente, o qual é inacessível por uma experiência direta. Desde os primórdios da metapsicologia Freud insiste numa abordagem específica do inconsciente, distinta de qualquer forma de abordagem do consciente. Vimos que o conceito de inconsciente não reside na oposição ao conceito do consciente. Esse não é o tratamento metapsicológico a que se propõe Freud, dada a natureza enigmática do inconsciente. Observamos instaurar-se a equação que faz uma analogia entre consciente e fenômeno, assim como inconsciente e a coisa em si. Freud leva ao pé da letra a advertência kantiana sobre o condicionamento subjetivo que se atrela à percepção, de modo a não igualá-la ao incognoscível. De forma semelhante, Freud adverte que o psíquico absolutamente é o que evidencia ser (Assoun, 1978, p.169).

Em 22 de agosto de 1938, escreve: “o espaço onde ser a projeção da extensão do aparelho psíquico. Nenhuma outra derivação é provável. Em vez dos determinantes *a priori*, de Kant, de nosso aparelho psíquico. A psique é estendida; nada sabe a respeito” (Freud, 1938, vol. 23, p.336). A mais avançada especulação freudiana grafada num caderno íntimo forja-se com *A estética transcendental*, muito embora apreendida através de Schopenhauer: “A psique é estendida”, significando que a alma é extensa – especulação derradeira, a qual atesta a herança kantiana na psicanálise.

3.2.5. Freud e Schopenhauer

O nome de Schopenhauer aparece muitas vezes na obra de Freud como uma espécie de sintoma de espírito do filósofo eleito. Freud o convoca já na *Traumdeutung* (1900). Schopenhauer é considerado o filósofo que arriscar-se pensar o sonho ao invés de abandoná-lo.

Existem pontos dignos de nota nas vidas do analista e do filósofo. Separados por quase um século de intervalo, Freud e Schopenhauer foram incompreendidos em seu tempo e trabalharam de forma solitária: um em Frankfurt e o outro em Viena. As vociferações de Schopenhauer contra a universidade e os filósofos de seu tempo coadunam com a posição de Freud, que identifica no solitário de Frankfurt o reflexo da exclusão científica vivida por ele próprio – o solitário de Viena.

Na *Traumdeutung* (1900), o que confere importância à referência a Schopenhauer é o lugar destacado para o sonho no pensamento do filósofo. O racionalismo ocidental negava importância ao sonho. Em *O mundo como vontade e como representação*, Schopenhauer discorre sobre a íntima relação entre a vida na vigília e o sonho. Para o filósofo, vida e sonho se compõem como “as folhas de um mesmo livro”⁷⁷. Por conseguinte, o sonho é uma “leitura fragmentária” que “não faz corpo com a leitura seguida da obra toda” (Idem). Em tese, Schopenhauer afirma, como princípio comum que, em sua natureza, não há traços marcantes que diferenciem sonho

⁷⁷ Op. Cit. Assoun, 1978, p. 173.

e vida. Freud irá valer-se dessa ideia para pensar o princípio de continuidade entre sonho e realidade. As linhas iniciais da *Traumdeutung* (1900) são reveladoras deste sentido, como segue:

Nas páginas que se seguem, apresentarei provas de que existe uma técnica psicológica que torna possível interpretar os sonhos, e que, quando esse procedimento é empregado, todo sonho se revela como uma estrutura psíquica que tem um sentido e pode ser inserida num ponto designável nas atividades mentais da vida de vigília (FREUD, 1900, *ESB*, vol. 4, p.39; *AE*, v.4, p.29)⁷⁸.

Observamos o continuísmo pregado por Freud que fundamenta a coerente incoerência do sujeito desejante. Nesse contexto, Assoun (1978) afirma que é pelo conceito de recalque que se efetiva o encontro com Schopenhauer.

No que diz respeito à teoria do recalque certamente cheguei a ela por mim mesmo, sem que nenhuma influência, que eu saiba, me tenha aberto um caminho para ela; e por muito tempo mantive essa ideia por original, até que Otto Rank me mostrasse o lugar de *O mundo como vontade e como representação*, onde o filósofo se esforça por fornecer uma explicação da loucura (FREUD, 1914, *ESB*, v.14, p.25; *AE*, v.14, p.15)⁷⁹.

Em seus primórdios teóricos, Freud segue as pistas deixadas pela histórica, que são indicativas do recalque. Entre 1895 e 1905, Freud faz uso do recalque para dar nome aos fenômenos observados na clínica. Em 1915, ele dá corpo ao estatuto conceitual em torno do recalque, conferindo-lhe uma abordagem metapsicológica, própria da psicanálise. Ao longo desse percurso teórico mantém-se atento frente às tentativas de alguns correligionários tornarem a psicanálise um prolongamento da doutrina de Schopenhauer. De forma contundente ratifica a descontinuidade entre o

⁷⁸ *Amorrortu Ed.*, Buenos Aires: vol. IV, 1900/1899, p.5.

⁷⁹ *Amorrortu Ed.*, Buenos Aires: vol. XIV, 1914-1916, p.34.

resultado das intuições dos filósofos e as árduas pesquisas psicanalíticas por ele empreendidas. Frente ao cenário adverso a seu pensamento, o criador da psicanálise volta-se para a clínica, fonte e alimento de seus fundamentos teóricos, como medida preventiva diante dos obstáculos a serem enfrentados. “As amplas concordâncias da psicanálise com a filosofia de Schopenhauer não se deixam reduzir ao meu conhecimento de sua doutrina. Eu li Schopenhauer muito tarde em minha vida” – afirma Freud⁸⁰.

Com relação à loucura, Schopenhauer escreve que ela se refere sempre ao passado ou ao ausente, só relacionando com o tempo presente *a posteriori*. O filósofo esboça uma teoria do trauma e sugere que acontecimentos inesperados podem afetar e provocar dor. O recurso à loucura ocupa espaço quando essa dor atinge limites insuportáveis, rompendo algo no psiquismo humano, cujas lacunas são preenchidas por ficções. Tais ficções são produzidas com o intuito de fechar o furo imposto pela vontade do intelecto, que renuncia a sua natureza, por complacência à vontade. Dessa forma o filósofo de Frankfurt situa a loucura na relação com o passado, na constituição de uma memória truncada. A saída de tal condição situa-se na ab-reação do trauma, com as resultantes formações substitutivas. Schopenhauer ressalta, ainda, a tendência do psiquismo quanto à recusa das investidas desprazerosas e a disposição em repelir o desagradável. Tal foi a leitura freudiana, assinala Assoun (Ibidem, p. 179).

Lembremos com que repugnância pensamos nas coisas que ferem fortemente nossos interesses, nosso orgulho ou nossos desejos; com que dificuldade nos decidimos a submetê-las ao exame preciso e sério de nosso intelecto; com que facilidade, ao contrário, afastamo-nos delas bruscamente ou delas nos desligamos furtivamente sem ter consciência disso (Schopenhauer APUD Assoun, 1978, p. 180).

O filósofo intui o recalque pela via metafísica, o que é lícito supor influências na formulação conceitual que Freud empresta ao termo. Em suas considerações, o analista vienense afirma que o recalque tem por essência distanciar-se e manter longe da

⁸⁰ Op. Cit. Assoun, 1978, p. 177.

consciência o recalcado. O que sustenta tal empreendimento, na ótica do filósofo, é a afetividade; em Freud, é a pulsão a responsável por tal iniciativa. Em Schopenhauer, temos o veto da vontade; para o analista, nos deparamos com o retorno da pulsão sobre os seus representantes representacionais. A pulsão, portanto, é o determinante.

No texto sobre *O recalque* (1915), Freud escreve que a sua conceituação não pode ser anterior à pesquisa psicanalítica. Com isso, corrige a interpretação continuísta e remove a ilusão de semelhança entre as formulações do filósofo e as do psicanalista, sem destruir, todavia, o valor da analogia com os escritos schopenhauerianos. O conceito de *Verdrängung* em Freud está associado ao conceito de inconsciente. Em Schopenhauer, o inconsciente é onipresente – um predicado da vontade, não podendo ser compreendido isolado dela.

No livro *O mundo como vontade e como representação*⁸¹ (1819) encontra-se grafado que “a vontade nos aparece como um impulso cego, como um esforço misterioso e surdo, distante de toda consciência mediata”. E mais: “enquanto pensamento cego e esforço inconsciente, ela (a vontade) se manifesta em toda a natureza orgânica”⁸². O inconsciente atua como impulso indeterminado, sem objetivo consciente prévio. Em Schopenhauer, a vontade é misteriosa, a coisa em si, inconsciência, liberta de objetos determinados, o que nos remete ao que diz Freud sobre o que de mais variado há na pulsão: o objeto pulsional.

O inconsciente na concepção de Schopenhauer é a determinação pré-histórica da vontade, e também seu caráter universal. O mundo como representação está atrelado à objetividade da vontade, mediante a emergência da individualidade humana. Nesse contexto, Assoun escreve: “A vontade não renuncia a si mesma: simplesmente, enquanto desenvolvia outrora seu esforço nas trevas, com uma segurança infalível, uma vez atingindo esse grau, muniu-se de um facho de luz”. Se ela perdeu “sua inocência original”, continua sendo o motor. Por isso, a representação consciente está “ligada à serviço da vontade” (inconsciente) e à realização de seus propósitos (Ibidem, p. 182).

⁸¹ Cf. Livro III, cap. 27.

⁸² Ibidem.

Em 1917, no texto *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, Freud faz mais uma alusão à Schopenhauer, desta vez em relação à sexualidade. O texto foi encomendado ao autor pelo húngaro H. Ignotus, para ser publicado no periódico Nyugat, do qual era editor. Os leitores do Nyugat eram cultos, contudo leigos, e essa particularidade dá o tom da pena que Freud emprega na produção do artigo. Schopenhauer é evocado como o filósofo que alertou a humanidade quanto à existência das pulsões sexuais. Ao afirmar, no final do texto, que “o eu não é senhor da sua própria casa” (Freud, 1917, *AE*, p.135) – terceiro golpe no narcisismo, Freud escreve:

Provavelmente muito poucas pessoas podem ter compreendido o significado, para a ciência e para a vida, do reconhecimento dos processos mentais inconscientes. Não foi, no entanto, a psicanálise, apressemo-nos a acrescentar, que deu esse primeiro passo. Há filósofos famosos que podem ser citados como precursores – acima de todos, o grande pensador Schopenhauer, cuja ‘Vontade’ inconsciente equivale às pulsões da psicanálise. Foi esse mesmo pensador, ademais, que, em palavras de inesquecível impacto, advertiu a humanidade quanto à importância, ainda tão subestimada pela espécie humana, da ânsia sexual. A psicanálise tem apenas a vantagem de não haver afirmado essas duas propostas tão penosas para o narcisismo – a importância psíquica da sexualidade – e o inconsciente – sobre uma base “abstrato”, mas demonstrou-as em questões que tocam pessoalmente cada indivíduo e o forçam a assumir alguma atitude em relação a esses problemas. É somente por esse motivo, no entanto, que atrai sobre si a aversão e as resistências que ainda se detêm, com pavor, diante do nome do grande filósofo (FREUD, 1917, *ESB*, v.17, p.178-179; *AE*, v.17, p.135).

Em 1925, no texto *As resistências à psicanálise*, encontra-se grafado que “a significação incomparável da vida sexual havia sido proclamada pelo filósofo Schopenhauer” (*ESB*, p.270). Schopenhauer é o filósofo que proclamou a existência de sexualidade no homem, silenciada devido às resistências morais de seu tempo. De forma semelhante, Freud constata resistências à sua teoria pelo que ela carrega de sexual. Motivado, Freud prossegue afirmando sua teoria da sexualidade pela via metapsicológica, ou seja, agora pelo viés científico, não mais filosófico. “Dessa forma, o precedente schopenhaueriano constitui essa exortação inesquecível e, no entanto,

esquecida, esse desperdício de verbo verídico devendo servir de lição” (Assoun, 1978, p. 183).

A partir da análise das referências feitas por Freud, depreende-se o conceito de sexualidade em Schopenhauer, que evoca o Eros platônico, mas ultrapassa a esfera genital e procriativa, inaugurando uma concepção ampliada da sexualidade.

O editor das obras completas de Sigmund Freud faz constar no volume 19, um apêndice no qual consta um extrato de uma passagem de *O mundo como vontade e como representação*. Provavelmente é a essa passagem que Freud se refere como sendo “intensamente comovente”, e por isso mesmo, “palavras de inesquecível vigor”.

A tudo isso corresponde o importante *rôle* que a relação dos sexos desempenha no mundo dos homens, onde ela é realmente o invisível ponto central de toda ação e conduta, e se deixa entrever em toda parte, apesar de todos os véus que lhe são lançados por cima. Ela é a causa da guerra e o fim da paz, a base do que é sério e o alvo da zombaria, a inexaurível fonte do espírito, a chave para todas as alusões e o significado de todas as insinuações misteriosas, de todas as ofertas não enunciadas e de todos os olhares furtivos, a meditação diária do jovem e, amiúde, também a do velho, o pensamento de todas as horas do libertino e, mesmo contra sua vontade, a imaginação constantemente recorrente do casto, o material sempre pronto para um chiste, devido exatamente à profunda seriedade que jaz em seus fundamentos. É contudo, o elemento picante e o chiste da vida que a preocupação principal de todos os homens seja secretamente perseguida e ostensivamente ignorada, tanto quanto possível. Em realidade, porém, nós a vemos a todo modo sentar-se como verdadeira senhora hereditária do mundo, na plenitude de sua própria força, em seu trono ancestral, e desde lá, olhando para baixo com miradas desdenhosas, a rir dos preparativos que foram efetuados para amarrá-la, aprisioná-la ou, pelo menos, limitá-la, e, onde quer que possível, mantê-la oculta ou mesmo dominá-la de tal forma que apareça apenas como um interesse secundário, subordinado, da vida. Tudo isso, porém, concorda com o fato de a paixão sexual ser o ponto central da vontade de viver, e, conseqüentemente, a concentração de todo desejo; portanto, no texto, chamei os órgãos genitais de foco da vontade. Em verdade, pode-se dizer que o homem é desejo sexual concreto, pois sua origem é um ato de cópula e seu desejo dos desejos, um ato de cópula e somente essa tendência perpetua e mantém unida toda a sua existência fenomênica. A vontade de viver manifesta-se primariamente, com efeito, como um esforço de sustentar o indivíduo; contudo isso se constitui

apenas um passo para o esforço de sustentar a espécie, e o último esforço tem de ser mais poderoso em proporção, na medida em que a vida da espécie ultrapassa a do indivíduo em duração, extensão e valor. A paixão sexual, portanto, é a mais perfeita manifestação da vontade de viver, seu tipo mais distintamente expresso; e a origem do indivíduo nela e sua primazia sobre todos os outros desejos do homem natural estão em completo acordo com isso (Schopenhauer APUD Strachey, *ESB*, v19, p.278-279; *AE*, v.19, p.236-237).

Sem temor, Schopenhauer apresenta o amor elevado à categoria metafísica, outrora recusado pela tradição filosófica ocidental. Em “A metafísica do amor”, Livro IV, de *O mundo como vontade e como representação*, escreve: “Aliás, não posso contar com a aprovação daqueles mesmos que são dominados por essa paixão, e que procuram exprimir a violência de seus sentimentos mais sublimes e etéreas imagens; minha concepção do amor lhes parecerá por demais física, demasiado material, por mais metafísica e transcendental que ela seja, no fundo”⁸³.

Schopenhauer defende que a sexualidade assegura a conservação da espécie e a indestrutibilidade da essência humana. Para o filósofo, a essência reside mais na espécie que no sujeito. Pensador do amor, Schopenhauer foi também pensador da morte. O tema da morte constitui o enredo de *Além do princípio de prazer* (1920), texto que representa o grande momento de especulação freudiana. O pensamento de Schopenhauer cumpre uma importante função na formulação do conceito de pulsão de morte, cuja compreensão implica a circunscrição do termo em fundamentos metapsicológicos, os quais, por sua vez, induzem ao conflito com as ideias metafísicas.

A referência de Freud à Schopenhauer toma a forma de uma digressão, na medida em que o pensamento freudiano se abre, se descentra pelo referente filosófico e depois continua seu caminho. *Além do princípio de prazer* (1920) carrega a exposição máxima do que vem a ser a pulsão de morte e Schopenhauer é a referência central para Freud. O autor postula a oposição entre as pulsões, que procuram conduzir o que é vivo à morte, num movimento perpétuo de renovação da vida (Freud, 1920, *ESB*, p. 65). A hipótese “toda substância viva está fadada a morrer por causas internas” (Ibidem, p. 64),

⁸³ Schopenhauer APUD Assoun, 1978, p. 184.

revela a contemporaneidade da pulsão de morte com a pulsão de vida. Freud navega por teorias, parte de Fliess, para quem “todos os fenômenos vitais apresentados pelos organismos – e também, indubitavelmente, sua morte – estão vinculados à conclusão de períodos fixos, os quais expressam a dependência de dois tipos de substância viva (um masculino e outro feminino) [...]” (Freud, Idem).

A contribuição de Schopenhauer não se restringe a *Além do princípio de prazer* (1920). Em 1913, ao escrever sobre o animismo, magia e a onipotência de pensamentos em *Tótem e tabu*, Freud já faz alusões ao pensamento do filósofo de Frankfurt: “Schopenhauer disse que o problema da morte se encontra no começo de toda filosofia e já vimos que a origem da crença em almas e demônios, que constitui a essência do animismo, remonta à impressão que é causada nos homens pela morte” (Freud, 1913 [1912-13], *ESB*, p.110; *AE*, p.91). É interessante citar as impressões iniciais do pensamento de Schopenhauer confessadas a Lou Andreas-Salomé, constante da carta de 1 de agosto de 1919: “Defrontei-me com uma noção notável baseada em minha teoria das pulsões e agora preciso ler todo tipo de coisa a ela pertinente, como, por exemplo, Schopenhauer, pela primeira vez (Freud-Lou Andreas-Salomé, 1975, p.132). Nessa mesma carta afirma que escolheu o tema da morte para a velhice (Idem).

O novo dualismo pulsional surge em 1920 e ratifica em definitivo a natureza das pulsões. A nova concepção apresenta uma nova oposição: a libido sob a forma de pulsões de vida e outra, simétrica à precedente, cuja satisfação está além do princípio de prazer. A compulsão à repetição confere o aval ao que novo dualismo introduzido por Freud. Entra em cena a pulsão de morte como outra forma de satisfação da libido, destinada a quebrar relações, estabelecer unidades e conservar seus edifícios. Na verdade, ao dualismo pulsional anterior (pulsões de autoconservação e pulsões sexuais) surge uma dualidade principal: vida e morte passam a encarnar os princípios pulsionais, em regência absoluta de tudo o que é humano, não se diferindo por seus objetos de satisfação, mas tendo relações diferentes com um mesmo objeto.

[...] em *Além do princípio de prazer*, quando pela primeira vez a compulsão para repetir e o caráter conservador da vida pulsional atraíram minha atenção. Partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos, concluí que, ao lado da pulsão para preservar a substância viva e para reuni-las em unidades cada vez

maiores, deveria haver uma outra pulsão, contrária àquela, buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta a seu estado primevo e inorgânico. Isso equivalia a dizer que, assim como Eros, existia também uma pulsão de morte (FREUD, 1930, *ESB*, v.21, p.141; *AE*, v.21, p.114).

Na formulação concepção da civilização Freud dialoga com Schopenhauer. O texto *Psicologia das massas e a análise do eu* (1921) toma de empréstimo a parábola dos porcos-espinhos, de Schopenhauer, para falar sobre o comportamento humano em geral.

Um grupo de porcos-espinhos apinhou-se apertadamente em certo dia frio de inverno, de maneira a aproveitarem o calor uns dos outros e assim salvarem-se da morte por congelamento. Logo, porém, sentiram os espinhos uns dos outros, coisa que os levou a se separarem novamente. E depois, quando a necessidade de aquecimento os aproximou mais uma vez, o segundo mal surgiu novamente. Dessa maneira, foram impulsionados, para trás e para a frente, de um problema para o outro, até descobrirem uma distância intermediária, na qual podiam mais toleravelmente coexistir (*Parerga und Paralipomena, Pate II, 31, 'Gleichnisse und Parabeln*) (FREUD, 1921, *ESB*, v.18, nota 1, p.128; *AE*, v.18, nota 1, p.96).

A parábola diz dos limites de tolerância frente a aproximação demasiado íntima com o próximo, relação onde os indivíduos são naturalmente refratários ao contato com o outro. Trata, também, do necessário elo social, indispensável para a sobrevivência. A psicanálise é a escola que dá o testemunho do mal estar derivado da relação entre os homens, constituindo a principal fonte de sofrimento humano. “As provas da psicanálise demonstram que quase toda relação emocional íntima entre duas pessoas que perdura por certo tempo [...], contém um sedimento de sentimentos de aversão e hostilidade” (Freud, 1920, *AE*, p.96).

Em 1930, no *Mal estar na civilização*, Freud dá testemunho dos sentimentos de amor e ódio que permeiam as relações entre os homens, analisando a dimensão da agressividade e da crueldade humana, balizado pelo dualismo pulsional estabelecido em

1920. A problemática do texto adquire sentido por não se tratar de simples retórica, mas porque suas raízes já haviam sido pensadas por Schopenhauer.

Na *Conferência XXXII*, intitulada *Angústia e vida pulsional* (1933 [1932]), após passar em revista, uma vez mais, a teoria pulsional, Freud escreve:

Talvez os senhores venham sacudir os ombros e dizer: isto não é ciência natural, é filosofia de Schopenhauer! Mas, senhoras e senhores, por que um pensamento ousado não poderia ter entrevisto algo que depois se confirma por intermédio de uma pesquisa séria e laboriosa? Ademais, não há nada que já não tenha sido dito, e coisas parecidas tinham sido ditas por muitas pessoas, antes de Schopenhauer. E mais, o que estamos dizendo não é nem mesmo Schopenhauer autêntico. Não estamos afirmando que a morte é o único objetivo da vida; não estamos desprezando o fato de que existe vida, assim como a morte. Reconhecemos duas pulsões básicas, e atribuímos a cada uma delas a sua própria finalidade (FREUD, 1933 [1932], *ESB*, v.22, p.134; *AE*, v.22, p.99-100).

Assim se porta o criador da psicanálise: reconhece a antecipação filosófica e renuncia à sua cientificidade. A ousadia do filósofo permite ao psicanalista a laboriosa investigação. À embriaguez especulativa sucedeu-se o rigor científico de Freud. Na *Conferência XXXII* (1933 [1932]), o autor estabelece uma demarcação entre os seus postulados e os de Schopenhauer. Em *Além* (1920), a aproximação entre as concepções dos pensadores não é problematizada, diferentemente do que ocorre em *Angústia e vida pulsional* (1933 [1932]). Vimos Freud falar que o que ele fala não é a mesma coisa que Schopenhauer, mas reconhece que a referência filosófica possibilitou saltos em sua teoria. Desde 1920, o que se revela em Freud é a tese do movimento da vida para a morte: o essencial da vida é a morte; a vida é apenas um acidente nesse percurso.

Mas não se trata simplesmente de revalorizar a vida. O que Freud recusa é justamente o papel falsificador do pressuposto metafísico enquanto tal. É a investigação analítica que exige a manutenção do dualismo pulsional sobre o qual repousa toda a mecânica conflitual que rege o psiquismo. É esse obstáculo monista, inerente à metafísica, que Freud pretende denunciar: a unicidade de objetivo

contradizia a dualidade fundamental das pulsões. E é esse dualismo que ele reafirma como a última palavra de sua teoria das pulsões fundamentais: “admitimos duas pulsões fundamentais, e deixamos a cada uma seu objetivo próprio”. Assim, o debate com Schopenhauer está diretamente ligado ao debate de Freud com sua própria teoria (ASSOUN, 1978, p. 190).

3.2. Sobre as neuroses traumáticas e a estranheza da repetição⁸⁴

No estado de guerra, a quebra dos imperativos de lei resulta na banalização da violência dirigida ao outro e da morte, o que afeta diretamente o limite das ações que sustentam ou destroem o laço entre os povos. Nesse cenário tão adverso, a experiência traumática inunda o aparelho psíquico, num excesso pulsional inassimilável, e deixa o sujeito submergido no trauma, na neurose, sem condições de simbolização, refém da repetição compulsiva do acontecimento danoso. Freud, observador de seu tempo, de um tempo de guerra e de paz, pode ouvir a angústia devastadora do psiquismo de seus pacientes e coletar indícios para a elaboração do dualismo pulsional final. Nesse sentido, avaliamos necessário tecer comentários sobre as neuroses traumáticas e a repetição por serem elementos teóricos que estão na base da elaboração do conceito de pulsão de morte.

Em psicanálise, a noção de neurose de guerra está ligada ao conceito de trauma quando derivado da violência cruel e quase sempre assassina do outro. Todo o trauma é uma violência, sexual ou não. Freud escreve sobre neurose de guerra em vários textos de sua obra. Na *Conferência XVIII*, dos anos 1916 e 1917, intitulada *Fixação em traumas – o inconsciente*, Freud (1917) faz uma analogia entre a neurose e a neurose de guerra ou traumática, dizendo que em ambos os casos há um ponto de fixação traumático. Assim, escreve:

As neuroses traumáticas não são, em sua essência, a mesma coisa que as neuroses espontâneas que estamos acostumados a investigar e tratar pela

⁸⁴ Texto publicado na Revista Trivium, ISSN 2176-4891. (<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-ano-iv/artigos-tematicos/as-neuroses-de-guerra-etraumaticas-respostas-do-sujeito-a-barbarie.pdf>).

análise; até agora, não conseguimos harmonizá-las com nossos pontos de vista, e espero, em alguma época, poder explicar-lhes a razão desta limitação (FREUD, 1917, *ESB*, v.16, p.324; *AE*, v.16, p.251).

Com efeito, Freud estabelece uma diferenciação entre a neurose traumática e a neurose, sendo que a expressão “em alguma época” só será melhor elucidada, como veremos mais adiante, por ocasião da publicação de *Além do princípio do prazer*, em 1920. Ainda na conferência de 1917, Freud reitera que, apesar do que diferem quanto à qualidade do trauma – estruturante, na neurose, e não estruturante, nas neuroses de guerra –, há algo de interseção entre elas. Mas não abre mão de observar que nem toda fixação conduz necessariamente a uma neurose, mas que “toda neurose inclui uma fixação” (Ibid., *ESB*, p.326; *AE*, p.252).

As neuroses traumáticas dão uma indicação precisa de que em sua raiz se situa uma fixação no momento do acidente traumático. Esses pacientes repetem com regularidade a situação traumática, em seus sonhos; [...] É como se esses pacientes não tivessem findado com a situação traumática, como se estivessem enfrentando-a como tarefa imediata ainda não executada” (FREUD, 1917, *ESB*, v.16, p.326; *AE*, v.16, p.252).

Na atribuição que Freud lhe confere, percebemos permanecer o valor econômico inerente ao trauma, postulado como algo resultante do excesso impossível de ser elaborado pela via da normalidade, resultando em perturbações que se repetem notadamente nos sonhos. Freud (1917) escreve que “a neurose poderia equivaler a uma doença traumática, e apareceria em virtude da incapacidade de lidar com uma experiência cujo tom afetivo fosse excessivamente intenso.” (Ibidem).

O valor do momento traumático é ressaltado por Freud, tendo em vista a importância do fator susto e da conseqüente fuga para a doença. Freud comenta que a fuga para a doença traz um “ganho secundário”, exemplificando-o com o caso do operário que sofre uma mutilação num acidente de trabalho, sendo aposentado por invalidez. A partir daí, o operário inválido passa a explorar a própria mutilação pedindo esmolas. Essa exploração é considerada por Freud como ganho secundário derivado na

doença. Lembramos o que está escrito na *Carta 76*, de 18 de novembro de 1897, na qual Freud se refere aos motivos em ação que levam à aceitação da doença e afirma que a doença só se instaura “quando a libido aberrante, tendo-se aliado a esses motivos, encontra, por assim dizer, um desdobramento real.” (MASSON, 1986, p.284). Nesse sentido, a neurose traz vantagens ao eu, o qual aceita-as, para depois verificar o negócio que fez, porque, como diz Freud (1917, *ESB*, p.447; *AE*, p.349), “ele pagou caro demais por um alívio do conflito, e os sofrimentos ligados aos sintomas são, talvez, um substituto equivalente dos tormentos do conflito”.

Com a eclosão da I Guerra Mundial, as implicações dela decorrentes interromperam parcialmente a clínica de Freud. Essa foi uma época de pausa imposta pelas circunstâncias ameaçadoras da guerra. Durante esse período, Freud inicia a produção de importantes textos para a psicanálise, como *Além do princípio do prazer* (1920) e *Psicologia de grupo e a análise do eu* (1921). Além da pausa imposta à clínica, Freud precisou enfrentar uma rajada de preconceitos contra suas ideias sobre o tratamento que propunha às neuroses traumáticas. Na *Conferência XXVIII* (1917), intitulada *Terapia analítica*, escreve:

Nada pode ser feito contra os preconceitos. Isso os senhores podem constatar novamente, hoje em dia, nos preconceitos que cada grupo de nações em guerra desenvolveu contra o outro. A coisa mais sensata a fazer é esperar e deixar tais preconceitos aos efeitos da erosão do tempo. Um dia, as mesmas pessoas começam a pensar acerca das mesmas coisas de uma maneira diferente de antes; e a razão por que não pensavam dessa maneira, anteriormente, continua sendo profundo mistério. (FREUD, 1917, *ESB*, v.16, p.538; *AE*, v.16, p.420-421)

Freud viu ser constatado o seu pensamento quando, em setembro de 1918, em Budapeste, realizou-se o V Congresso Psicanalítico Internacional, o qual incluiu em sua programação um simpósio com o tema “A psicanálise das neuroses de guerra”, cujos autores, Ferenczi, Abraham e Simmel, todos psicanalistas, trabalhavam com o assunto. Nesse congresso, estiveram presentes representantes oficiais do exército

austríaco, dada a elevada incidência dos neuróticos de guerra e devido às notícias que circulavam sobre o método freudiano de tratamento das neuroses.

Em 1919, no texto *Introdução a A psicanálise e as neuroses de guerra*, Freud (*ESB*, p.260; *AE*, p.206) reitera que “as neuroses nascem de um conflito entre o eu e as pulsões sexuais que este repudia”. Ainda nessa época, enfrentava os preconceitos a que nos referimos no início deste texto, pelos quais seus opositores bradavam que a teoria psicanalítica não se aplicava às neuroses de guerra. “Os oponentes da psicanálise, cuja aversão à sexualidade é evidentemente mais forte do que a sua lógica, apressaram-se a proclamar que a investigação das neuroses de guerra desmentiu finalmente essa parte da teoria psicanalítica”, escreve Freud (*Idem*). Diante disso, assinala que: “se a investigação psicanalítica das neuroses de guerra (e uma investigação muito superficial) não demonstrou que a teoria sexual das neuroses é correta, isto é algo muito diferente de mostrar que aquela teoria é incorreta.” (*Idem*).

Ainda no texto *A psicanálise e as neuroses de guerra* (1919), Freud define as neuroses de guerra como neuroses traumáticas “que se distinguem das neuroses comuns por características particulares” (*Ibid.*, *ESB*, p.261; *AE*, p.206). Segundo ele, as neuroses de guerra são neuroses traumáticas desencadeadas por um acontecimento traumático ou provocadas por um conflito no eu. A base desse conflito é formada pela situação de risco experimentada no campo de batalha. Nessa situação, o eu pacífico foge para a doença, se defendendo do eu bélico, do qual derivam ameaças à vida do eu pacífico. Compreendemos o campo de batalha como o solo que nutre as neuroses de guerra, posto que elas são o resultado dos efeitos de um perigo mortal. Diz Freud (*Idem*) que “as neuroses de guerra são apenas neuroses traumáticas, que, como sabemos, ocorrem em tempos de paz também”. Assim sendo, nos tempos de paz ou de guerra, o eu defende-se da ameaça provocada pelo inimigo externo – a violência –, ou da ameaça interna – a libido –, a qual impele ao eu, como um ultimato, a urgência de satisfação pulsional. Parece-nos que, para o eu, sitiado por tais circunstâncias, resta senão buscar abrigo na neurose, esta sempre traumática em sua etiologia.

Em 1919 é publicado *O estranho*, texto escrito de forma concomitante a *Além do princípio de prazer* (1920). De acordo com o autor, a repetição provoca sensações de estranheza e evoca desamparo. A repetição do mesmo carrega algo de

estranho, que comparece a cada repetição. Ou seja, o que se repete é percebido como estranho. Freud ilustra com um exemplo pessoal o que teoriza:

Em certa tarde quente de verão, caminhava eu pelas ruas desertas de uma cidade provinciana na Itália, quando me encontrei num quarteirão sobre cujo caráter não poderia ficar em dúvida por muito tempo. Só se viam mulheres pintadas nas janelas das pequenas casas e apressei-me a deixar a estreita rua na esquina seguinte. Mas, depois de haver vagado algum tempo sem perguntar o meu caminho, encontrei-me subitamente de volta à mesma rua, onde a minha presença começava agora a despertar atenção. Afastei-me apressadamente uma vez mais, apenas para chegar, por meio de outro *détour*, à mesma rua pela terceira vez. Agora, no entanto, sobreveio-me uma sensação que só posso descrever como estranha, e alegrei-me bastante por encontrar-me de volta à *piazza* que deixara pouco antes, sem quaisquer outras viagens de descoberta (FREUD, 1919, *ESB*, v.17, p.296; *AE*, v.17, p.237).

No inconsciente predomina algo que se repete compulsivamente, algo de origem pulsional, “provavelmente inerente à própria natureza das pulsões” (*ESB*, p.297; *AE*, p.238). Nessa afirmação Freud remete o leitor a um texto “já concluído”, muito embora não publicado – *Além do princípio de prazer*. Assim, Freud lança a hipótese de que existe algo na pulsão de morte que se repete e que lhe é inerente por definição. Essa suposição lança luzes no entendimento da estranheza e desamparo percebidos a cada nova repetição.

Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma ‘compulsão à repetição’, procedente das pulsões e provavelmente inerente à própria natureza das pulsões – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também, por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos. Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima ‘compulsão à repetição’ é percebido como estranho (FREUD, 1919, *ESB*, v.17, p.297-298; *AE*, v.17, p.238)

Freud sustenta que, se a psicanálise está correta ao afirmar que um afeto, uma vez reprimido, transforma-se em angústia, então, “deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo recalçado que retorna” (Ibidem, *ESB*, p.300; *AE*, p.240-241). Em ato contínuo Freud conclui que “deve ser indiferente a questão de saber se o que é estranho era, em si, originalmente assustador ou se trazia algum outro afeto” (Idem). Se a angústia é o afeto que não engana, como refere Lacan em *O seminário, livro 10* (1962-1963), o estranho parece ser a emergência da estranheza por não reconhecer algo outrora familiar. Seria essa a natureza secreta do estranho? “[...] Pois esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de recalque” (Ibidem, *ESB*, p.301; *AE*, p.241). Algo familiar que foi recalçado, algo que deveria ter permanecido oculto, mas veio à luz – eis a definição do estranho proposta por Freud.

Mas, a que propósito serve a compulsão à repetição? Em 1919, Freud admite existirem outros elementos além dos teorizados até aqui. Assim, a compulsão à repetição e a neurose de guerra ou traumática estão entre os elementos impulsionadores da formulação do conceito de pulsão de morte. Freud viveu tempos de guerra e de paz e, certamente, analisou sujeitos traumatizados pela guerra. “O quadro sintomático apresentado pela neurose traumática aproxima-se do da histeria pela abundância de seus sintomas motores semelhantes”, afirma Freud (1920).

Em 1920, em *Além do princípio de prazer*, reformula definitivamente a teoria do dualismo pulsional. Entra definitivamente em cena a compulsão à repetição característica da pulsão de morte. Freud observa aquele mecanismo nos sonhos dos neuróticos de guerra, o que lhe permite avançar mais um passo em torno do conceito de neurose de guerra. O autor não acredita que a angústia possa produzir neurose traumática, porque “nela existe algo que protege o sujeito contra o susto e, assim, contra a neurose” (Freud, 1920, *ESB*, p. 24; *AE*, p.13). No quarto capítulo desse mesmo texto, descreve como traumáticas as quotas de afeto excessivas capazes de romper o escudo protetor do sujeito. Freud utiliza o modelo da vesícula viva para explicar o que vem a significar tal escudo, onde o sujeito seria morto se não dispusesse de tal aparato defensivo do aparelho psíquico, sendo esta a sua finalidade. Freud afirma que:

[...] o escudo protetor é suprido com seu próprio estoque de energia e deve, acima de tudo esforçar-se por preservar os modos especiais de transformação de energia que nele operam, contra os efeitos ameaçadores das enormes energias em ação no mundo externo, efeitos que tendem para o nivelamento deles e, assim, para a destruição (FREUD, 1917, *ESB*, v.18, p.43; *AE*, v.18, p.27).

Freud atribui a importância etiológica da neurose traumática ao susto, àquilo que ameaça a vida. Primeiro, isso significa dizer que a psicanálise se preocupa com os efeitos produzidos pelo excesso traumático, muito mais que os danos físicos diretos provocados pelo acidente traumático. Segundo, há algo de inassimilável na experiência traumática. A ameaça à vida representa ameaça ao inconsciente, o qual não crê na própria morte. Diz Freud (*Ibid.*, *ESB*, p.45; *AE*, p.29) que “um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimentos todas as medidas defensivas possíveis.” Parece-nos que a falha na tarefa defensiva do escudo protetor permite que o aparelho psíquico seja inundado com grande carga de afeto traumático, colocando o princípio do prazer fora de ação temporariamente. Tais apontamentos nos remetem ao trauma sofrido pela criança mediante os cuidados maternos, tendo em vista que, naquele momento, o bebê não dispõe de aparelho psíquico suficientemente estruturado para suportar a carga de afeto inerente à erotização do seu corpo pela mãe. Isso nos leva a concluir que todo sujeito é marcado pelo trauma enquanto excesso impossível de lidar.

Freud percebe que a experiência traumática impõe-se continuamente ao sujeito, notadamente na elaboração onírica, que repetidamente traz a cena traumática. Ele lembra constantemente o teor realizador de desejos nos sonhos – afirmação essa que parece um contraponto à finalidade do sonhar e ao princípio do prazer. Para o criador da psicanálise, a repetição da experiência traumática no sonho traz consigo “uma produção de prazer de outro tipo” (*Ibid.*, *ESB*, p.28; *AE*, p.16), porque remetida a algo para além do princípio do prazer. A compulsão à repetição está presente na neurose traumática e se manifesta, por exemplo, no sonho, onde o sujeito tem a possibilidade de desencadear

a angústia não despertada por ocasião do trauma sofrido. Freud escreve que o desencadeamento da angústia defende o aparelho psíquico da inundação traumática. Segundo ele, “no caso de bom número de traumas, a diferença entre sistemas que estão despreparados e sistemas que se acham bem preparados através da hipercatexia pode constituir fator decisivo na determinação do resultado.” (Ibid., *ESB*, p.48).

Freud diz que os sonhos traumáticos despertam o sonhador para um novo pavor. Postula, então, o sonho como o guardião do sono, e não o seu perturbador, e que há algo de não evidente no sonho traumático, algo incapaz de explicar o seu sentido. Em *O seminário, livro 11*, Lacan escreve que a interpretação dos sonhos pelo criador da psicanálise contém o cerne da noção freudiana da repetição traumática. A análise lacaniana mostra que o despertar traumático possui vinculações com o real. Lacan indaga “O que é que desperta?” (p.59), o que é que retira o sujeito do processo onírico? “Não será, no sonho, uma outra realidade?” – agrega Lacan. Caruth (2000, p.120) afirma que “o acordar é em si mesmo o lugar do trauma”. É nesse acordar paradoxal que Lacan aponta para o real que dá sentido ao despertar, na medida em que, no sonho traumático, há um confronto com algo irrepresentável, uma vez que Freud descreve o trauma como a resposta à ameaça de morte. Assim sendo, o acordar representa um paradoxo a respeito da necessidade e da impossibilidade de confrontar a morte. Os sonhos traumáticos não contradizem a teoria freudiana da realização de desejo no sonho. Afinal, o sonho, enquanto postergação de uma realidade traumática revela o intervalo inassimilável entre a morte e o desejo de superá-la – o que somente é possibilitado na ficção ou no sonho.

Após a publicação de *Além do princípio de prazer* (1920), a concepção de pulsão de morte está presente em todos os textos de Freud, principalmente na abordagem teórica da guerra e das neuroses traumáticas. Em *Psicanálise e telepatia* (1941/1921), publicado somente vinte anos após sua escrita, Freud diz da perda de valor pela qual tudo foi afetado desde a I Guerra Mundial, referindo-se às “atrações perdidas pela vida na terra”. Em *Dois verbetes de enciclopédia* (1923), Freud escreve que a psicanálise resistiu à guerra na medida em que os congressos psicanalíticos não foram interrompidos, tendo sido realizados oito deles. No mesmo ano, no texto *Observações sobre a teoria e prática da interpretação de sonhos*, Freud (1923) aborda a questão do tratamento psicoterápico desenvolvido pelos médicos no campo de batalha e diz que “os

que padecem de neuroses de guerra abandonam seus sintomas porque a terapia adotada pelos médicos militares conseguiu tornar o estar doente ainda mais desconfortável do que servir no campo de batalha”. Esta passagem faz alusão ao tratamento com a utilização de choque elétrico aplicado pelos médicos aos militares que apresentavam sintomas neuróticos na guerra. Para fugir do tratamento violento, esses militares paravam de evidenciar os sintomas neuróticos. Uma vez percebidos “curados”, eram enviados novamente para o front. Desde o *Memorandum sobre o tratamento elétrico dos neuróticos de guerra* (1920), Freud já havia se posicionado contra tal tratamento cruel, enfatizando que esse não era o tratamento do qual necessitava o soldado na guerra.

Em certa medida, a guerra despertou o interesse pela psicanálise, devido à sintomatologia neurótica apresentada pelos neuróticos, e dada à ineficácia do tratamento elétrico no combate à neurose. Esse é um dos pontos por Freud abordado no texto *Um estudo autobiográfico* (1925), no qual afirma que o fracasso do tratamento elétrico, a incidência dos casos e questões em torno da psicogênese das perturbações neuróticas foram alguns dos fatores que chamaram a atenção dos médicos militares para a psicanálise. Rapidamente, se tornaram populares expressões como “ganho proveniente da doença”, “fuga para a doença” e, ademais, Ferenczi e Simmel, ambos psicanalistas, estiveram na guerra, o que certamente aumentou o interesse pelo que preconizava a psicanálise. O “ganho secundário com a doença” era encarado pelos exércitos como uma simulação. Então, em 1926, no texto *A questão da análise leiga*, Freud desenvolve questões relativas à responsabilidade ou irresponsabilidade para com a sintomatologia neurótica desencadeada, e diz que nenhum dos dois atributos deve ser aplicado ao neurótico, o qual simula sem saber, sendo essa a sua doença. Afinal, indaga Freud (1926, *ESB*, p.252), “os neuróticos que burlavam o serviço militar eram simuladores ou não?”. Eis que ele responde: “[...] eram e não eram. Se eram tratados como simuladores e sua doença era tornada altamente incômoda, eles se recuperavam; se depois de serem ostensivamente restabelecidos eram enviados de volta às forças armadas, imediatamente se refugiavam na doença”. Nesse mesmo texto, Freud agrega que “[...] o mesmo se aplica aos neuróticos na vida civil. Eles se queixam da doença, mas a exploram com todas as suas forças”. (Idem).

Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926) outras contribuições são trazidas às neuroses de guerra. Sabe-se que Freud postula a angústia como um sinal frente a um

perigo. Diante da ameaça, o eu faz algo para evitar a situação geradora de angústia. Vigora o princípio do prazer e os sintomas assumem o propósito de manter à distância a angústia. Nesse sentido, os sintomas servem de alerta para a iminência de um perigo cuja presença é despertada pela angústia. Ao abordar a relação entre a formação de sintomas e a angústia, Freud (1926, *ESB*, p.153) considera pouco provável que uma neurose se instale unicamente por causa de uma ameaça real, e sugere uma análise mais profunda, principalmente porque, no inconsciente, não há inscrição da morte e “nada que se assemelhe à morte jamais pode ter sido experimentado”. Portanto, diz Freud (Idem), “o medo da morte deve ser considerado como análogo ao medo da castração, e que a situação à qual o eu está reagindo é de ser abandonado pelo supereu protetor [...], de modo que ele não dispõe mais de qualquer salvaguarda contra os perigos que o cercam”. Provavelmente, o horror ao desamparo confere o toque que qualifica a situação como traumática e responsável pelo desencadear da neurose.

Em 1933, na *Conferência XXIX*, intitulada *Revisão da teoria dos sonhos*, Freud fala novamente das dificuldades que a teoria do trauma trouxe contra a teoria da realização de desejos no sonho. As pessoas vitimadas pela experiência traumática são reconduzidas, no sonho, à situação traumática. Freud, mais uma vez, pergunta-se: “que impulso decorrente de desejos poderia satisfazer-se retornando, dessa maneira, a essa experiência traumática desagradável?” (*ESB*, p.41). Ele responde que a teoria do sonho revela “os esforços da elaboração onírica dirigidos a negar o desprazer, por meio da deformação, e a transformar a decepção em concessão.” (Idem). Entretanto, no caso das neuroses traumáticas, Freud assinala que há uma peculiaridade diferente, uma vez que a angústia é experimentada no sonho. Freud (Ibid., *ESB*, p.42) escreve, então, que “o sonho é uma tentativa de realização de um desejo”. Na *Conferência XXXII*, denominada *Angústia e vida pulsional*, Freud retoma o assunto e diz que esse é um dos enigmas com os quais se depara a psicanálise. Nessa conferência, Freud estabelece uma ligação entre angústia e formação de sintomas, a fim de compreender o afeto da neurose. Para o criador da psicanálise, a angústia é primária em relação ao sintoma e definida como um estado afetivo desencadeado frente a uma ameaça. Portanto, a angústia é constitutiva da neurose. Textualmente, Freud (1933, *ESB*, p.106) escreve que “[...] a geração da angústia é o que surgiu primeiro”. O sintoma é secundário e é qualificado como inibição, na medida em que, “por meio dele, o paciente se poupa dos ataques de angústia” (Idem). Entendemos o sintoma como o recurso tentado para manter longe a

angústia. Prosseguindo na *Conferência XXXII* (1933, *ESB*, p.117-8), Freud diz que, quando “os esforços do princípio do prazer malogram”, dá-se o momento traumático e “[...] o que é temido, o que é objeto de angústia, é invariavelmente a emergência de um momento traumático, que não pode ser arrostado com as regras normais do princípio do prazer”.

Podemos observar que perdura o valor econômico na concepção do trauma em Freud, uma vez a importância conferida à soma de excitação que qualifica o evento traumático, capaz de paralisar o princípio do prazer. Na *Conferência XXXII* (*Ibid.*, p.119), Freud conclui que a angústia é o sinal diante de um perigo, podendo ter sua origem em dois momentos: “como consequência direta do momento traumático e [...] como sinal que ameaça com uma repetição de tal momento.” Isso explica porque no sonho de repetição da cena traumática a finalidade de preservação do sono não é cumprida, já que a angústia retira o sujeito da cena onírica ao acordá-lo, poupando-o repetidamente.

Analisando *Esboço de psicanálise* (1940), percebemos Freud manter suas concepções sobre o trauma e a neurose, ocasião em que sustenta que nenhum indivíduo está isento do trauma que lhe constitui enquanto sujeito. Sobre as neuroses traumáticas, escreve que elas constituem uma exceção porque são consequências de traumas não constitutivos, como é o caso dos acidentes graves e da violência. “As neuroses são, como sabemos, distúrbios do eu e não é de admirar que o eu, enquanto débil, imaturo e incapaz de resistência fracasse em lidar com tarefas que, posteriormente, seria capaz de enfrentar com a máxima facilidade” (Freud, 1940[1938], *ESB*, p.213).

As exigências pulsionais internas e externas figuram como as peças-chave na teoria do trauma. Cabe a pergunta se é esperada ‘maturidade’ psíquica do homem diante do horror de uma guerra. Em nossa experiência no atendimento dos soldados que retornam neurotizados pela experiência da guerra e dos combates, percebemos com Freud que o trauma de guerra provoca um esgarçamento no simbólico. Inundados por um excesso pulsional inassimilável, ficam, em geral, submergidos na experiência traumática. Nesse sentido, a análise surge como uma via de minimização dos efeitos nocivos do trauma, como veremos a seguir.

3.3.1. Breves considerações clínicas⁸⁵

Após o estudo do trauma, é preciso tecer considerações sobre o tratamento a ser dispensado aos militares que retornam das missões em zonas de conflito⁸⁶. Vimos que a abordagem freudiana das neuroses de guerra é semelhante às neuroses traumáticas dos tempos de paz, de modo que ele trata ambas as neuroses pelo mesmo prisma. Nesse sentido, pudemos observar que, para o criador da psicanálise, o acontecimento traumático pertence à ordem do excesso insuportável, que marca o sujeito à semelhança de um acontecimento histórico.

Elisabeth Roudinesco (1998), com base na leitura do texto freudiano, descreve o quadro sintomático da neurose de guerra composto de alterações físicas, depressão, hipocondria, angústia, delírio. Decorrente dos contatos que travamos com militares que estiveram em cenários adversos, acrescentamos os seguintes sinais: irritação, impaciência, alterações de humor, alterações fisiológicas – como, por exemplo, modificações sérias na pressão arterial, distúrbios no sono, mutismo, retraimento social, agitação motora, tremores, cefaleias.

Em 1913, Freud alerta que a neurose é semelhante a uma “donzela vinda de longe”, parafraseando Schiller, autor do poema *Das Mädchen aus der Fremde*. Igualmente, são surpreendidos muitos militares, os quais, dada a sua formação para o combate mortífero, sequer imaginam que também têm fragilidades. Na formação militar, é feito o juramento perante a bandeira da terra pátria, de dar a própria vida em sua defesa, e também pela missão. Identificados com tais elementos, eles partem para toda sorte de trabalhos operacionais, quando, muitos, são surpreendidos pelo impacto do

⁸⁵ JAQUES, A.A.B. <http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-iv/artigos-tematicos/as-neuroses-de-guerra-etraumaticas-respostas-do-sujeito-a-barbarie.pdf>.

⁸⁶ O trabalho como psicóloga do projeto Força Militar de Paz do Exército Brasileiro, possibilitou a escuta de relatos de muitos militares egressos de zonas de combate – no Timor Leste e Haiti. As atividades de seleção, acompanhamento e desmobilização psicológica foram realizadas durante onze anos de trabalho junto a contingentes militares que seguiram em missões das Nações Unidas. Atualmente, desde o ano de 2007, é oferecido tratamento psicanalítico para os sujeitos oriundos de tais missões, inclusive para aqueles que estiveram recentemente no Sudão do Sul. Todos esses cenários são extremamente adversos.

trauma e pelo desencadeamento da neurose: “ninguém sabia donde ela viera, de maneira que esperavam que um dia desapareceria” – escreve Freud (Ibid.). Assim sendo, há um tempo para saber dessa neurose, ainda que seja possível somente uma aproximação desse saber, pela análise. Na verdade, Freud assinala que se trata de uma atemporalidade, uma vez que é assim que funcionam os processos inconscientes. Diante de tais circunstâncias, elevadas resistências surgem ao tratamento psicanalítico, e é comum o recurso ao fármaco enquanto solução mágica. E sob essa condição mantêm-se muitos sujeitos.

Sabemos com a psicanálise que a ferramenta capaz de levar o analisando a recordar é o manejo da transferência. “É aí que se deve buscar o segredo da análise”, escreve Lacan (1958), no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*. Em suas considerações sobre os escritos técnicos de Freud, dispostas em *O Seminário, livro 2, Os escritos técnicos de Freud*, Lacan (1953, p. 9) inicia suas palavras escrevendo que “o pensamento de Freud é o mais perpetuamente aberto à revisão. É um erro reduzi-lo a palavras gastas. Nele, cada noção possui vida própria. É o que se chama precisamente dialética”. Segundo o autor, os escritos técnicos representam uma etapa no pensamento freudiano marcada pela simplicidade e foco dirigido ao método. “A simplicidade e a franqueza do tom, por si sós, já são uma espécie de lição.” (Ibid., p.18).

Encontramos nesses escritos passagens extremamente importantes para apreendermos o progresso que teve, no curso desses anos, a elaboração da prática. Neles, vemos aparecer gradualmente noções fundamentais para compreender o modo de ação da terapêutica analítica, a noção de resistência e a função da transferência, o modo de ação e de intervenção na transferência e mesmo, até certo ponto, o papel essencial da neurose de transferência (Ibid., p.16).

Para o psicanalista francês, Freud nunca deixou de falar da técnica, pois em cada um de seus artigos existe algo sobre ela. Segundo Lacan, as indicações técnicas da psicanálise estão por toda parte da obra de Freud. A restituição do passado do sujeito na análise permaneceu como uma das preocupações do pai da psicanálise em todos os seus escritos. As considerações lacanianas inserem a psicanálise numa relação inter-humana,

em que a relação do analista e do analisando é marcada pela intervenção de um elemento terceiro. Assim, diz: “se a palavra é tomada como ela deve ser, como ponto central de perspectiva, é numa relação a três, e não numa relação a dois, que se deve formular, na sua completude, a experiência analítica” (Lacan, 1953, p.20). Essa noção é muito importante para a prática clínica, uma vez que, no processo analítico, a reconstituição da história do sujeito é um elemento essencial, constitutivo e estrutural desse processo. Dito de outra forma trata-se da apreensão de um caso singular, do tratamento do sujeito em sua perspectiva, ou seja, em sua singularidade. “Quer dizer essencialmente que, para ele, o interesse, a essência, o fundamento, a dimensão própria da análise, é a reintegração, pelo sujeito, da sua história até os seus últimos limites sensíveis, isto é, até uma dimensão que ultrapassa de muito os limites individuais” – escreve Lacan a respeito do pensamento freudiano relativo aos textos técnicos. Essa dimensão histórica resgatada pelo sujeito na análise não é tão simples quanto parece, pois “a história não é o passado” (Ibid., p.21) – afirma Lacan, acrescentando que “o caminho da restituição da história do sujeito toma a forma de uma procura da restituição do passado. Essa restituição deve ser considerada como o ponto de mira visado pelas vias da técnica” (Ibid.).

Qual a importância dessa reconstituição histórica para o sujeito? Ora, o reviver histórico pela linguagem traz a possibilidade de uma nova reconstrução, o que é muito importante na análise. Quando o sujeito fala, diz de si e de tudo, ou seja, do conjunto de seu sistema. Nesse contexto, Lacan assevera que o acento deve recair sobre a reconstrução e não sobre a face da revivescência. O revivido, disse-nos Freud em vários momentos de sua obra, não é o essencial. A análise é, portanto, um processo de reescrita da própria história.

Em 1958, no texto *A direção do tratamento*, disposto nos *Escritos*, Lacan (p.592) resgata a importância da regra fundamental da psicanálise, porque, segundo o autor, nisso consiste a direção do tratamento. “Essas diretrizes, numa comunicação inicial, revestem-se da forma de instruções, as quais, por menos que o analista as comente, podendo considerar que, até nas inflexões de seu enunciado, veicularão a doutrina com as quais o analista se constitui [...]”. Acrescenta, ainda, que “esse tempo consiste em fazer o paciente esquecer que se trata apenas de palavras, mas que isso não justifica que o próprio analista o esqueça.” (Idem).

A análise lacaniana da direção do tratamento ressalta que a trilha analítica não é trafegada em mão unívoca, senão dupla, naquilo que se refere, principalmente, à quota de investimento empregada pelas partes desse processo. Assim sendo, também ao analista é requerido investimento ligado ao registro do simbólico, do imaginário e do real. Isso significa, como escreve Lacan (1958, p.593), que ele “paga com palavras”, tendo em vista o efeito de interpretação; “paga com sua pessoa”, uma vez que ele a cede como sustentáculo dos fenômenos transferenciais; e, finalmente, “paga com seu juízo mais íntimo”, porque é parte do jogo analítico.

Fundamentalmente, Lacan assegura que o segredo da análise reside no manejo da transferência e, nesse contexto, escreve: “[...] o analista é menos livre em sua estratégia do que em sua tática” (Ibid., p.595); o que vem a significar estar alerta na transferência e um pouco mais de liberdade na interpretação.

O filme *No vale das sombras*, dirigido por Paul Haggis (2007), retrata situações possíveis de acontecer a um militar, na guerra e fora dela. A estória é protagonizada por Tommy Lee Jones, o qual interpreta o personagem Hank Deerenfield, um ex-combatente da guerra no Vietnã. Hank é pai de Mike, que luta no Iraque e, ao retornar para os Estados Unidos, não procura sua família. O desenrolar da trama é iniciado com a procura de informações sobre Mike. Cedo no filme, o pai é informado que seu filho fora encontrado morto, esquartejado e jogado num terreno baldio. Dá-se início a um processo de investigação pela polícia e exército, juntamente com o pai, este nos bastidores da investigação. A partir desse momento, Hank depara-se com aspectos da personalidade de seu filho Mike, inimagináveis para ele, mediante conclusões obtidas em vídeos enviados a ele pelo próprio filho, quando ainda vivo e em combate no Iraque. Na ficção [e fora dela] é comum a ordem de não cessar um comboio numa zona de conflito devido à ameaça de emboscadas, bombardeios, etc. No filme, Mike dirige uma viatura em comboio quando avista uma criança e passa por cima dela, atropelando-a fatalmente. Em seguida, ele para a viatura, desce e fotografa a criança morta, mudo e com semblante frio. No instante seguinte, envia a foto tirada com seu celular para seu pai.

Ainda no filme de Haggis, é revelado o codinome “doutor” atribuído a Mike. A explicação para essa designação é que Mike, ao capturar um ferido de guerra, se aproxima, diz ser médico e que irá ajudá-lo. Os atos seguintes da personagem em

questão são repetidos enfiar dos dedos no ferimento do inimigo, junto da indagação “Dói?”. Diante dos gritos agonizantes do inimigo detido, Mike sorri para a câmera que testemunha o ato cruel. Em determinada parte do filme, Hank verbaliza para a detetive que investiga a morte de seu filho: “você não esteve na guerra; você não sabe como é! Quando a gente volta, se não tem briga, lutamos entre si”. É sob tais circunstâncias que se dá o assassinato de Mike, morto por três camaradas de seu esquadrão, no front. Após uma bebedeira, discutem e um deles apunhala-o com uma faca, matando-o. Não bastasse o assassinato, um deles resolve fatiá-lo, verbalizando que tinha experiência como açougueiro. Após o despedaçamento do corpo morto, desistem de enterrá-lo porque estavam famintos. Então, resolvem comer frango e pagam com o cartão de crédito daquele que haviam matado. Nesse mesmo filme, um soldado egresso do Iraque assassina a esposa numa banheira e outro se enforca no vestiário.

Coutinho Jorge (2010, p.129) sublinha a nomenclatura plural atribuída por Freud à pulsão de morte: “pulsão de destruição ou destrutiva; pulsão agressiva; pulsão de apoderamento ou dominação”. De acordo com o autor, “a ênfase posta por Freud, desde o início de suas formulações sobre a pulsão sexual, na dimensão da crueldade a ela inerente, parece traduzir uma percepção precoce da pulsão de morte enquanto verdadeira pulsão de crueldade” (Ibid.).

Quando a barbárie impera, encontram-se livres de quaisquer amarras normativas as pulsões destruidoras e a crueldade. Para alguns sujeitos, essa é uma condição em que falham suas defesas protetoras, advindo o trauma. “Esse novo panorama pode levar o soldado a adoecer justamente por causa da perda da capacidade de mediação do conflito entre as pulsões e a realidade externa, isto é, entre o mundo interior e o exterior”, escreve Castro (Ibid., p.114). Diversos militares sofrem de angústia e depressão após terem matado um inimigo na missão. É como se “uma ficha tivesse caído” frente ao cometimento do assassinato praticado por ele mesmo, condição essa que se torna insustentável para muitos deles. Isso significa que a fiança do Estado de que a morte pode ser praticada na guerra não é garantia de sustentação psíquica para o sujeito. Parece que, depois da guerra, o sujeito fica à mercê de si mesmo, como temos notícias dos que combateram no Vietnã, por exemplo, os quais ficaram à própria sorte quando aquele desastre acabou, muitos deles, inclusive, se suicidando.

Toda força armada apresenta o paradoxo de duas exigências pulsionais feitas ao militar: ser camarada com os irmãos de farda e, em igual medida, ser capaz de cumprir seus deveres, dentre os quais o de matar um inimigo, se preciso for. Tais exigências favorecem a cisão do eu, corroborada pelo horror da destruição. Ao que parece, este é um importante fator na neurotização do sujeito que experimenta a guerra.

Numa tarde de domingo, recebi uma ligação telefônica de uma esposa de um militar que há pouco havia chegado ao Brasil, clamando por ajuda, pois ela estava assustada frente às reações de seu marido. Este gritava por qualquer motivo, não conseguia reduzir o tom de sua voz em nenhuma circunstância e falava sempre “de olhos arregalados” - disse-me a esposa, a qual estava tendo picos de pressão arterial e medo. No consultório, a chegada do indivíduo em questão denotava quão mobilizado ainda permanecia, como se estivesse à espera de algo que o pudesse surpreender. Comoção que deixa o sujeito subsumido na certeza do retorno do acontecimento traumático, produzindo efeitos devastadores nos intercâmbios familiares. Sua história já não tem sentido; ninguém acredita nele, os laços familiares se afetaram de tal maneira que não pode confiar em ninguém. Passadas algumas sessões, onde pôde abordar os momentos vividos nos tiroteios, relatou que não conseguia ser escutado nos locais de combate por causa do ensurdecido barulho bélico. Então, ele gritava para ser ouvido, porque precisava ser ouvido quanto ao medo que estava sentindo.

Num outro momento, recebi encaminhamento de um soldado que estava “acochambrando” no quartel. A fala gaga mesclada a choro contido revelou que não se tratava disso. Relatou que o pai, seu único amigo, havia morrido no começo de suas atividades no quartel. Disse que estava em casa com ele e que o pai começou a passar mal, a ficar roxo e referiu não ter conseguido fazer nada de imediato. Nos instantes seguintes pediu ajuda a uma vizinha, a qual chamou a ambulância. Um infarto fulminante foi a causa morte do pai. Na semana seguinte a esse episódio, ele foi para a atividade de acampamento no quartel, estágio esse onde o militar é submetido a provas de resistência que visam prepará-lo para o combate. No acampamento, ele verbalizou que foi bem e que ria das situações difíceis. Chorou muito ao lembrar que não havia sido o seu pai a entregar-lhe a boina na formatura de recebimento da mesma. Passado os dias, ele havia acentuado consideravelmente sua gagueira e pensava frequentemente em se matar. Num serviço, chegou a engatilhar o seu fuzil e pôs o armamento na boca, mas

não conseguiu atirar. Ele reclama que seus chefes o acusam de “acochambar” e que, nesses momentos, ele se lembra de que seu único amigo – o pai – não está mais ali para lhe defender e escutá-lo, orientá-lo. Ao que parece, a acusação de acochambar⁸⁷ remete à acusação primeira que ele dirige a si mesmo por “não ter feito nada” diante da morte de seu pai, fato donde deve estar derivando a sentença condenatória de sua própria morte. Apostamos que a análise possibilitará alívio para a angústia mortífera e permitirá novos arranjos e nova saída que não o aniquilamento de si mesmo.

A deparação com a morte deixa sempre um resto de terror que não é assimilada. O que o risco da morte causa no sujeito? Trauma, certamente. O traumatizado de guerra está mais próximo dos mortos do que dos vivos. Com identidade e imagem despedaçadas, o sujeito sente-se ameaçado, arremessado de volta ao desamparo, donde advém a angústia, frente a qual uma análise se apresenta como uma possibilidade de alívio desse sentimento mortífero pelo recurso da fala. O tempo de desmobilização psicológica de militares egressos de uma zona de combate é um tempo singular para o sujeito. Não se sabe exatamente as possíveis repercussões no psiquismo dos que viveram o horror e a ameaça de morte de perto. Como se diz no Exército, “olharam de perto e de frente os olhos do inimigo”. Além disso, não há como determinar com objetividade as derivações patológicas do extermínio do outro, ainda que para salvar a própria vida. Nesse sentido, uma análise não intenciona a profilaxia, posto que essa não é sua tarefa. Não há como afiançar que jamais haverá novo sofrimento, pois experiências futuras podem acender questões não trabalhadas na análise. É interessante, inclusive, dizer que muitos militares retornam nos contingentes subsequentes ao seu com extrema vibração. Assim sendo, o analista se configura enquanto capaz de amparar a fala do analisando balizado pelo amor de transferência. “Ter quem o escute poderá ajudá-lo a compreender melhor o que ocorreu, e por qual razão esta vivência teve efeito tão disruptivo”, assinala Castro (Ibid., p.122).

No combate, a neurotização do sujeito pode advir de várias maneiras, desde a explosão de uma granada ou a morte de alguém, por exemplo, até acontecimentos cotidianos tolos, considerados “a gota que faltava” para a eclosão do surto neurótico. O trabalho analítico consistirá, em princípio, em conseguir armar uma trama que permita

⁸⁷ Expressão usada na caserna para designar aquele que usa de subterfúgios para não realizar suas missões.

ao sujeito encontrar um novo sentido e reinscrever-se de outro modo no social. Na clínica, o trauma confronta o sujeito com o real, com o que não tem sutura, com o irrecuperável. O analista terá como desafio promover a restauração da capacidade interpretativa do psiquismo. O exercício da linguagem na análise permite ao sujeito inscrever marcas traumáticas na cadeia significante e, com isso, minimizar os efeitos nocivos do trauma. A propósito do tema aqui desenvolvido, e para finalizar, comentarei brevemente uma ideia de Castro (Ibid., p.111) sobre a posição do analista frente ao desamparo do sujeito traumatizado: “A análise promove a restauração da capacidade interpretativa do psiquismo através do rearranjo da fantasia. O fato de o aparelho psíquico ser um aparelho de escrita garante a aposta que todo analista deve fazer, a cada caso e a cada vez, de que aquele que se sente desamparado e indefeso frente aos efeitos do trauma pode encontrar uma saída para o sofrimento”. O poder da fala permite, fundamentalmente, que o sujeito resgate sua imagem narcísica e suas referências subjetivas. Localizar, teorizar, discernir sobre o lugar do analista na clínica: eis o grande desafio da psicanálise frente aos atuais rumos da civilização, cada vez mais regida pelas guerras, terrorismos e pelo exercício da crueldade.

Fuks (2003) diz sobre a necessidade de não ficarmos cegos à dimensão catastrófica do psiquismo na atualidade. “Essa mesma dimensão catastrófica abre uma brecha no centro de novas formas do mal-estar na civilização: a passagem ao ato violento na delinquência, a toxicomania, o totalitarismo que se coloca acima da lei, o fundamentalismo como instrumento da lei divina etc.” (Ibid., p. 64). A autora alerta quanto às roupagens do sintoma na contemporaneidade e nos leva a pensar sobre o fazer analítico nos dias de hoje. Fuks escreve: “Sem dúvidas, o futuro da psicanálise depende da responsabilidade do analista em manter seu trabalho voltado para a dinâmica psíquica do sujeito, individual ou coletivo, sem abrir mão do rigor dos conceitos freudianos” (Idem).

3.4. O conceito de pulsão de morte

O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção

individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma ideia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará.

(Freud, 1920)⁸⁸.

Para especular sobre a natureza das pulsões, Freud recorre à teoria morfológica de Weismann⁸⁹ sobre a duração da vida e da morte dos organismos, segundo a qual a substância viva se constitui de uma parte imortal, o plasma germinal, e uma parte mortal, que é o corpo ou o soma. O plasma germinal favoreceria a copulação entre as células germinativas, dando origem a um novo soma, a um novo indivíduo. Weismann também sustentava a hipótese sobre a imortalidade dos organismos unicelulares, tema muito polêmico na passagem do século XIX ao século XX (Soriano, 1995). Por sua vez, os organismos multicelulares, que produzem a diferenciação entre soma e germe, determinariam a duração limitada da vida. O experimento de Woodruff, um biólogo americano, viria a confirmar esta hipótese de Weismann, com a condição de colocar, em cada geração de animálculos, um fluido nutriente novo. Woodruff tenta demonstrar a imortalidade de um protozoário, que se reproduz por fissão em dois outros e observa até a 3029ª geração do mesmo protozoário, esta última geração com características bem aproximadas do reprodutor original. Se assim for, escreve Freud, “os protozoários pareceriam morrer após uma fase de senescência, exatamente como os animais superiores, contrariando a assertiva weissmaniana de que a morte é uma aquisição tardia dos organismos vivos” (Freud, 1989/1920, p. 67). Maupas e Calkins, ao contrário, demonstraram a nível experimental a mortalidade dos protozoários. Contudo, a diferença de Woodruff, estes pesquisadores não colocavam fluido novo no animálculo e nos seus descendentes. O que levou Woodruff a concluir que é o próprio produto do metabolismo dos protozoários que os conduzia à morte (Freud, 1920). Freud considera as formulações de Weissman análogas ao dualismo pulsional. Mas sua influência se dissipa porque Freud conclui que sua teoria só é aplicável a organismos multicelulares.

⁸⁸*Lo que segue es especulación, a menudo de largo vuelo, que cada cual estimará o desdeñará de acuerdo com su posición subjetiva. Es, además, un intento de explotar una idea, por curiosidad de saber adónde lleva.* (FREUD, S. (1920). Amorrortu, v.18, cap IV, p.24).

⁸⁹ Friedrich Leopold August Weismann, biólogo alemão.

Freud recorre a E. Hering, o qual supunha que no organismo vivo operam dois processos de forma concomitante e em direções contrárias, uma no sentido de construção e outra no sentido destrutivo. O analista vê nas direções opostas tomadas por tais processos a mesma forma de atuação das pulsões de vida e morte. E mais: lança mão do pensamento de Schopenhauer como condição para todo aquele que não queira ficar cego. “A morte é o verdadeiro resultado e, até esse ponto, o propósito da vida, ao passo que a pulsão sexual é a corporificação da vontade de viver” – escreve Freud (1989/1920, p. 69). Schopenhauer encerra uma série de referências usadas por Freud em *Além do princípio de prazer* (1920), cujo autor utiliza a referência metafísica para elevar a hipótese metapsicológica à categoria teórica. A metafísica permite que a metapsicologia freudiana tome corpo e adquira identidade. A partir desse ponto, Freud usa a palavra em seu nome.

Em 1920, no início do capítulo quinto de *Além do princípio de prazer*, Freud classifica as pulsões como “o elemento mais importante e mais obscuro da pesquisa psicológica”, enquadrando-as como “processos livremente móveis”. Igualmente, nos lembra que o inconsciente é regido por processo psíquico primário, enquanto os processos psíquicos secundários regem o sistema consciente. Assim, as pulsões são determinadas por instâncias primárias e têm como ponto de impacto o sistema inconsciente. Em seguida, escreve que a compulsão à repetição é de ordem pulsional e, “[...] quando atua em oposição ao princípio de prazer, dão a aparência de uma força demoníaca em ação” (Ibid., *ESB*, v.18, p.52; *AE*, v.18, p.34). Ele escreve que as crianças repetem compulsivamente experiências desagradáveis como uma tentativa de dominar retrospectivamente, e de forma ativa, aquilo que experimentaram passivamente. “Cada nova repetição parece fortalecer a supremacia que buscam” – acrescenta Freud (Idem). O encanto da repetição está no dado novo que produz. “Nada disso contradiz o princípio de prazer: a repetição, a reexperiência de algo idêntico, é claramente, em si mesma, uma fonte de prazer” (Ibid., *ESB*, p. 53; *AE*, v.18, p.35), escreve o autor. Exceção a essa regra é verificada num sujeito em análise, onde a repetição de acontecimentos traumáticos ou da infância, por exemplo, nem sempre é sentido prazerosamente.

Freud (Idem) pergunta-se por que a pulsão adjetiva a compulsão à repetição. Ele responde que “[...] uma pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um

estado anterior de coisas [...]”, ou seja, a pulsão tem como característica a conservação do estado de coisas e objetiva restauração, em um movimento de retorno incansável.

Suponhamos, então, que todas as pulsões orgânicas são conservadoras, que são adquiridas historicamente, e que tendem à restauração de um estado anterior de coisas. Disso decorre que os fenômenos do desenvolvimento orgânico devem ser atribuídos a influências perturbadoras e desviadoras externas. A entidade viva elementar, desde o seu início, não teria desejo de mudar; se as condições permanecessem as mesmas, não faria mais do que constantemente repetir o mesmo curso da vida. [...] Toda modificação, assim imposta ao curso da vida do organismo, é aceita pelas pulsões orgânicas conservadoras e armazenadas para ulterior repetição. Essas pulsões, portanto, estão fadadas a dar uma aparência enganadora de serem forças tendentes à mudança e ao progresso, quando, de fato, estão apenas buscando alcançar um antigo objetivo por caminhos tanto velhos quanto novos. [...] Estaria em contradição à natureza conservadora das pulsões que o objetivo da vida fosse um estado de coisas que jamais houvesse sido atingido. Pelo contrário, ele deve ser um estado de coisas antigo, um estado inicial de que a entidade viva, numa ou noutra ocasião, se afastou e ao qual se esforça por retornar através dos tortuosos caminhos ao longo dos quais seu desenvolvimento conduz (FREUD, 1920, *ESB*, v.18, p.55-6; *AE*, v.18, p.37-38).

A citação destacada revela o pensamento freudiano sobre a pulsão, na medida em que “as coisas inanimadas existiram antes das vivas.” (Idem). Isso significa que “o objetivo de toda vida é a morte.” (Idem). Nesse contexto, as pulsões parciais encontram função em garantir que o organismo vivo morra do seu próprio modo, estando subjacente nessa concepção a ideia de desejo quanto às escolhas do sujeito na trilha para a morte. É nesse sentido que Freud afirma o caráter duplo do guardião da vida, uma vez ele é, também, laçao da morte.

Por sua vez, as pulsões sexuais, entendidas como pulsões de vida, proporcionam “um alongamento da estrada para a morte.” (Ibid., p. 58). Freud remete tais pulsões são conservadoras por resistirem ao meio externo e por preservarem a vida do sujeito. “[...] São as verdadeiras pulsões de vida. Operam contra o propósito das outras pulsões, que conduzem, em razão de sua função, à morte.” (Idem).

No capítulo sexto de *Além do princípio de prazer*, onde surge pela primeira vez o uso da expressão “pulsão de morte”, é feita a distinção entre pulsões do eu – que buscam restaurar um estado anterior -, e as pulsões sexuais – que objetivam o prolongamento da vida. As inquietações de Freud revelam serem incompletas tais conclusões, partindo o criador da psicanálise para novos avanços teóricos. Então, ele afirma que somente as pulsões do eu são conservadoras, ao passo que as pulsões sexuais, doravante designadas de pulsões de vida, têm objetivos perpétuos em renovação da vida.

Freud apresenta uma visão dualística acerca das pulsões, concebendo-as como processos de ação concomitante no indivíduo, operando em direções contrárias – uma construtiva e outra destrutiva. “Nossas concepções, desde o início, foram dualistas e são hoje ainda mais definitivamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre as pulsões do eu e pulsões sexuais, mas entre pulsões de vida e pulsão de morte.” (Freud, 1920, ESB, p. 73).

Em seguida, refere que a tendência geral da vida mental é a redução da tensão interna provocada pelo movimento pulsional, tendência que encontra assento no princípio de prazer. As especulações de Freud em torno das pulsões de vida e pulsão de morte são melhor esclarecidas na última nota de rodapé do capítulo sexto do texto de 1920, onde ele ratifica a existência de uma libido narcísica, enfatizando que a libido é a manifestação da pulsão: “[...] a pulsão sexual foi por nós transformada em Eros, que procura reunir e manter juntas as partes da substância viva. Aquelas que são normalmente chamadas de pulsões sexuais são por nós encaradas como a parte de Eros voltada para os objetos.”⁹⁰.

Ele escreve que Eros opera, desde o princípio da vida, em oposição à morte. Trata-se de opostos em luta permanente, desde o início. Na mesma nota de rodapé, Freud reconhece as transformações teóricas em torno das pulsões do eu, e afirma que “parte das pulsões do eu também é de caráter libidinal e tomou o próprio eu do sujeito como seu objeto.” (Idem). Dessa forma, as pulsões do eu e autoconservadoras são entendidas como pulsões sexuais, cuja energia é a libido. A oposição entre pulsão do eu

⁹⁰ Cf. FREUD, 1990/1920, nota 1, p.82.

e pulsão sexual é transportada para a oposição pulsão do eu e pulsão do objeto, para, em seguida, assumir a oposição final verificada na antítese pulsão de vida-pulsão de morte.

Em 1923, no capítulo quarto de *O eu e o isso*, intitulado *As duas classes de pulsões*, observamos Freud tratar, dentre outros aspectos, a significação que as pulsões têm para o Isso, considerado como uma parte diferenciada do eu. Suas considerações importam pronunciamentos contidos em *Além do princípio de prazer*, onde Eros engloba a pulsão sexual e também a pulsão de autopreservação, em contraste com a outra classe pulsional, “[...] cuja tarefa é conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado.” (Freud, 1923, ESB, p.55), ou seja: a pulsão de morte.

É muito interessante a perspicácia freudiana quanto em notar que ambas as pulsões de vida e de morte são conservadoras. O ato do nascimento introduz necessariamente o indivíduo no movimento de sobrevivência, na recusa ao qual morreria. A vida implica esforços opostos e enigmáticos, dada a dupla direção provocada pelas pulsões: “[...] Eros visa a complicar a vida e, ao mesmo tempo, naturalmente, a preservá-la. Agindo dessa maneira, ambas as pulsões seriam conservadoras no sentido mais estrito da palavra, visto que ambas estariam se esforçando para restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida.” (Ibidem, p. 55-6).

Freud ressalta, então, a questão da fusão das pulsões de modo regular, sendo essa concepção imprescindível para o entendimento da teoria pulsional, o que implica, igualmente, no processo de defusão. É porque as pulsões se fusionam e se defusam que se justificam as nuances do sadismo e do masoquismo, bem como do amor e do ódio. Para o autor, o componente sádico da pulsão sexual é um exemplo de fusão, e o sadismo da perversão ilustra o que se entende por defusão pulsional. No caso do amor e do ódio, a ambivalência que caracteriza essa antítese é revestida pela fusão e defusão. Laplanche e Pontalis (1967, p.266) apresentam as seguintes considerações sobre os termos: “a fusão das pulsões é uma verdadeira mistura em que cada um dos dois componentes pode entrar em proporções variáveis; a defusão designa um processo cujo limite redundaria num funcionamento separado das duas espécies de pulsões, em que cada uma procuraria atingir o seu próprio alvo de forma independente.”

Em 1926, no verbete *Psicanálise*, Freud afirma uma vez mais que a obscuridade é a característica principal das pulsões. Essa dificuldade favorecia as críticas dos leitores

precipitados de seus escritos, principalmente após a sua última teoria pulsional materializada no texto de 1920, obra onde promulga a pulsão de morte. Esse contexto impressionou o pai da psicanálise, notadamente com o não entendimento de sua teoria das pulsões por parte de seus opositores, particularmente no tocante à atuação silenciosa da pulsão de morte nos atos destrutivos e agressivos daquela época. Então, no *Mal estar na civilização* (1930) se refere às pulsões como “uma parcela de natureza inconquistável”, sendo decorrente dela todo o mal estar humano.

Em 1933, na *Conferência XXXII*, intitulada *Angústia e vida pulsional*, Freud ratifica a frase escrita em 1926, a saber, “a teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia” (*ESB*, p.119). Observamos ele ressaltar a magnitude de imprecisão que qualifica a pulsão e sobre a forma silenciosa de atuação. A partir daí, o mestre de Viena traça uma espécie de levantamento histórico do percurso por ele trilhado, sancionando suas considerações:

Uma pulsão, por conseguinte, distingue-se de um estímulo pelo fato de surgir de fontes de estimulação situadas dentro do corpo, de atuar como força constante, e de a pessoa não poder evitá-la pela fuga, como é possível fazer com um estímulo externo. Em uma pulsão podemos distinguir sua origem, seu objeto, e sua finalidade. Sua origem é um estado de excitação do corpo, cuja finalidade é a remoção dessa excitação; no caminho que vai desde sua origem até sua finalidade, a pulsão torna-se atuante psiquicamente. Imaginamo-la como uma determinada quantidade de energia que faz pressão em determinada direção. É dessa pressão que deriva seu nome *Trieb* (FREUD, 1933, *ESB*, v.22, p.120-1; *AE*, v.22, p.89).

Em 1938, no capítulo II do *Esboço de psicanálise*, intitulado *A teoria das pulsões*, Freud reafirma a função e importância do Isso, enquanto sede das pulsões e, nesse sentido, confere-lhe o papel de responsável pelo propósito da vida do indivíduo. Entendemos tal propósito como a busca da satisfação pulsional. O que não significa que as finalidades pulsionais traduzem-se na manutenção da vida; essa tarefa pertence ao eu, o qual tem dentre suas missões o prolongamento da vida do indivíduo, a partir de métodos não tão perigosos – tarefa essa ameaçada permanentemente pela insistente pulsão de morte: “As forças que presumimos existir por trás das tensões causadas pelas

necessidades do Isso são chamadas de pulsões. Representam exigências somáticas que são feitas à mente. Embora sejam a suprema causa de toda atividade, elas são de natureza conservadora.” (FREUD, 1938, *ESB*, v.23, p.173; *AE*, v.23, p.146).

Destacamos na argumentação freudiana o fato de a pulsão ser uma categoria inerente a qualquer ato humano, assim como a supremacia que confere o caráter de irreduzibilidade da mesma. Percebemos a evolução do pensamento freudiano ao longo dos difíceis caminhos rumo ao entendimento do que vem a ser as pulsões. A conclusão é de que o Isso é o grande reservatório da libido e o objetivo pulsional não se desatrela de sua natureza conservadora. É ratificada a noção de duas classes de pulsões fundamentais: as de vida e a de morte, cabendo as primeiras a incumbência de unir e à segunda, a tarefa de desfazer conexões; em suma, destruir: “No caso da pulsão destrutiva, podemos supor que seu objetivo final é levar o que é vivo a um estado inorgânico. Por essa razão, chamamo-la de pulsão de morte” (Freud, 1938, *ESB*, p.173-4; *AE*, v.23, p.147), escreve Freud. Em seguida, acrescenta: “as pulsões tendem a retornar a um estado anterior”, lembrando que esse postulado não se aplica a Eros. Freud reitera que as duas classes de pulsões andam em par, ora agindo uma contra a outra, ora combinando-se mutuamente. Assim, o ato de comer significa, ao mesmo tempo, a destruição do objeto e a sua incorporação.

Sobre a pulsão de morte, Freud assinala que ela “opera silenciosamente” (Ibidem). Quando desviada para fora, a designa por pulsão de destruição. Quando fixada no interior do eu, opera agressivamente contra o próprio sujeito.

Uma porção de auto destrutividade permanece interna, quaisquer que sejam as circunstâncias, até que, por fim, consegue matar o indivíduo, talvez não antes de sua libido ter sido usada ou fixada de uma maneira desvantajosa. Assim, é possível suspeitar que, de uma maneira geral, o indivíduo morre de seus conflitos internos, mas que a espécie morre de sua luta mal sucedida contra o mundo externo se este mudar a ponto de as adaptações adquiridas pela espécie não serem suficientes para lidar com as dificuldades surgidas. (FREUD, 1938, *ESB*, v.23, p.175; *AE*, v.23, p.148).

3.5. Derivações do conceito de pulsão de morte

3.5.1. A face cruel da pulsão de morte⁹¹

Sob o impacto da Primeira Guerra Mundial, Freud, acometido por um forte sentimento de perplexidade e desilusão diante da desrazão que aflorava no coração da civilização européia, indagava-se atônito: por que todas as conquistas intelectuais e científicas da cultura moderna não foram suficientes para diminuir a violência e a destruição entre os homens? Com um tom de profunda descrença no poder de liderança das nações mais avançadas técnica e cientificamente, e profundamente decepcionado com intelectuais e cientistas que, então, demonstravam uma clara afinidade para com o infernal, Freud transpõe para o papel, sob o título “Reflexões para os tempos de guerra e morte” (1915), suas primeiras elaborações sobre a violência e a categoria do mal na ordem dos fenômenos coletivos. Observa-se na leitura do texto que em nenhum momento Freud tenta explicar a guerra a partir da psicanálise, mas, ao revés, seu objetivo é tomar a violência e a crueldade como realidades do psiquismo, e disso retirar consequências teóricas. A fúria e obstinação com que então se expressava o desejo de destruição do outro forneciam a medida de que a guerra, a crueldade e a desumanização dos laços sociais não são apenas momentos efêmeros, fadados à superação no futuro. Muito ao contrário, são acontecimentos inexoráveis que incorporam um elemento radicalmente social e histórico.

Cético, Freud encaminha toda a discussão no sentido de demonstrar a impossibilidade de erradicar o Mal, mesmo porque os impulsos considerados negativos são de natureza primitiva. Por exemplo: não existe sujeito sem uma boa dose de agressividade; o que é diferente das manifestações que ocorrem no registro da agressividade não erotizada, tais como o assassinato e o extermínio. Em outras palavras, a cultura exige irremediavelmente muito trabalho para promover o convívio entre os homens, mas a confiança no progresso da inteligência e da razão está sujeita a retrocessos pela própria estrutura do sujeito e do movimento das civilizações. A guerra é a expressão privilegiada da destruição do outro que “leva nossos filhos a aprenderem na

⁹¹ FUKS, B. B. & JAQUES, A.A.B. *Rastreamento da formulação freudiana da crueldade*. <http://www.psicanaliseenbarroco.pro.br/revista/revista13.html>, v.7, n.1, ISSN-16799887. Texto publicado em parceria com Betty Fuks, na revista “Psicanálise & Barroco em revista”, v.7, n.1: 163-185, jul.2009.

escola que a história do mundo é uma história de assassinatos dos povos.” (Freud, 1915, p. 331).

Na literatura psicanalítica, em geral, a abordagem da crueldade (*Grausamkeit*) esbarra no obscurantismo que a qualifica. Em sua maioria, os autores fazem uso desta categoria a partir da segunda tópica e da leitura freudiana dos fenômenos da cultura. Entretanto, a palavra crueldade já se encontra presente na obra inaugural da psicanálise, *A Interpretação dos Sonhos* (1900), sobretudo na parte em que Freud desenvolve idéias sobre o mecanismo de condensação. Com vistas a demonstrar que este mecanismo psíquico cria compromissos e meios-termos entre diversas séries de representações e pensamentos, o autor analisa o sonho de uma paciente cujo tema gira em torno da crueldade praticada por crianças com animais. Eis o conteúdo do sonho que denominou de *Sonho do besouro-de-maio*. “[A paciente] se lembrou de que tinha dois besouros-de-maio numa caixa e precisava libertá-los, caso contrário, ficariam sufocados. Abriu a caixa e os besouros estavam em estado de esgotamento. Um deles voou pela janela aberta, mas o outro foi esmagado pelo caixilho da janela enquanto ela a fechava a pedido de alguém”, escreve Freud (Ibid, p. 281).

Dois restos diurnos precipitaram o sonho: na noite anterior o marido da paciente viajara e a filha que dormia na cama ao lado dela chamara a atenção para uma mariposa caída em seu copo de água. A paciente relatou que não havia salvado o inseto e que ficara extremamente penalizada com o fato. Uma estória de meninos que haviam atirado um gato na água fervente e as descrições das convulsões do animal foi o segundo resto diurno. A partir destas lembranças, a paciente recorda o quanto sua filha havia sido cruel com os animais quando pequena.

Apanhava borboletas e pedia arsênico à mãe para matá-las. Numa outra ocasião, uma mariposa com um alfinete atravessado no corpo continuava a voar pelo quarto durante muito tempo; de outra feita, algumas lagartas que a menina estava guardando para que se transformassem em crisálidas morreram de fome. Numa idade ainda mais tenra, essa mesma menina tinha o hábito de arrancar as asas de besouros e borboletas. Mas hoje, ficava horrorizada diante de todas essas *ações cruéis* – tornara-se muito bondosa. (FREUD, 1900, *ESB*, v.4, p. 281; *AE*, v.4, p.297).

No mesmo ano em que a menina começou a colecionar borboletas, a cidade foi invadida por uma praga de besouros-de-maio, conforme indica Freud: “As crianças ficavam muito furiosas com os insetos e os esmagavam sem piedade. Naquela ocasião a paciente vira um homem que arrancava as asas do besouro de maio e, em seguida, comia-lhes os corpos. Ela própria nascera em maio e se casara em maio. Três dias após o casamento, escrevera aos pais dizendo o quanto se sentia feliz. Mas isso estava longe de ser verdade.” (Ibid., *ESB*, p.281-2).

Freud prossegue a análise das associações livres da paciente. Na noite anterior ao sonho, a paciente havia lido para seus filhos algumas cartas do passado, dentre as quais constavam duas de ex-cortejadores. Mas ao mesmo tempo, censurava-se porque sua filha tinha nas mãos um livro considerado pernicioso. “O arsênico que a menina tinha pedido fez a paciente se recordar das pílulas de arsênico que restauraram o vigor juvenil do Duque de Mora em *O Nababo*, de Daudet” (Ibid., *ESB*, p.282).

Um sonho é um rébus. É preciso tratá-lo como um texto sagrado, isto é, transformar a imagem em letra. A expressão “Libertá-los”, enunciada no sonho, fez com que a paciente pudesse recordar um trecho da *Flauta Mágica*, de Mozart, em que se ouve a seguinte sentença: “não temas que a amar jamais te forcerei; mas é cedo demais para que eu te liberte”. (Idem). Por sua vez, os “besouros-de-maio” são associados a uma passagem do poeta Kleist, em *Kätchen Von Heilbronn*, que diz “estás apaixonada por mim como um besouro” (Ibid.). E, em meio a tudo isso, vem uma associação referenciada a Tannhauser, que diz o seguinte: “Porque foste inspirada por tal prazer maligno”, acrescenta Freud (Ibid.).

Finalmente, Freud, ao perceber que para a paciente a ausência do marido era conflitante, - “[...] ela havia deparado, entre seus pensamentos inconscientes, com uma queixa sobre o marido estar “ficando senil” (Ibid., *ESB*, p.283) - enuncia o desejo recalçado.

A ideia desejante oculta pelo presente sonho talvez seja mais simples de conjecturar se eu mencionar que, alguns dias antes de ter o sonho, ela ficara horrorizada, em meio a seus afazeres cotidianos, com uma frase no modo imperativo que lhe veio à cabeça e que visava ao marido: “vá se enforçar!”. Ocorre que, algumas horas antes, ela lera em algum lugar que, quando um

homem é enforcado, ele tem uma forte ereção. (FREUD, 1900, *ESB*, v.4, p. 283; *AE*, v.4, p.298).

O desejo de uma “ereção a qualquer preço” (Ibid., *ESB*, p.283) diz Freud, era o desejo emergido do recalçamento, configurado no “vá se enforçar!” (Ibid.). Por outro lado, o pedido de arsênico feito pela filha estabeleceu uma ligação com as pílulas de arsênico do personagem Dr. Jenkins, em *O Nababo*, de Daudet e revelou o desejo sexual oculto no relato onírico. A paciente sabia que um forte afrodisíaco, chamado “cantáridas” (Ibid.), era obtido com besouros esmagados – os mesmos besouros que aparecem no sonho.

Embora não teorizada, a ideia da crueldade a serviço da sexualidade aparece, claramente, na análise deste sonho que, junto ao *Sonho da Monografia Botânica* (1900) e de *Um sonho adorável* (1900) indica a multiplicidade de ligações que surgem a partir do relato de um sonho.

Ainda no livro sobre os sonhos, na parte dedicada aos sonhos sobre a morte de pessoas queridas, encontramos outras reflexões sobre o tema da crueldade: “As obscuras informações que nos são trazidas pela mitologia e pelas lendas das eras primitivas da sociedade humana fornecem-nos uma imagem desagradável do poder despótico do pai e da *crueldade* com que ele o usava. Cronos devorou seus filhos, tal como o javali devora as crias da javalina, enquanto Zeus castrou seu pai, fazendo-se rei em seu lugar” (FREUD, 1900, *ESB*, p.253)⁹².

Freud, como se verá mais adiante retomará o assunto da violência entre as gerações quando da criação do mito do assassinato do pai, disposto em *Totem e tabu* (1913), na narrativa que estabelece a primeira formulação de uma historiografia psicanalítica capaz de explicar a produção e a transmissão do laço social entre as gerações.

Passemos aos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), obra com a qual Freud introduz o conceito de pulsão. Se na *Interpretação dos sonhos* (1900) a articulação entre crueldade e sexualidade aparece de forma implícita, sem maiores teorizações, no texto

⁹² Em 1901, no texto *A psicopatologia da vida cotidiana*, Freud corrige essa citação e afirma que foi Cronos quem cometeu a castração contra seu pai, Urano, e não Zeus, como consta no texto de 1900.

de 1905 ele insere a crueldade na base da metapsicologia das pulsões sexuais.

Na neurose obsessiva, o que mais se destaca é a significação dos impulsos que criam novos alvos sexuais e parecem independentes das zonas erógenas. Não obstante, na escopofilia e no exibicionismo o olho corresponde a uma zona erógena; no caso da dor e da *crueldade* como componentes da pulsão sexual, é a pele que assume esse mesmo papel – a pele, que em determinadas partes do corpo diferenciou-se nos órgãos sensoriais e se transmutou em mucosa, sendo assim a zona erógena por excelência (FREUD, 1905, *ESB*, v. 7, p.158; *AE*, v.7, p.154).

Todo o encaminhamento de Freud é no sentido de afirmar a hipótese de que a crueldade compõe a pulsão sexual. Chama atenção do leitor, o número de vezes em que aparecem referências ao “prazer na dor, à crueldade” (Ibid., *AE*, p.155) experimentada na perversão: “Quem sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual é também capaz de gozar, como prazer, de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais” (Ibid., *AE*, p.155). Mas, longe de encerrar o quadro da perversão numa simples aberração da conjunção sexual aos critérios sociais estabelecidos e inclui-la na esfera da degenerescência patológica, o mestre de Viena dedica-se a pensar de que forma, algo que é da ordem do inato nas perversões se estende a todos os homens; embora a disposição possa variar de intensidade e ser aumentado pelas influências da vida real (Ibid., *AE*, p.156). “Que a *crueldade* e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido” (Ibid., *AE*, p.144).

Com a escrita de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud propõe uma concepção sadomasoquista da perversão sexual: o sádico é sempre e ao mesmo tempo masoquista. Tanto o lado ativo (sadismo) ou passivo (masoquismo) podem, em si mesmos, caracterizar a atividade sexual que prevalece. Segundo os mais diversos autores, o termo sadomasoquismo, passa a “caracterizar um aspecto fundamental da vida pulsional, baseado na simetria e na reciprocidade de um sofrimento passivamente vivido e um sofrimento ativamente infligido.” (Roudinesco, 1998, p. 681) A crueldade do sadismo se qualifica como ação de subjugação e maus tratos perpetrados

pelo sujeito contra outro tomado como objeto. Do mesmo modo, caracteriza a natureza do masoquismo de sexual em sua ligação com a dor física praticada pelo outro, ocorrendo gozo no padecimento dessa dor. Entretanto, embora infligir dor ao outro seja da ordem do sadismo, paradoxalmente, o gozo do sujeito é em si mesmo masoquista, pois se identifica com o objeto que está sofrendo. No decorrer do texto verifica-se que Freud emprega os termos sadismo, masoquismo e crueldade como inerentes ao próprio movimento pulsional.

Sob este prisma Freud compartilha da ideia de alguns autores, como Abraham (1916), por exemplo, para quem a agressividade mesclada à pulsão sexual é um resto de desejos primitivos de dominação “que atende à satisfação de outra grande necessidade ontogenicamente mais antiga” (Freud, 1905, *ESB*, p.149). O diálogo com Abraham permitirá Freud lançar outras luzes sobre diferentes fases de desenvolvimento psicosexual (oral, sádico-anal, fálico, genital). Com relação à fase sádico-anal, Freud destaca a separação entre sujeito e objeto a partir da ideia de Abraham sobre a “boca primitiva” (Ibid., *ESB*, p.186). Nada impede que as pulsões – os impulsos que vem de dentro do sujeito e que, quando realizados provocam prazer ou gozo – atuem de forma permanente, sem levar em conta as demandas da cultura. “O mais nobre e o mais vil, por toda parte da sexualidade, aparecem na mais íntima dependência mútua” (Ibid., *ESB*, p.152). *Von Himmel durch die Welt zur Hölle*⁹³, implica dizer que o gozo é capaz de levar o homem “do céu ao inferno” (Freud, 1905, *ESB*, p.152).

Um papel muito destacado entre os formadores de sintomas das psicose neuroses é desempenhado pelas pulsões parciais, que na maioria das vezes aparecem como pares de opostos e das quais já tomamos como portadores de novos alvos sexuais – a pulsão de ver e do exibicionismo, e a *pulsão de crueldade* em suas formas ativa e passiva. A contribuição desta última é indispensável à compreensão da natureza sofrida dos sintomas e domina quase invariavelmente uma parte da conduta social do doente. É também por intermédio dessa ligação da libido com a *crueldade* que se dá a transformação do amor em ódio, das moções afetuosas em moções hostis, que é característica de um grande número de casos de neurose e até, ao que

⁹³ “Do céu ao inferno através do mundo”, de Goethe, em *Fausto*, Prólogo no Teatro, (apud FREUD, 1905, P.152).

parece, da paranoia em geral (FREUD, 1905, *ESB*, v.7, p.156; *AE*, v.7, p.151).

Mas atenção: Freud jamais abandona a ideia da crueldade como parte da “natureza” humana e do fato de que algumas de suas expressões são absolutamente normais e universais. “Com independência ainda maior das outras atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas desenvolve-se na criança o componente de *crueldade* da pulsão sexual. A *crueldade* é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se ante a dor do outro – a capacidade de compadecer-se – tem um desenvolvimento relativamente tardio” (Ibid., *ESB*, p.180).

Ainda sobre os atos de sevícia, facilmente observáveis nas crianças, pode-se ler:

As crianças que se distinguem por uma *crueldade* peculiar para com os animais e os companheiros despertam, em geral justificadamente, a suspeita de uma atividade sexual intensa e precoce advinda das zonas erógenas, e mesmo no amadurecimento precoce e simultâneo de todas as pulsões sexuais, a atividade sexual erógena parece ser primária. A ausência da barreira da compaixão traz consigo o risco de que esse vínculo estabelecido na infância entre as *pulsões cruéis* e as erógenas torne-se indissolúvel na vida (FREUD, 1905, *ESB*, v. 7, p.180-1; *AE*, v.7, p.175).

É digno de nota que, neste momento, no qual Freud está lançando as fundações de sua primeira teoria pulsional, encontramos ali, lado a lado referências à pulsão sexual e à invocação da pulsão de dominação. Uma pulsão que se dirige ‘cegamente’ para o exterior – e indiferente ao sofrimento alheio -, dominando o que ele chamou de organização pré-genital da vida sexual infantil. Ou seja, a crueldade, além de ser um componente da pulsão sexual, tem um papel relevante ao domínio do outro. “O impulso cruel provem da pulsão de dominação e surge na vida sexual numa época em que os genitais ainda não assumiram seu papel posterior” (Ibid., p. 180). Isto determina o caráter infantil da sexualidade, sempre marcado pelo componente de crueldade da pulsão sexual.

Resta saber, de que modo sexualidade e crueldade se conectam. Encontramos a resposta na seguinte nota de rodapé que transcrevemos diretamente de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

Podemos supor que os impulsos de *crueldade* brotem de fontes que de fato independem da sexualidade, mas que unam-se a ela precocemente por uma anastomose [conexão cruzada] próxima de seus pontos de origem. A observação ensina, entretanto, que o desenvolvimento sexual e o desenvolvimento das pulsões escopofílica e de *crueldade* estão sujeitos a influências recíprocas que restringem a suposta independência das duas classes de pulsões (FREUD, 1905, *ESB*, v.7, p. 180, nota 2; *AE*, v.7, p.175, nota 33).

Resumindo, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) estabelece uma estreita ligação entre crueldade e pulsão sexual mapeando, com bastante nitidez, possibilidades de manifestações cruéis por qualquer sujeito. Todavia, conforme a nota de rodapé transcrita acima, a sexualidade não é o único universo conceitual em que Freud irá circunscrever a crueldade. Podemos adiantar que se trata de uma categoria antitética: apresenta duas faces igualmente importantes. Neste sentido, convém lembrar aqui as contribuições de J. Derrida ao estudo da crueldade na obra de Freud. A crueldade apenas se expressa num contínuo: “existem somente diferenças de crueldade, diferenças de modalidade de qualidade, de intensidade, de atividade ou reatividade da mesma crueldade” (Derrida, 2001, p.75). Lembrando Nietzsche, para quem a crueldade não tem termo, o filósofo franco-argelino afirma que em Freud a crueldade é sem fim “mas não sem termo oponível, isto é, sem fim, mas não sem contrário” (Ibid.), na medida em que regida pela luta interminável entre Eros e Tanatos. Portanto, não se pode submeter o pensamento freudiano sobre a crueldade a qualquer leitura simplificada e moralista; sob pena de se perder sua importância clínica e a dimensão que toma na crítica psicanalítica da cultura.

O tema da crueldade reaparecerá em 1913, quando da escrita de *Totem e tabu*, texto em que Freud constrói a cena psicanalítica que estrutura o coletivo. Ao assinar o mito do assassinato do pai, cria um caminho que o conduzirá à elaboração do segundo dualismo pulsional, onde a categoria da crueldade aparecerá, também, ligada à

destrutividade entre os grupos humanos. O mito contém, em si mesmo, a imagem de um pai cruel e tirano que é deposto do lugar de poder que ocupava, pelos próprios filhos que o matam. É através deste ato de violência coletiva, que Freud baseia sua teoria sobre a origem da cultura e do sujeito. A insistência de Freud em considerar que o direito e a lei foram originários de transformações da crueldade e da violência, condensa, de forma precisa, o duplo sentido desses termos em sua obra. Além de designar a força que sustenta os processos simbólicos e as relações entre os homens, indica, também, a presença bruta do elemento mais arcaico desta força nas operações destrutivas e outras assemelhadas que, sistematicamente, inunda de sangue e dor a civilização.

Mais tarde, na *Conferência XXXII* (1932), *Angústia e Vida Pulsional*, já sob a ótica da Segunda Tópica, Freud resgata o tema da crueldade em sua relação com o mito do assassinato do pai. “Suspeitamos que, durante o período primevo da família humana, a castração costumava ser usada, realmente, por um pai ciumento e *cruel*, nos meninos em crescimento, e que a circuncisão, que tão frequentemente desempenha um papel nos ritos de puberdade entre os povos primitivos, é um vestígio claramente identificável desse fato”, escreve o autor (Ibid., *ESB*, p.109).

Na segunda parte de *Totem e tabu* (1913), o autor destaca a permissividade com que se incita a crueldade em algumas tribos quando se trata de atingir inimigos. Livres de inibições, os selvagens cometem atos extremamente cruéis para com seu opositor. Entretanto, observa Freud, o homem primitivo se responsabilizava pelo assassinato do inimigo, realizando o luto através de um conjunto de práticas cerimoniais e tabus que o fazia expiar a culpa pelo homicídio (Ibid.). Nas sociedades primitivas, a presença sagrada da morte entre os primitivos garante o lugar da alteridade, diminuindo a capacidade humana de destruição.

Já as sociedades modernas, ao promover a dessacralização da morte, descartam mais facilmente a vida acentuando progressivamente a capacidade de destruição humana. A história da humanidade é a história de suas guerras. Inúmeros são os exemplos de atos de violência e destruição nos tempos atuais, tais como o terrorismo explícito inaugurado com os atentados ao *World Trade Center*, nos Estados Unidos, no dia 11 de setembro de 2001, as decapitações veiculadas na internet, dentre outros atos tornados públicos. Ou a violência pouco noticiada que ocorre no Sudão do Sul (2015),

da qual temos relatos de requinte de crueldade com que tribos guerreiam contra outras tribos pelo poder, onde, dentre muitas coisas, estupros em massa de mulheres e meninas com posterior assassinato. Ou, ainda no Sudão do Sul, sabe-se da retirada da pele do rosto e dos olhos do líder vivo de uma tribo rival, seguido de assassinato, prática essa ancorada na crença de que, ao morrer tal líder não terá rosto nem olhos para ver seus inimigos. Com isso voltamos ao texto *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915), onde Freud, desiludido, desconstrói a ideia de uma “superioridade” da civilização mais avançada sobre as mais primitivas. “Então, a guerra na qual nos recusávamos a acreditar irrompeu, e trouxe desilusão. Não é apenas mais sanguinária e mais destrutiva do que qualquer outra guerra de outras eras, devido à perfeição enormemente aumentada das armas de ataque e defesa; é, pelo menos, tão *cruel*, tão encarniçada, tão implacável quanto qualquer outra que a tenha precedido” (Ibid., p. 315). Do exposto resulta a pergunta sobre o que é capaz de fazer um homem com outro homem.

A crueldade outorgada pelas nações em guerra atinge a todos, civis e militares rompendo-se assim os laços sociais. Freud se dá conta de um grande paradoxo: o sujeito moderno e o selvagem das cavernas podem ser igualmente bárbaros, cruéis e malignos. Toda guerra subverte valores éticos e morais, de modo que os atos praticados em defesa da pátria, ainda que o extermínio do outro, são afiançados pelo Estado. Verifica-se o afrouxamento das condutas morais, inadmissíveis em tempos de paz. Sobre a baixa moralidade dos Estados em guerra e a respeito da brutalidade dos indivíduos, escreve: “Quando a comunidade não levanta mais objeções, verifica-se também um fim à supressão das paixões más, e os homens perpetram atos de *crueldade*, fraude, traição e barbárie tão incompatíveis com seu nível de civilização que qualquer um julgaria impossíveis” (Ibid., p. 316). Concluimos que a fiança do Estado não garante a saúde mental no pós-guerra.

Nota-se que Freud no texto em questão já está adiantando o que conceituará em seus escritos que pertencem à segunda tópica: a crueldade está, também, circunscrita à pulsão de destruição, um dos nomes da pulsão de morte.

Pouco tempo depois da escrita desse artigo de 1915, Freud, na *Conferência IX* (1916), intitulada *A Censura dos Sonhos*, retomando as ideias desenvolvidas na *Traumdeutung* (1900), estabelece uma relação entre o conteúdo onírico e a crueldade

praticada na guerra. Depois de reafirmar a tese de que o sonho possui um sentido e cumpre uma finalidade - a realização de um desejo – recorre ao filósofo Platão para assinalar aos ouvintes a irredutibilidade da crueldade.

Ou não sabem que todas as transgressões e excessos com que sonhamos durante a noite são diariamente cometidos, na vida real, pelas pessoas em sua vida desperta? O que faz aqui a psicanálise senão confirmar a velha sentença de Platão, de que os bons são aqueles que se contentam em sonhar com aquilo que os outros, os maus, realmente fazem? (...) E agora, abstraiam-se dos indivíduos e considerem a grande guerra que ainda devasta a Europa. (...) Pensem na avassaladora brutalidade, na *crueldade* e nas mentiras que conseguem se alastrar pelo mundo civilizado. (...) Os senhores se arriscariam, nessas circunstâncias, a quebrar lanças em defesa da inexistência do mal na constituição mental da humanidade? (FREUD, 1916, ESB, v.15, p. 176; *AE*, v.15, p.134).

Em *Introdução à A Psicanálise e as Neuroses de Guerra* (1919), Freud recupera o conceito de trauma como efração, o que vai determinar, junto com outros elementos extraídos da própria clínica, a teorização da pulsão de morte. O termo crueldade reaparece em relação à crítica ao tratamento psiquiátrico dado aos soldados que voltavam do *front*. No apêndice, intitulado “*Memorandum sobre o tratamento elétrico dos neuróticos de guerra*” incluído, no mesmo texto, em 1920, Freud, mais uma vez, ressalta destaca o aspecto sádico do tratamento dispensado aos combatentes: “Para essa finalidade empregou-se, com êxito, o doloroso tratamento elétrico” (Ibid., p. 268). A experiência coletiva da guerra produzira um grande número de neuroses graves e a crueldade do tratamento elétrico só fazia aumentar a fuga do sujeito para a doença. O choque elétrico não se destinava à recuperação do paciente, senão, apenas, ao seu regresso ao campo de combate. Sob tais condições o militar se deparava com os impactos cruéis provocados pelo horror da guerra, onde as ameaças à vida são reais e constantes, e também à dor do choque elétrico, caso adoecesse. “A intensidade da corrente elétrica, bem como a severidade do resto do tratamento, foi aumentada a um ponto insuportável, com o objetivo de privar os neuróticos de guerra da vantagem que obtinham com sua doença”, escreve Freud (Ibid., p.269).

A crueldade deste método de tratamento dos médicos alemães parece residir na indiferença ao sofrimento do sujeito. A estes “propósitos estranhos”, Freud contrapõe a escuta dos conflitos mentais inconscientes que perturbavam a vida emocional do sujeito.

Em 1921, no texto *Psicologia das massas e a análise do eu*, o estudo sobre a crueldade caminha em direção da problemática do “narcisismo das pequenas diferenças”, o fenômeno grupal de amor entre si e ódio ao outro. Em sua análise sobre as massas artificiais, Freud efetua uma crítica à Igreja, ao modo como ela se serve do fenômeno religioso, bastante contundente: “[...] na verdade, toda religião é, dessa mesma maneira, uma religião de amor para todos aqueles a quem abrange, ao passo que a *crueldade* e a intolerância para com os que não lhes pertencem, são naturais a todas as religiões” (Ibid., p.125).

A noção do “narcisismo das pequenas diferenças” facilita compreender melhor os paradoxos da crueldade humana. Em termos normais, o “narcisismo das pequenas diferenças” está na base da constituição do “nós” e do “outro”, na fronteira que tem por função resguardar o narcisismo da unidade. Trata-se de um fenômeno que ocorre na tensão que existe entre povos vizinhos, entre indivíduos de estados diferentes de um mesmo país, ou até mesmo um estado. Entretanto, levando este fenômeno ao paroxismo, desemboca-se na segregação e no racismo, tal como os define a psicanálise: a repulsa do sujeito ao que lhe é mais íntimo é tomado pelo eu/massa como objeto externo, a quem se endereça o ódio com atos cruéis: o estrangeiro.

Em 1927, no texto *O Futuro de uma Ilusão*, Freud reafirma a presença de impulsos hostis no sujeito contra os quais a civilização tem que se defender. É preciso, escreve o autor, “levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas” (Ibid., p. 17). O texto traz uma análise da religião como uma ilusão. A crueldade aparece como uma categoria destrutiva que surge como uma possibilidade para todos.

[...] a civilização – quem sabe há quantos milhares de anos atrás? – começou a separar o homem de sua condição animal primordial. Para nossa surpresa, descobrimos que essas privações ainda são operantes e ainda constituem o âmago da hostilidade para com a civilização. Os desejos pulsionais que sob elas padecem, nascem de novo com cada criança; [...]

Entre esses desejos pulsionais encontram-se os do canibalismo, do incesto e da ânsia de matar (FREUD, 1927, *ESB*, v.21, p.21; *AE*, v.21, p.10).

Na terceira parte do texto de 1927, são tecidas considerações sobre a possibilidade de uma civilização livre de proibições com vistas a demonstrar que a satisfação irrestrita de todos os desejos humanos significaria a reencarnação da horda. Nesse contexto, assinala que “[...] só uma única pessoa se poderia tornar irrestritamente feliz através de uma tal remoção das restrições da civilização, e essa pessoa seria um tirano, um ditador... [...] E mesmo ele teria todos os motivos para desejar que os outros observassem pelo menos um mandamento cultural: ‘não matarás’” (Ibid., p. 26). A preocupação de Freud em relação à reencarnação do cadáver insepulto do pai da horda, na figura de um ditador tirânico e cruel, neste texto e em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) demonstra sua insistência, como crítico da cultura que testemunhou, de refletir profundamente sobre a política de seu tempo. Sabemos que o pano de fundo da escrita destes textos era o da ascensão do Terceiro *Reich*, que terminou desembocando na invenção de uma máquina de fabricar cadáveres: os campos de extermínio.

Embora a cultura livre o homem do estado de natureza, “muito mais difícil de suportar” (Ibid.), uma das três fontes do interminável mal-estar na civilização é, justamente, a crueldade da natureza: “Ela nos destrói, fria, *cruel* e incansavelmente [...]” (Ibid.). Freud acrescenta que “o homem a teme como teme ao pai” (Ibid., p. 29). A busca de um pai protetor tem vinculações com a crueldade da natureza e desamparo original a que o homem está sempre exposto. Assim sendo, encontramos a seguinte referência no texto freudiano: “O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a *crueldade* do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs” (Ibid.).

Em 1929, Freud escreve *Mal-estar na civilização* (1930), apoiado nas seguintes teses: a do princípio do ódio originário, e a da existência de uma satisfação que escapa à primazia do princípio do prazer, desenvolvidas em *Pulsões e seus destinos* (1915) e

Além do princípio do prazer (1920), respectivamente. Ambas imprimem o tom deste escrito que gira em torno dos destinos da pulsão de morte na cultura.

[...] os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. [...] essa *cruel* agressividade espera por alguma provocação, ou se coloca a serviço de algum outro intuito, cujo objetivo também poderia ter sido alcançado por medidas mais brandas (FREUD, 1930, *ESB*, v.21, p. 133; *AE*, v.21, p.108).

Uma *cruel* agressividade variável de intensidade, pode, dependendo da ocasião, ser estabelecida em qualquer tempo no espaço social propriamente dito. A liberação pura e simples do ódio pelo Estado gera, inevitavelmente, o estado de “barbárie” (Rey-Flaud, 2002, p. 36): os impulsos cruéis, de tempos em tempos, se apresentam no homem “como uma besta selvagem, a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho” (Freud, *Idem*). O autor, entretanto, confessa suas próprias dificuldades em admitir a existência de uma agressividade não erótica a serviço da pulsão de morte. “Sei que no sadismo e no masoquismo sempre vimos diante de nós manifestações da pulsão destrutiva (dirigidas para fora e para dentro), fortemente mescladas ao erotismo, mas não posso mais entender como foi que pudemos ter desprezado a ubiquidade da agressividade e da destrutividade não eróticas e falhado em conceder-lhe o devido lugar em nossa interpretação da vida”, escreve Freud (*Ibid.*, p. 142).

Desde *Totem e tabu* (1913), a futura constelação do supereu foi esboçada sob a denominação de “moção maligna”. Em *Mal-estar na civilização* (1930), a questão do parricídio é retomada e Freud insiste que a agressão dirigida ao pai da horda, figura temível, cujo retorno produz horror e convoca o gozo, instala a potência demoníaca do supereu. Esta instância deixa o saldo da culpa subjetiva que ao fracassar, em “uma satisfação pulsional agressiva, se potencializa, o que poderia se traduzir assim: toda contenção da consumação da agressão de vingança contra o pai hostil aumenta a culpa” (Gerez, 2003, p. 187). Com um trabalho paciente Lacan vai demonstrar, a partir dos textos freudianos, e da interpretação que deles faz, que o supereu “acaba por se identificar ao que chamo figura feroz, as figuras que podemos ligar aos traumatismos

primitivos” (Lacan, 1954, p.123). A crueldade encontra respaldo nessa figura impiedosa aparente no trauma, na melancolia em sua passividade desencadeada por uma situação que ultrapassa o sujeito e o confronta com sua impossibilidade de reagir face ao acontecimento (Hassoun, 2002, p.19).

Com efeito, na *Conferência XXXI* (1933), *A dissecação da personalidade psíquica*, Freud destacará, literalmente, o rigor e crueldade do supereu na melancolia, tendo em vista a independência que ele mantém em relação à instância egóica. “Há, porém, um quadro clínico que se impõe à nossa observação e que mostra nitidamente a severidade dessa instância e até mesmo sua *crueldade*, bem como suas cambiantes relações com o eu. Estou-me referindo à situação da melancolia, [...]. O aspecto mais evidente dessa doença [...] é o modo como o supereu trata o eu” (Ibid., p.79).

Toda a hipótese freudiana sobre a destrutividade alcança em *O mal-estar na civilização* (1930) o estatuto de motor da terceira fonte de sofrimento humano – a facticidade das relações entre os homens: a “[...] inata inclinação humana para a ‘ruindade’, a agressividade e a destrutividade, e também a *crueldade*” (Ibid., p. 142), diz Freud, é o maior impedimento à vida civilizada. Como bem observam alguns leitores de *O mal-estar na civilização*, a visão apocalíptica de Freud é desconcertante, principalmente quando nos deparamos com os efeitos da Segunda Guerra Mundial e do incremento dos fundamentalismos atuais.

Entretanto, é preciso ler este texto à luz de *Por que a guerra?* (1933) para extrair um panorama mais amplo e menos pessimista da teoria freudiana da cultura. Em resposta à solicitação de Einstein de que expusesse o problema da paz mundial sob o enfoque de suas mais recentes descobertas, usa, mais uma vez, a palavra crueldade para refletir sobre a lógica das pulsões destruidoras, indissociáveis da pulsão de morte. “[...] Quando os seres humanos são incitados à guerra, podem ter toda uma gama de motivos para se deixarem levar – uns nobres, outros vis, alguns fracamente declarados, outros jamais mencionados. [...] Entre eles está certamente o desejo de agressão e de destruição: as incontáveis *crueldades* que encontramos na história e em nossa vida atestam a sua existência e a sua força.” (Ibid., p.253).

Freud não descarta o fato de que a satisfação dos impulsos destrutivos é facilitada por sua mistura com motivos de natureza erótica e idealista. Mas reconhece que estes servem “apenas de escusa para os desejos destrutivos, e, às vezes - por

exemplo, no caso das *crueldades* da Inquisição – é como se os motivos idealistas tivessem somado a um primeiro plano na consciência, enquanto os destrutivos lhes emprestassem um reforço constante” (Ibid.).

Num giro maior do que lhe fora pedido, Freud introduz uma discussão sobre pacifismo endereçando ao físico a seguinte questão: "Por que nos revoltamos tanto contra a guerra, o senhor e eu, e tantos outros, por que não a aceitamos como uma entre outras tantas necessidades penosas da vida?" (Ibid., p.256). Com seu estilo de escrita inconfundível, responde à pergunta de modo inteiramente inusitado. Longe de considerar, como era de se esperar, que a recusa à barbárie é consequência imediata da lógica da razão, afirma que, para alguns homens, o horror à guerra, a expulsão das sementes de barbárie de dentro de si mesmo, resulta, provavelmente, de um determinismo quase orgânico.

De que forma isto teria ocorrido? Expondo sua última posição sobre a guerra, Freud considera que ao longo do processo civilizatório, determinados gozos incomensuráveis que o homem um dia experimentou foram sendo reprimidos, a ponto de determinar "fundamentos orgânicos nas modificações de cânones estéticos e éticos" (Ibid., p. 257) da humanidade. Ou seja, do ponto de vista da psicanálise, no curso da História, as repressões sobre as satisfações agressivas mais primitivas adquiriram uma característica transmissível. Isto é o que determina que o gozo obtido pelo bárbaro seja indiferente ou mesmo insuportável para alguns homens. Ainda que poucos, alguns homens tornaram-se pacifistas de modo absolutamente singular. Indignar-se contra a guerra, significa simplesmente, afirma Freud, que "para nós pacifistas, trata-se de uma intolerância constitucional, de uma idiosincrasia" (Ibid., p.258).

Talvez o uso da expressão "intolerância constitucional" tenha sido apenas um recurso da retórica freudiana para falar sobre uma estratégia de combate que só pode emergir no campo da ética do outro. Nesse campo, foi categórico: o antídoto contra o traço compulsivo e indestrutível de assimilar, humilhar, destruir e infligir dores ao outro que a humanidade carrega, é manter a chama do desejo de construir a vida permanentemente acesa (Ibid., p. 259). Se houver um lugar específico para a psicanálise na cultura, será o de convocar a responsabilidade do sujeito pelo Outro.

No plano do coletivo, ainda que o analista seja impedido de exercer a clínica sob transferência (como ocorre no desenrolar da análise do sujeito), por razões éticas não

pode deixar de escutar e denunciar a impunidade requerida pelos movimentos a favor da guerra, da segregação, do racismo etc. Esta posição que impede a psicanálise de ficar neutra na luta entre o obscurantismo da barbárie e a cultura, liga-se à sua responsabilidade cívica, de modo inexorável. Uma responsabilidade “sem álibi”, diz Derrida (2001, p. 17), pois a psicanálise não pode deixar de cumprir seu papel subversivo e questionador dos abusos dogmáticos (Ibid.). Espera-se de um analista que, em nenhuma circunstância, por ele distinguir as forças mais enigmáticas da natureza humana, justifique condutas que venham a colocar em risco o laço social entre os homens.

Se a guerra é uma realidade ininterrupta na História da Humanidade o analista deve se comprometer com toda e qualquer iniciativa pública de minorar a crueldade da destruição. Até mesmo porque, que espécie de futuro nos aguardará "se não aprendermos a distrair as nossas pulsões do ato de destruir a nossa própria espécie, se continuarmos a odiar um ao outro por pequenas disputas e matar um ao outro por um ganho mesquinho?" (JONES, 1982, p. 398). Estas sábias palavras de Freud ao grande amigo escritor Romain Rollan, elucidam claramente que para a psicanálise o combate à guerra só pode ser feito indiretamente: trata-se de fazer jogar a força antagonista de Eros, o amor e o amor à vida, contra o ódio e a crueldade.

3.5.2. Freud, Einstein e Derrida: da crueldade desde sempre⁹⁴

Quais as análises que demandam o conceito de crueldade no mundo atual? Por que a crueldade não foi estancada apesar do sem número de atrocidades e barbárie na história da humanidade? O que poderia significar a crueldade – algo estranho e familiar – o sofrer por sofrer, o fazer sofrer, o jogo do gozo do sofrimento?

Jacques Derrida, durante os *Estados gerais da psicanálise*, realizado em Paris em julho de 2000, fez uma conferência com o seguinte título: *Estados-da-alma da psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade*. Inicia sua fala apontando

⁹⁴ JAQUES, A.A.B. Revista de Psicopatologia Fundamental (http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/mesas_redondas/da_crueldade_de_sde_sempre.pdf)

que tanto para Freud como para Nietzsche a crueldade não tem termo, é sem fim. “Pode-se estancar a crueldade sanguinária [...], mas segundo Nietzsche ou Freud, uma crueldade psíquica aí restará para sempre inventando novos recursos. Uma crueldade psíquica será, então, certamente, uma crueldade da psique, um estado da alma, portanto do ser vivente, mas uma crueldade não sanguinária” (Derrida, 2001, p.7).

Derrida se interroga se não é somente o campo da psicanálise que poderá fornecer respostas ao que há de enigmático na crueldade. A causa da crueldade, responde o filósofo franco-argelino, cabe à psicanálise interrogá-la desde que ela se mantenha como um pensamento “sem alibi”, isto é, para além dos modelos fisicistas, positivistas e soberanos que resistem a ela por cumprir um papel subversivo e questionador dos abusos dogmáticos.

O filósofo na condição de “chegante”, de quem está de fora do campo da psicanálise, elabora uma crítica a uma psicanálise enclausurada nos modelos da diferença sexual, a partir de uma oposição binária pura e simples entre masculino e feminino. Vindo de fora, como outro, o filósofo convoca os psicanalistas a participar de um debate do qual são excluídos devido à resistência interna das instituições psicanalíticas a pensar a crueldade no plano da política do Estado e da sociedade civil.

Em razão de sua própria excepcionalidade, as relações da psicanálise com o espaço público da sociedade civil e do Estado sempre foram criticadas. A transformação profunda dessas duas dimensões do espaço público cria um novo dado. Ela pede análises inéditas, novos axiomas e invenções estratégicas. Se posso confiar a vocês o sentimento de um observador estrangeiro, parece-me que resta tudo por fazer e que não há, nem haverá jamais, o mínimo consenso à vista de qualquer desses assuntos, nem entre os psicanalistas do mundo inteiro, nem entre seus interlocutores sociais, políticos, jurídicos (DERRIDA, 2001, p. 48).

Qual a responsabilidade da psicanálise em relação à crueldade? A resposta começa a tomar corpo ao longo do texto em que Derrida comenta a correspondência entre Einstein e Freud para refletir sobre a crueldade inestancável, a pulsão de morte soberana. A partir do texto *Por que a guerra?* (1933/1932), o filósofo retoma o uso freudiano da palavra crueldade para mostrar de que modo o pai da psicanálise,

“servindo-se por diversas vezes da palavra crueldade, pulsão de agressão, de ódio e de pulsão de morte, denuncia uma ilusão: aquela da erradicação, justamente, das pulsões de crueldade e das pulsões de poder e soberania” (Derrida, op. cit., p. 74). Ele conclui: “É sobretudo aí que o conceito de crueldade, conceito confuso e enigmático, viveiro de obscurantismo, na psicanálise e fora dela, pede análises indispensáveis para as quais deveríamos nos voltar”, diz Derrida. (Ibid., p. 19).

A troca da correspondência entre o físico e o psicanalista aconteceu entre 1931 e 1932 quando o Comitê Permanente para a Literatura e as Artes da Sociedade das Nações Unidas pediu a Freud e a Einstein para publicar a correspondência entre ambos sobre a paz e a guerra.

Einstein pergunta a Freud se “existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra” e alude à criação de uma autoridade legislativa como combate à crueldade. Einstein percebe que o exercício da autoridade por tal instituição teria que lidar com duas variantes que caminham lado a lado: “força” e “direito”. Para o físico, a segurança internacional implica a “renúncia incondicional, por todas as nações, em determinada medida, à sua liberdade de ação, ou seja, à sua soberania” (Ibid., *ESB*, p.242).

Em sua análise da carta de Einstein a Freud, Derrida mostra que direito e poder são termos que derivam um do outro, que “vão em par” – afirma Derrida (op. cit., p. 32) e sua genealogia remete à pequena horda humana, ao assassinato do inimigo que satisfaz uma inclinação pulsional. É o que consta nas linhas iniciais das palavras de Freud a Einstein:

No início, numa pequena horda humana, era a superioridade da força muscular que decidia quem tinha a posse das coisas ou quem fazia prevalecer sua vontade. A força muscular logo foi suplementada e substituída pelo uso dos instrumentos: o vencedor era aquele que tinha as melhores armas ou aquele que tinha a maior habilidade no seu manejo. A partir do momento em que as armas foram introduzidas, a superioridade intelectual já começou a substituir a força muscular bruta; mas o objetivo final da luta permanecia o mesmo – uma ou outra facção tinha de ser compelida a abandonar suas pretensões ou objeções, por causa do dano que lhe havia sido infligido e pelo desmantelamento de sua força. Conseguia-se esse objetivo de modo mais

completo se a violência do vencedor eliminasse para sempre o adversário, ou seja, se o matasse. Isso tinha duas vantagens: o vencido não podia restabelecer sua oposição, e o seu destino dissuadiria outros de seguirem seu exemplo. Ademais, matar um inimigo satisfazia uma inclinação pulsional (FREUD, 1933, *ESB*, v.22, p.246; *AE*, v.22, p.188).

Derrida corrobora o pensamento de Freud ao escrever que: “a passagem da violência ao direito é a comunhão, a união que faz a força. [...] O direito provém do poder ou da violência da comunidade que, monopolizando a força, se protege da violência individual. Força contra força, economia diferida da força, eis aí o direito.” Verificamos Derrida ratificar as ideias de Freud observadas na correspondência endereçada a Einstein, onde o mestre de Viena afirma não poder haver um verdadeiro Direito Internacional porque os países sob a égide das Nações Unidas, quando em separado, não renunciam à soberania de seu próprio poder.

Além disso, Derrida (p. 34) chama atenção para o fato de que Einstein, muito lúcido, ressalta que os Estados-nações no poder têm a “mão sobre a escola, a imprensa e a Igreja e que se a população responde a essa minoria de homens no poder, a ponto de lhes sacrificar suas vidas” é porque, como bem faz notar Freud, “no homem vive uma necessidade de odiar e aniquilar”. Essa foi a resposta de Freud ao segundo questionamento dirigido a ele por Einstein, indagando “como é possível a essa pequena súcia dobrar a vontade da maioria, que se resigna a perder e a sofrer com uma situação de guerra, a serviço da ambição de poucos?” (Freud, 1989, p. 243). E se a pulsão de morte, em sua face cruel é irredutível ao que Freud designou de princípio de realidade e princípio de prazer, nem mesmo a política poderá erradicá-la.

O psicanalista e o filósofo apontam que a impossibilidade de renúncia de uma parcela da soberania do Estado é um dos motivos principais para a eclosão dos conflitos armados. A pulsão de morte, em sua face destrutiva, é o inconquistável numa guerra. Esta assertiva está relacionada ao que há de irredutível na pulsão. Isso significa que, dado o seu caráter indomável, a pulsão de morte não se submete ao destino que lhe impõe a cultura, no sentido de ser vencida ou domesticada. Esta é uma guerra que não se vence. Trata-se de uma partida interminável por definição.

A psicanálise veio, dentre outras finalidades, para alertar a humanidade quanto à existência de uma parcela da constituição psíquica do homem que urge satisfação a qualquer custo, muitas vezes à revelia dos ditames da civilização. Lacan retomaria essa visão freudiana ao formular que “toda formação humana tem, por essência, e não por acaso, de refrear o gozo”⁹⁵. Freud jamais defendeu a ideia de que as pulsões poderiam ser domesticadas. Ele aposta na possibilidade de drenagem dessa “parcela de natureza inconquistável” (Freud, 1933, p.105) — as pulsões. À cultura cabe essa drenagem mediante medidas educacionais, uma vez que “tudo o que privilegia o crescimento da cultura trabalha simultaneamente contra a guerra.” (Ibid., p. 256).

As exigências pulsionais e as restrições impostas pela cultura constituem o eixo temático principal do *Mal-estar na civilização*, escrito no verão de 1929. Dentre outras considerações, Freud alerta que “uma satisfação irrestrita de todas as necessidades – método tentador – significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando o seu próprio castigo.” (Freud, 1930, p. 96). Cabe à cultura erigir barreiras capazes de drenar a força avassaladora das pulsões. Ocorre que, como afirma a genialidade freudiana, há que se arcar com o ônus da restrição imposta à pulsão. A resultante dessa equação é a hostilidade contra a qual a cultura tem que lutar.

[...] é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia pulsional. [...] Essa “frustração cultural” domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos. Como já sabemos, é a causa da hostilidade contra a qual todas as civilizações têm de lutar. [...] Não é fácil entender como pode ser possível privar de satisfação uma pulsão. Não se faz isso impunemente. Se a perda não for economicamente compensada, pode-se ficar certo de que sérios distúrbios decorrerão disso (FREUD, 1930, *ESB*, v.21, p.118; *AE*, v.21, p.96).

Fundamentalmente, Freud nos diz que não se deve ficar cego ao caráter destruidor da pulsão de morte, posto que esta é irredutível. Dito de outra forma, não deve haver ilusão quanto ao que há de cruel no homem. Todavia, Freud ressalta que o ser humano também precisa de ilusões, certamente as ilusões necessárias para a crença

⁹⁵ Cf. *Outros escritos*, 2003, p.362.

numa civilização sem guerras, sem conflitos. Em 1915 (p.317), no texto *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, Freud diz que “acolhemos as ilusões porque nos poupam sentimentos desagradáveis.”

Freud (1933, *ESB*, p.78) afirma que “não leva a nada querer abolir os pendores agressivos no homem”. Derrida (op. cit., p.74) indica que “é preciso cultivar (porque é preciso que um “é preciso” se anuncie...) uma via indireta, sempre indireta, de combater a pulsão de crueldade.” Segundo ambos os autores, a guerra é o cenário máximo de possibilidades de expressão da crueldade sanguinária. Fora dela, existem somente modos e intensidades diferentes do exercício da mesma crueldade.

Quando os seres humanos são incitados à guerra, podem ter toda uma gama de motivos para se deixarem levar – uns nobres, outros vis, alguns francamente declarados, outros jamais mencionados. Não há porque enumerá-los todos. Entre eles está certamente o desejo de agressão e destruição: as incontáveis crueldades que encontramos na história e em nossa vida de todos os dias atestam a sua existência e a sua força. A satisfação desses impulsos destrutivos naturalmente é facilitada por sua mistura com outros motivos de natureza erótica e idealista (FREUD, 1933, *ESB*, v.22, p.253; *AE*, v.22, p.193).

Assim sendo, “que o diabo te carregue” ou o assassinato mais cruel são derivações da mesma raiz. Lembremos que a combinação das pulsões possibilita as ações humanas naquilo que tende a preservar e a unir, e também naquilo que objetiva destruir e matar. “Nenhuma dessas duas pulsões é menos essencial do que a outra”, escreve Freud em seu diálogo com Einstein (*Ibid.*, p.253). Por conseguinte, nenhuma pulsão opera isoladamente, assegura ele; uma pulsão está sempre acompanhada por determinada quantidade do outro par pulsional. Em *Por que a guerra?*, Freud diz que “muito raramente uma ação é obra de uma única pulsão.” (*Idem*).

Falar de crueldade é falar de algo que não vai bem, de algo que sofre, que faz sofrer e é também falar daqueles que fazem do mais cruel sofrimento o seu negócio (Derrida, 2001). À sinalização da crueldade e de suas sequelas se anunciam indagações que, conforme diz o filósofo franco-argelino, somente a psicanálise pode responder.

No texto *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, escrito em meio à Primeira Guerra Mundial, Freud (1915, p.312) destaca a confusão dos tempos de batalha e diz que a guerra é o evento que mais confundiu mentes inteligentes. “As guerras jamais podem cessar enquanto as nações viverem sob condições tão amplamente diferentes, enquanto o valor da vida individual for tão diversamente apreciado entre elas e enquanto as animosidades que as dividem representarem forças motrizes tão poderosas na mente.”

Freud põe em relevância o quanto a guerra destruiu e degradou o que de mais elevado há para a humanidade, ações essas fomentadas pelo incremento científico, notadamente o bélico. Em 1915, ele tece considerações sobre os sujeitos que não estão diretamente envolvidos nas batalhas e, particularmente, quanto à desilusão provocada pela guerra e à mudança de atitude diante da morte.

A guerra trouxe desilusão – diz Freud. Se houve desilusão é porque havia uma ilusão prévia. Por que aconteceu a guerra e de que ilusão se trata? O homem tem que fazer renúncias pulsionais elevadas frente à moral civilizada de seu tempo. Freud observa que o Estado estabelece um modo de viver marcado pela inclusão e exclusão dos sujeitos. Esse modo de viver é norteado por regras ditadas pelo Estado, o qual acaba por violar as próprias leis que estabelece. A fruição da civilização é perturbada por divergências derivadas da relação entre a população e o Estado, o que torna inevitável o conflito.

Freud pondera que eram presumíveis guerras provocadas pelas diferenças entre as nações, mas que a comunidade científica esperava (ilusionava) que as nações encontrassem outra possibilidade de resolução que não a guerra. Havia uma confiança na unidade dos povos civilizados, observada nos fenômenos migratórios, além da suposição de que as pessoas não envolvidas na guerra seriam poupadas e que o desenvolvimento das relações éticas não seria afetado.

Entretanto, a guerra trouxe – e o mundo de hoje o atesta igualmente - o desprezo pelo que preconiza o Direito Internacional, a ignorância das prerrogativas dos feridos, a não distinção entre o setor civil e o militar, o desrespeito à propriedade privada, a destruição do patrimônio histórico da humanidade, o corte do laço social entre os povos. Freud diz que o homem se sentiu desamparado num mundo com essa roupagem e que

tal desapontamento é consequência da destruição das ilusões. A barbárie da guerra surpreende o homem e é nesse sentido que a guerra provoca desilusão.

Com relação à mudança de atitude para com a morte, a guerra varreu o tratamento convencional da morte, na medida em que ela deixou de ser um acontecimento natural. A morte é um acontecimento natural, inevitável, apesar de o homem comportar-se a colocando de lado. No inconsciente não há inscrição da morte. Essa é a razão pela qual o inconsciente não crê na própria morte comportando-se como se fosse imortal. (Freud, 1915, *ESB*, p.335).

Nosso inconsciente é tão inacessível à ideia de nossa própria morte, tão inclinado ao assassinato em relação a estranhos, tão dividido (isto é, ambivalente) para com aqueles que amamos, como era o homem primevo. Contudo nos distanciamos desse estado primevo em nossa atitude convencional e cultural para com a morte!

É fácil ver como a guerra se choca com essa dicotomia. Ela nos despoja dos acréscimos ulteriores da civilização e põe a nu o homem primevo que existe em cada um de nós. Compele-nos mais uma vez a sermos heróis que não podem crer em sua própria morte; estigmatiza os estranhos como inimigos, cuja própria morte deve ser provocada ou desejada; diz-nos que desprezemos a morte daqueles que amamos. A guerra, porém, não pode ser abolida; enquanto as condições de existência entre as nações continuarem tão diferentes e sua repulsa mútua tão violenta, sempre haverá guerras (FREUD, 1915, *ESB*, v.14, p.312; *AE*, v.14, p.297).

Freud e Derrida concebem a guerra como a expressão máxima da crueldade humana. A pulsão de poder (e de crueldade) é um sintagma valorizado por Derrida (op. cit., p. 33) e remete, a saber, à pulsão de morte denunciada por Freud – aquela que anda em par, que não cede à lei e que insiste em se atualizar e se realizar. Para Derrida, a pulsão de poder caracteriza os que legislam nas instituições governamentais, pois tais classes governamentais resistem a restrições de seus direitos soberanos. Pergunta-se ainda Derrida sobre “o que fazer de uma irreduzível pulsão de morte e de uma invencível pulsão de poder numa política e num direito como os percebidos no mundo atual” (Idem). Se a pulsão de morte é mais arcaica que os princípios e nenhuma atividade humana é capaz de erradicá-la, a psicanálise fala da drenagem das águas

pulsionais como uma forma de transigir, com a ressalva de que não se deve ficar cego ao caráter irrevogável da pulsão (Freud, 1930). É importante lembrar que a pulsão de morte está na origem da crueldade podendo assumir diferentes formas de destruição. Então, que novas formas de crueldade o psicanalista é convocado a analisar?

Vimos Freud afirmar que a modernidade não traria satisfação plena ao homem e que tampouco a vida civilizada seria sinônimo de felicidade. O sentimento pleno de felicidade é ameaçado a partir de três direções: o sofrimento derivado da finitude e precariedade do corpo, o sofrimento decorrente da força da natureza e o sofrimento resultante do laço social (Freud, 1930). “A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo”, escreve ele (Ibid., ESB, p.103). No início do capítulo terceiro do *Mal-estar na civilização* (Ibidem, p.105), Freud afirma que “o que chamamos de civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas.” Paradoxalmente, ao que parece, quanto mais desenvolvimento por parte da civilização, à luz da psicanálise, e por mais promessas de felicidade, mais restrições são impostas ao homem. Observamos que as nações mais civilizadas do mundo são as responsáveis pelas crueldades e injustiças praticadas contra a humanidade. Isso ratifica a afirmação freudiana (1933, p. 254) de que “de nada vale tentar eliminar as inclinações agressivas dos homens.” A agressividade humana se manifesta diretamente no cometimento dos atos cruéis, e também indiretamente. É o caso da violência praticada na guerra, onde quem não está no combate propriamente dito não faz objeção aos atos praticados ou outorgados pelo Estado (tudo em nome do patriotismo). Essa é uma forma da população praticar a violência pela abstenção, entretanto sem objeções quanto ao que é praticado barbaramente pelo Estado.

Freud considera a crueldade irreduzível e todo contrário somente faria parte dela, no sentido que salienta Derrida (op. cit., p. 74-75): “existem somente diferenças de crueldade, diferenças de modalidade, de qualidade, de intensidade... da mesma crueldade.”

Ainda no *Mal-estar da civilização*, Freud propõe usar a força de Eros contra Tanatos no combate da crueldade. Derrida diz que esse combate opera segundo liames emocionais, referindo-se ao tipo de ligação com o objeto. Freud toma de empréstimo a

citação bíblica “amarás o teu próximo como a ti mesmo” – “coisa mais fácil de dizer do que fazer”, diz Derrida (2001, p. 76). A citação destacada pelo filósofo nos remete ao texto de 1930, onde Freud assinala que a união nasce do desamparo frente ao vazio como causa. O amor funda a família e permite que novas famílias surjam. A citação em referência delega a tarefa de amar o outro da mesma forma que se ama a si mesmo. O “como a ti mesmo” é o diferencial, na medida em que amar o outro “como a ti mesmo” implica amar o que é igual, assim como não amar o que é diferente de mim, lembrando que o oposto pulsional do amor é o ódio. Daí deriva a saída pulsional do aniquilamento do diferente. Trata-se, sobretudo, de uma aporia, uma vez que o amor une, cria e também destrói, elimina.

Freud alerta para a desigualdade irrevogável e inata dos homens e que essa condição os divide em classes: a massa que depende do guia. Eis aqui a alusão que a psicanálise faz à metáfora do senhor e do escravo. Em sua estratégia de combate às pulsões destruidoras, Freud supõe como possibilidade a educação dos homens privilegiados pelo poder, de modo que possam dirigir eticamente as massas dependentes. Todavia, a submissão da vida pulsional à ditadura da razão, como já dito, é uma ilusão (Ibid., p. 77).

A carta de Freud a Einstein traz em suas entrelinhas o que Derrida considera como possibilidade de “progresso por deslocamento indireto e restrição das forças pulsionais” (Idem), paralelamente à concepção da crueldade como algo indestrutível, que produz a destruição e, nas palavras de Freud, o extermínio do inimigo, do diferente.

Derrida analisa a proposta freudiana de estratagemas indiretos como um salto de qualidade na ética – o que afeta o jurídico e o político. Não se trata de avaliar o bem e o mal, diz Derrida. “O psicanalista, enquanto tal, não tem de avaliar ou desavaliar, desacreditar a crueldade ou a soberania sob o ponto de vista ético [...] porque ele sabe que não há vida sem a concorrência das duas forças pulsionais antagônicas” (Ibid., p. 78). De acordo com Derrida, o saber psicanalítico não tem como condená-las. Esse saber deve ser trilhado na neutralidade do indecível, abrindo para a possibilidade do surgimento de transformações éticas, políticas, de direito, onde o saber psicanalítico será levado em conta pelos outros saberes e onde, reciprocamente, a psicanálise considera as mudanças performativas da história da humanidade. Estamos diante de um campo aberto e com muito – quase tudo - por fazer.

No momento em que Freud diz não haver sentido na separação das pulsões destrutivas (e, convém lembrar que, sem a pulsão de morte, a vida cessaria) ele justifica que é pelo direito à vida que o ideal utópico ético e político se justifica. Todo homem guarda “o direito sobre sua própria vida”, finaliza Freud a Einstein (FREUD, 1933, p. 256).

CAPÍTULO 4

LACAN E A PULSÃO DE MORTE

4.1. Considerações lacanianas sobre a elaboração de *Além do princípio de prazer* (1920)

Em *O seminário, livro 2 - O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954), Lacan afirma existe uma peculiaridade no modo de funcionamento do homem, uma vez que nele há uma fissura profunda na relação vital, referindo-se o autor à pulsão de morte. O autor entende que a introdução do conceito de pulsão de morte foi uma

necessidade identificada por Freud, derivada de sua prática clínica. O sentido da descoberta do inconsciente obteve avanços e recuos no círculo psicanalítico da época. “Regressou-se a uma posição confusa, unitária, naturalista do homem, do eu e, da mesma feita, das pulsões”, afirma Lacan (1954, p.54). Foi para reencontrar o sentido de sua experiência que Freud escreveu *Além do princípio de prazer* (1920). Que sentido era esse? Ora, Freud intencionava manter a salvo o dualismo que sua experiência clínica lhe apontava. A esse respeito, Lacan diz:

Ele quis, a qualquer preço, salvar um dualismo, no momento em que este dualismo estava derretendo-se entre suas mãos, e quando o eu, a libido, etc, tudo isso formava uma espécie de vasto todo que nos trazia de volta a uma filosofia da natureza (LACAN, 1954, p.54).

A elaboração de *Além do princípio de prazer* (1920) representa a defesa, a qualquer custo, do dualismo pulsional freudiano, fato que corrobora a importância central do conceito de pulsão de morte na teoria psicanalítica.

Lacan se refere ao texto de 1920 como “o livrinho da lei” (1954, p.81) e afirma que Freud parte do princípio de que o aparelho psíquico está situado entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. Lacan afirma que Freud supõe a existência de prazer no princípio de realidade, pois, se a realidade é seguida é por existir um prazer diferido.

A realidade psíquica existe na medida em que há uma organização interna que se opõe à passagem livre e desenfreada de cargas energéticas. Isso significa que a tendência homeostática se encarrega da manutenção de certo equilíbrio de forças no aparelho psíquico – pelo menos teoricamente. Lacan (1954, p.82) denomina essa função reguladora de “função restituidora” da organização psíquica. No aparelho psíquico, além da descarga energética, ocorre um movimento de retração, que confere a propriedade de restituição e equilíbrio do sistema. A tal respeito, Freud emprega o termo ‘inércia’.

Descarga e restituição do equilíbrio – eis as finalidades da lei de regulação que se emprega para o princípio de realidade e princípio de prazer.

Ao discorrer sobre a relação entre os dois sistemas – se o que é prazer num sistema é desprazer no outro – Lacan segue os passos que conduziram Freud a elaborar o conceito de pulsão de morte. “Freud se dá conta de que alguma coisa não coaduna com o princípio de prazer” – afirma o autor no Seminário 2 (1954). Nesse momento, Lacan introduz o significante “insistência” para expressar o sentido do automatismo da repetição. Ou seja, trata-se de algo que insiste em se repetir. E mais, o autor pondera que esse sistema tem algo de incomodativo, algo que é dissimétrico em sua análise. Fundamentalmente, Lacan afirma que algo escapa. O que vem a ser isso que escapa? Em suas considerações, afirma que

É o princípio da homeostase que obriga Freud a inscrever tudo o que deduz em termos de investimento, de carga, de descarga, de relação energética entre os diferentes sistemas. Ora, ele se dá conta de que há algo que não funciona aí dentro. Além do princípio de prazer é isto. Nem mais nem menos. (LACAN, 1954, p. 83).

No seminário de 1954, Lacan deixa clara a função restituidora do princípio de prazer e ratifica a existência de uma função repetitiva. O que vem a ser o caráter inesgotável da repetição? A repetição se dá por uma desregulação do sistema ou porque obedece a outro princípio? – questões que estão na base dos interesses investigativos de Freud.

Na lição “Freud, Hegel e a máquina”, do *Seminário 2* (1954), Lacan destaca que algo restava incompreendido para Freud, pois como explicar a manifestação do processo primário no eu, sob a forma de sintoma, que produz desprazer e, no entanto, insiste em retornar? Ou seja, um desprazer, um sofrimento que, no entanto, volta sempre (Idem). Assim, se houvesse simetria entre os processos primário e secundário, se um fosse o inverso do outro, bastaria operar num sistema para operar, ao mesmo tempo, no outro sistema. Mas as coisas vão além disso, diz Lacan, e é por isso que Freud escreve o texto de 1920.

Para Lacan a compulsão à repetição tem dois aspectos que se entrecruzam: uma tendência restitutiva e uma tendência repetitiva. Toda tentativa restitutiva deixa um

resto paradoxal e enigmático que se repete. Lembremos que o objetivo do princípio de prazer é o retorno do equilíbrio homeostático. Todavia algo não se engendra no movimento orquestrado pelo princípio de prazer. Lacan assinala que a genialidade e a experiência freudianas impuseram-no dar passos rumo ao desconhecido, ampliando as fronteiras para além do princípio de prazer. Nesse contexto, a reprodução na transferência é a chave final para a compreensão da repetição. Ao teorizar sobre a pulsão de morte, Freud sai dos delineamentos abarcados pelo princípio de prazer.

Tem-se a impressão, lendo o texto, de que Freud vai seguindo o que chamo sua ideiazinha. Há algo que o agita. E ele próprio no fim reconhece o caráter extraordinariamente especulativo de toda sua elaboração, ou mais exatamente de sua interrogação circular. Ele volta incessantemente às suas bases iniciais, e perfaz um novo círculo, e de novo reencontra a passagem, e enfim acaba por transpô-la, e ao tê-la transposto, reconhece, com efeito, que há algo aí que sai inteiramente dos limites do delineamento, e que não pode, de modo algum, fundamentar-se apenas numa referência à experiência. (LACAN, 1954, p.90)

Qual o sentido, a função da pulsão de morte? O conceito de pulsão de morte é o passo decisivo na apreensão da realidade que ultrapassa o princípio de realidade. Em sua elaboração conceitual, a biologia é usada como recurso para entender energeticamente como é o psiquismo. Freud se vale da biologia para tentar esclarecer questões energéticas ligadas à homeostase. Ele enaltece a questão energética do início ao fim de sua obra. Esse fato ratifica a defesa da ideia de que a pulsão de morte, junto com o inconsciente, é o conceito por excelência que norteou e moveu o espírito investigativo e o empreendimento teórico de Freud. Lacan afirma que, ao se desvendar o sentido do mito energético postulado pelo criador da psicanálise – a pulsão de morte –, entende-se que desde a origem da psicanálise, sem que se entendesse, e sem que estivesse nomeada, a noção da pulsão de morte sempre esteve metaforizada na ideia freudiana acerca do ser humano.

Freud partiu de uma concepção do sistema nervoso segundo a qual este sempre tende a voltar a um ponto de equilíbrio. Foi daí que ele partiu, porque era então uma necessidade que se impunha ao espírito de qualquer médico daquela época científica que se ocupasse do corpo humano. (LACAN, 1954, p. 101)

Lacan assinala que, ao estudar o sistema nervoso, Freud, neurologista, se ocupa em mostrar o cérebro como órgão de homeostase. Mas eis que no caminho Freud se depara com a realidade onírica, reveladora de que o cérebro sonha. “E é na máquina de sonhar que ele reencontra o que já estava lá desde sempre, e que a gente não tinha se dado conta”, afirma Lacan (Idem). É no nível mais inconsciente que o sentido e a fala se revelam por inteiro – afirmação que corresponde ao que vem a ser a psicanálise. O passo seguinte de Freud é a publicação da *Traumdeutung* (1900) inaugurando, por assim dizer, a psicanálise. Freud descobre a função do tropeço, do chiste, da dialética da simbologia onírica e, notadamente, os processos de condensação e deslocamento, aproximadas depois por Lacan da metáfora e da metonímia.

Diante de tão avassaladoras descobertas, resta a Freud se posicionar, recusando-as ou aceitando-as, “como fizeram todos os outros que estavam tão perto dela quanto ele” – sublinha Lacan (1954). Foi preciso que se percorressem vinte anos desde sua existência para poder retornar a suas premissas e retomar o que tudo isso vem a significar no plano energético. Eis disposto o bastidor teórico que levou Freud a elaborar um ‘novo’ dualismo pulsional.

Lacan pergunta o que distingue a tendência restitutiva da tendência repetitiva. Para ele, o aparelho psíquico, tal como concebido por Freud, tem a tendência a retornar ao estado de equilíbrio, função essa orquestrada pelo princípio de prazer, sendo essa tendência restitutiva. Ou seja, retornar a um estado anterior de coisas. A tendência repetitiva é o que Freud introduz de original. “Freud retorna perpetuamente a uma noção que parece escapar-lhe sempre”, afirma Lacan (1954).

Para Lacan, o princípio de prazer é o responsável por conduzir a excitação de volta a níveis mais baixos, que podem significar duas coisas: (1) um nível que garanta a homeostase do sistema nervoso, ou (2) do puro e simples mais baixo, isto é, a morte, a

ausência de tensões. Mas, atenção: não deve ser confundido o princípio de prazer e sua função de manutenção homeostática com o conceito de pulsão de morte. “Há algo que é distinto do princípio de prazer e que tende a levar o animado inteiro de volta ao inanimado – é assim que Freud se expressa” (1954, p.107). Freud percebe que não se trata da morte dos seres vivos propriamente ditos, mas de um impulso que coage o ser humano a sair dos limites da vida. Lacan diz que não há dúvidas quanto à natureza do impulso, quanto ao princípio que leva a libido à morte. E diz que o problema da pulsão de morte reside no fato de que é pelos caminhos da vida que trafega a pulsão de morte. O problema está justamente aí, destaca Lacan.

É por detrás desta necessidade do ser vivo de passar pelos caminhos da vida – e isso só pode passar-se por aí – que o princípio que o leva de volta à morte se situa, é deslindado. Ele não pode ir para a morte por qualquer caminho (LACAN, 1955, p. 107).

No circuito da vida algo diferente se manifesta, algo sustentado pela existência desse outro princípio que lhe indica a passagem.

Lacan importa a definição de princípios da termodinâmica para esclarecer suas considerações em torno do que vem a ser a pulsão de morte. O primeiro princípio da termodinâmica preconiza que para que haja algo no fim é preciso que tenha havido a mesma quantidade no começo. Lacan considera também um segundo princípio termodinâmico – o da entropia – para dizer que na manifestação de uma ação, de uma atividade, algo é gasto. Há uma perda.

Freud se depara com a ideia de entropia no caso do “Homem dos Lobos” e percebe que isso tem uma relação com a pulsão de morte. Quando há estimulação no aparelho psíquico, tudo opera para que o equilíbrio homeostático seja mantido - por isso entenda-se prazer. A psicanálise atesta que existe prazer na atividade. Se o sujeito busca o prazer, parece ser um paradoxo o fato de que, no princípio de prazer, o prazer tende ao fim. Nessa perspectiva, Lacan indaga o que vem a ser o princípio de realidade.

Na perspectiva psicanalítica, a função do princípio de realidade é fazer com que “o jogo dure”. Em suas palavras, “o princípio de realidade consiste em resguardar

nossos prazeres, estes prazeres cuja tendência é justamente atingir o cessamento” (Lacan, 1955, p.112).

Sobre a tendência à repetição disposta originalmente em *Além do princípio de prazer* (1920), Lacan afirma que “o inconsciente é o discurso do outro” (Ibidem, p.118), referindo-se ao discurso no qual o sujeito está integrado como um de seus elos. É um discurso que precisa ser retomado, “porque não se para a cadeia do discurso” (Idem). Tal qual um legado, o sujeito está obrigado a transmiti-lo. Pois o discurso está preso ao circuito da fala, situado na zona limítrofe do sentido e do não sentido. “Eis o que é precisar repetir tal como o vemos surgir para além do princípio de prazer”, conclui Lacan (Idem).

Na lição XVIII de *O seminário, livro 2* (1954-55), intitulada “O desejo, a vida e a morte”, Lacan retoma a relação entre pulsão de morte e aquilo por ele designado como ‘insistência significativa’, referindo-se com essa expressão à compulsão à repetição. Para abordar o assunto, ele opta por fazer uma referência ao desejo e ao que dele é possível formular, como uma encruzilhada radical da posição freudiana. A noção de desejo implica a noção de libido.

Para Lacan, a libido permite uma objetivação relativa ao desejo, como se fosse uma unidade de medida quantitativa. “Quantidade que vocês não sabem medir, que não sabem o que é, mas que supõe como estando aí” (Ibidem, p.279). Noção que permite a observação dos efeitos qualitativos, na medida de sua variação, das mudanças de estado e da noção de um limiar, donde se infere a noção de nível e de constância. Se a libido puder descarregar-se, outros estados irão se manifestar, tais como regressões, fixações, sublimações, etc.

A experiência freudiana estabelece o mundo do desejo e para Lacan, a experiência psicanalítica se desenrola justo aí nesse contexto. Essa experiência se estabelece num registro diferente de relações, na medida em que o desejo se relaciona com a falta. “O desejo é uma relação com a falta. Essa falta é falta a ser, propriamente falando. Não é falta disso ou daquilo, porém falta de ser através do que o ser existe” (Ibidem, p.280). Representada senão como o reflexo de um véu, a falta encontra-se num registro para além do que possa apresentá-la. Nesse contexto, a libido cumpre a função de energizar, de impulsionar o que se acha no âmago das ações humanas.

Vale ressaltar que a experiência freudiana ensina que o reconhecimento dos objetos no nível consciente é enganador com relação àquilo que se busca. Lacan conclui que “os objetos nunca são bem isso” (Ibidem, p.281). Essa observação dá sentido ao que insiste. Se o desejo é função central da experiência humana, tendo a libido como aquilo que anima o homem, Lacan é preciso ao afirmar que “o ser se põe a existir em função mesmo dessa falta” (Idem).

É em função dessa falta, na experiência de desejo, que o ser chega a um sentimento de si em relação ao ser. É no encaço deste para-além, que não é nada, que ele volta ao sentimento de um ser consciente de si, que é apenas seu próprio reflexo no mundo das coisas. Pois, ele é o companheiro dos seres que estão aí diante dele, e que, com efeito, não sabem que são. (LACAN, 1954-55, p.281).

O ser que sabe, consciente de si, posto pelo consciencialismo no centro da experiência humana, é visto, nessa perspectiva, justamente naquilo que lhe falta. É por pensar que é aquilo que sabe de si, que nada sabe daquilo que é. “Eis o que falta em qualquer ser”, assinala Lacan (Idem). Dessa maneira, ele adverte sobre o que se afirma como presença sobre o fundo de uma ausência, no sentido de que a tomada de consciência não pode ser derivada senão de um conjunto de miragens.

A estruturação primitiva da experiência humana é efetuada pelo desejo inconsciente. Esse foi o tamanho do passo de Freud, que não se explica unicamente por sua experiência clínica. Ele é correlato de uma revolução que se estabelece no campo relativo àquilo que o homem pode pensar de si mesmo. O ponto chave dessa experiência é que a consciência não é universal e que a existência do homem está assentada na estruturação do desejo. É justo por desejar que podemos falar que há homens – “homens que falam, com esta fala que introduz no mundo algo que pesa tanto quanto o real todo” (Idem).

Em *O seminário, livro 5- As formações do inconsciente* (1957-1958), a propósito da análise da lógica da castração, Lacan afirma que Freud valoriza algo em *O problema econômico do masoquismo* (1924) que é retomado de *Além do princípio de prazer*

(1920). Ou seja, numa etapa primária, primitiva, as pulsões de vida estão ligadas, fusionadas com a pulsão de morte. A evolução das pulsões comporta uma desfusão. “O recurso fundamental da evolução libidinal é voltar ao repouso das pedras”, afirma Lacan (1957-58, p.252). Com isso, Lacan quer ressaltar o escândalo introduzido por Freud, principalmente junto àqueles que haviam feito da noção de libido o princípio de seu pensamento. A paradoxal contribuição freudiana expressa uma extensão do princípio de prazer, caracterizada como uma tendência de retorno à inexistência de tensão. “Não há, de fato, retorno mais radical a zero do que a morte” – assinala Lacan (Idem). Afirmção radical que arremessa o analista para além do princípio de prazer. Para Lacan, o que Freud revela em *Além do princípio de prazer* (1920) é que talvez haja uma disposição última à morte.

Em 1957, Lacan faz uma articulação interessante entre essa tendência e a reação terapêutica negativa verificada no pendor para o suicídio. Ação que se faz reconhecer nas derradeiras resistências dos sujeitos caracterizados como filhos não desejados. Na medida em que esses sujeitos se aproximam de sua história, eles também passam a recusar a entrar no jogo significante de sua própria história. “Não aceitam ser aquilo que são, não querem essa cadeia significante na qual só foram aceitos com pesar por sua mãe” (Lacan, 1957-58, p.254).

Lacan faz aqui uma alusão ao texto *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, escrito por Ferenczi em 1929. O discípulo freudiano indica a tendência suicida verificada em muitas crianças mal acolhidas e sem carinho. Para Lacan, tais sujeitos morrem facilmente ou de bom grado, ou, ainda, conservam-se pessimistas ou avessos à vida, por toda a vida. Tal suposição etiológica está apoiada na eficácia das pulsões de vida e de morte nas diferentes etapas da vida. Com isso retornamos ao *Seminário 2* (1954) para lembrar os termos com os quais Lacan encerra a aula de 19 de janeiro de 1955: “A vida só está presa ao simbólico de maneira despedaçada, decomposta. O próprio ser humano se acha, em parte, fora da vida, ele participa do instinto de morte. E só daí que ele pode abordar o registro da vida” (Lacan, 1954-55, p.119).

4.2. A teoria lacaniana da pulsão

Durante o Congresso Internacional de Psicanálise realizado em Marienbad, em 1936, Lacan fala pela primeira vez daquela que vai se tornar uma das suas mais importantes contribuições à psicanálise, a saber, a noção de ‘estádio do espelho’. Expressão cunhada pelo psicólogo francês Henri Wallon cinco anos antes, em *Como se desenvolve na criança a noção de corpo próprio* (1931), onde o autor aborda o modo surpreendente como a criança progressivamente marca a distinção entre seu corpo e a imagem refletida no espelho. Neste sentido, H. Wallon particulariza suas pesquisas em torno do momento em que a compreensão simbólica do espaço imaginário constitui a imagem corporal.

Em 1949, Lacan escreve *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*, e destaca o efeito cativante do reconhecimento da própria imagem para o bebê, a partir dos seis meses, bem como de sua função na estruturação psíquica do sujeito. O estádio do espelho está em estreita ligação com o narcisismo primário, a formação do eu, as identificações secundárias e com o corpo. A função estruturante da imagem do estádio do espelho ameniza o caos inicial do corpo fragmentado. O destino do sujeito é marcado, assim, pela identificação imaginária e alienante com o outro. O estádio do espelho tem por função estabelecer uma relação do organismo com sua realidade, “do *Innenwelt* com o *Umwelt*”, como diz Lacan (1949, p.100). Portanto, o estádio do espelho tem um efeito transformador para o bebê quando este se apropria da sua imagem. Trata-se de uma identificação e da assunção jubilatória, desde que haja reconhecimento dessa imagem pelo outro. Lacan enfatiza a relação estreita entre identificação e a transformação psíquica causada no sujeito. Assim, o estádio do espelho compreende a matriz simbólica em que o eu primitivo precipita-se antes mesmo que possa se objetivar em sua identificação com o outro, e antes que a linguagem lhe conceda seu lugar de sujeito.

A imagem com a qual a criança se identifica pode ser nomeada de eu-ideal e serve de suporte para as identificações secundárias, as quais serão efetuadas mediante os intercâmbios com o outro, gerando para a estruturação psíquica a normalização libidinal.

A libido, portanto, participa da constituição do eu. Em 1949, Lacan reconhece a libido como algo a circular do eu para os objetos e deste para o eu. Freud havia dito isso em 1914, quando ele rompe com Jung. Lacan retoma isso de Freud. Seus estudos estão

centrados na lógica do estágio do espelho, ou seja, uma lógica que situa a libido no plano narcísico.

Em 1953 é publicado *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, texto que trata da fala e da linguagem como pontos fundamentais, espécie de pedra angular do retorno de Lacan a Freud. Lacan dá destaque ao simbólico e ao estatuto do significante na psicanálise. Lacan defende a ideia de que a teoria de Freud só pode ser legitimamente entendida se tiver como eixos a fala e a linguagem. Nesse contexto, Lacan destaca o poder da palavra na análise, no sentido de liberação da verdade do sintoma. Ou seja, que a fala tem uma função.

Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, Lacan escreve que “um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante (p.833). O significado que advém com a operação significante está sob a barra resistente à significação, portanto, inapreensível. De certa forma, a fala plena é suposta como impossível. O desejo constitui outro nome para a impossibilidade da fala plena. Lacan nos diz da falta de um significante no campo do Outro, e afirma a impossibilidade de uma significação absoluta, pois o Outro é desprovido de tal significação. Isso quer dizer que a verdade presente na fala é não toda. É no texto de 1953 que Lacan define o inconsciente como o “capítulo censurado” (p.260), cuja verdade pode ser resgatada, pois “já escrita em outro lugar” (Ibidem). O texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953) traz considerações que mantêm a pulsão restrita ao eixo imaginário. Outros avanços teóricos se darão em 1964.

No texto *Subversão do sujeito* (1960), Lacan denuncia a impossibilidade estrutural da fala enquanto um semi-dizer, na medida da falta de saber no Outro. Para Lacan a fala tem uma materialidade corporal. “É um dom de linguagem” (1953), cujas palavras são derivadas “de todas as imagens corporais que cativam o sujeito” (Idem). Assim, a linguagem, ou seja, o simbólico relaciona-se com o imaginário, e também com o libidinal presente no imaginário corporal. Posteriormente, Lacan discorrerá sobre a pulsão na sua articulação significante.

Em 1964, Lacan nos convida a pensar sobre os fundamentos. Nesse sentido ele se autoriza a estabelecer a pulsão, juntamente com a transferência, o inconsciente e a repetição, como um dos conceitos fundamentais da psicanálise. Em 1979 é publicado *O*

Seminário, livro 11, intitulado *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, considerado um marco nas contribuições lacanianas. O texto dá ênfase ao simbólico, como tentativa de retirar a psicanálise das intenções psicologizantes da época.

Nesse seminário, o conceito de pulsão é tomado como enigmático, viveiro de obscurantismo, o qual requer profundas e repetidas análises. O autor afirma que “a pulsão não é um impulso” e opta pela atribuição do termo “ficção” ao de “mito” empregado por Freud (Ibidem, p.154). Trata-se, dessa forma, de uma ficção fundamental. Nesse ano de 1964, que se segue após sua excomunhão da IPA (International Psychoanalytical Association), Lacan elabora os principais desenvolvimentos teóricos desde 1949 até 1960, período em que está compreendida a escrita dos artigos *O estádio do espelho* e *Subversão do sujeito*. *O Seminário 11* tem uma importância vital para o ensino laciano, na medida em que representa o momento de articulação dos conceitos freudianos avaliados como pilares da psicanálise: inconsciente, repetição, transferência e pulsão. Ao longo do seminário, Lacan ratifica o inconsciente como estruturado como uma linguagem, a dimensão simbólica da sexualidade e do corpo pulsional. A pulsação temporal do inconsciente articulada ao pulsional, a transferência e a repetição. No mesmo tom, evidencia a abertura do inconsciente e a repetição no retorno dos significantes e seu mais além como encontro faltoso e inassimilável do real, além do fechamento do inconsciente e a transferência, e a pulsão e sua desmontagem. *O seminário, Livro 11*, representa a fronteira do destaque dado por Lacan ao universo simbólico e à ênfase dada ao real.

Ainda em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan aborda algumas especificações da repetição. Na quinta lição desse seminário, utilizando-se de Aristóteles, o autor utiliza dois termos para pensar a repetição: *Tiquê* e *Autômaton*. *Tiquê* indica algo além do *Autômaton*, algo além do princípio de prazer. O autor a traduz como o encontro com o real, indicando que “o real é o que vige sempre por trás do *Autômaton*, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida” (Lacan, 1988, p.56). A *Tiquê* circunscreve bem o que se quer dizer com a repetição, na medida em que ela não é reprodução, tampouco recordação e muito menos retorno de signos. “A repetição é algo que, em sua verdadeira natureza, está sempre velado na análise”, escreve Lacan (Idem). A *Tiquê* é o lugar de produção do novo, porque produz a diferença. O encontro com o real, com o *nonsense* da fala revela a

produção do novo pela repetição e permite ao analista pensar na clínica como um lugar onde a produção do novo é possibilitada. Com relação ao *Autômaton*, Lacan o relaciona à insistência dos signos, à seriação automática, ao retorno sintomático dos signos e se caracteriza pelo automatismo inconsciente da cadeia significante, sob a regência do princípio de prazer. Para Lacan, a repetição está ligada ao *objeto a*. Esse objeto é o elemento excluído da cadeia significante, mas é em torno desse objeto que a cadeia gira. Lacan demonstra que o desejo está relacionado à falta estrutural do sujeito, condição que o lança na repetição compulsiva. O que se repete, na ótica lacaniana, é a falta a ser, que faz mover os significantes em sua cadeia associativa. Assim, é a alienação do sujeito na linguagem que se repete, pois é da impossibilidade de significar o desejo que faz do desejo algo que sempre retorna como furo, fazendo da coisa em si algo impossível de ser decodificado.

Lacan considera os elementos da pulsão como aparecendo disjuntos, seguindo, assim, a orientação freudiana de 1915, onde está referido pelo autor que é importante distinguir os quatro termos da pulsão. Destaco a citação abaixo:

É essencial, primeiro, lembrar que Freud mesmo nos diz, no começo desse artigo, que a pulsão é um *Grundbegriff*, um conceito fundamental. Ele acrescenta, no que se mostra bom epistemólogo, que, a partir do momento em que, ele Freud, introduz a pulsão na ciência, de duas coisas uma – ou este conceito será guardado, ou será rejeitado. Será guardado se funcionar, dir-se-ia hoje em dia – eu diria, se ele traçar sua via no real que se trata de demarcar. É o caso de todos os outros *Grundbegriffe* no domínio científico (LACAN, 1964, p.155).

Na lição “Desmontagem da pulsão”, presente no *Seminário 11*, o autor conclui que “o *Trieb* não é o *Drang*” (p.154). A pulsão não é o impulso, a pressão, escreve o autor. *Drang* é a força da pulsão. Não se trata da pressão de uma necessidade, como fome ou sede, por exemplo, já que podemos enquadrar tais necessidades como “*momentane Stosskraft*” (p.156). “Na pulsão, não se trata de modo algum de energia cinética, não se trata de algo que vai se regradar pelo movimento”, afirma Lacan (Ibid., p.157). É por isso que a pulsão é força constante. “O impulso [...] vai ser identificado a uma pura e simples tendência à descarga” (p.155). Em seguida recorda a apropriação do

termo *Reiz* (estímulo) feita por Freud para dizer que o que concerne à pulsão é diferente de qualquer estimulação advinda do exterior. “É um *Reiz* interno” (p.156). Lacan assinala que essa é a característica da pulsão: ser uma força constante. À condição de força constante da pulsão Lacan atribui a expressão “tensão estacionária”, verificada na citação a seguir:

A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante (LACAN, 1964, p.157).

Aquilo que permanece constante na pulsão é denominado por Freud, segundo Lacan, de libido, qualificada como a energia da pulsão, que jamais decresce. Dos fundamentos freudianos Lacan define a natureza do impulso como da ordem do ‘incessante’, noção que irá trabalhar em suas considerações sobre o eixo real a partir dos quatro elementos pulsionais.

O alvo (*Ziel*) da pulsão diz respeito à satisfação atingida. “O uso da função da pulsão não tem para nós outro valor senão o de pôr em questão o que é da satisfação” (Ibid., p.158), apontando que a pulsão pertence à categoria do ‘impossível’ de ser satisfeito, porque existe uma satisfação inatingível na pulsão. Lacan lembra que a sublimação traz essa regra, uma vez que ela é inibida quanto a seu alvo. “Ela não o atinge” – afirma o autor.

[...] os pacientes, não se satisfazem, como se diz, com o que são. E, no entanto, sabemos que tudo o que eles são, tudo o que eles vivem, mesmo seus sintomas, dependem da satisfação. Eles satisfazem algo que vai sem dúvida ao encontro daquilo com o que eles poderiam satisfazer-se, ou talvez melhor, eles dão satisfação a alguma coisa. Eles não se contentam com o seu estado, mas estando nesse estado tão pouco contentador, eles se contentam assim mesmo. Toda a questão é justamente saber o que é esse *se* que está aí contentado. [...] diremos que isso ao que eles se satisfazem pelas vias do desprazer é, assim mesmo [...] a lei do prazer. Digamos que, por essa espécie

de satisfação, eles se fazem sofrer demais. Até certo ponto é *sofrer demais* que é a única justificativa de nossa intervenção (LACAN, 1964, p.158).

Nesse contexto, os sintomas têm ligação direta com a satisfação pulsional e, absolutamente não se pode dizer que o alvo não foi atingido. Lacan assevera que “o que temos diante de nós, em análise, é um sistema onde tudo se arranja, e que atinge seu tipo próprio de satisfação.” (Idem). E adverte que a satisfação é enigmática e que a análise mais profunda permite observar que nela existe algo que pertence à categoria do impossível. “O impossível não é forçosamente o contrário do possível”, afirma Lacan (Ibid., p.159). Em Freud, tudo aquilo que funciona como obstáculo ao princípio de prazer remete à categoria do real lacaniano.

“[...] o real, a saber, obstáculo ao princípio do prazer. O real é o choque, é o fato de que isso não se arranja imediatamente, como quer a mão que se estende para os objetos exteriores”. “O real se distingue [...] por sua separação do campo do princípio do prazer, por sua dessexualização, pelo fato de que sua economia, em seguida, admite algo de novo, que é justamente o impossível.” (LACAN, 1964, p.159).

Lacan refere que o impossível está presente também em outro campo, porque é essencial. É o que pode ser lido na seguinte passagem:

O princípio do prazer se caracteriza mesmo por isso que o impossível está ali tão presente que ele jamais é reconhecido como tal. A ideia de que a função do princípio do prazer é de se satisfazer pela alucinação está aí para ilustrar isso [...]. A pulsão apreendendo seu objeto aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz. Pois se se distingue, no começo da dialética da pulsão, o *Not* e o *Bedürfnis*, a necessidade e a exigência pulsional – é justamente porque nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão. (LACAN, 1964, p.159).

“O impossível está tão presente”, disposto na citação, remete à *das Ding* e ao gozo. O sujeito está remetido a *das Ding*. É a satisfação almejada. É a satisfação que

não se tem. Ao apreender seu objeto, de algum modo a pulsão não encontra a satisfação desejada. Não é por aí que ela se satisfaz. Não com o objeto apreendido, por que o objeto que dá satisfação à pulsão não existe. Ele é um cavo, um vazio, é um objeto perdido. Nenhum objeto de nenhuma necessidade pode satisfazer a pulsão. Ao apreender o objeto, imediatamente é verificado que não é exatamente do objeto apreendido que advém a satisfação, porque ela pertence a outro registro – o real. Ele exemplifica que não é o alimento que dá a satisfação pulsional, mas o prazer da boca. Então, traz à luz a afirmação freudiana de que o objeto da pulsão é o que de mais variado há e que, na verdade, ele é destituído de importância enquanto objeto. Essa condição permite que qualquer objeto possa ser objeto pulsional. Nesse sentido, Lacan diz que o objeto da pulsão é um objeto que não existe e denomina-o de *petit a* – o objeto *a*, a causa do desejo. É porque há um ponto de hiância que *das Ding* não existe enquanto tal. O *objeto a* é índice de *das Ding* e está relacionado ao desejo do sujeito. A Coisa é outra coisa. Ela está relacionada ao gozo. Por trás da satisfação do desejo está um gozo a recuperar que Lacan conceitua como *objeto a*. Uma vez dirigido a *das Ding*, o que o sujeito quer é o Outro materno, e por não alcançá-lo, o que ele recebe é o *objeto a*. O *objeto a*, portanto, não é *das Ding*.

Lacan representa o circuito pulsional do seguinte modo:

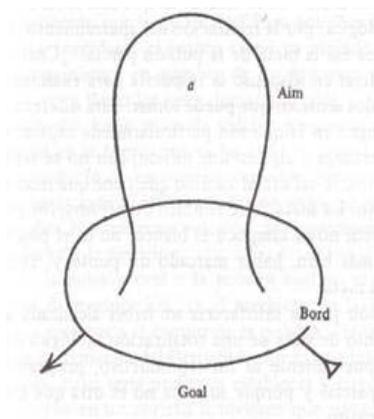


Figura 1 - Circuito pulsional⁹⁶

⁹⁶ Esquema proposto por Lacan no Seminário 11.

A pulsão parte de uma fonte situada numa zona erógena, contorna o *objeto a* e retorna sobre a zona erógena. O lugar do *objeto a* na satisfação da pulsão é “que a pulsão o contorna”. Resultam daí entendimentos para a noção do que se repete na pulsão: o retorno em circuito. A pulsão retorna em circuito e contorna o *objeto a*. “O que é fundamental, no nível de cada pulsão, é o vaivém em que ela se estrutura”, nos diz Lacan logo no início da segunda lição “A pulsão parcial e seu circuito”, disposto no Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964, p.168). O autor defende o caráter circular do percurso pulsional, salientando que “parte alguma desse percurso pode ser separada de seu vaivém, de sua reversão fundamental, do caráter circular do percurso da pulsão” (Ibid., p.168).

O circuito ilustra a relação de contorno que a pulsão tem com o *objeto a*. Para Lacan a pulsão encontra satisfação parcial mesmo não atingindo o objeto. O autor considera o alvo pelos dois sentidos que ele pode apresentar, e expressa esses dois sentidos pelas palavras *aim* e *goal*. *Aim* representa o trajeto ou percurso realizado pela pulsão na busca de satisfação. *Goal* significa que “o alvo não é a ave que vocês abatem, é ter acertado o tiro e, assim, atingido o alvo de vocês” (1964, p.170). O alvo da pulsão é justamente esse retorno em circuito (Ibidem).

Esta teoria está presente em Freud. Ele nos diz em algum lugar que o modelo ideal que poderia ser dado de auto-erotismo, é o de uma boca que se beijaria a si mesma – metáfora luminosa, resplandecente mesmo, como tudo que se encontra em sua pena, e que só exige ser completada por uma questão. Será que, na pulsão, essa boca não é o que se poderia chamar uma boca flechada? – uma boca cosida, em que vemos, na análise, apontar ao máximo em certos silêncios, a instância pura da pulsão oral, fechando-se sobre sua satisfação (LACAN, 1964, p.170).

Lacan nos diz da estrutura fundamental da pulsão, a do trajeto de retorno – a pulsão parte de uma borda, segue um trajeto que faz um retorno ao redor de um objeto que está aí para ser contornado. O que a pulsão quer é *das Ding*, mas o que ela recebe é o *objeto a*. Sobre o *objeto a*, Lacan esclarece que, “[...] este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que

objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo” (Ibid., p.170).

A pulsão de morte vai sendo assim sexualizada pelos significantes introduzidos pelo Outro, que ficam registrados no eixo simbólico. Ou seja, por uma intervenção que não é do campo da pulsão. No inconsciente estão as marcas derivadas da relação de demanda do Outro e ao Outro. Não podemos esquecer, todavia, que nem tudo fica registrado no eixo simbólico. O que diz respeito aos quatro elementos pulsionais pertence ao registro do real, que comporta os aspectos relativos ao vazio da Coisa, ao que insiste e ao que é da ordem do impossível. Lacan se refere ao reviramento provocado pela demanda do Outro. Podemos depreender que os significantes introduzidos pelo Outro sexualizam a pulsão de morte e provocam o amalgamar com a pulsão de vida, desviando o sujeito do gozo puro prometido por *das Ding*. A partir de então, resta ao sujeito *o objeto a* como causa de seu desejo, índice da Coisa perdida, que marca a hiância entre o gozo que se pode obter e o gozo esperado.

Sobre a fonte da pulsão, *Quelle*, Lacan afirma que ela possui uma estrutura de borda e são processos que se dão no corpo. Se são processos que se dão no corpo, então, no nível erógeno, outros órgãos do corpo constituem o que se entende como zona erógena, apesar de sua qualificação enquanto fonte pulsional ser reconhecida somente por sua estrutura de borda. Por exemplo, os órgãos internos esôfago, estomago, etc., também fazem parte da função oral, apesar de só se falar da boca, dos dentes e da língua, basicamente. O que está em jogo na fonte é sua estrutura de borda, daí a importância dos orifícios do corpo na sexualidade humana. Nesse momento, Lacan assinala que “se há algo que se parece a pulsão, é com uma montagem” (p.160), mas adverte que não se trata de uma montagem referida à finalidade. A montagem de que se trata, para referir à pulsão, “é uma montagem que, de saída, se apresenta como não tendo nem pé nem cabeça” (p.161). Ela é uma montagem pela qual “a sexualidade participa da vida psíquica” (Ibid., p.167), na medida em que toda satisfação pulsional é sempre parcial. A citação abaixo, destacada do texto lacaniano define o de que se trata acerca da montagem da pulsão:

Se aproximarmos os paradoxos que vimos de definir no nível do *Drang* ao do objeto, ao do fim da pulsão, creio que a imagem que nos vem mostraria a

marcha de um dínamo acoplado na tomada de gás, de onde sai uma pena de pavão que vem fazer cócegas no ventre de uma bela mulher que lá está incluída para a beleza da coisa. A coisa começa aliás a se tornar interessante pelo seguinte, que a pulsão define, segundo Freud, todas as formas pelas quais se pode inverter um tal mecanismo. Isto não quer dizer que se reverte o dínamo – desenrolam-se seus fios, são eles que se tornam a pena de pavão, a tomada do gás passa pela boca da moça e pelo meio sai um sobre de ave (LACAN, 1964, p.161).

As colagens surrealistas retratam com primazia o dizer lacaniano disposto na citação acima. O discurso lacaniano sobre a pulsão a apresenta como parcial, tal como disposto em Freud. Isso significa que, em relação à finalidade biológica da sexualidade, ou seja, a reprodução, as pulsões se exercem parcialmente e dentro de um sistema encarregado de gerir economicamente as tensões internas. O que o sistema visa é a homeostase. É em razão dessa realidade homeostática que as pulsões se exercem de forma parcial. Lacan diz: “A pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de uma hiância que é a do inconsciente” (Ibid., p.166-167).

Vimos que Lacan propõe um circuito pulsional pelo qual a pulsão, no vaivém que a caracteriza, efetua o seu trajeto. Nesse circuito há uma superfície que é definida como borda, considerada por Lacan como zona erógena da pulsão. O movimento pulsional é proporcionado pela força constante da pulsão que parte e retorna à borda, considerada fonte da pulsão, num eterno movimento de retorno em circuito. Nesse movimento a pulsão contorna o *objeto a*. Percebemos Lacan enfatizar o movimento da pulsão indicado por Freud, inscrevendo-a no inconsciente enquanto manifestação da falta. Para o ele, a pulsão é da ordem do real, marcada pela descontinuidade e ausência de lógica racional. Antônio Quinet (2009), em entrevista concedida ao Centro Latino-americano em Sexualidade e Direitos Humanos, do Instituto de Medicina Social da UERJ, se refere aos elementos descontínuos da pulsão em sua montagem, da seguinte forma:

Freud elaborou o conceito de pulsão, para tratar justamente da “força” do “impulso” sexual. A pulsão sexual – a *Trieb* freudiana, infelizmente

designada como “instinto” na tradução brasileira – se distingue do instinto sexual próprio do animal, pois ela é determinada pelo inconsciente. O “representante da pulsão” é uma “energia” que Freud designa de “libido”, que é da ordem do prazer, do desejo e do gozo. Essa pulsão está além, ou a despeito, como se diz, de qualquer classificação. Ao contrário, é ela que vai qualificar esta ou aquela atividade erótica: a pulsão oral, anal, escópica, etc., constituem a sexualidade, independentemente do sexo do parceiro. No sexo, o que interessa à pulsão sexual é a satisfação da zona erógena (a boca, o ânus, os genitais, mamilos, etc.). O parceiro do sexo é um objeto que, “na cama”, o sujeito recorta do corpo do outro. E isso independe do gênero dos parceiros sexuais. A pulsão é sempre parcial. E o coito genital não é absolutamente uma exigência da sexualidade, nem uma suposta “maturidade” da pulsão; e muito menos uma norma. A psicanálise se opõe à pedagogia do desejo, pois esta é uma falácia. Não se pode educar a pulsão sexual. Não se pode desviá-la para acomodá-la aos ideais da sociedade. A pulsão segue os caminhos traçados pelo inconsciente, que é individual e singular. (QUINET, 2009).

Marie Hélène Brousse (1995, p.128), no livro *Para ler o seminário 11*, escreve que a pulsão “é uma montagem precisamente porque não é determinada por uma força momentânea, um objeto inato, um alvo na sua finalidade, ou consumo”. Podemos perceber quão paradoxal é a satisfação pulsional justamente porque se trata de uma montagem de elementos descontínuos, noção essa introduzida pelo ensino lacaniano.

A reflexão lacaniana do conceito de pulsão leva a uma articulação com o do inconsciente. Afinal, o que tem o analista senão a experiência posta em fala. Na lição “Desmontagem da pulsão”, o autor diz que para conhecer o inconsciente o conceito de pulsão é imprescindível. No mesmo tom, Lacan afirma que o recalque, se ele existe, é porque existe algo além que impulsiona.

Não há nenhuma necessidade de ir muito longe numa análise de adulto, basta ser alguém que pratica com crianças para conhecer esse elemento que constitui o peso clínico de cada um dos casos que temos que manipular e que se chama pulsão. Parece então haver aqui referência a um dado último, ao arcaico, ao primordial. Tal recurso, ao qual meu ensino os convida, para compreender o inconsciente, a renunciar, parece aqui inevitável (LACAN, 1964, p.154).

O comentário feito por Coutinho Jorge (2003, p.28) é esclarecedor ao assinalar que “a estrutura de hiância que está no cerne da pulsão se conforma com a estrutura de falta que constitui o núcleo do inconsciente”. A região comum ao inconsciente e a pulsão é por Lacan denominada de real. O real se manifesta no inconsciente pela falta de um significante no campo do Outro e, sob a égide da pulsão, constitui o objeto *a*. “O inconsciente é um conceito e a pulsão outro, mas ambos têm uma região de intersecção que diz respeito a este núcleo de real.” (Idem).

Com uma frase lapidar, Lacan afirma que toda pulsão é pulsão de morte. O que isso significa? Começemos pelo entendimento de *das Ding*. Para Freud, a Coisa, como é traduzida a expressão alemã, é o objeto que daria satisfação à pulsão. É algo cuja existência é suposta e desejada pelo psiquismo. Para ilustrar melhor a importância da noção de *das Ding*, transcrevemos aqui as palavras de Coutinho Jorge:

Em todas as elaborações de Freud sobre a pulsão, o que fica mais evidente é o fato de que a pulsão é imperiosa, ela jamais renuncia a obter a satisfação que almeja, é imperiosa, é de uma exigência radical. É a isso que Freud chama de força constante. Uma força constante numa certa direção, direção rumo à satisfação. Satisfação que, no entanto, é impossível de ser obtida, diz Freud. Há um impossível de ser satisfeito aí porque o objeto que daria a satisfação à pulsão, o que Freud chama de *das Ding*, a Coisa, não existe. (COUTINHO JORGE, 2003, p.26).

A elucidação feita por Coutinho Jorge marca que não se trata de *uma* coisa, mas *a* Coisa, que não existe, e que, ao mesmo tempo, constitui o vetor da pulsão. É justamente porque *das Ding* não existe que a pulsão é força constante, no sentido de obtenção interminável de algo que não existe. Nesse movimento, a pulsão se satisfaz apenas parcialmente com os objetos que lhe são apresentados. O que a pulsão quer é *das Ding*, mas o que ela recebe é o *objeto a*. O movimento incansável da pulsão é no sentido da obtenção da satisfação plena, impossível de ser obtida, já que a Coisa não existe. Isso que no humano insiste num movimento irreduzível é a pulsão de morte. “Tudo o que fazemos são tentativas de dar, para essa pulsão, uma certa satisfação, mas não podemos

lhe proporcionar o que ela nos pede.” (Coutinho Jorge, *idem*). Para Freud, o que a pulsão pede, em última análise, é a morte, no sentido da eliminação absoluta de todas as tensões. Gozo é o nome atribuído por Lacan à morte introduzida por Freud. O que Lacan considera empuxo-ao-gozo é a tendência rumo ao Nirvana postulada por Freud, onde inexistiriam tensões; ou seja, a morte. Mais adiante, o leitor encontrará itens distintos que objetivam uma análise mais profunda sobre *das Ding* e sobre o gozo.

Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise (1964) apresenta o sujeito do inconsciente como tropeço, como efeito da falha e descontinuidade na cadeia significante. Apresenta também a transferência como resistência, na medida em que ela configura aquilo que vem interromper a comunicação inconsciente. Lacan é contundente ao afirmar que “o inconsciente, são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala” e, por isso, é estruturado como uma linguagem (p.142). Demanda do Outro e demanda ao Outro estão implicados nos efeitos da fala sobre o sujeito. Na lição “A sexualidade nos desfiles do significante” (1964), Lacan afirma que “a transferência é a atualização da realidade do inconsciente”, e que essa realidade é sexual (*Idem*). A vinculação estabelecida por Lacan entre realidade inconsciente e transferência com o sexual coloca em cena a dimensão pulsional. Lacan aproxima a libido do desejo e assevera que a libido é a presença constante do desejo.

Ainda no Seminário *Os quatro conceitos*, Lacan questiona a relação entre pulsão e registro orgânico. Saliencia ser um erro qualquer aproximação entre tais registros. Com todas as letras, ele afirma que a noção freudiana acerca da pulsão vai contra isso. Nesse seminário, Lacan aborda a pulsão pelo eixo simbólico e formula que “em relação à instância da sexualidade, todos os sujeitos estão em igualdade, desde a criança até o adulto, [...] que a sexualidade só se realiza pela operação das pulsões, no que elas são pulsões parciais, parciais em relação à finalidade biológica da sexualidade” (1964, p.167).

Na lição “Amor à libido” do *Seminário II* (1964), Lacan aborda os vínculos estabelecidos entre o sujeito e o inconsciente. O sujeito se constitui a partir do campo do Outro, que o antecede. Lacan afirma que o sujeito é dividido não somente pelo significante do Outro, mas também pela pulsão. O sujeito nasce onde, no campo do Outro, surge o significante. Antes, não era nada senão um sujeito por vir – que se

coagula em significante (1964, p.187). O significante é, pois, o que representa um sujeito para outro significante. O Outro é o lugar do tesouro dos significantes. Do Outro sai tudo o que comanda o sujeito. No inconsciente, esse sujeito não pode ser situado como homem ou mulher, pois seu lugar sexual dependerá do posicionamento escolhido frente ao significante do falo.

Sobre a libido, Lacan afirma que:

[...] a libido não é algo fugaz, de fluido, ela não se reparte, nem se acumula, como um magnetismo, nos centros de focalização que lhe oferece o sujeito, a libido deve ser concebida como um órgão, nos dois sentidos do termo, órgão-parte do organismo e órgão instrumento (LACAN, 1964, 177).

Ainda afirma a propósito da libido:

É a libido, enquanto puro instinto de vida, quer dizer, de vida imortal, de vida irrepreensível, de vida que não precisa, ela de nenhum órgão, de vida simplificada e indestrutível. É o que é justamente subtraído ao ser vivo pelo fato de ele ser submetido ao ciclo da reprodução sexuada (LACAN, 1964, p. 186).

A libido é o que diferencia a sexualidade humana dos ciclos biológicos. A leitura da libido freudiana por Lacan acompanha vai de par à importância dada ao sexual, onde se articula o corpo e a pulsão, a partir do simbólico, através da demanda do Outro.

Já em 1960, em *Posição do inconsciente*, Lacan aproxima a libido do conceito de pulsão de morte:

O sujeito falante tem o privilégio de revelar o sentimento mortífero desse órgão e, através disso, sua relação com a sexualidade. Isso porque o significante como tal, barrando por intenção primeira o sujeito, nele fez

penetrar o sentido da morte. (A letra mata, mas ficamos sabendo disso pela própria letra). Por isso é que toda pulsão é virtualmente pulsão de morte (LACAN, 1960, p.862-863).

“Toda pulsão é virtualmente pulsão de morte” (Ibid., p.863). Toda pulsão é pulsão de morte porque em direção a *das Ding* que a pulsão ruma. Ela é pulsão de morte por tentar em compulsivas repetições eliminar as tensões decorrentes da falta. Lacan justifica sua posição assegurando que a pulsão sexual, ao se articular com o significante no inconsciente, o que ela faz surgir é a morte. Para o autor, a ordem simbólica é estruturada pelo significante. O significante implica a morte da coisa, ou seja, o simbólico está sempre associado à morte. “A letra mata [...]”, diz o Lacan. Vê-se que o modelo de que “toda pulsão é virtualmente pulsão de morte” é a consequência lógica da tomada da pulsão a partir do simbólico e esse trazer em si a morte. Ao relacionar a libido com o significante e a morte, Lacan aproxima a libido da pulsão de morte.

Daí vocês compreendem que – pela mesma razão que faz com que seja pelo logro que o vivo sexuado seja induzido à sua realização sexual – a pulsão, a pulsão parcial, é fundamentalmente pulsão de morte, e representa em si mesma a parte da morte no vivo sexuado (LACAN, 1964, p.195).

Em 1938, no *Esboço de psicanálise*, o criador da psicanálise afirma que não existe um termo análogo para descrever a energia da pulsão de morte. Em Lacan, libido é um nome para a pulsão de morte.

4.3. Sobre *das Ding*

A proposta lacaniana da ética da psicanálise vai falar dos termos que Freud usou para tratar da moral e da ética. Freud recusava a ideia da ética enquanto ordem universal e dirigiu críticas ao sistema proposto pela filosofia por não acreditar na capacidade

humana de distinguir o bem do mal, e tampouco crer que os juízos éticos fundavam-se na razão, mas em desejos de felicidade.

Os postulados freudianos assentam-se na descoberta do inconsciente, das leis que o regem e que permitem compreender a função do desejo e de seu motor. As diferenças comportamentais passam a ser entendidas e relativizadas, possibilitando o redimensionamento das convenções sociais, dadas as diferenças entre os sujeitos.

A crítica freudiana à moralidade é feita de forma veemente, uma vez que as normas e regras criadas pelos homens constituem poderosa fonte de sofrimento. O cenário social é configurado pelo conflito entre as exigências pulsionais e a moralidade de cada tempo, comparecendo a neurose como protagonista inevitável. O desenvolvimento teórico da psicanálise revela que não é somente a moral que impede a satisfação pulsional. Há algo na pulsão, nela mesma, da ordem do inconquistável, que nega satisfação completa. Algo sem chances de realização; algo que não se satisfaz.

No *Projeto para uma psicologia científica* (1895), Freud elabora uma arqueologia da moral. No capítulo intitulado “Experiência de satisfação”, o autor vincula a satisfação pulsional à relação do sujeito com o próximo, assinalando que é através do outro que se dá a primeira apreensão da realidade para o indivíduo. Nos termos de Freud: um outro ser humano [...] semelhante foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto satisfatório, o primeiro objeto hostil e também sua única fonte auxiliar. É por esse motivo que é em seus semelhantes que o ser humano aprende a (re)conhecer (Freud, 1895, *ESB*, p.430).

A experiência de satisfação é marcada pelo desamparo original. Essa experiência depende do semelhante e compreende um período em que o pequeno *infans* não dispõe da capacidade de sozinho empreender uma ação específica que garanta as exigências pulsionais, e sua sobrevivência. Ele está na dependência das ações necessárias e feitas pelo outro, as quais reduzirão suas tensões. O ser humano está marcado pela relação primeira com o próximo. A respeito dessa condição de dependência inicial e indelével, Dóris Rinaldi escreve:

O desamparo inicial dos seres humanos é a fonte de todos os motivos morais – assinala Freud em 1895. A alteridade se institui na formação subjetiva do sujeito, não se restringindo à presença do outro que livra da angústia mortífera, mas por indicar algo de uma radicalidade maior e além – que essa presença encobre e desvela (RINALDI, 1996, pag. 47).

O próximo, *Nebenmensch*, é fonte de auxílio e hostilidade, e está no cerne das marcas primevas. É por ele que o ser humano aprende a discernir, fato que justifica a assertiva freudiana sobre a origem da moralidade. Freud se refere a algo não assimilável na experiência – *das Ding* -, e a algo conhecido pelo eu derivado de sua própria experiência.

[...] o complexo do próximo se divide em duas partes, das quais uma dá a impressão de ser uma estrutura que persiste como uma coisa, enquanto que a outra pode ser compreendida por meio da atividade de memória – isto é, pode ser reduzida a uma informação sobre o corpo (do sujeito). Essa descrição de um complexo perceptivo se chama (re)conhecê-lo, implica num juízo e chega a seu término uma vez atingido este último fim (FREUD, 1895, Apud RINALDI, 1996, P.48).

Para Rinaldi (1996), o que resiste como uma coisa é aquilo que escapa ao juízo, jamais sendo reconhecido em sua totalidade – portanto, algo estranho e hostil. O reconhecimento do objeto é parcial porque o objeto de satisfação é perdido. Devido a essa condição, todo encontro passa a ser um reencontro precário.

A relação com o semelhante está marcada pela ambivalência, uma vez que nele estão combinadas a identidade e a separação. “Na busca do objeto do desejo, o sujeito encontra esse outro que ‘pode servir’, mas que remete sempre a esse Outro enigmático” (Rinaldi, 1996, p.48). Nas cartas de Freud à Fliess, já poemos ler uma alusão magistral ao *Nebenmensch*, a esse Outro enigmático: “Todos os ataques de tonteira e acessos de choro visam a uma outra pessoa – mas, basicamente, visam àquela outra pessoa pré-histórica e inesquecível, que jamais é igualada por ninguém posteriormente” (Masson,

1986, p. 213). A Coisa comanda o desejo do sujeito e essa é a perspectiva adotada por Lacan ao propor uma ética da psicanálise.

No *Seminário 7* (1959-60), Lacan formula que o Real não é acessível imediatamente (p. 31), asseverando que o seu sentido está nas entrelinhas do percurso trilhado por Freud. A apropriação desse percurso requer o entendimento da oposição inicial entre princípio de realidade e princípio de prazer. Essa oposição constitui o ponto de partida de Freud, “através de uma série de vacilações” (Lacan, 1959-60, p.31), até além do princípio de prazer. Freud coloca para além do princípio de prazer alguma coisa a respeito da qual cabe ao analista interrogar em que ela pode consistir em relação à oposição inicial citada. “Além” revela um ponto de obscuridade indicativa daquilo que se nomeia por pulsão de morte. Lei para além de toda lei, estrutura final – esses são os termos que Lacan reserva para a pulsão de morte.

No pareamento do princípio de prazer com o princípio de realidade, o princípio de realidade poderia aparecer como um prolongamento, uma aplicação do princípio de prazer. Mas, opostamente, essa oposição, dependente e reduzida parece fazer surgir mais além alguma coisa que governa, no sentido mais amplo, o conjunto de nossa relação com o mundo (LACAN, 1959-60, p. 31).

O que governa? – eis a questão que resulta. Ele afirma que se trata de um “reachado”, o que diz respeito ao que está além do princípio de prazer. Ideia que corrobora a hipótese de que todo encontro é, na verdade, um reencontro de algo perdido, nomeado de *das Ding*.

Ao introduzir considerações sobre *das Ding*, Lacan discorre sobre o que se coloca sob o termo realidade e de que verdade se trata. Essa realidade, diz ele, “estamos na via de sua busca” (Lacan, 1959-60, p.31). Busca que nos arrasta para um campo: o da realidade psíquica. Sobre a realidade psíquica pondera: “um lugar bem diferente de algo que possa expressar-se por uma categoria de conjunto” (Ibidem).

Mas que função desempenha o termo realidade no pensamento freudiano? – questão que Lacan se empenha em explicar. Seus passos iniciais são marcados pelo

diálogo com Aristóteles, considerado por Lacan como o filósofo que mais escreveu sobre ética antes dos analistas. A lógica aristotélica implica numa ordem e na adequação do sujeito a essa ordem. A ordem apresentada por Aristóteles é tratada como ciência, episteme não contestada que define um *ethos* – a norma de um certo caráter. Aristóteles defende que o homem é um ser que se habitua: esse é o *ethos* – afirma Lacan (Ibidem). Trata-se de uma ordem que converge e se unifica num conhecimento universal, desembocando a ética numa política, numa ordem cósmica, num Bem Supremo. O discurso de Aristóteles presume que a ética pode ser ensinada através do que é designado pelo filósofo por *ortho logos* – o discurso reto, o discurso conforme que veicula a regra da ação que os termos *ortho logos* carregam: caráter moral, costumes, hábitos e crenças que definem um povo.

Ocorre que Lacan indaga “como é que no sujeito os pendores dirigem-se para outro lugar?” (Lacan, 1959-60, p.32). O que dizer da intemperança presente no homem? Para ele, “a ação moral nos coloca problemas precisamente nisto que, se a análise talvez nos prepare para ela, no fim das contas, nos deixa à sua porta” (Ibidem). Palavras indicativas do que vem a ser a realidade psíquica defendida por Freud e a ética proposta pela psicanálise.

No seminário da ética (1959-60) Lacan deixa claro que não falará da moral, mas da ética da psicanálise. Uma ética que comporta o apagamento ou mesmo a ausência de uma dimensão que separa a proposta psicanalítica de toda dimensão ética anterior ao surgimento da psicanálise.

[...] a articulação da análise inscreve-se em termos totalmente diferentes – os traumas e sua persistência. Certamente a atomizar esse trauma, essa impressão, essa marca, mas a essência mesma do inconsciente inscreve-se num outro registro, diferente daquele que o próprio Aristóteles, na *Ética*, ressalta com um jogo de palavras, *ethos/ethos* (LACAN, 1959-60, p. 21-22).

A verdade de que se trata é uma verdade particular. Uma verdade que se apresenta para o sujeito em sua especificidade íntima, singular, “com um caráter de

Wunsch imperioso” (Ibidem, p.35). A melhor qualidade desse *Wunsch* imperioso é a mesma que define os comportamentos bestiais apontados pelo filósofo.

Esse *Wunsch*, nós o encontramos, em seu caráter particular irreduzível, como uma modificação que não supõe outra normatização senão a de uma experiência de prazer ou de penar, mas uma experiência derradeira de onde ele jorra, e a partir da qual ele se conserva na profundidade do sujeito sob uma forma irreduzível. O *Wunsch* não tem o caráter de uma lei universal, mas, pelo contrário, da lei mais particular – mesmo que seja universal que essa particularidade se encontra em cada um dos seres humanos (LACAN, 1959-60, p. 35).

A realidade, *die Wirklichkeit*, da qual Freud se interroga está lá como numa despensa, onde há tudo o que ele precisa (Lacan, ibidem). Todavia, permanecemos à sua porta. “A experiência de Freud instaura-se a partir da busca da realidade de que há em alguma parte dentro dele mesmo, e é isso que constitui a originalidade de seu ponto de partida” – reconhece Lacan (Ibidem, p.37).

A posição do idealismo filosófico defende que a razão dá a medida da realidade. Essa posição é bem diferente da posição freudiana. Sobre o assunto, Lacan afirma que:

A realidade é precária. E é justamente na medida em que seu acesso é tão precário que os mandamentos que traçam sua via são tirânicos. Enquanto guias para o real, os sentimentos são enganadores. Não é de outra maneira que é expressada a intuição que anima toda a pesquisa de Freud sobre a abordagem do real. (LACAN, 1959-60, p. 43)

A realidade psíquica, no nível da objetivação de que trata Lacan no seminário sobre a ética (p.46), ou seja, no nível do objeto, tem aspectos conhecidos e desconhecidos estão em posições opostas. Assim diz Lacan: “É porque o que é conhecido não pode ser conhecido senão em palavras, que o que é desconhecido apresenta-se como tendo uma estrutura de linguagem” (Ibidem). Realidade veiculável

na cadeia significativa, fato que coloca a questão no nível do sujeito. Ao longo do seminário da ética, Lacan diz que *das Ding* aproveita as palavras, “acerta na mosca” (Ibidem).

Lacan ressalta que Freud desde sempre aborda a neurose na dimensão ética em que está situada, por perceber o campo próprio em que a ação humana se desenrola: “o que no-lo mostra é que o conflito se encontra aí em primeiro plano e que desde o início o conflito é, vamos dizê-lo, massivamente de ordem moral” (Ibidem, p. 49). A experiência moral é posta como central no problema tal como estão colocados em sua origem. Lacan indica o conflito presente em toda experiência moral, naquilo que dirige a experiência humana enquanto moral. Experiência que percorre um trilhamento, *Bahnung*, pressuposto por Freud desde *O projeto de 1895* em primeiro plano para o entendimento do funcionamento do processo primário.

O discurso freudiano trilha, no enunciado do problema ético, algo que, por sua articulação, permite-nos ir mais longe do que nunca se foi naquilo que é o essencial do problema moral. [...] é em torno do termo de realidade, do verdadeiro sentido dessa palavra, [...] que se situa a força da concepção de Freud (LACAN, 1959-60, p.50).

Perto dos quarenta anos Freud descobre a dimensão mesma da realidade, cujos aspectos estão apontados no *Projeto*. O tema do texto de 1895 gira em torno de como se constitui a realidade para o homem. Lacan defende que a evolução da metapsicologia freudiana reflete o problema ético e que a intuição inicial e central de Freud é de origem ética. No *Projeto*, Freud nos fala da *Bahnung* como a responsável pela origem da memória e do aparelho psíquico e também discorre sobre a experiência veiculada pela *Bahnung* enquanto via de continuidade, como uma cadeia. Para Lacan, a *Bahnung* não deve ser entendida como um efeito mecânico do hábito, pois não se trata de rememoração, mas, a partir da necessidade, de prazer na repetição. Desde Freud está posto que a experiência de satisfação, *Befriedigungserlebnis*, está suspensa ao Outro, àquele designado por Freud como *Nebenmensch*. Lacan assinala: “[...] é por intermédio

desse *Nebenmensch*, como sujeito falante, que tudo o que se refere aos processos de pensamento pode tomar forma na subjetividade do sujeito” (Ibidem, p.53).

Vimos que as funções do princípio de prazer e princípio de realidade estão vinculadas intimamente. O prazer se articula na economia psíquica com um ponto deixado vazio, enigmático, e apresenta uma relação com o que é realidade para o sujeito. Esse ponto enigmático constitui o principal aspecto da intuição freudiana, doravante designado de *das Ding*.

Vimos também que o objeto de satisfação está sempre para ser reencontrado. Satisfação que não deve ser confundida com o princípio de prazer. Freud afirma que é por uma ação específica que a satisfação é (re) encontrada. Lacan (1959-60) afirma que no bastidor dessa *Spezifische Aktion* há um grande sistema: o RSI. Encontramos assim o sentido da repetição, já que se trata de reencontrar o objeto perdido. É pela condição de perdido que sempre faltará alguma coisa no caminho da satisfação, que o sujeito está sempre na via de sua busca.

A propósito da experiência humana, Lacan (1959-60) salienta a distância que há entre o desejo e sua realização. Há algo sempre longe da satisfação e que nunca é abarcado pela ação específica. Sobre o assunto afirma: “Em relação a tudo o que o sujeito persegue, o que pode produzir-se no âmbito da descarga motora tem sempre um caráter reduzido” (p.56).

Im Anfang war das Ding – momento que, por ser a Coisa, não havia sujeito para julgá-la, assinala Nestor Braunstein (2007). Perdida a Coisa poderá haver um sujeito... no rastro da Coisa. Sujeito que é causado pelo objeto perdido. A Coisa, esse Outro a quem primeiro apela com um grito e depois com significantes articulados.

Das Ding é o que fica no sujeito como marca daquilo que nunca haverá. A “descarga” ficou vedada, viver-se-á na desilusão, dever-se-á pensar, discernir, estabelecer a diferença entre as duas coisas, todas e a Coisa, imperatriz intangível da vida anímica, objeto absoluto (BRAUSNTEIN, 2007, p. 38).

Mas, afinal, o que fica de *das Ding* para o sujeito? Nada. Nem representação, nem lembrança. Resta a ausência. Brausntein escreve que “o fundamento do ser jaz nessa diferença entre as representações possíveis e a coisa que desapareceu para sempre, deixando a reprodução do desencontro e da disparidade sobre as experiências da realidade” (Ibidem, p.39). Realidade que procede nos trilhamentos linguísticos, portanto remetida ao Outro da linguagem, cujo deciframento requer o transbordamento do ser pela linguagem. Para isso, há que alienar-se. Braunstein escreve: “a palavra é o rastro que corre atrás do barco, o sulco que não pode alcançar o arado que o causa” (Ibidem, p.40). Da Coisa só sabemos de seu rastro inscrito de forma irrecuperável. Palavra gravada no corpo simbolizado nos intercâmbios com o Outro. “Falar, pensar, passar pelos significantes da Lei; estes são os efeitos da falta de objeto que toma assim o lugar da Coisa” (Ibidem). Perde-se gozo ao entrar na linguagem, mas passa-se à condição de sujeito.

No seminário da ética, Lacan retoma a noção de Coisa a partir do *Projeto* (1895), designando-a como ponto inicial de organização do psiquismo. *Das Ding* está no centro do psiquismo e, paradoxalmente, lhe é exterior. É o objeto, estranho e alheio, em torno do qual o sujeito estrutura o seu caminho desejante. A Coisa é enquadrada por Lacan como a portadora do verdadeiro segredo, como aquilo que causa.

A Coisa, Outro absoluto, o real, situa-se em outro lugar, além da linguagem, fora do campo da representação. É por definição ausente – realidade muda que regula a trama significante. *Das Ding* está no bastidor da tendência humana a retornar em direção ao objeto: o reencontro assinalado por Freud no *Projeto*. Reencontro de algo que está irremediavelmente sempre a uma certa distância da Coisa. O caminho da repetição é imposto pela inexistência do objeto absoluto de desejo. A Coisa não é reencontrada, apenas suas “coordenadas de prazer” – assinala Lacan (Ibidem, p. 68). Fonte de todo o bem e de todo o mal, Lacan assevera que o ser humano não tem aparato psíquico para suportar o extremo bem ou o extremo mal – que é o que pode lhe proporcionar *das Ding* -, razão pela qual se mantém a uma certa distância da Coisa.

Lacan destaca que a primeira apreensão da realidade pelo sujeito ocorre naquilo nomeado por Freud de complexo do *Nebenmensch*: a realidade que tem uma relação mais íntima com o sujeito. No *Nebenmensch*, *Ding* é o elemento de natureza estranha, *Fremde*, que é isolado no complexo do próximo. Na busca da satisfação não se trata de

encontrar na percepção um objeto que corresponda ao representado, mas de reencontrá-lo, o que significa convencer-se de que o objeto continua presente (Lacan, 1959-60, p.67). A estranheza da Coisa é o ponto que norteia todo o encaminhamento do sujeito ao que Lacan nomeia de “mundo de seus desejos” (Idem). Afinal, o sujeito crê que alguma coisa encontra-se aí, perdida, e que servirá para atingir *das Ding*. “Evidentemente é claro que o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado”, afirma Lacan (Ibidem, p.68).

É em relação a *das Ding* que é feita a primeira escolha, a primeira orientação subjetiva, aquilo que Freud chamou de *Neurosenwahl*, a escolha da neurose. Toda a função do princípio de prazer será regulada pela escolha da neurose. Sobre isso, Lacan afirma que “é no mesmo lugar que vem-se organizar alguma coisa que é, ao mesmo tempo, o oposto, o avesso e o idêntico disso, e que, em última instância, substitui essa realidade muda que é *das Ding* – ou seja, a realidade que comanda, que ordena” (Ibidem, p.70).

Das Ding é o que se apresenta, e se isola abarcado pelo termo estranho, em torno do qual gira todo o movimento das representações. Identificada com a tendência a reencontrar, *Wiederzufinden*, que, de acordo com Freud, regula e orienta o movimento do sujeito em direção ao objeto. Esse objeto, trata-se de reencontrá-lo. Os caminhos em direção ao objeto são trilhados por *Vorstellungen* que se atraem umas às outras segundo leis da memória, sendo todo esse funcionamento regido pelo princípio de prazer. Ou seja, o princípio de prazer regula a busca objetual impondo-lhe caminhos que conservam a distância de *das Ding*. Ou seja, trata-se de uma busca que conserva uma distância em torno do qual ela gira. *Das Ding* dita suas leis, mas não regula os trilhamentos adotados. A escolha dos caminhos do reencontro desejado está sob a jurisprudentia do princípio de prazer, que lhe impõe rodeios e que, no final das contas, apenas reencontra a satisfação das necessidades da vida, *Not des Lebens* (Lacan, 1959-60, p.75). Ao longo do caminho, são encontradas apenas satisfações parciais vinculadas ao objeto.

O princípio de prazer governa a busca do objeto e lhe impõe esses rodeios que conservam sua distância em relação a seu fim. [...] A transferência de quantidade de *Vorstellung* em *Vorstellung* mantém a busca sempre a uma certa distância daquilo em torno do qual ela gira. O objeto a ser reencontrado

lhes dá sua lei invisível, mas por outro lado não é ele que regula seus trajetos (LACAN, 1959-60, p. 74-75).

Freud apreende as *Vorstellung* em seu caráter radical e as situa entre a percepção e a consciência, nível em que estão inseridos os processos de pensamento. Está em jogo o investimento das *Vorstellung*, bem como a estrutura na qual o inconsciente se organiza, ou seja, o significante.

No texto *O inconsciente* (1915), Freud aborda a *Vorstellung* como um elemento que se associa. Lacan afirma que “o mundo das *Vorstellung* [...] é organizado segundo as possibilidades do significante como tal” (Ibidem, p. 78), possibilidades abarcadas pela metáfora e pela metonímia. Freud não deixa dúvidas quanto ao que se trata por processos de pensamento: são palavras, são significantes. Só sabemos dos processos de pensamento quando falamos. Já Lacan assinala:

Só os conhecemos porque falamos do que nos ocorre, porque falamos disso em termos inevitáveis, dos quais estamos cientes, por outro lado, de sua indignidade, de seu vazio, de sua futilidade. É a partir do momento em que falamos de nossa vontade, ou de nosso entendimento, como de faculdades distintas que temos uma pré-consciência, e que somos capazes, com efeito, de articular num discurso algo desse palavrório pelo qual nos articulamos em nós mesmos, justificamo-nos, racionalizamos para nós mesmos, em tal ou tal circunstância, o encaminhamento do nosso desejo (LACAN, 1959-60, p.78).

Nada se sabe além do discurso, daquilo que é articulado em palavras. O discurso impõe como necessário algo a ser distinguido e decomposto da experiência íntima. Lacan (Idem) assinala que a representação deixa escapar a estrutura que se funda no nível das representações, as quais gravitam, permutam-se e modulam-se segundo as leis de funcionamento da cadeia significante. Distinguir tal articulação efetiva do discurso, no nível em que gravitam as *Vorstellung*, eis a proposta lacaniana no seminário da ética. Se a fala carrega enigmas, analista e analisando se enveredam por desvendá-los.

Lacan estabelece uma distinção entre *Sachvorstellungen* (representação de coisa) e *Wortvorstellungen* (representação de palavra). Em alemão, os termos *Sache* e *Ding* significam “coisa”, muito embora exista uma diferença quanto ao emprego linguístico desses termos. “*Die Sache ist das Wort des Dinges*” – a coisa é a palavra da Coisa. O que significa que há um enigma a ser desvendado pela fala, pois algo no discurso aponta para a Coisa. Os efeitos da Coisa estão presentes no discurso. Sobre isso, Lacan (Ibidem, p. 80) afirma que “é justamente na medida em que passamos para o discurso que *das Ding*, a Coisa, resolve-se em uma série de efeitos”.

No nível da representação, a Coisa não é nada e se distingue como ausente. Tudo o que se articula a partir da Coisa como bom e mau divide o sujeito de forma irremediável, sempre em relação à mesma Coisa (Lacan, Ibidem). “Não há bom ou mau objeto, há bom e mau e, em seguida, existe a Coisa” – afirma Lacan (Ibidem, p. 80). Bom e mau estão na ordem da *Vorstellung* e determinam a posição do sujeito em relação ao que nunca deixará de ser apenas representação. Ou seja, a busca de algo que está sempre a uma certa distância da Coisa. Algo que é regulado pela Coisa, mas essa, fica mais além.

4.4. A Lei fundamental e sua relação com *das Ding*

Com relação ao fundamento moral, Freud afirma a lei do incesto como a lei primordial, aquela que faz fronteira entre a natureza e a cultura. A lei do incesto revela o desejo essencial e a necessidade de sua interdição. Todos os desenvolvimentos culturais se dão a partir dessa lei fundamental.

O incesto filho-mãe deve ser interditado – essa é a defesa freudiana, posta como ponto fundamental de sua doutrina. A esse respeito, Lacan assinala:

O desejo pela mãe não poderia ser satisfeito pois ele é o fim, o término, a abolição do mundo inteiro da demanda, que é o que estrutura mais profundamente o inconsciente do homem. É na própria medida em que a função do princípio de prazer é fazer com que o homem busque sempre

aquilo que ele deve reencontrar, mas que não poderá atingir, que nesse ponto reside o essencial, esse móvel, essa relação que se chama a lei da interdição do incesto (LACAN, 1959-60, p.85).

A lei existe para manter o sujeito a certa distância de qualquer realização incestuosa, regulando a distância do sujeito a *das Ding*, sendo essa a condição da fala (Lacan, Ibidem, p.87).

Das Ding está colocada no âmago do mundo do sujeito, e em volta do mundo do inconsciente. *Das Ding* está no centro e, ao mesmo tempo, excluído, estabelecido como exterior. Esse Outro pré-histórico, impossível de esquecer, alheio e âmago do sujeito é aquilo que somente uma representação representa. “Trata-se daquilo que, no inconsciente, representa como signo a representação como função de apreensão – da maneira pela qual toda representação se representa uma vez que ela evoca o bem que *das Ding* traz consigo” (Lacan, Ibidem, p.90). Eis o que indica o termo *Vorstellungsrepräsentanz*.

Lacan menciona que é da Coisa que parte a primeira exigência de retorno a algo que retorna sempre ao mesmo lugar. Será a partir da formulação freudiana sobre *das Ding* que Lacan falará da ética. A esse respeito, afirma que:

Ela começa no momento em que o sujeito coloca a questão desse bem que buscara inconscientemente nas estruturas sociais – e onde, da mesma feita, foi levado a descobrir a ligação profunda pela qual o que se apresenta para ele como lei está estreitamente ligado à própria estrutura do desejo (LACAN, 1959-60, p. 94-95).

O que se apresenta como Lei é a lei do incesto que interdita o desejo. Nesse sentido, a Coisa comanda o desejo, sendo essa a perspectiva de Lacan ao propor uma ética. “Se ele não descobre imediatamente esse desejo final que a exploração freudiana descobriu com o nome de desejo do incesto, descobre o que articula sua conduta de uma maneira tal que o objeto de seu desejo seja, para ele, sempre mantido à distância”, assinala Lacan (Ibidem, p. 95).

Assim fica claro que é no complexo do próximo que está o fundamento da Coisa. Também fica entendida a impossibilidade de “amar o próximo como a ti mesmo”, que ordena o mandamento. Em relação ao próximo, o sujeito mantém uma distância que não é propriamente uma distância, mas algo da ordem de uma proximidade – uma distância íntima.

Rinaldi (1996, p.49) indica que na perspectiva freudiana o sujeito está condenado a essa forma radical de intersubjetividade, composta de aproximação e afastamento, a um só tempo. A origem da moralidade está, portanto, circunstanciada pelo *Nebenmensch* e remetida à experiência do desamparo primordial, na necessidade do outro para obtenção de satisfação. Sabemos que essa experiência de satisfação tem um caráter parcial. É na experiência primeva com o outro que se dão as primeiras marcas, a origem do laço social, instaurando-se, dessa maneira, a regulação moral.

Moustapha Safouan (2006), em sua análise do seminário *A ética da psicanálise*, salienta que o homem encontra sem alcançar o que busca, circunstância que permite definir o Real como o que se encontra no mesmo lugar. Nesse contexto, Lacan dialoga com Kant e com Sade por considerar que, com eles, a ética chegou ao ápice de reflexão. Lacan aproxima a noção kantiana de *Gute* (um bem) a *das Ding*. Nada corresponde a esse *Gute*, exceto a dor, aspecto não negligenciado por Kant. Para o filósofo, a lei moral se reduz à forma exclusiva da lei. Em Sade, observa-se a redução da lei ao objeto, configurado no direito ao gozo. Direito passível de uma formulação enquanto uma lei da natureza, igualmente universal, como em Kant. A esse respeito, Safouan (2006, p.115) escreve: “lei de um gozo que, por ser intolerável, também se inverte em dor”.

Lacan afirma que o sujeito não tem condições de suportar o prazer extremo, pois significaria o acesso à Coisa. Para além de um certo limite, o sujeito não põe em palavras o que é da ordem da fantasia.

Esboça-se a lei moral, presente de forma indelével na vida humana, pronta para ser transgredida, violada. Lacan se refere ao discurso de São Paulo sobre lei e pecado para esclarecer do que se trata, colocando a Coisa no lugar do pecado. Então, o autor indaga o seguinte:

É a Lei a Coisa? De modo algum. Mas eu não conheci a Coisa senão pela Lei. Porque não teria ideia da concupiscência se a Lei não dissesse – Não cobiçarás. Foi a Coisa, portanto, que aproveitando-se da ocasião que lhe foi dada pelo mandamento, excitou em mim todas as concupiscências; porque sem a Lei a Coisa estava morta. Quando eu estava sem a Lei, eu vivia; mas, sobrevivendo o mandamento, a Coisa recobrou vida, e eu morri. Assim o mandamento que me devia dar a vida, conduziu-me à morte. Porque a Coisa, aproveitando-se da ocasião do mandamento, seduziu-me, e por ele fez-me desejo de morte (LACAN, 1959-60, p. 103).

O ponto principal dos desenvolvimentos relativos à Coisa reside no fato do sentido, ou seja, no fato do significante não ter sentido próprio. Ele é como um vaso: um vazio a ser preenchido. Safouan (Ibidem, p.116) assinala que Lacan não diz de que fonte é retirado o conteúdo que preenche o vazio do vaso, porém escreve que tal conteúdo provém dos elementos imaginários da fantasia, ou seja, do próprio corpo. Concluímos que a Coisa é como o vazio de um vaso.

4.5. Lei e desejo

Na psicanálise, o desejo está articulado à Lei. No *seminário da ética* Lacan destaca a ligação existente entre o objeto proibido, a mãe, e *das Ding* – aquilo que falta e de onde são impulsionadas as representações do sujeito. Freud afirma a lei da interdição do incesto como a lei fundamental, aquela que possibilita o nascimento da civilização em oposição à natureza. Lacan nos diz:

Freud designa na interdição do incesto o princípio da lei primordial da qual todos os outros desenvolvimentos culturais são apenas as consequências e as ramificações – e, ao mesmo tempo, ele identifica o incesto como o desejo mais fundamental (LACAN, 1959-60, p. 84).

Há uma relação dialética entre Lei e Coisa, na medida em que um não existe sem o outro. Rinaldi (1996, p. 77) afirma que “a Lei não se identifica à Coisa, mas só se conhece a Coisa pela Lei”. O desejo que a Coisa suscita está, portanto, relacionado à Lei.

Para Lacan (1959-60, p.103), a Coisa é o correlato da fala em sua origem primitiva e, por isso mesmo, “esse *das Ding* estava já no início”. A Coisa é o que primeiro se separou de tudo o que o sujeito começou a nomear e articular, afirma Lacan (Ibidem). *Das Ding* é fundada pela fala e está na origem da Lei – Lei da palavra. Lei que não se reduz à proibição, posto que interdita, que impossibilita o desejo – que não pode ser satisfeito, pois remete ao fim, ao término, à abolição de toda demanda. Lacan (Ibidem, p. 85) afirma “é na medida mesma em que a função do princípio de prazer é fazer com que o homem procure sempre o que ele deve encontrar, mas que não poderia alcançar, é aí que reside o essencial, essa força, essa relação que se chama lei de interdição do incesto”.

Lacan marca a distância irreduzível entre o sujeito e o seu objeto de desejo. As leis ratificam essa distância proibindo o impossível. Velado pelo proibido jaz um Real impossível. A distância sustentada pela Lei é a condição da palavra, possibilitando o advento do sujeito e do desejo humano. A Lei introduz a questão do significante e de suas combinações sempre por referência ao impossível, ao Real – que retorna sempre ao mesmo lugar. Ao introduzir significantes, institui o simbólico, produzindo diferenças. Sabemos com Lacan que o significante é pura diferença e que tem a capacidade de múltiplas combinações. Assim, para a psicanálise o que há de universal é a Lei, o desejo e a diferença. Nesse contexto, Lacan diz que a Lei é marcada pelo caráter de impossibilidade.

O objetivo ético da análise é o deparar-se com o desejo. A Lei que constitui o desejo é a Lei da castração, inscrita na fala. Em Freud, a mãe aparece como proibida, de acordo com o mito de Édipo. Em Lacan, a mãe não é proibida, mas impossível, sendo essa a castração encoberta pelo mito. Nesse sentido, o Bem, a Coisa, não existe. O pai que se fala na Lei é o pai morto, função simbólica, o Nome-do-Pai para Lacan. A Lei em Lacan tem o sentido de impossibilidade, diferentemente do sentido proibitivo verificado em Freud.

Safouan (2006) afirma que a lei moral faz fronteira com a Coisa. No seminário da ética, Lacan menciona os dez mandamentos, os quais têm a tarefa de manter o sujeito a uma certa distância da Coisa. Vimos que essa distância é condição para que subsista a fala. São leis da fala e, portanto, passíveis de violação. O homem viola os mandamentos o tempo todo, fato que revela a transgressão como um aspecto que está ligado à Lei. De acordo com Lacan (Ibidem), uma transgressão é necessária para ter acesso ao gozo. Assim sendo, a Lei serve de apoio ao gozo, mesmo que gozo parcial.

4.6. O problema da sublimação

Para tratar da sublimação se faz necessário buscar as indicações freudianas sobre o termo dispostas em algumas partes de sua obra, pois Freud não deixou uma teoria concisa sobre o assunto. Por outro lado, para abordar o problema da sublimação conforme analisado por Lacan é necessário trazer brevemente alguns assuntos abordados nessa pesquisa. Em *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60), Lacan retorna aos *Três Ensaio*s (1905), *Introdução ao narcisismo* (1914), *Conferências introdutórias*, *Mal-estar na civilização* (1930), dentre outros textos freudianos. A sublimação é encarada por Freud nos moldes em que concebe a sexualidade humana e trata-se de um desvio do sexual para o não sexual. A abordagem que se segue sobre a sublimação está referida ao conceito de pulsão, ao alvo e ao objeto da pulsão.

Vimos que o termo *Trieb* aparece pela primeira vez nos *Três ensaios*, em 1905. Todavia, a ideia abraçada por Freud sobre a pulsão consta desde o *Projeto* (1895), enquanto noção energética. Em 1895, Freud fala sobre o afluxo constante de energia que acomete o organismo humano, como fator propulsor de algo impossível de fugir.

Lacan afirma que Freud não se refere ao organismo em sua totalidade para examinar o que é da pulsão, mas àquela parte suportada pelo sistema nervoso, denominada de “Eu-real”. As moções pulsionais correspondem aos investimentos do eu, caracterizados pela constância. Tal constância delimita o que é próprio de *Trieb*, impedindo qualquer assimilação da pulsão a funções biológicas, que têm um ritmo.

Sobre o ritmo, este é necessário nos primórdios da constituição psíquica do sujeito, mas um ritmo não biológico, e sim aquele cadenciado pelo Outro. As rupturas e exigências do Outro ativam o circuito pulsional desiderativo, responsável, inclusive, pela alucinação⁹⁷.

Vimos que em 1915, em nota acrescentada aos *Três ensaios* (1905), Freud define a pulsão como o representante psíquico de uma fonte endossomática que flui constantemente, situando-a na fronteira do psíquico com o somático. A pulsão é ratificada como não tendo qualidade alguma, sendo apenas uma exigência de trabalho feita ao aparelho psíquico⁹⁸.

Pulsões e seus destinos (1915) é o texto onde Freud discute os quatro elementos da pulsão e onde ratifica a seguinte definição da pulsão:

[...] a pulsão nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico de estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida de exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo (FREUD, 1915, *ESB*, v.14, p.142; *AE*, v.14, p.117).

Com relação ao *Objekt*, Freud é categórico em afirmar que a pulsão é independente do objeto. O objeto é o elemento mais variável na pulsão, ele não está originariamente vinculado a ela e não determina a busca da satisfação pulsional.

Retomando os *Três ensaios* (1905), no texto Freud assinala que “essa satisfação deve ter sido vivenciada antes para que reste daí uma necessidade de repeti-la” (Freud, 1905, p. 173), asseverando que a natureza certamente foi inteligente em não permitir que tal “vivência” não fique entregue ao acaso (Ibidem). Com relação ao assunto, com

⁹⁷ Cf. LACAN, J. (1964) *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, p. 156-157.

⁹⁸ Cf. FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, *ESB*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, p.159.

Lacan entenderemos que em tal “vivência de satisfação” há sempre Outro que participa ativamente dessa experiência.

Em 1905, Freud, ainda que não nomeadamente, coloca a mãe como agente da função do Outro, pois ela trata a criança como um substituto de um objeto sexual, fato implicado no que é designado por Freud com o termo “sedução” – a influência do adulto sobre a criança. A relação do adulto com a criança apresenta prematuramente ao pequeno *infans* um objeto do qual a pulsão sexual não evidencia nenhuma necessidade nesse momento, posto que auto-erótica. Freud acredita que a variabilidade objetual é explicada pelo fato da pulsão ter, primordialmente, um alvo auto-erótico. Num segundo momento o adulto propicia que a pulsão possa ser desviada de seu alvo natural corporal rumo aos objetos externos. Dissemos que o Outro dá início ao circuito pulsional, de modo que não é possível o auto-erotismo *a priori*, a não ser que tomemos a definição lacaniana de auto-erotismo como o funcionamento dos objetos unicamente em relação com o prazer⁹⁹. O objeto que satisfaz a pulsão é precocemente oferecido pelo Outro e, no caso da experiência de satisfação, é o seio.

No jogo de trocas simbólicas, sucede do Outro a demanda das fezes, que assumem a forma de objeto sexual sob a forma de um “presente”, erogeneizando a região anal. A passagem da pulsão oral à pulsão anal está longe do que se supõe por processo de maturação, mas marcado de forma contundente pela demanda do Outro. É o que Lacan (1964, p.171) afirma: “não há nenhuma metamorfose natural da pulsão oral em pulsão anal”. Desde 1905, Freud escreve que a vida sexual infantil apresenta comportamentos que envolvem outras pessoas como objetos sexuais¹⁰⁰.

No seminário sobre a ética, Lacan sugere que o termo *Trieb* seja traduzido por “deriva”. “Essa deriva, para a qual toda a ação do princípio de prazer se motiva, dirige-nos para esse ponto mítico que foi articulado nos termos da relação de objeto” (Lacan, 1959-60, p.115).

Ainda sobre os elementos pulsionais, por fim, vimos que *Ziel* busca sempre a satisfação. Esta só pode ser alcançada na medida em que é suprimido o estímulo na

⁹⁹ Cf. LACAN, J (1964), p.227.

¹⁰⁰ Cf. FREUD, 1990/1905, p.180.

fonte da pulsão. Os caminhos escolhidos por *Ziel* conduzem a esse objetivo. Consta desde Freud que a pulsão só se faz conhecer na vida psíquica por suas metas, de modo que são pelas metas que se inferem, retroativamente, as fontes da pulsão.

Lacan adverte que a substituição, quase sem limites, que pode ser feita no nível do objeto e do alvo, marca, no nível da fonte da pulsão, um ponto limite, um ponto irreduzível. As zonas erógenas, afirma Lacan, podem ser consideradas como “genéricas e que se limitam a pontos eleitos, a pontos de hiância, a um número limitado de bocas na superfície do corpo, são pontos de onde Eros terá de extrair sua fonte” (Lacan, 1959-60, p.118). As zonas erógenas são qualificadas por sua estrutura de borda.

Em *O seminário, livro 7* (1959-60), Lacan destaca que as mais arcaicas aspirações da criança não são suscetíveis de satisfação e há sempre sonhos dessas formas primárias, nunca redutíveis ao primado da genitalidade, significando que os aspectos paradoxais, arcaicos e pré-genitais da libido já seriam produtos da atividade imaginária.

Nos *Três ensaios* (1905), Freud sugere o domínio de uma zona erógena sobre as demais, afirmando que, na puberdade, mudanças na vida sexual darão a configuração definitiva: a pulsão auto-erótica encontra o objeto sexual para o qual todas as pulsões convergem e fica estabelecido o primado da genitalidade. A meta sexual parece passar a ser a relação sexual genital.

Contudo, Lacan nos surpreende com o recorte que faz da “Conferência XXII” das *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1917), intitulada “Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia”, mostrando como o próprio Freud parece não estar totalmente convicto com a subordinação das pulsões ao primado genital.

E depois, devemos ter em mente que os impulsos instintuais sexuais [moções pulsionais sexuais], em particular, são extraordinariamente *plásticos*, se é que posso expressar-me dessa maneira. Um deles pode assumir o lugar do outro, um pode assumir a intensidade do outro; no caso de a realidade frustrar a satisfação de um deles, a satisfação do outro pode proporcionar compensação completa. Relacionam-se uns com os outros à semelhança de uma rede de

canais intercomunicantes cheios de líquido; e isto se processa assim, apesar de estarem eles sujeitos à primazia dos genitais – um estado de coisas que absolutamente não se combina com facilidade e um quadro único (FREUD, 1917, *ESB*, v.16, p. 403; *AE*, v.16, p.314).

Lacan critica o primado genital defendido por Freud com o objetivo de ressaltar que toda pulsão, inclusive a genital, se satisfaz parcialmente. Nesse momento, Lacan introduz a questão da sublimação:

Em suma, para começar o problema da *Sublimierung* [sublimação], a plasticidade dos instintos [instincts] deve ser primeiramente lembrada, devendo-se dizer em seguida que, por razões que desde então restam elucidar, nem toda sublimação é possível no indivíduo. No indivíduo [...] encontramos-nos diante de limites. Alguma coisa não pode ser sublimada, há uma exigência libidinal, a exigência de uma certa dose, de uma certa taxa de satisfação direta, sem o que resultam danos e perturbações graves (LACAN, 1959-60, p.116-117).

As considerações freudianas em torno da sublimação são estabelecidas pelo desvio das pulsões sexuais de seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados – definição presente em textos como *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna* (1908), *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910) e *Mal estar na civilização* (1930). Essa definição por si só já elucida questionamentos, uma vez que o criador da psicanálise aponta para a satisfação pulsional fora de seu alvo sexual, em um alvo cultural.

O acesso à genitalidade faz com que as excitações pulsionais gerem desprazer, e despertem moções reativas (pulsionais) contrárias, tais como o asco, a vergonha e a moral. Essas construções tão importantes para a vida civilizada se erguem às custas de renúncias pulsionais. As pulsões sexuais infantis são desviadas do uso sexual e dirigidas para outros fins. Diante disso, Freud circunscreve a sublimação como o desvio da

pulsão de sua meta sexual com orientação para outras metas¹⁰¹. Nesse contexto, a formação reativa passa a ser uma variedade da sublimação.

Para Lacan, o problema da sublimação em Freud apresenta uma contradição em sua formulação, pois o que se propõe como construção oposta à tendência libidinal não pode ser reduzido a uma satisfação direta. A pulsão é parcial, ratifica Lacan. O coletivo encontra satisfação nas produções individuais assimiladas pela cultura, mas em relação ao sujeito, a satisfação é mais complexa. Essa questão está problematizada em *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna* (1908). A ideia de que há limites à quantidade de libido que pode ser sublimada, sendo necessária uma dose de satisfação direta, está contida no texto de 1908.

A aproximação entre formação reativa e sublimação feita por Freud evoca uma aproximação da sublimação com o sintoma, tema abordado por Lacan da seguinte forma: se o sintoma em Freud é o retorno do recalcado, pela via da substituição significante, a sublimação deve se diferenciar do sintoma, se afastando, assim, da formação reativa ao eleger outro alvo que não envolve economia nessa substituição. Lacan afirma que é aí que a função significante assume sua importância, “pois é impossível, sem colocá-la em jogo, distinguir o retorno do recalcado da sublimação como modo de satisfação possível da pulsão” (Lacan, 1959-60, p.139).

Freud não escreveu em profundidade sobre como a pulsão encontra sua meta e satisfação longe da finalidade reprodutiva; recorreu à noção de uma libido dessexualizada para resolver o problema da sublimação, ou seja, uma libido capaz de satisfazer-se fora de seu alvo sexual¹⁰².

Lacan, no entanto, mostra que a sublimação revela exatamente a natureza de *Trieb*, “uma vez que ele não é puramente instinto, mas que tem uma relação com *das Ding* como tal, com a Coisa dado que ela é distinta do objeto” (Lacan, 1959-60, p.140). Com isso, Lacan nega a existência de um alvo natural para a pulsão, e defende que o que a pulsão quer é a satisfação, sem nunca alcançá-la completamente. A gênese da pulsão está ligada à *das Ding*, de modo que é possível pensar em uma satisfação que

¹⁰¹ C.f. FREUD, 1990/1905, p.167.

¹⁰² C.F. FREUD (1923), *O eu e o isso*, in “Escritos sobre psicologia do inconsciente”, v. 3, Imago, p. 41.

ultrapasse os limites de além do princípio do prazer, independente da forma e dos objetos que servirão para esse fim. Veremos em Lacan que o conceito de gozo será colocado no lugar da satisfação da pulsão.

Na ótica lacaniana, a sublimação subverte a existência de alvos naturais ou pré-determinados para a satisfação pulsional. Significa que a pulsão pode encontrar satisfação sem atingir o alvo sexual definido por Freud. A perspectiva lacaniana sobre a sublimação é derivada de acréscimos teóricos elaborados pelo autor relativos ao alvo e ao objeto da pulsão. Assim, ao evidenciar que as pulsões não são unificadas, mas parciais e fragmentadas, Lacan afirma que “seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (Lacan, 1964, p.170). *Aim* é o termo escolhido por Lacan para designar o trajeto, o caminho que a pulsão percorre para atingir seu propósito. *Goal*, termo igualmente derivado da língua inglesa, é elencado por Lacan para designar a meta da pulsão, ou seja, a consecução do alvo (Ibidem).

Vimos que a pulsão pode se satisfazer alucinatoriamente, prescindindo do objeto. Isso corrobora com a assertiva de que a pulsão não precisa de nenhum objeto para se satisfazer; por que nenhum objeto é capaz de satisfazer a pulsão. Lacan nos ensina que o objeto da pulsão é um objeto perdido (Ibidem, p.174). É o Outro que supõe a existência desses objetos, introduzindo na relação com a criança a dimensão imaginária.

Em 1914, no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud ressalta a importância do ideal parental na constituição psíquica do sujeito, afirmando que os pais revivem seu narcisismo perdido, gerando na criança a ilusão de onipotência através do adágio “sua majestade o bebê”¹⁰³. No pensamento de Lacan, a criança ao ocupar o lugar de depositário das aspirações paternas assume a forma dos objetos que preencheriam tais expectativas. Os objetos são precocemente oferecidos e demandados pelo Outro. A mãe oferece o seio, que supre a falta na primeira experiência de satisfação, e também demanda as fezes no período que é esperado o controle dos esfínteres. Ao oferecer o seio, a mãe demanda que o bebê se deixe alimentar; ao demandar as fezes, oferece em troca, seu amor.

¹⁰³ C.F. FREUD,S. (1914, p.110)

As formulações lacanianas acerca do objeto *a* – seio, fezes, olhar e voz – pressupõe que “o objeto é introduzido na medida em que ele é perpetuamente intercambiável com o amor que o sujeito tem de sua própria imagem” (Lacan, 1959-60, p.124). Essa imagem é forjada pelo Outro. De modo que a criança se identifica com os objetos intercambiados com o Outro, uma vez que seu corpo é investido narcisicamente pelos pais, e é o único objeto que a criança possui. Ao fazer vigorar a lógica simbólica, ainda que sem saber, a criança irá se deparar com eventos que interrompem esse funcionamento. Os furos do corpo se reencontram sempre com algo que falta – o vazio da Coisa, mas contorna imaginariamente, sob a forma de objeto *a*. Nos termos de Lacan, “este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importar que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo” (Lacan, 1964, p.170). O aspecto imaginário do objeto *a*, introduzido pela dimensão simbólica, não esgota seu caráter real. A satisfação só pode ser obtida contornando esse objeto.

Lacan destaca dois ensinamentos freudianos relativos à sublimação:

A primeira das quais é que ela tem uma certa relação *am Objekt* [...]. Em segundo lugar, quando articula a sublimação, Freud sublinha que, se ela tem uma relação com o objeto, é por intermédio de algo que ele explora no nível em que a introduz, e que ele chama de idealização, mas sublinhando que, em sua essência, ela está *mit dem Trieb*, com a pulsão (LACAN, 1968-69, p.209).

Em 1914, a ênfase da formulação freudiana sobre a sublimação recai sobre o afastamento e o desvio do que é sexual (p.112). A idealização seria um processo que ocorre com o objeto, através do qual ele é exaltado, sem sofrer alteração em sua natureza (Ibidem, p.113). A sublimação descreve algo que ocorre com a pulsão; a idealização, algo que ocorre com o objeto.

A leitura lacaniana acerca das formulações freudianas em torno da sublimação conclui que Freud pensa a sublimação como mudança de alvo, não de objeto. Todavia,

Lacan é contundente ao afirmar que é impossível desvincular o conceito de sublimação de sua relação com o objeto.

Desde 1905, Freud aproxima a supervalorização sexual do objeto à perversão, na medida em que ela não se restringe aos órgãos sexuais. Lacan aproxima idealização da sublimação e para o autor a sublimação/idealização excessiva do objeto é chamada de perversão. “Ora, é essa supervalorização sexual que não suporta bem a restrição do alvo sexual à união dos órgãos genitais propriamente ditos e que contribui para elevar as atividades ligadas a outras partes do corpo à condição de alvos sexuais” (Freud, 1905, p.142). Vemos o quanto Freud é elucidativo ao revelar as múltiplas possibilidades da pulsão. No fetichismo, Freud percebe a eleição de partes do corpo ou objetos como substitutos da meta sexual, explicitando, dessa maneira, a supervalorização sexual.

A aproximação entre perversão e sublimação não é tão evidente em Freud, mas comparece nas considerações lacanianas em torno do problema da sublimação. Tal aproximação revela uma modalidade de relação do desejo com o princípio de realidade. De acordo com Lacan, a sublimação implica uma idealização, um enaltecimento do objeto, já que esse objeto pode ocupar o lugar do desejo. A abordagem que Lacan procede do objeto caracterizará a diferença da sublimação em relação ao conceito de pulsão. É o que veremos a seguir.

No seminário da ética (1959-60), Lacan usa a palavra *tendance* para dizer o que é próprio da pulsão. Provavelmente, o entendimento de Lacan da pulsão como tendência visa salientar o aspecto de deriva da pulsão, de não finalidade em si, de não ter pé nem cabeça, e da inexistência de um alvo natural. De acordo com Roudinesco (1994), “tendência” era um termo comum na época de Lacan para o termo alemão *Regung*, hoje traduzido como “moção”, e que designa as moções pulsionais em sua parcialidade.

Lacan recorre ao *Mal estar na civilização* (1930) para explicar suas inquietações e amparar o uso do termo *tendance*. Em 1930, Freud mostra que a civilização é erigida e mantida à custa da renúncia pulsional, ou seja, de energia retirada da sexualidade, de tal modo que os homens devem renunciar a uma quota de satisfação sexual direta para executarem sublimações em direção a fins culturais mais elevados.

Freud reconhece os impasses enfrentados pelo homem civilizado quanto ao exercício cerceado da sexualidade e afirma que a civilização, ao negar ao sujeito a

satisfação ampla de sua sexualidade, o incita a outros caminhos. Em 1930, Freud lança mão do conto *The Apple-Tree*, escrito por John Galsworthy (1916) e afirma que “a vida das pessoas civilizadas de hoje não dá lugar para o amor natural e simples de dois seres humanos (Freud, 1930, p.61)¹⁰⁴. A partir da referência freudiana ao conto de Galsworthy, Lacan procede a uma comparação entre o amor cortês e a surpresa de Freud diante do conto *The Apple-Tree*. Lacan destaca que o amor cortês, marcado pela exaltação feminina e pelo estilo cristão de amar, marcou os séculos XI ao século XII, deixando marcas indeléveis na cultura. O culto do objeto idealizado age de forma determinante nos processos sublimatórios.

Em Lacan, na sublimação o objeto é inseparável de relações imaginárias e culturais. Ou seja, como a imaginação pode se situar no campo de *das Ding*. O autor afirma que é nesse sentido que as sublimações coletivas acontecem.

A sociedade encontra uma certa felicidade nas miragens que lhe fornecem moralistas, artistas, artesãos, fabricantes de vestidos ou de chapéus, os criadores de formas imaginárias. Mas não é apenas na sanção que ela confere a isso, ao se contentar, que devemos buscar o móvel da sublimação (LACAN, 1959-60, p.125-126).

Isso significa que os objetos da cultura têm estrutura narcísica, mas que diferem de *das Ding*. Lacan afirma que, “entre o objeto, tal como é estruturado pela relação narcísica, e *das Ding* há uma diferença, e é justamente na vertente dessa diferença que se situa, para nós, o problema da sublimação” (Lacan, 1959-60, p.124). Se o lugar de *das Ding* é impossível de ser preenchido por uma representação, o objeto que nos daria *das Ding* é, desde sempre, perdido. Só nos remeteremos ao objeto perdido a partir de outros objetos e relações significantes. Lacan sublinha que o fato do objeto ter sido perdido é uma consequência do fato de ter sido reencontrado. É por isso que a Coisa só

¹⁰⁴ No conto de Galsworthy o protagonista Frank Ashurst, recorda-se do amor à primeira vista que sentiu por uma donzela rústica e “fora da civilização”. Após uma tentativa de “civilizar” a donzela rústica mediante compra de roupas civilizadas para torná-la igual às outras mulheres, encontra-se com um amigo e conhece suas irmãs. Frank conhece Stella e, depois de três divertidos dias, retorna para Londres, desprezando a donzela rústica e casa-se com Stella.

pode ser representada por Outra coisa – que está inserida na cultura, portanto no campo do simbólico. A esse respeito, Lacan assinala que: “a Outra coisa é, essencialmente, a Coisa” (Ibidem). Os objetos capazes de representar a Coisa podem assumir diversas formas, como, por exemplo, o seio na experiência de satisfação primeva. Se qualquer objeto pode representar a Coisa e todos se colocam no registro simbólico, a sublimação apresenta uma especificidade na delimitação desse objeto. A sublimação põe em jogo o impossível e isso confere à pulsão de morte o seu verdadeiro estatuto. Enquanto o recalque diz ‘não’ à pulsão, a sublimação é uma forma de dizer ‘sim’.

No seminário da ética (1959-60), Lacan define a sublimação com referência à *das Ding*, sugerindo que sejam aproximados os mecanismos da histeria, da neurose obsessiva e da paranoia de três termos da sublimação. São eles, respectivamente: a arte, a religião e a ciência. Em 1913, no texto *Tótem e tabu*, Freud sugere a ideia abraçada por Lacan, explicitada na passagem destacada abaixo:

As neuroses, por um lado, apresentam pontos de concordância notáveis e de longo alcance com as grandes instituições sociais, a arte, a religião e a filosofia. Mas, por outro lado, parecem como se fossem distorções delas. Poder-se-ia sustentar que um caso de histeria é a caricatura de uma obra de arte, que uma neurose obsessiva é a caricatura de uma religião e que um delírio paranoico é a caricatura de um sistema filosófico (FREUD, 1913, *ESB*, v.13, p.95; *AE*, v.13, p78).

A Coisa só pode ser representada por Outra coisa, na medida em que é marcada pelo vazio. Precisamente por isso, Lacan afirma que todas as formas criadas pelo homem na tentativa de preencher esse vazio se tratam de sublimações. Lacan afirma que o vazio é determinante em toda forma de sublimação¹⁰⁵.

Para Lacan, a arte se caracteriza por um modo de organização em torno do vazio, tal qual a conduta histérica em relação à Coisa. A religião respeita esse vazio, de modo que o obsessivo faz o possível para evitar o objeto de seu desejo. As cerimônias religiosas e os atos obsessivos representam formas de contornar o objeto sem jamais

¹⁰⁵ C.F. LACAN, j. (1959-60), p. 162.

atingi-lo, com a condição de que o vazio permaneça no centro. Freud postula que as religiões impõem a renúncia à pulsão sexual, em troca de uma recompensa futura, a vida após a morte. Em Lacan, o discurso da ciência substitui a filosofia, e significa a rejeição da Coisa, uma vez que em sua perspectiva se impõe o ideal do saber absoluto. Lacan afirma que a Coisa é rejeitada no sentido mesmo da forclusão (Lacan, 1959-60, p.164). Assim, a descrença científica em relação à Coisa é homóloga àquela do paranoico que não acredita nesse primeiro estranho que se apresenta a ele.

Lacan assinala que na arte haveria o recalque da Coisa, na religião um deslocamento, e no discurso da ciência, forclusão. Depreende-se que a arte se organiza em torno vazio pela operação do recalque; a religião evita esse vazio, o teme ou o respeita, através do deslocamento; enquanto que a ciência nega a existência do vazio da Coisa através de um processo à semelhança da forclusão.

Lacan salienta que “nem a ciência nem a religião são aptas para salvar a Coisa, nem a nos dá-la, uma vez que o círculo encantado que dela nos separa é estabelecido por nossa relação com o significante” (Ibidem, p.168). Tal assertiva nos leva a pensar que a única relação com o significante que permite a explicitação da Coisa é a arte, pois ela além de manter o vazio no centro, cria um objeto passível de ser colocado nesse lugar.

Sobre a participação da fantasia no processo de sublimação, Lacan afirma que:

É na função imaginária [que devemos buscar o móvel da sublimação], muito especialmente, aquela a propósito da qual a simbolização da fantasia ($\$$ a) nos servirá, que é a forma na qual o desejo do sujeito se apoia. Nas formas especificadas historicamente, socialmente, os elementos *a*, elementos imaginários da fantasia, vêm recobrir, engodar o sujeito no ponto mesmo de *das Ding*. É aqui que faremos incidir a questão da sublimação (LACAN, 1959-60, p.126).

A posição de Lacan quanto ao que está em jogo na criação artística é o valor que ela galga no campo social. Ou seja, Lacan insiste na repercussão social da obra de arte e no fato da satisfação da coletividade. O reconhecimento social da obra de arte não

advém da identificação dos espectadores com as fantasias do artista, mas com algo que permanece enigmático e inassimilável na obra do artista. Esse é o ponto, para Lacan, em que fantasias são suscitadas, nem sempre prazerosas, e que guardam certa relação com outros prazeres, uma vez ligados à parcialidade das pulsões e também ao gozo. Esse ponto estranho tem relação com *das Ding*, e permanece também inexplicável para o artista. Desde Freud sabemos que a estranheza traz consigo a inquietação pulsante.

O texto *O estranho*, escrito por Freud em 1919, é iniciado com um recurso à estética:

Mas acontece ocasionalmente que ele [o psicanalista] tem de interessar-se por algum ramo particular daquele assunto [estética]; e esse ramo geralmente revela-se um campo bastante remoto, negligenciado na literatura especializada da estética. O tema ‘estranho’ é um ramo desse tipo (FREUD, 1919, *ESB*, v.17, p.275; *AE*, v.17, p.219).

Vimos que para chegar à definição de ‘estranho’ Freud procede a um exame linguístico da palavra *heimlich* e verifica que esse termo é idêntico a seu oposto *unheimlich*. Portanto *unheimlich* (estranho) é uma subespécie de *heimlich* (familiar). Freud estabelece uma ligação entre o estranho e a repetição, a partir das situações cotidianas em que um elemento se repete, concluídas por ele como algo de ordem fatídica e inescapável. Freud lança a hipótese de que isso que se repete na vida real pode ser reconhecido no inconsciente, em que há a predominância da compulsão à repetição. “Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima ‘compulsão à repetição’ é percebido como estranho” (Freud, 1919, *ESB*, p.298; *AE*, p.238). Segundo Freud, o estranho deriva de algo familiar que foi recalçado.

Ao criar, o artista surpreende o espectador com um efeito de estranhamento a partir das fantasias que cria em torno do objeto. O estranho da arte, ao universalizar fantasias que o sujeito acredita serem individuais, mostra ao artista que ele não é o único, desestabilizando o que ele acreditava ser definidor de sua identidade.

Enfim, o objeto de sublimação é um objeto construído com recursos imaginários, a partir do registro simbólico para explicitar uma falta real. Se o vazio é da ordem do real, a arte utiliza o imaginário para cumprir a função de organizar simbolicamente esse real. Nesse sentido, a arte comporta o furo da Coisa – o estranho familiar.

Vimos que arte, religião, ciência, ou seja, tudo que se vale do significante, se relaciona de alguma maneira com *das Ding*. A criação artística, no entanto, possui algo além do princípio do prazer, que vai ao encontro da Coisa, causando a sensação de estranheza. Tânia Rivera (2005, p.44) é bastante feliz na seguinte colocação: “na contemplação [da obra de arte] está, portanto em jogo, mais que o belo ou alguma satisfação pulsional, a apresentação de algo que abala, provoca, perturba”. O artista, ao compartilhar suas fantasias e criações não desvela o desconhecido, apenas o ilumina com outro foco.

Se a sublimação em Freud está ligada a alguma coisa que se satisfaz com a pulsão, Lacan se inquieta [e nos inquieta] perguntando “mas o que a pulsão encontraria para se satisfazer?”¹⁰⁶.

A arte é a produção humana mais capaz de evidenciar o vazio da Coisa, tendo em vista os objetos que são criados pelo homem. Lacan acredita que um objeto criado pela organização significante não necessariamente evita a Coisa, mas pode representá-la. Um paradoxo se impõe a Lacan, na medida em que o homem modela um significante capaz de representar o irrepresentável, *das Ding*. É justamente aí que o analista francês situa o problema da sublimação. Na tentativa de elucidá-la, Lacan recorre à função artística mais primitiva, a do oleiro.

Lacan aborda a função do criador mítico ao trabalho do oleiro. Ambos criam a partir do nada. Ao utilizar a metáfora do oleiro a propósito de Deus, Lacan se aproxima do pensamento taoísta, onde o vazio está no princípio, e é do vazio que advém o resto. Lacan afirma que o vaso é o primeiro significante modelado pela mão humana e nos permite afiançar a presença humana onde quer que o encontremos.

Para Lacan, a criação do significante ‘vaso’ – significante modelado – dá sentido a noção inteira da criação *ex nihilo*. “[...] a noção da criação *ex nihilo* é coextensiva da

¹⁰⁶ C.f. LACAN, 1968-69, p.215.

exata situação da Coisa como tal” (Lacan, 1959-60, p.154). Nessa perspectiva, o vaso é um objeto feito para representar a existência do vazio no centro do real, que é o lugar de *das Ding*. Esse vazio se apresenta como um nada. E a arte se organiza a partir desse vazio. O vazio é o modo por excelência de representação da Coisa, mas com ela não se confunde, porque ambos padecem de significantes capazes de representá-los. O vazio criado pelo vaso introduz a possibilidade de preenchê-lo. “É a partir desse significante modelado que é o vaso, que o vazio e o pleno entram como tais no mundo”, afirma Lacan (1959-60, p.152). Isso significa que o vaso só pode estar pleno se, primeiro, ele for vazio. O vaso é a significação que ele mesmo modela. A aparência de sua forma, mesmo vazio, possibilita no pensamento o conteúdo de sua significação. Lacan salienta que o pote está marcado em sua superfície por um significante. Segundo o analista francês, “nunca faltam, na superfície, as marcas do próprio significante” (Ibidem, p.86). Sua significação está no exterior, pois o que se encontra no interior é o significante. A significação produzida serve de mistério para encobrir o que acontece com a linguagem, com o significante, uma vez que, em essência, o significante não significa nada. A significação é feita para mascarar o que acontece com os verdadeiros efeitos de estrutura, os furos, tal qual a imagem antropomórfica mascara a função dos orifícios do corpo.

Lacan afirma a propósito do vaso que,

[...] o pote é feito para produzir esse furo, para que esse furo se produza. É o que ilustra o mito de Danaides. É nesse estado furado que o pote, depois de o ressuscitarmos de seu local de sepultura, vem imperar na estante do colecionador. Nesse momento de glória, acontece com ele o mesmo que acontece com Deus – é precisamente nessa glória que ele revela sua natureza (LACAN, 1968-69, p.15-16).

O vazio está no cerne da teorização lacaniana sobre a arte. É justamente o furo que garante ao vaso sua dignidade de Coisa.

4.6.1. O amor cortês

Para abordar os problemas da arte relativamente à sublimação, Lacan parte do amor cortês, pois, em sua análise, “é o que torna a dar eminentemente a primazia do âmbito da linguagem, onde só lidamos de veras, em todos os casos, com o significante. E é o que, na ordem das artes, confere sua primazia à poesia” (Lacan, 1959-60, p.170).

O amor cortês marca o período que se estende de meados do século XI até o início do século XIII. As questões religiosas e o Catarismo compõem o bastidor do surgimento do amor cortês na Europa. Naquele tempo, o homem medieval se dedicava à caça, aos saques e às guerras. A igreja soube tirar proveito do guerreiro daquela época, ao fazê-lo participar das Cruzadas como forma de provação de fé, controle de heresias e captação de novos fiéis. O nobre se torna um cavaleiro a serviço da igreja, de Deus. Sob tais circunstâncias, o homem não mais podia ser cruel e desonroso com as mulheres. A igreja instituiu um ritual de passagem do homem para a cavalaria ao abençoá-lo com o oitavo sacramento, chamado de ‘batismo do cavaleiro’. Nesse ritual, o homem era lembrado de seus deveres para com os pobres e para com as mulheres. Ordenados pela igreja, os cavaleiros passam mais tempo em seus castelos, dadas as restrições impostas pela igreja com relação às batalhas individuais. Assim, eles começam a dar mais festas e constroem castelos com o objetivo de melhorar suas moradias. Quando retornavam de Cruzadas longínquas traziam produtos e especiarias visando o conforto, adorno para suas mulheres – tudo isso objetivando o status social. Nesse contexto, surge o amor cortês – um amor que se passa nas cortes, e que não inclui a população feudal¹⁰⁷.

De acordo com o fenômeno do Catarismo, a relação entre um homem e uma mulher é algo pecaminoso, sejam eles casados ou não. O desprezo pelo casamento é conhecido como ‘heresia cátara’. Na perspectiva cátara, o mundo terrestre, a matéria, são em princípio maus e somente em Deus reside a bondade e o amor. A alma pertencente a Deus peca por estar presa a um corpo material e submetida às leis da procriação e da morte. As mulheres são vistas como as verdadeiras tentações carnis por estimularem os apetites corporais, sendo-lhes imposta a tarefa de se tornarem à semelhança da Virgem imaculada, símbolo da luz salvadora. Esse é o cenário de surgimento do amor cortês.

¹⁰⁷ Cf. LACAN, J. (1959-60, p.184).

Lacan escreve a propósito do que escrevem os romancistas acerca do período sob a influência do Catarismo:

Nada fornece uma explicação completamente satisfatória do sucesso dessa extraordinária moda, numa época que não era tão amena, nem policiada – peço-lhes o favor de acreditarem – pelo contrário. Acaba-se de sair da primeira feudalidade que se resumia, na prática, à dominação de costumes de bandidos sobre uma grande superfície geométrica, e eis aqui elaboradas as regras de uma relação do homem com a mulher que se apresenta com todas as características de um paradoxo estupefaciente (LACAN, 1959-60, p.157-158).

A mulher era o suporte de bens herdáveis e um símbolo de potência sexual, porém restrita à função de troca social. Não havia lugar para sua pessoa e liberdade própria, exceto no âmbito religioso.

Lacan afirma que tal contexto estimula e curiosidade do poeta cortês. Para Lacan é difícil de entender o que levou os homens a estabelecerem regras de relacionamento com a mulher que os afastavam da realização final do ato sexual, em uma época em que as relações sexuais não eram cercadas de mistérios, e não haviam meias palavras. Para Lacan, o amor cortês ilustra a sublimação em seu mais puro alcance (Ibidem, p.158). Na opinião do analista francês, no amor cortês regras de honestidade são articuladas “graças às quais foi possível produzir essa promoção do objeto” (Lacan, 1959-60, p.141). Tal contexto delineia o fazer do poeta impondo-lhe regras predeterminadas. Andreas Chappellanus, autor de *De arte Amandi*, é o poeta que mais se destaca quando se trata do amor cortês e escreveu sobre princípios que devem ser seguidos por um cavaleiro diante de uma dama. A obra de Chappellanus tem o mesmo título Ovídio, considerada como a influência prioritária sob o amor cortês por postular que o amor é uma arte que deve ser ensinada, cujo aperfeiçoamento é possibilitado na medida em que são estudadas suas leis.

O amor cortês teve sua importância na sociedade feudal aos moldes de um jogo social. Em seu aspecto mais trivial era comum consultar damas ilustres sobre questões

amorosas, tais como: a submissão aos mandamentos de uma dama; o papel da fortuna na escolha das partes; a superioridade do amor entre amantes, mais que o amor entre casados e a obrigação de uma dama conservar seu amor ao antigo amante.

O amor cortês é considerado um amor ilegítimo, já que promove a impossibilidade de amor real no casamento. Lacan considera o amor cortês de “escolástica do amor infeliz” (Ibidem, p.181). Nessa perspectiva, a ato sexual fica em segundo plano e tudo é dado com um caráter enigmático, aproximando-se o ato sexual de algo místico. O amor cortês é um amor intelectual, mais racional que emocional, que sabe a dama que deve amar, por ela ser a mais bela e mais rica. A dama é uma mulher ideal, invocada por um termo masculino, *Mi Dom*, Meu Senhor.

A criação da poesia cortês transforma a mulher em um objeto desumano, cruel, onde a dama jamais é qualificada por suas virtudes concretas. O objeto feminino é esvaziado de toda substância real. A mulher como objeto de desejo só existe sob a forma de significantes, e não em sua realidade material. Lacan assinala que “o ser ao qual o desejo se dirige nada mais é do que um ser de significante” (Lacan, 1959-60, p.262). Os trovadores parecem se dirigir a uma mesma pessoa, pois na poesia trovadoresca é possível identificar os mesmos sentimentos, a mesma temática. “O que nos interessa do ponto de vista da estrutura é que uma atividade de criação poética possa ter exercido uma influência determinante – secundariamente em seus prolongamentos históricos – nos costumes” (Lacan, Ibidem, p.185).

Os testemunhos existentes do amor cortês são acessíveis pela via da arte, o que faz dele um fenômeno que pode ser inserido no âmbito da estética. Lacan se apropria do amor cortês como uma forma de sublimação da arte, onde o poeta circunscreve o objeto de seu desejo como intangível, ilustrando o que ocorre no nível da relação do objeto com o desejo – que é o que está em questão no problema da sublimação: “aquilo que o homem demanda, em relação ao qual nada pode fazer senão demandar, é ser privado de alguma coisa de real” (Lacan, 1959-60, p.186).

Assim, o objeto feminino é chancelado sob o signo da privação, da inacessibilidade, tal qual *das Ding*. Vimos que o lugar da Coisa é marcado pela existência de um vazio impossível de ser preenchido. Os significantes servem ao

princípio do prazer e criam facilitações, novos caminhos, rodeios, obstáculos, os quais preservam o lugar de *das Ding*, como um vacúolo que não pode ser atingido.

O amor cortês é uma organização artificial do significante que fixam certas direções. A mulher é idealizada a partir de significantes requintados e previamente construídos, os quais afastam o homem de seu objeto de desejo, privando-o de algo real. Todavia, essa organização simbólica não impede a emergência do vazio de *das Ding*. A sublimação se caracteriza por esses rodeios os quais significam uma nova forma de lidar com o desejo, não mais em sua economia de substituição metonímica dos objetos, mas no tratamento do próprio objeto. Lacan conclui que “o objeto é aqui elevado à dignidade de Coisa” (Lacan, 1959-60, p.141). Ou seja, no amor cortês o objeto ‘dama’ tem o valor de representação da Coisa.

No seminário da ética (1959-60), Lacan relata um trecho do poema de Arnaud Daniel, o qual ilustra a potência da imaginação sublimatória. No poema, o objeto feminino faz emergir “o vazio de uma coisa que se revela ser a coisa, a sua, aquela que se encontra no âmago de si mesma em seu vazio mais cruel” (Lacan, 1959-60, p.200).

Visto que senhor Raimon – unido ao senhor Truc Malec – defende dama Ena e sua ordens, estarei velho e esbranquiçado antes de consentir em tais requisições, donde poderia resultar uma tão grande inconveniência. Pois, para “abocanhar essa trombeta”, ser-lhe-ia preciso um bico com o qual extrairia os grãos do “tubo”. E depois, ele bem poderia de lá sair cego, pois, forte é a fumaça que se desprende dessas pregas. Ser-lhe-ia bem preciso ter um bico e que esse bico fosse longo e agudo, pois a trombeta é rugosa, feia e peluda e nenhum dia se encontra seca e o brejo dentro é profundo: eis porque fermenta em cima a pez que dela sem cessar escapa, transbordando. E não convém que jamais seja um favorito aquele que ponha sua boca no tubo.

Haverá muitas e muitas outras provas, mais belas e que valerão mais, e senhor Bernart subtrair-se a esta, por Cristo, em nenhum instante agiu como covarde por ter sido acometido por medo e pavor. Pois, se o filete d’água tivesse vindo do alto sobre si teria inteiramente escaldado o pescoço e a bochecha, e não convém que uma dama beije aquele que tivesse tocado uma trombeta fedorenta (DANIEL, *apud* LACAN, 1959-60, p.199)

A análise que Lacan faz da poesia sobre a forma que a mulher pode adquirir sobre a forma de significante é a seguinte: “não sou nada mais [...] do que o vazio que há em minha cloaca” (Ibidem, p.263).

De acordo com Lacan, a mudança de objeto na sublimação não faz desaparecer o desejo sexual, mas possibilita que ele apareça como tal. É o que aparece no poema de Daniel, no qual as relações entre o cavaleiro e a dama fazem parte de um jogo sexual cru, indo às raias da escatologia. Lacan afirma que “nunca se fala tanto nos termos mais crus do amor do que quando uma pessoa é transformada numa função simbólica” (Ibidem, p. 186).

O amor cortês é um paradigma da sublimação por se tratar de uma construção significante que eleva um objeto à dignidade de Coisa, revelando o vazio da Coisa, do real.

Na concepção lacaniana da arte disposta no seminário da ética, o vazio está no centro. Para Lacan, a finalidade da arte nunca é a representação. Se a obra de arte imita (ou não) objetos é para extrair-lhes um sentido novo, irrepresentável. Segundo Lacan, “o objeto é instaurado numa certa relação com a Coisa que é feita simultaneamente para cingir, para presentificar e para ausentificar” (Lacan, 1959-60, p. 176). Isso significa que o objeto está relacionado ao vazio de *das Ding*.

4.6.2. Da imprescindível vicissitude pulsional

O problema da sublimação suscita questões. Uma vez que pra tratar da sublimação Freud usa o termo ‘desvio’, as considerações de Coutinho Jorge (2008) põe em discussão as relações entre pulsão, recalque orgânico e sublimação. O autor assinala que o termo ‘desvio’ está ligado à sublimação, tal qual o termo ‘afastar’ está ligado ao recalque. Em suas considerações afastar-se de algo implica mantê-lo no próprio horizonte como referência, ao passo desviar-se implica ir mais além (2008, p.51).

Outra hipótese defendida por Coutinho Jorge deriva da avaliação terminológica do termo ‘sublimar’, cujas acepções ligam-se à ideia de elevação, glorificação,

exaltação, ascensão, verticalidade¹⁰⁸. Com isso, o autor defende que o advento pulsional é correlato de uma plasticidade sexual. O autor estabelece uma relação entre a sublimação, a adoção da postura ereta pelo homem e a pulsão. A aquisição da verticalidade produziu o recalque orgânico, e simultaneamente algo que poderia ser denominado de sublimação primeva, originária.

Vimos que o advento da bipedia opera a passagem do instinto à pulsão. Bípede e plástico pulsionalmente, o homem exerce a sexualidade de forma perversa e polimorfa, pois sofre e opera desvios do fim sexual. Por essa via, Coutinho Jorge (2008) sustenta que a sublimação dá à pulsão seu verdadeiro estatuto. A pulsão encontra sempre uma saída para a satisfação, é o que se depreende. A propósito do assunto, o autor encontra em Freud a seguinte passagem:

A vida sexual de cada um de nós se estende ligeiramente – ora numa direção, ora noutra – além das estreitas linhas impostas como padrão de normalidade. As perversões não são bestiais nem degeneradas no sentido emocional da palavra. São desenvolvimentos de germes os quais se contêm, todos, na disposição sexual indiferenciada da criança e que, suprimidos ou desviados para objetivos assexuais mais elevados – “sublimados” – destinam-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais (FREUD, 1905[1901], *ESB*, v. 7, p.47-48, *AE*, v.7, p.142).

A citação apresenta o cerne da questão relativa à sublimação, ou seja, o desvio do fim sexual para objetivos assexuais.

Em 1905, Freud, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, ratifica o desvio da pulsão para fins não sexuais. No segundo dos ensaios, intitulado “As inibições sexuais”, o autor faz uma importante referência ao recalque orgânico:

É durante o período de latência total ou apenas parcial que se constroem as forças psíquicas que irão mais tarde impedir o curso da pulsão sexual e, como

¹⁰⁸ Cf. COUTINHO JORGE, 2008, p.150-151.

barreiras, restringir seu fluxo – a repugnância, os sentimentos de vergonha e as exigências dos ideais estéticos e morais. Tem-se das crianças civilizadas uma impressão de que a construção dessas barreiras é um produto da educação, e sem dúvida a educação tem muito a ver com ela. Mas, na realidade, este desenvolvimento é organicamente determinado e fixado pela hereditariedade, e pode ocasionalmente ocorrer sem qualquer auxílio da educação. A educação não estará indo além de seu domínio apropriado se ela se limitar a seguir as linhas que já foram traçadas organicamente e a imprimi-las um pouco mais clara e profundamente (FREUD, 1905, *AE*, v. 7, p.161; *ESB*, v. 7, p.181).

A citação freudiana destacada por Coutinho Jorge (2008, p.152) faz referência ao recalque da pulsão sexual, nomeado por Freud de recalque orgânico. Os efeitos da civilização e da educação têm seus desenvolvimentos cujas linhas foram traçadas organicamente.

Ainda no segundo dos três ensaios, Freud afirma que o processo de sublimação se inicia no período de latência sexual da infância. Durante esse período a criança tem sua libido desviada para outros fins, tarefa que se encarrega a educação e as normas morais de cada época. Por desviarem de zonas erógenas, as pulsões sexuais despertam desprazer e produzem forças psíquicas opostas. Formações reativas são produzidas com objetivos de suprimir tal desprazer. Daí a construção de barreiras ao exercício da sexualidade que se expressam na repugnância, vergonha, nojo, etc.

Ao final dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud postula que a sublimação é uma das possibilidades que a construção sexual pode assumir a partir do que há de perverso e polimorfo na criança. Além da sublimação, Freud assinala que as duas outras possibilidades são o recalque e a perversão. Coutinho Jorge (2008, p.154) faz as seguintes considerações:

O recalque lida com a satisfação sexual no nível do proibido, ao passo que, no caso da sublimação, o sujeito abandona a referência à satisfação sexual direta e lida com ela em sua dimensão de impossível. Assim, o impossível da satisfação, em jogo na pulsão, encontra na sublimação sua possibilidade de manifestação plena, pois a sublimação revela a estrutura do desejo humano

enquanto tal, ao revelar que, para além de todo e qualquer objeto sexual, se esconde o vazio da Coisa, do objeto enquanto radicalmente perdido (COUTINHO JORGE, 2008, p.154-155).

O recalque e a sublimação constituem os dois pólos extremos das vicissitudes pulsionais. Ambos representam as duas maneiras de evitação da satisfação pulsional direta. O recalque lida com a satisfação sexual no nível do proibido, e a sublimação no nível do impossível.

O impossível em jogo na satisfação pulsional é manifestado na sublimação, pois “a sublimação revela a estrutura do desejo enquanto tal” (Idem). Isso quer dizer que a sublimação evidencia que para além do objeto sexual se esconde o vazio de *das Ding*. Coutinho Jorge põe em questão se “a sublimação não restitui à pulsão seu verdadeiro estatuto de pulsão de morte?” (Idem). O autor responde que, enquanto o recalque é uma forma de dizer ‘não’ à pulsão, a sublimação é a forma de dizer ‘sim’, pois sua estrutura está ligada à dimensão do impossível. A sublimação enquanto ato de criação de um objeto representável, visa o irrepresentável. Ousamos aqui, lançar como questão se a sublimação não mereceria o estatuto de ‘a’ vicissitude pulsional por excelência.

4.7. Breves considerações sobre o gozo

Ao introduzir o conceito de gozo no *A ética da psicanálise*, Lacan recorre à experiência religiosa para abordar a relação entre o gozo e a lei. Suas considerações sobre a figura de Moisés – também abordada por Freud – circunscrevem os dez mandamentos como leis da fala e, portanto, de caráter indestrutível. O autor afirma que a veiculação da lei passa pelo drama primordial que é o assassinato do pai.

“[...]o assassinato do pai e suas conseqüências, assassinato, na origem da cultura, dessa figura da qual não se pode deveras nada dizer, temível, temida assim como incerta, a do personagem onipotente, semi-animal da horda primordial, morto por seus filhos” (LACAN, 1959-60, p.211).

A partir do ato se instaura a ambivalência que funda as relações humanas, ou seja, “o retorno do amor após o ato” (Lacan, *Ibidem*). O autor observa que o assassinato do pai não abre a via para o gozo, porém reforça sua interdição. Mistério constituído pelo ato.

Lacan afirma a existência de uma falha no mito freudiano, já que persiste a interdição após a supressão do obstáculo. O autor afirma que: “o obstáculo sendo exterminado sob a forma do assassinato, nem por isso o gozo deixa de permanecer interdito, e ainda mais, essa interdição é reforçada” (Lacan, 1959-60, p.212).

O mito camufla e torna sensível essa falha interditiva. Para Lacan, tudo o que transpõe a falha constitui objeto de uma dívida na Lei. E mais, a ultrapassagem da falha comporta um paradoxo ou um desregramento. Isso quer dizer que não se trata de uma visada de prazer, mas de gozo. Segundo Lacan, uma transgressão é necessária para aceder ao gozo. Em outras palavras: é para isso que serve a Lei, para que haja uma transgressão. Lacan nos esclarece que,

A transgressão no sentido do gozo só se efetiva apoiando-se no princípio do contrário, sob as formas da Lei. Se as vias para o gozo têm, nelas mesmas, algo que se amortece, que tende a ser impraticável, é a interdição que lhe serve, por assim dizer, de veículo utilitário, de tanque para sair desses círculos que trazem sempre o homem, sem saber o que fazer, para a rotina de uma satisfação curta e tripudiada” (LACAN, 1959-60, p.212).

O mito da origem da Lei se encarna, dessa forma, no assassinato do pai. Lacan diz que lá, no mito, brotaram os protótipos que se tem conhecimento: animal, totem, e até Deus, o Pai. “O mito do pai é justamente o mito de um tempo para o qual Deus está morto” (Lacan, 1959-60, p.213). Portanto Deus é pai na mitologia do filho, no mandamento que ordena amá-lo. “O homem que encarnou a morte de Deus continua existindo, na medida mesma do mandamento que ordena amá-lo”, afirma Lacan (*Ibidem*).

Esse amor, o amor do próximo, se apresenta à Freud como algo incompreensível. No *Mal estar na civilização* (1930), Freud se põe diante do mandamento “amarás o próximo como a ti mesmo” e “só fala disso” – afirma Lacan (1959-60, p.215). Lacan localiza no texto de 1930 uma definição para o gozo, ainda que não teorizado pelo criador da psicanálise, conforme destacado na citação a seguir:

O homem tenta satisfazer sua necessidade de agressão às custas de seu próximo, explorar seu trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem seu consentimento, apropriar-se de seus bens, humilhá-lo, infligir-lhe sofrimentos, torturá-lo e matá-lo (FREUD, 1930).

A leitura lacaniana do *Mal estar na civilização* (1930) permite deduzir que o gozo comporta o mal do próximo. O gozo do próximo faz Freud recuar diante do mandamento cristão. Freud, diante do mal do próximo, fica horrorizado diante do mandamento “amarás teu próximo como a ti mesmo”. Tarefa avaliada como impossível, pois o próximo é habitado pelo mal.

Sobre o texto freudiano de 1930, o analista francês diz o seguinte:

Ele escreve o *Mal estar na civilização* para nos dizer isso. É isso que se anunciava, se averiguava, se expunha à medida que a experiência analítica avançava. Isso tem um nome – é o que se chama para além do princípio do prazer (LACAN, 1959-60, p.221).

Lacan afirma que a concepção aristotélica dos bens permeia a trama tecida por Freud no *Mal estar*. A esse respeito escreve: “[...] as coisas mais sensíveis e mais sensatas sobre o que vale a pena partilhar com ele, esse bem que é o nosso amor” (Lacan, 1959-60, p.223). É por tomar a perspectiva do bem que se perde o acesso ao gozo, afirma Lacan.

Vimos com Lacan que o gozo é um mal por comportar o mal do próximo e que isso faz Freud recuar diante do mandamento cristão. Amar o próximo implica enfrentar

o gozo nocivo do próximo e na ótica lacaniana é justamente o gozo do próximo que se coloca como problema para o meu amor. Lacan fundamenta sua assertiva do seguinte modo:

[...] cada vez que Freud se detém, como que horrorizado, diante da consequência do mandamento do amor ao próximo, o que surge é a presença dessa maldade profunda que habita no próximo. Mas, daí, ela também habita em mim. E o que me é mais próximo do que esse âmago em mim mesmo que é o de meu gozo, do que não ousa me aproximar? Pois assim que me aproximo – é esse o sentido do *Mal estar na civilização* – surge essa insondável agressividade diante da qual recuo, que retorno contra mim mesmo, e que vem, no lugar mesmo da lei esvanecida, dar seu peso ao que me impede de transpor uma certa fronteira no limite da Coisa (LACAN, 1959-60, p.223).

Moustafa Safouan (2006, p.117) salienta que a Coisa está situada para além da falha interdita onde operam os freamentos ao gozo. No mesmo tom destaca a inacessibilidade da Coisa enquanto objeto de gozo. É da natureza do útil ser utilizado. Contudo, para além do valor de uso das coisas, há sua utilização de gozo. Nesse contexto, a questão do bem não se limita a seu valor de uso, mas no fato de quanto o sujeito possa dele dispor.

O paradoxo do gozo se introduz na enigmática relação com a Lei, a qual, segundo Lacan, é uma relação adjetivada pela estranheza. Lei que, em Lacan, deve ser considerada como fundada no Outro. O mandamento cristão apresenta o paradoxo da agressividade. Freud recua diante da agressividade que habita o próximo e que também o habita. Recuar diante do mandamento “é a mesma coisa que a barreira diante do gozo” – afirma Lacan (Ibidem, p. 233). Pois, dele convém não se aproximar, conclui Lacan de forma muito clara: “recuo diante de amar meu próximo como a mim mesmo na medida em que nesse horizonte há algo que participa de não sei qual crueldade intolerável. Nessa direção, amar meu próximo pode ser a via mais cruel” (Ibidem). Nessa passagem destacada, Lacan se refere ao temível destruto de *das Ding*.

Para gozar, há que transgredir. Lacan indaga se o tripudiar das leis sagradas desencadeia por si só o gozo. Sobre o assunto o autor afirma que:

Certamente vemos constantemente operar-se nos sujeitos esse curioso procedimento, que se pode articular como a colocação à prova de um destino sem rosto, como um risco do qual o sujeito, tendo-se safado, encontra-se depois como que garantido em sua potência. A Lei desafiada não desempenha aqui o papel de meio, de vereda traçada para aceder a esse risco? (LACAN, 1959-60, p.234).

A transgressão que engendra o gozo dirige-se a que meta? E se o sujeito retrocede, o que baliza tal processo? - questões que Lacan responde afirmando que o sujeito recua em razão de sua identificação com o outro, que é a imagem sobre a qual está assentada a fundação do eu. “Com efeito, somos solidários de tudo o que repousa sobre essa imagem do outro enquanto nosso semelhante, na similitude que temos com nosso eu e com tudo o que nos situa no registro do imaginário” – afirma Lacan (1959-60, p.235).

O mandamento traz em si a agressividade por estar fundado na identificação imaginária, onde o outro aparece como semelhante. Mas a noção de agressividade em Lacan não se ancora unicamente no registro do imaginário. Tal noção está articulada ao gozo, enquanto nó que liga a libido à pulsão de morte.

Em Lacan, a pulsão de morte exerce-se primordialmente em relação ao sujeito, naquilo nomeado de “destrudo original”, associado ao gozo. Além do princípio do prazer é o lugar onde o sujeito se depara com a inexistência da Coisa, e é compelido a retornar. No gozo, o sujeito se depara com sua finitude, com a castração, circunstância que torna o gozo parcial e, por isso mesmo, a repetição é imposta. Ao ultrapassar o plano especular o sujeito se depara com o vazio que o constitui como sujeito desejante. Nesse contexto, Lacan indaga sobre a função do desejo na economia de nossa experiência (1959-60, p.247). Sobre o assunto, ressalta não ser viável a redução dessa função à dimensão da necessidade. Ou seja, desejo não é necessidade.

Lacan liga o ponto de transgressão necessário ao gozo ao sentido do desejo. Entre o sentido da razão e a necessidade, o desejo se interpõe como uma dificuldade. Lacan diz que o homem deve ser apreendido num campo logicamente organizado. Esse campo é o campo do inconsciente e comporta uma clivagem, na qual deve ser articulado o desejo como tal. “Esse desejo apresenta assim certas arestas, um certo ponto de obstáculo” – afirma Lacan (1950-60, p.251).

A propósito do gozo, Lacan escreve no seminário de ética o seguinte:

“[...] ele (o gozo) se encontra como que soterrado num campo central, com aspectos de inacessibilidade, de obscuridade e de opacidade, num campo cingido por uma barreira que torna seu acesso mais do que difícil ao sujeito, inacessível, talvez, uma vez que o gozo se apresenta não pura e simplesmente como a satisfação de uma necessidade (*besoin*), mas como a satisfação de uma pulsão” (LACAN, 1959-60, p.251).

A citação destacada é alvo de discussões em razão de estar grafado por Lacan que “o gozo é a satisfação de uma pulsão”. Sabemos que o gozo não é a satisfação de uma necessidade. Mas, é o gozo a satisfação de uma pulsão?

Nestor Braunstein, no livro intitulado *Gozo*, publicado em 2007, põe em questão a frase lacaniana não para rebatê-lo, mas para dirimir desvios teóricos. Braunstein recorre à precisão da palavra lacaniana para dizer que é incompatível a ideia de satisfação da pulsão. O autor considera a ideia antifreudiana, uma vez que, para o criador da psicanálise, o que se satisfaz é a necessidade. A pulsão, força constante, se impõe como uma exigência constante. Em seus termos,

A pulsão não se satisfaz, insiste, tende a um branco que sempre falha e seu objetivo não se alcança com a saciedade, com a paz (*Friede*) de sua satisfação (*Befriedgung*), mas com o relançamento da flecha, sempre tenso o arco de sua aspiração (BRAUNSTEIN, 2007, p.60).

A meta da pulsão é a satisfação, que somente pode ser alcançada com o cessar de excitação na fonte pulsional. A pulsão cuja meta é inibida atingem uma satisfação apenas parcial. Braunstein frisa que há uma distinção entre ter uma meta e alcançá-la. Ou seja, *Ziel* é uma aspiração. E essa aspiração fracassa, tropeça no impossível de sua realização.

Uma vez circunscrita pelo campo da linguagem – campo distinto do campo biológico -, Braunstein faz objeções ao sintagma “satisfação de uma pulsão”. Para o autor, trata-se de um equívoco interpretativo, pois parte da confusão entre pulsão e necessidade, que não são a mesma coisa. Braunstein (2007, p.63) afirma que “se o gozo tem a ver com a pulsão é na medida em que a pulsão deixa um saldo de insatisfação que estimula a repetição, e é nessa medida que a pulsão é historicizada, já que *insatisfaz*”. Desse modo, o gozo relaciona-se ao saldo do movimento pulsional ao redor do objeto inalcançável, do vazio de *das Ding*, do real como impossível.

A pulsão não é, pois, algo que se satisfaz e dá acesso ao gozo, mas sim, essencialmente, uma aspiração de gozo que fracassa por ter que reconhecer o Outro e pagar-lhe a quota “gozoza” que ele exige à título de aluguel pela residência que oferece (BRAUNSTEIN, 2007, p.66).

Lacan afirma que a pulsão comporta uma dimensão histórica, cujo alcance e sentido faz parte do trabalho analítico. Essa dimensão se caracteriza por algo que insiste, pois está referida a algo memorizado. O fato da pulsão de morte dever ser considerada num âmbito histórico significa que ela só é articulável no nível da cadeia significante. O analista francês afirma que a pulsão só pode ser apreendida na rememoração fundamental, em função da qual tudo é retomado a partir da intenção inicial.

Em Freud, a pulsão é definida como tendência de retorno ao equilíbrio de todos os sistemas, num campo livre de tensões. Em Lacan, a pulsão é circunscrita por um campo para além da tendência ao retorno ao inanimado, “uma vontade de destruição direta” – termo que não tem vinculações com a vontade schopenhaueriana (Lacan, 1959-60, p.254). Para Lacan, trata-se de “vontade de Outra coisa, na medida em que

tudo pode ser posto em causa a partir da função significante” (Ibidem). Ou seja, é somente em razão da cadeia significante que os acontecimentos podem ser relacionados à pulsão de morte. A história é registrada na cadeia significante e suspensa à sua existência.

Em Lacan a pulsão de morte é uma sublimação criacionista, uma vontade de criação a partir do nada, vontade de recomeço. Lacan sustenta que há um para além da cadeia significante, o *ex nihilo* sobre o qual a pulsão se funda e se articula; ou seja, o nada gerador da criação. O que é histórico na pulsão é derivado desse ponto de criação *ex nihilo* – afirma Lacan (1959-60, p. 256). Se no começo era o Verbo é pela presença do significante que a pulsão se articula como histórica.

Em seu retorno aos fundamentos freudianos, Lacan assevera que ao substituir a natureza por um sujeito no texto de 1920, Freud foi capaz de se deparar com um campo onde o sujeito, ao subsistir, nada sabe. Lacan designa esse ponto de ignorância absoluta, sendo esse o campo privilegiado da investigação de Freud.

Quero simplesmente dizer que a articulação da pulsão de morte em Freud não é nem verdadeira nem falsa. Ela é suspeita, não estou dizendo nada além disso, mas basta que tenha sido necessária para Freud, que ela o traga de volta a um ponto de abismo, profundamente problemático, para que ela seja reveladora de uma estrutura do campo. Ela indica esse ponto que lhes designo alternativamente como sendo o do intransponível ou o da Coisa (LACAN, 1959-60, p.255).

O campo da Coisa: lugar de onde se projeta algo para além, lugar privilegiado da sublimação, lugar onde tudo o que é da ordem do sujeito é posto em causa. Lacan nos fala do campo da Coisa como lugar-limite, campo de acesso ao que está em questão na ordem do desejo. Moustafa Safouan (2006, p. 117) afirma que “a Coisa se situa, portanto, para além da falha interditiva onde ocorrem os freamentos retorsivos e onde se afirma sua inacessibilidade enquanto objeto de gozo”.

Em *O seminário, livro 7* (1959-60) Lacan introduz a questão do utilitarismo para falar do gozo. O texto lacaniano é contundente ao afirmar que as necessidades do

homem se alojam no útil. Vemos o autor apontar para o valor de uso, da utilização do outro como objeto de gozo. Lacan situa o bem em termos econômicos e tenta desmistificar a perspectiva platônica e aristotélica do bem como Bem supremo. Em suas palavras, “é essencial reaprendê-lo na perspectiva freudiana do princípio do prazer e do princípio da realidade para conceber, a partir de lá, a novidade que Freud introduz no domínio ético” (Lacan, 1959-60, p. 259).

4.7.1. Sobre o Bem

Em *O seminário, livro 7* Lacan afirma que o valor do bem está para além do seu valor de uso, ou seja, na sua utilização de gozo, no quanto o sujeito pode dele dispor. Para o autor, a questão do bem está articulada com a Lei. Vimos que a Lei faz barreira ao gozo. Para Lacan, o bem também faz barreira ao gozo.

A questão do bem não coaduna com a perspectiva de um bem natural, como resposta a uma necessidade. Para Lacan, na experiência analítica, o que se manifesta, ainda que sob as formas defensivas do sujeito, é uma multiplicidade de formas de busca do bem que o prazer indica, através de vias que se apresentam sob a forma de um alibi a ser elucidado. O bem está relacionado a poder possível, à capacidade de satisfazer, aspecto que faz com que a relação do homem com o real dos bens se organize em função desse outro imaginário. Mas enfatiza a distância que há entre desejo e necessidade (1959-60, p.269).

Lacan (1959-60) afirma que “o problema dos bens se coloca no interior do que é a estrutura” (p.272). É como significante que o bem se articula. O bem, diz Lacan, (Ibidem) “é reserva de necessidade”, e é em torno desse bem que se organizam as relações de poder, numa dialética de rivalidade e partilha.

A questão que se atrela ao objeto parece ser em que ele pode servir para alguma coisa. Isso significa ver qual o seu valor de uso e, nesse sentido, o objeto passa a ser um bem a ser partilhado. A função do bem está vinculada, portanto, à utilidade que tem para as pessoas.

A longa elaboração histórica do problema do bem é centrada, no final das contas, na noção de como são criados os bens, dado que se organizam, não a partir de necessidades pretensamente naturais e predeterminadas, mas enquanto fornecem matéria para uma repartição, em relação à qual se articula a dialética do bem, na medida em que ela adquire seu sentido efetivo para o homem (LACAN, 1959-60, p.273).

Se as necessidades do bem estão alojadas no útil é porque há outra coisa além de seu valor de uso: há sua utilização de gozo. Com isso, Lacan mostra que o bem não está no nível de uso do objeto, mas no nível do quanto o sujeito pode dele dispor. “dispor de seus bens é ter o direito de privar ou outros de seus bens” (Lacan, 1959-60, p. 274). Isso explica por que o campo do bem é o nascimento do poder. Lacan salienta o risco do destino histórico do homem, tendo em vista o que está em jogo no gozo. A possibilidade de privar os outros de seus bens faz surgir o outro como tal. Função imaginária com o pequeno outro, o semelhante, numa relação enraizada no estádio do espelho, mas articulada no nível simbólico.

A verdadeira natureza do bem, na profunda duplicidade, resulta do fato de ele não ser pura e simplesmente bem natural, resposta a uma necessidade, mas poder possível, potência de satisfazer. Daí, toda a relação do homem com o real dos bens se organiza em relação ao poder que é do outro, o outro imaginário, de privá-lo (LACAN, 1959-60, p.278).

A dimensão do bem, portanto, constitui uma barreira na via do desejo, configurando a fonte de mal estar que caracteriza a relação com o outro.

4.7.2. Sobre o Belo

Em *A ética da psicanálise*, ao tratar da função do belo, Lacan questiona “o que isso quer?”. Responde o autor que o sujeito demanda e que “o possível” é o que pode responder à demanda do sujeito. Para o autor, o homem nada sabe do que ele põe em movimento com sua demanda. Nesse contexto, o inconsciente é aquilo que Lacan qualifica como “temível desconhecido para além da linha”, a memória daquilo que o sujeito esquece. Mas, por que o sujeito esquece? A esse respeito, Lacan assinala que tudo é feito para que o sujeito não pense nisso, porque, para além da linha há o dejetivo. “A vida é a podridão” – afirma Lacan (1959-60, p. 276). O inconsciente nos é apresentado como um campo do não saber. Na margem irreduzível do inconsciente o sujeito se depara com o mistério jamais totalmente elucidado do que é o seu desejo.

Para além da barreira resguardada pela estrutura do bem, se situa o ponto em torno do qual gira esse mundo do bem. A existência da barreira implica a existência de um além, do qual, segundo Lacan, nada se sabe (Ibidem). A eclosão do que há além da linha não gera prazer. Lá, há algo a ser reabsorvido pelo homem, que figura como ameaça. Lacan diz que, “lá onde há uma acumulação de dejetos em desordem há homem” (1959-60, P.278). Segundo Lacan, o monte de lixo é uma imagem que não se deve deixar de reconhecer como pertencente à dimensão humana. O que se depreende é que no horizonte do bem há o dejetivo.

Lacan assinala que o sujeito se refere ao outro, a qualquer outro, como aquele que tem acesso ao que ele não tem, sendo esse o tema primordial da experiência analítica. Lacan se refere ao registro do gozo “como sendo o que não é acessível senão ao outro” sendo a única dimensão em que se pode legitimamente situar o mal estar singular, o *Lebensneid* (1950-60, p.282). O autor exemplifica com o ciúme que nasce num sujeito em relação a outro, por este participar de certa forma de gozo, não apreendida pelo sujeito por nenhuma via, por mais simples que seja. Tal condição, alerta Lacan, é capaz de levar o sujeito do ódio à destruição.

“Eis-nos na própria fronteira” – afirma Lacan (1959-60, p, 283). Nela, há um ponto de transposição, pois há um elemento do campo do para além do bem. Esse elemento é o belo. A esse respeito, Lacan assinala a prudência que teve Freud ao tratar do belo. A propósito da sublimação da pulsão, Lacan diz que:

É bem preciso dizer que o resumo que Freud nos dá do que é a carreira do artista é quase grotesca – o artista, diz ele, dá forma bela ao desejo proibido, para que cada um, comprando dele seu pequeno produto de arte, recompense e sancione sua audácia (LACAN, 1959-60, p.283).

A criação elucida a relação ambígua que há entre o desejo e o belo. Ao mesmo tempo que o belo serve de barreira ao desejo, ele não deixa de se manifestar. Safouan (2006, p. 118) esclarece que a referência ao belo surge na análise no momento de uma inconfessável pulsão de morte. Sobre o assunto Lacan (Ibidem, p.284) assinala que “o belo tem por efeito suspender, rebaixar, desarmar o desejo”. A manifestação do belo intimida o desejo, proibindo-o. Depreende-se que as referências ao registro estético são correlatas de algo pertencente ao registro de uma pulsão mortífera.

Coutinho Jorge (2008, p.147) salienta que o gozo absoluto está fora da estrutura e o que se inscreve em seu lugar é a angústia, cuja proximidade da Coisa é sentida pelo sujeito. Assim, o gozo absoluto tem uma face mortífera e, portanto, indissociável da pulsão de morte. Sobre a relação indissociável do gozo com a pulsão de morte, o autor afirma que a conceituação lacaniana do gozo esclarece a teoria freudiana das pulsões. Segundo o analista brasileiro, o objeto *a* [*i(a)*] é o objeto das pulsões sexuais (pulsão de vida), enquanto *das Ding* é o objeto da pulsão de morte. Convém não esquecer que o que é visado pelas pulsões sexuais é sempre, e repetidamente, *das Ding*. Sobre o assunto, o autor escreve:

Freud já afirmava que a pulsão de morte opera em silêncio, seus processos não aparecem tão nitidamente quanto os das pulsões sexuais, mas é preciso perceber que é subjacente às pulsões sexuais que a pulsão de morte se movimenta para seu objetivo, *das Ding* (COUTINHO JORGE, 2008, p.149).

A noção de gozo apresentada por Lacan tem um caráter paradoxal. O gozo é o núcleo incandescente diante do qual o sujeito recuar. O gozo possível é aquele sempre parcial e só se tem acesso a ele mediante uma transgressão.

Rinaldi (1996, p.91) destaca que Lacan, ao conceituar o gozo, efetua uma passagem que unifica a libido e a pulsão de morte, conceitos que em Freud estão ajustados ao dualismo pulsional. Na opinião da autora,

O fundamental é que o gozo em si é uma destruição, destruição de si mesmo, que, na medida em que não alcança o zero absoluto, impõe a repetição e, nesse sentido, a criação, na direção que dá ao conceito de pulsão de morte, como vontade de destruição e igualmente vontade de criação, vontade de recomeçar (RINALDI, 1996, p.91).

Em *O seminário, livro 20 – Mais, ainda* (1972-73), Lacan (1972-73) irá defender que o que tem valor de uso é a linguagem, enquanto utensílio, ponto a partir do qual interroga o que é do ser, para ao final, afirmar que não há linguagem do ser, de que não há metalinguagem. Ao pôr em questão o que é um significante, Lacan (1972-73) inicialmente atrela sua definição àquilo que tem efeito de significado, e lembra que entre dois significantes há algo barrado a ser atravessado. Em seguida, afirma que “não é a palavra que pode fundar o significante” (Ibidem, p. 25) e que “a significância é algo que se abre em leque” (Idem). A arbitrariedade do significante gera efeitos de significado que nada tem a ver com o que os causa.

Ainda no *Seminário, livro 20*, encontramos destacada a seguinte passagem: “Todas as necessidades do ser falante estão contaminadas pelo fato de estarem implicadas com *uma outra satisfação* à qual elas podem faltar” (p.57). Lacan afirma que essa *outra satisfação* é aquela que se satisfaz no inconsciente, aquela onde “algo se diz e não se diz”, tomando como referência a definição de que o inconsciente é estruturado como linguagem. O gozo dessa outra satisfação depende da linguagem.

Lacan (1972-73, p.61) assinala que o gozo é aparelhado pela linguagem e que “a realidade é abordada com os aparelhos de gozo”. As palavras servem para alguma coisa, têm uma serventia, nada mais. “[...] é no quê elas servem que é preciso pensar” – afirma Lacan (1972-73, p.65). Sobre o assunto, Lacan é contundente ao afirmar que as palavras servem para que haja o devido gozo. A linguagem, a partir do *Seminário 20*, é tratada

não mais como o que mortifica o gozo, mas como o que o vivifica. A linguagem aparelha o gozo do corpo, isto é, aparelha o sujeito para gozar do corpo.

Vimos que o gozo é parcial. No *Seminário, livro 20* (1972-73) Lacan enfatiza que o gozo, “ele está em falta” (p.61), que alguma coisa do lado do gozo manca. Lacan exprime a insuficiência na noção de sujeito para dar conta dessa dupla relação disjuntiva e conjuntiva entre saber e gozo. Lacan afirma que não se pode definir o significante sem o gozo, e que não se pode definir o gozo sem o significante. Portanto, traz uma nova definição de significante que se refere ao corpo. Essa referência se faz sob a modalidade do sintoma. O sintoma inclui o desejo e o gozo. Trata-se de restabelecer, a partir do Seminário 20, uma noção que não separe o sujeito da substância gozante. Há um real no sintoma que deve ser incluído no seu conceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de toda a pesquisa, intencionamos acompanhar os passos que levaram o criador da psicanálise a conceituar a pulsão de morte – aquilo por ele definido como o elemento mais importante, mais enigmático e mais obscuro da pesquisa psicanalítica. Essa tese narra a riquíssima história da construção desse conceito fundamental da psicanálise.

Percorremos muitos textos da obra de Freud. Nas bases iniciais, estão as pistas da trilha seguida pelo criador da psicanálise. Imaginamos que as cenas históricas devem ter convocado Freud a querer saber dos motivos de tais manifestações. A histérica pedia um ouvinte, um decifrador silencioso, ou que falasse pouco, que fundamentalmente escutasse o que ela tinha para por em palavras. Talvez a histérica tenha endereçado seus enigmas aos doutores daquele tempo. Freud quis ouvi-la de modo que, ao escavar profundamente, pode entender, se surpreender e criar o método por ele batizado de psicanálise. Freud deparou-se com momentos de difícil caminhada, seja por imposições e vaidades acadêmicas, seja por impasses teóricos. Nosso objetivo foi identificar tais pistas para revelar a importância conceitual da pulsão, e revelar que a pulsão foi o elemento instigador e inspirador de Freud, ou seja, que foi a pulsão que o fez pensar os outros preceitos de sua teoria.

Influenciado por Darwin, aprendera que o rigor na observação, a paciência frente à dúvida eram condições absolutamente necessárias a seu empreendimento. Freud queria saber sobre a natureza humana, sobre a posição do homem na natureza. Darwin

lhe aponta que é preciso proceder à abordagem histórica do desenvolvimento e da evolução dos processos mentais. O discurso biológico adquire sua especificidade maior em *Além do princípio de prazer* (1920), momento em que define a pulsão de morte. Especulação da gênese da vida, o discurso biológico comparece como o pano de fundo do dualismo pulsional final, onde a pulsão passa a ser entendida em sua natureza conservadora. Com hipóteses tomadas de empréstimo à biologia, Freud estabelece uma equivalência entre as leis que regulam a matéria orgânica e as leis que regulam o aparelho psíquico. Assim, introduz o conceito de pulsão como as fontes mais eficazes que emanam do interior do corpo e se transferem para o aparelho psíquico, para definir a pulsão como uma força constante inerente ao organismo, que tende a restaurar um estado anterior de coisas. O biológico atravessa a essência das pulsões e lhe serve de fundamento. Para Freud, desde o princípio da evolução dos organismos, as pulsões aceitam e preservam modificações impostas às mesmas para ulterior repetição. Isso gera um distanciamento da finalidade última da evolução nos moldes darwinianos. Mediante vias longas ou curtas, a repetição termina por conduzir o organismo a um fim inscrito em um tempo anterior à sua constituição – ao estado inorgânico. Assim se esboça a noção de pulsão de morte. Conforme assinala Freud “o objetivo de toda a vida é a morte, as coisas inanimadas existiram antes das vivas” (1920). O registro biológico se converte, em *Além do princípio de prazer* (1920), em um registro único para Freud. E nada mais útil do que recorrer ao darwinismo, pois nele se conjugam história e biologia. Freud termina por criar uma dimensão teórica própria. De modo que a teoria das pulsões, integrando uma especificidade subjetiva, converte o conflito psíquico em um jogo de forças abismais.

Na filosofia, constatamos que Freud encontra o eco legitimador e antecipador para sua teoria. O texto de 1920 representa o ápice da especulação freudiana, função retomada com o rigor necessário à elaboração do conceito de pulsão de morte. De modo igual, para a elaboração do conceito de inconsciente, Freud recusa o consciencialismo filosófico dominante, caracterizado pela absolutização de ideias e pela perfeição lógica. Não havia nada a dizer nessa linguagem. E Freud já percebe que existia *algo além* da consciência. A conquista do objeto fundador da psicanálise – o inconsciente - possibilitou a psicanálise ser chamada de *Naturwissenschaft*; ou seja, a tomada do inconsciente como uma unidade fenomenal permitiu a autonomia epistêmica.

A metapsicologia é a forma pela qual o debate filosófico se reintroduz na psicanálise. Definida como a descrição dos processos psíquicos em termos dinâmicos, tópicos e econômicos, a metapsicologia é o instrumento pelo qual Freud delimita seu campo: o lugar da especulação conceitual psicanalítica. A partir daí introduz conceitos fundamentais definidos em bases metapsicológicas. Contra a estreiteza da medicina, enclausurada na esfera fenomenológica, a psicanálise constata a necessidade de recorrer a conceitos globalizantes para explicar os próprios fatos. Tal exigência deu origem a essa realidade epistêmica original e específica que é o conceito metapsicológico.

Freud ambiciona desvendar a forma de funcionamento mental, quando nela se introduz a noção de quantidade, do jogo de economia de forças e, também, verificar em que o conhecimento da psicopatologia contribui para o entendimento do aparelho psíquico. Verificamos que a noção de quantificação da energia nervosa serve de chave para a vinculação dos processos psicopatológicos às leis de funcionamento normal do aparelho psíquico. Tal noção de quantidade virá a ser designada por pulsão. Nesse sentido, concluímos que é a pulsão que faz Freud pensar a metapsicologia. A metapsicologia é invocada para conferir sua linguagem aos processos inconscientes.

No percurso de edificação da psicanálise, a hipnose serve de instrumento de aproximação dos processos psíquicos, diante e a partir dos quais enigmas psíquicos batem à porta de Freud, que se dispõe a investigá-los. Nessa jornada teórica, Freud fareja o enigma maior – a pulsão -, apontado pela bissexualidade denunciada pela histórica. Resta esclarecer o nexos incontestável entre corpo e mente. Até então, o órgão anímico incorpora o sistema nervoso. Em 1925, Freud afirma que a investigação fisiológica permitiu definir o passo de seu arcabouço teórico, na medida em que a observação da estrutura fornece as bases para a compreensão de sua funcionalidade. Verificamos que a anatomia permanece a base topológica sobre a qual funda suas pesquisas. Por sua vez, a clínica revela as leis de regulação anátomo-fisiológicas, aspectos que passaram despercebidos por Charcot. O conceito de pulsão vem para dar conta do nexos patente nas relações entre corpo e mente, entre o topológico e o dinâmico.

A ideia de pulsão como quantidade de força capaz de impulsionar uma ação já está presente no pensamento freudiano em 1890, ocasião que usa a expressão *Trieb* pela primeira vez. Mediante o reconhecimento da importância das perturbações sexuais nas

neuroses, o excesso de excitação no sistema nervoso presente na histeria não é mais procurado em componentes hereditários, mas nas peculiaridades da vida sexual. A partir daí, Freud inicia suas alusões ao princípio de constância. Nesse momento, define o trauma como um acréscimo de excitação no sistema nervoso, que permanece incapaz de dissipar tal acréscimo por uma reação motora adequada. O princípio de constância está relacionado com a mais fundamental de todas as noções freudianas e pode ser considerado como a ideia inicial que permeará a formulação do conceito de pulsão de morte. Freud verifica que o sistema nervoso tem por função manter constante o nível de soma de excitação, sendo essa uma condição da saúde mental. A clínica com as histéricas lhe permite ver a existência de uma quantidade de excitação não descarregada adequadamente, tendo em vista as incompatibilidades entre as ideias e o eu do sujeito. Eram questões de natureza sexual, às quais Freud fez questão de ouvir. Nos anos seguintes, precisamente em 1893, 1894, 1895, 1915, 1920 e 1924 fará alusões ao que considera seu postulado mais importante – o princípio de constância -, referindo-se que o aparelho psíquico visa a homeostase, e tem por função reduzir a nível mais baixo os estímulos que lhe chegam. Freud, médico, pesquisa o cérebro e o apresenta como máquina de homeostase. Mas, ao longo do caminho, descobre que essa máquina sonha. A noção de homeostase se apresenta *a priori* e futuramente será a noção central no conceito de pulsão de morte. Ao proceder à distinção entre o psíquico e o somático em 1893, define a fronteira onde situará o conceito de pulsão.

Em 1894, inaugura a ideia de uma excitação permanente, noção que definirá a pulsão como força constante. Nessa época, os elementos pulsionais já estão presentes no seu pensamento, como, por exemplo, a ideia de representação e *quantum* de afeto. A questão do afeto, a transformação da energia que escoia do aparelho psíquico sob a forma de representações são os pontos de interesse freudiano. Tais questões surgem de forma aprofundada nos futuros artigos metapsicológicos. Os textos de metapsicologia representam a compilação feita por Freud de ideias anteriormente trabalhadas. É o momento em que o autor separa o joio do trigo.

Desde os primórdios da psicanálise, Freud deixa claro que a excitação endógena é o foco de seu interesse. Em 1894, adjectiva a libido de psíquica. Verificamos que os elementos teóricos do conceito de pulsão estão ‘rascunhados’ em 1894. Portanto, um ano muito importante, onde a clínica freudiana vai de vento em popa. Ao se indagar

sobre o motivo pelo qual o sistema nervoso é invadido pela angústia, reconhece a incapacidade de manejo da excitação sexual por parte do neurótico. A resposta frente a tal indagação antecipa aquilo que é tratado alguns anos depois, em 1915, onde substitui excitação exógena por estímulo, e excitação endógena por pulsão. Em 1894, Freud escreve: “enquanto a excitação exógena age num único impacto, a excitação endógena atua como força constante”¹⁰⁹. Dois anos depois, sustenta em definitivo a libido como algo eminentemente inconsciente, na medida em que reconhece que a angústia neurótica é a libido sexual transformada.

O *Projeto para uma psicologia científica* tem importância única na genealogia do conceito de pulsão. Não sem interesse lembrar que quando a obra inaugural da psicanálise foi escrita o *Projeto* já existia, muito embora engavetado. Esse é um dado valioso para essa pesquisa, uma vez que é possível ler a teoria da pulsão no *Projeto*, portanto, antes da escrita sobre o inconsciente. Se considerarmos que os principais aspectos teóricos relativos à teoria da pulsão estão grafados no texto de 1895, podemos concluir que a pulsão é o que permitiu a Freud pensar o inconsciente. A pulsão é o elemento que faz Freud pensar metapsicologicamente. O *Projeto* é o texto que marca definitivamente a renúncia freudiana à anatomia e permite ao autor a formulação de uma metapsicologia. Nele, Freud inaugura uma preocupação com o sentido e mantém aberto o campo investigativo das situações geradoras de traumas e neuroses. Freud deixa claro que não era qualquer situação que se revelava capaz de ocasionar a neurose, interpondo-se a noção econômica inerente ao campo pulsional. A trama de representações mantém o interesse de Freud que, desde o início de 1895, procura descrever os fatos sob esse novo prisma. A escrita do texto está fundamentada no modelo tópico e econômico, muito embora a clínica seja o alimento para as ideias contidas no *Projeto*. O *Projeto* traz elementos relativos à pulsão de morte, tais como a exigência de satisfação pulsional, força constante, fonte endógena e repetição, os quais continuam em crescente evolução teórica e serão aprimorados e definidos a partir de 1905, 1915 e 1920. Fundamentalmente, Freud verifica uma tendência no sentido de descarregar tensões, identificando essa tendência como um movimento primário que caminha para o estado do Nirvana.

¹⁰⁹ Cf. FREUD, 1895[1894], *ESB*, v.3, p.109; *AE*, v.3, p.112.

Ao nomear seu método de psicanálise em 1896, Freud postula a existência da sexualidade infantil perversa e polimorfa, e escandaliza seu tempo. Os sintomas denunciam algo enterrado e Freud convoca os analistas a ouvirem o que os pacientes querem falar – “*Saxa loquuntur!*”¹¹⁰. Foi por ouvir a fala de suas pacientes histéricas que Freud desenvolveu o conceito de pulsão. Foi por ele ouvi-las que nasceu a psicanálise.

Em 1905, Freud eleva a pulsão à categoria de conceito, definindo-a como a representação psíquica de estímulos endossomáticos, diferentemente das excitações exógenas, situando o conceito na fronteira entre o psíquico e o somático. A pulsão é conceituada por meio de características que a pulsão tem, mas a teoria da pulsão ainda não está construída em sua totalidade. A libido é o termo que designa a energia da pulsão sexual, remetida em sua origem à sexualidade. O abandono da teoria da sedução, derivado da conclusão de que os histéricos sofrem de reminiscências, junto com a teoria do sonho e a descoberta da fantasia proporcionam os argumentos finais para a defesa da teoria da sexualidade infantil. A psicanálise é criada como método de abordagem para os problemas psíquicos inconscientes. As causas mais importantes da neurose devem ser buscadas em fatores emergentes da vida sexual. A pulsão é o conceito criado para abordar a sexualidade humana. Ocorre que a histérica denuncia não somente a sexualidade, mas a bissexualidade. Então, toda a teoria da sexualidade freudiana gira em torno do conceito de pulsão.

A noção de pulsão parcial é um passo decisivo e antecipador do conceito de repetição e pulsão de morte. O reconhecimento de que nenhum objeto é capaz de dar satisfação plena à pulsão permite a compreensão de um resto não satisfeito que faz repetir. A demarcação do narcisismo no desenvolvimento sexual aprofunda o conhecimento das relações entre o eu e o objeto, levando Freud a estabelecer uma distinção entre libido do eu e libido do objeto. Posição que Lacan corrobora, assinalando sua equivalência, muito mais do que sua distinção. O analista francês adverte que a libido nada tem a ver com outro registro que não o sexual. Freud passa a se referir à pulsão como uma propriedade inalienável, como uma substância imortal que sobrevive ao sujeito.

¹¹⁰ Cf. “As pedras falam!” – expressão usada por Freud na primeira parte da *Etiologia da histeria* (1896, *AE*, v.3, p.192).

Em 1915, conclui a pulsão como movimento de força constante que retorna, advertindo que a pulsão não é um impacto único. O texto está recheado de inúmeras indicações do que será definido como pulsão de morte. Afirma que o aparelho psíquico tem por função livrar-se dos estímulos que lhe chegam, reduzindo-os ao mais baixo nível possível; ou manter-se numa condição livre de tensões - se isso fosse viável. Freud ratifica sua definição de pulsão, circunscrevendo a pulsão como uma exigência de trabalho feita à mente em razão de sua ligação com o corpo. O autor estabelece o primeiro dualismo pulsional em duas categorias, as pulsões do eu ou de autopreservação, regidas pelo princípio de realidade, e as pulsões sexuais, regidas pelo princípio de prazer. Distinção na verdade feita em 1910¹¹¹, momento em que se refere a uma oposição entre as pulsões que favorecem a sexualidade e as pulsões que tem por objetivo a autoconservação e o eu.

No texto de 1915, define também quatro possibilidades de destinos pulsionais (sublimação, reversão a seu oposto, retorno em direção ao próprio eu e recalque) e quatro elementos da pulsão (*Drang, Quelle, Objekt e Ziel*). Lacan também define como fundamentais quatro conceitos: o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão. Assim como a pulsão inaugura significativamente os artigos metapsicológicos, o conceito de pulsão é o último conceito fundamental abordado por Lacan. São quatro os destinos pulsionais; são quatro os seus objetos; e são quatro os conceitos fundamentais.

Em 1919, Freud percebe que no inconsciente predomina algo que se repete compulsivamente, algo de origem pulsional, algo cuja repetição provoca sensações de estranheza e desamparo. Freud lança a hipótese de que existe algo na pulsão de morte que se repete e que lhe é inerente por definição. Essa suposição lança luzes na elaboração do conceito de pulsão de morte, pois arremessa Freud num campo situado além do que ele havia aberto até então. Freud define o estranho como algo familiar que foi recalçado, algo que deveria ter permanecido oculto, mas veio à luz. Baseado na clínica e em percepções acerca de si mesmo, como a situação relatada no texto de 1919¹¹², em que ele se vê retornando à rua de bordéis, além da observação detida do joguinho de seu neto, que origina o *Fort-Da*, Freud percebe os elementos necessários

¹¹¹ Cf. *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910)

¹¹² Cf. *O estranho* (1919, *ESB*, v.17, p.296; *AE*, v.17, p.237)

para o entendimento que algo se repete compulsivamente. Essa seria uma qualidade da pulsão de morte, conceituada em 1920. Freud a enquadra como processos livremente móveis, como a parte mais obscura de sua pesquisa, e como o conceito mais importante¹¹³ de sua teoria. Ao se questionar por que a pulsão adjetiva a compulsão à repetição, responde que uma pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, destinada a restaurar um estado anterior de coisas. Essa é a característica da pulsão: a conservação do estado anterior de coisas, objetivando a restauração, em um movimento de retorno incansável.

As coisas inanimadas existiram antes das vivas, afirma Freud – constatação que assegura em definitivo a afirmação de que “o objetivo de toda vida é a morte.”¹¹⁴. As pulsões parciais existem para permitir que o organismo vivo morra do seu próprio modo, estando subjacente nessa concepção a ideia de desejo quanto às escolhas do sujeito na trilha para a morte.

O primeiro dualismo pulsional revela-se incompleto para Freud. Então, ele afirma que as pulsões do eu são conservadoras, ao passo que as pulsões sexuais, doravante designadas de pulsões de vida, têm objetivos perpétuos de renovação da vida. Freud refere que a tendência geral da vida mental é a redução da tensão interna provocada pelo movimento pulsional, tendência ligada ao princípio de prazer. As especulações de Freud em torno das pulsões de vida e pulsão de morte são esclarecidas ao longo do texto de 1920, onde ele ratifica a existência de uma libido narcísica, enfatizando que a libido é a energia da pulsão.

A conceituação de pulsão de morte confere à pulsão seu verdadeiro estatuto. Freud transforma a pulsão sexual em Eros, que procura reunir e manter juntas as partes da substância viva. Aquelas que são normalmente chamadas de pulsões sexuais são encaradas como a parte de Eros voltada para os objetos, pois Eros opera desde o princípio da vida, em oposição à morte. Trata-se de opostos em luta permanente. Freud reconhece as transformações teóricas em torno das pulsões do eu e afirma que parte das pulsões do eu também é de caráter libidinal e toma o próprio eu do sujeito como seu objeto. Dessa forma, as pulsões ligadas ao narcisismo e à autoconservação são

¹¹³ Cf. *Além do princípio de prazer* (1920, *ESB*, v.18, p.52; *AE*, v.18, p.34)

¹¹⁴ Cf. *Além do princípio de prazer* (1920, *ESB*, v.18, p.55-6; *AE*, v.18, p.37-38).

entendidas como pulsões sexuais, cuja manifestação é a libido. A oposição entre pulsões do eu e pulsões sexuais é transportada para a oposição pulsões do eu e pulsões do objeto – ambas sexuais, já que o eu é investido narcisicamente - para, em seguida, assumir a oposição final verificada na antítese pulsão de vida-pulsão de morte. No segundo dualismo pulsional, a pulsão de morte é entendida como aquilo que objetiva conduzir o que é vivo ao estado inanimado, lugar livre de tensões, tal qual já havia sido proposto no *Projeto*, em 1895.

Após 1920, as considerações freudianas importam pronunciamentos contidos em *Além do princípio de prazer*, onde Eros engloba a pulsão sexual e também a pulsão de autoconservação, em contraste com a outra classe pulsional, a pulsão de morte. É muito interessante a perspicácia freudiana quanto a notar que ambas as pulsões de vida e de morte são conservadoras. O ato do nascimento introduz necessariamente o indivíduo no movimento de sobrevivência, sem o qual morreria. A vida implica esforços opostos e enigmáticos, dada à dupla direção provocada pelas pulsões. Eros complica a vida e, ao mesmo tempo, a preserva. Ambas as pulsões são conservadoras no sentido mais estrito da palavra, visto que se esforçam para restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida.

A conceituação da pulsão de morte permite uma virada no modo freudiano de tratar os fatos de seu tempo, de modo que todos os escritos freudianos, após 1920, fazem referência explícita a ela. Em 1930, se refere às pulsões como “uma parcela de natureza inconquistável”, sendo decorrente dela todo o mal estar humano. Em 1933, ratifica a sua mitologia. Em 1938, Freud reafirma a função e importância do Isso, enquanto sede das pulsões e, nesse sentido, confere-lhe o papel de responsável pelo propósito da vida do indivíduo. Entendemos tal propósito como a busca da satisfação pulsional. O que não significa que as finalidades pulsionais traduzem-se na manutenção da vida; essa tarefa pertence ao eu, o qual tem dentre suas missões o prolongamento da vida do indivíduo, a partir de métodos não tão perigosos – tarefa essa ameaçada permanentemente pela insistente pulsão de morte: “As forças que presumimos existir por trás das tensões causadas pelas necessidades do Isso são chamadas de pulsões. Representam exigências somáticas que são feitas à mente. Embora sejam a suprema causa de toda atividade, elas são de natureza conservadora¹¹⁵”. A citação abaixo

¹¹⁵ Cf. *Esboço de psicanálise* (1938, *ESB*, v.23, p.173; *AE*, v.23, p.146)

derivada do esboço final do criador da psicanálise mostra quão atual é o pensamento freudiano:

Uma porção de auto destrutividade permanece interna, quaisquer que sejam as circunstâncias, até que, por fim, consegue matar o indivíduo, talvez não antes de sua libido ter sido usada ou fixada de uma maneira desvantajosa. Assim, é possível suspeitar que, de uma maneira geral, o indivíduo morre de seus conflitos internos, mas que a espécie morre de sua luta mal sucedida contra o mundo externo se este mudar a ponto de as adaptações adquiridas pela espécie não serem suficientes para lidar com as dificuldades surgidas. (FREUD, 1938, ESB, v.23.p.175; *AE*, v.23, p.148).

A pulsão é a suprema causa de toda atividade humana. Essa perspectiva estava na mente de Freud desde os primórdios da psicanálise, conforme apontamos no transcorrer dessa pesquisa. A pulsão apenas não estava nomeada e sua conceituação foi sendo construída conforme a redução das obscuridades permitiam entendimentos a Freud. A pulsão é a causa da guerra. É também a causa do que quer sobreviver à guerra, é a causa que faz sonhar e acordar. É a causa da vida e da morte.

Que repercussão teve o conceito de pulsão de morte nas formulações teóricas introduzidas por Lacan? Podemos pensar que a noção de pulsão de morte está na base das formulações em torno do *objeto a*, das considerações em torno de *das Ding*, da sublimação, do gozo e do real? Será que o conceito de pulsão de morte leva Lacan a pensar tais noções?

Lacan entende que a introdução do conceito de pulsão de morte foi uma necessidade identificada por Freud, derivada de sua prática clínica. Freud queria defender, a qualquer custo, o dualismo pulsional. O sentido da descoberta do inconsciente promoveu avanços e recuos no círculo psicanalítico da época. Na análise lacaniana, foi para reencontrar o sentido de sua experiência clínica que Freud escreveu *Além do princípio de prazer* (1920). Lacan segue os passos que conduziram Freud na elaboração do conceito de pulsão de morte e verifica que foi por se dar conta que alguma coisa não coadunava com o princípio de prazer que Freud postulou o conceito de pulsão de morte. Em sua opinião algo restava incompreendido para Freud, pois como

explicar a manifestação do processo primário no eu, sob a forma de sintoma, que produz desprazer e, no entanto, insiste em retornar? Fundamentalmente, Freud define um campo ‘além’. É nesse campo que Lacan irá introduzir suas contribuições à psicanálise.

O conceito de pulsão de morte é o passo decisivo na apreensão da realidade que ultrapassa o princípio de realidade. Lacan facilita a compreensão dos motivos que levaram Freud usar a biologia para tentar esclarecer questões energéticas ligadas à homeostase. Lacan reconhece que Freud enaltece a questão energética do início ao fim de sua obra. Esse fato ratifica a defesa da ideia de que a pulsão de morte, junto com o inconsciente, é o conceito por excelência que norteou e moveu o espírito investigativo e o empreendimento teórico de Freud. Para Lacan, foi ao desvendar o sentido da pulsão de morte que foi possível entender que, desde a origem da psicanálise, sem que se entendesse, e sem que estivesse nomeada, a noção da pulsão de morte sempre esteve metaforizada na ideia freudiana sobre o ser humano. É na máquina de sonhar que Freud reencontra o que já estava lá desde sempre, e de que não se tinha se dado conta. Se é no nível mais inconsciente que o sentido e a fala se revelam por inteiro – afirmação que corresponde ao que vem a ser a psicanálise, se compreende que o passo seguinte de Freud é a publicação da *Traumdeutung*. Diante de tão avassaladoras descobertas coube a Freud recusá-las ou aceitá-las, “como fizeram todos os outros que estavam tão perto dela quanto ele”. Foi preciso que se percorressem vinte anos desde sua existência para poder retornar a suas premissas e retomar o que tudo isso vem a significar no plano energético. Eis disposto o bastidor teórico que levou Freud a elaborar um ‘novo’ dualismo pulsional, na opinião de Lacan.

Em sua apropriação da teoria freudiana acerca da pulsão, Lacan o faz em termos de montagem e desmontagem, como uma colagem surrealista. O retorno lacaniano aos fundamentos freudianos cumpre uma função muito importante, que é a retirada da psicanálise das tentativas psicologizantes em atribuir sentido ao que é por definição sem sentido. Lacan ratifica os postulados freudianos a respeito dos elementos da pulsão. *Drang*, tendência à descarga, distinta da pressão de uma necessidade, força constante da pulsão, uma força que está desde sempre lá. Lacan a chama de “tensão estacionária”¹¹⁶; *Ziel*, alvo, ligado à satisfação da pulsão. A partir dos postulados freudianos a respeito da

¹¹⁶ Cf. *O seminário, livro 11* (1964), p.171.

satisfação da pulsão, Lacan incorpora às suas concepções a categoria do impossível em jogo na satisfação, já presente nos fundamentos freudianos desde 1912. Com análise mais aproximada, Lacan revela que o impossível também está presente no princípio de prazer – noção que esclarece em definitivo o porquê da pulsão, ao apreender o objeto, se depara com o fato de que não é com esse objeto que ela se satisfaz. A satisfação desejada aponta para outra Coisa, para *das Ding*, o objeto perdido, o objeto impossível.

A noção do impossível permitirá a Lacan conceber que há um real em jogo na pulsão, ou seja, um impossível de ser satisfeito. Como decorrência de tais percepções, Lacan diz a respeito do *Objekt*, o objeto que dá satisfação à pulsão, que ele não existe. Introduce então a noção de *objeto a*, um cavo, um vazio, passível de ser ocupado por qualquer objeto, índice da Coisa perdida. A pulsão o contorna em circuito, sendo esse o sentido da repetição. O que está subjacente nisso que compulsivamente se repete é o pedido da pulsão, da pulsão de morte – um pedido que se ‘re-pete’. A pulsão parte de uma fonte, *Quelle*, que tem uma estrutura de borda. *Quelle* é um furo. O movimento em circuito da pulsão em torno do *objeto a* parte de uma fonte e nela retorna. Assim, Lacan explica porque a pulsão é uma montagem. É por a pulsão ter como fonte uma borda orifical que a sexualidade participa da vida psíquica. Essas considerações levam Lacan a enxergar uma região de interseção entre inconsciente e pulsão, permitindo uma aproximação entre esses dois conceitos. Ou seja, a estrutura de hiância da pulsão se coaduna com a estrutura de falta que compõe o núcleo do inconsciente. Essa região comum ao inconsciente e à pulsão Lacan denomina de ‘real’. “Esse real, quando surge sob a égide do inconsciente, adquire um nome, que é $S(\square)$, ou seja, a falta de pelo menos um significante no campo do Outro, e, quando ele surge sob a égide da pulsão, é chamado de objeto *a*, objeto faltoso da pulsão”¹¹⁷. Inconsciente e pulsão são dois conceitos fundamentais e ambos têm uma região comum que é o real.

Se, “toda pulsão é pulsão de morte”¹¹⁸, afirmado por Lacan, e disposto nas entrelinhas dos textos freudianos, isso nos leva a pensar na pulsão como uma tendência em direção a *das Ding*. Freud assinalou que a pulsão é de uma exigência radical, exigência à qual a pulsão não renuncia, pelo contrário, insiste. Por isso a pulsão é força

¹¹⁷ COUTINHO JORGE, 2010, p.125.

¹¹⁸ Cf. nota 115.

constante. O objeto que daria satisfação à pulsão é *das Ding*, mas o que o sujeito recebe são outros objetos, pequenos objetos e se satisfaz parcialmente. Com tais formulações, Lacan agrega conhecimentos para a compreensão da vida cotidiana, do sintoma, do sujeito, da clínica que nos bate à porta, da fala que ouvimos.

Lacan aponta duas dimensões na pulsão de morte: vontade de destruição, que põe em causa tudo o que existe, e vontade de recomeço, da criação a partir do nada, ponto a partir do qual a criação é possível: o *ex-nihilo*. Ou seja, a pulsão de morte possui um caráter de destruição e igualmente uma vontade de criação. Ao falar da criação *ex-nihilo* – criação a partir do nada -, Lacan concebe a pulsão de morte como criacionista: uma criação radical a partir do nada, vontade de recomeçar, vontade de Outra-coisa. *Das Ding* é o objeto que a pulsão pede, é o vetor para o qual a pulsão se dirige. A isso Freud chamou de morte. Lacan introduz outro nome para isso: gozo. Esse é o nome que Lacan deu à morte. O gozo está interditado a quem fala, mas pode ser dito nas entrelinhas de quem está sujeito à Lei. A Lei se funda nessa interdição e faz barreira ao gozo. Portanto, para aceder ao gozo há que transgredir. Portanto, prazer e gozo são elementos distintos, o primeiro servindo de obstáculo ao gozo, que se manifesta sempre na ordem do excesso em relação ao prazer. No gozo, o sujeito se depara com a castração, circunstância que torna o gozo parcial e que implica na repetição. Eis que o sujeito se depara com o vazio que o constitui como sujeito desejante. Portanto o gozo se relaciona ao saldo do movimento pulsional ao redor do objeto inalcançável, do vazio da Coisa, do real como impossível.

O lugar de *das Ding* é impossível de ser preenchido por uma representação, assim o objeto é, desde sempre, perdido. Só nos remeteremos ao objeto perdido a partir de outros objetos e relações significantes. Vimos que o fato do objeto ter sido perdido é uma consequência do fato de ter sido reencontrado. É por isso que a Coisa só pode ser representada por Outra coisa – que está inserida na cultura, portanto no campo do simbólico. A Coisa só pode ser representada por Outra coisa, na medida em que é marcada pelo vazio. Precisamente por isso, Lacan afirma que todas as formas criadas pelo homem na tentativa de preencher esse vazio são sublimações, o vazio é determinante em toda forma de sublimação. Lacan mostra que a sublimação revela exatamente a natureza de *Trieb*, “uma vez que ele não é puramente instinto, mas que tem uma relação com *das Ding* como tal, com a Coisa dado que ela é distinta do

objeto”¹¹⁹. Com isso, Lacan nega a existência de um alvo natural para a pulsão, e defende que o que a pulsão quer é a satisfação, sem nunca alcançá-la completamente. A gênese da pulsão está ligada à *das Ding*, de modo que é possível pensar em uma satisfação que ultrapasse os limites de além do princípio de prazer, independente da forma e dos objetos que servirão para esse fim. Em Lacan, a pulsão de morte é uma sublimação criacionista, uma vontade de criação a partir do nada. Lacan sustenta que há um para além da cadeia significativa, o *ex nihilo* sobre o qual a pulsão se funda e se articula; ou seja, o nada gerador da criação. O que é histórico na pulsão é derivado desse ponto de criação *ex nihilo*. Se no começo era o Verbo é pela presença do significante que a pulsão se articula como histórica.

Freud se manteve dualista até o final. Escreveu *Além do princípio de prazer* para assegurar seu dualismo. Nos bastidores acadêmicos, vigoravam querelas científicas notadamente relativas às intenções monistas de Jung. Também Lacan assegurou o dualismo freudiano, mesmo afirmando que “toda pulsão é virtualmente pulsão de morte”¹²⁰. Um dualismo monista, já que ao ler Freud, em algumas passagens tem-se a impressão de que ele está se referindo a apenas uma pulsão - a pulsão de morte. Podemos pensar numa pulsão com diferentes qualidades? É oportuno citar o destaque que dá Coutinho Jorge a uma passagem do *Mal estar na cultura* (1930), onde Freud parece se referir a uma única pulsão, com diferentes qualidades: “Quando uma moção pulsional sucumbe ao recalçamento, seus elementos libidinais se transformam em sintomas, seus elementos agressivos em culpa”¹²¹.

A experiência freudiana estabelece o mundo do desejo. Lacan diz que a experiência psicanalítica se desenrola exatamente nesse contexto. Experiência que se estabelece num registro diferente de relações, na medida em que o desejo se relaciona com a falta. “Essa falta é falta a ser. Não é falta disso ou daquilo, porém falta a ser através do que o ser existe”¹²². A falta encontra-se num registro para além do que possa

¹¹⁹ Lacan, 1959-60, p.140.

¹²⁰ Cf. “Posição do inconsciente”. In: *Escritos*, p.863.

¹²¹ Cf. COUTINHO JORGE, 2010, p.130.

¹²² *Ibidem*, p.280.

apresentá-la. Cabe à libido a tarefa de energizar, de impulsionar o que se acha no âmago das ações humanas.

Lacan afirma que a pulsão comporta uma dimensão histórica, cujo alcance e sentido faz parte do trabalho analítico. Essa dimensão se caracteriza por algo que insiste, pois está referida a algo memorizado. O fato da pulsão de morte dever ser considerada num âmbito histórico significa que ela só é articulável no nível da cadeia significante, que ela só pode ser apreendida na rememoração fundamental, em função da qual tudo é retomado a partir da intenção inicial.

Em Freud, a pulsão é definida como tendência de retorno ao equilíbrio de todos os sistemas, num campo livre de tensões. Em Lacan, a pulsão é circunscrita por um campo para além da tendência ao retorno ao inanimado, “uma vontade de destruição direta” – termo que não tem vinculações com a vontade schopenhaueriana. Para Lacan, trata-se de “vontade de Outra coisa, na medida em que tudo pode ser posto em causa a partir da função significante”. Ou seja, é somente em razão da cadeia significante que os acontecimentos podem ser relacionados à pulsão de morte. A história é registrada na cadeia significante e suspensa à sua existência.

Em seu retorno aos fundamentos freudianos, Lacan assevera que ao substituir a natureza por um sujeito no texto de 1920, Freud foi capaz de se deparar com um campo onde o sujeito, ao subsistir, nada sabe. Lacan designa esse ponto de ignorância absoluta, sendo esse o campo privilegiado da investigação de Freud.

A estruturação primitiva da experiência humana é efetuada pelo desejo inconsciente. Esse foi o tamanho do passo de Freud. O ponto chave dessa experiência é que a consciência não é universal e que a existência do homem está assentada na estruturação do desejo. É justo por desejar que podemos falar que haja homens. A paradoxal contribuição freudiana expressa uma extensão do princípio de prazer, caracterizada como uma tendência de retorno à inexistência de tensão. “Não há, de fato, retorno mais radical a zero do que a morte” – afirma Lacan (1964). Afirmação que arremessa o analista para além do princípio de prazer. Esse é o nosso fazer. O real, afirma Lacan, está nas entrelinhas do pensamento de Freud quando ele coloca mais além do princípio de prazer alguma coisa a respeito da qual cabe ao analista interrogar em que ela pode consistir. ‘Além’ revela o ponto de obscuridade indicativa daquilo que se

nomeia por pulsão de morte - Lei para além de toda lei, estrutura final, esses são os termos que Lacan reserva para a pulsão de morte.

Para o momento, encerramos essa pesquisa - por que é preciso encerrá-la – deixando para todo aquele que se intitula de psicanalista uma recomendação freudiana: “A verdade mais profunda da vida psíquica é a pulsão de morte. Qualquer sucesso ou insucesso terapêutico está relacionado a essa categoria conceitual” (Freud, 1930). O conceito da pulsão de morte é considerado por Freud como uma concepção inevitável: “o resto é consequência disso” (Freud, 1930).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, S. & CARNEIRO RIBEIRO, M. A. (org). *Retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

ASSIS E SILVA, F. *O conceito de ficção jurídica na teoria do como se de Hans Vaihinger*. São Paulo: Dissertação de mestrado, faculdade de são bento, 2011.

ASSOUN, P-L. *Freud: a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.

BERCHERET, P. *Génesis de los conceptos freudianos*. Buenos Aires: Paidós, 1996.

BIRMAN, J. *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2009.

BOEHLICH, W. (org.). *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein (1871-1881)*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

BOURGUIGNON, A. *História natural do homem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BRAUNSTEIN, N. *Gozo*. São Paulo: Escuta, 2007.

CAROTENUTO, A. *Diário de uma secreta simetria*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1984.

CASTRO, S. L. C. *Focalizando o trauma sob as lentes da clínica com policiais militares*. Tese de doutorado (PUC-RJ). Rio de Janeiro: 2009.

CHAMBRIER, J. *Em classique méconnue*. *Revue Francese de Psychanalyse*, v.4, n.8, p.1285-1294.

COUTINHO JORGE, M. A. "A pulsão de morte". In: *Estudos de psicanálise*, n.26, Belo Horizonte: Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, 2003, p.23-40.

_____. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol. 1, 5.ed., 2008.

_____. *A clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol. 2, 2010.

_____. *Pontuações sobre a bissexualidade*. In: *As Homossexualidades na Psicanálise*. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

_____ & FERREIRA, N. P. *Freud o criador da psicanálise*. Jorge Zahar Ed., 2002.

_____ & FERREIRA, N. P. *Lacan o grande freudiano*. Jorge Zahar Ed., 2005.

COVINGTON, C. *Comments on the Burghölzli records of Sabina Spielrein*. *Journal of Analytical Psychology*, 2001, 46.

COVINGTON, C. & WHARTON, B. (org.). *Sabina Spielrein, forgotten pionner of Psychoanalysis*. New York, Brunner-Rootledge, 2003.

CROMBERG, R. *Sabina Spielrein e as origens do conceito de pulsão de morte* São Paulo: Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado, 2005.

_____. *O amor que ousa dizer seu nome – Sabina Spielrein, pioneira da psicanálise*. São Paulo: Universidade de São Paulo, tese de doutorado, 2008.

DARWIN, W. *A origem das espécies*. Rio de Janeiro: Ed. Martin Claret, 1895/2014.

_____. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2009.

DELOUYA, D. *O biológico em Freud: corpo estranho ou heresia? Percurso: Revista de Psicanálise*, 4, 39-45, 1992.

DERRIDA, J. *Estados-da-alma da psicanálise. O impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Escuta, 2001.

FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (Orgs). *Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

FERRAZ, J. *Pulsão e libido. Um estudo comparativo de teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

FERENCZI, S. *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*. Obras completas. São Paulo: Martins Fontes, vol. 4, 2011.

FERREIRA, N. P. & LEITE, J. C. T. (org.) *Clinica e estrutura*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2014.

FERREIRA, N. P. & MOTTA, M. A. *Histeria: o caso Dora*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2014.

FERREIRA, N.P. *O desejo é o destino*. In: *As Homossexualidades na Psicanálise*. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

FINK, B. *O sujeito lacaniano. Entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FREUD – LOU ANDREAS-SALOMÉ. *Correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.

FREUD, Ernst L. *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939)*. Rio de Janeiro: Ed. Ultimato, 2009.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. (1886) *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim*. vol. I.

_____. (1897) *Rascunho N*. vol. I.

_____. (1888) *Histeria*. vol. I.

_____. (1888-1892) *Artigos sobre hipnotismo e sugestão*. vol. I.

_____. (1888[1888-9]) *Prefácio à tradução de De la Suggestion, de Bernheim*. vol. I.

_____. (1889) *Resenha de Hipnotismo, de August Forel*. vol. I.

_____. (1890) *Tratamento psíquico*. vol. VII.

_____. (1891) *Hipnose*. vol. I.

_____. (1892-93) *Um caso de cura pelo hipnotismo*. vol. I.

_____. (1892) *Esboços para a “Comunicação preliminar” de 1893*. vol. I.

_____. (1892-1899) *Rascunho A. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*. vol. I.

_____. (1892-1899) *Rascunho B. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*. vol. I.

_____. (1892-1899) *Rascunho D. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*. vol. I.

_____. (1892-1899) *Rascunho E. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*. vol. I.

_____. (1892-1899) *Rascunho G. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*. vol. I.

_____. (1892-1899) *Rascunho N. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*. vol. I.

_____. (1893 [1888-1893]) *Algumas considerações para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*. vol. I.

_____. (1893-1895) *Estudos sobre Histeria*. vol. II.

_____. (1893-1906) *Prefácio aos escritos breves de Freud*. vol. III.

_____. (1893) *Charcot*. vol. III.

_____. (1893) *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência*. vol. III.

_____. (1894) *As psiconeuroses de defesa*. vol. III.

_____. (1894) *Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia*. vol. III.

_____. (1895) *Projeto para uma psicologia científica*. vol. I.

_____. (1895 [1894]) *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”*. vol. III.

_____. (1895) *Respostas às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia*. vol. III.

_____. (1896) *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*. vol. III.

_____. (1896) *Observações adicionais sobre as psiconeuroses de defesa*. vol. III.

_____. (1896) *A etiologia da histeria*. vol. III.

_____. (1898) *A sexualidade na etiologia das neuroses*. vol. III.

_____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. vol. IV.

_____. (1901). *Psicopatologia da vida cotidiana*. vol. VI.

_____. (1905 [1901]). *Fragmentos da análise de um caso de histeria*. vol. VII.

_____. (1905 [1904]). *Sobre psicoterapia*. vol. VII.

_____. (1905). *Três ensaios sobre a sexualidade*. vol. VII.

_____. (1908) *Caráter e erotismo anal*. vol. IX.

- _____. (1908) *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. v. IX.
- _____. (1910) *Cinco lições de psicanálise*. vol. XI.
- _____. (1910) *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*. vol. XI.
- _____. (1911) *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*. vol. XII.
- _____. (1913) *Sobre o início do tratamento – novas recomendações sobre a técnica psicanalítica*. vol. XII.
- _____. (1913) *A disposição à neurose obsessiva*. vol. XII.
- _____. (1912) *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II)*. vol. XI.
- _____. (1913) *Totem e tabu*. vol. XIII.
- _____. (1914) *Recordar, repetir, elaborar*. vol. XII.
- _____. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. vol. XIV.
- _____. (1915) *O inconsciente*. vol. XIV.
- _____. (1915) *Recalque*. vol. XIV.
- _____. (1915) *As pulsões e suas vicissitudes*. vol. XIV.
- _____. (1915) *Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença*. vol. XIV.
- _____. (1915) *Reflexões sobre os tempos de guerra e morte*. vol. XIV.
- _____. (1916 [1915]). *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência IV (Parapraxias)”. vol. XV.
- _____. (1916 [1915]). *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência IX (A Censura dos Sonhos)”. vol. XV.
- _____. (1917 [1916-17]). *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência XXI (O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais)”. vol. XVI.
- _____. (1917 [1916-17]). *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência XVIII (Fixação em traumas – o inconsciente)”. vol. XVI.

_____. (1917 [1916-17]). *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência XXII (Alguma ideias sobre desenvolvimento e regressão - etiologia)”. vol. XVI.

_____. (1917 [1916-17]). *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência XXIII (Os caminhos da formação dos sintomas)”. vol. XVI.

_____. (1917 [1916-17]). *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência XXIV (O estado neurótico comum)”. vol. XVI.

_____. (1917 [1916-17]). *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência XXV (A angústia)”. vol. XVI.

_____. (1917 [1916-17]). *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência XXVIII (Terapia analítica)”. vol. XVI.

_____. (1917). *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*. vol. XVII.

_____. (1919). *Introdução a a psicanálise e as neuroses de guerra*. vol. XVII.

_____. (1919). *Memorandum sobre o tratamento elétrico dos neuróticos de guerra*. vol. XVII.

_____. (1919). *Breves escritos*. vol. XVII.

_____. (1919). *O estranho*. vol. XVII.

_____. (1920). *Além do princípio do prazer*. vol. XVIII.

_____. (1921). *Psicologia de grupo e a análise do eu*. vol. XVIII.

_____. (1921). *Psicanálise e telepatia*. vol. XVIII.

_____. (1923). *Psicanálise*. vol. XVIII.

_____. (1923 [1922]). *Observações sobre a teoria e prática da interpretação dos sonhos*. vol. XIX.

_____. (1923 [1922]). *Dois verbetes de enciclopédia*. vol. XVIII.

_____. (1923). *O eu e o isso*. vol. XIX.

_____. (1923). *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. vol. XIX.

_____. (1924). *O problema econômico do masoquismo*. vol. XIX.

_____. (1925 [1924]). *As resistências à psicanálise*. vol. XIX.

- _____. (1925 [1924]). *Um estudo autobiográfico*. vol. XX.
- _____. (1926). *A questão da análise leiga*. vol. XX.
- _____. (1926). *Psicanálise*. vol. XX.
- _____. (1926 [1925]). *Inibição, sintoma e angústia*. vol. XX.
- _____. (1927). *O futuro de uma ilusão*. vol. XXI.
- _____. (1928). *Breves escritos de psicanálise*. vol. XXI.
- _____. (1930 [1929]). *O mal-estar da civilização*. vol. XXI.
- _____. (1933 [1932]). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência XXIX (Revisão da teoria dos sonhos)”. vol. XXII.
- _____. (1933 [1932]). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência XXXI (A Dissecção da Personalidade Psíquica)”. vol. XXII.
- _____. (1933 [1932]). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência XXXII (Angústia e vida pulsional)”. vol. XXII.
- _____. (1933 [1932]). *Por que a guerra?*. vol. XXII.
- _____. (1937). *Análise terminável e interminável*. vol. XXIII.
- _____. (1940 [1938]). *Esboço de psicanálise*. vol. XXIII.
- _____. (1941 [1921]). *Psicanálise e telepatia*. vol. XVIII.

FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 7ª ed., 1992.

- _____. (1886) *Informe sobre mis estudios en Paris y Berlín*. vol. I.
- _____. (1888) *Histeria*. vol. I.
- _____. (1888-1892) *Trabajos sobre hipnosis y sugestión*. vol. I.
- _____. (1888[1888-9]) *Prólogo a la traducción de H. Bernheim, Dela suggestion*. vol. I.
- _____. (1889) *Reseña de August Forel, Der Hypnotistnus*. vol. I.
- _____. (1891) *Hipnosis*. vol. I.
- _____. (1891) *Tratamiento psíquico (tratamiento del alma)*. vol. I.

- _____. (1892-93) *Un caso de curación por hipnosis*. vol. I.
- _____. (1892) *Bosquejos de la «Comunicación preliminar» de 1893*. vol. I.
- _____. (1892-1899) *Manuscrito A. Fragmentos de la correspondencia con Fliess*. vol. I.
- _____. (1892-1899) *Manuscrito B. Fragmentos de la correspondencia con Fliess*. vol. I.
- _____. (1892-1899) *Manuscrito D. Fragmentos de la correspondencia con Fliess*. vol. I.
- _____. (1892-1899) *Manuscrito E. Fragmentos de la correspondencia con Fliess*. vol. I.
- _____. (1892-1899) *Manuscrito G. Fragmentos de la correspondencia con Fliess*. vol. I.
- _____. (1892-1899) *Manuscrito N. Fragmentos de la correspondencia con Fliess*. vol. I.
- _____. (1893 [1888-1893]) *Algunas consideraciones con miras a un estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas*. vol. I.
- _____. (1893-1895) *Estudios sobre la histeria (Breuer y Freud)*. vol. II.
- _____. (1893-1906) Prólogo a *Sammlung kleiner Schriften zur Neurosenlehre mis den Jahren*. vol. III.
- _____. (1893) *Charcot*. vol. III.
- _____. (1893) *Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos*. vol. III.
- _____. (1894) *Las neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias)*. vol. III.
- _____. (1950 [1895]) *Proyecto de psicología*. vol. I.
- _____. (1895[1894]) *Obsesiones y fobias. Su mecanismo psíquico y su etiología*. vol. III.
- _____. (1895 [1894]) *Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de «neurosis de angustia»*. vol. III.
- _____. (1895) *A propósito de las críticas a la «neurosis de angustia»*. vol. III.

- _____. (1896) *La herencia y la etiología de las neurosis*. vol. III.
- _____. (1896) *Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa*. vol. III.
- _____. (1896) *La etiología de la histeria*. vol. III.
- _____. (1898) *La sexualidad en la etiología de las neurosis*. vol. III.
- _____. (1900). *La interpretación de los sueños*. vol. IV.
- _____. (1901). *Psicopatología de la vida cotidiana (Sobre el olvido, los deslices en el habla, el trastocar las cosas confundido, la superstición y el error)*. vol. VI.
- _____. (1905 [1904]). *Sobre psicoterapia*. vol. VII.
- _____. (1905). *Tres ensayos de teoría sexual*. vol. VII.
- _____. (1908) *Carácter y erotismo anal*. vol. IX.
- _____. (1908) *La moral sexual «cultural» y la nerviosidad moderna*. vol. IX.
- _____. (1910) *Cinco conferencias sobre psicoanálisis*. vol. XI.
- _____. (1910) *La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis*. vol. XI.
- _____. (1911) *Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico*. vol. XII.
- _____. (1912) *Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa Contribuciones a la psicología del amor, I)*. vol. XI.
- _____. (1913) *Sobre la iniciación del tratamiento (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, I)*. vol. XII.
- _____. (1913) *La predisposición a la neurosis obsesiva. Contribución al problema de la elección de neurosis*. vol. XII.
- _____. (1913) *Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa Contribuciones a la psicología del amor, II)*. vol. XIII.
- _____. (1913) *Totem e tabu*. vol. XIII.
- _____. (1914) *Recordar, repetir y reelaborar (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis)*. vol. XII.
- _____. (1914) *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico*. vol. XIV.

- _____. (1914) *Introducción del narcisismo*. vol. XIV.
- _____. (1915) *Lo inconciente*. vol. XIV.
- _____. (1915) *La represión* vol. XIV.
- _____. (1915) *Pulsiones y destinos de pulsión*. vol. XIV.
- _____. (1915) *Un caso de paranoia que contradice la teoría psicoanalítica*. vol. XIV.
- _____. (1915) *De guerra y muerte. Temas de actualidad*. vol. XIV.
- _____. (1916 [1915]). *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. (4^a Conferencia. Los actos fallidos)". vol. XV.
- _____. (1916 [1915]). *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. (9^a Conferencia *La Censura Onírica*). vol. XV.
- _____. (1917 [1916-17]). *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. (18^a Conferencia. *La fijación al trauma, lo inconciente*). vol. XVI.
- _____. (1917 [1916-17]). *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. (21^a Conferencia. *Desarrollo libidinal y organizaciones Sexuales*). vol. XVI.
- _____. (1917 [1916-17]). *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. (22^a Conferencia. *Algunas perspectivas sobre el desarrollo y la regresión. Etiología*). vol. XVI.
- _____. (1917 [1916-17]). *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. (23^a Conferencia *Los caminos de la formación de síntoma*). vol. XVI.
- _____. (1917 [1916-17]). *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. (24^a Conferencia. *El estado neurótico común*). vol. XVI.
- _____. (1917 [1916-17]). *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. (25^a Conferencia *La angustia*). vol. XVI.
- _____. (1917 [1916-17]). *Conferencias de introducción al psicoanálisis*. (28^a Conferencia *La terapia analítica*). vol. XVI.
- _____. (1917 [1916]). *Una dificultad del psicoanálisis*. vol. XVII.
- _____. (1919). *Introducción a Zz/r Psychoanalyse der Kriegsneurosen*. vol. XVII.
- _____. (1919). *Apéndice. Informe sobre la electroterapia de los neuróticos de guerra (1915-1920)*. vol. XVII.

- _____. (1919). *Escritos breves*. vol. XVII.
- _____. (1919). *Lo ominoso*. vol. XVII.
- _____. (1920). *Más allá del principio de placer*. vol. XVIII.
- _____. (1921). *Psicología de las masas y análisis del yo*. vol. XVIII.
- _____. (1923). *Dos artículos de enciclopedia: «Psicoanálisis» y «Teoría de la libido»*. vol. XVIII.
- _____. (1923 [1922]). *Observaciones sobre la teoría y la práctica de la interpretación de los sueños*. vol. XIX.
- _____. (1923). *El yo y el ello*. vol. XIX.
- _____. (1923). *La organización genital infantil (Una interpolación en la teoría de la sexualidad)*. vol. XIX.
- _____. (1924). *El problema económico del masoquismo*. vol. XIX.
- _____. (1925 [1924]). *Las resistencias contra el psicoanálisis*. vol. XIX.
- _____. (1925 [1924]). *Presentación autobiográfica*. vol. XX.
- _____. (1926). *¿Pueden los legos ejercer el análisis? Diálogos con un juez imparcial*. vol. XX.
- _____. (1926). *Psicoanálisis*. vol. XX.
- _____. (1926 [1925]). *Inhibición, síntoma y angustia*. vol. XX.
- _____. (1927). *El porvenir de una ilusión*. vol. XXI.
- _____. (1928). *Escritos breves*. vol. XXI.
- _____. (1930 [1929]). *El malestar en la cultura*. vol. XXI.
- _____. (1933 [1932]). *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. (31ª conferencia. La descomposición de la personalidad psíquica)*. vol. XXII.
- _____. (1933 [1932]). *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. (32ª conferencia. Angustia y vida pulsional)*. vol. XXII.
- _____. (1933 [1932]). *¿Por qué la guerra? (Einstein y Freud)*. vol. XXII.
- _____. (1937). *Análisis terminable e interminable*. vol. XXII.
- _____. (1940 [1938]). *Esquema del psicoanálisis*. vol. XXIII.

_____. (1941 [1921]). *Psicoanálisis y telepatía*. vol. XVIII.

FUKS, B. B. & JAQUES, A.A.B. *Rastreamento da formulação freudiana da crueldade*. <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revista13.html>, v.7, n.1, 2009, ISSN-16799887.

FUKS, B. B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Traumas*. “A cor da carne”. São Paulo: Ed Escuta, 2006, (Rudge [org]).

_____. *Em torno da guerra e do pacifismo*. <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/psicologiaufc/article/view/120>.

_____. *Por que a crueldade? Trieb* / Sociedade Brasileira de Psicanálise, Nova Série, v.IX, n.1-2. Rio de Janeiro: Ed. Imprinta Express, SBPRJ, 2004, ISSN-1517-185X.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 4ª Ed., 1984.

_____. *Acaso e repetição em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2ª Ed. 1986.

_____. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 4ª Ed. 1990.

_____. *Introdução à metapsicologia freudiana I* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 4ª Ed. 1991.

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1989.

HASSOUN, J. D. *A crueldade melancólica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HUISMAN, D. *Dicionário dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAQUES, A. A. B. *As neuroses de guerra e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie*. Revista Trivium. <http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-iv/artigos-tematicos/as-neuroses-de-guerra-etraumaticas-respostas-do-sujeito-a-barbarie.pdf>, ISSN 2176-4891.

_____. *Da crueldade desde sempre*. Revista de Psicopatologia fundamental. (http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/mesas_redondas/da_crueldade_desde_sempre.pdf)

_____. *Uma experiência no Timor Leste*. *Trieb* / Sociedade Brasileira de Psicanálise, Nova Série, v.IX, n.1-2. Rio de Janeiro: Ed. Imprinta Express, SBPRJ, 2004, ISSN-1517-185X.

- JANAWAY, C. *Schopenhauer*. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.
- JONES, E. (org.). *Correspondência de amor e outras cartas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- JUNG, C. *Metamorfose e símbolos da libido*. Petrópolis: Ed. Vozes, (1912)1984.
- _____. *Freud e a psicanálise*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.
- JURANVILLE, A. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1987.
- KAËS, R. *Travail de la mort et théorisation – Le groupe de premiers psychanalystes autor de Freud entre 1910 et 1921*. In: *L'invention de la pulsion de mort*. Paris, Dunod, 2000.
- KANT, I. *Crítica da Razão Prática*. São Paulo: Martins fontes, 2002.
- KEHL, Maria Rita. *Civilização e Barbárie*. “Civilização Partida”. São Paulo, Cia das Letras, 2004.
- KERR, J. *Um método muito perigoso*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.
- KUPFERBERG, Marylink. *Filhos da Guerra: um estudo psicanalítico sobre o trauma e a transmissão*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.
- LACAN, J. (1953). *O seminário: livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- _____. (1954). *O seminário: livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.
- _____. (1955-1956). *O seminário: livro 3. As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.
- _____. (1957-1958). *O seminário: livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.
- _____. (1959). *O seminário: livro 7. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.
- _____. (1960). *O seminário: livro 8. A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.
- _____. (1964). *O seminário: livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. (1972-1973). *O seminário: livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

_____. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. *A direção do tratamento e os princípios do seu poder*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. *Posição do inconsciente*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. *Do Trieb de Freud ao desejo do analista*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. (1901-1981). *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes Ed., 7ª ed., 1983.

MACGUIRRE, W. *A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl Jung*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

MARCONDES, D. *Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

MASSON, J.M. *A correspondência completa de S. Freud à W. Fliess*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1986.

_____. *Atentado à verdade: a supressão da teoria da sedução por Freud*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.

MAURANO, D. *Histeria, o princípio de tudo*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2010.

_____. *Nau do desejo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2ª Ed., 1999.

MAURANO, D., NERI & COUTINHO JORGE. *Dimensões do despertar na psicanálise e na cultura*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.

MONTEIRO, F.J.S. *10 lições sobre Schopenhauer*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2011.

MORA, J.F. *Dicionário de Filosofia*. Ed Loyola, 2 ed., 2005, p.1031.

NASIO, J.-D. *Cinco Lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (Orgs). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000.

NO VALE das sombras. Direção: Paul Haggis. Intérpretes: XXX. Roteiro: Paul Haggis. Nome da cidade: produtora, 2007. 1 DVD (125 minutos), son., color.

NOVAES, A. (Org). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

PASCAL, G. *Para compreender Kant*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2011.

PERESTRELLO, M. *A formação cultural de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

PLATÃO. *Banquete*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006.

POLLO, V. *Desdobramentos freudianos da noção de bissexualidade*. In: *As Homossexualidades na Psicanálise*. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

PORGE, E. *Roubo de ideias?* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

QUINET, A. *A lição de Charcot*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Grande histeria*. Contra Capa, 2003.

_____. Entrevista concedida ao Centro Latino-americano em Sexualidade e Direitos Humanos. Instituto de Medicina Social da UERJ. Disponível em: <www.clam.org.br>. ISSN: 1984-6487, 2009. Acesso em 05 de março de 2009.

QUINET, A. & COUTINHO JORGE, M. A. (org). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

REY-FLAUD, H. “Em torno do mal-estar na cultura em Freud”. In: *Os Fundamentos Metapsicológicos de um Mal-estar na Cultura*. São Paulo: Escuta, 2002.

RICCI, G. *As cidades de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

RINALDI, D. *A ética da diferença: um debate entre psicanálise antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

- RITVO, L.B. *A influência de Darwin sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.
- RIVERA, T. *Arte e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2005.
- ROBERT, M. *A revolução psicanalítica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1991.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. *Généalogies*. França: Fayard, 1994.
- RUDGE, A. *Pulsão e linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998.
- _____. *Pulsão de morte como efeito do supereu*. Rio de Janeiro: *Ágora*, v. IX, nr. 1, jan/jun 2006.
- _____. *Traumáticas*. São Paulo: Ed. Escuta, 2006.
- _____. *Trauma*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2009.
- SAFOUAN, M. *Lacanianos I. Os seminários de Jacques Lacan (1953-1963)*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: Contraponto, 2001.
- SCHUR, M. *Freud: vida e agonia*. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- SPIELREIN, S. *A destruição como causa do devir*. 1912.
- STRATHERN, P. *Kant em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- VAIHINGER, H. *The Philosophy of „As If“ A System of the Theoretical, Practical and Religious Fictions of Mankind*. Londres, 1911.172.
- VALAS, P. *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- VEGH, I. *O próximo: enlaces e desenlaces do gozo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- WERNECK, S. *Pulsões e origens de pulsão: a pré-história de um conceito*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado, 1992.